

MARCEL PROUST
EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO
O TEMPO RECUPERADO
volume 7



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Este livro foi digitalizado por Raimundo do Vale Lucas, com a intenção de dar aos deficientes visuais a oportunidade de apreciarem mais uma manifestação do pensamento humano..

SINOPSE

Albertine ausente à Albertine presente do romance anterior. O Narrador sofre muito com a fuga da amada, tenta de vários modos obter o seu regresso, e ao sofrimento e à mágoa somam-se a dor e o desespero ao saber da morte dela. Sofrimento e mágoa que o tempo afinal acaba curando.

O Tempo Recuperado, volume final do ciclo, encerra e sintetiza a obra máxima de Proust. O autor volta a explorar temas antes abordados, como o homossexualismo,

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





MARCEL PROUST

EM BUSCADO TEMPO PERDIDO

O TEMPO RECUPERADO

volume 7

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Este livro foi digitalizado por Raimundo do Vale Lucas, com a intenção de dar aos deficientes visuais a oportunidade de apreciarem mais uma manifestação do pensamento humano..

SINOPSE

Albertine ausente à Albertine presente do romance anterior. O Narrador sofre muito

com a fuga da amada, tenta de vários modos obter o seu regresso, e ao sofrimento e à

mágoa somam-se a dor e o desespero ao saber da morte dela. Sofrimento e mágoa que o

tempo afinal acaba curando.

O Tempo Recuperado, volume final do ciclo, encerra e sintetiza a obra máxima de

Proust. O autor volta a explorar temas antes abordados, como o homossexualismo,

acrescentando-lhe a perversão sadomasoquista. Porém, o que de fato importa são as

reflexões finais do Narrador, que consegue por fim pesquisar a fundo o seu conceito estético

da obra de arte e chega à conclusão de que é hora de escrever o seu livro, coisa de que

antes se julgara incapaz. Recuperando aos poucos o passado, expõe afinal as linhas

mestras do livro que irá escrever. E o livro que enfim se julga apto a realizar é justamente

aquele que o leitor acaba de ler.

FERNANDO PY

PREFÁCIO

por Fernando Py

O Tempo Recuperado

Último volume da série ***Em Busca do Tempo Perdido***, este ***O Tempo Recuperado***

synetiza toda a obra máxima de Marcel Proust. Sem ser dividido em resenha, não obstante,

uma estrutura parcelada.

A parte inicial retoma o diálogo do Narrador com Gilberte, em Tansonvil e; temos que

notar o curioso efeito de simetria, típico de Proust, em relação ao de *A Fugitiva*, sendo

conveniente assinalar que ***O Tempo Recuperado*** o mesmo tipo de descrição do mundo

exterior que já se encontra na segundo capítulo de *O Caminho de Guermantes* - e em *A*

Prisioneira. O Autor volta a se debruçar cuidadosamente sobre o tema do homossexualismo,

e vemos como o desenvolve a fundo quando trata das atividades Charlus durante a guerra,

ajuntando o sadomasoquismo à perversão. Teria completado a pintura da personalidade de

Charlus se não a perversão sadomasoquista no bordel de Jupien.

O ponto culminante do livro são as partes finais, em que o Narrador, faz uma

introspecção no pátio da casa da princesa de Guermantes, passa pela emoção que lhe

causara outrora o sabor da *madeleine*, e desta vez resquícios dos motivos da alegria que

sente. Surge daí todo o seu conceito estético e aos poucos vai assimilando a noção de que

é chegada a hora de escrever o livro, façanha de que nunca se julgara capaz. Recuperando

o passado, às vezes bem remoto, o Narrador expõe por fim as linhas do que irá escrever

mesmo espremido pelo Tempo, já que admite qualquer instante e se dirige à individualidade

criadora de todos os mais do que ler, convida a escrever. E o livro que o Narrador enfim

escreve é exatamente o que o leitor acaba de ler.

Dedico esta tradução da obra máxima de Proust ao escritor parisiense Assis Brasil.

Fernando Py

O TEMPO RECUPERADO

Por outro lado, não teria por que me estender sobre aquela estadia perto de

Combray, e que possivelmente foi o momento de minha vida em que menos pensei em

Combray, a não ser porque, precisamente por isso, encontrei ali uma comprovação, sequer

provisória, de certas idéias que antes tive sobre os Guermantes, e também de outras idéias

que tive sobre Méséglise. Todas as noites reatava, em outro sentido, nossos antigos passeios à Combray, quando íamos todas as tardes pelo caminho do Méséglise. Agora

comíamos no Tansonvil e a uma hora em que antes, em Combray, levávamos já

muito

tempo dormindo. E como era a estação estival e, além disso, porque, depois do almoço,

Gilberte ficava pintando na capela do castelo, não saíamos de passeio até umas duas horas

antes da comida. O deleite de antigamente, ver, à volta, como o céu de púrpura enquadrava

o Calvário ou se banhava no Vivonne, substituía-o agora o de sair de noite, quando já não

encontrávamos no povo mais que o triângulo azulado, irregular e movediço das ovelhas que

voltavam. Em uma metade dos campos ficava o sol; na outra iluminava já a lua, que não

demorava para banhá-los por inteiro. Ocorria que Gilberte me deixava caminhar sem ela, e

eu me adiantava, deixando atrás minha sombra, como um navio que segue navegando

através das superfícies encantadas; geralmente me acompanhava. Estes passeios estavam

acostumados a ser meus passeios de menino: como não ia sentir mais vivamente ainda que

antigamente o caminho de Guermantes o sentimento que nunca saberia escrever, ao que se

somava outro, o de que minha imaginação e minha sensibilidade se debilitaram, quando vi a

pouca curiosidade que me inspirava Combray? Que pena comprovar o pouco que revivia

meus anos de outro tempo! Que estreito e que feio me parecia o Vivonne junto ao caminho

de sirga! [*sirga corda para embarcação*] Não é que eu notasse grandes diferenças materiais

no que recordava. Mas, separado dos lugares que atravessava por toda uma vida diferente,

não havia entre eles e eu nenhuma contigüidade em que nasce, inclusive antes de nos

darmos conta, a imediata, deliciosa e total deflagração da lembrança. Certamente, sem

compreender bem qual era sua natureza, entristecia-me pensar que minha faculdade de

sentir e de imaginar devia haver diminuído, posto que aqueles passeios já não me deleitavam. A mesma Gilberte, que me compreendia menos ainda do que me compreendia

eu mesmo, aumentava minha tristeza ao compartilhar meu assombro.

« Mas não lhe faz sentir nada – dizia-me - tomar essa ladeira que subia em outro tempo? »

E ela mesma mudara tanto que já não me parecia bela, que não o era já

absolutamente. Enquanto caminhávamos, via mudar a paisagem, tivera que subir as

encostas, baixar outras. Gilberte e eu falávamos, muito agradavelmente. Mas não sem

difficuldade. Há em tantos seres várias capas diferentes: o caráter do pai, o caráter da mãe;

atravessamos uma e logo outra. Mas no dia seguinte mudou a ordem de superposição. E ao

final não se sabia quem distribuirá as partes, em quem poderíamos confiar para a sentença.

Gilberte era como esses países com os que outros países não se atrevem a aliar-

se porque

mudam muito freqüentemente de governo. Mas no fundo é um engano. A memória do ser

mais sucessivo estabelece nele uma espécie de identidade e lhe faz não querer faltar

algumas promessas que recorda, até no caso de não as haver assinado. Quanto à inteligência, a de Gilberte, como alguns absurdos de sua mãe, era muito viva. Mas, e isto

não afeta o seu valor próprio, lembrança que, naquelas conversações que tínhamos no

passeio, várias vezes me causou grande estranheza. Uma delas, a primeira, me dizendo:

« Se você não tivesse muita fome e se não fosse tão tarde, tomando esse caminho da esquerda e virando logo à direita, em menos de um quarto de hora estaríamos nos

Guermantes». É como se me houvesse dito: « Tome à esquerda, depois à direita, e tocará o

intangível, chegará às inacessíveis lonjuras das quais, na terra, não se conhece nunca mais

que a direção, que o “para”» -o que eu acreditei antigamente que poderia conhecer somente

dos Guermites, e possivelmente, em certo sentido, não me enganava-.

Outra de minhas surpresas foi ver as « fontes de Vivonne» , que eu me figurava como

algo tão extraterrestre como a *Entrada aos Infernos*, e que não era mais que uma espécie

de tanque quadrado de que saíam borbulhas. E a terceira foi quando Gilberte disse-me:

« Se quiser, poderemos de todos os modos sair um dia depois de almoçar e poderemos ir aos Guermantes, indo pelo Méséglise, que é o caminho mais bonito», frase

que, trocando todas as idéias de minha infância, ensinou-me que um e outro caminho não

eram tão inconciliáveis como eu acreditava. Mas o que mais me chocou foi o pouco que,

naquela temporada, revivi meus anos de outro tempo, o pouco que desejava voltar a ver

Combray, o estreito e feio que me pareceu Vivonne. Mas quando Gilberte comprovou para

mim algumas das minhas representações do caminho do Méséglise, foi em um daqueles

passeios, noturnos por fim, embora fossem antes da comida - mas ela comia tão tarde!-.

Ao baixar ao mistério de um vale perfeito e profundo estofo pela luz da lua, detivemo-

nos um instante, como dois insetos que vão cravar-se no coração de um cálice azulado.

Gilberte, possivelmente por ter uma simples fina atenção de dona-de-casa que lamenta nossa próxima partida e que tivesse querido nos fazer melhor as honras dessa

região que parecemos apreciar, teve então uma dessas palavras com as quais sua

habilidade de mulher do mundo sabe tirar partido do silêncio, da simplicidade, da sobriedade

na expressão do sentimento, nos fazendo acreditar que ocupamos em sua vida um lugar

que nenhuma outra pessoa poderia ocupar. Derramando bruscamente para ela a ternura

que me embargava pelo ar delicioso, pela brisa que se respirava, disse-lhe:

- O outro dia falava de você na ladeira. Como a amava então!

Respondeu-me:

- Por que não me dizia isso? Eu não me figurava isso. Eu lhe amava. E até por duas

vezes insinuei a você.

- Quando?

- A primeira vez em Tansonvil e. Ia você de passeio com sua família, eu voltava; nunca tinha visto um moço tão bonito. Tinha o costume - acrescentou em um tom vago e

puso - de ir jogar com uns amigos nas ruínas da torre do Roussainvil e. E dirá você que eu

estava muito mal educada, pois havia ali garotas e meninos de todo gênero que se aproveitavam da escuridão. O coroinha da igreja de Combray, Teodoro, que há que

reconhecer que era muito simpático (que bem estava!) e que se tornou muito feio (agora é

de farmacêutico em Méséglise), divertia-se com todas as aldeãs das cercanias. Como me

deixavam sair sozinha, assim que podia me escapava correndo. Quanto gostava de ver que

você chegava; lembro-me muito bem que, como não dispunha mais que de um minuto para

lhe fazer compreender o que desejava, expondo que me vissem seus pais e meus, o

indiquei de uma maneira tão crua que agora me dá vergonha. Mas você me olhou de

maneira tão má que compreendi que não queria.

De repente pensei que a verdadeira Gilberte, a verdadeira Albertine, eram possivelmente as que se entregaram no primeiro momento em seu olhar, uma diante do

sebe de espinheiros rosa, a outra na praia. E fui eu o que, sem compreendê-lo, sem havê-lo

revivido até mais tarde em minha memória, depois de um intervalo no qual, por minhas

conversações, toda uma distância de sentimento me fez temer serem tão francas como no

primeiro momento, danifiquei tudo com minha estupidez. Falhei-as mais completamente -

embora, em realidade, o relativo fracasso com elas fora menos absurdo - pelas mesmas

razões que Saint-Loup à Raquel.

- E a segunda vez - prosseguiu Gilberte - foi, muitos anos depois, quando lhe

encontrei em sua porta, o dia que lhe voltei a ver em casa de minha tia Oriane; não lhe

reconheci no primeiro momento, ou talvez lhe reconhecia sem sabê-lo, porque tinha a

mesma vontade que em Tansonvil e.

- Mas no intervalo houve nos Champs-Élysées.

- Sim, mas então você me queria muito, eu sentia uma inquisição em tudo o que fazia.

Não pensei em lhe perguntar quem era aquele moço com o qual descia pela avenida

dos Champs-Élysées o dia em que ia voltar para vê-la, o dia em que me reconciliaria

fazendo as pazes com ela quando ainda era tempo, aquele dia que teria mudado toda minha

vida se não tivesse encontrado com as duas sombras que caminhavam juntas no crepúsculo. Se o tivesse perguntado, possivelmente me diria a verdade, como Albertina se

tivesse ressuscitado. Com efeito, quando, passados os anos, encontramos mulheres as

quais já não amamos, não está a morte entre elas e nós, quão mesmo se já não fossem

deste mundo porque o fato de que nosso amor não exista já converte em mortos às que

eram então ou ao que fomos nós? Também podia ocorrer que não se lembrasse ou que

mentisse. Em todo caso, sabê-lo já não me interessava, porque meu coração mudara mais

ainda que o rosto de Gilberto. Este rosto eu já não gostava há muito, mas, sobretudo, já não

me faria sofrer, já não poderia conceber, se tornasse a pensar nisso, que tivesse me fazer

sofrer tanto ao encontrar Gilberto caminhando devagar junto a um moço, pensando:

« acabou-se, renuncio para sempre à vê-la ». Do estado de minha alma, que, aquele

longínquo ano, não tinha sido para mim mais que uma longa tortura, não ficava nada. Pois

neste mundo onde tudo se gasta, onde tudo perece, há uma coisa que cai em ruínas, que se

destrói mais completamente ainda, deixando ainda menos vestígios que a Beleza: é a Dor.

Mas, embora não me surpreende não lhe haver perguntado então com quem descia

pelos Champs-Elysées, pois tinha visto já muitos exemplos desta mesma falta de curiosidade que concede o Tempo, em troca me surpreende um pouco não ter contado à

Gilberte que, antes de encontrá-la aquele dia, tinha vendido um vaso chinês antigo para

comprar flores. (Perguntei-lhe. Era Léia vestida de homem. Sabia que conhecia Albertine,

mas não podia dizer mais. Ocorre, pois, que certas pessoas se voltamos a encontrar em

nossa vida para preparar nossos prazeres e nossas dores.) [Na edição de *La Pléiade* se

separa no rodapé de página essa passagem, « que contradiz o contexto» , e que no manuscrito se encontra em um papel suplementar. (N. da T)]

Pois naqueles tempos tão tristes que seguiram àquele encontro, meu único consolo

foi pensar que algum dia poderia lhe contar sem perigo aquela intenção tão tenra.

Passado mais de um ano, se via que um carro ia chocar com o meu, minha única preocupação era morrer sem contar aquilo à Gilberte. Consolava-me pensando: « Não há

pressa, tenho toda a vida adiante para isso» . E por isso desejava não perder a vida. Agora

isto me teria parecido pouco agradável de dizer, quase ridículo, e « comprometedor» .

- Além disso - continuou Gilberte -, inclusive o dia que lhe encontrei em sua porta,

era tão igual em Combray, se você soubesse que pouco tinha mudado!

Voltei a ver Gilberte em minha memória. Se pudesse desenhar o quadrilátero de luz

que o sol riscava sob os majuelos (flores), a espécie que a moça levava na mão, o longo

olhar que posou em mim. Só que eu acreditei, pelo gesto grosseiro que a acompanhou, que

era um olhar de desprezo, porque o que eu desejava me parecia uma coisa que as moças

não conheciam e não faziam mais que em minha imaginação, durante minhas horas de

desejo solitário. Menos ainda teria acreditado que, tão facilmente, tão rapidamente, quase

ante os olhos de meu avô, uma delas tivesse a audácia de fazer aquele gesto.

Não lhe perguntei com quem ia a passeio pela avenida dos Champs-Élysées o dia

em que vendi os vasos chineses. O que tivesse de real sob a aparência de então era-me por

completo indiferente. E, entretanto, quantos dias e quantas noites sofri me perguntando

quem seria, quantas vezes tive que reprimir o palpitar do coração possivelmente mais ainda

que quando não voltei a dar boa noite à mamãe naquele mesmo Combray! Dizem, e isto

explica a progressiva atenuação de certas afecções nervosas, que nosso sistema nervoso

envelhece. Isto não é só certo quanto a nosso “eu” permanente, que se prolonga tanto como

dura nossa vida, a não ser quanto a todos nossos “eus” sucessivos, que, em suma, compõem-lhe em parte.

Por isso, a tantos anos de distância, tive que retocar uma imagem que recordava tão

bem, operação que me fez bastante feliz demonstrando-me que o infranqueável abismo que

então acreditava existir entre mim e certa classe de moças de dourada cabeleira era tão

imaginário como o abismo do Pascal, e que me pareceu poético pelos muitos anos no fundo

dos quais terei que realizá-lo. Tive um sobressalto de desejo e de saudade pensando nos

metrô do Roussainvil e. Mas me alegrava pensar que aquela felicidade para a que tendiam

então todas minhas forças, e que já nada podia me devolver, tivesse existido fora de meu

pensamento, em realidade tão perto de mim, naquele Roussainvil e do que eu falava tão

freqüentemente, que via do gabinete que cheirava a lírios. E eu não sabia nada! Em suma,

resumia tudo o que desejei em meus passeios até não poder me decidir a voltar para casa,

parecendo-me ver que as árvores se entreabriam, se animavam. O que então desejava tão

febrilmente, ela esteve a ponto de me fazer: gostar em minha adolescência, se eu pudesse

compreendê-la e conquista-la. Naquele tempo Gilberte estava verdadeiramente mais ao

lado do Méséglise, mais ainda do que eu acreditasse. E inclusive aquele dia em que a

encontrei sob uma porta, embora não era madame de l'Orgevil e, a qual Robert tinha

conhecido nas casas noturnas (e que casualidade que fosse precisamente seu futuro marido

a quem eu lhe pedisse que me explicasse isso!), não me equivocara por completo sobre o

significado de seu olhar, nem sobre a classe de mulher que era e que agora me confessava

ter sido.

- « Tudo isso fica muito longe – disse-me -; desde que me prometi com Robert, já não

pensei nunca em mais ninguém senão nele. E dir-lhe-ei que nem sequer são esses

caprichos de menina o que mais me censuro.»

Naquela morada um tanto rústica demais, que parecia local de repouso um

aguaceiro, uma dessas mansões onde cada sala, e onde, no papel de parede dos quartos,

as rosas pássaros das árvores, aproximavam-se e nos faziam devanescer; quando nada

pois as paredes eram forradas porque estava tão destacada que se poderia colher, para o

caso de ser engaiolado e domesticado, sem coisa alguma dos quartos de hoje, nos quais,

sobre um fundo prateado, todas vêm perfilar-se em estilo japonês para alucinar as horas. O

dia inteiro, passei-o no meu quarto que dava para os belos lilases da entrada, a folhagem

verde das grandes árvores de sol, e a floresta de Méséglise. E afinal, eu só olhava, dizia

comigo: "É bonito ter tanto verde na janela do meu quarto, que reconheci, no amplo quadro

verdejante, pintado ou simplesmente por estar mais longe, o campanário de uma representação desse campanário, mas o próprio campo diante de meus olhos a distância

das léguas e dos anos, nosso verdor e de um tom completamente diverso, tão somente

apenas desenhado, inscrever-se no retângulo da janela. E, ante do quarto, até a extremidade do corredor, que era oriental avistava, como uma faixa escarlate, o revestimento de uma sava de simples musselina, porém rubra, e pronta para um raio de sol.

Em nossos passeios, Gilberto me falava de Robert, cada vez mais parecia se juntar a

outras mulheres. E é verdade que muitas, mas como certas camaradagens masculinas para

os homens e mulheres, com aquele caráter de defesa inutilmente feita, e de lugar que têm,

na maioria das casas, os objetos que não servem para nada. Foi diversas vezes a

Tansonvil e enquanto durou minha permanência. Estava bem diferente daquele que eu

havia conhecido. A vida não o tornara mais lento, entorpecido, como ao Sr. de Charlus;

muito pelo contrário, operando uma mudança inversa, dera-lhe o aspecto desenvolto de um

oficial de cavalaria; conquanto ele houvesse apresentado sua demissão por ocasião do

casamento, um ponto como nunca o tivera. À medida que o Sr. de Charlus se tornara

pesado, Robert (e sem dúvida ele era infinitamente mais jovem, mas percebia-se que não

faria senão aproximar-se mais desse ideal com a idade, como certas mulheres que

sacrificam resolutamente o rosto ao talhe e, a partir de certo momento, já não deixam

Marienbad, pensando que, não podendo conservar ao mesmo tempo as juventudes, será

ainda a da silhueta a mais capaz de representar as outras. Tornara-se mais esbelto, mais

rápido, efeito contrário de um mesmo vício; a velocidade, aliás, tinha diversas razões

psicológicas, o medo de ser visto, o de não parecer ter esse medo, a febrilidade nascida do

descontentamento mesmo e do tédio. Tinha o hábito de ir a certos lugares de má fama,

onde, não gostava que o vissem entrar nem sair, se abismava para oferecer aos olhos

malévolos de hipotéticos transeuntes o menos possível de superfície, combinação que

realizava num assalto. E esse aspecto de pé-de-vento lhe ficara. Talvez também

esquematisasse, desse modo, a aparente intrepidez de alguém que deseja mostrar que não

tem medo e nem se preocupa em pensar. Para ser completo, seria preferível levar em

consideração o desejo, quanto mais envelhecia, de parecer jovem e até da impaciência

desses homens sempre entediados, sempre blasés, que são pessoas inteligentes demais

para a vida relativamente ociosa que levam, e na qual suas faculdades não se realizam.

Sem dúvida, a ociosidade dessas pessoas pode traduzir até pelo desleixo. Mas, sobretudo após a moda dos exercícios físicos, ociosidade assumiu uma forma esportiva, mesmo fora das horas do esporte, que se traduz por uma vivacidade febril que julga não deixar ao tédio nem tempo nem espaço para se desenvolver, e muito menos por meio do desleixo.

Minha memória, a própria memória involuntária, havia perdido o amor de Albertine.

Mas parece existir uma memória involuntária dos membros, pálida imitação da outra, que

dura muito mais tempo, como certos animais ou vegetais ininteligentes vivem mais que o

homem. As pernas e os braços estão cheios de lembranças entorpecidas.

[*Por inadvertência, Proust, na descrição de Saint-Loup, repete quase com as mesmas

palavras a descrição de Legrandin, feita em *Afugitiva*. (N. do T)]

Certa vez em que deixei Gilberte muito cedo, acordei no meio da noite, no quarto de

Tansonvil e, e, ainda meio adormecido, chamei: "Albertine." Não é que estivesse pensado

nela, ou até com ela sonhado; nem que a tivesse tomado por Gilberte: é que uma reminiscência cravada em meu braço me fez procurar atrás de mim a campainha, como em

meu quarto em Paris. E, ao não encontrá-la chamei: "Albertine" acreditando que a amiga

defunta estava deitada ao meu lado como quando adormecíamos juntos;

calculando ao

despertar, o tempo que demoraria Françoise para chegar, para que Albertine pudesse, sem

imprudência, tocar a companhia que eu não encontrava.

Durante essa fase deplorável, de prova de afeto no quarto em Paris; por exemplo, eu

mostrava afetações de que sentia. Não é que, na realidade, eu a sentisse. Mas mentia-lhe o

tempo todo; sem fundamento por causa de suas mentiras, era só para poder livrar-se

exagerando-a por magoar Gilberte. Chegava dizer o seguinte: devido a negócios com Paris,

e o qual, encontrado precisamente patenteando a mentira de que viera a sua terra para

descansar um período. Robert enrubescia, notava-se do inconveniente, insultando-o, um

bilhete desesperado em que dizia vendo-o partir de novo por uma única razão: que não a

amava (e tudo isso, embora realidade); depois, mandava perguntar se era real, em parte por

nervosismo como a mais audaciosa, soluçava, inundava-se; às vezes se batia no chão

como se nesse ponto devia acreditar nele, supunha-o e de um modo geral, julgava-se

amada, e sentia-se próxima, pensando que ele talvez tivesse remorso, não tinha coragem

de contrariá-lo; e talvez menos por que fazia ele que Morel com Bergotte, onde quer que se

encontrasse. Morel imitava Bergotte às maravilhas; houve necessidade de lhe

pedir que

fizesse uma imitação. Como esses histéricos a quem já não se precisa fazer doente, que se

tornem tal ou qual pessoa, ele entrava subitamente, por si mesmo no personagem.

Françoise, já presenciara tudo o que o Sr. de Charlus havia feito com Jupien, e tudo

o que Robert de Saint-Loup fazia por Morel, não atribuía àquele traço que reaparecia em

certas gerações dos Guermites, porém, visto que Legrandin ajudava bastante a Théodore,

pessoa tão moralista e cheia de preceitos; acabara por acreditar tratar-se de um hábito, cuja

universalidade o tornava respeitável. Dizia sempre acerca de um rapaz, fosse Morel ou

Théodore:

- Encontrou um senhor que sempre se interessou por ele e o ajudou bastante. -

E como em casos semelhantes, os protetores são os que amam, sofrem e perdoam,

Françoise entre eles e os menores que aluem desviavam, não hesitava em lhes conferir o

melhor, em achar-lhes "bom coração". Sem vacilar, censurava Théodore que havia boas

peças a Legrandin, embora parecesse não ter quaisquer dúvidas sobre a natureza de suas

relações pois acrescentava:

- Então o pequeno compreendeu que é preciso dar um pouco de si mesmo, e falou:

"Leve-me consigo, hei de o querer muito bem; hei de lisonjeá-lo, e, palavra de honra; aquele

senhor tem tão bom coração que, é claro, Théodore com certeza encontrará junto dele

talvez mais do que merece, pois é uma cabeça oca; mas aquele senhor é tão bom que eu

várias vezes disse à Jeannette (a noiva de Théodore): "Menina, se algum dia estiver em

difficuldade, procura aquele senhor. Seria capaz de dormir no chão e dar sua cama." E

gostou demais do pequeno (Théodore) para despedi-lo. É claro que não o abandonará

nunca.

Por polidez indaguei à sua irmã o sobrenome de Théodore, que agora estava no

Midi.

- Mas foi ele quem me escreveu sobre o meu artigo no *Figaro!* - expliquei ao saber

que ele se chamava Sautton.

Da mesma forma, estimava mais a Saint-Loup que a Morel e acho, apesar de todas

as bobagens que o pequeno (Morel) havia feito, o marquês não o abandonaria pois era

homem de grande coração, a menos que ele próprio sentisse muitos reveses.

Robert insistia para que eu ficasse em Tansonvil e uma vez deixou a par,

conquanto ele visivelmente já não procurasse agradar-me, que a minha presença fora

motivo de alegria tal para a esposa, a ponto de, segundo esta transportá-la de felicidade

uma noite inteira, uma noite em que Gilberte se sentisse triste que eu, chegando sem

prevenir, milagrosamente a salvara "talvez de coisa pior", - acrescentou. Pediu-me que

tentasse persuadi-la de que a amava, dizendo-me que a mulher a quem igualmente amava,

amava-a mais que a Gilberte, e romperia em breve com ela. - E no entanto - acrescentou

tamanha fatuidade e tanta necessidade de confidência, que, por momentos, que o nome de

Charlie, malgrado Robert, iria "sair", como um número que tenho do que me orgulhar. Essa

mulher que me dá tantas provas de carinho que vou sacrificar à Gilberte se enamorar. Sou o

primeiro que, ao receber a notícia fiquei pasmo. Evidentemente comecei a ver a pobre

Gilberte algo de Rachel; que, a rigor, se por semelhança real tão pouco nítida ele se

casasse. Possivelmente devia-se também a uma verdadeira similitude de alguns traços

(devido, por exemplo a origem hebraica, embora em Gilberte tão pouco acentuada), pela

qual Robert quando sua família quis que se casasse em igualdade de fortuna, sentiu-se

atraído por Gilberte. Também se explicava porque Gilberte quando encontrara fotografias de

Raquel, da qual ignorava até o nome, para agradar à Robert começou a imitar certos hábitos

da atriz como o de levar uma fita de veludo no cabelo sentindo que seus prazer era isso. E

às vezes, ao passar vinte e quatro punha à mesa tão bela como do que era nos dias frente

uma atriz, uma fixidez excessiva, na curiosidade, aliás, em o cuidado com que o fez.

Fazendo uma rica palheta, e lhe fazia a boca sangrenta e isso lhe caía bem, ao passo que

se soubesse que o marido de cujo modelo o Sr. de Guermantes segue a mentira empalideceria e acentuaria as olheiras.

Num tom intencionalmente de carinho espontâneo de outrora, com voz de fazer ver

Gilberte feliz. Ela fez tanto por tudo isso era ainda o amor-próprio; e, sem ousar dizer que

era Charlie a seu amor que o violinista lhe dedicava, do não inventado em todos os por

menores presentes sempre solicitando mais dinheiro.

E era a Paris pouco a narrativa, pois ainda estou em Paris, numa recepção, e de

longe; nela, a sua conversa, viva e envolvente apesar de tudo, permitia-me retratar o

passado; fiquei impressionado ao ver como se transformava. Parecia-se cada vez mais à

mãe; mas a altiva esbeltez que herdara dela, e que nela era perfeita, se exagerava e

endurecia, devido à educação mais esmerada. O olhar penetrante dos Guermantes dava-lhe

o aspecto de estar inspecionando todos os lugares onde passava, mas de forma quase

inconsciente, por uma espécie de hábito instinto animal. Mesmo imóvel, a sua coloração,

ouro sólido de um dia ensolarado; mais própria dele que de todos os Guermantes, como que

lhe conferia uma plumagem, fazia dele uma espécie tão rara, tão preciosa, que se desejaria

obtê-lo para uma coleção mitológica; mas quando, além disso, essa luz mudada em pássaro

se punha em movimento, em ação, quando, por exemplo, via Robert de Saint-Loup entrar

numa festa onde eu já me encontrava, eram tantos os meneios de cabeça, tão macia e

orgulhosamente alçada sob a aigrette dos cabelos um tanto ralos, tantos os movimentos de

pescoço, mais ágeis, e graciosos do que os humanos, que, ante a curiosidade e a

admiração, mundana, meio zoológica, que despertava, as pessoas se indagavam se

estavam no *faubourg* Saint-Germain ou no *Jardin des Plantes*, se contemplavam um senhor

atravessando o salão ou uma ave passeando na gaiola. Aliás, todo retorno à elegância

volátil dos Guermantes de bico pontudo, de olhar aguçados agora utilizado por seu vício

novo, que deles se servia para dissimular. Quanto se servia deles, mais se assemelhava ao

que Balzac chama de "tia". Não era necessário ter muita imaginação para perceber que o

gorjeio se prestava a interpretação semelhante à da plumagem. Ele começava a dizer frases

que considerava do século XVII e assim imitava as maneiras dos Guermantes. Porém um

nada indefinível com que se transformassem nas do Sr. de Charlus.

- Deixo-te por um instante - disse-me ele naquela recepção em que a Sra. de

Marsantes se achava no meio de nós. - Vou fazer um pouquinho de corte à minha mãe.

Quanto ao amor de que me falava sem cessar, não era somente o que nutria por

Charlie, embora fosse este o único a importar para ele. Seja qual for o amor de um homem,

enganamo-nos sempre acerca do número de pessoas com quem mantém ligações, pois

interpretamos falsamente as amizades como ligações amorosas, o que é um erro por

acréscimo, mas também porque julga que uma ligação comprovada exclui outra, o que é

outro gênero de erro. Pessoas podem dizer: "A amante de X..., conheço-a", pronunciar dois

nomes diferentes, e ambas não estarem enganadas. Uma mulher rara a quem amamos

basta para todas as nossas necessidades; enganamo-la com uma outra a que amamos.

Quanto ao marido, a ele inclinado a quem os Guermantes pensavam que possuíam

esses, as mulheres que exibiam; eram os mais sábios sobre a terra, e supondo que tal

mulheres deslumbrantes, essas tendências respondem que podiam ser mulher em dobro, se

dizia o mesmo à inversão, fazia algum tempo.

Os Courvoisier se comportavam com maior prudência. O jovem visconde de

Courvoisier acreditava ser o único no mundo, e da origem do mesmo, ao que

atraíra um de

seu sexo. Caso que esta inclinação era coisa do diabo, lutou contra ela, casou-se com uma

mulher preciosa e lhe fez filhos. Depois, um primo seu o ensinou que essa inclinação é

bastante freqüente; chegou sua bondade até o extremo de lhe levar aos lugares onde podia

satisfazê-la. Monsieur de Courvoisier amou mais ainda a sua mulher, intensificou seu zelo

prolífico, ela e ele eram citados como o melhor matrimônio de Paris. Não se dizia o mesmo

de Saint-Loup, porque Robert, em vez de contentar-se com o investimento, matava a sua

mulher de ciúmes sustentando queridas, com as quais não sentia prazer. É possível que

Morel, como era tão moreno, o fora necessário ao Saint-Loup como o é a sombra ao raio de

sol. Nesta família tão antiga se imagina muito bem a um grande senhor loiro dourado,

inteligente, com todos os prestígios e mantendo secreta uma afeição ignorada por todos.

Por outra parte, Robert não deixava nunca aludir na conversação a essa classe de amores

que era a sua. Se eu dizia uma palavra sobre o assunto: « Ah!, não sei -respondia com um

desinteresse tão profundo que deixava cair o monóculo-, eu não tenho nem idéia dessas

coisas. Se você desejar dados sobre isso, querido, aconselho-te que dirija a outro. Eu sou

um soldado, e não há mais que falar. Minha indiferença por essas coisas é tão grande como

meu interesse apaixonado pela guerra dos Balcãs. Em outro tempo interessava a ti a

etimologia das batalhas. Então te dizia eu que voltaríamos a ver, até nas condições mais

diferentes, as batalhas típicas, por exemplo o grande ensaio de cerco pelo flanco, a batalha

de Ulm. Bom, pois por mais especiais que sejam estas guerras balcânicas, Loul é-Bourgas

continua sendo Ulm, envolver pelo flanco. Estas são as coisas das quais pode me falar. Mas

disso a que avalanches sei tanto como de sânscrito» .

Estes temas que Robert desdenhava assim, Gilberte, em troca, abordava-os de bom

grado falando comigo quando ele partia. Claro que não em relação com seu marido, pois

dele o ignorava ou fingia ignorá-lo tudo. Mas gostava de falar disto quando se tratava de

outro, já porque visse nisso uma espécie de desculpa indireta para Robert, ou porque este,

compartilhado como seu tio entre um silêncio severo sobre estes temas e uma necessidade

de espionar e de falar mal de gente, caso tivesse-lhe contado coisas sobre muitos. Entre

todos eles, não excluía ao Sr. de Charlus; e é certamente porque Robert, sem falar de

Charlie a Gilberte, não pudera evitar repetir-lhe, sob uma ou outra forma, o que o violinista

lhe dissera. E o violinista perseguia o antigo benfeitor com seu ódio; suas conversações,

que Gilberte apreciava, permitiram-me indagar-lhe se, num paralelo, Albertine, cujo nome eu

ouvia pela vez primeira através dela, quando eram colegas de curso, não tinham tais gostos.

Gilberte não possuía informação. De resto, fazia muito tempo que aquilo deixara de oferecer

interesse para mim. Mas eu continuava a me indagar maquinalmente, como um velho que,

tendo perdido a memória, de vez em quando pede notícias de morto.

Curioso, é que essa coisa sobre tal assunto não posso me estender, será , até que

ponto, por essa época, todas as pessoas que Albertine amava, todas que poderiam tê-la

obrigado a fazer o que quisessem, pediram, imploraram, até dizer que mendigaram, na falta

de minha amizade, algumas relações comigo.

Não haveria mais necessidade de oferecer dinheiro à Sra. Bontemps para que

mandasse Albertine de volta. Ocorrendo quando não mais servia para alguma, essa

reviravolta da vida me entristecia profundamente, não por causa de Albertine, que eu teria

recebido sem prazer se me fosse devolvida, não pelas faltas de além-túmulo; mas por pior

causa é uma jovem a quem eu amava e podia chegar a ver. Dizia comigo que se ela

morresse, ou se a deixasse todos os que poderiam me fazer aproximar dela decairiam a

meus olhos. Não adiantava inutilmente agir sobre eles, visto não estar curado pela experiência que deveria me ensinar - se por acaso ensinasse alguma coisa - que amar é um

destino de má sorte, como os que existem nos contos de fadas, e contra a qual nada pode

fazer enquanto não for quebrado o encanto.

- Justamente o livro que estou lendo fala dessas coisas - disse-me Gilberto - Falei desse mistério à Robert: "Nós nos entenderíamos perfeitamente." Ele jurou não se lembrar e

que aquilo em todo caso, não tinha nenhum sentido. - É um velho romance de Balzac -

prosseguiu Gilberto - que vou ler para pôr-me à altura de meus tios, *A Menina dos Olhos de*

Ouro: inverossímil, absurdo, um tremendo pesadelo. Além disso, uma mulher tão falsa ser

vigiada assim por outra mulher, nunca por um homem. - Você sabe conheci uma mulher a

quem o homem que a amava virtualmente, jamais podia ver pessoa alguma, e só saía

acompanhada de criados de confiança. Pois então, isto deve tê-lo horrorizado, você que é

tão bom. Justamente, achávamos que deveria casar-se. Sua mulher haveria de curá-lo, e

você a faria feliz.

- Não, pois eu tenho muito mau gênio

- Que idéia!

- Juro-lhe! Aliás, já falei, mas não pude decidir a casar-me. A própria desistiu por

causa do meu temperamento indeciso e maçante.

Era de fato sob esta fórmula bem simplista, que julgava a minha aventura com Albertine, agora que via essa aventura de fora.

Sentia-me triste ao subir sequer rever a igreja de Combray, que através de uma janela violácea. Dizia como se não fosse morrer até lá, não vendo outro lado da igreja, que

se me afigurasse a morte, assim como havia existido.

Entretanto, um dia falei se gostava de mulheres.

- Oh, de jeito nenhum - como jeito dela era duvidoso.

- Eu disse isso

- Você o disse (mas você se engana), fala naquela idade que não iriam muito por ela

mesma, segundo as propostas à Albertine? Ou então que imaginamos, sabendo quando os

outros podem estar mais certos, porém exagerá-la e errar por que se errassem por ausência

do que desejaria tapar-me os olhos pronta para os ciumentos duvidosos de antigamente. O

inverso ao fazer afirmações das relações com Gilberte, havia dito Andrée, pois são antes de

conhecê-los como ocorre muitas vezes variantes das realidades inventadas. E então refiz

minhas suposições; suposições, quase ignoradas mais prováveis como verdadeiras. Teria

preferido dizer tudo para me ofuscar em Balbec, pelo que falara de mulheres conhecer do

que se assume um ar entendi mesmo ignorando o que a Sra. Vinteuil e de Andrée, parte da

"confraria", e só um homem de letras pergunta, até o dia em que a recuar. A não ser que

fosse por ter sabido, durante um namoro que ele teria conduzido na direção que lhe

interessava, das inclinações de Gilberte pelas mulheres, é que Robert a desposara,

esperando prazeres, que encontrara, pois buscava-os em outra parte. Nenhuma dessas

hipóteses depois, em mulheres como a filha de Odette ou entre as jovens do pequeno lugar,

existe uma tal diversidade, um tamanho acúmulo de gostos alternados, não simultâneos,

que facilmente passam da ligação com uma mulher a um amor por um homem, de modo

que se torna difícil definir-lhes o gosto verdade e dominante.

Não quis pedir emprestado a Gilberte o seu exemplar de *A Menina dos Olhos de Ouro*, (*Fil e aux yeux d'or*), pois que o estava lendo. Mas ela me emprestou, para ler ao

dormir, nesta última noite que passei em sua casa, um livro que me causou uma impressão

muito viva e singular. Era um volume do diário inédito dos Goncourt. E quando, antes de

apagar a minha vela, li a passagem que tratarei mais adiante, minha falta de condições para

as letras, outrora pressentida no sonho de Guermantes confirmada durante a estada cuja

última noite chegara. Na noite de véspera de partida, em que, cessando o torpor dos hábitos

que vão retornar, procuramos julgar-nos; pareceu-me algo menos lastimável, como se

alguém não revelasse nenhuma verdade profunda; e, ao mesmo tempo, parecia-me, que a

literatura não fosse aquilo que eu havia julgado. Por outro lado, menos amável me parecia o

estado doentio que iria confinar-me a uma casa de saúde as belas coisas de que falam os

livros não eram mais belas do que as que eu tinha visto. Mas, devido a uma estranha

contradição, agora que esse livro as mencionava, sentia vontade de vê-las. Eis as páginas

que li até que o cansaço me fechou os olhos:

"Anteontem, caiu-me aqui, para me levar a jantar em sua casa, Verdurin, o antigo crítico de

La Revue, autor daquele livro sobre Whistler, onde na verdade a maneira, o colorido artístico

do original americano, é muitas vezes traduzida uma grande delicadeza pelo amoroso de

todos os requintes, de todas as lindas pinturas que é Verdurin. Enquanto me visto para sair

com ele, ouço de sua partida um discurso, onde às vezes há como que o soletrar assustado

depois de uma renúncia a escrever, tão logo se realize seu casamento com a Madeleine de

Fromentin; renúncia que seria devida ao hábito de tomar morfina, e que, do Verdurin, levaria

a maior parte dos convivas do salão de sua mulher desconfiando que o marido jamais

houvesse escrito, falar-lhe de Charles Blanc, Saint-Victor, de Saint-Beuve, de Burty, como

de uns indivíduos aos quais o imaginamos inferiores. 'Ora, você, Goncourt, sabe muito bem

e Gautier também, que meus salões eram coisa bem superior do que esses lamentáveis

Maîtres d'autrefois da obra-prima na família de minha mulher. Depois de um crepúsculo que

perto das torres do Trocadero emitem como à centelhas iguais às torres cobertas de geléia

de groselha dos antigos pasteleiros. A conversa continua no carro que leva-nos ao Quai

Conti onde está seu hotel que seu possuidor pretender ser o antigo hotel dos embaixadores

de Veneza, onde parece haver um *fumoir* de que fala Verdurin; uma sala decorada tal como

estava à maneira das *Mil e Uma Noites*, de um célebre *palazzo* de nome que não me

lembro, *palazzo* portando um poço cujo bocal representa uma coroação da Virgem que,

segundo Verdurin é sem dúvida alguma do mais belo *Sansovino* e que serviria para que

seus convidados jogassem a cinza dos charutos. E a verdade é que quando chegamos, à

luz glauca e difusa de uma claridade da lua, verdadeiramente parecido aos que iluminam

Veneza na pintura clássica, e no qual a silhueta da cúpula do Instituto faz pensar em Salute

nos quadros de Guardi. Tenho um pouco a ilusão de estar a beira do Grande Canal. E a

ilusão favorecida pela construção do hotel no qual no primeiro piso, não se vê o mole e

pelas frases do dono da casa afirmando que o nome da Rua du Bac – nunca me ocorrera

pensar tal coisa – vinha das barcas nas quais as monjas de outros tempos; as religiosas de

outrora, na infância quando vivia nele minha tia Courmont, e que agora ponho a lembrar

ao encontrar, quase contígua ao hotel dos Verdurin, a insígnia de Petit Dunkerque”, uma das

estranhas lojas superviventes fora dos viñetados nos desenhos de Gabriel de Saint-Aubin,

ali onde o século XVIII curioso devia sentar em seus momentos de ócio para o regateio das

francesas e estrangeiras e “todo o mais novo que produz nas artes. Como diz uma fatura

desse Petit Dunkerque, fatura da qual, conforme acredito, só Verdurin e eu possuímos uma

prova e que é sem dúvida uma das volantes obras mestras de papel ornamentado no

reinado de Luis XV que fazia suas contas; com seu cabeçalho representando um mar

tempestuoso, cheio de navios, um mar com umas ondas como de uma ilustração da edição

dos *Coletores de Impostos de L'huître et plaideurs*. A proprietária da casa, que vai sentar a

seu lado, diz-me amavelmente que adornou a mesa só com crisântemos japoneses, mas

uns crisântemos colocados em vasos que seriam obras de arte muito estranhos, um deles

de bronze sobre os quais umas pétalas de cobre avermelhado pareciam as autênticas

folhas desprendidas da flor. Estão os Cottard -o doutor e sua mulher-, o escultor polonês

Viradobetski, o colecionador Swann, uma alta senhora russa, uma princesa cujo nome em

of esta diz-me ao ouvido que foi ela quem atirou à queima-roupa no arquiduque a acreditar

nela, eu teria na Galícia e em todo o norte da Polônia uma absolutamente excepcional,

moça nenhuma prometendo a sua mão sem que o noivo é um admirador de La

Faustin.'Vocês, ocidentais, não podem com isso', lança, à maneira de conclusão, a princesa,

que me dá, por minha fé; ai são de uma inteligência realmente superior, 'essa penetração,

por um escritor da intimidade de uma mulher'. Um homem de queixo e lábios raspados, e de

mordomo, proferindo, em tom de condescendência, gracejos de ginásio que confraterniza

com os primeiros da turma para os festejos Magno, é Brichot, o universitário. Ante o meu

nome, pronunciado por Verdurin tem uma só palavra para mostrar que conhece nossos

livros, e sinto desânimo despertado por essa conspiração que a Sorbonne organiza

levando até a casa amável onde sou festejado a contradição e a hostilidade do silêncio

intencional.

Vamos para a mesa e dá-se então um extraordinário prato que certamente são

obras-primas da arte da porcelana, aquelas do reinado artístico, numa refeição delicada,

mais deleita a atenção complacente e amador pratos dos Yung-Tsching, onde, nos bordos

de cor de fogo de matiz azulado, no desfolhar túrgido de seus íris aquáticos, na travessia

verdades decorativa, pela aurora, de um vôo de martins-pescadores e de grou, que possui

exatamente os tons entrevistados todos os dias, quando acordo, no Montmorency pratos de

Saxe, mais delicados na sua feitura graciosa, sonolência, da anemia das rosas violáceas,

aos recortes borra-de-vinho de tulipa, ao rococó de um cravo ou de um miosótis pratos de

Sevres, pelas finas estrias de suas caneluras brancas, verticilados de ouro, ou até cremosa

camada de massa, pelo relevo galante de uma faixa dourada- enfim uma prataria onde

correm muitos de Luciennes, que a Dubarry haveria de crer. E, o que é talvez ainda mais

raro, a qualidade verdadeiramente notável das coisas que em tais pratos se servem,

manjares finamente preparados, repasto que os parisienses, é preciso declará-lo bem alto,

nunca têm nos jantares, e que me recorda certos cozinheiros de Jean d'Heurs. Mesmo o

não possui qualquer relação com o creme insípido que habitualmente merecem esse nome,

e não sei de muitos locais em que a simples salada de batatas assim com batatas que têm a

resistência dos botões de marfim japoneses, a dessas colherzinhas de marfim com que as

chinesas derramam água sobre peixes que acabam de pescar. No copo de Veneza que

tenho à minha frente extraordinário *léovile*, [Léovile e tipo de vinho Bordeaux, de 1855,

classificado na, categoria dos Médoc. (N. do T)], comprado na loja do Sr. de Montalivet, põe

uma rica tolha vermelha. E é um regalo para a imaginação do que antigamente bem diverso

dos linguados pouco freqüentes e cujas espinhas, nas demoras do transporte de um

linguado que é servido, preparam tantos mestres-cuca o molho branco feito com manteiga

linguado numa travessa maravilhosa de um pôr-de-sol, sobre um mar onde as lagostas, de

pontilhado grumoso ter sido moldada em carapaças vê-se um chinesinho que pesca à vara,

graças ao prateamento de um prazer delicado que devem ser como nenhum príncipe possui

ou conhece, observa melancolia como de um maniaco origina-se assim; absolutamente isto,

uma cidra, bebida em meio de uma tal encantadora senhora, verdadeiramente fala-nos com

transbordar da Normandia que se constassem altas matas à Lawrence hortênsias cor-de-

rosa, refrão cuja queda sobre as entrelaçadas simulam Gouthiere cujos da Normandia com

casas de campo; eles nunca deixam de ver todas as cores.

Uma casa na Normandia que seria absolutamente insuspeitadas pelos parisienses e

que está protegida pela barreira de cada uma de suas porteiras, barreiras que os Verdurin

me confessam não serem recatados de levantarem. Ao cair da tarde, numa extinção

sonolenta, de todas as cores, já sem mais luz, aquela que dá o mar quase coalhada de cor

azulada como o soro do leite (Não é nada desse mar que você conhece – protesto freneticamente minha vizinha, replicando à meu comentário de que Flaubert nos levou, meu

irmão e eu, à Trouevil e; nada, absolutamente nada dará uma idéia sem vir comigo.)

No verão seguinte estavam eles de novo, alojando toda uma colônia de artistas

numa mansão medieval que lhes formava um antigo claustro alugado para eles por nada. E,

por minha fé, ao ouvir esta mulher que, tendo passado pelas jardineiras ficavam

completamente enjoados, que dava ao marido uns terríveis acessos de asma - “sim, isso

mesmo – insistia a dama – verdadeiros acessos de asma” - no entanto, em suas frases um

pouco depois de passar por tantos lugares, verdadeiramente ilustres, não passavam de

frases de uma mulher do povo; uma palavra que nos mostra as coisas de costume, com as

cores que nossa imaginação as vê, veio-me água à boca pela vida que ela me confessou ter

levado lá; cada qual trabalhando em sua cela, e onde, todos se reuniam no salão tão vasto,

que possuía duas lareiras; onde comiam todos e compareciam para conversas de alto nível,

misturando com jogos de prendas, fazendo-me pensar nesta mansão a vida que me recorda

a obra-prima de Diderot, as Cartas à senhora Volland. A seguir, após o almoço, todos

saíam, mesmo nos dias de agitados pela chuva; quando, um raio de sol saía, luminosas

bátegas riscavam, com seu traço bril troncos nodosos de um magnífico desfile de faias

centenárias, que pendiam defronte à grade, o belo vegetal apreciado no século XVIII, e os

arbustos, ramos se suspendiam, em vez de botões fluorescentes, gotas de chuva; para ouvir

o delicado borrfio, enamorado de frescor, de um pisco a banhar a graciosa banheira

minúscula de porcelana de Nymphenburg que é acoplada à rosa branca.

[Pisco: ave passeriforme européia, da família dos pardais. Não existe no Brasil. (N. do T)]

[Elstir era chamado de "Sr. Biche" em *No Caminho de Swann*. (N. Do T.)

E como falo à Sra. Verdurin das paisagens e das flores nos delicadamente pintados

por Elstir: 'Mas fui eu quem o fez conhecer tudo - gritou ela, erguendo a cabeça num

assomo de cólera; 'tudo, compreende tudo: os recantos curiosos, todos os motivos, disse-

lhe tudo isso na cara dele e ele nos abandonou, não é verdade Auguste? Todos os motivos

que ele pintou dos objetos, ele sempre os conheceu, tenho de ser justa, não o

nego. Mas

nunca tinha visto as flores, não sabia distinguir a malva do malvaíscio. Fui eu quem o fez

reconhecer - vai achar incrível o jasmim. 'Força-me confessar ser curiosa, que o pintor de

flores, considerado hoje o melhor pelos entendidos, e sua *Fantin-Latour*, talvez nunca

tivesse feito, sem a mulher a meu lado podido jardim.' Sim, palavra de honra, o jasmim;

todas as rosas que ele fez, viu-as em casa; ou então lhe foram entregues por mim. Nós o

chamávamos de Senhor pergunte à Cottard, ao Brichot, à todos os outros, se era tratado

aqui feito um homem. Ele próprio teria achado graça, se o fosse. Ensinei-o a arrumar as

flores desde o começo, não conseguia de modo nenhum. Nunca soube fazer um buquê,

tinha gosto natural para escolher, era preciso que lhe dissesse:

'- Não, não não vale a pena, pinte aquilo. - Ah, se nos tivesse dado ouvidos para arrumar sua vida, como para o arranjo de suas flores, se não tivesse feito aquele casamento!'

E, bruscamente, os olhos ao passado, amassando nervosamente as mangas do

vestido, lembra, um quadro admirável que julgo *nus* contida, toda a raivosa suscetibilidade

das belezas, em seu pudor de mulher. A pintura havia feito para ela, o retrato logo depois de

sua briga com o pintor; a idéia de representar o homem de roupa branca, e a mulher nua o

borboletear dos claros matiz das meninas, semelhante idéia desse penteado, pelo consistia

em que pintara mulheres; a intimidade de sua vida cotidiana; enxuga o rosto, como que uma

porção de movimentos leonardesca!

Mas a um sinal que seria no fundo era falsidade do presente ao admirar o colar de

pérolas, perfeito; todas brancas, no lindo detalhe, de que já não recordava onde estavam;

insiste no retrato autêntico todo o mundo, ao famoso duque de Beausergen. Possuía um

cofrezinho; conheço o retrato pessoalmente, herdado pela sua tia a Sra. de Vil eparisis e de

antigamente, sob os nomes de batismo do que nele denuncia, ou nos revela que

semelhante neologismo típico de Edmond de semelhantes catástrofes produzem no cérebro

das pessoas alterações bem parecidas; que se observam na matéria inanimada, e cita, de

um modo verdadeiramente filosófico como fariam os médicos, o criado de quarto da Sra.

Verdurin, apavorado com aquele incêndio onde quase havia morrido, tornou-se o homem,

com uma caligrafia de tal forma mudada, que, à primeira carta que fez demonstrações,

então na Normandia, dele receberam anunciando o sucedido, julgar que fosse a mistificação

de um farsante. E, segundo Cottard, não só mudou a caligrafia, mas também, de sóbrio que

era, o rapaz se transformou num ébrio tão louco que a Sra. Verdurin fora

obrigada a

despedi-lo. E a dissertação sugestiva - um gracioso sinal da dona da casa, da sala de jantar

ao *fumoir* veneziano, no qual Cottard nos diz ter assistido à verdadeiros desdobramentos de

personalidade; citando-nos o caso de um seu doente, que se oferece amavelmente para ter

em minha casa, e a quem bastava que ele o tocasse as têmporas para despertá-lo uma

segunda vida; vida na qual não lembraria nada da anterior, tanto que, fosse honesto numa

vida, fora preso várias vezes na outra, por causa de seus roubos, porque era simplesmente

um tremendo velhaco. Ao que a Sra. Verdurin comenta com detalhe que a medicina poderia

fornecer assuntos mais autênticos a uma peça de teatro - em que a graça do imprevisto se

assentaria nos equívocos patológicos, o que, aos poucos, leva a Sra. Cottard a aludir a uma

obra desse gênero, escrita por um autor que é o predileto de seus filhos, o escocês

Stevenson, um nome que põe na boca de Swann esta afirmação peremptória:

'Mas Stevenson é absolutamente um escritor, eu lhe garanto, Sr. de Goncourt, muito

grande mesmo - E, como manifesto meu encantamento com o teto de painéis armoriados,

proveniente do antigo *palazzo* Barberini, da sala onde fumamos, deixando transparecer

minha pena ante o enegrecimento progressivo da concha da fonte devido à falta de

cuidados nossos de Londres; e tendo Swann afirmado que manchas semelhantes, em que

possuídos por Napoleão I, pertencentes agora ao duque de Guermantes, apenas suas

opiniões anti-bonapartistas, atestam que o imperador mascava. Cottard se revela um

espírito verdadeiramente penetrante em todos os assuntos, que tais manchas de modo

algum provêm disso -'mas de modo algum', informa com autoridade e sim do hábito que ele

possuía de ter sempre na mão, até nos campos de batalha, pastilhas de alcaçuz a fim de

acalmar as dores do fígado, que ele sofria de uma doença do fígado, e foi disso que morreu',

-concluiu.

Interrompi a leitura neste ponto, já que partiria no dia seguinte; e, disso chegara a hora em que me reclamava outro patrão, a cujo serviço todos os dias a metade do nosso

tempo. A tarefa que nos impõe, cumprimo-la de olhos fechados. Todas as manhãs ele nos

devolve ao nosso patrão anterior, do que sem isso não o serviríamos bem. Curioso, quando

o nosso espírito os olhos, os mais espertos de nós, ansiosos de saber o que poderíamos

sob as ordens de um patrão que faz deitar seus escravos antes de os forçar a um trabalho

precipitado, buscam sub-repticiamente contemplar a tarefa inconclusa. Porém o sono luta

velozmente com eles a fim de fazer desaparecer os traços daquilo que gostariam

de ver. E,

passados tantos séculos, ainda não sabemos grande coisa a respeito.

Portanto, fechei o diário dos Goncourt. Prestígio da literatura! Desejaria rever os

Cottard, pedir-lhes tantos pormenores acerca de Elstir, ir ver a loja do Petit Dunkerque, se

ainda existisse, pedir licença para visitar aquele palacete dos Verdurin onde havia jantado.

Mas sentia uma vaga perturbação. Certo, eu jamais me iludira sobre minha incapacidade de

ouvir, nem, desde que estivesse a sós, de olhar. Uma mulher velha não mostrava a meus

olhos nenhum tipo de colar de pérolas e aquilo que dizia não entrava nos meus ouvidos.

Ainda assim, tais criaturas eram-me conhecidas na vida cotidiana, eu jantara muitas vezes

com elas, eram os Verdurin, era o duque de Guermantes, eram os Cottard, todos eles me

havam parecido tão vulgares, quanto à minha avó parecera àquele Basin, que ela não

davidava ser o sobrinho preferido, o jovem herói delicioso da Sra. de Beausegent; todos me

havam parecido insossos, e eu me recordava das inúmeras vulgaridades de que todos eles

eram compostos...

Et que tout cela false un astre dans ler nuitl

[“Que forme um astro na noite!” Citação inexata do último verso de um poema de Victor

Hugo em “cações”, onde, em vez de “noite”, o poeta escreve “céus”. (N. do T)]

Resolvi deixar provisoriamente de lado as objeções contra a literatura que poderiam

fazer nascer em mim as páginas dos Goncourt lidas na véspera de minha partida de

Tansonvil e. Mesmo pondo de parte o índice individual de ingenuidade, que é espantoso no

caso desse memorialista, eu podia tranquilizar-me sob vários pontos de vista.

Primeiro, no que se referia pessoalmente a mim, minha incapacidade de ouvir e

olhar, que o diário tão penosamente me havia ilustrado, não era entretanto total. Havia em

mim um personagem que sabia mais ou menos olhar, mas era um personagem intermitente,

só ganhando vida quando se manifestava alguma essência geral, comum a diversas coisas,

de que extraía alegria e alimento. Então o personagem olhava e escutava, mas apenas até

uma certa profundidade, de modo que a observação não lucrava muito. Como um geômetra

que, despojando as coisas de suas qualidades sensíveis, vê somente o substrato linear

delas, faltava-me o que as pessoas contavam, pois o que me interessava não era o que

queriam dizer e sim a maneira como o diziam, enquanto reveladora de seu caráter ou de

seus ridículos; ou melhor, era um objeto sempre visado particularmente pela minha busca

porque me dava um prazer específico, a descoberta de pontos comuns a criaturas diversas.

Somente quando os percebia é que meu espírito então sonolento, mesmo sob a

aparente

atividade de minha conversação, animado disfarçava para os outros o total entorpecimento

espiritual; de súbito, com alegria, à caça, mas o que perseguia nesse instante pela identidade do salão Verdurin em lugares e tempos diversos estava citado em meio à

profundidade, para além da aparência mesma, numa zona um tanto recuada. Assim, fugia-

me o encanto aparente, imitável, das criaturas, pois possuía a faculdade de me deter nele,

como um cirurgião que, sob o ventre de uma mulher, distinguiria o mal interno que o

consome. Por mais que julgasse a sociedade, não enxergava os convivas, pois, quando

julgava ao encará-los, os radiografava. Daí resultava que, reunindo todas as observações

que fizera acerca dos convivas, o desenho das linhas traçadas por mim representava um

conjunto de leis psicológicas, onde quase não havia lugar, por si mesmo, pelo interesse das

frases dos convivas. Mas tiraria isso qualquer mérito aos meus muitos, já que eu não os

tinha como tais? Se um retrato, no domínio da pintura, põe, evidência certas verdades

relativas ao volume, à luz e ao movimento, será necessariamente inferior a outro, da mesma

pessoa, mas completamente diverso, em mil detalhes omitidos no primeiro, estarão

minuciosamente relatados neste segundo retrato, de onde se poderá concluir que

o modelo

era encantador, ao que o teriam julgado feio no primeiro, o que pode ter uma importância do

cume e até histórica, mas não é necessariamente uma verdade artística.

E, além disso, a minha frivolidade, quando eu não estava sozinho, fazia-me desejoso

de agradar, mais desejoso ainda de divertir, tagarelado, que de me instruir, ouvindo, a

menos que eu houvesse comparecido à recepção para inteirar-me sobre um ponto de arte,

ou por alguma suspeita ciumenta que já me empolgava o espírito. Mas eu era incapaz de

ver senão aquilo do qual a leitura me despertava o desejo, aquilo cujo esboço, de antemão

desenhado por mim mesmo, de confrontar logo com a realidade. Quantas vezes, já o sabia

muito bem antes essa página de Goncourt como houvesse assinalado, fui incapaz de

prestar atenção em coisas ou pessoas que, a seguir, uma vez que sua imagem me fora

apresentada na solidão por um artista, teria percorrido léguas e arriscado a morte para

reentrar! Então, a minha imaginação já partira, começara a pintar. E sobre aquilo, do que

bocejara no ano anterior, indagava angustiado, contemplando-o antes freneticamente,

desejando-o: "Será verdadeiramente impossível vê-lo? Quanto não daria por isso!"

Quando lemos artigos sobre pessoas, mesmo simplesmente uma pessoa da

sociedade, qualificadas de "últimos representantes de uma sociedade da qual não existe

mais qualquer testemunho", sem dúvida podemos exclamar: "E dizer que de uma criatura

tão insignificante que se fala com tanta abundância e tantos adágios! É isto o que eu

deploraria não ter conhecido, se só tivesse lido os jornais, revistas, e se não tivesse visto o

homem"; mas eu estava antes inclinado a pensar, ao ler essas páginas nos jornais: "Que

pena eu não ter dado mais atenção a este senhor quando só me preocupava em

reencontrar Gilberte ou Albertine. Julguei-o um mundano enfadonho, um simples figurante,

mas era uma figura!"

As páginas de Goncourt que li fizeram-me lamentar essa minha inclinação. Pois

talvez eu pudesse concluir delas que a vida nos ensina a rebaixar o valor da leitura, e nos

mostra a escassa importância do que o escritor nos elogia; mas podia, igualmente, concluir

que a leitura, ao contrário, nos ensina a realçar o valor da vida, valor que não soubemos

apreciar e de cuja grandeza só nos damos conta através do livro. A rigor, podemos nos

consolar do pouco prazer experimentado no convívio de um Vinteuil ou de um Bergotte. O

burguesismo pudico de um, os defeitos insuportáveis do outro, e até a pretenciosa

vulgaridade de um Elstir em seus começos (visto que o *Diário dos Goncourt* me fizera

descobrir que ele não era outro senão o "senhor Biche"; que, outrora, fazia discursos tão

exasperadores a Swann, na casa dos Verdurin), nada provam contra eles, visto que o seu

gênio se manifestava pelas obras.

Quanto à eles, que as memórias ou nós sejamos culpados por tornar atraentes uma

sociedade que nos desagradou é coisa de pouca importância, já que, mesmo que seja o

escritor dessas memórias que se engane, isto não provaria coisa alguma contra o valor da

vida que produz tais gênios. (E qual é o homem de gênio que não adotou maneiras irritantes

de falar dos artistas de seu grupo, antes de atingir, como acontecera com Elstir e como

acontece raramente, um bom gosto superior? *As cartas de Balzac*, por exemplo, não

estarão cheias de termos vulgares que fariam Swann sofrer mil mortes ao empregá-los? E,

no entanto, é provável que Swann, tão fino, tão isento de ridicularias odiosas, fosse incapaz

de escrever *A Prima Bette e O Cura de Tours*.)

Na extremidade oposta da experiência, quando eu via que as mais curiosas

anedotas, que formam a matéria inesgotável do *Diário dos Goncourt*, divertimento dos

serões solitários para o leitor, lhe tinham sido contadas por convivas a quem teríamos

vontade de conhecer por causa dessas páginas, e que todavia não deixaram em mim

nenhuma recordação interessante, isso também não era totalmente inexplicável.

Apesar da ingenuidade de Goncourt, que atribuía graça dessas anedotas à provável

distinção do narrador, podia muito bem ocorrer que pessoas mediócras tivessem visto em

suas vidas, ou escutassem contar, coisas curiosas e as contassem por sua vez. Goncourt

sabia escutar, bem como sabia ver; eu não.

Além disso, todos esses fatos teriam tido necessidade de ser julgados um a um. O

Sr. de Guermantes certamente não me dera a impressão de ser esse adorável modelo de

graças juvenis que minha avó tanto queria ter conhecido como exemplo inimitável, segundo

as memórias da Sra. de Beause é preciso levar em conta que, à época, Basin estava com

sete anos, que era sua tia, e que até os maridos que irão divorciar-se poucos meses depois

fazem grandes elogios às esposas. Um dos mais belos poemas de Sainte-Beuve é grado à

aparição, junto a uma fonte, de uma criança ornada de todos os dons e todas as graças, a

jovem Srta. de Champlâtreux, que então teria menos anos de idade. Não obstante a

veneração carinhosa que o poeta de gênio que é a condessa de Noail es tributava à sua

sogra, duquesa de Noail es, nascida em Champlâtreux, é provável que, se aquela tivesse de

lhe fazer o retrato, este contrastaria vivamente que Sainte-Beuve havia feito cinquenta anos

antes.

O mais perturbador talvez fosse o meio termo, ou seja, as pessoas de reputação implicam mais do que uma memória que soube reter uma anedota; sem todavia nos

permitirem, como no caso dos Vinteuil e dos Bergotte, o de julgá-las por suas obras, pois

nada criaram; apenas, para nosso espanto, julgarmos tão medíocres que inspiraram.

Concedo que, desde os grandes pintores da Renascença, a maior impressão de elegância, nos museus, decorra dessa pequena burguesia ridícula, de quem, se não a

conhecesse, os fariam desejar poder aproximar-me na vida real, esperando aprender, com

aqueles cujas pomposas caudas de veludo e rendas são comparáveis às mais belas

pinturas de Ticiano, segredos preciosos que não me desvendaram nem a arte, nem suas

telas. Se tivesse compreendido, no passado, que não é o mais espirituoso, o mais instruído,

o mais bem relacionado, mas aquele que sabe tornar-se alguém para poder assim refletir a

sua vida, embora acanhada, que chega a ser Bergotte (conquanto os contemporâneos o

considerassem menos espirituoso Swann e menos sábio de Bréauté), teria observado que o

mesmo sucede, e com mais razão, com os modelos do artista. Ao surgir no pintor, que pode

abordar qualquer assunto, o amor da beleza e da elegância, onde achará temas tão

atrativos, o modelo lhe será fornecido por pessoas um pouco mais ricas do que ele, cuja

casa encontrará o que, em geral, não existe no seu ateliê de homem desconhecido, que

vende suas telas por cinquenta francos; um salão cobertos de seda antiga, muitas

lâmpadas, belas flores e frutos, lindos vestidos - pessoas relativamente modestas, ou que

assim parecerão à outras verdadeiramente ricas (que sequer suspeitam de sua existência),

mas que, justamente porque estão em melhores condições de conhecer o artista obscuro,

apreciá-lo, convida-lo ou comprar-lhe as telas, do que os aristocratas que se fazem pintar,

como os chefes de Estado, pelos pintores acadêmicos. A poesia de salões elegantes belos

vestidos do nosso tempo, por acaso não a encontrará a posteridade aquele salão do editor

Charpentier, pintado por Renoir, do que no retrato da princesa Sagan, ou da condessa de La

Rochefoucauld, de Cot, ou Chaplin?

[Pierre-Auguste Cot (1837-1883) e Charles Josuah Chaplin (1825-1891), pintores franceses.

(N. do T)]

Os artistas que nos legaram as maiores impressões de elegância raramente

colheram elementos na casa de pessoas que estavam entre os grandes elegantes de seu

tempo, os quais dificilmente se fazem pintar pelo desconhecido portador de uma beleza que

eles não sabem avaliar em suas telas, dissimulada como está pela interposição de chavões

cuja graça antiquada flutua, aos olhos do público, como as visões subjetivas que o enfermo

julga estarem efetivamente diante dele. Mas que esses sujeitos mediocres, que eu havia

conhecido, tivessem além disso inspirado, aconselhado certos arranjos que me encantaram,

que a presença de algum deles fosse mais importante que a de um modelo, fosse a de um

amigo que o pintor desejasse ostentar em suas telas, isto levava-me a indagar se todas as

peçoas que lamentamos não haver conhecido porque Balzac as pintava em seus livros, ou

lhes dedicava estes em tributo à admiração que nutria por eles, porque sobre tais peçoas

Baudelaire ou Sainte-Beuve fizeram seus mais belos versos, a indagar se, com mais razão

ainda, todas as Récamier, todas as Pompadour não me tivessem parecido peçoas

insignificantes, seja por debilidade da minha natureza (o que me dava revolta por ser doente

e não poder reencontrar todos aqueles que desconhecera), ou porque, de fato, só devessem

o seu prestígio a uma magia ilusória da literatura, o que obrigava a usar um dicionário

diferente para ler, e me consolava de precisar, de um dia para o outro, devido aos

progressos de meu estado enfermício, romper com a sociedade, renunciar às viagens, aos

museus, para ir tratar-me numa casa de saúde. Talvez, no entanto, esse lado mentiroso,

essa falsa luz, só exista nas *Memórias* quando elas são muito recentes, quando as reputações se aniquilam bem depressa, tanto as intelectuais quanto as mundanas (pois, se

a erudição tenta reagir logo contra semelhante sepultamento, conseguirá afastar um em mil

desses esquecimentos que se acumulam?).

Essas idéias, tendendo umas a diminuir, outras a aumentar a minha tristeza por não

possuir dotes literários, jamais se apresentaram ao meu pensamento durante os longos

anos que passei longe em Paris, num sanatório, onde aliás renunciei de todo ao projeto de

escrever, até que a casa de saúde se viu desfalcada de pessoal médico, em princípios de

1916. Regressei, então, a uma Paris bem diversa, como em breve se verá, daquela a que

regressara uma primeira vez, em agosto de 1914, para sofrer um exame médico, após o

qual me recolhera de novo ao sanatório. Numa das primeiras noites de meu novo retorno,

em 1916, tendo vontade de ouvir falar da única coisa, então me importava, a guerra, sai

depois do jantar para fazer uma visita à Verdurin, pois ela estava com a Sra. Bontemps, uma

das rainhas durante a guerra, que lembrava a do Diretório. Como que pela ação de um

fermento, em aparência de geração espontânea, as moças andavam todo com

altos

turbantes cilíndricos como o faria uma contemporânea da Senhora. trazendo, por civismo,

túnicas egípcias retas, escuras, ao jeito militar, muito curtas, calçavam sapatos atados por

correias, lembrando o coturno de longas polainas como as de nossos caros combatentes;

porque não se esqueciam de seu dever de alegrar os olhos desses combatentes, diziam,

era que como se enfeitavam não só de vestidos "flutuantes", mas também de jóias, cujos

decorativos evocavam o exército mesmo quando o material dele não procede, nem nele fora

trabalhado. Em vez de ornatos egípcios que lembrassem a carne do Egito, viam-se anéis e

braceletes feitos com fragmentos de canhões; de isqueiros formados por duas moedas

inglesas, às quais um em seu abrigo, lograra dar uma pátina tão bela que se diria traçado

pelo perfil da rainha Vitória; era, também, por pensarem nisso constantemente; ainda, que,

quando morria um dos seus, mal punham luto, ao pretexto de "mesclado de orgulho", o que

permitia um bonezinho branco de crepe mais gracioso efeito e que "autorizava todas as

esperanças", invencível do triunfo definitivo; e substituíra casimira de outrora pelo cetim e

pela seda; e até mesmo conservar as pérolas, "sempre observando o tato e a que é

escusado lembrar às francesas".

O Louvre e todos os museus estavam fechados, e, quando se lia na manchete de um

jornal: "Uma exposição sensacional", podia-se ter certeza de que tratava de uma exposição,

não de quadros, mas de vestidos; e aliás vestidos adornados à "essas delicadas jóias de

arte de que as parisienses há muito são privadas". Desse modo é que voltavam a elegância

e o prazer; a elegância, na das artes, procurando desculpar-se, como os artistas de 1793,

ano em que, no Salão revolucionário, proclamavam que pareceria injustamente "estranhos

publicanos austeros que nos ocupemos das artes quando a Europa, assedia o território da

liberdade". Assim procediam, em 1916, os costureiras aliás, com uma orgulhosa consciência

de artistas, confessavam que, "por novo, afastar a seda; banalidade, afirmar uma personalidade, preparara vitória, para as gerações do pós-guerra uma nova fórmula do belo,

tal era a ambição que os animava, a quimera que perseguiam, conforme se poderia

constatar indo, seus salões deliciosamente instalados na rua da ..., onde a palavra de ordem

era se apagar, com um tom luminoso e alegre, as pesadas tristezas da ocasião, discrição

todavia imposta pelas circunstâncias".

"As tristezas da ocasião", é verdade, "poderiam, sem dúvida, vender as energias

femininas se não tivéssemos tantos altos exemplos de coragem, a existência a nos servir de

meditação. Assim, pensando em nossos combatentes que, no fundo de suas trincheiras,

sonham com mais conforto e mais graça para a querida ausente, deixada no lar, não

cessaremos de caprichar cada vez mais na criação de vestidos que se adaptem às necessidades do momento. A voga, isto se percebe, "é sobretudo a das casas inglesas,

portanto aliadas, e este ano impera a loucura pelo vestido-tonel, cuja bela simplicidade nos

confere a todas um estilo interessante de rara distinção. Será mesmo uma das mais felizes

consequências dessa triste guerra", acrescentava o agradável cronista (esperava-se: "a

retomada das províncias perdidas, o despertar do sentimento nacional"), "será mesmo uma

das mais felizes consequências dessa guerra o fato de se terem obtido belos resultados no

terreno da toalete, sem luxo descabido e má qualidade, com tão pouco material, de se terem

obtido coisas tão graciosas com quase nada. Ao vestido do grande costureiro, editado com

vários exemplares, preferem-se no momento as roupas feitas em casa, porque afirmam o

espírito, o gosto e as tendências individuais de cada um".

Quanto à caridade, pensando em todas as misérias nascidas da invasão, em tantos

mutilados, era bem natural que a moda devesse tornar-se "mais engenhosa ainda", o que

obrigaria as senhoras de altos turbantes a passar o fim da tarde nos chás, ao redor de uma

mesa de *bridge*, comentando as notícias do *front*, enquanto à porta esperavam-nas seus

automóveis, em cujo assento um belo militar conversava com o lacaio. Aliás, não eram

novos apenas os chapéus cujos estranhos cilindros encimavam os rostos. Os próprios

rostos o eram também. Essas damas de chapéus novos eram mulheres jovens chegadas

não se sabia bem de onde, e que eram a flor da elegância, uma há seis meses, outras há

dois anos, outras ainda há quatro. De resto, tais diferenças tinham, para elas, tanta importância como, no tempo em que eu estudara na sociedade, as havia, entre duas famílias

como os Guermentes e os La Rochefoucauld, três ou quatro séculos de antiguidade

comprovada. A dama que conhecia os Guermentes desde 1914 encarava como uma

arrivista aquela que lhe apresentavam na casa deles em 1916, cumprimentava-a com certa

distância, examinava-a com seu *lorgnon* e confessava, com um trejeito, que não se sabia ao

certo se aquela senhora era casada ou não. "Tudo isso é por demais nauseabundo",

concluía a dama de 1914, que desejava que o ciclo de novas admissões se encerrasse

depois dela. Essas novas pessoas, que os jovens achavam muito antigas, e que, aliás,

certos velhos, que haviam freqüentado outras rodas além da alta, julgavam reconhecer e

não seriam já tão novas, não ofereciam à piedade apenas os divertimentos da conversação

política e a música na intimidade de quem lhes convinha; era preciso que fossem as únicas

que os oferecessem. Pois, para que as coisas pareçam novas, ainda que antigas, e mesmo

se são novas, é preciso, na arte como na medicina, como no mundanismo, nomes novos.

(Aliás, novos nomes em certas coisas. Assim, a Sra. Verdurin fora à Veneza durante a

guerra, mas, como as pessoas que desejam evitar falar em desgosto e sentimento, dizia que

algo era estupendo, o que admirava não era Veneza, nem a catedral de Marcos, nem os

palácios, tudo o que me havia agradado e a que ela não dava a mínima importância, e sim o

efeito dos projetores no céu, os projetores os quais dava informações apoiadas em cifras.

Assim, de tempos em tempos, um certo realismo reagindo contra a arte admirada até

então.)

O salão Saint-Euverte era um rótulo desbotado que, mesmo com a lembrança dos

maiores artistas e dos ministros mais influentes, não teria atraído. Pelo contrário, corria-se a

ouvir uma palavra pronunciada pelo secretário daqueles, ou pelo sub-chefe de gabinete de

um destes, na casa das novas de turbante, cuja invasão alada e tagarela enchia Paris. As

damas do primeiro Diretório, possuíam uma rainha que era jovem e bela, e se chamava

Madame Tal ie'n - segundo tinham duas, velhas e feias, chamadas Sra. Verdurin e Sra.

Bontemps. Quem poderia ressentir-se com a Sra. Bontemps por ter o seu marido desejo no

Caso Dreyfus, um papel que o *Écho* de Paris duramente criticara? Tendo a Câmara, em

dado momento se tornado revisionista, recrutaram-se forças amplas entre os antigos

revisionistas, como entre os antigos socialistas, os membros do Partido da Ordem Social, da

tolerância religiosa e da preparação militar. Antigamente, teriam detestado o Sr. Bontemps

porque os anti-patriotas tinham então os dreyfusistas. Mas em breve esse nome fora

esquecido, sendo substituído do adversário da lei dos três anos. O Sr. Bontemps era, ao

contrário, um dos adeptos dessa lei; portanto, era um patriota.

Na sociedade (e aliás semelhante fenômeno social não é senão a aplicação de uma

lei psicológica bem mais geral), as novidades, culpadas ou não, só são o horror enquanto

não são assimiladas e envoltas em elementos tranqüilizam.

Acontecera com o dreyfusismo o mesmo que ocorrera com o casamento de Saint-

Loup com a filha de Odette, casamento que a princípio dera o que falar: que

viam na casa

dos Saint-Loup todas as pessoas "que se conheciam", Gilberte poderia ter os costumes da

própria Odette que, apesar disso, todos a "freqüentariam" e aprovariam que ela censurasse,

com empáfia, as novidades mesmo assimiladas. O drey fusismo, agora, estava integrado

numa série de coisas agradáveis e habituais. Quanto a indagar o que por si mesmo valia,

ninguém, poderia agora, para admiti-lo, como não se pensara outrora para condená-lo. Ele

era mais *shocking*. Era o que bastava. Mal se lembravam que ele o fora, como já sabe, ao

cabo de algum tempo, se o pai de uma moça era ou não um necessário, podia-se dizer:

"Não, é de um irmão ou de um cunhado que o está falando. Mas dele nunca se falou mal."

Da mesma forma, certamente o anti-drey fusismo e drey fusismo, e o que ia à casa da

duquesa de Montmorency e aprovar a lei dos três anos não podia ser o ruim. Em todo caso,

misericórdia a todo pecado. Este esquecimento que se outorgara ao drey fusismo favorecia

os drey fusistas. De resto, sobravam apenas eles na política, visto que, em dado momento,

tiveram de adotar esse rótulo todos aqueles que desejaram participar do governo, mesmo se

representassem o oposto do que o drey fusismo, em sua chocante novidade, havia encarnado (no tempo em que Saint-Loup se inclinava por tendências perigosas):

o

antipatriotismo, a não religião, a anarquia etc. Assim, o dreyfusismo do Sr. Bontemps,

invisível e essencial como o de todos os políticos, não se lhe notava mais do que os ossos

sob a pele. Ninguém se recordava que ele fora dreyfusista, pois os mundanos são distraídos

e esquecidos; também porque havia decorrido muito tempo, que eles afetavam ter sido

maior ainda, visto que uma das idéias da moda era dizer que o período anterior à guerra

estava separado da guerra por algo tão profundo e, aparentemente, tão prolongado quanto

um período geológico; e o próprio Brichot, o nacionalista, quando aludia ao Caso Dreyfus,

comentava: "Naqueles tempos pré-históricos." (Na verdade, essa mudança profunda

operada pela guerra estava na razão inversa do valor dos espíritos afetados, pelo menos a

partir de um certo grau. Nas camadas inferiores, os rematados idiotas e os perfeitos

gozadores nem se preocupavam com a guerra. Mas, nos níveis superiores, aos que fazem

da vida interior o seu ambiente, pouco lhes importa o vulto dos acontecimentos. O que, para

eles, modifica profundamente a ordem dos pensamentos é antes alguma coisa que parece

não ter em si qualquer importância e que lhes inverte a ordem cronológica do tempo,

tornando-os contemporâneos de outra época de suas vidas.

Pode-se, de modo prático, perceber a beleza das páginas que tais coisas lhes

inspiram: um canto de pássaro no parque de Montboissier, ou uma brisa que recende ao

perfume do resedá são, evidentemente, fatos de menor consequência que as grandes datas

da Revolução e do Império. Todavia, inspiraram à Chateaubriand, nas *Memórias de Além-*

tímulo, algumas páginas de valia infinitamente superior.) Os termos dreyfusista e antidreyfusista já careciam de sentido, diziam as mesmas pessoas que teriam ficado

pasmas e revoltadas se lhes contassem que, provavelmente, dentro de alguns séculos, ou

talvez menos, palavras como *boche* só teriam o valor de curiosidade, da mesma forma que

sans-culotte, *chouan* ou *bleu*.

[" *Boche*, alemão; *sansculotte*, revolucionário republicano (da Revolução Francesa); *chouan*,

nome que se dava ao revoltoso da região da Vendéia, na França, que se insurgiu contra a

Revolução Francesa em 1793; *bleu*, popularmente, todo recruta em serviço militar. (N. do T)]

-usqu'au-boutiste, partidário do *jusqu'au-boutisme*, termo criado por Maurice, em 1914, para

radicalizar uma posição nacionalista antigermânica. A tradução literal seria "até-o-finzismo" e

"até-o-finzistá". (N. do T)]

O Sr. Bontemps não queria ouvir falar de paz sem que a Alemanha fosse reduzida

à

mesma fragmentação que na Idade Média, sem que se declarasse a degradação da casa de

Hohenzol ern, e Guilherme II levasse doze tiros. Numa palavra, era o que Brichot denominava um *jusqu'au-boutiste*, ["partido dos duques", do qual soubera ser o Sr. d'Haussonvil e um dos maiores da Academia]; era o breve de civismo que lhe poderiam dar

é claro que nos três primeiros dias da temperança se sentira um tanto deslocada no meio de

pessoas que manifestavam desejos de conhecê-la, e foi num tom ligeiramente rabugento

que Verdurin respondeu: - O conde, minha cara Sra. Bontemps, que é mesmo o duque

d'Haussonvil e que você me acaba de apresentar? Com total ignorância e ausência de

associação entre o nome de Haussonville e o atual quer seja, pelo contrário, por excessiva

instrução e associação de idéias.

A partir do quarto dia, ela principiara a instalar-se de maneira só no *faubourg* Saint-

Germain. Às vezes, notavam-se ainda a seu redor os estranhos conhecidos de uma

sociedade que ignoravam, e que eram naturalmente como que os restos de casca ao redor

do pinto, pelos que conheciam de que ovo saíra a Sra. Bontemps. Mas no fim da primeira

quinzena já os havia sacudido antes de se completar um mês, quando ela dizia: - Vou à

casa dos Lévy -, entendiam, sem que ela precisasse explicar, que se tratava dos Lévis-Mire

nenhuma duquesa se deitaria sem ouvir da Sra. Bontemps ou da Sra. Verdurin, ao menos

por telefone, o que dizia o comunicado da noite, o que fora omitido, e como andavam as

coisas na Grécia, qual a ofensiva que se preparava, numa palavra; aquilo que o público só

saberia no dia seguinte, ou mais tarde ainda, e de que desse modo, fazia, como as costureiras, uma espécie de exibição privada. Na conversa, a Sra. Verdurin, para comunicar

as novidades, dizia: - "nós" falamos à França.- Pois bem, é isto: nós exigimos do rei da

Grécia que se retire do Pelo etc., nós lhe enviamos etc. - E nesses relatos retornava o

tempo todo o G. Q. G. ("telefonei ao G. Q. G."), a abreviatura que ela pronunciava com o

mesmo ar para as mulheres que, antigamente, não conhecendo o príncipe de Agrigento,

perguntariam sorrindo quando falavam dele, e para mostrar-se a par do assunto: "Gri tem

prazer reservado apenas aos mundanos em épocas mais tranquilas, mas nas grandes

crises até o povo experimenta. Nosso mordomo, por exemplo, falavam do rei da Grécia, era

capaz de dizer, graças aos jornais, como Guilherme-Tino - apesar de ter sido até então mais

vulgar a sua familiaridade como os inventada por ele mesmo, como quando, outrora, ao

referir-se ao rei da Espanha dizia: "Fonfonse". Aliás, pôde-se notar que, à medida que

aumentava o número de pessoas ilustres que se relacionavam com a Sra. Verdurin,

diminuía o número que ela chamava de "maçantes". Por uma espécie de transformação

mágica a pessoa tida como "maçante", que lhe fazia uma visita e solicitava um contrato

tornava-se de súbito alguém agradável e inteligente. Em suma, ao cabo de um tempo o

número dos "maçantes" diminuiu tanto que "o medo e a impossibilidade de aborrecer", que

tinham tido um lugar tão grande na conversa, desempenhava papel tão decisivo na vida da

Sra. Verdurin, desapareceram quase por completo. Dir-se-ia que, no fim da vida, essa

impossibilidade de aborrecer-se (que antigamente, aliás, ela assegurava não ter sentido na

primeira mocidade) a fazia sofrer menos, como certas enxaquecas, ou certas asmas de

caráter nervoso, que diminuem de intensidade quando se envelhece. E o receio de

aborrecer-se teria com certeza abandonado inteiramente a Sra. Verdurin, por falta de

"maçantes", se ela, em pequena escala, não houvesse substituído os que já não o eram por

outros, recrutados entre os antigos fiéis.

De resto, para terminar com as informações sobre as duquesas que agora

freqüentavam a casa da Sra. Verdurin, elas iam buscar ali, sem o perceberem,

exatamente

a mesma coisa que os dreyfusistas antigamente, ou seja, um prazer mundano composto de

tal modo que sua degustação fartasse as curiosidades políticas e satisfizesse a necessidade

de comentar entre si os incidentes lidos nos jornais. A Sra. Verdurin dizia:

- Venha às cinco horas falar da guerra-, como outrora "falar do Caso Drey fus", e, no

intervalo:-Venham ouvir Morel.

Ora, Morel não deveria comparecer, pelo simples motivo de que não fora dispensado

do serviço militar. Simplesmente não se apresentara, era um desertor, mas ninguém o

sabia.

As coisas eram de tal modo as mesmas que retomavam muito naturalmente as

palavras de outrora: "bem pensantes, mal pensantes". E, como pareciam diferentes, como

os antigos partidários da Comuna tinham sido anti-revisionistas, os maiores dreyfusistas

queriam mandar fuzilar todo mundo, contando com o apoio dos generais, como estes, no

tempo do Caso Drey fus, tinham sido contra Gal iffet.

A essas reuniões a Sra. Verdurin convidava algumas senhoras um tanto recentes,

conhecidas pelas jóias, e que nas primeiras vezes compareciam com vestidos berrantes e

grandes colares de pérolas, que Odette, possuidora de um colar igualmente admirável, de

cuja exibição ela própria havia abusado, olhava com severidade, agora que

andava de

"uniforme de guerra", à imitação das damas do *Faubourg*. Mas as mulheres sabem adaptar-

se. Depois de três ou quatro vezes, elas se davam conta de que os vestidos que haviam

considerado elegantes eram precisamente proscritos pelas pessoas que o eram, punham de

lado os vestidos resplandecentes e se resignavam à simplicidade.

Uma das estrelas do salão era o "Em-apuros", que, apesar dos gostos esportivos, conseguira ser considerado inapto. Tornara-se, para mim, de tal modo o autor de uma obra

admirável, sobre a qual eu estava sempre meditando, que somente por acaso, quando

estabelecia uma corrente transversal entre duas séries de recordações, é que me lembrava

que ele fora o causador da saída de Albertine de minha casa. E mesmo assim, essa

corrente transversal ia dar, no que diz respeito aos restos das reminiscências de Albertine,

num caminho inteiramente abandonado a vários anos de distância. Pois eu nunca pensava

nela. Era um caminho de recordações, um rumo que jamais seguia. Ao passo que as obras

de "Em-apuros" eram mais recentes e esse rumo de lembranças permanentemente

freqüentado e utilizado pelo meu espírito.

Devo dizer que as relações com o marido de Andrée não eram agradáveis, e que a

amizade que lhe devotasse sofria muitas decepções; naquela ocasião já estava muito

doente e procurava evitar as fadigas de que esperasse extrair nenhum prazer. E só incluía

nestas os encontros com quem ainda não conhecia, e que sua ardente imaginação sem

dúvida lhe reatava como tendo uma possibilidade de serem diferentes dos outros. Quanto

aos conhecidos, sabia muito bem como eram, e não lhe pareciam valer a pena um cansaço

perigoso, talvez mortal. Em suma, era um amigo muito ruim. Restava seu gosto pelas novas

pessoas se pudesse encontrar algo da sua audácia freqüente de outrora, em Balbec, nos

esportes, no jogo, em todos os excessos.

Quanto à Sra. Verdurin, a todo instante queria apresentar-me à Andrée sem poder

admitir que eu já a conhecesse. Aliás, Andrée raramente comparecia com o marido. Era,

para mim, uma amiga adorável e sincera; fiel à estética; fiel ao marido, em reação contra os

balés russos, dizia do marquês de Polignac:

- Sua cama é decorada por Bakst. Como é que se pode dormir lá dentro? Eu

preferiria Dub' -

De resto, os Verdurin, devido ao progresso fatal do esteticismo que acatava a comer

a própria cauda, afirmavam não suportar o *modem style* (além do mais, era muniquense)

nem os apartamentos brancos, e só apreciavam os velhos móveis franceses em ambiente

sombrio.

Vi muitas vezes Andrée por esse tempo. Não sabíamos o que dizer um ao outro, e uma vez pensei naquele nome de Juliette que subira do fundo da recordação de Albertine

como uma flor misteriosa. Misteriosa naquela época, mas que hoje não evocava mais nada.

Apesar de falar sobre tantos assuntos indiferentes, calei-me a tal respeito; não que fosse

menos indiferente que os outros, mas porque existe uma espécie de supersaturação das

coisas em que pensamos demais. Talvez fosse verdadeiro o período em que eu via naquilo

tantos mistérios. Mas, esses períodos não hão de durar para sempre, não devemos sacrificar a saúde, a fortuna, na descoberta de mistérios que um dia deixarão de nos

interessar.

Por esse tempo, causou grande espanto, visto que a Sra. Verdurin ter em casa quem

quisesse, vê-la fazer indiretamente gentilezas a alguém que perdera inteiramente de vista,

Odette. Achavam que esta nada acrescentaria ao brilhante meio em que se transformara o

pequeno clã dos Verdurin. Mas a separação prolongada, ao mesmo tempo que acalma os

rancores, desfaz às vezes a amizade. E, além disso, o fenômeno que leva não só os

agoniza pronunciarem somente nomes que lhes foram familiares outrora, mas os faz se

comprazerem nas recordações da infância, esse fenômeno tem o seu equivalente social.

Para ter êxito na empreitada de fazer Odette retornar à sua casa, a Sra. Verdurin não se

utilizou, é claro, dos "ultras", mas dos freqüentadores menos que tinham conservado um pé

num e noutro salão. Dizia-lhes:

- Não sei porque não a vemos aqui. Talvez esteja zangada, eu não. Afinal, que foi que lhe fiz? Foi na casa da rainha que ela conheceu seus dois maridos. Se quiser voltar,

saiba que as portas lhe estão abertas.-

Tais palavras, que deveriam ter magoado o orgulho da patroa caso não fossem ditadas por sua imaginação, foram repetidas, mas sem sucesso. A Sra. Verdurin esperou

Odette, sem vê-la regressar, até que certos acontecimentos, que veremos mais adiante,

conseguiram, por outros motivos, o que não obtivera a embaixada, todavia zelosa, dos

inconstantes. Tanto são poucas as conquistas fáceis quanto as derrotas definitivas.

A Sra. Verdurin dizia:

- É desolador, vou telefonar à Bontemps a fim de que tome providências para amanhã. Já "empastelaram" de novo o final do artigo de Norpois e apenas porque ele

insinuou que tinham posto empecilho "no desvio". -

Pois a estupidez da moda fazia com que as pessoas julgassem ponto de honra

empregar expressões correntes, e ela julgava mostrar-se "da moda", assim como uma

burguesa ao dizer, a propósito do Sr. de Bréauté, do Sr. de Agrigento ou do Sr. de Charlus:

- Quem? Babal de Bréauté, Grigri, Mémé de Charlus? -

Aliás, as duquesas faziam o mesmo, tendo igual prazer em falar "no desvio", pois, se

o seu nome fala à imaginação dos plebeus um tanto poetas, elas se exprimem de acordo

com a categoria intelectual, bastante burguesa, a que pertencem. As classes intelectuais

nada têm a ver com o nascimento.

Todos esses telefonemas da Sra. Verdurin, aliás, tinham os seus inconvenientes.

Embora tenhamos esquecido de dizê-lo, o "salão" Verdurin, se permanecia em espírito e em verdade, transportara-se momentaneamente a um dos maiores hotéis de

Paris, pois a falta de carvão e de luz tornara mais difíceis as recepções dos Verdurin na

antiga residência, muito úmida, dos embaixadores de Veneza. O novo salão, entretanto, não

era desagradável. Como em Veneza o espaço, diminuto por causa da água, determina a

forma dos palácios, como um palmo de jardim em Paris encanta mais que um parque na

província, a exígua sala de jantar da Sra. Verdurin no hotel formava uma espécie de losango

de paredes de alvura brilhante, onde se projetavam, como numa tela, todas as quartas-

feiras, e quase todos os dias, todas as pessoas mais variadas e mais interessantes, as

mulheres mais elegantes de Paris, encantadas por poderem usufruir do luxo dos Verdurin,

que, com sua fortuna, iam gastando, numa época em que os mais ricos reduziam as

despesas para não tocar nos seus rendimentos. A forma dada às recepções se modificara,

sem que deixassem de encantar Brichot, que, à medida que as relações dos Verdurin se

estendiam, mais prazeres novos, acumulados como surpresas num sapatinho de Natal,

encontrava em sua companhia. Por fim, em certos dias, sendo os convivas tão numerosos

que a sala de jantar do apartamento se tornava pequena demais, servia-se o jantar na

enorme sala do térreo, onde os fiéis, fingindo hipocritamente lastimar a intimidade do andar

superior - como outrora a necessidade de convidar os Cambremer fazia com que a Sra.

Verdurin dissesse que se aborreceriam - entulhavam no fundo, fazendo um grupo à parte,

como antigamente no trenzinho, por serem objeto de contemplação e inveja dos ocupantes

das mesas. Sem dúvida, nos tempos normais de paz, uma nota mundana, sub-reptícia

enviada ao *Figaro* ou ao *Gaulois*, teria comunicado a mais pessoas do que poderia conter a

sala de jantar do Majestic, que Brichot jantara com a duquesa Duras. Mas desde a guerra,

tendo os cronistas mundanos suprimido esse de informações (eles se desforravam nos

enterros, nas citações e nos franco-americanos), a publicidade só podia existir por meio

desse expediente hostil e restrito, digno das eras primitivas e anterior à descoberta de

Gutenberg visto à mesa da Sra. Verdurin. Depois do jantar, subia-se para os salões e então

os telefonemas começavam. Mas, naquela época, muitos dos grandes que estavam cheios

de espões que anotavam as notícias transmitidas por com uma indiscrição, felizmente

corrigida apenas pela inexatidão dos seus nomes, sempre desmentidos pelos acontecimentos.

Antes da hora em que terminavam os chás, ao cair da tarde, no céu claro, viam-se

ao longe pequenas manchas escuras que, no crepúsculo poderiam tomar por mosquitos ou

passarinhos. Assim, quando se via uma andorinha muito ao longe, era possível confundi-la

com uma nuvem. Mas e imaginar que essa nuvem é sólida, imensa e resistente. Assim,

estava eu como por aquela mancha escura no céu estival, que não era nem mosquito nem

passarinho, mas um aeroplano tripulado por homens que velavam sobre Paris. (A ação dos

aeroplanos que tinha visto com Albertine no nosso último passeio de Versalhes, não entrava

em nada nessa emoção, pois a lembrança desse passeio se me tornara

indiferente.)

À hora do jantar, os restaurantes estavam cheios; e, se, passando nestes eu via um

pobre soldado de licença, livre por seis dias do risco permanente da morte, e prestes a

voltar para as trincheiras, deter seus olhos, por um instante, nas vidraças iluminadas, sofria

como no hotel de Balbec, quando os pescadores observavam-me a comer, porém sofria

ainda mais por saber que a miséria do soldado era maior que a dos pobres, pois abrangia

todas as misérias, sendo mais ainda por ser mais resignada, mais nobre, e conhecia o

sacudir filosófico de cara sem ódio, com o qual, pronto para retornar à guerra, ele

murmurava, aos *embusqués* ao se acotovelarem para conservar em suas mesas: "Nem se

diria que guerra por aqui."

*[*Embusqués*: gíria militar francesa, que designava o soldado que, tendo um emprego civil,

era dispensado do serviço de caserna e do alistamento militar. (N. do T)]*

Depois, às nove e meia, quando ninguém tivera tempo de terminar o jantar,

apagavam-se bruscamente todas as luzes, em obediência às ordens da polícia, e a nova

arremetida dos *embusqués*, arrancando os soberanos aos lacaios do restaurante, onde eu

havia jantado com Saint-Loup numa noite na qual a licença ocorrera às nove e trinta e cinco

minutos, numa misteriosa penumbra de quarto onde se projeta a lanterna mágica, de sala

de espetáculos que serve para exhibir os filmes de um desses cinemas para os quais iam

precipitar-se os que jantavam, homens e mulheres. Mas, depois dessa hora, para aqueles

que, como eu, na noite da qual estou falando, jantavam em casa e saíam para ver os

amigos. Paris era, ao menos em certos bairros, ainda mais escura que a Combray da minha

infância; as visitas que se faziam, assumiam um ar de visitas de vizinhos no campo.

Ah, se Albertine tivesse vivido, como seria doce, nas noites em que eu fosse jantar

no centro da cidade, marcar um encontro ao ar livre, sob as arcadas! A princípio, eu não

distinguiria nada, teria a emoção de crer que ela faltara ao encontro; quando, de repente,

veria destacar-se da parede negra um de seus caros vestidos *grises*, seus olhos risonhos

que tinham me avistado, e poderíamos passear abraçados sem que ninguém nos visse ou

incomodasse, e a seguir voltar para casa. Ai de mim!, estava sozinho, com a impressão de ir

fazer uma visita de vizinho no campo, como as visitas que Swann nos fazia após o jantar,

sem dar com transeuntes na escuridão de Tansonvil e, no pequeno caminho de sirga, até a

rua do Saint-Esprit, mais do que eu agora, em ruas transformadas em sinuosos caminhos

rústicos, entre Sainte-Clotilde e a rua Bonaparte. Além disso, como nenhuma moldura,

tornada invisível, constrangia mais esses fragmentos de paisagem, à noite, quando o vento

soprava rajadas glaciais, eu me julgava, bem mais do que em Balbec, à beira do mar revolto

dos meus sonhos de antigamente; e mesmo outros elementos da natureza, que até então

não existiam em Paris, davam a ilusão de que, ao descer do trem, acabava-se de chegar

para as férias no campo. Por exemplo: o contraste de luz e sombra, bem próximo, no chão,

nas noites de luar. Este compunha efeitos que as cidades não conhecem, e até em pleno

inverno; seus raios estendiam-se na neve, que nenhum trabalhador removia mais, no

bulevar Haussmann, tal como nas geleiras dos Alpes. As silhuetas das árvores refletiam-se,

nítidas e puras, sobre essa neve de ouro azulado, com a delicadeza que têm em certas

pinturas japonesas ou em determinados fundos das telas de Rafael; alongavam-se no chão,

ao pé da própria árvore, como as vemos com freqüência ao vivo, pelo acaso, quando o sol

poente inunda e torna espelhantes as campinas em que as árvores se erguem a intervalos

regulares. Mas, por um requinte de delicadeza deliciosa, a campina em que se

desenvolviam essas sombras de árvores, leves como almas, era um prado paradisíaco, não

verde, mas de um branco tão brilhante, devido aos raios de luar que incidiam sobre a neve

de jade, que dir-se-ia que essa campina era tecida unicamente de pétalas de pereiras em

flor. E, nas praças, as divindades das fontes públicas, com o jato gelado a lhes sair das

mãos, pareciam estátuas de matéria dupla, para cuja execução o artista quisesa juntar,

exclusivamente, o bronze ao cristal. Naqueles dias excepcionais, todas as casas estavam às

escuras. Mas ao contrário, na primavera, de vez em quando, burlando os regulamentos da

polícia, uma residência particular, ou apenas o andar de um prédio, ou até somente um

aposento num hotel, sem ter fechado seus postigos, dando a impressão de sustentar-se

sozinho sobre as trevas impalpáveis, como projeção puramente luminosa, uma aparição

sem consistência. Se a mulher de alguém erguesse bem alto os olhos, se distinguia nessa

penumbra dourada, nessa noite em que se perdia o observador e ela própria parecia reclusa

num misterioso encanto velado de uma visão oriental. Depois, seguia-se em frente nada

mais interrompia a higiênica e monótona passada rústica na escuridão.

Lembrei-me de que há muito não revia nenhuma das pessoas de que trato nesta

obra. Apenas, em 1914, durante os dois meses que passara em Paris tinha avistado o Sr.

de Charlus e visto Bloch e Saint-Loup, este último somente por duas vezes. A

segunda vez

fora com certeza aquela em que se mostrara mais natural, desmanchando todas as

impressões pouco agradáveis de insinceridade que me causara na minha estadia em

Tansonvil e, a que me referi, e reconhecera - todas as belas qualidades de outrora. Na

primeira vez em que o vi após a declaração de guerra, ou seja, no começo da semana

imediate, enquanto Bloch exibia o exaltado nacionalismo, Saint-Loup, assim que Bloch nos

deixou, excedera em auto-ironias, porque não voltara ao serviço, e eu fiquei meio chocado

com a violência do seu tom. Saint-Loup voltava de Balbec. Soube mais tarde, indiretamente,

que as tentativas baldadas junto ao gerente do restaurante. Este último devia sua posição

ao que herdara do Sr. Nissim Bernard. Com efeito, não era outro senão o anterior jovem

empregado que o tio de Bloch "protegia". Mas a riqueza lhe trouxera a virtude. De modo que

foi em vão que Saint-Loup tentara seduzi-lo. Assim, em compensação enquanto os jovens

se deixam levar, com a idade, pelas paixões; depois, afinal tomaram consciência, os

adolescentes fáceis se tornam homens de princípios, contra os quais os Charlus, confiando

em antigos relatos, porém demasiadamente tarde, se chocam desagradavelmente. Tudo é

uma questão de cronologia.

A falsidade não faz mais prudentes a quem os acreditou quando surge um novo

rumor de bodas, de divórcio, ou um rumor político, para lhe dar crédito e difundi-lo. Não

tinham acontecido quarenta e oito horas quando certos feitos me demonstraram que estava

absolutamente equivocado na interpretação das palavras de Robert:

- Não! - exclamou ele com força, alegremente.-Todos os que não estão no fronte,

seja qual for o motivo que dêem, é porque não desejam ser mortos, é porque têm medo! - E,

com o mesmo gesto de afirmação, mais enérgico ainda do que com que sublinhara o temor

alheio, acrescentou: - E eu, se não me apresento ao serviço, é certamente por medo, e nada

mais! -

Eu já havia reparado, em pessoas, que a afetação de sentimentos louváveis não é a

única desculpa, mas que são malvados, sendo que um pretexto mais novo é a exibição

destes, de forma que ao menos não pareça ocultá-los. Além do mais, em Saint-Loup tal

tendência fortalecida pelo seu hábito, quando cometia uma indiscrição ou fazia uma que lhe

poderiam censurar, de proclamá-las dizendo que fora de propósito. Acredito, lhe viera de

algum professor da Escola de Guerra em cujo interior vivera, pelo qual professava enorme

admiração. Portanto, não senti qualquer constrangimento em interpretar essa tirada como a

ratificação verbal de um sentimento que Saint-Loup preferia proclamar abertamente, visto

que lhe ditara a conduta e sua abstenção na guerra que principiava.

- Quer dizer que ouviste dizer - perguntou-me ao ir embora que a tia Oriane ia se divorciar? Pessoalmente, não sei de nada. De vez em quando se fala disso, e eu ouvi

anunciarem esse divórcio tão amiúde que espero que aconteça, para crer. Acrescento que

seria perfeitamente compreensível; meu tio é um homem encantador, não só na sociedade,

mas para os amigos, os parentes. E até, sob certos aspectos, tem mais coração que minha

tia, que é uma santa, mas fá-lo sentir isso de maneira terrível. Apenas, é um marido

péssimo, que nunca deixou de enganar a esposa, insultá-la, tratá-la com brutalidade, privá-

la de dinheiro. Seria tão natural que ela o deixasse, que essa é uma razão para que a

notícia seja verdadeira, mas também para que o não seja, pois sobram motivos para que a

inventem e divulguem. E aliás, já que ela o suportou portanto tempo! Agora sei muito bem

que existem coisas que anunciam erradamente, que são desmentidas, e que mais tarde se

tornam verdadeiras. -

Aquilo me fez pensar em perguntar-lhe se alguma vez cogitara casar-se com a Srta.

de Guermantes. Teve um sobressalto e afirmou que não, que isso fora apenas um boato da

sociedade, desses que nascem de tempos em tempos, ninguém sabe por quê,

desaparecem como surgiram, e cuja falsidade não torna mais prudentes os que nele

acreditaram; tão logo aparecem novos rumores de noivado ou divórcio, ou um boato político,

eles crêem e os divulgam.

Saint-Loup dissera isto para brilhar na conversação, para ostentar originalidade

psicológica, enquanto não estava certo de que seu alistamento seria aceito. Mas, nesse

meio tempo, fazia o possível para que o fosse, revelando-se assim menos original, no

sentido que julgava ser preciso emprestar ao termo, porém mais profundamente francês de

Saint-André-des-Champs, mais em conformidade com tudo o que, por essa época, havia de

melhor nos franceses de Saint-André-des-Champs, senhores, burgueses e servos submissos aos senhores ou revoltados contra eles, duas divisões igualmente francesas da

mesma família, sub-ramificação Françoise e sub-ramificação Morel, de onde partiam duas

flechas, para se reunirem de novo numa só direção, que era a fronteira.

Bloch ficara encantado com a confissão de covardia de um nacionalista (que, aliás, o

era bem pouco) e, como Saint-Loup lhe indagasse se iria partir, assumira ares de sumo

sacerdote para responder: - Míope.

Mas Bloch mudara completamente de opinião sobre a guerra alguns dias depois, quando veio me visitar, muito aflito. Apesar de "míope", fora dado como bom para o serviço

militar. Acompanhava-o até sua casa quando Saint-Loup, que, para ser apresentado, no

Ministério da Guerra, a um coroamento; tinha um encontro marcado com um antigo oficial:

- "O Sr. de Cambremer", disse-me a verdade, é de um velho conhecido de quem te

falo. Tu conheces Cancan tão bem quanto eu. -

Respondi que o conhecia, de fato, e também à sua esposa, e que apreciava muito.

Mas estava de tal modo habituado, desde que os vira pela vez, a considerar a mulher como

uma pessoa notável, apesar de tudo, conhecedora de Schopenhauer, pertencente, em

suma, a um meio intelectual mais do que a seu grosseiro marido, que, a princípio, fiquei

assombrado ao ouvir me responder:

- A mulher dele é idiota, abandono-a a ti. Mas ele é um homem excelente, bem dotado, e continua bastante agradável.-

Pela "idiotice" de Saint-Loup sem dúvida entendia o desejo alucinado de freqüentar a

alta sociedade, o que esta não perdoa. Pelas qualidades do marido, sem dúvida, algumas

lhe reconhecia a mãe ao proclamá-lo o melhor da família. A ele, pelo menos, interessavam

as duquesas, mas, na verdade, tratava-se de uma inteligência diferente tanto da que

caracteriza os pensadores, como a "inteligência" atribuída em público a um determinado

homem rico "por ter sabido fazer sua fortuna". As palavras de Saint-Loup não me desagradavam, visto sugerirem que a presunção, vizinha da tolice e que a simplicidade tem

um gosto pouco pronunciado e agradável. Não me fora dado, é verdade, saborear a do Sr.

de Cambremer; justamente isto que faz com que uma pessoa seja tantas criaturas

diferentes, forme as pessoas que a julgam, mesmo sem se levar em conta as diferenças do

julgamento. Do Sr. de Cambremer eu só conhecera o escorço. E o sabor, que fora atestado

por outras pessoas, era-me desconhecido.

Bloch nos deixou diante da porta de sua casa, transbordante de azedume contra

Saint-Loup, dizendo-lhe que os outros, "belos rapazes" agora pavoneando-se nos Estados-

Maiores, não arriscavam coisa alguma, ao que ele, simples soldado de 21ª classe, não

desejava ser "crivado de balas" por causa de Guilherme.

- Parece que o imperador Guilherme está gravemente enfermo - respondeu Saint-

Loup.

Bloch que, como todas as pessoas que lidam com a Bolsa, com extrema facilidade

as notícias sensacionalistas, acrescentou:

- Dizem até que ele está morto. - Na Bolsa, todo soberano doente, fosse Eduardo VII

ou Guilherme II, está morto, toda cidade a ponto de ser assediada, já sofreu captura. - Só

dão o fato - continuou Bloch - para não abater o moral dos *boches*. Mas, morreu na noite de

ontem. Meu pai o soube por uma fonte altamente fidedigna. As fontes altamente fidedignas

eram as únicas que o Sr. Bloch pai levava em consideração porque, devido às "altas

relações", tinha a sorte de estar em comunicação das quais recebia a notícia, ainda secreta,

de que as ações da *Extérieure* iam subir, que as de *Beers* caíam. Aliás, se naquele preciso

momento houvesse uma alta ações da *Beers*, ou "ofertas" pelas da *Extérieure*, se o

mercado da primeiramente revelasse "firme" e "ativo", e o da segunda "hesitante", "fraco", e

as pessoas se prevenissem", nem por isso a fonte fidedigna deixava de sê-lo. Assim, Bloch

nos anunciou a morte do Kaiser com ar misterioso e importante, mas também irritado.

Especialmente exasperava-o ouvir Robert dizer: "o imperador Guilherme". Creio que, sob o

cutelo da guilhotina, Saint-Loup e o Sr. de Guermantes não diriam coisa diversa. Dois

homens da sociedade, últimos sobreviventes numa ilha deserta, onde não precisariam dar

provas de boas maneiras a ninguém, se reconheceriam graças a esses traços de polidez, da

mesma forma que dois latinistas citariam corretamente Virgílio.

Mesmo torturado pelos alemães, Saint-Loup jamais deixaria de dizer outra coisa que

não "o imperador Guilherme". E este *savoir-vivre* é, apesar de tudo, o grande sinal de

entraves para o espírito. Aquele que não sabe rejeitá-los, permanece um mundano. Essa

elegante mediocridade, aliás, é deliciosa - sobretudo pelo que deixa entrever de

generosidade escondida e de heroísmo não expresso - ao lado da vulgaridade de Bloch, a

um tempo covarde e fanfarrão, que gritava para Saint-Loup:

- Não poderias dizer "Guilherme", simplesmente? É isto, és um poltrão, e já te pões

de quatro diante dele! Ah, teremos bravos soldados na fronteira, vão lambar as botas dos

boches. Vocês usam galões e sabem se exhibir num picadeiro. Mais nada.

- Este pobre Bloch quer absolutamente que eu não faça outra coisa além de exibir-

me - comentou Saint-Loup sorrindo, depois de nos separarmos do nosso companheiro.

E senti perfeitamente que exibir-se não era de forma alguma o que Robert desejava,

embora na ocasião não lhe percebesse tão bem as intenções, como mais tarde, quando,

permanecendo inativa a cavalaria, ele conseguiu servir primeiro como oficial de infantaria,

depois como oficial dos atiradores, e, por fim, quando aconteceu o que se lerá mais adiante.

Porém Bloch não percebia do patriotismo de Saint-Loup, simplesmente porque Robert não o

manifestava de forma alguma. Se Bloch nos fizera profissões de fé maldosamente anti-

militaristas ao ser considerado apto, antes, quando se julgara dispensado por miopia, este

dera declarações extremamente nacionalistas. Mas tais declarações, Saint-Loup teria sido

incapaz de fazê-las; primeiro, por uma espécie de delicadeza moral que impede a expressão

de sentimentos muito profundos e que se consideram naturais. Minha mãe, outrora, não só

não teria vacilado um segundo em morrer por minha avó, como sofreria horrivelmente se a

tivessem impedido de fazê-lo. Não obstante, é-me impossível imaginar, retrospectivamente,

em sua boca uma frase do tipo:

"Darei a vida por minha mãe."

Tão tácito era Robert em seu amor pela França, que, nesse momento, eu o considerava, muito mais Saint-Loup (na medida em que podia me figurar seu pai) do que

Guermentes. Teria também sido preservado de expressar tais sentimentos pela qualidade

de certa forma moral de sua inteligência. Há entre os trabalhadores intelectuais e verdadeiramente sérios uma certa aversão por aqueles que transpõem para a literatura,

valorizando-o, tudo o que eles fazem. Não tínhamos estado juntos nem no liceu nem na

Sorbonne, mas, separadamente. E havíamos seguido certos cursos dos mesmos professores (e recorro o Saint-Loup) que, dando aulas notáveis, como alguns outros,

querem fazer-se passar por homens de gênio, dando um nome ambicioso às suas teorias.

Uma alusão a isso e Robert ria gostosamente. Naturalmente, não privilegiávamos o instinto

dos Cottard ou dos Brichot; mas enfim, mostrávamos uma certa consideração pelas pessoas

que conhecem a fundo o grego ou a medicina e nem por isso se julgavam autorizadas a

assumir ares de charlatões. Dizia eu que se todas as vezes em que mamãe outrora

assentava na idéia de que ela teria dado a vida por mim; o fato é que ela jamais formulara

tal sentimento para si própria e que, teria achado não apenas inútil e ridículo, mas também

chocante e vergonhoso expressá-lo aos outros; da mesma forma, é-me impossível imaginar,

Saint-Loup (ao me falar do seu equipamento, das marchas que tinha de de nossas chances

de vitória, o pouco valor do exército russo, daquilo que seria a Inglaterra), é-me impossível

imaginar em sua boca a frase, ainda a mais proferida por um ministro, mesmo o mais

simpático, aos deputados que o aplaudem de pé, entusiasmados. Todavia, não posso

garantir que não houvesse, lado negativo que o impedia de expressar os mais belos

sentimentos, um "espírito dos Guermantes", de que já vimos tantos exemplos no caso de

Saint-Loup. Pois, se o achava sobretudo um Saint-Loup, ele continuava sendo também

Guermantes, e assim, dentre os muitos motivos que excitavam a sua conversa havia

aqueles diversos dos de seus amigos de Doncieres, os rapazes apaixonados pela carreira

militar com quem eu jantara todos os dias, e dos quais tantos me falaram na batalha do

Marne ou alhures, junto com seus homens.

Os jovens socialistas que poderia haver em Doncieres, quando ali estivera, que não

chegara a conhecer porque não freqüentavam o meio de Saint-Loup, ter verificado que os

oficiais desse meio não eram de modo algum aristocratas - acepção altivamente orgulhosa e

grosseiramente gozadora que o "populacho", oficiais tarimbeiros e os maçons atribuíam a

esse termo. E aliás, paralelamente aos oficiais nobres encontraram esse mesmo patriotismo

pleno entre os socialistas em quem eu os ouvira acusar, enquanto estava em Doncieres, de

serem uns "sem pátria". O patriotismo dos militares, igualmente sincero e profundo,

assumira forma definida que eles julgavam intangível, e sobre a qual indignavam-se

lançando o opróbrio, enquanto os patriotas por assim dizer inconscientes, independentes,

sem religião patriótica definida, como eram os radicais socialistas, conseguiram compreender a realidade profunda daquilo que consideravam vãs e odiosas.

Como eles, Saint-Loup sem dúvida se habituara a desenvolver dentro de si, como a

parte mais genuína do seu eu, a pesquisa e a concepção das melhores manobras, tendo em

vista os maiores êxitos estratégicos e táticos, de modo que para ele, como para os demais,

a vida do corpo era algo relativamente sem importância, que podia facilmente ser sacrificada

a essa parte interior, verdadeiro núcleo vital a cuja volta a existência pessoal não tinha valor

senão como uma epiderme protetora. Na coragem de Saint-Loup havia elementos mais

característicos, entre os quais se reconheceria facilmente a generosidade que, logo no

começo, fora o encanto da nossa amizade, e, também, o vício hereditário que

mais tarde

despertara nele, e que, aliado a um certo nível intelectual que ele não cultivara, fazia-o não

somente admirar a coragem, mas levar o horror ao afeminamento a uma certa embriaguez

no contato com a virilidade. Vivendo ao relento com senegaleses, que a todo momento

faziam o sacrifício de suas vidas, ele sentia, castamente é claro, uma volúpia cerebral em

que entrava muito de desprezo pelos "homenzinhos efeminados", e que, por mais oposta

que lhe parecesse, não era muito diversa da que lhe conferia a cocaína da qual havia

abusado em Tansonvil e, e cujo heroísmo - como um remédio que substitui outro -o curava.

Em sua coragem havia, principalmente, aquele duplo hábito de polidez que, por um lado o

fazia elogiar os outros, mas, para si próprio, contentar-se em fazer bem as coisas sem dizer

nada a respeito (ao contrário de um Bloch, que lhe dissera em nosso reencontro:

"Naturalmente, você não arriscaria nada", e que não fazia coisa alguma); e, por outro lado,

levava-o a não dar valor ao que era seu, a fortuna, o nível social, sua própria vida, coisas

que lhes cedia. Numa palavra, a verdadeira nobreza de sua formação. Porém tantas origens

se confundem no heroísmo quanto esse gosto novo que se revelara nele, e também a

mediocridade intelectual que não soubera vencer, tinham sua parte nisso.

Assumindo os

hábitos do Sr. de Charlus, Robert se achou a assumir, igualmente, embora sob forma bem

diversa, o seu ideal de virilidade.

- A guerra vai durar muito tempo? - indaguei a Saint-Loup.

- Não, acredito numa guerra bastante curta - respondeu-me. Mas neste ponto, como

sempre, seus argumentos eram livrescos. - Levando em consideração as profecias de

Moltke, relê - disse ele, como se eu já tivesse lido - o decreto de 28 de outubro de 1913, a

respeito da conduta das grandes unidades; verás que a substituição das reservas em tempo

de paz não está organizada, nem sequer prevista, o que não teriam deixado de fazer se a

guerra devesse ser longa.-

Parecia-me ser possível interpretar o decreto em questão, não como prova de que a

guerra seria curta, mas como imprevisão de que ela o seria, e do que ela haveria de ser,

daqueles que a tinham redigido, e que não suspeitavam nem do que seria, numa guerra

estabilizada, o espantoso consumo de material de todo tipo, nem a solidariedade dos

diversos teatros de operação.

Fora a homossexualidade, nas pessoas naturalmente mais infensas ao

homossexualismo, existe um certo ideal convencional de virilidade que, caso o homossexual

não seja um indivíduo superior, encontra-se à disposição dele para ser corrompido alhures.

Esse ideal de certos militares, de certos diplomatas - é particularmente exasperador. Sob

seu aspecto mais vil, é simplesmente a dureza do coração de ouro que não quer parecer

comovido e que, no momento em que um amigo que talvez venha a ser morto, tem no fundo

uma vontade de chorar que ninguém duvida, porque ele a esconde sob uma cólera

crescente que talvez por explodir no instante em que se deixam: "Vamos, com os diabos!,

seu idiota; abraçe-me, e pegue logo essa bolsa que me incomoda, seu imbecil!"
O

diplomático oficial, o homem que sente que apenas uma grande obra nacional é o que

precisa, mas que, ainda assim, nutriu afeição pelo "pequeno" que estava na legação, no

batalhão, e que morreu de febres ou de um tiro, apresenta o mesmo gosto de virilidade sob

um aspecto mais hábil, mais sábio, mas, no fundo, igualmente odioso. Não deseje prantear

o "pequeno", sabe que em breve não se pensará neste como o cirurgião bondoso que,

todavia, na noite da morte de uma doente que tinha moléstia contagiosa, sente um desgosto

que não manifesta. Por menos diplomata seja escritor e narre essa morte, não dirá que

sentiu desgosto; primeiro, por "pudor viril", depois, pela habilidade artística, que faz nascer a

dissimulando-a. Um de seus colegas e ele velarão o agonizante. Em nenhum momento

dirão que sentiram mágoa. Falarão dos casos da legação, ou do batalhão até com maiores

detalhes que de costume:

' - B*** me diz "Não se esqueçam que amanhã teremos revista do general, cuidem

para que seus homens se apresentem asseados."

Ele, de hábito tão doce, falava em tom mais seco que de costume. Percebi que

evitava encarar-me. Eu mesmo também estava nervoso. E o leitor compreende que esse

tom seco é a mágoa nas pessoas que desejam parecer magoadas, o que seria

simplesmente ridículo, mas que é realmente horrendo e desesperador, pois é o modo de

sentir desgosto entre as criaturas que julgam que o desgosto já não conta, que a vida é mais

séria que as separações etc., de maneira que, nas mortes, dão essa idéia de mentira, de

vazio, que no dia de Ano-Novo, dá o senhor que, nos trazendo marrons-glacés, diz: "Desejo-

lhe que tenha um Ano Feliz", em tom de troça, mas mesmo assim o diz. Para terminar com o

relato do oficial ou do diplomata em vigília ao agonizante de cabeça coberta porque o ferido

foi transportado ao ar livre, num certo momento tudo se acabou:

- Eu pensava: é preciso voltar a preparar as coisas para dar polimento, não sei bem

por quê, no momento em que o médico largou o pulso, B*** e eu sem nenhuma

combinação,

talvez porque tivéssemos calor, pois o sol caía; empinamos conosco de pé diante do leito e

tiramos o quepe.

E o leitor percebe muito bem que não foi devido ao calor do sol, mas emoção diante

da majestade da morte, que os dois homens viris, que nunca pronunciaram as palavras

"ternura" e "mágoa", se descobriram.

O ideal de virilidade dos homossexuais do tipo Saint-Loup não é igualmente o

mesmo, porém tão convencional e mentiroso quanto o outro. A mentira para eles, reside no

fato de não quererem se dar conta de que o desejo físico está na base dos sentimentos aos

quais atribuem outra origem. O Sr. de Charlus detestava o afeminamento; Saint-Loup

admira a coragem dos rapazes, a ebriedade das cargas de cavalaria, a nobreza intelectual e

moral das amizades entre homens, inteiramente puras, onde um sacrifica sua vida pela do

outro. A guerra que faz, nas capitais em que só restam mulheres, o desespero dos

homossexuais, será pelo contrário o romance apaixonado dos homossexuais, se estes

forem suficientemente inteligentes para imaginarem quimeras, não o bastante para saberem

desvendá-las, reconhecer sua origem, e se julgarem. De modo que, quando certos rapazes

se engajaram simplesmente por espírito de imitação esportiva (como num

determinado ano

todos jogam diabolô), para Saint-Loup a guerra foi sobretudo o próprio ideal que ele

pensava perseguir em seus desejos muito mais concretos, porém eivados de ideologia, ideal

servido em comum com as criaturas que ele preferia, numa ordem de cavalaria puramente

masculina, longe das mulheres, onde poderia expor a vida para salvar seu ordenança e

morrer inspirando um amor fanático aos seus homens. E assim, conquanto sua coragem

abrigasse muitas outras coisas mais, o fato de que ele era um fidalgo nela se achava; e nela

se achava, igualmente, sob uma forma irreconhecível e idealizada, a idéia do Sr. de Charlus,

que era a de que a essência de um homem não tem nada de afeminado. Aliás, da mesma

maneira que, na filosofia e na arte, idéias análogas só valem pelo modo como são

desenvolvidas, podendo diferir grandemente caso sejam expostas por Platão ou Xenofonte,

assim também, mesmo reconhecendo o quanto ambos se realizam fazendo isso, admiro

Saint-Loup, solicitando partir para o ponto mais perigoso de combate, infinitamente mais que

o Sr. de Charlus, evitando usar gravatas claras.

Falei a Saint-Loup do meu amigo, o gerente do Grande Hotel de Balbec, que, ao que

parece, anunciara terem ocorrido em certos regimentos franceses, no começo

da guerra,

algumas defecções que ele denominava "defeituosidades", acusando-as de terem sido

causadas pelo que chamava de "militarista prussiano". Em dado momento, chegara mesmo

a acreditar num desembarque simultâneo de japoneses, alemães e cossacos em Rivebel e,

ameaçando Balbec, e dissera que nada mais tinha a fazer senão "raspar-se".

Achava um tanto precipitada a partida dos poderes públicos para Bordéus,

declarando que eles tinham feito mal em "raspar-se" tão depressa. Este germanóforo

afirmava, rindo, a propósito do irmão:

- Está nas trincheiras, a vinte e cinco metros dos boches! -até que, verificando-se

que ele próprio o era, internaram-no num campo de concentração. - A propósito de Balbec,

lembras-te do antigo ascensorista do hotel? - indagou Saint-Loup ao despedir-se, no tom de

alguém que não estivesse sabendo de quem se tratava, e que contasse comigo para

esclarecê-lo. - Alistou-se e me escreveu, pedindo que o fizesse entrar para a aviação. É

claro que o ascensorista estava farto de subir na gaiola cativa do elevador, e as alturas da

escadaria do Grande Hotel já não lhe bastavam. Ia obter galões diferentes dos de *porteirgy*:

nosso destino nem sempre é o que havíamos suposto. Certamente, vou a seu pedido -

disse-me Saint-Loup. - Dizia-o ainda esta manhã a Gilberte: teremos aviões em

número

suficiente. Somente com eles veremos o que está fazendo o adversário. Assim é que

anularemos a sua vantagem de ataque, assim, o melhor exército será talvez aquele que

tiver melhores olhos.

Dias antes, eu encontrara esse ascensorista aviador. Falara-me de Balam curioso por saber o que me diria acerca de Saint-Loup, desviei a conversa a fim de saber se era

verdade, como me haviam dito, que o Sr. de Charlus tinha relações com os rapazes etc. O

ascensorista pareceu assombrado; não sabia de nada. Em compensação, acusou o rapaz

rico, o que vivia com a amante e três amigos. Como impressão de colocar tudo num mesmo

saco e eu soubesse pelo Sr. de Charlus que me dissera, como estão lembrados, diante de

Brichot, que ele não o era em absoluto, afirmei ao ascensorista que ele deveria estar

enganado. Opôs às minhas dúvidas as mais seguras afirmativas. A amiga do rapaz rico é

quem estava enganada de levar-lhe moços, e todos desfrutavam juntos os prazeres. Assim,

o Sr. Charlus, o mais competente dos homens nessa matéria, enganara-se completamente,

de tal modo a verdade é parcial, secreta e imprevisível. De medo de raciocinar como um

burguês, de ver o charlismo onde ele não existia, não obter aquele fato, a "condução"

operada pela mulher.

- Ela vem se encontrar comigo várias vezes - disse o ascensorista.- Mas percebeu logo com quem estava lidando e recusei categoricamente. Não me meto em tal assunto;

disse-lhe que isso positivamente me desagradava. Basta que uma pessoa seja indiscreta e

isso se divulgam; não se consegue mais colocação em parte alguma. -

Estas últimas declarações enfraqueciam as virtuosas afirmações do princípio, pois

pareciam implicar que o ascensorista teria cedido se estivesse seguro da discrição. Tal fora,

sem dúvida no caso de Saint-Loup. É provável que até mesmo o rapaz rico, sua amante e

os amigos não fossem menos favorecidos, pois o ascensorista citava muitas conversas que

tivera com eles em épocas bem variadas, o que raramente acontece quando nos recusamos

categoricamente. Por exemplo, a amante do rico - encontrar-se com ele para conhecer um

lacaio de quem o ascensorista era muito amigo.

- Não creio que o conheça; não estava no hotel naquela ocasião; chamavam de

Victor. Naturalmente - acrescentou o ascensorista com o ar de quem se refere as leis

invioláveis e um tanto secretas-, não se pode recusar a um camarada que é rico.
-

Lembrei-me do convite que o amigo nobre do rapaz rico me havia dirigido alguns

dias antes de minha partida de Balbec. Mas certamente aquilo nada tinha a ver e

era ditado

apenas pela amabilidade.

- Muito bem, e a pobre Françoise, conseguiu obter a reforma do sobrinho?

Mas Françoise, que há muito fazia todos os esforços possíveis para que o sobrinho fosse reformado, e que, quando lhe propuseram uma recomendação, por meio dos

Guermantes, ao general de Saint-Joseph, respondera num tom desesperado:

"Oh, não, não serviria de nada, não se pode esperar nada desse velhote, é o que há

de pior, é patriota"

Françoise, desde o começo da guerra, e apesar da dor que aquilo lhe causava, achava que não se devia abandonar os "pobres russos", visto serem "aliançados".
O

mordomo, persuadido aliás de que a guerra não duraria mais que dez dias e acabaria com a

vitória brilhante da França, não ousaria, com receio de ser desmentido pelos fatos, e até

mesmo não teria bastante imaginação para prever uma guerra longa e indecisa. Mas, dessa

vitória completa e imediata, procurava ele ao menos extrair de antemão tudo o que poderia

fazer Françoise infeliz.

- As coisas vão indo mal, pois parece que muitos não querem marchar, e há rapazes

de dezesseis anos que choram.-

E, dizendo-lhe assim coisas desagradáveis, para aborrecê-la, era o que chamava

"atirar-lhe um pepino, lançar-lhe uma apóstrofe, enviar-lhe um trocadilho".

- De dezesseis anos, Virgem Maria! - exclamava Françoise e, num momento de desconfiança: - No entanto, diziam que só os recrutavam depois de completarem vinte anos, ainda são crianças.

- Naturalmente os jornais têm ordem para não falar isso. Aliás, toda a juventude será

convocada, muitos serão dizimados. Por um lado, isto será útil, uma boa sangria é proveitosa de vez em quando, põe em andamento o comércio. Ah, diabos! se alguns desses

rapazinhos mimados vacilarem, serão imediatamente fuzilados, doze balas no couro, e

pronto! Em parte, é necessário. E depois, que têm os oficiais com isso? Ganham suas

pesetas, é tudo o que desejam.-

Françoise empalidecia de tal modo durante essas conversas que receávamos que o

mordomo causasse a sua morte de ataque cardíaco. Mas nem por isso ela perdia seus

defeitos. Quando uma moça vinha me visitar, por mais que a velha criada se sentisse mal

das pernas, se me ocorria sair por um instante do quarto, eu a via no alto de uma escada,

na rouparia, no ato, dizia ela, de procurar um paletó meu para ver se não estava comido de

traças, mas na realidade para nos escutar. Apesar de todas as minhas críticas, conservava

o seu jeito insidioso de fazer perguntas de modo indireto, para o que utilizava desde algum

tempo um certo "porque, sem dúvida". Não ousando dizer-me:

- Aquela senhora tem casa própria? - comentava, os olhos timidamente erguidos

como os de um cão mansinho: - Porque, sem dúvida, aquela senhora tem uma casa própria

evitando a interrogação direta menos por polidez do que para não parecer curiosa.

Enfim, como os criados que mais estimamos e sobretudo se já quase não nos

prestam os serviços e o respeito que lhes impõe sua condição-infelizmente continuam sendo

criados e marcam mais nitidamente os limites (que desejaríamos apagar) de sua casta, à

medida que julgam penetrar mais na nossa. Françoise tinha freqüentemente a meu respeito

("para me irritar", diria o mordomo) observações estranhas que uma pessoa da sociedade

não faria: com uma alegria controlada, mas tão profunda como se se tratasse de uma

moléstia grave, se eu sentisse calor, e o suor, que não me incomodava, gotejasse-me na

testa, "Mas o senhor está ensopado" dizia, espantada como diante de um fenômeno

estranho; ou, de leve, com o desprezo que provoca algo de indecente ("vai sair mas

esqueceu de pôr a gravata"), mas com voz preocupada, própria para inquietar alguém em

seu estado. Dir-se-ia que somente eu, em todo o universo, nunca estivera ensopado. Enfim,

já não me falava bem como antigamente. Pois, em sua humildade; sua carinhosa admiração

pelas criaturas que lhe eram infinitamente inferiores imitava seus modos feios de falar. Sua

filha, queixando-se dela para mim, (não sei de quem o soubera) disse-me:

- Ela sempre tem algo a reclamar, que eu não fecha bem as portas, e patati-patatá-,

Françoise sem dúvida pensou que só uma ação incompleta a privara até então desse belo

hábito. E nos lábios em que ia florescer outrora o francês mais puro, ouvi diversas vezes por

dia: - E patati-patatá.

De resto, é curioso verificar como, não só as expressões mas os pensamentos

variavam pouco numa dada pessoa. O mordomo, tendo adquirido o hábito de falar que o Sr.

Poincaré *[Raymond Poincaré (1860-1934): presidente da França (1913-1920) (N. do T)]

estava com más intenções, não pelo dinheiro, mas desejara absolutamente a guerra, repetia

isto sete a oito vezes por dia para o mesmo auditório habitual e sempre igualmente

interessado. E sem modificar uma palavra, um gesto, uma entonação. Embora isso não

durasse mais que dois minutos, invariável como uma representação. Seus erros de francês

corrompiam a linguagem de Françoise, tanto quanto os erros da filha desta. Achava que

aquilo que o Sr. de Rambuteau ficara tão melindrado um dia ao ouvir o Sr. de Guermantes

afirmar de "urinóis Rambuteau" se denominava *pistieres*. É claro que desde a informação

não ouvia outra coisa e aquilo lhe ficara. Portanto, pronunciava essa palavra de modo

incorreto, mas permanentemente. Françoise, constrangida a princípio, acabou falar do

mesmo modo, queixando-se de que não existisse esse tipo de coisas as mulheres, como

existia para os homens. Porém a sua humildade e sua admiração pelo mordomo faziam com

que jamais dissesse *pissotieres*, e sim com leve concessão ao costume *pissetieres*.

[*Pissotiere*: mictório. Este episódio já vem narrado, com outras palavras e em contexto

diversa, em *A Prisioneira*. (N. do T)]

Ela já não dormia nem comia, vivia ouvindo os comunicados, de que não entendia,

lidos pelo mordomo, que, igualmente nada entendendo, e cujo desejo de atormentar

Françoise era freqüentemente sobrepujado por uma alegria patriótica dizia, com um riso

simpático, falando dos alemães:

- Isto está esquentando; o velho Joffre vai lhes cortar a cauda do cometa. -

Françoise não compreendia de que cometa se tratava, mas nem por isso deixava de

perceber que essa frase fazia parte das amáveis e originais extravagâncias às quais uma

pessoa bem educada deve responder de bom humor, por urbanidade, e dando de ombros

alegremente, como a dizer: "Qual, é sempre o mesmo" e temperava as lágrimas com um

sorriso. Ao menos, mostrava-se feliz porque seu novo açougueiro, que, apesar da profissão,

era bastante medroso (todavia começara pelos abatedouros), ainda não estava em idade de

ser convocado. Não fosse isto, ela teria sido capaz de ir ao ministro da Guerra para solicitar

sua reforma.

O mordomo não poderia admitir que os comunicados não fossem excelentes, e que o

exército não se aproximasse de Berlim, visto que lia: "Repelimos, com pesadas perdas para

o inimigo etc.", ações que ele celebrava como novas vitórias. Entretanto, eu me sentia

assustado com a rapidez com que o teatro dessas vitórias se aproximava de Paris, e até

fiquei assombrado que o mordomo, tendo visto num comunicado que uma das ações

ocorrera perto de Lens, não se inquietasse ao ver no jornal, na manhã seguinte, que as

consequências de tais encontros se voltaram a nosso favor em Jouy-le-Vicomte, onde eram

sólidas as nossas posições. No entanto, o mordomo conhecia perfeitamente o nome de

Jouy-le-Vicomte, que não distava muito de Combray. Mas a gente lê os jornais da mesma

forma que ama, com uma venda nos olhos. Não procuramos compreender os fatos.

Ouvimos as doces palavras do redator-chefe como se fossem palavras de nossa amante.

Somos vencidos e ficamos satisfeitos, pois não nos consideramos vencidos, mas vencedores.

Aliás, não me demorei muito em Paris e voltei depressa para a minha casa de saúde.

Embora, em princípio, o médico me tratasse pelo isolamento, entregaram-me em épocas

diferentes uma carta de Gilberte e outra de Robert. Gilberte me escrevia (mais ou menos em

setembro de 1914) dizendo que, apesar do seu desejo de permanecer em Paris, onde mais

facilmente obteria notícias de Robert, as perpétuas incursões dos *taubes* sobre Paris lhe

infundiram tamanho pavor, principalmente por causa da filhinha, que ela fugira da cidade

pelo último trem que ainda saía para Combray, que o trem nem mesmo chegara a Combray

e que somente graças à charrete de um camponês, na qual fizera dez horas de um caminho

atroz, é que alcançara Tansonvil e!

*[*Taubes*: Pombo, em alemão. Nome dado aos monoplanos alemães da Primeira Guerra

Mundial. (N. do T)]*

- E lá, quem imaginava que esperava a sua velha amiga - escrevia Gilberte, ao

terminar. - Eu saíra de Paris para fugir aos aviões alemães, pensando que em Tansonvil e

estaria a salvo de tudo. Não fazia nem dois dias que ali me encontrava, quando imagine

quem chegou: os alemães, que invadiam a região depois de terem abatido nossas

tropas

em La Fere, e um estado-maior alemão, seguido de um regimento que se apresentava à

porta de Tansonvil e, e para lá que fui.

Poemas que durante a convalescença, colocavam-se, para descrever a guerra, nível

dos acontecimentos, que em si mesmos nada significam, mas no vulgar, de que haviam

seguido as regras até então, falando, como o teriam feito anos antes, da "sangrenta aurora",

do "vôo fremente da vitória" etc. Sai muito mais inteligente e artista, continuava sendo

inteligente e artista, e fixava finura, para mim, as paisagens que via enquanto estava

imobilizado à beira da floresta pantanosa, mas como se participasse de uma caçada a patos

selecionados. Para me fazer compreender certas oposições de sombra e luz que tinham

encantamento de sua manhã, recordava alguns quadros que nós dois vimos, sem recear

aludir a uma página de Romain Rolland, ou até de Nietzsche com aquela independência dos

que estão no *front*, que não têm o mesmo rancor dos inativos de pronunciarem um nome

alemão, e até, com uma ponta de quietismo, de citar um inimigo, que fizera, por exemplo, o

coronel Du Paty de Clam na sala das testemunhas do processo Zola, a recitar de passagem,

diante de juízes - Quilard, poeta dreyfusista de extrema violência, a quem aliás

não

conhecia, do seu drama simbolista, *A Menina de Mãos Cortadas*.

Saint-Loup me falava uma melodia de Schumann, só lhe dava o título em alemão e

não entrava circunlóquios para dizer que, quando ao amanhecer ouvira um primeiro gorjeio

da orla daquela floresta, sentira-se inebriado como se lhe falasse o pássaro daquele

"sublime Siegfried" que esperava escutar depois da guerra.

E agora, na minha segunda volta à Paris, eu recebera, logo no dia seguinte à minha

chegada, uma nova carta de Gilberte que, sem dúvida, havia esquecido da outra, ou pelo

menos o sentido dela, de que já falei; pois sua partida de Paris, em fins de 1914, era ali

apresentada retrospectivamente de modo bem diverso.

- Você não sabe, meu caro amigo - dizia ela -, mas já faz quase dois anos que

estamos em Tansonvil e. Cheguei aqui ao mesmo tempo que os alemães; todos quiseram

impedir-me de partir. Chamavam-me de louca. Como diziam "você se achará em segurança

em Paris e vai partir para essas regiões invadidas, justo no momento em que todos

procuram fugir de lá". Eu ignorava tudo o que esse raciocínio continha de exato. Mas, que

quer, só possuo uma qualidade, não sou covarde, ou melhor se prefere, sou fiel, e, quando

soube que minha querida Tansonvil e estava também não quis que o nosso velho

caseiro

ficasse sozinho a defendê-la. Julguei que meu lugar era a seu lado. De resto, foi graças a

esta resolução que mais ou menos pude salvar o castelo, quando todos os outros das

vizinhanças, abandonados por proprietários enlouquecidos, foram quase todos destruídos

de alto a baixo e não apenas salvar o castelo, mas as preciosas coleções que meu querido

papai prezava.

Numa palavra, Gilberte agora estava convencida de que não fora à Tansonvil e, como me escrevera em 1914, para fugir dos alemães e estar sem esperança, mas, ao

contrário, para encontrá-los e defender seu castelo contra eles.

No entanto, não tinha permanecido em Tansonvil e, mas nem por isso deixara haver

ali um vaivém constante de militares, muito superior ao que na rua de Combray.

Françoise só fazia derramar lágrimas, e Gilberte podia dizer, e agora sem fugir à verdade, que levava uma vida de frente de batalha. Assim, todos os jornais falavam de sua

conduta admirável com os maiores elogios, e pensava-se em condecorá-la. O fim de sua

carta era rigorosamente exato. Você não faz idéia do que é esta guerra, meu caro amigo, e

da importância que nela assume uma estrada, uma ponte, uma elevação. Quantas vezes

pensei em você, nos passeios, tornados deliciosos graças a você, que fazíamos por toda

essa região hoje devastada, no momento em que imensos combates se travavam pela

posse de um determinado caminho, de um certo outeiro de que você gostava, onde subimos

juntos tantas vezes! Provavelmente, você, como eu, não imaginava que a obscura

Roussainvil e a enfadonha Méséglise, de onde nos levavam nossas cartas, e onde foram

buscar o médico quando você esteve doente, seriam jamais lugares célebres. Pois bem,

meu caro amigo, elas são gloriosas para sempre, no mesmo nível de Austerlitz ou de Valmy.

A batalha de Méséglise durou mais de oito meses, nela os alemães perderam mais de

seiscentos mil homens; destruíram Méséglise, mas não a tomaram. A pequena vereda de

que você gostava tanto, a que chamávamos de ladeirinha de espinheiros, e onde pretende

ter se apaixonado por mim na infância, ao passo que, na verdade, afirmo-lhe que era eu

quem estava apaixonada por você, nem posso lhe dizer a importância que ela adquiriu. O

imenso campo de trigo a que ela conduz é o famoso marco 307, cujo nome você deve ter

lido tantas vezes nos comunicados. Os franceses explodiram a pontezinha sobre o Vivonne,

a qual, dizia você, não lhe recordava a infância tanto quanto desejaria; os alemães

explodiram outras, durante um ano e meio ocuparam uma metade de Combray, e os

franceses a outra metade.

No dia seguinte àquele em que eu havia recebido esta carta, ou seja, na antevéspera

do dia em que, andando na escuridão, ouvindo soar o ruído de meus passos, ruminando

todas essas lembranças, Saint-Loup, vindo do *front*, quase de regresso, fizera-me uma visita

de apenas alguns minutos, que só em ser anunciada me deixou violentamente emocionado.

Françoise quisera precipitar-se para ele, esperando que Saint-Loup pudesse mandar

reformular o tímido aprendiz de açougueiro, cuja classe partiria dentro de um ano. Mas ela

própria se susteve, pela inutilidade de semelhante pedido, pois de há muito o tímido matador

de animais havia mudado de açougue. E, ou porque a dona do nosso temesse perder a

freguesia, ou porque estivesse de boa-fé, declarou a Françoise que ignorava onde se

empregava o rapaz, que, de resto, não daria um bom açougueiro. Françoise, então, havia

procurado em todo canto, mas Paris é grande, e os açougues numerosos, e ela não pudera

achar o jovem tímido e sangrento.

Quando Saint-Loup entrou no meu quarto, aproximei-me dele com a sensação de timidez, com a impressão de sobrenatural que davam, no fundo, todos os convocados em

licença, e que experimentamos quando somos levados à presença de uma pessoa atacada

de moléstia mortal, e que, no entanto, ainda se levanta, veste-se e passeia. Parecia

(parecera, sobretudo no começo, pois para quem não vivera, como eu, longe de Paris,

sobreviera o hábito, cortando das coisas que diversas vezes a raiz da impressão profunda e

de pensamento que lhes não tinha sentido real), parecia quase haver algo de cruel nessas

licenças dadas aos combatentes. Nas primeiras, dizia-se: "Não hão de querer voltar,

desertarão." E, não regressavam apenas de lugares que nos pareciam irreais porque só

tínhamos ouvido falar deles pelos jornais, e porque não imaginávamos a possibilidade de

alguém tomar parte nesses combates titânicos e voltar com apenas um ombro; era das

margens da morte, às quais voltariam, que eles regressavam; um momento para ficar

conosco, incompreensíveis para nós, enchendo-nos de assombro, e de uma sensação de

mistério, como esses mortos que evocamos, que nos aparecem por um segundo, que não

ousamos interrogar quando muito, poderiam responder: "Não poderíeis fazer idéia." Pois é

extraordinário verificar a que ponto, seja entre os que escaparam do fogo, que são os

combatentes de licença entre os vivos, seja entre os espíritos que um médium hipnotizado

ou o único efeito do contato com o mistério é o de aumentar, se possível, a implicância das

frases. Assim, abordei Robert, que ainda trazia na testa uma cicatriz mais augusta e

misteriosa para mim que a impressão deixada na terra pelo um gigante. E eu não tivera

coragem de lhe fazer qualquer pergunta, e ele dissera simples palavras; e estas ainda eram

bem pouco diferentes das de antes da guerra como se, apesar dela, as pessoas

continuassem a ser o que eram: o retorno das conversas era o mesmo, apenas o assunto

diferia, e ainda assim!

Julguei entender que Robert encontrara no exército expedientes que poucos o

tinham feito esquecer que Morel procedera tão mal com ele como seu tio. Todavia,

conservava-lhe grande amizade e era possuído de bruscos de tornar a vê-lo, sempre

adiados. Julguei mais delicado para com Gilberte indicar à Robert que, para encontrar

Morel, bastava que ele fosse à casa da Sra. Verdurin. Disse humildemente a Robert quão

pouco se sentia a guerra; retrucou-me que, mesmo em Paris, às vezes ocorriam "coisas

incríveis". A um ataque de zeplins que houvera na véspera, e me perguntou se o vira, mas

me falaria antigamente de algum espetáculo de grande beleza estética. No entanto se

compreende que haja uma espécie de coqueteria em dizer: "É maravilhoso! Que rosa! E que

verde-claro!" no momento em que se pode a todo instante ver a morte; porém isto não

existia em Saint-Loup, em Paris, a propósito de um insignificante, mas que, da nossa

varanda, no silêncio de uma noite onde houve de súbito, uma festa verdadeira de foguetes

úteis e protetores, toque de clarins não eram para a parada etc. Comentei a beleza dos

aviões que subiam à noite.

- Talvez, mais ainda a dos que descem -disse ele. - Reconheço que é muito bonito o

momento em que eles sobem, quando vão fazer constelação, e nisso obedecem a leis tão

precisas como as que regem as constelações, pois o que te parece um espetáculo é o

alinhamento das esquadrihas, o comando que lhes dão, sua partida para a caça etc. Mas

não preferes o momento em que, definitivamente comparados às estrelas, eles diferem

destas para sair em caça, ou voltar após o toque de recolher, no momento em que fazem

apocalipse e até as estrelas saem do lugar? E as sirenes, não seriam bem wagnerianas, o

que, de resto, seria bem natural para saudar a chegada dos alemães, parecendo hino

nacional, Wachtam Rhein, com o Kronprinz e as princesas no camarote imperial; era para se

perguntar se se tratava mesmo de aviadores ou antes das Valquírias que subiam. -

*[Wachtam Rhein ('A guarda do Reno'), poema de Max Schneckenburger (1819-1849)

musicado por Karl Wilhelm à Ferrari: François Ferrari, cronista mundano do

Fígaro, em

Paris, fins do século XIX e começos do XX. (N. do T)]*

Parecia com prazer-se nessa comparação entre aviadores e Valquírias, explicando-a,

de resto, por motivos puramente musicais:

- Ora, é que a música das sirenes era a de uma Cavalgada! Decididamente, é preciso a chegada dos alemães para que se ouça Wagner em Paris.

Além disso, sob certos pontos de vista a comparação não era falsa. De nossa varanda, a cidade parecia um só local movente, informe e negro, e que de repente passava

das profundezas e da noite para a luz e para o céu, onde, um a um, os aviadores se

elevavam ao apelo aflitivo das sirenes, enquanto, com um movimento mais vagaroso, mais

traíçoeiro, mais alarmante, pois esse olhar lembrava o objeto ainda invisível e talvez já

próximo, que estava procurando, os refletores mudavam permanentemente de direção,

farejando o inimigo, assediando-o com seus faróis até o momento em que os aviões,

orientados, mergulhavam em pique para capturá-lo. E, esquadrilha após esquadrilha, cada

aviador se alçava desse modo da cidade, transportada agora aos céus, semelhante a uma

valquíria. No entanto, alguns pontos da terra, no nível das casas, iluminavam-se, e eu disse

a Saint-Loup que, se ele estivesse em casa na véspera, poderia, contemplando o apocalipse

no céu, ver sobre a terra (como no *Enterro do Conde de Orgaz*, de El Greco, onde esses

planos diversos são paralelos) um verdadeiro *vaudevil* e representado pelos personagens de

camisola, os quais, devido a seus nomes célebres, mereceriam ter sido mandados a algum

sucessor daquele Ferrari cujas notas mundanas tantas vezes nos tinham divertido, a mim e

a Saint-Loup, que as imitávamos de brincadeira. E foi o que fizemos ainda àquele dia, como

se não houvesse guerra, conquanto acerca de um assunto bem "de guerra", o medo aos

zepelins: "Reconhecidos: a duquesa de Guermantes, magnífica de camisola; o duque, de

Guermantes, indescritível de pijama cor-de-rosa e roupão de banho etc., etc." - "Garanto",

disse ele, "que em todos os grandes hotéis se devem ter, judias americanas de camisola,

apertando nos seios envelhecidos o colar de pérolas que lhes permitiria casarem-se com um

duque arruinado. O hotel Ritz, nas noites, deve se parecer à Bolsa de Valores".

Contudo, é preciso dizer que, se a guerra não fizera aumentar a inteligência de Saint-

Loup, essa inteligência, conduzida por uma evolução em que a hereditariedade assumia

uma grande parte, ganhara um brilho que eu antes jamais percebera. Que distância entre o

jovem louro, outrora cortejado pelas mulheres chiques ou aspirando a sê-lo, e o

argumentador, o doutrinário que não cessa de brincar com as palavras! Noutra

geração,

noutro ramo, como um ator que retoma o papel representado antigamente por Bressant ou

Delaunay, ele era como um sucessor róseo, louro, dourado, ao passo que o outro se dividia

entre muito preto e branco do Sr. de Charlus. Conquanto não se entendesse com o tio a

respeito da guerra, tendo-se alistado naquela porção de aristocracia que colocava a França

acima de tudo, enquanto o Sr. de Charlus era derrotista no fundo, ele podia mesmo a quem

não tivesse visto o "criador do papel", como era possível sobressaltar qualidade de argumentador.

- Parece que Hindenburg é uma revelação - disse eu.

- Uma revelação velha, ou futura - respondeu-me de pronto. - Devia se ter mais poder de fogo a Mangin, em vez de poupar o inimigo, abater a Áustria - Alemanha e

europizar a Turquia, em vez de "montenegrizar" a França.

- Mas agimos com o auxílio dos Estados Unidos - observei.

- Enquanto esperamos, não vejo senão o espetáculo dos *Estados Desunidos*. Por que não fazer maiores concessão à Itália, com medo de descristianizar a França?

- Se o teu tio Charlus te ouvisse - exclamei. - No fundo, não te aborrecerias se se ofendesse ainda mais o papa, e pensa com desespero no mal que podem fazer ao trono de

Francisco José. Ainda fala-se nisso, dentro da tradição de Tal eyrand e do Congresso de

Viena.

- Ah! O Congresso de Viena já passou - respondeu ele-; à diplomacia secreta, é necessária para opor a diplomacia concreta. Meu tio no fundo é um monarquista impenitente

quem fariam engolir "carpas", como a Sra. Molé, ou "escarpas", como Arthur M; desde que

as carpas e escarpas sejam preparadas à Chambord. Por ódio ao penta tricolor, creio que

aderiria antes ao esfregão do *bonnet rouge*, que de boa-fé teria pelo estandarte branco da

realeza. -

*[No original, *carpes e escarpes*, trocadilho de fundo paronímico. *Carpe* é "carpa", mas, na

gíria, significa "tola, simplória". *Escarpe* é "estopa", "talude", mas também quer dizer

"assaltante". Mantivemos a tradução mesmo sem sentido para que não se perca o sabor da

paronímia. (N. do T)]*

*[*Bonnet rouge* ('Boné vermelho'): nome de um jornal revolucionário e antimilitarista francês,

cujos diretor Almereyda, envolveu-se em casos de traição (1917-18) (N. do T)]*

É claro que tudo aquilo não eram mais palavras, e Saint-Loup estava longe de possuir a originalidade por vezes profunda do tio. Mas era tão afável e de caráter tão

encantador, como o outro era suspicaz e invejoso. E continuara encantador e róseo como

em Balbec, sob todos os seus cabelos de ouro. O único aspecto em que o tio não o sobrepujaria era aquele estado de espírito do *Faubourg Saint-Germain*, de que se imbuem

até os que se crêem mais livres, incutindo-lhes, a um tempo, o respeito pelos homens

inteligentes sem nascimento (e que na verdade só floresce na nobreza e torna tão injustas

as revoluções) e uma tola satisfação de si mesmos. Em nome dessa mistura de humildade e

orgulho, de curiosidades de espírito adquiridas e de autoridade inata, o Sr. de Charlus e

Saint-Loup, percorrendo caminhos diversos e sustentando opiniões opostas, tinham se

tornado, com uma geração de intervalo, intelectuais interessados em toda idéia nova e

conversadores de quem nenhuma interrupção consegue obter silêncio. De modo que uma

pessoa um tanto medíocre podia considerá-los, de acordo com a disposição em que

estivesse, fascinantes ou aborrecidos.

- Tu te lembras – disse-lhe - de nossas conversas em Doncieres.

- Ah, era um bom tempo. Que abismo nos separa dele. Aqueles dias lindos

regressarão um dia: *Du gouffre interdit à nos sondes/ Comine montem au ciei les soleils

rajeunis Apres s'être lavés au fond des mers profondes?*

*["do abismo vedado às nossas sondas,/ Como sobem ao céu os sóis tornados: jovens/

Depois de se lavarem nas profundas ondas?" Versos (com ligeiras alterações) de Baudelaire

no poema *Le Balcon* ('A Varanda'). (N. do T)]*

- Só pensemos nessas conversas para recordar sua doçura-disse-lhe eu. -

Procurava

nelas alcançar um certo tipo de verdade. A guerra atual, que transtornou tudo, e, principalmente, me dizes, a idéia da guerra, tornaria ultrapassado o que me falavas então a

respeito dessas batalhas, por exemplo, quanto às batalhas de Napoleão, que seriam

imitadas nas guerras futuras?

- De modo algum! - respondeu-me. - A batalha napoleônica é sempre reencontrada,

e tanto mais ainda nesta guerra, em que Hindenburg está imbuído do espírito napoleônico.

Seus rápidos deslocamentos de tropas, seus fingimentos, ou porque deixa apenas uma

pequena linha de defesa diante de um de seus adversários, para cair com todas as forças

juntas sobre o outro (Napoleão, 1814), ou porque investe numa *diversão* *[*Diversão*:

manobra ou operação militar cujo fim é desviar a atenção do inimigo do ponto que se

pretende ocupar.(N. Do T.)]* que força o adversário a manter suas tropas numa frente que

não é a principal (assim a manobra fingida de Hindenburg diante de Varsóvia, graças à qual

os russos, enganados, levaram para ali a sua resistência e foram batidos nos lagos da

Masúria), seus recuos, análogos àqueles pelos quais começaram as batalhas de Austerlitz,

Arcole e Eckmühl, tudo nele é napoleônico, e ainda não terminei. Acrescentarei, se, longe

de mim, tentas, à medida que interpretas os acontecimentos desta guerra, a não confiar

exclusivamente nessa maneira especial de Hindenburg para não ver o sentido do que ele

faz, a chave do que ele vai fazer. Um general é como um que deseja escrever uma certa

peça, um certo livro, e que o próprio livro, cheio de inesperados reclusos que revela aqui, o

impasse que apresenta além, faz excessivamente do plano preconcebido. Como uma

diversão, por exemplo; deve ser feita senão num ponto de importância vital; supondo que a

diversão tenha êxito além de qualquer esperança, ao passo que a operação principalmente

em fracasso; é a diversão que pode se tornar a operação principal. Espero Hindenburg num

desses tipos de batalha napoleônicos, o que consiste em separar dois adversários: os

ingleses e nós.

Desse modo, sempre recordando a visita de Saint-Loup, eu tinha feito um longo

desvio; estava quase nos Inválidos. As luzes, bem pouco rosas (por causa dos aviões

gotha), estavam acesas um tanto cedo demais, pela mudança da hora *[horário de verão]*

11h34 fora antecipada quando a noite ainda baixava depressa; e estabilizara durante todo o

verão (como os caloríferos que se acendem e apagam a partir de uma data pre-

determinada), e, acima da cidade noturnamente iluminada em toda uma porção do céu que,

ignorando a hora de verão e a hora de inverno, não se dignava a saber que 8 horas e meia

se transformara em 9 horas e meia - em toda uma porção do céu azulado ainda era dia um

tanto claro. Em toda a parte da cidade dominada pelas torres do Trocadero, o céu dava a

impressão de ser um mar imenso e matizado de turquesa que se retira, já deixando emergir

toda uma linha estreita. Os rochedos negros, talvez até de simples redes de pescadores,

alinhadas umas após as outras, e que eram pequenas nuvens. Mar naquele momento cor

de turquesa que carrega com ele, sem que o percebam, os homens arrastados na imensa

revolução da Terra, da Terra sobre a qual são bastante loucos para continuarem suas

próprias revoluções, suas guerras vãs, como a que agora ensangüentava a França. De

resto, à força de contemplar o céu preguiçoso e lindo, que não achava digna de si mesmo

mudar o horário e, acima da cidade iluminada, prolongava molemente nesses tons azulados,

o dia que se atrasava, a vertigem atacava, já não era mais horizontal, mas uma gradação

vertical de geleiras azuis. E as torres do Trocadero, que pareciam tão próximas dos degraus

de turquesa, deveriam estar bem longe deles, como essas torres duplas de certas cidades

da Suíça, que se diriam à distância de vizinhas da escarpa dos cimos. Voltei sobre meus

passos, mas, ao deixar a ponte dos Inválidos, já não era dia no céu, e quase já não havia

luzes na cidade; tropeçando aqui e ali nas latas de lixo, tomando um caminho por outro,

encontrei sem perceber, seguindo maquinalmente um labirinto de ruas obscuras, nos

bulevares. Ali, renovou-se a impressão de Oriente que já sentira e, por outro lado, à

evocação da Paris do Diretório sucedeu a da Paris de 1815. Como em 1815, havia o desfile

mais desarmônico dos uniformes das tropas Aliadas; e, entre elas, africanos de saias-calças

vermelhas e indianos com turbantes brancos bastavam para que, dessa Paris em que

passeava, eu formasse toda uma exótica cidade imaginária, num Oriente a um tempo

minuciosamente exato no tocante aos costumes e à cor das fisionomias, e arbitrariamente

quimérico no que se referia ao cenário, como da cidade em que vivia Carpaccio fez uma

Jerusalém ou uma Constantinopla, ali reunindo uma multidão cuja maravilhosa miscelânea

não era mais colorida que esta. Caminhando atrás de dois zuavos, que não pareciam

percebê-lo, avistei um homem alto e gordo, chapéu de feltro desabado, capote comprido,

em cujo rosto cor de malva hesitei se devia pôr o nome de um ator ou de um pintor

igualmente famosos por seus numerosos escândalos sodomitas. Em todo caso, tinha

certeza de que não conhecia o passeante; assim, fiquei muito surpreso, quando seu

olhar encontrou o meu, ao ver que parecia constrangido e que fez menção de deter-se e vir

ao meu encontro, como alguém que deseja mostrar que não o surpreendemos de modo

algum entregando-se a uma ocupação que teria preferido deixar em segredo. Por um

instante fiquei sem saber quem me cumprimentava: era o Sr. de Charlus. Pode-se dizer que,

no seu caso, a evolução de seu mal ou a revolução de seu vício chegara ao ponto em que a

pequena personalidade primitiva do indivíduo, suas qualidades ancestrais, são inteiramente

interceptadas pela passagem, diante delas, do defeito ou do mal genérico de que se

acompanham. O Sr. de Charlus fora tão longe o quanto possível de si mesmo, ou melhor,

estava ele mesmo tão perfeitamente mascarado por aquilo em que se tornara, e que não

pertencia somente a ele mas a muitos outros invertidos, que, no primeiro minuto, eu o

tomara por um outro dentre eles, atrás desses zuavos, em pleno bulevar, por um outro

dentre os que o Sr. de Charlus não era, um outro que não era um grão-senhor, que não era

um homem de imaginação e de espírito, outro cuja semelhança com o barão se limitava a

esse ar comum a todos, que agora nele, ao menos antes que o encarassem bem, recobria

tudo.

Foi desse modo que, desejando ir à casa da Sra. Verdurin, havia encontrado o Sr. de

Charlus. E certamente não o teria encontrado, como antigamente, na casa dela; a briga

entre eles só se agravara e a Sra. Verdurin servia-se até de acontecimentos recentes para

ainda mais desacreditá-lo. Tendo dito várias vezes que o achava gasto, acabado, mais fora

de moda em suas pretensas audácias que os maiores medalhões, resumia agora essa

condenação e o tornava aborrecido a todas as imaginações, afirmando que ele era "de

antes da guerra". A guerra, segundo o pequeno grupo, colocara entre ele e o presente um

abismo que o relegava ao passado mais remoto. Além disso e visando sobretudo ao mundo

político, menos informado sobre esse assunto-, ela o representava tão sem cotação, tão

posto à margem no mundanismo como na intelectualidade.

- Ele não vê ninguém, ninguém o recebe - dizia ela ao Sr. Bontemps, a quem facilmente convencia. Aliás, havia alguma de nessas palavras.

A posição social do Sr. de Charlus mudara. Preocupado cada vez menos com a sociedade, tendo, devido a seu temperamento bilioso, do comum meio mundo, e, mantendo

a consciência de seu valor social, desdenha reconciliar-se com a maior parte das pessoas

que eram a nata da sociedade; num isolamento relativo que não tinha como

causa, como

aquele em que morta a Sra. de Vil eparisis, o ostracismo da aristocracia, mas que, aos olhos

do público parecia pior por dois motivos. A má reputação do Sr. de Charlus, agora conhecida, fazia com que as pessoas pouco informadas acreditassem que era por isso que

não o freqüentavam os que, por sua própria vontade, ele se recusava a freqüentar, modo

que o que era o efeito de seu temperamento atrabiliário (colérico), parecia ser causado pelo

desprezo das pessoas sobre as quais se exercia o seu mau humor.

Por outro lado, a Sra. de Vil eparisis tivera uma grande proteção: a família. Mas o Sr.

Charlus multiplicara as brigas na família. Esta, aliás - sobretudo a do lado do *Faubourg*, o

lado Courvoisier lhe parecera desinteressante. E não imaginava, ele que professara sobre

arte, ao contrário dos Courvoisier, idéias tão avançadas, que o que nele mais interessaria a

Bergotte, por exemplo, seria o seu parentesco, com todo o velho *Faubourg*, pela

possibilidade de descrever a vida quase provinciana de suas primas, que se espalhavam da

rua de La Chaise à praça do Palais-Bou e à rua Garanciere.

Depois, colocando-se num outro ponto de vista menos transcendente mais prático, a

Sra. Verdurin afetava acreditar que ele não era francês.

- Qual é sua verdadeira nacionalidade; não será austríaco? - perguntava

inocentemente o Sr. Verdurin.

- Claro que não, de jeito nenhum - respondia a condessa Molé.

Ao primeiro movimento obedecia antes ao bom senso do que ao rancor.

- Não, ele é prussiano - dizia a Patroa. - Posso lhe afirmar, porque sei, ele nos disse

várias vezes que era membro hereditário da Câmara dos Pares da Prússia e Durchlau.

Todavia, a rainha de Nápoles me dissera... - Fiquei sabendo que ela é uma horrível espia -

exclamava a Sra. Verdurin, que não esquecera a atitude que havia tomado; certa vez em

sua casa, a soberana deposta.- Eu o sei, e de um modo preciso, ela vivia disso. Se

tivéssemos um governo mais enérgico, toda essa gente estaria no campo de concentração.

Mas enfim... Em todo caso, faria bem em não receber esse pessoal, pois sei que o ministro

do Interior está de olho neles, o seu palacete vigiado. Ninguém me tira da cabeça que

durante dois anos, Charlus não deixou de espionar na minha casa. -E pensando

provavelmente que poderiam pôr em dúvida o interesse que teriam para o governo alemão

os relatórios mais circunstanciais sobre a organização do pequeno clã, a Sra. Verdurin, com

ar doce e perspicaz de pessoa que sabe que o valor do que está dizendo será realçado se

não elevar a voz - Vou lhes dizer aquilo que, desde o primeiro minuto, comentei com meu

marido. Não me agrada o modo como este homem se introduziu aqui. Há alguma coisa

errada nele. Temos uma propriedade no fundo de uma baía, num ponto bastante elevado.

Certamente ele foi encarregado pelos alemães de preparar ali uma base para seus

submarinos. Coisas havia que me espantavam, e que agora compreendo. Assim, no

começo, ele não queria vir de trem com os outros convidados. Eu lhe oferecera, com toda a

gentileza, um quarto no castelo. Pois bem, não aceitou, teria preferindo morar em

Doncieres, onde há uma guarnição do exército. Tudo isso cheirava a espionagem descarada.

Quanto à primeira das acusações atacadas contra o barão de Charlus, a de estar

fora de moda, os mundanos facilmente concordavam com a Sra. Verdurin. Na verdade,

eram ingratos, pois o Sr. de Charlus de algum modo era o seu poeta, aquele que soubera

retirar da mundanidade ambiente uma espécie de poesia, na qual cabiam a história, a

beleza, o pitoresco, o aspecto cômico e a elegância frívola. Mas as pessoas da sociedade,

incapazes de compreender essa poesia, não a viam em suas vidas e a procuravam alhures,

colocando mil furos acima do Sr. de Charlus homens que lhe eram infinitamente inferiores,

mas que pretendiam desprezar a sociedade e, em compensação, professavam teorias de

sociologia e economia política. O Sr. de Charlus se encantava em contar tiradas espirituosas

involuntariamente características, e em descrever as toaletes sabiamente graciosas da

duquesa de Montmorency, tratando-a como mulher sublime, o que o fazia ser considerado

uma espécie de imbecil pelas damas da sociedade, que achavam a duquesa uma tola sem

qualquer interesse, e os vestidos feitos para serem usados, mas sem nenhuma importância,

e, julgando-se mais inteligentes, acorriam à Sorbonne, ou à Câmara, caso Deschanel

devesse falar.

Em suma, as pessoas da sociedade se haviam desencantado do Sr. de Charlus, não

por conhecê-lo bem, mas porque nunca tinham percebido o seu raro valor intelectual.

Consideravam-no de "antes da guerra", *demodé* pois os mesmos que se mostram mais

incapazes de julgar o mérito alheio são os que, para classificá-lo, adotam na maioria das

vezes a ordem que está na moda. Sem penetrar, nem mesmo superficialmente, nos homens

de mérito de uma geração, limitam-se então a condená-los a todos em bloco tão logo surge

o emblema da geração nova, que não será mais bem compreendida.

Quanto à segunda acusação, a de germanismo, o espírito moderador dos mundanos

a repelia, mas ela encontrara um intérprete infatigável e particularmente feroz em Morel,

que, tendo sabido conservar, nos jornais e até na sociedade, o lugar que o Sr. de

Charlus

lograra obter-lhe, mas não, depois, retirar, embora em ambas as ocasiões se empenhasse a

fundo, perseguia o barão com um ódio tanto mais culpado porque, fossem quais tenham

sido suas verdadeiras relações com o barão, Morel havia conhecido o que Charlus ocultava

a tanta gente, a sua bondade profunda. O barão fora com Morel de uma tal generosidade,

de uma tal delicadeza, mostrara-lhe tanto escrúpulo em não faltar com sua palavra, que, ao

deixá-lo, Morel guardara dele não era de modo algum a de um homem viciado; considerava

o vício do barão como uma enfermidade; mas a do homem de idéias mais elevadas que

jamaiz conhecera, de uma sensibilidade extraordinária espécie de santo. Negava-o tão

escassamente que, mesmo rompido com ele, com sinceridade aos pais de mais de um

jovem: "Podem confiar-lhe seu filho, terá sobre ele a melhor influência." Assim, quando

procurava, em seus artifícios fazê-lo sofrer, o que buscava achincalhar nele não era o vício,

mas a virtude.

Um pouco antes da guerra, algumas croniquetas, transparentes aos iniciados, tinham

começado a desmoralizar o Sr. de Charlus. De uma, intitulada: 'desventuras de uma ativa

senhora idosa, a velhice da baronesa' - a Sra. Verdurin havia comprado cinquenta

exemplares para poder distribuí-los aos conhecidos. O Sr. Verdurin, declarando que o

próprio Voltaire não escrevia melhor, lia-a em voz alta.

Desde a guerra, o tom mudara. Não somente se denunciava a inversão do Sr.

Charlus, mas também sua pretensa nacionalidade germânica. *Frau Bosch, frau van Bosch*

eram as alcunhas habituais de Charlus. Um trecho de natureza poética trazia este título,

tirado de certas melodias dançantes de Beethoven: 'Uma alemã'. E de duas crônicas novas:

'Tio da América e tia de Frankfurt' e 'Espertalhão da retaguarda', lidas em prosas no

pequeno clã, deliciaram o próprio Brichot, que havia exclamando:

- Contanto que a *mui* alta e poderosa dama *Anastácia* não empastele tudo! -

*[*Anastácia* (em francês *Anastasie*) era o apelido dado à Censura. (N. do T.)]*

Os artigos em si eram melhores que esses títulos ridículos. Seu estilo derivava de

Bergotte, mas de um modo talvez só a mim sensível, e eis o motivo dos escritos de Bergotte

não tinham tido nenhuma influência sobre Morel. A fecundação se fizera de forma muito

particular, e tão rara, que é só por isso que a refiro aqui. Indiquei, no devido tempo, a

maneira tão especial que Bergotte possuía, ao falar, de escolher as palavras, de pronunciá-

las. Morel, que o encontrara durante muito tempo na casa dos Saint-Loup, fizera, à época,

imitações dele, nas quais reproduzia-lhe perfeitamente a voz, utilizando as mesmas palavras

que Bergotte empregaria. Agora, ao escrever, Morel transcrevia conversações à Bergotte,

mas sem lhes conferir essa transposição que as transformaria num Bergotte escrito.

Havendo poucas pessoas que conversado com Bergotte, não lhe reconheciam o tom, que

diferia do estilo. Semelhante fecundação oral é tão rara que fiz questão de apontá-la. Aliás,

só produz flores estéreis. Morel, que trabalhava na imprensa, achava ali pois seu sangue

francês lhe fervia nas veias como o sumo das uvas de Combray que não era suficiente

trabalhar num escritório durante a guerra, e acabou por engajar-se, embora a Sra. Verdurin

fizesse o possível para convencê-lo a ficar em Paris. Claro, sentia-se indignada que o Sr. de

Cambremer, apesar da idade, estivesse num estado-maior, ela, que de todo homem que

não freqüentasse o seu salão, dizia: "Onde ainda achou jeito de se esconder esse

camarada?" e, se lhe afirmavam que estava na primeira linha de combate desde o primeiro

dia, respondia, sem escrúpulos de mentir, ou talvez pelo hábito de se enganar: - De modo

nenhum, ele não saiu de Paris, esteve em missões tão arriscadas como acompanhar um

ministro, sou eu quem lhe diz, garanto-o, sei por alguém que o viu -; mas, no caso dos fiéis

não era a mesma coisa, não queria deixá-los partir, considerando a guerra como uma

grande "maçante" que os obrigava a abandonarem o seu convívio. Assim, envidava todos os

esforços para que eles ficassem, o que lhe daria o prazer duplo de tê-los ao jantar e, quando

ainda não tinham chegado ou já haviam partido, o de verberar sua inatividade.

E era necessário que os fiéis se prestassem a essa *embusquage* e desolava-se ao ver Morel se mostrar recalcitrante; por isso, lhe dizia:

- Mas você presta serviços num escritório e não no *front*. O importante é ser útil, fazer verdadeiramente parte da guerra, pertencer-lhe. Há os que lhe pertencem, e há os

embusqués. Pois bem, você faz parte dos que lhe pertencem, todos sabem, ninguém vai lhe

atirar a primeira pedra.-

Da mesma forma, quando, em circunstâncias diversas, os homens não eram tão raros e ela não se via obrigada, como agora, a receber sobretudo mulheres, se um deles

perdia a mãe, não hesitava em persuadi-lo de que podia, sem inconveniente, continuar a

comparecer às suas recepções:

- A mágoa se oculta no coração. Poderia ir ao baile - (que ela nunca dava) mas eu

seria a primeira a desaconselhá-lo; mas aqui, nas minhas modestas quartas, ou numa frisa

de teatro, ninguém se espantaria. Sabe-se perfeitamente que o senhor está de luto. -

Agora, os homens escasseavam, o luto era mais freqüente, inútil se tornava impedi-

los de saírem de casa, a guerra bastava. A Sra. Verdurin se agarrava aos

restantes. Queria

persuadi-los de que eram mais úteis à França permanecendo em Paris, como, outrora,

havia-lhes assegurado que o defunto ficaria mais feliz se se distraíssem. Apesar de tudo,

poucos a freqüentavam; talvez lamentasse, por vezes, ter consumado com o Sr. de Charlus

um rompimento definitivo.

Porém, se o Sr. de Charlus e a Sra. Verdurin já não se freqüentavam, continuavam -

cada um de sua parte -, com pequenas diferenças de pouca importância, como se nada

houvesse mudado, uma a receber, outro a procurar prazeres: por exemplo, Cottard assistia

agora às recepções no uniforme de coronel da *Ilha do Sonho*, muito parecido com o de um

almirante haitiano, e sobre cujo tecido uma larga fita azul-celeste lembrava a dos filhos de

Maria.

*[*Ilha do Sonho* (*L'île du Rêve*), ópera em três atos de Reynaldo Hahn, com libreto de André

Alexandre e G. Hartmann, baseada no romance de Pierre Loti, *O Casamento de Loti* (*Le*

Mariage de Lot. Foi representada pela primeira vez em 1898. (N. do T)]*

O Sr. de Charlus, achando-se numa cidade de onde os homens feitos haviam

desaparecido, fazia o mesmo que alguns franceses, amadores de mulheres na França e que

viviam nas colônia por necessidade, adquirira antes o hábito e, depois, o gosto dos

meninos.

Todavia, o primeiro desses traços característicos logo se desfez, pois calmo morreria em

breve "frente ao inimigo", segundo os jornais, conquanto ele não houvesse deixado Paris, e

na verdade sucumbisse à idade, pouco depois seguindo o Sr. Verdurin, cuja morte foi

chorada somente por uma pessoa, Elstir, por incrível que pareça.

Eu pude estudar a obra de Elstir sob um ponto de vista em certo sentido absoluto.

Porém ele, sobretudo à medida que envelhecia, ligava-a superstições ignoradas à sociedade que lhe fornecera os modelos; a qual, depois de ter transformado nele em obra

de arte, pela alquimia das impressões, dera-lhe o público, seus espectadores. Cada vez

mais inclinado a crer, no material artístico que uma parte apreciável da beleza reside nas

coisas, e assim como, no começo havia adorado na Sra. Elstir o tipo de beleza um tanto

pesadona que buscava acariciar nas telas e nas tapeçarias, via desaparecer com o Sr.

Verdurin um dos últimos vestígios do quadro social, do quadro perecível -tão rapidamente

enquadrado quanto as próprias modas de vestuário que o compõem que sustenta uma arte

certifica sua autenticidade, assim como poderia sentir-se desolado um pintor da *Festas*

Galantes ao destruir a Revolução, as elegâncias do século XVIII, ou mostrar aflito Renoir

com o desaparecimento de Montmartre e do Moinho da Galette. Aliás no Sr. Verdurin, ele

via sobretudo desaparecerem os olhos e o cérebro que tinham tido de sua pintura a visão

mais justa, e onde essa pintura, em estado de lembrança querida, de alguma forma residia.

Sem dúvida, haviam também surgido rapazes que amavam a pintura, mas uma pintura

diversa, e que não tinham, como Swann, como o Sr. Verdurin, recebido lições de gosto de

Whistler, lições de verdade de Monet, que lhes permitissem avaliar Elstir com justiça. Assim,

este sentia-se mais sozinho após a morte do Sr. Verdurin, com quem todavia estava

rompido há muitos anos, como se um pouco da beleza de sua obra se eclipsasse junto com

o pouco existente, no universo, de consciência dessa beleza.

Quanto à mudança que afetara os prazeres do Sr. de Charlus, permanecia

intermitente: mantendo numerosa correspondência com o *front*, não lhe faltavam soldados

maduros, quando em licença.

No tempo em que eu acreditava nas palavras que se diziam, ouvindo a Alemanha,

depois a Bulgária e depois a Grécia protestarem suas intenções pacíficas, era tentado a lhes

dar crédito. Mas, desde que a vida com Albertine e com Françoise me acostumara a

desconfiar de seus pensamentos, dos projetos que não confessavam, eu não deixava que

palavra nenhuma, mesmo aparentemente sincera, de Guilherme II, de Fernando da

Bulgária, de Constantino da Grécia, iludisse o meu instinto, que adivinhava o que todos eles

maquinavam. E, sem dúvida, as minhas discussões com Françoise e com Albertine não

tinham passado de discussões particulares, interessando apenas à vida dessa pequena

célula espiritual que é um ser. Mas, assim como existem corpos de animais e corpos

humanos, isto é, conjunto de células que, comparados com uma só, parecem enormes

como o Monte Branco, da mesma forma existem enormes acúmulos organizados de

indivíduos a que chamamos nações; sua vida não faz mais que repetir, ampliando-a, a vida

das células componentes; e quem não for capaz de compreender o mistério, as reações e

as leis desta, só pronunciará palavras ocas quando falar de lutas entre nações. Porém, se é

mestre da psicologia dos indivíduos, então essas massas colossais de indivíduos

conglomerados, enfrentando-se mutuamente, assumirão a seus olhos uma beleza mais

poderosa que a luta que nasce apenas do conflito de dois temperamentos; e ele as verá

numa escala em que veriam o corpo de um homem de grande estatura os infusórios, dos

quais são necessários mais de dez mil para encherem um cubo de um milímetro de lado.

Desse modo surgiam, desde algum tempo, a grande figura da França, cheia até a borda de

milhões de pequeninos polígonos de formas variadas, e a figura, cheia de mais polígonos

ainda, da Alemanha, a se separarem por duas dessas discussões. Assim, sob esse ponto

de vista, o corpo Alemanha e o corpo França, e os corpos aliados e inimigos, se

comportavam, numa certa medida, como indivíduos. Mas os golpes que trocavam eram

regulados por esse boxe inumerável cujos princípios Saint-Loup me havia exposto; e

porque, mesmo considerando-os do ponto de vista dos indivíduos, eram aglomerados

gigantescos, a discussão assumia formas imensas e magníficas, como a sublevação de um

oceano de milhões de vagas, que tenta romper uma linha secular de falésias, como geleiras

enormes atentarem, nas suas oscilações lentas e destruidoras, quebrar a moldura de

montanhas a que estão circunscritas.

Apesar disso, a vida continuava quase igual para muitos personagens que já

figuraram nesta narrativa, e notadamente para o Sr. de Charlus e para os Verdurin, como se

os alemães não tivessem estado tão perto deles, a permanência ameaçadora, embora no

momento assustada, de um perigo nos deixando inteiramente alheios se dele não nos

lembramos. As pessoas, em geral, se entregam a seus prazeres sem jamais pensar que,

cessando as influências estiolantes e moderadoras, a proliferação dos infusórios atingiria o

seu máximo, ou seja, daria em poucos dias um salto de vários milhões de léguas, passando

de um milímetro cúbico a uma massa um milhão de vezes maior que o sol, tendo ao mesmo

tempo destruído todo o oxigênio, todas as substâncias de que vivemos; e que não haveria

mais humanidade, nem animais, nem terra; ou, sem calcular que uma irremediável e muito

verossímil catástrofe poderá ser determinada no éter pela atividade frenética e incessante

que se oculta sob a aparente imutabilidade do sol: ocupam-se de seus negócios, sem

pensar nesses dois mundos, um pequeno demais, outro demasiado grande para que

percebam as ameaças do cosmo que pairam sobre nós.

Assim, os Verdurin davam jantares (e, em breve, apenas a Sra. Verdurin, pois o

marido faleceu pouco depois) e o Sr. de Charlus procurava seus prazeres, sem pensar que

os alemães estivessem - é verdade que imobilizados por uma barreira sangrenta sempre

renovada -a uma hora de automóvel de Paris. Entretanto, os Verdurin se preocupavam, dir-

se-á, visto manterem um salão político todos os dias era discutida a situação não apenas do

exército, mas da armação do fato, pensavam nessas hecatombes de regimentos

aniquilados, de passageiros submergidos; porém uma operação inversa multiplica a tal

ponto o que se refere o nosso bem-estar e divide por um número tão formidável o que não

lhe interesse, a morte de milhões de desconhecidos só nos causa um arrepio, aliás, menos

que desagradável do que o provocado por uma corrente de ar. A Sra. Verdurin, sofrendo

com suas enxaquecas por não mais ter *croissants* para mergulhar no seu café com leite,

acabara por obter de Cottard uma receita que lhe permitiria encomendá-los num certo

restaurante de que já falamos. Isso fora quase tão difícil de obter como dos poderes

públicos, a nomeação de um general. Saboreou o primeiro *croissant* na manhã em que os

jornais noticiavam o naufrágio do Lusitania. Mergulhando o biscoito no café com leite e

dando piparotes no jornal para mantê-lo bem aberto sem precisar do auxílio da outra mão,

que segurava os *croissants*, ela dizia:

- Que horror! É a mais terrível das tragédias! -

Mas a morte de todos esses afogados só deveria lhe surgir reduzida a um

bilionésimo, pois, enquanto fazia, de boca cheia, essas reflexões desoladas, sua fisionomia

estampava, provavelmente devido ao sabor do biscoito, tão precioso para a enxaqueca, um

ar de suave satisfação.

Quanto ao Sr. de Charlus, seu caso era um tanto diferente, mas ainda pior, pois ia mais além de não desejar apaixonadamente a vitória da França; antes desejava,

sem o

confessar a si mesmo, que a Alemanha, se não triunfasse, ao menos não fosse esmagada

como todos queriam. A causa era que, nessas discussões, os grandes conjuntos de indivíduos denominados nações se comportam, em certa medida, como se indivíduos

fossem. A lógica a conduzi-los é toda interior, e permanentemente refundida pela paixão,

como a das pessoas afrontadas numa discussão amorosa ou doméstica, como a discussão

de um filho com o pai, de uma cozinheira com a patroa, de uma mulher com seu marido.

Quem está errado julga, no entanto, estar com a razão - como era o caso da Alemanha -e

quem tem razão por vezes comprova seus direitos com argumentos que lhe parecem

irrefutáveis; portanto correspondem à sua paixão. Nessas discussões entre indivíduos, para

convencer-se que o direito está em qualquer das partes, o mais seguro é pertencer a uma

delas, pois um espectador nunca atingiria a aprovação completa. Ora, entre as nações, um

indivíduo, se faz parte verdadeiramente da nação, não passa de uma célula do indivíduo-

nação. Preparação psicológica é uma expressão desprovida de sentido. Se dissessem aos

franceses que eles seriam vencidos, nem um só se desesperaria menos do que se lhe

houvessem dito que seria morto pelos *Berthas*.

*[*Berthas*: *Bertha* foi o nome dado ao grande canhão de bem longo alcance, que bombardeou Paris em 1918, a uma distância de 108 km. (N. do T)]*

A verdadeira preparação psicológica é feita interiormente pela esperança, que uma

forma do instinto de conservação de um país, agindo em quem é de fato membro vivo desse

país. Para permanecer cego à injustiça da causa do indivíduo-Alemanha, para reconhecer a

todo instante a justiça da causa do indivíduo-França, o mais seguro não seria, para um

alemão, não possuir espírito de justiça, ou, para um francês, possuí-lo. O mais seguro seria

que ambos fossem patriotas. O Sr. de Charlus, que era dotado de raras qualidades morais,

sendo acessível à piedade, generoso, capaz de afeto e devotamento, em compensação, por

motivos diversos - entre os quais o fato de ser filho de uma duquesa da Baviera podia ter

algum peso - era desprovido de patriotismo. Por conseguinte, tanto pertencia ao corpo-

França como ao corpo-Alemanha. Se eu próprio não tivesse patriotismo, em vez de me

sentir uma das células do corpo-França, não creio que meu modo de julgar a discussão

fosse o mesmo de antigamente. Na adolescência, quando eu acreditava piamente no que

me diziam, é claro que, ao ouvir o governo alemão proclamar sua boa-fé, seria tentado a

não pô-la em dúvida; mas há muito tempo já sabia que nossos pensamentos nem

sempre

estão de acordo com nossas palavras; não só, em certa ocasião, pela janela da escada,

tinha eu descoberto um Charlus de que não suspeitava, mas, principalmente em Françoise,

e depois, aí de mim, em Albertine, havia visto juízos, projetos se formarem, tão contrários às

suas palavras, que agora não deixaria nenhuma das palavras aparentemente justas do

imperador da Alemanha, do rei da Bulgária, enganarem o meu instinto, o qual, como no

caso de Albertine, teria adivinhado o que eles planejavam em segredo.

Mas, afinal, posso apenas supor o que teria feito se não fosse ator, se não

constituísse uma perda do ator-França, como, nas minhas discussões com Albertine o meu

olhar triste e minha garganta sufocada eram uma parte do meu indivíduo, passionavelmente

interessado na minha causa, que eu não podia isolar. O do Sr. de Charlus estava completo.

Ora, dado que ele não era mais que um espectador, tudo concorria para levá-lo a ser

germanófilo, desde o instante em que, não sendo verdadeiramente francês, ele vivia na

França. Era extremamente requintado, e os tolos constituem maioria em qualquer país; é

claro que, se vivesse na Alemanha, os tolos de lá, defendendo com tolice e paixão uma

causa injusta, o teriam irritado; mas, vivendo na França, os tolos franceses, defendendo da

mesma forma uma causa justa, não o irritavam menos.

A lógica da paixão, mesmo estando a serviço do mais justo direito, jamais é

irrefutável para aquele que não é apaixonado. O Sr. de Charlus perdoava com finura cada

raciocínio falso dos patriotas. A satisfação causada a um imbecil pelo seu direito, e pela

certeza do seu êxito, é especialmente irritante. O Sr. de Charlus sentia-se exasperado pelo

otimismo triunfante de pessoas que não conheciam como ele a Alemanha e sua força, que a

cada mês marcavam para o seguinte o seu aniquilamento e, ao cabo de um ano, não se

mostravam menos seguros nos novos prognósticos, como se não houvessem formulado,

com a mesma segurança, outros inteiramente falsos, de que se haviam esquecido,

alegando, se lhes recordavam, que não se tratava da mesma coisa. Ora, o Sr. de Charlus,

dotado de alguma profundidade de espírito, talvez não houvesse compreendido que, em

arte, o "não é a mesma é oposto pelos detratores de Manet àqueles que lhes dizem" já

disseram o Delacroix". Enfim, sendo muito compassivo, o Sr. de Charlus sentia-se mal a

idéia de um vencido, defendia sempre o mais fraco, não lia as crônicas judiciais para não ter

de sofrer na carne as angústias do condenado, pela sua impossibilidade de assassinar o

juiz, o carrasco e a multidão encantada por ver que "a justiça feita". Em todo

caso, tinha

certeza de que a França já não podia ser vencida em compensação, sabia que os alemães

passavam fome, e seriam obrigados, mais cedo ou mais tarde, a se renderem sem impor

condições. Também essa idéia tornara mais desagradável pelo fato de que vivia na França.

Apesar de tudo isso as recordações da Alemanha eram bem remotas, ao passo que os

franceses que, falavam do aniquilamento da Alemanha com uma alegria que o desagradava

eram pessoas cujos defeitos conhecia, bem como suas fisionomias antipáticas. Em tais

casos, lamentam-se mais os desconhecidos, os que se imaginam, do que os que estão mais

próximos de nós na vulgaridade da vida cotidiana, a menos que se esteja completamente

com estes últimos, formando uma só carne com eles; o patriotismo consegue esse milagre,

é-se pelo seu país como se é por si mesmo numa discussão amorosa.

Assim a guerra, para o Sr. de Charlus, consistia numa cultura extraordinariamente

fecunda desses ódios que nele nasciam num momento, e tinham duração bastante curta,

mas durante a qual ele se entregava a todo tipo de violência.

Ao ler os jornais, o ar de triunfo dos cronistas apresentando diariamente a ler uma

linha humilhada, "a Besta acuada, reduzida à impotência", ao passo que o contrário ainda

era verdade, deixava-o furo de raiva pela tolice contente e feroz. Naquela ocasião, os jornais

eram em parte redigidos por pessoas famosas, que ali achavam uma forma de "retomar o

serviço", pelos Brichot, pelos Norpois, pelo próprio Morel, e por Legrandin. O Sr. de Charlus

sonhava encontrá-los, cobri-los com os mais amargos sarcasmos. Sempre especialmente a

par dos gostos sexuais, conhecia alguns daqueles que, pensando serem secretas as próprias, compraziam-se em denunciá-las nos soberanos dos "impérios de rapina", em

Wagner etc. Ardia por se encontrar cara a cara com eles, esfregar-lhes o nariz no vício deles

diante de todos e deixar, desonrados e arquejantes, os que assim insultavam um vencido.

Além disso, o Sr. de Charlus possuía ainda motivos mais particulares ser germanófilo. Um

deles era que, como pessoa da sociedade, vivera por muito tempo entre mundanos, entre

gente honrada, entre cavalheiros, pessoas que não apertariam a mão de um canalha.

Conhecia-lhes a delicadeza e a aspereza; sabia das insensíveis lágrimas de um homem a

quem tivessem expulsado de um clube com quem se recusassem a bater-se em duelo,

ainda que esse ato de "limite moral" provocasse a morte da mãe da ovelha negra. A

despeito de si mesmo, a admiração que pudesse ter pela Inglaterra, pela forma notável

como entrara na guerra, essa Inglaterra impecável, incapaz de mentira, impedindo que o

trigo e o leite entrassem na Alemanha, representava-lhe a nação de homens de bem, de

testemunhas isentas, de árbitros em questões de honra; ao passo que sabia que pessoas

taradas, canalhas como certos personagens de Dostoievski, lhes podem ser superiores; e

jamaís compreendi, por que motivo com eles identificava os alemães, porquanto a mentira e

o embuste não bastam para adivinhar um bom coração, que os alemães não me parece

tenham mostrado.

Por fim, um último traço completará a germanofilia do Sr. de Charlus: devia-a a seu

"charlismo", e por uma reação bem esquisita. Considerava os alemães muito feios, talvez

por estarem muito próximos de seu sangue; era louco pelos marroquinos, mas

principalmente pelos anglo-saxões, nos quais via estátuas vivas de Fídias. Ora, nele o

prazer era acompanhado de uma certa crueldade, de que eu naquele momento ainda não

conhecia toda a força; o homem a quem amava lhe parecia um delicioso carrasco.

Teria julgado, ao tomar o partido contra os alemães, proceder somente como em suas horas de volúpia, isto é, em sentido contrário da sua natureza compassiva, ou seja,

inflamado pelo mal sedutor e esmagando a feiúra virtuosa. Tal foi a sua reação ao saber do

assassinato de Rasputin, assassinato que aliás surpreendeu a todos por lhe acharem um

traço russo tão característico, numa ceia à Dostoievski (impressão que teria sido ainda mais

intensa se o público não tivesse ignorado de todo alguns detalhes que o Sr. de Charlus

conhecia perfeitamente), porque a vida tanto nos engana que acabamos por acreditar que a

literatura não tem qualquer relação com ela, e nos espanta ver as preciosas idéias que os

livros nos expuseram se esboroarem, sem receio de corrupção, gratuita e naturalmente, em

plena vida cotidiana, e, por exemplo, uma ceia, um assassinato, acontecimentos russos,

terem algo de russo.

A guerra se prolongava indefinidamente, e aqueles que haviam anunciado de fonte

segura, vários anos antes, que as negociações de paz já tinham tido início, especificando as

cláusulas do tratado, não se preocupavam, ao conversar conosco, em pedir desculpas pelas

falsas notícias. Tinham-nas esquecido e estavam prontos a difundir sinceramente outras,

que também depressa esqueceriam. Era a época em que havia contínuas incursões de

aviões gothas, e o ar crepitava constantemente com uma vibração sonora e vigilante de

aeroplanos franceses. Às vezes, porém, ressoava a sirene como um lancinante apelo de

Valquíria - única música alemã que se ouvira desde a guerra - até o momento em que os

bombeiros anunciavam o fim do alegado, enquanto ao lado deles, o toque do clarim, como

um garoto invisível, comentava a intervalos regulares a boa nova e lançava aos ares o seu

grito de alegria.

O Sr. de Charlus espantava-se de ver que mesmo pessoas como Brichot, que antes

da guerra tinham sido militaristas, e que censuravam a França de não ser o bastante, não se

limitavam a exprobrar não só os excessos do milho da Alemanha, como também a sua

admiração pelo exército. Sem dúvida muda opinião desde que se tratasse de abrandar a

guerra contra a Alemanha e denunciavam os pacifistas. Mas Brichot, por exemplo, tendo

aceitado, seus olhos fracos, fazer, em conferências, resenhas de certas obras publicadas

em países neutros, exaltou o romance de um suíço onde são ridicularizadas sementes de

militarismo, duas crianças tomadas de admiração simbólicas à vista de um dragão. Tal

zombaria, por outros motivos, desagradaria ao Sr. de Charlus por quem um dragão podia

ser algo de muito belo. Mas, acima de tudo, ele não compreendia a admiração de Brichot,

senão pelo livro, que o barão não lera, pelo seu espírito, tão diferente do que havia animado

Brichot antes da guerra; na ocasião, tudo o que um militar fazia estava correto, fossem as

irregularidade general de Bois Deffre, os disfarces e maquinações do coronel Du Paty de

Ctulp; falsificações do coronel Henry. -

*[Três oficiais que tiveram um papel importante no Caso Dreyfus Bois Deffre, chefe do

Estado-Maior do Clam, interrogando Dreyfus, concluiu por sua culpabilidade; Henry foi o

falsificador de um documentos e incriminava Dreyfus. (N. do T)]*

Devido a que reviravolta extraordinária a verdade era apenas a outra face da mesma

paixão nobre, a paixão patriótica, ou da de militarista que fora ao lutar contra o dreyfusismo,

o qual era determinada antimilitarista, a se fazer quase antimilitarista, visto que agora lutava

contra a manha ultramilitarista. Brichot exclamava:

- Oh, que espetáculo magnífico de atrair a juventude de um século só feito de

brutalidade, conhecendo a parte do culto da força: um dragão! Pode-se imaginar o que será

a vil soldadesca de uma geração educada no culto dessas manifestações de força bruta. Da

mesma de Spitteler, desejando opô-lo a essa medonha concepção do sabre acima dela

exilou simbolicamente, na profundidade das selvas, escarnecido, caluniado, solitário o

personagem sonhador a quem denomina *Estudante Louco*, no qual o autor preciosamente

encarnou a doçura infelizmente fora de moda, em breve esquecida; poder-se-ia dizer-se o

reinado atroz do seu velho deus não fosse destruído a adorável doçura dos tempos de paz.

*[Proust se refere à novela de Carl Spitteler *Die Mädeheinde* ('O inimigo das moças').

Spitteler que ganhou o Prêmio Nobel em 1919. (N. do T)]*

- Ouça - disse-me o Sr. de Charlus-, você conhece Cottard e Cambremer. Sempre que os vejo, eles me falam da extraordinária falta de psicologia da Alemanha. Cá entre nós,

julga que até agora eles tenham se preocupado com a psicanálise e que, mesmo hoje,

sejam capazes de provar seus conhecimentos psicológicos. Mas veja bem que não estou

exagerando. Ainda que se tratasse do maior ato de Nietzsche, de Goethe, você ouviria

Cottard dizer: "com a habitual falta de lógica que caracteriza a raça teutônica".

Evidentemente, existem coisas penosas na guerra, mas confesse que é enervante. Norpois

tem mais finura, reconheço-o, embora não tenha deixado de se enganar desde o começo.

- Mas que significam esses artigos que provocam o entusiasmo universal?

- Meu caro, você sabe tão bem quanto eu o que vale Brichot, a quem muito estimo,

mesmo depois do cisma que me afastou de sua igreja, e é por isso que o vejo cada vez

menos. Mas enfim, tenho uma certa consideração por esse diretor de colégio, bem falante e

muito instruído, e confesso achar tocante vê-lo, na sua idade e enfraquecido como está, e o

está sensivelmente nos últimos anos, voltar, como diz, a servir. Mas, afinal, a boa intenção é

uma coisa e o talento outra, e Brichot nunca teve talento. Confesso que partilho de sua

admiração por determinadas grandezas da guerra atual. Quando muito, é estranho que um

cego partidário da Antigüidade, como Brichot, que não poupava sarcasmos a Zola, que

pensa haver mais poesia num casal de operários, na mina, que nos palácios históricos, ou a

Goncourt, que colocava Diderot acima de Homero e Watteau superiormente a Rafael, não

cesse de repetir que as Termópilas, e mesmo Austerlitz, nada valiam diante de Vauquois.

Aliás, desta vez, o público que havia resistido aos modernistas da literatura e da arte, segue

os da guerra, porquanto suas idéias estão na moda, e além disso os espíritos medíocres se

deixam levar, não pela beleza, mas pela enormidade da ação. Só se escreve *kolossal* com

k, mas no fundo as pessoas se ajoelham mesmo é diante do *colossal*. A propósito de

Brichot, você viu Morel? Disseram-me que ele deseja me rever. Ele é que tem de tomar a

iniciativa, sou o mais velho, não me cabe dar o primeiro passo.

*[Vauquois: vilarejo da região de Argonne, próximo a Varennes, a 25 m a oeste de Verdun,

onde ocorreram violentos combates em fevereiro e março de 1915. (N. do T)]*

Infelizmente, já no dia seguinte, digamo-lo para antecipar, o Sr. de Charlus se encontrou cara a cara com Morel; este, para excitar o seu ciúme, tomou-o pelo braço,

contou-lhe histórias mais ou menos verdadeiras e, quando o Sr. de Charlus, desvairado,

precisando que Morel ficasse em sua companhia aquela noite, já não ia mais a parte

alguma, o outro, avistando um camarada, despediu-se do Sr. de Charlus, o qual, na

esperança de que essa ameaça, que, aliás, é claro, nunca realizaria, fizesse Morel permanecer, disse-lhe:

- Toma sentido, eu me vingarei - e Morel, rindo, foi embora dando tapinhas na nuca

do atônito companheiro, a quem abraçava pela cintura.

Sem dúvida, as palavras que o Sr. de Charlus me dizia a respeito de Morel

testemunhavam o quanto o amor seria necessário que o do barão fosse bem persistente-

torna uma pessoa mais crédula e menos soberba (e, ao mesmo tempo mais imaginativa e

mais suscetível).

Mas, quando o Sr. de Charlus acrescentava:

- É um rapaz louco pelas mulheres e que só pensa nisso -,dizia-o mais veridicamente

do que julgava. Dizia-o por amor-próprio, por amor, para que os pensassem que a aflição de

Morel por ele não fora seguida por outras do gênero. É claro que eu não acreditava nisso,

eu que vira (o que o Sr. de Charlus sempre ignorou) Morel conceder, por cinquenta francos,

uma de suas noites ao príncipe de Guermantes. E se, vendo passar o Sr. de Charlus, Morel

menos rodeava em que, por necessidade de confessar, esbarrava com ele para ter ocasião

de dizer, triste:

"Oh, perdão, reconheço que agi de modo repugnante com você sentado num terraço

com alguns companheiros, soltava gritinhos como eles' - estava o barão com o dedo, e

punha-se a cacarejar como se faz por zombaria com o velho invertido, eu me convencia que

era para esconder as suas manobras chamados de parte pelo barão, cada um desses

denunciadores públicos teria feito tudo o que ele lhes disse. Enganava-me. Se um movimento singular havia trazido à inversão - e em todas as classes -, criaturas como Saint-

Loup, quando estavam longe de tal, um movimento em sentido inverso afastara dessas

práticas daqueles que lhes eram mais habituais. Em determinados indivíduos, a mudança

fora operada por tardios escrúpulos religiosos, pela emoção experimentada estourarem

certos escândalos, ou pelo temor de doenças inexistentes, nas quais tinham feito acreditar,

com toda a sinceridade, parentes que muitas vezes em geral porteiros ou lacaios, insinceros

amantes ciumentos que acreditavam, desse modo conservar só para eles um rapaz que, ao

contrário, tinham afastado de si próprio tanto quanto os outros. Assim é que o antigo

ascensorista de Balbec não aceitou por dinheiro nenhum as propostas que agora lhe

pareciam tão graves como as do inimigo. Quanto a Morel, sua recusa relativamente a toda a

sociedade, sem exceção, em aceitar que o Sr. de Charlus houvesse dito, sem querer, uma

verdade que lhe justificasse a um tempo as ilusões e lhe destruísse as esperanças, provinha

fato de que, dois anos depois de ter deixado o Sr. de Charlus, se apaixonara.

A mulher, com quem vivia, e que, tendo mais força de vontade que ele, sem impor-

lhe uma fidelidade absoluta. De forma que Morel, que, no tempo em que o Sr. de Charlus

lhe dava tanto dinheiro, concedera, por cinquenta francos, uma noite ao príncipe de

Guermantes, agora não teria aceitado do mesmo, ou de quaisquer outros, fosse quem

fosse,

ainda que lhe oferecessem cinquenta mil francos. Na de honra e de interesse, sua "mulher"

lhe inculcara um certo respeito humano; não detestava chegar à fanfarronada e à ostentação de que todo o dinheiro mundo lhe era indiferente quando oferecido sob certas

condições. Assim o jogo das diversas leis psicológicas para compensar, na floração da

espécie humana, tudo aquilo que num sentido ou noutro, levaria ao seu aniquilamento

completo ou pela rarefação. Assim ocorre com as flores, onde uma sabedoria semelhante,

posta em evidência por Darwin, regula as formas de fecundação opondo sucessivamente

uma às outras.

- Aliás, é uma coisa estranha - acrescentou o Sr. de Charlus com ar penetrante que

assumia em certos momentos. - Ouço pessoas que parecem felizes o dia inteiro, que tomam

excelentes coquetéis, declararem que não chegariam ao final da guerra, que seu coração

não teria forças para tanto, que não podem pensar em outra coisa, que morrerão de

repente. E o mais extraordinário é que isso realmente acontece. É curioso! Será por uma

questão de alimentação, visto que só ingerem alimentos mal preparados ou então porque,

para provar o seu zelo, entregam-se a tarefas vãs; mas que destroem o regime que os

conservava? Afinal, registro um número espantoso dessas estranhas mortes prematuras,

prematuras ao menos na opinião do defunto. Mas já nem sei mais o que lhe dizia; dizia que

Norpois admirava esta guerra. Mas que modo singular de falar dela! Em primeiro lugar,

notou esse fervilhar de expressões novas que, quando ficam surradas de tanto se

empregarem todos os dias, pois Norpois realmente é infatigável, acho que a morte de minha

tia Vil eparisis foi que lhe deu uma segunda juventude-, são imediatamente substituídas por

outros lugares-comuns? Lembro-me que antigamente você se divertia em reparar nessas

formas de linguagem que surgem, se mantêm e desaparecem: "quem semeia ventos, colhe

tempestades"; "os cães ladram, a caravana passa"; "dai-me uma boa política, e lhe darei

boas finanças, dizia o barão Louis"; "há sintomas que seria exagero tomar ao trágico, mas

que convém levar a sério"; "trabalhar pelo rei da Prússia" (aliás, esta ressuscitou, o que era

infalível). Pois bem, coitadas, quantas eu já vi morrer! Tivemos: "o farrapo de papel", "os

impérios de rapina", "a famosa Kulturque consiste em assassinar mulheres e crianças

indefesas", "a vitória pertence, como dizem os japoneses, a quem sabe suportar um quarto

de hora mais que o outro", "os germano-turanianos", "a barbárie científica", "se quisermos

ganhar a guerra, segundo a forte expressão de Lloyd George", enfim, são inúmeras, sem

falar na agressividade e no moral das tropas. Até a sintaxe do excelente Norpois sofreu,

com a guerra, uma alteração tão profunda como o fabrico do pão ou a rapidez dos

transportes. Já reparou como o excelente homem, tentando proclamar seus desejos como o

sendo uma verdade a ponto de realizar-se, não ousa, ainda assim, empregar o futuro puro e

simples que se arriscaria a ser desmentido pelos fatos, e adotou, como sinal destes tempos,

o verbo "saber"?-

Confessei ao Sr. de Charlus que não entendia bem o que ele queria dizer.

É preciso assinalar aqui que o duque de Guermantes de modo algum compartilhava

do pessimismo do irmão. Além do mais, era tão anglófilo quanto o Sr. de Charlus era

anglófobo. E, afinal, tinha o Sr. Cail aux por um traidor que merecia mil vezes ser fuzilado.

*[Joseph Cail aux, político francês (1863-1944), acusado de cumplicidade com os alemães,

foi preso em 1918, condenado em 1920 e anistiado em 1925. (N. do T)]*

Quando o irmão lhe pedia provas dessa traição, o Sr. de Guermantes respondia que,

se se condenassem unicamente as pessoas que assinassem um papel declarando "Eu trai",

jamaiz se castigaria um crime de traição. Mas, para o caso de que eu não tenha ocasião de

voltar a este assunto, as falarei também que, dois anos mais tarde, o duque de Guermantes,

animado do puro anficail autismo, conheceu um adido militar inglês e sua esposa, casal

provavelmente letrado, com o qual se ligou (como, no tempo do Caso Drey fus, com o tio

senhoras encantadoras); desde o primeiro dia, falando-lhes de Cail aux, de quê considerava

a condenação garantida e o crime patente, teve a estupefação de ver o casal letrado e

encantador afirmar:

- Mas ele provavelmente será absolvido, não existe absolutamente nada contra ele.

O Sr. de Charlus tentou alegar que o Sr. Norpois, em seu depoimento, dissera, encarando Cail aux que se mostrava até do: "O senhor é o Giolitti da França; sim, Sr.

Cail aux, o senhor é o Giolitti da França."

*[Giovanni Giolitti, político italiano (1842-1928), várias vezes presidente do Conselho de

Ministros, era germano contrário à aliança com os franceses. (N. do T)]*

Porém o casal letrado e encantador sorria, ridicularizara o Sr. de Norpois, citando

provas de sua caduquice e concluía que ele havia dito aquilo, segundo "diante do sr.

Cail aux aterrado", mas provavelmente, na verdade, diante do Cail aux malicioso. As

opiniões do duque de Guermantes não tardaram a mudar. Atribuir essa mudança à

influência de uma inglesa não é hoje tão absurdo como poderia parecer em 1919, quando os

ingleses só chamavam os alemães de humanos e exigiam uma condenação feroz contra os

culpados. Também a opinião deles mudam aprovando decisões que podiam entristecer a

França e vir em auxílio da Alemanha.

Para retornar ao Sr. de Charlus:

- Sim - respondeu ele à confissão de quanto eu não o entendia-, sim: "saber", nos artigos de Norpois, é sinal do futuro, isto é o sinal dos desejos de Norpois e, aliás, de todos

nós - acrescentou, talvez não de todo sincero. - Entenda que, se "saber" não se tivesse

tornado simplesmente SIM do futuro, ainda se compreenderia, a rigor, que o sujeito desse

verbo pudesse ser um país. Por exemplo, cada vez que Norpois diz: "A América não saberia

permanecer indiferente a essas repetidas violações do direito, "a monarquia bicéfala não

saberia deixar de chegar ao arrependimento", está claro que tais frases experimenta os

desejos de Norpois (como os meus, como os seus), mas ao menos aqui o verbo pode ainda,

apesar de tudo, conservar seu sentido antigo, pois um país pode "saber", a América pode

"saber", a própria monarquia "bicéfala" pode "saber" (apenas da eterna "falta de psicologia").

Mas já não é possível duvidar quando Norpois escreve: "Essas devastações sistemáticas

não saberiam convencer os neutros", "a região dos Lagos não saberia deixar de cair em

breve nas mãos dos Aliados", "os resultados dessas eleições neutralistas não saberiam

refletir a opinião da grande maioria do país". Ora, é certo que tais devastações, regiões e

resultados são coisas inanimadas que não podem "saber". Por meio dessa fórmula, Norpois

simplesmente endereça aos neutros um apelo (ao qual lamento constatar que não atendem)

para que abandonem a neutralidade; ou a região dos Lagos, para que não mais pertença

aos "Boches". (O Sr. de Charlus empregava o termo "boche" com o mesmo tipo de ousadia

com que outrora, no trem de Balbec, falava dos homens que não se interessam por

mulheres).

"Além disso, já reparou com que manhas Norpois, desde 1914, vem começando os

seus artigos? Principia declarando que certamente a França não deve imiscuir-se na política

da Itália (ou da Romênia ou da Bulgária etc.). Só a essas potências cabe decidir, com toda a

independência, consultando unicamente o interesse nacional, se devem ou não deixar de

ser neutras. Mas, se essas primeiras declarações do artigo (o que antigamente se chamaria

exórdio) são tão notavelmente desinteressantes, o que se segue em geral o é bem menos.

"Todavia", -continua basicamente Norpois- "fica bem claro que só tirarão benefício material

da luta as nações que se alinharem com o direito e a justiça. Não se pode esperar que os

Aliados recompensem, outorgando-lhes territórios de onde se levanta há séculos a queixa

de seus irmãos oprimidos, os povos que, seguindo a política do menor esforço, não tiverem

posto sua espada a serviço dos Aliados."

Dado esse primeiro passo para um conselho de intervenção, nada mais detém

Norpois; já não é apenas sobre o princípio, mas sobre a época da intervenção, que dá

conselhos mais ou menos disfarçados.

"Claro", -diz ele, procedendo como lobo em pele de cordeiro- "compete somente à

Itália e à Romênia decidirem acerca da hora oportuna e sobre a maneira com que lhes

convenha praticar a intervenção. No entanto, os dois países não podem ignorar que,

tergiversando demais, arriscam-se a deixar passar a hora. Já os cascos da cavalaria russa

fazem estremecer a Alemanha, presa de terror indizível. Evidentemente, os povos que se

limitarem a voar ao encontro da vitória, cuja aurora resplandecente já enxergamos, não

terão nenhum direito à mesma recompensa que ainda podem obter apressando-se etc."

É como no teatro, quando se diz:

"Os últimos lugares restantes não tardarão a esgotar-se. Aviso aos retardatários!"

Raciocínio tanto mais estúpido quanto Norpois o repete a cada seis meses, dizendo

periodicamente à Romênia:

"Chegou a hora da Romênia saber se quer ou não realizar suas aspirações

nacionais. Se continuar esperando, pode ser tarde demais."

Ora, ele diz isso há três anos; não só o "tarde demais" ainda não chegou, como não

cessam de aumentar as ofertas que se fazem à Romênia. Da mesma forma, convida a

França etc., a intervir na Grécia como potência protetora, porque não se cumpriu o tratado

entre a Grécia e a Sérvia. Ora, com toda a franqueza, se a França não estava em guerra e

não aspirava ao concurso ou à neutralidade benevolente da Grécia, teria a idéia de intervir

enquanto potência protetora? E o sentimento moral que a leva a revoltar-se porque a Grécia

não manteve seus acordos com a Sérvia, por acaso não é silencioso quando se trata de

uma violação igualmente flagrante, por parte da Romênia e da Itália, que, da mesma forma

que a Grécia, e com mais razão creio eu, não cumpriram seus deveres, menos imperiosos e

extensos do que se julgam aliadas da Alemanha? A verdade é que as pessoas sabem de

tudo através do jornal predileto, e como poderiam proceder de outro modo visto não

conhecer pessoalmente as pessoas nem os acontecimentos de que se trata? Não tem o

Caso Dreyfus, que o apaixonou de forma tão estranha, numa época em que convencionou

dizer que estamos separados como por séculos, pois os filósofos e a guerra acreditaram

estarem rompidos todos os laços com o passado, eu me havia chocado de ver pessoas da

minha família manifestarem todo o seu apreço à antigos anticlericais da comuna,

que seu

jornal apresentava como antidreyfusista e cobrir de desonra um general bem nascido e

católico, porém revisionista. Escandaliza menos ver todos os franceses execrarem o

imperador Francisco a quem antes veneravam, e com razão, posso afirmá-lo, eu que o

conheci e que me honrava tratando-me de primo.

“- Ah, nunca mais lhe escrevi, desde que guerra começou”- acrescentou ele, como se

confessasse ousadamente uma atitude que muito bem sabia ninguém lhe haveria de

censurar. - Ou, por outra, no primeiro ano, e uma vez apenas. Mas o que quer? Isso não

muda em nada meu respeito por ele, mas tenho aqui muitos parentes jovens que combatem

nas fileiras e que achariam, bem o sei, muito ruim que eu mantenha correspondência

assídua com o líder de uma nação inimiga. Que quer? Critique-me quem quiser-

acrescentou, como se se expusesse corajosamente às minhas censuras-; mas quis que

uma carta assinada por mim chegasse neste momento à Viena. A carta crítica que eu

dirigiria ao velho soberano é que um senhor de sua estirpe, chefe uma das casas mais

antigas e ilustres da Europa, se deixe levar por esse fidalgo - aliás muito inteligente, mas

enfim um simples arrivista como Guilherme de Hohzollern. Eis uma das anomalias mais

revoltantes desta guerra. -

E, como, desde que se colocava no ponto de vista nobiliárquico, no fundo, para ele,

dominante, o Sr. de Charlus concebia as maiores infantilidades, disse-me, no mesmo tom

como falaria de Madame ou de Verdurin, que havia coisas capitais e bastante curiosas que

o historiador dessa guerra não deveria omitir.

- Assim, por exemplo -disse - são tão ignorantes que ninguém percebeu essa coisa

tão marcante: o grão-mestre da Ordem de Malta, um puro "boche", continua a viver em

Roma, onde desfruta de privilégio de extraterritorialidade, como grão-mestre da nossa

ordem. É interessante - acrescentou, como se me dissesse:

"Está vendo que não perdeu sua noite ao me encontrar."

Agradei. E ele assumiu o ar modesto de alguém que não recebe pagamento.

-Que é que lhe dizia? Ah, sim! Que as pessoas agora odeiam Fran José, seguindo a

opinião de seus jornais. Quanto ao rei Constantino da Grécia czar da Bulgária, o público tem

vacilado várias vezes entre a aversão e a simplicidade porque, alternadamente, diziam que

eles se punham ao lado da Entente ou de Brichot que denomina os impérios Centrais. É

como Brichot repete a todo instante que "vai soar a hora de Venizelos". Não duvido que o

Sr. Venizelos seja um estadista muito capaz, mas quem nos diz que seja assim tão

desejado pelos gregos? Asseguram-me que ele queria que a Grécia mantivesse seus

compromissos com a Sérvia. Ainda assim, seria preciso saber quais eram esses

compromissos, e se eram mais consideráveis que os que a Itália e a Romênia acreditaram

poder violar. Temos, pela maneira como a Grécia executa seus tratados e respeita sua

constituição, uma preocupação que certamente não teríamos se isso não fosse do nosso

interesse. Não havendo guerra, acredita que as potências "fiadoras" sequer atentassem

para a dissolução das Câmaras? Vejo que, simplesmente, um a um, retiram-se todos os

apoios ao rei da Grécia, para poder expulsá-lo ou prendê-lo no dia em que não houver mais

exército que o defenda; eu lhe dizia que o público não julga o rei da Grécia e o dos búlgaros

senão conforme os jornais. E como poderiam pensar sobre o assunto senão através do

jornal, visto que o não conhecem? Vi-o muitíssimas vezes, conhecia-o perfeitamente,

quando ele era giádoco* [título do príncipe herdeiro, na Grécia moderna], Constantino da

Grécia era pura maravilha. Sempre achei que o imperador Nicolau nutria um profundo

sentimento por ele. Sem segundas intenções, é claro. A princesa, esposa de Cristiano,

falava disso abertamente, mas era muito maldosa. Quanto ao czar dos búlgaros, é um

tremendo velhaco, um verdadeiro escândalo, porém, muito inteligente, um homem notável.

Gosta muito de mim.

*[No Original, "La princesse Christian", ou seja, "a princesa casada com Christian", no caso

Cristiano X, rei da Dinamarca. (N. do T.)]*

O Sr. de Charlus, que podia ser tão agradável, tornava-se odioso quando abordava tais assuntos. Fazia-o com a satisfação irritante de um doente que se vangloria de sua boa

saúde. Muitas vezes pensei que, no "tortinho" de Balbec, os fiéis que tanto suspiravam pelas

confissões a que ele se furtava, não teriam talvez suportado essa espécie de ostentação

maníaca e, constrangidos, respirando mal como num quarto de enfermo ou diante de um

morfino que se injetasse a seringa em público, teriam posto fim às confidências que

julgavam desejar. Além do mais, irritavam-se ao ouvir acusar todo mundo e, provavelmente,

amiúde sem quaisquer provas, por alguém que a si mesmo se isentava da categoria

especial, à qual, no entanto, sabiam que pertencia, e na qual de bom grado ele punha os

outros. Enfim, ele, tão inteligente, formara a tal respeito uma pequena filosofia acanhada

(em cuja base haveria talvez uma ninharia das curiosidades que Swann achava na "vida"),

tudo explicando por essas causas especiais e onde, cada vez que se estendia sobre esse

feito, mostrava-se não só abaixo de si mesmo, porém excepcionalmente satisfeito consigo

próprio. Assim é que ele, tão grave, tão nobre, teve o sorriso mais simplório para acabara

seguinte frase:

- Como existem fortes presunções do mesmo gênero que para Fernando de

Cobourg, no caso do imperador Guilherme, isto poderia explicar o motivo do czar Fernando

se ter posto do lado dos "impérios de rapina". Com os diabos, no fundo é bem

compreensível sempre somos indulgentes com uma irmã, não lhe recusamos nada. Acho -

seria uma interessante explicação da aliança da Bulgária com a Alemanha.-

E explicação estúpida o Sr. de Charlus riu longamente, como se a achasse

verdadeiramente engenhosa, conquanto, mesmo se baseando em fatos verídicos, fosse tão

pueril quanto as reflexões que o Sr. de Charlus fazia sobre a guerra, ao julga-la por seu

espírito feudal ou na sua qualidade de cavaleiro de São João de Jerusalém. *[ou seja, de

um ponto de vista prussiano, pois a ordem de São João de Jerusalém era originária dela -

(N. do T)]*

Terminou com uma observação mais justa:

- O espantoso - disse - é que, esse público, que só julga os homens e os fatos da guerra através dos jornais, convencido de que julga por si mesmo.

Nisto o Sr. de Charlus estava com a razão. Contaram-me ser importante ver os momentos de silêncio e de hesitação da Sra. de Forchevil e, semelhantes aos

necessários,

não só para enunciar, mas para formar uma opinião pessoal, antes de dizer, no tom de

quem exprime uma convicção íntima: "não, não creio que eles tomem Varsóvia"; "tenho a

impressão de que não se passará um segundo inverno o que eu não queria era uma paz

claudicante"; "o que me apavora, se me permitem que o diga, é a Câmara"; "sim, apesar de

tudo, acho que poderemos romper a frente inimiga". E para dizer isso, Odette assumia um

jeito adocicado, que ela levava ao extremo ao falar: "Não digo que os exércitos alemães não

combatem bem, mas falta-lhes o que se chama peito. Para pronunciar peito (ou mesmo

"agressividade" -, fazia com a mão o gesto de amassar e piscava os olhos como os pintores

quando empregam um termo do ofício. Sua linguagem, todavia, revelava, mais do que

antigamente, a admiração pelos ingleses, a quem já não se limitava, como outrora; a

chamar "nossos vizinhos de além-Mancha", ou, quando muito, "nossos vizinhos ingleses", e

sim, "nossos leais aliados". Inútil dizer que ela não perdia ocasião de citar, sob qualquer

pretexto, a expressão *fairplay*, para mostrar como os ingleses achavam os alemães

jogadores incorretos, e "o essencial é ganhar a guerra, como dizem nossos bravos aliados".

No máximo, associava o nome do genro, de modo muito desastrado, a tudo que se

referisse aos soldados ingleses, e ao prazer que ele sentia no convívio da intimidade dos

australianos, tanto quanto dos escoceses – neo-zelandeses ou canadenses.

"Meu genro Saint-Loup conhece agora o linguajar de todos os bravos, sabe fazer-se

entender até dos que vêm dos mais distantes domínios e, assim como o general comandante da base, confraterniza com o mais humilde *private*."

Que este parêntese sobre a Sra. de Forchevil e me autorize, enquanto, passeio pelas

ruas ao lado do Sr. de Charlus, a um outro, ainda mais longo, mas útil para descrever essa

época, sobre as relações da Sra. Verdurin com Brichot. Com efeito, se o pobre Brichot era

desse modo julgado sem indulgência pelo Sr. de Charlus (pois este era a um tempo muito

fino e mais ou menos inconscientemente germanófilo), era bem mais maltratado ainda pelos

Verdurin. É claro que estes eram chauvinistas, o que deveria fazê-los se agradarem com os

artigos de Brichot, os quais, por outro lado, não eram inferiores a muitos escritos com que se

comprazia a Sra. Verdurin.

Mas, primeiramente, talvez estejam lembrados de que, já na Raspeliere, Brichot se

tornara para os Verdurin, do grande homem que lhes parecera outrora, senão um bode

expiatório como Saniette, ao menos o objeto de suas troças mal disfarçadas. Atualmente,

porém, ele era ainda um fiel entre os fiéis, o que lhe assegurava uma parte das vantagens

tacitamente previstas pelos estatutos a todos os membros fundadores ou associados do

pequeno grupo. Porém, à medida que, talvez em benefício da guerra, ou pela rápida

cristalização de uma elegância de vagaroso brotar, mas cujos elementos necessários e

invisíveis saturavam há muito o salão dos Verdurin, este se abriu a um mundo novo, e onde

os fiéis, a princípio elementos de atração, acabaram por ser menos e menos convidados,

um fenômeno paralelo ocorria no caso de Brichot. Apesar da Sorbonne, apesar do Instituto,

sua notoriedade, até o começo da guerra, não ultrapassara os limites do salão Verdurin.

Mas, quando ele se pôs a escrever, quase diariamente, artigos ornados desse falso brilho

que gastara sem conta com os fiéis, ricos, por outro lado, de uma erudição bem genuína, e

que, como verdadeiro homem da Sorbonne, ele não procurava dissimular, embora a

cercasse de formas divertidas, a alta sociedade ficou literalmente deslumbrada. Aliás, ao

menos por uma vez, louvava alguém que, longe de ser uma nulidade, podia prender a

atenção pela fertilidade de sua inteligência e os recursos da memória. E, enquanto três

duquesas iam passar a noite com a Sra. Verdurin, três outras se disputavam a honra de ter

para jantar em suas casas o grande homem, que aceitava a de uma delas, sentindo-se tanto

mais livre quanto a Sra. Verdurin, exasperada pelo sucesso que os artigos de Brichot

encontravam junto ao *faubourg* Saint-Germain, tomava o cuidado de lhe evitar a presença

em suas reuniões, quando aí se encontrasse algum personagem distinto que ainda não o

conhecesse e que se apressaria em atraí-lo. Foi assim que o jornalismo (ao qual Brichot, em

suma, se contentava em dar, tardiamente, em troca de soberbos emolumentos, o que

gastara a vida inteira de graça, e de maneira incógnita, no salão dos Verdurin, porquanto

seus artigos não lhe custavam mais esforços do que as conversas, tanto ele era eloqüente e

erudito) teria conduzido, e pareceu até, em dado momento, conduzir Brichot a uma glória

inconteste... se não existisse a Sra. Verdurin. Certo, os artigos de Brichot estavam longe de

ser tão notáveis como julgam as pessoas da sociedade. A vulgaridade do homem surgia a

cada instante sob o pedantismo do letrado. E, ao lado de imagens que não queriam dizer

absolutamente nada ("os alemães já não poderão olhar de frente a estátua de Beethoven";

"Schil er deve ter estremecido no túmulo"; "a tinta que assinou a neutralidade da Bélgica mal

havia secado"; "Lênin fala, mas o vento da estepe leva tudo"), nas trivialidades desse tipo:

"Vinte mil prisioneiros, é uma cifra; nosso comando deve abrir o olho, e bem; queremos vencer, e ponto final."

Porém, misturado a tudo, tanto saber, tanta inteligência, raciocínios tão justos! Ora, a

Sra. Verdurin iniciava a leitura de um artigo de Brichot sem a prévia satisfação de pensar

encontrar ali coisas ridículas, e lia-o com a maior atenção para ter certeza de quem, as

deixaria escapar. E, infelizmente, era certo que havia algumas, embora não quantas

esperava. A mais apropriada citação de um autor mal conhecido, como pela obra a que

Brichot se referia, era acusada como prova do pedantismo insustentável, e a Sra. Verdurin

esperava com impaciência a hora do jantar, para desencadear as gargalhadas de seus

convivas.

- Muito bem, que me diz esse Brichot desta noite? Lembrei-me de vocês ao ler a citação de Cuvier. Palavra que está ficando louco.

- Ainda não li - dizia Cottard.

- Como? ainda não leu? Não sabe a delícia que perde. Está de um ridículo mortal.
-

E contente, no fundo de alguém ainda não ter lido o artigo de Brichot, a fim de aproveitar a ocasião para ela própria poder ressaltar os ridículos, a Sra. Verdurin dizia ao

mordomo que trouxesse *Le Temps*, e ela mesma punha-se a ler em voz alta,

fazendo

ressoar com ênfase frases mais simples. Depois do jantar, durante a noite inteira, essa

campanha anti-Brichot continuava, porém com falsas reservas.

- Não quero falar alto, receio que daquele lado - dizia a Sra. Verdurin apontando a

condessa Molé -, entendam isto. As pessoas da sociedade são mais ingênuas do que

pensam. -

A condessa Molé, a quem procurava deixar perceber, falando bem alto, que se

tratava dela, e também, baixando a voz, que tais palavras não lhe eram dirigidas, reconhecia

covardemente Brichot, a quem todavia comparava à Michelet. Dava razão à Verdurin e, para

encerrar com alguma coisa que lhe parecia incontestável, dizia que não se lhe pode negar é

que é bem escrito.

- Você acha isso bem escrito! - exclamava a Sra. Verdurin - pois me parece que ele

escreve como um porco – com uma audácia que fazia rir tanto mais os mundanos quanto a

Sra. Verdurin, como também se escandalizasse com a palavra porco, pronunciara-a

sussurrando, tampando a boca. Sua raiva contra Brichot crescia tanto mais que ele

ostentava ingenuamente a satisfação pelo êxito, apesar dos acessos de mau humor que

provocava a ação da censura, cada vez que, como dizia com seu costume de

empregar

novos termos para mostrar que não era acadêmico demais, em algum trecho de artigo.

Na sua frente, a Sra. Verdurin não demonstrava muito, por um tom grosseiro que teria alertado um homem mais perspicaz, o seu caso pelo que "Chochotte" escrevia. Disse-

lhe apenas, certa ocasião, que não estava certo em usar tanto o "eu". De fato, ele tinha o

hábito de empregá-lo continuamente, primeiro porque, sendo professor, servia-se constantemente de expressões como "concordo que", e até, para dizer "gostaria que",

"desejo que": "gostaria que o enorme desenvolvimento das frentes exigisse etc.", mas

sobretudo porque, antigo dreyfusista militante, farejara a preparação germânica bem antes

da guerra, e amiúde escrevia:

"Denunciei desde 1897"; "assinalei em 1901 "; "adverti em minha pequena brochura

hoje raríssima (*flabent sua ala libel i*)" e esse costume lhe ficara.

*[*Flabent sua ala libel i* (latim): "Os livrinhos têm o seu destino". Pedaço de um verso de

Terenciano Mauro (séc. III d.C.). (N. do T)]*

Corou intensamente à observação da Sra. Verdurin, observação que lhe foi feita em

tom ácido.

- Tem razão, senhora; alguém que apreciava tão pouco os jesuítas como o Sr.

Combes, embora não tivesse sido prefaciado pelo nosso suave mestre do delicioso

cepticismo, Anatole France, que, se não me engano, foi meu adversário... antes do Dilúvio,

disse-me que "eu" é sempre odioso. -

A partir daquele momento, Brichot substituiu o "eu" por "se", o que não impediu o leitor de perceber que o autor falava de si mesmo, e facilitou a este fazê-lo sem cessar,

comentar as menores frases e escrever um artigo inteiro sobre uma só negação, sempre

resguardado pelo se passivo. Por exemplo, Brichot, havendo afirmado em artigo anterior

que os exércitos alemães tinham perdido uma parte da sua força, começava assim: "Aqui

não se camufla a verdade. Foi dito que os exércitos alemães tinham perdido uma parte da

sua força. Não se disse que não possuísem ainda grande valor. Ainda menos se dirá que já

não têm nenhuma importância. Tampouco se dirá que o terreno ganhou, se não for etc." Em

suma, enunciando apenas o que não diria, lembrando tudo o que dissera alguns anos antes,

e o que Clausewitz, Jomini, Ovídio, Apolônio de Tiana etc., haviam dito há séculos, Brichot

poderia compor facilmente a matéria de um grosso volume. É de lamentar que não o tenha

publicado, pois esses artigos tão substanciosos são hoje difíceis de encontrar. O *faubourg*

Saint-Germain, advertido pela Sra. Verdurin, pôs-se a rir de Brichot na casa dela, mas, longe

do pequeno clã, continuou a admirá-lo. Depois, zombar dele tornou-se uma moda, como o

havia sido admirá-lo, e até as pessoas que secretamente ainda se sentiam deslumbradas ao

lerem seus artigos, paravam e troçavam dele, desde que já não estivessem sozinhas,

receando parecerem menos perspicazes que as outras. Nunca se falou tanto de Brichot por

essa época, no pequeno clã, mas por decisão. Tomava-se como critério, para avaliar a

inteligência de um novato, o que ele pensava dos artigos de Brichot; se respondia mal da

primeira vez, não faltava quem lhe ensinasse como se reconhecem as pessoas de espírito.

- Enfim, meu pobre amigo - continuou o Sr. de Charlus -, tudo isso é terrível, e temos

a deplorar outras coisas além de artigos cacetes. Fala-se de vandalismo, de estátuas

destruídas. Mas será que a destruição de tantos rapazes maravilhosos, que eram estátuas

policromas incomparáveis, também não é vandalismo? Uma cidade sem belos homens não

será como uma cidade da qual tem sido quebradas todas as estátuas? Que prazer posso

sentir em jantar num restaurante, ao ser servido por velhos bufões barbudos que se

parecem ao padre ou por mulheres de touca que me fazem acreditar que entrei no Bouil on

Duval.

*[Os Bouil on Duval, eram restaurantes baratos, espalhados principalmente nos bairros da

margem direita do Sena. Foram criados no bairro de Batignol es sob o Segundo Império. (N.

do T)]*

- Exatamente, meu caro, e acho que tenho o direito de falar assim porque o numa

matéria viva, ainda é o Belo. Grande prazer, ser atendido por criaturas trágicas, de óculos,

cujos motivo de não-convocação se estampa nos rostos! Ao contrário do que ocorria

antigamente, quem quisesse, num restaurante, descansar os olhos na figura de alguém digno

de ver-se, não convém encarar os garçons que servem, mas sim os fregueses que comem.

Mas podia-se olhar de novo os criados, embelezados se estes mudassem muito, mas aí de

quem procurar saber quem é, e quando voltei, o tenente inglês que aparece hoje pela

primeira vez e talvez seja morto amanhã. Quando Augusto da Polônia, conforme narra o

encantador Morand, o delicioso autor de Clarisse, trocou um de seus regimentos por uma

coleção de jarros chineses, na minha opinião um mau negócio. Pense que todos aqueles

enormes lacaios, que tinham dois metros de altura e ornamentavam as escadarias

monumentais nossas mais lindas amigas, foram todos mortos, tendo se engajado porque

lhes garantiram que a guerra só duraria dois meses. Ah, eles não conheciam, como eu a

força da Alemanha, a virtude da raça prussiana-completou, traindo-se.

Depois, percebendo que revelara seu ponto de vista:

- Não é tanto a Alemanha que eu receio para a França, mas a guerra em si mesma.

Os civis imaginam que a guerra é somente uma gigantesca luta de boxe, à qual assistem de

graças aos jornais. Mas estão totalmente enganados. É uma doença que, quando aparece

debelada num ponto, reaparece em outro. Hoje Noyon será libertada, amanhã não mais

teremos pão nem chocolate, depois de amanhã, aquele que se julgava bem tranqüilo e

aceitaria, se necessário, uma bala perdida, ficará alucinado ao ler nos jornais que sua classe

foi reconvocada. Quanto aos monumentos, uma obra-prima pela sua qualidade, como

Reims, apavora-me ainda menos ver a sua destruição do que presenciar o aniquilamento de

uma enorme quantidade de e conjuntos que faziam a menor aldeia da França tão instrutiva

e encantadora.

Logo pensei em Combray e de como outrora julgara diminuir-me ao sol da Sra. de

Guermantes, confessando a modesta posição ali ocupada pela minha família. Perguntei-me

se tal posição não fora revelada aos Guermentes e ao Sr. Charlus, fosse por Legrandin,

Swann, Saint-Loup ou Morel. Porém tal omissão seria menos penosa do que explicações

retrospectivas. Desejava apenas que o Sr. de Charlus não se referisse a Combray.

- Não quero falar mal dos americanos, meu caro - continuou ele -, parece que são

inesgotavelmente generosos e, como não houve maestro nessa guerra, cada um tendo

entrado na dança a seu tempo, eles, que principiaram quando já estávamos quase no fim,

podem mostrar um ardor que quatro anos de guerra já acalmaram em nós. Mesmo antes da

guerra, amavam nosso país, nossa arte, pagavam bem caro pelas nossas obras-primas.

Muitas lhes pertencem, agora. Mas precisamente essa arte desenraizada, como diria

Barres, representa o contrário do que formava o delicioso atrativo da França. O castelo

explicava a igreja, a qual, por ter sido local de romarias, explicava a canção de gesta. Não

preciso encarecer a celebridade de minhas origens e de minhas alianças de família, e aliás

não é disso que se trata. Porém ultimamente, para regularizar uma questão de interesses, e

apesar de uma certa frieza existente entre mim e minha família, tive de fazer uma visita à

minha sobrinha Saint-Loup, que mora em Combray. Combray não passava de uma

cidadezinha, como há tantas. Mas nossos antepassados inscreviam-se como doadores em

alguns vitrais, e em outros representavam-se nossas armas. Tínhamos lá a nossa capela,

nossos túmulos. Essa igreja foi destruída pelos franceses e ingleses porque servia de

observatório aos alemães. Destrói-se toda essa mescla de arte e história sobrevivente que

era a França, num processo que vai continuando. É claro que não cometo o ridículo de

comparar, por motivos de família, a destruição da igreja de Combray à da catedral de

Reims, que era como o milagre de uma catedral gótica que encontrasse naturalmente a

pureza da estatutária antiga, ou à de Amiens. Não sei se o braço erguido de São Firmino já

está quebrado hoje. Se o foi, a mais alta afirmação de fé e de energia desapareceu do

mundo.

- Seu símbolo, meu caro - respondi. - E também venero certos símbolos. Mas seria

absurdo sacrificar ao símbolo a realidade que ele representa. As catedrais devem ser

veneradas até o dia em que, para preservá-las, fosse necessário renegar as verdades que

elas simbolizam. O braço erguido de São Firmino, num gesto de comando quase militar,

dizia: Que sejamos partidos, se a honra assim o exige. Não sacrificai os homens às pedras,

cujas beleza provém justamente de ter, em certo instante, fixado verdades humanas.

- Percebo o que pretende dizer - respondeu o Sr. de Charlus -, e Barres, que infelizmente nos mandou fazer excessivas peregrinações à estátua de Estrasburgo e ao

túmulo do Sr. Déroulede, foi comovente e gracioso quando escreveu que a própria catedral

de Reims nos era menos cara que a vida de nossos soldados. Afirmção que torna bastante

ridícula a cólera de nossos jornais contra o general alemão que comandava aquela frente e

que dizia que a catedral de Reims lhe era menos preciosa que ainda de um único soldado

alemão. Aliás, é exasperador e pungente que todo país diga a mesma coisa. Os motivos

pelos quais as indústrias da Alemanha declaram ser a posse de Belfort indispensável para

preservar o seu país contra nossas idéias de desforra são os mesmos dos de Barres,

exigindo renúncia para nos proteger contra as veleidades de invasão dos boches. Por

restituição da Alsácia-Lorena terá parecido à França motivo insuficiente para a guerra,

motivo suficiente para continuá-la, para voltar a declará-la à todos. Você parece acreditar na

vitória doravante prometida à França, e eu a desejo de todo o coração, não tenha dúvidas a

respeito. Mas enfim, depois que, como ousam os Aliados estão certos de vencer (de minha

parte, naturalmente ficaria encantado com tal solução, mas vejo sobretudo muitas vitórias no

papel, vitórias de Pirro, é um custo que não nos é confessado) e que os boches já não têm

certeza de vencer se a Alemanha procurar apressar a paz, a França prolongar a guerra, a

França é a França justa e tem razão de fazer ouvir palavras de justiça, mas que é também

douce France, e deveria fazer ouvir palavras de piedade, nem que fosse apenas seus

próprios filhos e para que em todas as primaveras as flores, ao renascer iluminem algo mais

que tumbas. Seja franco, meu caro, você mesmo me apresentou uma teoria sobre as coisas

que não existem senão graças a uma criação perpetuamente recomeçada. "A criação do

mundo não ocorreu de uma só vez, porque ela ocorre necessariamente todos os dias. Pois

bem, se fala conforme você dizia, boa-fé, não pode excetuar a guerra dessa teoria. Nosso

excelente Norpois, por mais que escreva (com flores de retórica que lhe são tão caras como

a "aurora da vitória ou "o general Inverno"): "Agora que a Alemanha quis a guerra, os dados

estão lançados" - a verdade é que todas as manhãs declara-se a guerra de novo. Portanto,

aquele que pretende prosseguir-la é tão culpado quanto o que a principiou, talvez mais, pois

o primeiro não lhe previa, quem sabe, todos os horrores.

Ora, nada afirma que uma guerra tão prolongada, mesmo que deva ser vitoriosa, se

faz sem riscos. É difícil falar de coisas que não têm precedentes, são repercussões sobre o

organismo de uma operação que se tenta pela primeira a verdade que, em geral, as

novidades com que nos alarmamos são muitas vezes bem assimiladas. Os mais sensatos

republicanos achavam ser loucura o procedimento que passou sem maiores problemas.

Dreyfus foi reabilitar a separação da Igreja, Picquart chegou a ministro da Guerra sem

causar barulho. Todavia, há tudo da fadiga de uma guerra que se prolonga há vários anos.

Que farão os homens, quando regressarem? A fadiga os terá abatido ou desequilibrado?

Tudo isso poderia ao menos para o governo, talvez até a forma de governar seja ruim,

sendo para a França. Antigamente, você me fez ler o admirável *Aimée de Coigny*, de

Maurras. Eu ficaria muito surpreso se alguma *Aimée de Coigny* contemporânea não

esperasse prosseguir a guerra feita pela República, o que *Aimée de Coigny* espera atualmente em 1812, do prosseguimento da guerra feita pelo Império. Se a *Aimée* serão

realizadas suas esperanças? Não o desejo.

Para retornar à própria guerra, o primeiro que a deflagrou terá sido o imperador

Guilherme? Duvido muito. E, se tiver sido ele, não fez mais do que repetir Napoleão, por

exemplo, o que acho abominável mas me espanta ver inspirar tanto horror aos turiferários

de Napoleão, aos que, quando da declaração de guerra, exclamaram como o general Pau:

"Eu esperava este dia há quarenta anos. É o dia mais belo da minha vida." Deus sabe que

ninguém protestou com mais energia que eu quando se conferiu lugar exagerado aos

nacionalistas e aos militares na sociedade, quando todo amador das artes era acusado de

se ocupar de assuntos funestos à pátria, considerando-se deletéria toda civilização que não

fosse belicosa! Um legítimo homem da sociedade pouco valia comparado a um general.

Uma doida quase me apresentou ao Sr. Syveton.

Você dirá que o que eu me esforçava por manter eram apenas as regras mundanas.

Mas, apesar de sua frivolidade aparente, teriam talvez impedido muitos excessos. Sempre

enalteci os que defendem a gramática ou a lógica. Cinquenta anos depois, percebe-se que

elas conjuraram grandes perigos. Ora, nossos nacionalistas são os mais germanóforos dos

homens, os mais radicais. Mas, após quinze anos, sua filosofia mudou inteiramente. De fato,

eles incitam à continuação da guerra. Mas é apenas para exterminar uma raça belicosa e

por amor à paz. Pois uma civilização guerreira, o que achavam tão bonito há quinze anos,

causa-lhes horror agora. Não só censuram à Prússia o ter criado condições favoráveis ao

predomínio militar no país, mas julgam que as civilizações militares, em todos os tempos,

foram destruidoras de tudo aquilo que hoje consideram precioso, não somente as artes mas

até a galanteria. Basta que um de seus opositores se converta ao nacionalismo para que, de

imediato, torne-se um amigo da paz, convencido do papel baixo e humilhante da mulher em

todas as civilizações guerreiras. E ninguém ousa replicar-lhe que as "damas" dos cavaleiros,

na Idade Média, e a *Beatriz de Dante* talvez estivessem colocadas num trono tão elevado

como as heroínas do Sr. Becque.

*[Henri Becque (1837-1899), teatrólogo francês. Suas peças, pela rudeza e pessimismo,

filiam-se ao Naturalismo. (N. do T)]*

Um dia destes, creio ver-me colocado à mesa abaixo de um revolucionário russo ou

simplesmente de algum dos nossos generais que fazem a guerra por horror a ela, e para

punir um povo pelo fato de cultivar um ideal que eles mesmos consideravam o único salutar

há quinze anos. O desgraçado czar ainda há pouco era louvado por haver reunido a

conferência de Haia. Mas agora que se saúda a Rússia livre, é esquecido o título que

permitia glorificá-lo. Assim gira a roda do mundo. E, no entanto, a Alemanha emprega de tal

modo as mesmas expressões que a França, que é de acreditar que a está citando;

ela não

cessa de dizer que "luta pela existência". Quando leio: "Lutaremos contra um inimigo

implacável e cruel até obtermos uma paz que nos garanta o futuro a salvo de qualquer

agressão, e para que o sangue dos nossos bravos soldados não tenha corrido em vão", ou

"Quem não está conosco é contra nós", não sei se tais frases são do imperador Guilherme

ou do Sr. Poincaré, pois ambos, com algumas variantes, pronunciavam, umas vinte vezes, se

bem que, para falar a verdade, devo confessar que o imperador neste caso, tem sido

imitador do presidente da República. A França talvez mostrasse tanto empenho em

prolongar a guerra se se mantivesse fraca o tempo todo, mas, principalmente, a Alemanha

não estaria tão interessada em terminá-la se continuasse a ser forte. Digo, ter a mesma

força, pois forte você verá que ela é ainda.

Por nervosismo, porque buscava expandir suas impressões, por nunca ter cultivado

arte alguma precisava livrar-se; como um aviador de bombas, ele adquirira o hábito de falar

muito alto, mesmo no campo, onde as palavras não alcançavam ninguém, e sobretudo em

sociedade, onde elas caíam ao acaso sobre os interlocutores; e onde era ouvido por

esnobismo, por simpatia até, de tanto que os tiranizava, podia-se dizer que por

receio. Nos

bulevares, além disso, era um sinal de desprezo pelos transeuntes, para os quais nem

baixava a voz nem se desviava do caminho. Mas a voz reboava, espantava, e sobretudo

dava a entender claramente, às pessoas que se viravam para ouvir as frases que nos teriam

feito passar por derrotistas. Chamei a atenção dele sobre isso, e apenas consegui excitar-

lhe a hilaridade.

- Confesse que seria bem engraçado? - disse. - Depois de tudo – continuou - nunca

se sabe, cada um de nós se arrisca todas as noites a ser notícia no dia seguinte. Afinal, por

que não seria eu fuzilado nos fossos de Vincennes? O mesmo aconteceu com meu tio-avô,

o duque d'Enghid. A sede de sangue nobre desvaira uma certa população que se mostra

nisso requintada que os leões. Sabe que, para estes animais, seria bastante que a Sra.

Verdurin tivesse um arranhão no nariz para se lançarem sobre ela? O que, na minha

juventude, se chamaria "seu narigão".

E pôs-se a rir à bandeira despregada como se estivéssemos sozinhos num salão.

Por alguns momentos, vendo indivíduos suspeitos saírem da sombra da passagem

do Sr. de Charlus, ajustando-se a uma certa distância dele, eu me perguntava se lhe seria

mais agradável deixá-lo a sós ou acompanhá-lo. Assim como alguém que

encontra um

velho sujeito a freqüentes crises epileptiformes e o percebe, pela incoerência de seus

passos, a provável iminência de um doente, pergunta a si mesmo se sua companhia é

desejada, como um amparo, ou tem como a de uma testemunha a quem se desejaria

ocultar a crise e cuja prece talvez baste para desencadear o acesso, quando o sossego

absoluto seria bastante para evitá-lo. Mas a possibilidade da crise, à qual não se sabe se se

deve ou não assistir, é revelada no doente pelo andar ziguezagueante de ébrio. Enquanto

que, caso do Sr. de Charlus, essas várias posições divergentes, sinal de um possível

incidente de que eu não tinha certeza se ele desejava, ou temia ver afastado da minha

presença; eram, como por uma engenhosa encenação, ocupadas não pelo próprio barão,

que caminhava em linha reta, mas por todo um conjunto de figurantes. Ainda assim, creio

que ele preferia evitar o encontro, pois arrastou-me para uma rua transversal, mais escura

que o bulevar, para onde este não cessava de derramar, a menos que não fosse para ele

que refluíam, soldados de todas as armas e nações, influxo juvenil compensador e

consolante para o Sr. de Charlus, do refluxo de todos os homens para as fronteiras, que

logo estabelecera o vazio em Paris nos primeiros dias da mobilização. O Sr. de Charlus não

cessava de admirar os uniformes brilhantes que passavam por nós e que transformavam

Paris numa cidade tão cosmopolita como um porto, tão irreal como um cenário de pintor,

para quem a arquitetura fosse apenas um pretexto de agrupar roupas de colorido variado e

cintilante. Conservava, para com as grandes damas acusadas de derrotismo, o mesmo

respeito e a mesma afeição que outrora demonstrara às que haviam sido incriminadas de

dreyfusismo. Lamentava apenas que, rebaixando-se a fazer política, elas houvessem dado

ensejo "às polêmicas dos jornalistas". Para ele, nada havia mudado quanto a essas

senhoras. Pois a frivolidade delas era tão sistemática, que o nascimento, unido à beleza e a

outros prestígios, era o único ponto permanente não passando a guerra, como o Caso

Dreyfus, de modas vulgares e efêmeras. Mesmo que fuzilhassem a duquesa de Guermantes,

por tentativa de paz em separado com a Áustria, não a consideraria menos nobre, nem

menos degradada do que hoje nos parece a rainha Maria Antonieta por ter sido decapitada.

Naquele momento, Charlus, fidalgo à maneira de Saint-Valier ou Saint-Mégrin,

empertigava-se, rígido, solene, falando com gravidade, sem nenhum dos trejeitos com que

se denunciavam os de sua espécie. E, todavia, por que não teriam eles a voz bem firme?

Mesmo naquele momento, em que a voz se mostrava mais grave, ela soava falso e parecia

necessitar de um afinador. Aliás, o Sr. de Charlus, literalmente, não sabia onde tinha a

cabeça, e a erguia constantemente, lastimando não ter um binóculo que, no entanto, não lhe

serviria muito, pois, cada vez mais numerosos que de costume, devido à incursão de

zepelins da antevéspera, despertando a vigilância dos poderes públicos, havia militares até

no céu. Os aeroplanos que eu vira algumas horas antes, e que me haviam dado a

impressão de insetos a mancharem de pontos castanhos a tarde azul, passavam agora na

noite, mais profunda ainda pela extinção parcial da luz, como fachos luminosos. A maior

sensação de beleza que nos davam essas humanas estrelas cadentes era talvez,

principalmente, o de nos fazer olhar o céu, para o qual, habitualmente, erguemos pouco os

olhos. Nessa Paris, de que em 1914 eu vira a beleza quase inerte esperar a ameaça do

inimigo que se aproximava, certamente havia, então como agora, o antigo esplendor

intocado de uma lua cruelmente, misteriosamente serena, que derramava sobre os

monumentos ainda intactos a beleza inútil de sua luz; mas, como em 1914, e mais do que

então, havia também outra coisa, luzes diferentes, fogos intermitentes que, vindos

ou

desse aeroplanos ou dos projetores da Torre Eiffel, sabíamos ser dirigidos por uma

vontade intermitente, por uma vigilância amiga que dava o mesmo tipo de emoção, inspirava

o mesmo gênero de gratidão e de tranqüilidade que eu sentira no quarto de Saint-Loup

célula daquele claustro militar, onde se exercitavam, antes de consumir em seu sacrifício,

sem qualquer hesitação, em plena juventude, tantos corações contentes e disciplinados.

Depois da incursão da antevéspera, em que o céu estivera mais movimentado que a

terra, sobreviera a calma, como o mar após uma tempestade; também como o mar após a

borrasca, ainda não retomara o seu sossego absoluto. Ainda subiam aeroplanos, como

foguetes, para juntarem-se às estrelas, e os projetores passeavam lentamente, no céu

seccionado, como uma pálida poeira de astros, de errantes via-lácteas. Entretanto, os

aeroplanos vinham inserir-se às constelações, e, de fato, poder-se-ia julgar estarem em

outro hemisfério ao verem "estrelas novas".

O Sr. de Charlus me falou de sua admiração por esses pilotos e, como lograva

sufocar suas inclinações germanófilas melhor do que as outras, embora negasse a todas:

- Aliás, devo acrescentar que admiro igualmente os alemães que voam nos gothas. E

os zeplins, quanta coragem exigem! Mas trata-se de herético puro e simplesmente. Não

importa que atirem bombas sobre civis, visto que expõem da mesma forma aos tiros das

baterias. Você tem medo dos gothas em canhões?-

Respondi negativamente, e talvez me enganasse. Sem dúvida, tendo a preguiça me

habituação, em relação ao meu trabalho, a adiamentos constantes; julgava que o mesmo

ocorreria com a morte. Como recearia um canhão se estaria convencido que suas balas não

me atingiriam naquele dia? Aliás, formadas isoladamente, essas idéias de bombas

lançadas, de morte possível, nada acrescenta de trágico, para mim, à imagem que me fazia

da passagem das aeronaves. Até que, uma tarde, avistasse numa delas, lançada,

segmentada a meus olhos pelas ondas brumosas de um céu agitado, num aeroplano que,

embora o som mortífero, só imaginava como estelar e celeste, o movimento da bomba

atirada contra nós. Pois a realidade original de um perigo só é percebida nesta coisa

irredutível ao que já sabíamos, chamada impressão, muitas vezes, como naquele caso,

resumida numa linha, uma linha que revelava uma intenção, uma linha que havia o potencial

latente de realização, que a deformava, enquanto só ponte da Concórdia, em torno do

aeroplano acossado e ameaçador, e como se refletissem nas nuvens as fontes dos Champs-Élysées, da praça da Concórdia o Tulherias, os jatos luminosos dos projetores se

inflatam no céu, em linhas cheias de intenções previdentes e protetoras de homens

sensatos e poderosos os quais, como na noite passada no alojamento de Doncieres, eu me

sentia grato por sua força dignar-se a assumir, com tão bela precisão, o esforço de velar.

A noite estava tão bonita como em 1914, quando Paris também se via ameaçada. O

lunar semelhante um suave magnésio contínuo, permitindo registrar pela última vez imagens

soturnas de belos conjuntos como a praça Vendôme e a praça da Concórdia, às quais o

meu terror dos obuses que talvez fossem destruí-las emprestava, por contraste, em sua

beleza ainda intacta, uma espécie de plenitude, como se se expandissem, oferecendo aos

golpes as suas arquiteturas indefesas.

- Você não tem medo? - repetiu o Sr. de Charlus. - Os parisienses não se dão conta

da situação. Disseram-me que a Sra. Verdurin dá recepções todos os dias. Só sei pelo que

se diz, absolutamente não estou a par do que fazem, rompi inteiramente com eles-

acrescentou, baixando não somente os olhos, como à passagem de um telegrafista, mas

igualmente a cabeça, os ombros, e erguendo o braço num gesto que significa,

senão "lavo

as mãos", ao menos "não posso lhe dizer nada" (embora eu não lhe perguntasse coisa

alguma). - Sei que Morel comparece à tais reuniões com freqüência disse (era a primeira

vez que me falava nisso). - Dizem que deplora muito o passado, que deseja reaproximar-se

de mim - acrescentou, comprovando, ao mesmo tempo, aquela mesma credulidade de

mundano do *Faubourg* que diz: "Falam muito que a França procura entendimentos cada vez

maiores com a Alemanha, e que as negociações já foram entabuladas" ou dos apaixonados,

a quem as piores ofensas não desanimam. - Em todo caso, se o deseja, não tem mais que

falar; sou mais velho que ele, não me cabe dar o primeiro passo. - E, é claro, bem inútil seria

dizê-lo, tão manifesta era a sua disposição. Além do mais, palavras insinceras, pois, ao ouvi-

las, constrangia-me sentir que o Sr. de Charlus, embora alegasse não lhe caberem os

primeiros passos, pelo contrário dava um e esperava que eu me encarregasse da aproximação.

Certo, eu conhecia essa ingênua ou fingida credulidade das pessoas que gostam de

alguém, ou simplesmente não são recebidas em casa de qualquer um, imputando a esse

alguém um desejo que todavia ele não manifestou, apesar das solicitações enfadonhas.

Mas, à súbita entonação trêmula com que o Sr. de Charlus escandecceu essas palavras, ao

olhar perturbado que oscilava no fundo de seus olhos, tive a impressão de que havia outra

coisa além de uma insistência banal. Não me enganava e contarei de imediato os dois fatos

que me provaram retrospectivamente (antecipo de muitos anos o segundo desses fatos,

posterior à morte do Sr. de Charlus. Ora, essa morte só deverá ocorrer bem mais tarde, e

teremos ocasião de revê-lo diversas vezes, bem diferente daquele a quem já conhecemos,

especialmente pela última vez, numa época em que já terá esquecido Morel por completo).

Quanto ao primeiro desses fatos, produziu-se apenas dois ou três anos depois da noite em

que eu descia assim pelos bulevares em companhia do Sr. de Charlus. Portanto, cerca de

dois anos após essa noite, encontrei Morel. Pensei logo no Sr. de Charlus, no prazer que

sentiria ao rever o violinista, e insisti com ele para que fosse vê-lo, ao menos por uma vez.

- Ele foi generoso com você - disse eu a Morel - e já está velho, pode morrer e é preciso liquidar antigas rixas e apagar os traços - Morel pareceu inteiramente de acordo

comigo quanto ao benefício da ação, mas recusou-se categoricamente a fazer uma única

visita ao Sr. de Charlus.

- Procede mal - observei. - Será por preguiça ou por teimosia, ou mesmo por

amor-

próprio equivocado, por virtude (esteja seguro que a sua não será atacada), ou por

coqueteria? -

Então o violinista, contorcendo a fisionomia, uma confissão que certamente muito lhe

custava, respondeu-me estremecendo

- Não, não é por nada disso; a virtude, pouco me importa; a maldade? ao contrário

começo a lastimá-lo; não é por coqueteria, ela seria inútil, não é por preguiça, dias inteiros

que passo procurando o que fazer. Não, não é por nada disso, é (não o diga nunca a

ninguém, é loucura minha dizê-lo), é, é... é... por medo! - Pôs-se a tremer todo. Confessei

que não entendia nada. - Não, não me pergunte, não falemos mais nisso, você não o

conhece como eu, posso afirmar que não o conhece absolutamente.

- Mas que mal ele pode lhe fazer? Nenhum, tanto mais que não existe rancor entre

você. E, além disso, no fundo você sabe que ele é muito bom.

- Os diabos que sei! Bom, delicado, correto. Mas deixe-me, não me fale mais nisso

peço-lhe, é vergonhoso de dizer... mas tenho medo!

O segundo fato é posterior à morte do Sr. de Charlus. Trouxeram-me algumas

lembranças que ele me deixara; e uma carta, num triplo envelope, escrita por ele ao menos

dez anos antes de sua morte. Mas estivera gravemente enfermo, dispusera de

seus bens, e

depois se restabelecera antes de cair mais tarde no estado em que veremos no dia de uma

reunião em casa da princesa de Guermites e a carta, tendo ficado num cofre-forte com os

objetos que legava a alguns amigos, lá permanecera por sete anos, durante os quais ele se

esquecera inteiramente de Morel: carta, traçada numa escrita fina e segura, estava assim

concebida:

Meu caro amigo, os caminhos da Providência são desconhecidos. Às vezes, ela se

utiliza do defeito de um indivíduo medíocre para manter a primazia de um justo. Você

conhece Morel, sabe de onde ele saiu, a que fastígio desejei elevá-lo a bem dizer ao meu

nível. Sabe que ele preferiu voltar, não ao pó e à cinza de onde todo homem, isto é, a

verdadeira fênix, pode renascer, mas à lama onde rasteja a víbora. Ele se deixou sucumbir,

o que me preservou de decair. Você sabe que meu brasão de armas contém a própria divisa

de Nosso Senhor' *Inculcabis super leonem et aspidem'* , *[Expressão latina: "Calcarás aos

pés o leão e a serpente;" adaptação do Salmo 90 da Bíblia, que diz "Caminharás sobre

serpentes e víboras / Pisotearás leões e dragões." (N. do T)]*; com um homem representado

como tendo sob os pés, feito supor heráldico, um leão e uma serpente. Ora, se

assim pude

esmagar o próprio leão que sou eu, foi graças à serpente, e à sua prudência, que logo, de

modo leviano, e que chamaria de defeito, pois a sabedoria profunda do Evangelho dela fez

uma virtude - ao menos uma virtude para os outros. Nossa serpente, de assobios outrora

harmoniosamente modulados, quando tinha um encantador-aliás bastante enfeitado não

era apenas musical e rastejante, possuía, até à covardia, essa virtude que ora tenho por

divina: a prudência. Foi essa prudência divina que fez com que resistisse aos apelos que lhe

transmiti por outrem no meu nome, para que viesse me visitar, e não terei paz neste mundo,

nem esperança de perdão no outro, se não lhe confessar isto. Ele é que foi neste assunto o

instrumento da sabedoria divina, pois eu estava resolvido a não deixá-lo sair vivo de minha

casa. Era necessário que um de nós desaparecesse. Estava decidido a matá-lo. Deus lhe

aconselhou a prudência, para me preservar de um crime. Não duvido que a intercessão do

Arcanjo Miguel, meu santo padroeiro, tenha tido um papel fundamental nisso, e a ele peço

que me perdoe por tê-lo negligenciado tanto durante vários anos e por haver tão mal

correspondido aos inumeráveis benefícios que me testemunhou, muito especialmente em

minha luta contra o Mal. Devo a esse servo de Deus, digo-o na plenitude de minha fê e de

minha inteligência, que o Pai celeste haja inspirado à Morel para que não me visitasse.

Assim, sou eu que estou morrendo agora. Seu, fielmente devotado, *Semper* *
["Sempre o

mesmo"]* **P G. CHARLUS**

Então compreendi o medo de Morel; certamente havia nesta carta muito de orgulho e

de literatura. Mas a confissão era verdadeira. E Morel conhecia melhor que eu que "o lado

quase louco" que a Sra. de Guermantes percebia no cunhado não se limitava, como eu o

julgara até ali, a esses assomos momentâneos de raiva superficial e inoperante.

Mas é preciso voltar atrás. Estou descendo os bulevares ao lado do Sr. de Charlus, o

qual acaba de me fazer um vago intermediário para preliminares de paz entre ele e Morel.

Vendo que não lhe respondia:

- Aliás, não sei por que não toca mais; evita-se a música, a pretexto da guerra, mas

dança-se e janta-se fora, e as mulheres inventam a "ambrina" para a pele. *[
Ambrina: nome

dado a uma mistura de parafina e de resina de cor ambarina utilizada nos hospitais militares

na Primeira Guerra Mundial para a cura de queimaduras e frieiras. É possível que tenha sido

empregada igualmente como filtro solar. (N. do T)]*. As festas preenchem o que, caso os

alemães continuarem a avançar, será os últimos dias de nossa Pompéia. E é o que a

salvará da frivolidade. Por pouco que a lava de algum Vesúvio alemão (seus canhões navais

não são menos terríveis que um vulcão) venha surpreendê-las em sua *toalete*, eternizando

seus gestos ao interrompê-los, as crianças mais tarde conhecerão olhando, nos livros de

aula ilustrados, a Sra. Molé, que ia pôr uma última camada de arrebique antes de ir jantar na

casa de uma cunhada, ou então a Sra. de Guermantes, que acabava de pintar as

sobrancelhas postiças. A frivolidade de uma época será tema de aula para os futuros

Brichots quando, passados dez anos, for assunto da mais grave erudição, sobretudo se for

conservada intacta, uma erupção vulcânica ou por material análogo à lava projetada por

bomba. Que documentos para a História futura, quando gases asfixiantes, análogos, que o

Vesúvio emitia, e os desmoronamentos que soterraram Pompéia, guardará intactas todas as

casas imprudentes das quais ainda não tinham mandado para Bayonne os quadros e as

estátuas! E não vemos, aliás, todas as noites momentos de Pompéia? Todas as pessoas

correm para as adegas, não para algum frasco antigo de Mouton-Rothschild, ou de Saint-

Émilion, mas para esconder com eles o que possuem de mais precioso, como os padres de

Herculanum surpreendidos pela morte no momento em que transportavam jarros sagrados;

sempre o apego ao objeto que conduz à morte o seu possuidor. Paris não foi, só

Herculanum, fundada por Hércules. Mas quantas semelhanças saltam aos olhos essa

lucidez que nos foi concedida não é só de nossa época, todas a tiveram. Assim como penso

que podemos ter amanhã a sorte das cidades destruídas pelo Vesúvio; estas sentiam-se

ameaçadas pela sorte das cidades malditas da Bíblia. Encontrou-se nas paredes de uma

casa de Pompéia esta inscrição reveladora: Sodoma, Gomorra - Não sei se foi o nome de

Sodoma e os pensamentos que este nome despertaram nele, ou se foi a idéia do

bombardeamento, que fizeram com que o Sr. de Charlus erguesse por um instante os olhos

ao céu, mas ele os baixou logo para a terminar. - Admiro todos os heróis desta guerra-disse.

- Veja, meu caro, os soldados ingleses que considereei de modo um tanto superficial, no

começo da guerra, como simples jogadores de futebol bastante presunçosos para

enfrentarem profissionais - e que profissionais! -; pois bem, esteticamente falando, são

simplesmente atletas da Grécia, percebe, da Grécia, meu caro, são os jovens de Platão, ou

melhor de Esparta. Alguns amigos meus foram à Ruão, onde eles têm seu acampamento;

viram maravilhas, maravilhas puras de que não se faz idéia. Não é mais Ruão, é outra

cidade. Evidentemente, também existe a antiga Ruão, com os santos lentos da catedral.

Igualmente belo, entenda-se, mas é outra coisa. E os nossos *pol us*! Nem posso lhe dizer

que sabor têm para mim os nossos *pol us*, nossos que nós parisienses, olhe, como aquele

que ali vai, com seu ar esperto, sua travessia é engraçada. Acontece-me freqüentemente

chamá-los, dar-lhes dois dedos de prosa, e que finura, que bom senso! E os rapazes

provincianos, como são gentis e divertidos com seu rolar de *erres* seu linguajar típico!

Quanto a mim, sempre vivi muito no campo, dormi em fazendas, sei como lhes falar, mas

nossa admiração pelos franceses não nos deve fazer depreciar os inimigos, seria diminuir a

nós mesmos. E você não sabe que espécie de soldados são os soldados alemães, você que

não os viu, como eu, desfilar em a passo de parada, a passo de ganso, *unter den Linden*.

[Unter den Linden: "Sob as lílias". Famosa avenida de Berlim. (N. do T)]

E, voltando ao ideal de virilidade que me havia esboçado em Balbec e que, com o

passar do tempo, adquirira nele um aspecto mais filosófico, aliás empregando raciocínios

absurdos, que por instantes, mesmo quando acabava de mostrar-se superior, deixavam

perceber a trama excessivamente rala do simples mundano, embora mundano inteligente:

- Veja bem - disse -, o soberbo rapagão que é o soldado boche é uma criatura forte,

saudável, que só pensa na grandeza de seu país. *Deutschland über al es*, no que faz bem;

ao passo que nós nos afundamos no diletantismo, enquanto eles se preparavam de modo

viril.

*[*Deutschland über al es*: "Alemanha acima de tudo". Hino nacional alemão. (N. do T)]*

"Diletantismo" provavelmente significava para o Sr. de Charlus algo análogo à

literatura, pois logo (sem dúvida lembrando-se do meu gosto pelas letras, tendo chegado a

pensar em cultivá-las) deu-me um tapinha no ombro (aproveitando-se do gesto para se

apoiar em mim a ponto de incomodar-me tanto quanto, no serviço militar, o recuo contra a

omoplata do fuzil 76), dizendo, de modo a suavizar a censura: - Sim, nós nos afundamos no

diletantismo, nós todos, você também; lembre-se, você poderá fazer, como eu, o seu *mea*

culpa, temos sido diletantes demais. - Surpreendido com a censura, não tendo resposta

pronta, cheio de deferência para com meu interlocutor, e de ternura por sua bondade amiga,

respondi como se, conforme sugeria, também devesse bater no peito, o que seria

inteiramente idiota, pois não tinha nem sombra de diletantismo de que me arrepender.

- Bom - disse ele -, deixo-o (o grupo que o havia seguido de longe acabara por

abandoná-lo) -, vou deitar-me como um velho senhor bem idoso, tanto mais que parece que

a guerra mudou todos os nossos hábitos, um desses aforismos estúpidos que Norpois tanto

aprecia. -

Aliás, eu sabia que, mesmo voltando para casa, o Sr. de Charlus nem por isso

deixava de estar no meio dos soldados, pois transformara seu palacete em hospital militar,

cedendo, acho, aos impulsos menos da imaginação que de seu coração generoso.

A noite era transparente, sem um sopro; eu imaginava que o Sena, correndo entre suas pontes circulares, feitas de seus tabuleiros e reflexos, devia assemelhar-se ao Bósforo.

E, símbolo ou dessa invasão prevista pelo derrotismo do Sr. de Charlus, ou da cooperação

de nossos irmãos muçulmanos com os exércitos franceses, a lua estreita e recurva como

um cequim parecia colocar o céu Parisiense sob o signo oriental do crescente.

Todavia, há um instante apenas, despedindo-se, o Sr. de Charlus aperta a mão

como a esmagá-la, o que é uma característica alemã das pessoas do seu tempo

continuando por alguns momentos a malaxá-la - como teria dito Cottard - como quisesse

restituir às minhas articulações uma flexibilidade que elas não haviam perdido. Em certos

cegos, o toque, até certo ponto, supre a vista. Não sei que sentido tomava o lugar aqui.

Talvez julgasse o barão simplesmente apertar a mão, como, sem dúvida, julgou somente

contemplar um senegalês que passava na sombra e não se dignou a perceber que

era

admirado. Mas nesses dois casos o Sr. de Charlus se enganava, pecava por excesso de

contato e de olhares.

- Não está ali representado todo o Oriente de Decamps, de Fromentin, de Ingres e de

Delacroix - comentou, ainda imobilizado pela passagem do senegalês. - Você sabe, eu

nunca me interessei pelas criaturas e pelas coisas a não ser na pintura, na filosofia. Além do

mais, estou muito velho. Mas, para completar o quadro, que desgraça que um de nós não

seja uma odalisca!

Não foi o Oriente de Decamps, nem mesmo o de Delacroix, que principiou a mexer

com minha imaginação quando o barão me deixou, e sim o velho Oriente das *Mil e Uma*

Noites que eu tanto havia amado; e, ao me perder aos poucos emaranhados daquelas ruas

escuras, pensava no califa Harum-ai-Rachid em busca de aventuras nos bairros perdidos de

Bagdá. Por outro lado, o calor e a caminhada me haviam dado sede, mas todos os bares

estavam fechados há muito e, por causa da escassez de gasolina, os raros táxis que eu

encontrava, dirigidos por levantinos ou negros, nem sequer se davam ao trabalho de

responder aos meus sinais. O único local em que me poderiam servir bebida e em que eu

poderia recuperar as forças, teria sido um hotel. Mas todos os hotéis, na rua bem afastada

do centro que eu atingiria; tinham fechado desde que os gothas lançavam suas bombas

sobre Paris. O mesmo ocorria com quase todas as lojas de comerciantes, os quais, por falta

de empregados ou tomados de pavor, haviam fugido para o campo e deixado na porta o

aviso de costume, escrito à mão, anunciando a reabertura do estabelecimento numa época

distante e aliás problemática. Os demais estabelecimentos que tinham de sobreviver, da

mesma forma anunciavam abrir apenas duas vezes por semana. Sentia-se que a miséria, o

abandono e o medo habitavam este bairro inteiro. Fiquei muito surpreso, portanto, ao

verificar que, entre aquelas casas desertas, havia uma em que a vida, ao contrário,

parecendo ter vencido o terror e a falência, mantinha atividade e a riqueza. Por trás dos

postigos fechados de acácia, a janela, a luz, também em obediência às ordens da polícia,

revelava contudo uma despreocupação completa com a economia. E a todo momento se

abria a porta para deixar entrar algum novo visitante. Era um hotel que provocaria a inveja

dos comerciantes vizinhos (por causa do dinheiro que seus proprietários deveriam ganhar);

e também me despertou a curiosidade quando vi um oficial sair dali rapidamente, a uns

quilômetros de distância, ou seja, longe demais para que pudesse distingui-lo na escuridão

profunda.

Todavia, o que me intrigou não foi seu rosto, que eu não via, nem seu uniforme

dissimulado sob um grande capote, mas a desproporção extraordinária entre o número de

pontos diferentes por onde passou o seu corpo e o breve número de segundos em que

decorreu esta saída, que dava a impressão de uma saída tentada por um sujeito sitiado. De

modo que, se o não reconheci formalmente, pensei, não direi na silhueta, nem na esbeltez,

nem no andar, nem na agilidade, mas no tipo de ubiqüidade que era tão próprio de Saint-

Loup. O militar capaz de ocupar em tão pouco tempo tantas posições diferentes no espaço

havia desaparecido, sem me avistar, numa rua transversal, e eu fiquei me perguntando se

devia ou não entrar nesse hotel, cuja aparência modesta me fez duvidar fortemente que

fosse Saint-Loup quem saíra dali.

Lembrei-me, sem querer, que Saint-Loup fora injustamente envolvido num caso de

espionagem porque haviam encontrado o seu nome em cartas apreendidas em poder de um

oficial alemão. Justiça plena, aliás, fora-lhe feita pelas autoridades militares. Mas, contra a

minha vontade, liguei essa recordação àquilo que via. Esse hotel não serviria acaso de

ponto de encontro de espões? O oficial desaparecera há um momento quando vi entrarem

simples soldados de várias armas, o que deu ainda mais solidez às minhas suposições. Por

outro lado, sentia-me extremamente sequioso. Era provável que aqui encontrasse o que

beber, e aproveitei a ocasião para tentar satisfazer minha curiosidade, apesar da inquietude

que a ela se misturava.

Não penso, todavia, que tenha sido a curiosidade por esse encontro que me decidiu

a subir a escada de poucos degraus que dava para a porta de uma espécie de vestibulo,

aberta sem dúvida por causa do calor. Julguei a princípio que essa curiosidade não ficaria

satisfeita, pois, da escada onde eu permanecia na sombra, vi diversas pessoas chegarem

pedindo um quarto, sendo-lhes respondido que já não havia um só vago. Ora, percebi que

só recusavam os que não faziam parte da rede de espionagem, pois tendo se apresentado

um simples marinheiro, apressaram-se a dar-lhe o n° 28. Pude avistar, sem que me

percebessem na escuridão, alguns militares e dois operários que conversavam

tranqüilamente num pequeno aposento abafado, pretensiosamente coberto de retratos

coloridos de mulheres recortados de revistas ilustradas. Tais pessoas conversavam

sossegadamente, expondo suas idéias patrióticas:

- Que queres, vamos fazer como os companheiros - dizia um.

- Ah, é claro que espero não morrer - respondia, a um voto que eu não ouvira, um

outro que, pelo que entendi, ia voltar no dia seguinte para um posto perigoso. - Por exemplo,

com vinte e dois anos, e só tendo seis meses de serviço, seria demais! - exclamava ele num

tom em que, além de trair o desejo de viver muito, percebia-se a consciência de estar

raciocinando bem, e como se o fato de ter apenas vinte e dois anos lhe desse mais chances

de não ser morto, como mesmo impossível acontecer-lhe alguma coisa.

- Em Paris, é assombroso – dizia um outro-, nem parece que há guerra. E tu, Julot,

sempre te alistás?

- Certamente que sim, tenho vontade de dar pancada nessa cambada suja de boches.

- Joffre é um homem que só dorme com as mulheres dos ministros; nunca fez nada.

- É uma desgraça ouvir semelhantes coisas - disse um aviador um pouco mais velho;

e, voltando-se para o operário que acabara de fazer aquela observação. - Aconselho-o a

não tocar nisso na linha de frente. Os *pol us* o liquidariam num instante. -

A banalidade dessas conversas não me dava muita vontade de continuar ouvindo e

dispunha-me a entrar ou descer de novo quando minha indiferença desfez ao escutar estas

frases que me fizeram estremecer:

- É espantoso, e o patife que não volta! E a esta hora, bolas, não sei onde ele vai arranjar correntes.

- Mas o sujeito já está amarrado.

- Está amarrado, é claro: mas está e não está; se me amarrassem desse modo, poderia facilmente me soltar.

- Mas o cadeado está trancado.

- Certamente está trancado, mas a rigor pode ser aberto. O que há é que as correntes não são muito compridas.

- Não vais me explicar como é, a mim que o surrei ontem a noite inteira, até ficar com

as mãos escorrendo sangue.

- Quem vai bater hoje és tu?

- Não, não sou eu. É Maurice, mas no domingo serei eu, o patrão me deu sua palavra. -

Compreendi então por que tiveram necessidade dos braços vigorosos do marinheiro.

Se afastaram pacíficos burgueses fora porque este hotel não era apenas um ninho de

espões. Um crime atroz ia consumir-se aqui, senão houvesse tempo de o denunciar e fazer

prender os culpados.

Entretanto, tudo aquilo mantinha, nessa noite pacífica e ameaçada, uma aparência

de sonho, de conto de fadas, e foi a um tempo com orgulho de justiceiro e volúpia de poeta

que entrei deliberadamente no hotel.

Toquei levemente o chapéu, e as pessoas presentes, sem se moverem responderam

mais ou menos cortesmente ao meu cumprimento.

- Poderiam me informar a quem devo dirigir-me? Gostaria de obter um quarto, e que

me leve - algo para beber.

- Espere um minuto, o patrão saiu.

- Mas o chefe está lá em cima - insinuou um dos que conversavam.

- Mas sabes perfeitamente que não podemos incomodá-lo.

- Acha que ele me arranjará um quarto?

- Acho que sim. - O 43 deve estar desocupado - disse o rapaz que estava seguro de

que não seria morto pois contava vinte e dois anos. E arredou-se ligeiramente no sofá para

me dar lugar.

- Seria bom que abrissem um pouco a janela, há muita fumaça aqui - disse o aviador;

e, de fato, cada qual fumava cigarro ou cachimbo.

- Sim, mas então primeiro fechem os postigos, sabem muito bem que é proibido fazer

luz, por causa dos zepelins.

- Não haverá mais zepelins. Todos eles foram abatidos segundo os jornais.

- Não haverá mais, não haverá mais, como é que sabes? Quando tiver como eu,

quinze anos de *front* e abateres o teu quinto avião boche, poderás falar disso. Não convém

acreditar nos jornais. Os zepelins andaram ontem por cima de Compiègne, mataram uma

mãe de família com seus dois filhos.

- Uma mãe de família com seus dois filhos! - exclamou com ar consternado um rapaz

de olhos ardentes, o mesmo que esperava não ser morto e que, aliás, possuía uma fisionomia enérgica, aberta e das mais simpáticas.

- Não há notícias do grande Julot. Sua madrinha não recebe nenhuma carta dele há

oito dias, é a primeira vez que ele fica tanto tempo sem escrever.

- Quem é a sua "madrinha"?

- É a senhora que toma conta do mictório público um pouco depois do Olympia.

- São amantes?

- Que está querendo insinuar? É uma senhora casada, o que existe de mais sério.

Ela lhe manda dinheiro todas as semana porque tem bom coração. Ah! É uma senhora

sensacional!

- Quer dizer que conheces o grande Julot?

- Se conheço! - retorquiu com calor o rapaz de vinte e dois anos. - É um de meus melhores amigos íntimos. Não há muitos de quem gosto como gosto dele; é um bom

companheiro, sempre disposto a prestar um serviço. Ah, podes crer que seria uma desgraça

se lhe acontecesse alguma coisa. -

Alguém sugeriu um jogo de dados; e, pela rapidez febril com que o rapaz de vinte e

dois anos atirava os dados e gritava o total, os olhos fora das órbitas, era fácil perceber que

possuía um temperamento de jogador. Não entendi o que alguém lhe disse, logo depois,

mas ouvi-o exclamar em tom profundamente magoado:

- Julot, um rufião! Sei que ele mesmo o diz. Mas não é nada disso. Eu o vi pagar a sua mulher, sim, pagar-lhe. Não quero dizer que ela, Jeanne l'Algerienne, não lhe desse

algo em troca, mas não mais de cinco francos, uma mulher que morava numa boa casa,

ganhava mais de cinquenta francos por dia. Só aceitar cinco francos! É preciso ser muito

bobo. Mas agora que está no *front* ela leva uma vida muito dura, verdade, mas ganha o que

quer; pois bem, não lhe manda. Ah, Julot um rufião? Muitos poderiam dizer-se rufiões dessa

maneira. Não somente ele não é rufião, mas, segundo penso, é um imbecil. -

O mais velho do grupo, a quem o patrão, sem dúvida por causa de sua idade,

encarregara de manter a linha, tendo ido ao reservado, só ouviu o fim da conversa. Mas não

deixou de me olhar e pareceu visivelmente contrariado com o efeito que ela deve ter

produzido em mim. Sem se dirigir especialmente ao rapaz de vinte e dois anos, que todavia

acabava de expor essa teoria do amor venal, disse de um modo genérico:

- Vocês falam demais e muito alto, a janela está aberta, há pessoas dormindo a esta

hora. Sabem que, se o patrão voltar e ouvir vocês falando desse jeito, não ficará

nada

contente.

Precisamente nesse instante, ouviu-se a porta abrir e todos se calaram, julgando que

era o patrão. Mas tratava-se de um motorista de carro estrangeiro, que foi entusiasticamente

acolhido. Vendo porém uma soberba corrente de relógio brilhando no colete do recém-

chegado, o rapaz de vinte e dois anos lançou-lhe um olhar interrogativo e risonho, seguido

de um franzir de sobrancelhas e de um severo piscar de olhos dirigido para o meu lado. E

compreendi que o primeiro olhar queria dizer: "Que é isto, roubaste? Meus cumprimentos." E

o segundo: "Não digas nada por causa deste sujeito, que não conhecemos."

De repente, o patrão entrou, carregado de vários metros de grossas correntes de ferro capazes de prender muitos forçados, suando, e disse:

- Que trabalhadeira! Se vocês todos não fossem uns preguiçosos, eu não precisaria ter

ido pessoalmente.

- Disse-lhe que queria um por algumas horas apenas; não achei carro e estou um pouco adoentado: Mas queria que me levassem bebida.

- Pierrot, vai à adega buscar um pouco de *cassigé* diga que arrumem o 43. Olha, o 7

ainda está tocando a campainha. Dizem que são doentes. Doentes, hem? Não caio nessa.

São tomadores de cocaína, devem estar meio tontos, é preciso pô-los na rua. Levaram um

par de lençóis para o 22? Bom. Pronto! Já está o 7 chamando de novo, dá um pulo até lá.

Vamos, Maurice, que é que estás fazendo aí? Sabes perfeitamente que te esperam, sobe

para o 14-B, anda mais depressa. -

E Maurice foi-se rapidamente, seguindo o patrão que, um tanto aborrecido por eu ter

visto suas correntes, desapareceu levando-as.

- Como é que vens tão tarde? - perguntou o rapaz de vinte e dois anos ao motorista.

- Como, tão tarde? Estou adiantado de uma hora. Mas faz muito calor para andar. Só

tenho encontro à meia-noite.

- Para quem vieste, então?

- Para Pamela, a sedutora - disse o motorista oriental, cuja risada descobriu belos dentes brancos.

- Ah! - disse o rapaz de vinte e dois anos.

Logo me fizeram subir para o quarto 43, mas a atmosfera me pareceu tão

desagradável, e minha curiosidade era tão grande, que, tendo bebido o meu *cassigé*, desci

de novo a escada; depois, tomado de outra idéia, voltei a subir e, ultrapassando o andar do

quarto 43, fui até o alto. De repente, de um quarto isolado no fim de um corredor,

pareceram-me vir queixas abafadas. Andei vivamente naquela direção e encostei o ouvido à

porta.

- Eu lhe suplico, graça, graça, piedade, solte-me, não me surre com tanta força-dizia

uma voz- Beijo-lhe os pés, humilho-me, prometo não recomeçar. Tenha piedade.

- Não, crápula - respondeu outra voz. - E já que te pões a berrar, e te arrastas de joelhos, vamos te amarrar na cama, nada de piedade. -

E ouvi o barulho do estalo de um chicote, provavelmente eriçado de pregos, pois foi

seguido de gritos de dor. Então reparei que havia nesse quarto uma clarabóia lateral, sobre

a qual haviam esquecido de correr a cortina; caminhando pé ante pé no escuro, deslizei até

a clarabóia, e ali, acorrentado numa cama como Prometeu em seu rochedo, recebendo

golpes de um chicote efetivamente cheio de pregos, manejado por Maurice, vi, já todo

ensangüentado e coberto de equimoses que provavam que o suplicio não ocorria pela

primeira vez, vi diante de mim o Sr. de Charlus.

De súbito a porta se abriu e entrou alguém que, felizmente, não me enxergou: era

Jupien. Ele se aproximou do barão com ar de respeito e um sorriso de inteligência:

- Então, não precisa de mim? -

O barão implorou a Jupien que fizesse Maurice sair por um momento. Jupien pô-lo

para fora com a maior desenvoltura.

- Ninguém pode nos ouvir? - indagou o barão a Jupien, que lhe afirmou que não. O

barão sabia que Jupien, inteligente como um homem de letras, não tinha espírito prático,

falava sempre, diante dos interessados, por subentendidos e alcunhas que todos conheciam, e que não enganavam ninguém.

- Um instante - interrompeu Jupien, que ouvira uma campainha tocar no quarto nº 3.

Era um deputado da *Action Libérale* que saía. Jupien não precisava ver o quadro, pois conhecia seu toque de campainha; de fato, embora o deputado viesse diariamente

após o almoço, fora obrigado mudar o horário nesse dia, pois casara a filha ao meio-dia em

Saint-Pierre-de-Chail ot. Assim, viera à noite, mas fizera questão de regressar cedo por

causa da mulher, que logo se preocupava quando ele voltava tarde, sobretudo naqueles

tempos de bombardeio. Jupien fazia questão de acompanhá-lo à porta para testemunhar-lhe

a deferência com que o tratava na condição de parlamentar, aliás sem nenhum interesse

pessoal. Pois, embora esse deputado, que repudiava os exageros da *Action française* (de

resto, seria incapaz de compreender uma linha sequer de Charles Maurras ou de Léon

Daudet), estivesse em muitos bons termos com os ministros, lisonjeados por serem

convidados para suas caçadas, Jupien não teria coragem de lhe pedir o menor apoio em

suas complicações com a polícia. Sabia que, se se arriscasse a falar no assunto ao

legislador ricoço e poltrão, não evitaria nem a mais inócua das "batidas", mas perderia

instantaneamente o mais generoso dos fregueses. Depois de ter acompanhado até a porta o

parlamentar, que baixara o chapéu sobre os olhos, erguera a gola e, esgueirando-se

rapidamente, como fazia em seus programas eleitorais, pensara esconder o rosto, Jupien

voltou para junto do Sr. de Charlus, a quem disse:

- Era o senhor Eugene. -

Na sua casa, como nos hospitais, só chamavam as pessoas pelo prenome, tendo-se

o cuidado de segredar, a fim de satisfazer a curiosidade dos frequentadores ou para

aumentar o prestígio do estabelecimento, o nome completo. No entanto, às vezes Jupien

ignorava a verdadeira personalidade dos fregueses, e então imaginava e dizia tratar-se de

tal financista, tal nobre, tal artista, erros efêmeros e encantadores para quem os causava, e

acabava por resignar-se a desconhecer para sempre quem era o senhor Victor. Desse

modo, Jupien tinha o costume, para agradar ao barão, de fazer o contrário do que acontece

em certas reuniões:

- Vou lhe apresentar o Sr. Lebrun - (ao ouvido: - Ele se faz chamar Lebrun, mas na

verdade é o grão-duque da Rússia-). Inversamente, Jupien sentia não ser bastante para o

Sr. de Charlus conhecer um leiteiro. E murmurava, piscando o olho: - Ele é leiteiro, mas no

fundo é principalmente um dos mais perigosos apaches de Bel evil e. (Era de ver o ar

velhaco de Jupien ao pronunciar "apache"). - E, como se tais referências não bastassem,

procurava acrescentar algumas "citações": - Foi condenado várias vezes por roubo e assalto

de vivendas, esteve em Fresnes por causa de brigas (com o mesmo ar velhaco) com

transeuntes, que deixou meio estropiados, e andou no batalhão da África. Matou o seu

sargento.

O barão até chegava a querer mal a Jupien, pois sabia que naquela casa, comprada

por ele por seu *factótum*, e administrada por um subalterno, todos, devido às indiscrições do

tio da Srta. de Oloron, mais ou menos conhecida personalidade e seu nome (muitos apenas

julgavam que se tratasse de um e, pronunciando-o mal, tinham-no deformado, de modo que

a salvação do Charlus fora a estupidez deles e não a discrição de Jupien). Mas achava

melhor dar-lhe crédito e, tranquilizado por saber que não podiam ouvi-los, o barão disse:

- Não queria falar diante daquele garoto, que é muito gentil e faz o que quer. Mas não o acho bastante brutal. Seu rosto me agrada, mas o modo como ele me chama parece

tratar-se de uma lição decorada.

- Oh, não, ninguém lhe disse nada - retrucou Jupien, sem perceber a

inverossimilhança dessa afirmação - além disso esteve comprometido no assassinato de

uma porteira da Villette.

- Ah! é muito interessante disse o barão com um sorriso. - Mas aí está justamente o

carniceiro, o homem dos matadouros, que se parece a ele; veio por acaso experimentar?

- Ah, sim. De bom grado. -

Viu entrar o homem dos matadouros; de fato, assemelhava-se um pouco a Maurice;

mas, coisa curiosa, ambos tinham, algo de um tipo, que pessoalmente nunca me

interessara, e que agora me dei que existia em Morel, tinham uma certa semelhança, senão

com Morel tal como o conhecia, ao menos com uma certa fisionomia que outros olhos,

diversos dos meus, pudessem compor com suas feições. Tão logo construí interiormente,

em traços dados pelas minhas lembranças do violinista, esta maquete do que ele poderia

representar para outrem, percebi que os dois rapazes, um dos quais era aprendiz de

ourives, e o outro empregado num hotel, eram vagos sucedâneos de Morel. Deveria concluir

que o Sr. de Charlus, ao menos numa certa forma de seus amantes era sempre fiel a um

mesmo tipo, e que o desejo que o fizera escolher, um ou outro, esses dois rapazes era o

mesmo que o havia feito deter Morel em Doncierres; que todos os três assemelhavam-se um

pouco ao efebo, cuja face entalhada na safira que eram os olhos do Sr. de Charlus, conferia

a seu olhar algo tão especial, que me aterrorizara no primeiro dia em Balbec? Ou que, tendo

o amor por Morel modificado o tipo que ele buscava, ele, para se consolar sua ausência,

procurava homens que se lhe assemelhassem? Outra suposição que foi a de que talvez

nunca houvesse existido, entre ele e Morel, apesar das aparências, senão relações de

amizade, e que o Sr. de Charlus mandava vir à casa de Jupien rapazes que se parecessem

bastante a Morel para poder ter, junto deles, a ilusão de gozar com o violinista. É verdade

que, pensando em tudo o que o Sr. de Charlus fizera por Morel, tal suposição teria parecido

pouco provável, se não soubesse que o amor nos leva não somente aos maiores sacrifícios

pela criatura amada. Mas às vezes, ao sacrifício do nosso próprio desejo, aliás tanto menos

satisfeito quanto mais se sente amada a criatura que cortejamos. Também concorre para tal

suposição, menos inverossímil à primeira do que parece (embora sem dúvida não

corresponda à realidade), o temperamento nervoso, profundamente apaixonado do Sr. de

Charlus, semelhante nisto ao Saint-Loup, e que poderia ter desempenhado, no começo de

suas relações com Morel, o mesmo papel, mais decente, porém, negativo, que o do

sobrinho no começo de sua relação com Rachel. As relações com a mulher amada (e isto

pode estender-se ao amor por um rapaz) podem permanecer platônicas por outro motivo

que não a virtude da mulher ou a natureza pouco sensual do amor que ela inspira. Esse

motivo pode ser que o apaixonado, por demais impaciente devido ao próprio excesso de seu

amor, não saiba esperar com fingida indiferença o momento em que haverá de obter o que

deseja. O tempo todo ele volta à carga, não cessa de escrever àquela a quem ama, procura

vê-la o tempo inteiro, ela se recusa e ele fica desesperado. Desde então ela compreende

que, se lhe concede sua companhia, sua amizade, esses bens já parecerão de tal maneira

consideráveis àquele que se julgou deles derivado, que ela pode se dispensar de conceder

outros favores e aproveitar-se de um momento em que ele já não pode suportar passar sem

vê-la, em que a todo preço quer terminar a guerra, para lhe impor uma paz cuja condição

primeira será o platonismo das reações. Além disso, durante todo o tempo que precedeu

esse tratado, apaixonado, ansioso sempre, e sempre à espreita de uma carta, de um olhar,

deixou de pensar na posse física, cujo desejo a princípio o atormentara, mas que se

consumiu na espera e cedeu lugar à carências de outro tipo, aliás mais dolorosas se não

são satisfeitas. Então o prazer que, no primeiro dia, havia esperado das carícias, recebe-o

mais tarde, todo desfigurado, sob a forma de palavras amigas, promessas de presença, as

quais, depois dos tormentos da incerteza, ou simplesmente após um olhar nublado de todos

os nevoeiros da frieza, fazendo recuar para tão longe a amada que se teme não vê-la nunca

mais, trazem uma tranquilidade deliciosa. As mulheres adivinham tudo isso e sabem que

podem se dar o luxo de jamais se oferecerem aos homens dos quais sentem, se são

nervosos demais para ocultá-lo nos primeiros dias, o incurável desejo que demonstram por

elas. A mulher se compraz em, sem nada conceder, receber muito mais do que de costume

quando se oferece. Assim, os grandes nervosos crêem na virtude de seu ídolo. E a auréola

que colocam a seu redor é desse modo um produto, mas como se vê, indireto, de seu amor

excessivo. Ocorre, portanto, na mulher o que existe em estado inconsciente nos

medicamentos, astuciosos por natureza, como os soporíferos, a morfina. Não é àqueles a

quem dão o prazer do sono ou um verdadeiro bem-estar que eles são absolutamente

indispensáveis; esses não os comprariam a peso de ouro, nem os trocariam por tudo quanto

possuem. Outros doentes é que o fariam (aliás talvez os mesmos, porém, a alguns anos de

distância, transformados em outros), outros a quem a droga não fazia dormir, em quem não

provoca nenhuma volúpia, mas que, não a tomando, caem numa agitação que desejam

fazer parar a todo custo, mesmo pelo suicídio.

Quanto ao Sr. de Charlus, cujo caso, afinal, com a ligeira diferença devida à

similitude do sexo, inscreve-se nas leis gerais do amor, ainda que pertencesse a uma família

mais antiga que os Capetos, fosse rico e debalde cortejado por ser elegante, ao passo que

Morel não valia nada, embora pudesse dizer-lhe, com me dissera: "Sou príncipe, desejo o

seu bem", ainda assim Morel o domina enquanto não se rendesse. E, para não se render,

bastava-lhe sentir-se ameaçado de horror que os fidalgos sentem pelos esnobes que

querem à força misturar-se à ele, que sente o homem viril pelo invertido, a mulher por todo

homem apaixonado. O Sr. de Charlus não só tinha todas as vantagens, como as teria

proporcionado imensas à Morel. Mas é possível que tudo isso se quebrasse contra uma

vontade firme. Nesse caso, o Sr. de Charlus estaria como os alemães, aos quais, de resto

pertencia por suas origens, e que, na guerra em andamento, viam-se, como o repetia de

bom grado, vencedores em todas as frentes. Mas de que lhes servia a vitória,

visto que,

após cada uma, defrontavam-se com os Aliados mais resolvidos a lhes recusar a coisa que

eles, alemães, mais teriam desejado obter, a paz e a reconciliação? Da mesma forma

Napoleão invadia a Rússia e pedia às autoridades, magnânimo, que fossem ter com ele.

Mas ninguém se apresentava.

Desci e retornei à pequena antecâmara onde Maurice, indeciso sobre se chamariam

de novo ou não, e a quem Jupien, de qualquer modo, dissera que esperasse, estava

jogando cartas com um dos companheiros. Havia grande agitação por causa de uma cruz

de guerra que se achara no chão, sem que soubessem a quem pertencia, para que fosse

possível enviá-la a seu dono, a fim de evitar-lhe uma punição. Depois, falaram da bondade

de um oficial que se fizera matar para tentar salvar seu ordenança.

- Apesar de tudo, há gente boa entre os ricos. Eu me faria matar com prazer por um

camarada desse tipo - comentou Maurice, que evidentemente só levava a efeito suas

terríveis chicotadas no barão por um hábito mecânico, por falta de educação conveniente,

pela necessidade de dinheiro e uma certa tendência a ganhá-lo de modo tido como menos

penoso que o trabalho, apesar dele talvez sê-lo mais. Mas, como receava o barão, devia

talvez ter bom coração e era, no que parecia, um rapaz de bravura admirável. Quase lhe

vinham lágrimas aos olhos ao falar da morte desse oficial, e o rapaz de vinte e dois anos

não estava menos emocionado.

- Ah, sim. São sujeitos sensacionais! Os pobres-diabos como não têm muito a

perder, mas um senhor que tem um monte de empregados, pode tomar seu aperitivo todos

os dias às 6 horas, é verdadeiramente uma pena que zombe quem quiser, mas, quando se

vê morrer pessoas desse tipo, de fato mexe com a gente. O bom Deus não deveria permitir

que ricos assim morressem primeiro porque são muito úteis aos operários. Só por causa de

uma morte deviam ser exterminados todos os boches, até o último; e o que fizeram em Louv

cortaram os pulsos das criancinhas. Não sei não, não sou melhor que ninguém, preferiria

ser fuzilado a obedecer a esses bárbaros; pois não são homens, são verdadeiros bárbaros,

não podes me desmentir.-

Em suma, todos aqueles rapazes eram patriotas. Apenas um, levemente ferido num

braço, não se mostrou à altura dos outros, pois disse, já que devia sair dali a pouco:

- Droga, não foi um bom ferimento -(o que o fizera ser reformado), como a Sra.

Swann dizia antigamente: - Achei um jeito de pegar uma tremenda gripe.

A porta abriu-se novamente deixando passar o motorista que fora espiarescer por

um

instante.

- Como, já acabou? Isso não durou muito - observou, ao avistar Maurice, que julgava

ainda estar batendo naquele a quem tinham apelidado, por alusão a um jornal da época, *O*

Homem Acorrentado.

- Não durou muito para ti, que foste lá fora - replicou Maurice, irritado por perceberem

sua má sorte lá em cima. - Mas se fosses obrigado a bater sem parar, como eu, e com esse

calor! Não fossem os cinquenta francos que ele dá. - E, além disso, é um homem que

conversa bem; vê-se que é instruído. Diz ele que a guerra acabará logo. Acha que afinal não

poderemos dar conta deles, que ninguém levará a melhor.

- Diabos! Mas então é um boche...

- Já disse que estão falando alto demais - disse o mais velho aos outros, ao mesmo tempo. -

Já deixou o quarto? - Vai te catar, não és o dono daqui.

- Sim, já deixei, e venho pagar.

- É melhor que pague ao patrão. Maurice, vá buscá-lo.

- Mas não quero incomodá-lo.

- Isso não me incomoda. -

Maurice subiu e voltou, dizendo-me:

- O patrão já vai descer. -

Dei-lhe dois francos pelo incômodo. Ele corou de prazer:

- Ah, muito obrigado. Vou mandá-los ao meu irmão, que está prisioneiro. Não, não

está se queixando. Isso depende muito dos campos.

Nesse meio tempo, dois fregueses muito elegantes, de casaca e gravata brancas por

baixo dos sobretudos dois russos, pareceu-me, por causa de seu ligeiro sotaque-paravam

no limiar, deliberando se deviam entrar ou não. Visivelmente era a primeira vez que vinham

ali, deviam ter-lhes indicado o local e pareciam divididos entre o desejo, a tentação e um

grande receio. Um deles um belo rapaz repetia a cada instante ao outro, com um sorriso

meio indagativo, meio destinado a convencer:

- Que nada! Afinal de contas, danem-se! -

Mas, apesar de com isso querer dizer que pouco lhe importavam as conseqüências,

é provável que ele de fato se importasse, pois suas palavras não eram seguidas de nenhum

movimento para entrar, mas de um novo olhar para o outro, seguido do mesmo sorriso e da

mesma expressão: Afinal de contas, dane-se!

Tal expressão era um exemplo, entre mil, dessa linguagem magnífica, tão diversa da

que falamos habitualmente, e na qual a emoção, desviando o que pretendíamos dizer,

permite desenvolver-se no seu lugar uma frase bem diferente, emersa de um

lago

desconhecido onde vivem essas expressões que não têm relação alguma com o pensamento, e que por isso mesmo o revelam. Lembro-me que certa vez Albertine, como

Françoise entrasse sem ser esperada, justo quando minha amiga, inteiramente nua, colava-

se a mim, disse sem querer, desejando prevenir-me: Olha a bela Françoise. - Esta, que via

muito pouco, e apenas atravessava a peça longe de nós, sem dúvida não teria percebido

nada. Mas as palavras tão anormais de "bela Françoise", que Albertine nunca pronunciara

na vida, mostraram por si mesmas a sua origem; sentiu-as colhidas ao acaso pela emoção,

e não teve necessidade de enxergar coisa alguma para compreender tudo, e se foi,

murmurando no seu patoá a palavra "putana". Outra vez, bem mais tarde, quando Bloch,

transformado em pai de família e tendo casado uma das filhas com um católico, um sujeito

mal-educado disse àquela ter sabido que era filha de um judeu, e perguntou-lhe o sobrenome. A moça, que fora Srta. Bloch desde o nascimento, respondeu, pronunciando à

alemã como teria feito o duque de Guermantes, "Bloch" (pronunciando o ch não como o ch

chiado, nem como ck, mas como o ch aspirado do alemão).

Para retornar à cena do hotel (no qual os dois russos haviam decidido entrar: "afinal

de contas, dane-se", ainda não descera o patrão quando Jupien entrou queixando-se que

falavam alto demais e que os vizinhos reclamariam. Mas deteve-se, estupefato, ao avistar-

me.

- Saíam todos para o pátio. -

Todos já erguiam, quando lhe disse:

- Seria mais simples que os rapazes ficassem e que ele saia com você por um momento.-

Ele me seguiu, bastante perturbado. Expliquei-me por que viera. Ouviam-se os fregueses perguntando ao patrão se não podia fazê-lo conhecerem um laçao, um menino

do coro, um motorista negro. Todas as previsões interessavam àqueles velhos doidos, na

tropa, todos os exércitos, e, entre Aliados, todas as nações. Alguns reclamavam principalmente os canadenses, sofrendo talvez sem o saberem a sedução de um sotaque

tão leve que não se distingue bem se é da velha França ou da Inglaterra. Devido a seus

saiotes, e porque certos sonhos lacustres se associam muitas vezes a tais desejos, os

escoceses eram os mais cotados. E, como toda loucura recebe traços particulares, quando

não é agravada, das circunstâncias, um velhote, cujas curiosidades sem dúvida tinham sido

satisfeitas, pedia com insistência um mutilado. Ouviam-se passos vagarosos na escada. Por

uma indiscrição própria de sua natureza, Jupien não pode deixar de me dizer que

era o

barão que estava descendo; deveríamos a todo custo evitar que ele me visse, mas, se eu

quisesse entrar no quarto contíguo ao vestíbulo onde estavam os rapazes, ele abriria os

postigos, truque inventado pelo barão para poder ver e ouvir sem ser visto, e que agora,

dizia ele, voltar-se-ia contra o barão a meu favor.

- Apenas, não se mexa. -

E, depois de me haver empurrado para a escuridão, deixou-me. Aliás, não dispunha

de outro quarto para me dar, pois o hotel, apesar da guerra, estava lotado. O quarto que eu

acabava de deixar fora alugado pelo visconde de Courvoisier, que, tendo podido largar por

dois dias as Vermelhas de X..., viera descansar por uma hora em Paris antes de ir encontrar-se no castelo de Courvoisier com a viscondessa, a quem diria não ter podido

pegar o trem. Nem imaginaria estar a tão poucos metros do Sr. de Charlus, fato que ele

igualmente desconhecia, pois jamais havia encontrado o primo na casa de Jupien o qual

ignorava a personalidade cuidadosamente dissimulada do visconde.

Com efeito, em breve o barão entrou, caminhando com muita dificuldade devido às

feridas de que, no entanto, certamente adquirira o hábito. Embora o prazer estivesse findo e

ele só entrasse ali para dar o dinheiro devido à Maurice, circulou um olhar terno

e curioso

sobre todos aqueles rapazes reunidos, e com certeza esperava trocar com cada um o

prazer de uma despedida platônica mais carinhosamente prolongada. Reparei nele, de

novo, em toda a fervilhante frivolidade exibida a esse harém que parecia quase intimidá-lo,

os meneios de quadris e de cabeça, o olhares filtrados que me haviam impressionado na

noite de sua primeira visita à Raspeliere, graças herdadas de alguma avó que eu não

conhecera, e que de ordinário se dissimulavam em seu rosto de expressões mais viris, mas

que desabrochavam de modo faceiro em determinadas circunstâncias, quando queria

agradar a um meio inferior, estimuladas pelo desejo de parecer grande dama.

Jupien recomendara aqueles homens à benevolência do barão, jurando que todos eram cafetões de Bel evil e, capazes de se deitarem com as próprias irmãs por um luís.

Aliás, Jupien mentia e dizia a verdade ao mesmo tempo. Melhores, mais sensíveis do que

Jupien os pintara ao barão, não pertenciam a uma raça selvagem. Mas aqueles que assim

eram acreditados lhe falavam contudo com a maior boa-fé, como se tais seres terríveis

devessem ser da mesma raça. Mesmo julgando-se em companhia de assassinos, um

sádico mantém a alma pura, e fica assombrado diante da mentira dessas criaturas, não

assassinas de fato, mas que desejam ganhar facilmente um thune, em cujas palavras "pai",

"mãe" ou "irmã" ora ressuscitam, ora morrem de novo, pois eles se atrapalham na conversa

com o freguês a quem desejam agradar. O freguês fica pasmo, em sua ingenuidade, em sua

arbitrária concepção do gigolô, pois, deslumbrado com os numerosos homicídios que lhe

atribui, scandaliza-se com a contradição e a mentira que surpreende em suas palavras.

Todos pareciam conhecê-lo, e o Sr. de Charlus detinha-se longamente junto a cada

um, falando-lhes o que julgava ser a linguagem deles, tanto por uma pretensiosa afetação

de cor local, quanto pelo prazer sádico de misturar-se à vida crapulosa.

-Tu me dás nojo, vi-te diante do Olympia com duas "coroas". Era para ganhar "grana"

delas. Estás me traindo.-

Felizmente para aquele a quem se dirigia esta frase, não teve tempo de declarar que

seria incapaz de receber "grana" das mulheres, o que diminuiria a excitação do Sr. de

Charlus e reservou seu protesto para o fim da frase, dizendo:

- Oh, não; não o traio de jeito nenhum. -

Essa afirmação causou vivo prazer ao Sr. de Charlus e como, apesar de tudo, seu tipo natural de inteligência mostrava-se por trás do que ele afetava, ele voltou-se para

Jupien:

- É muito amável este rapaz em me dizer isso. E como o diz bem! Julgar-se-ia que é

a própria verdade. Afinal de contas, que importa seja ou não verdade, visto que me faz

acreditar no que diz? Que lindos olhinhos que ele tem! Veja, meu rapaz, vou te dar dois

grandes beijos em troca. Pensarás em mim nas trincheiras. É dura vida lá?

- Diabos, há dias em que uma granada, passa bem pertinho...- pôs-se a fazer imitações do ruído das granadas, dos aviões etc. - Mas é preciso como os outros, e o

senhor pode estar seguro de que iremos até o fim.

- Até se ao menos a gente soubesse qual é o fim disse melancolicamente o barão era "pessimista".

- O senhor não viu o que Sarah Bernhardt falou pelos jornais que a França irá até o

fim. Os franceses se deixarão antes matar até o último horror.

- Não duvido sequer um instante que os franceses bravamente se deixem matar até

o último - observou o Sr. de Charlus, como se aquilo fosse a coisa mais simples do mundo,

e embora ele próprio não tivesse a menor intenção de fazer fosse o que fosse. Mas, desse

modo, desejava corrigir a impressão de pacifista que passava quando não se continha. -

Não duvido, mas pergunto-me até que ponto Sarah Bernhardt está qualificada para falar em

nome da França. Mas de minha parte não conheço este jovem atraente e delicioso-

acrescentou, avistando outro a quem não conhecia ou que talvez nunca vira.

Cumprimentou-o como teria feito a um príncipe em Versalhes e, para aproveitar a ocasião

de ter um suplemento de prazer-, como quando eu era pequeno e minha mãe acabava de

fazer a encomenda no Boissier ou no Gouache, comia um bombom, oferecido pela criada,

que o tirava de um dos bokaís de vidro entre os quais reinava-, segurando a do encantador

rapaz e apertando-a demoradamente, à maneira prussiana, fixar nos olhos e sorrindo por

um tempo interminável, como outrora o tempo gasto pelo fotógrafo para tirar retrato quando

a luz era ruim. - Senhor, estou encantado em conhecê-lo. Ele tem lindos cabelos -

acrescentou, voltando-se para Jupien. A seguir, aproximou-se de Maurice para lhe dar os

cinquenta francos devidos, antes abraçando-o pela cintura: - Nunca me disseste que tinhas

liquidado a velha porteira em Bel evil e. - E o Sr. de Charlus arquejava de êxtase, aproximando o rosto do de Maurice:

- Oh, senhor barão - disse o gigolô, a quem haviam esquecido de avisar-, pode

acreditar numa coisa dessas? - Ou porque realmente falso, ou porque, sendo verdadeiro, o

fato lhe parecesse contudo abominável daqueles que convém negar: - Eu, tocaria num

semelhante? Num boche, sim, que estamos em guerra, mas numa mulher, e ainda por cima

uma velha!

A declaração de princípios virtuosos teve o efeito de uma ducha de água gelada o barão, que se afastou friamente de Maurice, entregando-lhe todavia o seu dinheiro, mas

com o ar de despeito de alguém que foi trapaceado, que não quer mais histórias, que paga

mas não está contente. A má impressão do Sr. de Charlus aumentou pela maneira como o

beneficiário lhe agradeceu, dizendo: mandar isto para os meus velhos, mas guardarei um

pouquinho para o mano que está no front. -Tais sentimentos tocantes desapontaram o barão

quase tanto quanto o irritava o sotaque camponês meio artificial do outro. Às vezes, Jupien

avisava que era preciso ser mais perverso. Então um deles, com o ar de confessar algo

satânico, arriscava:

- Ouça, barão, não vai me acreditar, mas, quando era garoto, costumava olhar pelo

buraco da fechadura meus pais se beijarem. Viciado, não? O senhor parece achar que é

invenção minha, mas não é, juro, acontecia tal e qual eu lhe contei. - E o Sr. de Charlus

sentia-se a um tempo exasperado e desesperado por esse esforço artificial de perversidade,

que apenas revelava estupidez e inocência. E até o ladrão e o assassino dos mais convictos

não o teriam contentado, pois não falam de seus crimes; e, além disso, existe no sádico por

melhor que possa ser, e mais ainda quanto melhor for uma sofreguidão pelo mal

que os

malvados, agindo com outros objetivos, não logram satisfazer. Por mais que o jovem,

compreendendo tarde demais o seu erro, dissesse que não ligava para os "tiras" e levasse a

audácia a ponto de afirmar ao barão:

- Marque um encontro a sós comigo -, o encanto estava quebrado. Percebia-se o simulacro, como nos livros dos autores que se esforçam por escrever em gíria. Em vão o

rapaz detalhou suas "safadezas" com a própria mulher. O Sr. de Charlus espantou-se

apenas ao verificar como tais safadezas se limitavam a pouca coisa. E não o eram, afinal,

só por insinceridade. Nada há mais limitado que o prazer e o vício. Na verdade, pode-se

afirmar neste sentido, e mudando o significado da expressão, que giramos sempre no

mesmo círculo vicioso. Se no estabelecimento supunham o barão príncipe, em

compensação lamentavam muito a morte de alguém a cujo respeito os gigolôs diziam:

- Não sei o nome, parece que é um barão-, e que não era outro senão o príncipe de

Foix (o pai do amigo de Saint-Loup). Pensando todos em casa que ele ia muito ao clube, na

realidade o príncipe passava horas no estabelecimento de Jupien, tagarelando, contando

histórias da sociedade para os malandros. Era um belo homem robusto, como o filho. É

incrível que o Sr. de Charlus, sem dúvida porque sempre o conhecera na sociedade,

ignorasse que o príncipe partilhava de seus gostos. Chegavam até a dizer que outrora

tentara satisfazê-los até com o próprio filho, ainda colegial (o amigo de Saint-Loup), o que

provavelmente era falso. Pelo contrário, bem informado acerca dos costumes que muitos

ignoram, mantinha grande vigilância quanto às relações do filho. Um dia em que um homem,

aliás de origem humilde, seguira o jovem príncipe de Foix até o palacete do pai, onde atirara

um bilhete pela janela, o pai o havia apanhado. Mas o perseguidor, embora não fosse,

aristocraticamente falando, da mesma sociedade que o Sr. de Foix pai, era-o de outro ponto

de vista. Não teve trabalho em encontrar, entre cúmplices comuns, um intermediário que fez

o Sr. de Foix calar-se, provando-lhe que fora o rapaz quem provocara aquela audácia do

homem mais velho. O que era possível. Pois o príncipe de Foix lograra preservar o filho das

más companhias, porém não da hereditariedade. De resto, o jovem príncipe de Foix

continuou, como o pai, desconhecido sob tal aspecto das pessoas de sua roda, embora

lograsse ir mais longe que ninguém nesse terreno.

- Como ele é simples! Nem parece um barão-disseram alguns convivas quando o Sr.

de Charlus saiu, acompanhado até a porta da rua por Jupien, a quem o barão não deixou de

se queixar da virtude do rapaz. Pelo ar descontente de Jupien que devia ter previamente

adestrado o moço, percebia-se que o falso assaca receberia logo um tremendo "sabão".

- É exatamente o contrário do que me disse - acrescentou o barão, para que Jupien

aproveitasse a lição em outra oportunidade. - Ele tem jeito de ser um bom caráter, exprime

sentimentos de respeito para a família. - Entretanto, não anda em bons termos com o pai -

objetou Jupien, - e moram juntos, mas servem cada qual num bar diferente. -

Evidentemente, um pouco como crime, em comparação com o homicídio, mas

Jupien fora tomado de surpresa. O barão não acrescentou coisa alguma, pois, se queria que

lhe preparassem os prazeres, procurava dar a si próprio a ilusão de que estes não eram

"preparados".

- É um verdadeiro bandido; contou aquilo só para enganá-lo, o senhor é muito

ingênuo - acrescentou Jupien para se desculpar, conseguindo apenas melindrar o amor-

próprio do Sr. de Charlus.

- Parece que ele possui um milhão por dia para gastar - disse o rapaz vinte e dois

anos, a quem esta asserção não parecia inverossímil. Em breve, ouviram o rodar do carro

que tinha vindo buscar o Sr. de Charlus não longe dali. Neste momento, divisei caminhando

vagarosamente ao lado de um militar, com quem evidentemente saía de um quarto vizinho,

uma pessoa que me pareceu uma senhora bastante idosa, de saia preta. Logo reconheci

meu erro: tratava-se de um padre - Era esta coisa rara, e, na França, inteiramente

excepcional: um mau padre. Estava com um militar que vinha caçoando do companheiro, da

disparidade entre sua batina e seu procedimento, pois este, com ar grave e erguendo para

junto de seu rosto hediondo um dedo de doutor em teologia, proferiu sentenciosamente:

- Que não sou (eu esperava "um santo") um anjo. -

Aliás, já estava de saída e despediu-se de Jupien que, tendo acompanhado o barão,

vinha entrando; mas, por distração o mau padre esquecera de pagar o quarto. Jupien, cujo

espírito jamais o abandonou sacudiu a caixinha em que recolhia a contribuição de cada

freguês, fazendo-a e dizendo:

- Para as despesas do culto, senhor abade! -

O vil personagem se desculpou, deu o dinheiro e desapareceu.

Jupien veio me buscar no antro escuro onde eu não tinha coragem de fazer um só movimento.

- Fique um instante no vestibulo onde os rapazes se banqueteiavam, enquanto subo para fechar o quarto; visto que é um inquilino, é mais natural. -

O patrão ali se encontrava; paguei-lhe. Nesse momento, um rapaz de *smoking*

entrou e perguntou ao patrão com ar autoritário:

- Poderei ter Léon amanhã de manhã às quinze para as onze, em vez de às onze, porque vou almoçado.

- Depende do tempo que o abade estiver com ele - respondeu o patrão.

Tal resposta pareceu insatisfatória ao rapaz de *smoking*, que já se mostrava prestes

a invectivar o padre. Mas sua cólera tomou outro rumo quando ele me avistou; caminhando

direto ao patrão, murmurou em voz baixa porém furiosa:

- Quem é? Que significa isso? -

O patrão, bastante aborrecido, explicou que minha presença não tinha nenhuma importância, que eu era um inquilino. O rapaz de *smoking* não pareceu de modo algum

tranqüilizado com tal explicação. Não cessava de repetir:

- É desagradável demais, são dessas coisas que não deveriam acontecer; sabe que

detesto isto, e vai fazer tanto que acabarei não botando os pés nunca mais aqui. -

Todavia, a execução dessa ameaça não pareceu iminente, pois ele se foi,

encolerizado, mas recomendando que Léon tratasse de estar livre às quinze para as onze,

se possível dez e meia.

Jupien voltou para me buscar e desceu comigo até a rua.

- Não gostaria que me julgasse mal - disse ele -, esta casa não me traz tanto dinheiro

quanto você pensa; sou forçado a ter locatários honestos, mas é verdade que, somente com

eles, não faria nem para as despesas. Aqui é o contrário dos carmelos; é graças ao vício

que vive a virtude. Não, só tomei conta desta casa, ou melhor, se a faço administrar pelo

gerente que você viu, foi unicamente para prestar um serviço ao barão e distraí-lo na sua

velhice. -

Jupien não desejava falar apenas das cenas de sadismo, como aquelas a que eu havia assistido, e do exercício mesmo do vício do barão. Este, até para conversar, para ter

companhia, para jogar cartas, só se dava bem com gente do povo, que o explorava. Sem

dúvida o esnobismo do canalha pode ser tão bem compreendido como o outro. Aliás, por

muito tempo se reuniram, alternando um com o outro, na casa do Sr. de Charlus, o qual não

achava ninguém bastante refinado para suas relações mundanas, nem bastante apache

para as outras.

- Detesto o tipo mediano – dizia -, a comédia burguesa é empolada, convêm-me ou

as princesas da tragédia clássica ou a farsa grosseira. Nada de meio-termo: *Fedra ou Os*

Salimbancos.-

*[*Os Salimbancos*: opereta em três atos e quatro quadros de Maurice Ordonneau, com

música de Louis Ganne; estreou em 30 de dezembro de 1899. (N. do T)]*

Mas, enfim, o equilíbrio entre esses dois esnobismos fora rompido. Talvez

cansaço

de velho, ou extensão da sensualidade às relações mais corriqueiras, o caso é que o barão

só vivia com "inferiores", assumindo assim, sem querer, a sucessão de algum de seus

ilustres antepassados, o duque de La Rochefoucauld, o príncipe de Harcourt, o duque de

Berry, que Saint-Simon nos mostra passando toda a vida com seus lacaios, que deles

extraíam somas enormes, partilhando de suas brincadeiras, a ponto de todos se sentirem

constrangidos por esses fidalgos, quando era preciso visitá-los, de encontrá-los familiarmente instalados a jogar cartas ou a beber com a criadagem.

- Sobre tudo - acrescentou Jupien - para lhe poupar aborrecimentos, porquanto o barão, veja só, é uma criança grande. Mesmo agora, quando tem aqui tudo o que pode

desejar, ainda sai por aí à cata de aventuras, bancando o plebeu. E, generoso como é, isto

poderia, nos tempos que correm, acarretar-lhe más conseqüências. E não é que outro dia

um mensageiro de hotel morria de medo por causa do dinheiro que o barão lhe oferecia

para que fosse à sua casa? (Sua casa, que imprudência!) Esse rapaz, que no entanto só

gosta de mulheres, ficou tranqüilo quando compreendendo o que desejavam dele. E,

ouvindo todas essas promessas de dinheiro, tomara o barão por um espião. E só se sentiu

bem à vontade ao ver que não lhe pediam que entregasse a pátria e sim o seu corpo, o que

talvez não seja mais moral, nem menos perigoso e sobretudo mais fácil. -

E, ao escutar Jupien, eu dizia comigo mesmo: "Que pena que o Sr. de Charlus não seja romancista ou poeta! Não para descrever o que veria, mas porque a posição assumida

por um Charlus, relativamente ao desejo, faz brotar a seu redor os escândalos, força-o a

tomar a vida a sério, a colocar emoções no prazer, impede-o de parar, de se imobilizar

numa visão irônica e exterior das coisas, sem cessar reabrindo nele uma corrente dolorosa.

Quase todas as vezes em que faz uma declaração, sofre um insulto, quando não se arrisca

a ser preso." Não apenas a educação das crianças, mas também a dos poetas, faz-se à

custa de bofetadas.

Se o Sr. de Charlus fosse romancista, a casa de que Jupien cuidava, reduzindo de

tal modo os riscos, pelo menos (pois uma batida da polícia era sempre de se temer) aqueles

provenientes de indivíduos cuja disposição o barão não poderia prever, teria sido para ele

uma desgraça. Mas o Sr. de Charlus não passava de um diletante em matéria de arte, não

pensava em escrever e nem era dotado para isso.

- Além do mais - continuou Jupien -, devo confessar-lhe que não tenho escrúpulos

quanto a esse tipo de lucros. O que se faz aqui não posso lhe esconder que me

agrada, é o

gosto da minha vida. Ora, é proibido receber um salário pelas coisas que não se julga

condenáveis? O senhor é mais instruído do que eu, e dirá sem dúvida que Sócrates não

aceitava receber dinheiro por suas lições. Mas no nosso tempo, os professores de filosofia

não pensam desse modo, nem médicos, os pintores, os dramaturgos, nem os diretores de

teatro. Não pense que este ofício me faça freqüentar exclusivamente canalhas. É claro que

o diretor de um estabelecimento deste gênero, como uma grande cocote, não recebe senão,

homens, porém recebe homens marcantes em todas as categorias, e que, geralmente

acham-se em igualdade de situação entre os mais finos, os mais sensíveis, os mais amáveis

de cada profissão. Esta casa se transformaria rapidamente, posso garantir-lhe, num

escritório do espírito e numa agência de novidades. -

Mas ainda me achava sob a impressão dos golpes que vira assim estarem no Sr. de

Charlus. E, para falar a verdade, quem conhecia bem o Sr. de Charlus, seu orgulho, seu

tédio dos prazeres mundanos, seus caprichos facilmente mudados em pares pelos homens

de último nível e da pior espécie, podia perfeitamente compreender que a mesma grande

fortuna que por sorte coubesse a um arrivista, deslumbra por permitir casar a

filha com um

duque e convidar altezas para suas caças, alegrava o Sr. de Charlus por lhe dar meios de

manobrar um, ou talvez muitos bordéis, onde sempre havia vários rapazes com os quais se

deleitava. É porque, mesmo sem o vício, tal acontecesse. Ele era herdeiro de tantos

daqueles senhores, príncipes de sangue ou duques, que Saint-Simon afirma não

frequentarem ninguém "que se pudesse nomear", passando todo o seu tempo a jogar

cantas com os lacaios aos quais davam somas enormes!

- Enquanto não se transforma - disse eu a Jupien - esta casa é uma coisa bem

diversa, pior que um hospício porquanto nela se expõe, reconstitui e se faz visível a loucura

dos alienados que aí habitam. É um verdadeiro pandemônio. Pensei, como o califa das *Mil e*

Uma Noites, ter chegado na hora exata de socorrer um homem a quem espancavam, e foi

outro conto das *Mil e Uma Noites* que vi realizar-se diante de mim, aquele em que uma

mulher, transformada em cadela, faz-se surrar espontaneamente para recuperar sua forma

primitiva.

Jupien parecia bastante perturbado com minhas palavras, pois compreendia que eu

vira o barão ser açoitado. Ficou um instante silencioso, enquanto eu fazia parar um fiacre

que passava; depois, subitamente, com o vivo espírito que tantas vezes me

surpreendera

num homem que se fizera por si mesmo, quando nos recebia, a mim ou a Françoise, no

pátio de casa, com palavras tão graciosas, disse:

- O senhor fala muito bem dos contos das *Mil e Uma Noites*. Mas sei de um deles que tem alguma ligação com o título de um livro que julgo ter visto na casa do barão -

(aludia a uma tradução de *Sésamo e os Lírios*, de Ruskin, que eu enviara ao Sr. de Charlus).-Se algum dia tiver a curiosidade de ver, não digo quarenta, mas dez ladrões, basta

aparecer aqui; para saber se estou presente, limite-se a olhar a janela bem no alto; se

estiver aberta e iluminada, é sinal que estou, que pode entrar; é o meu "Sésamo" particular.

Digo apenas Sésamo. Pois, quanto aos lírios, se é isso o que o senhor deseja, aconselho-o

a ir procurá-los em outro lugar. - E, cumprimentando-me com desenvoltura, pois uma

freguesia aristocrática e uma astúcia de rapazes a quem comandava como um pirata lhe

tinham dado uma certa familiaridade, ia despedir-se de mim, quando o barulho de uma

detonação, uma bomba a que as sirenes não haviam se antecipado, fez com que me

aconselhasse a ficar com ele por um momento. Em breve começaram os tiros de barragem,

tão violentos que percebemos que era bem pertinho, bem sobre nossas cabeças, que o

avião alemão estava.

Num instante as ruas ficaram completamente às escuras. Só às vezes um avião inimigo, voando bem baixo, iluminava o ponto onde queria lançar uma bomba. Eu já não

achava o meu caminho. Pensei naquele dia em que, indo à Raspeliere, havia encontrado,

como um deus que fizera meu cavalo encabritar-se, um avião. Pensei que agora o encontro

seria diferente, que o deus do mal me haveria de matar.

Apressei o passo para fugir, como um viajante perseguido pelo macaréu; rodava em

círculo nas praças negras, de onde já não podia sair. Por fim, as chamas de um incêndio me

iluminaram e pude reencontrar o caminho, enquanto sem cessar estrugiam os tiros de

canhão. Porém meu pensamento se desviara para outro assunto. Pensava na casa de

Jupien, talvez agora reduzida a cinzas, pois uma bomba caíra bem perto de mim logo que

eu acabara de sair de lá; nessa casa sobre a qual o Sr. de Charlus poderia ter

profeticamente escrito "Sodoma", como o fizera, não menor presciência ou talvez no começo

da erupção vulcânica e da catástrofe principiada, o desconhecido habitante de Pompéia.

Mas que importavam sirenes gothas àqueles que ali tinham vindo buscar seu prazer? O

quadro social e o quase da natureza que cercam nossos amores, quase nunca neles

pensamos. A tempestade ruge sobre o mar, o barco se sacode de todos os lados, do céu

precipitam avalanches retorcidas pelo vento, e, apenas para disfarçar o incômodo que

causa, prestamos um minuto de atenção neste cenário imenso onde somos de pouca valia,

nós e o corpo de que procuramos nos aproximar. A sirene anuncia bombas já não perturbava os convivas de Jupien mais do que o teria feito um *iceberg*. Ainda mais, o perigo

físico ameaçador os libertava do temor doentio que eram perseguidos há muito. Ora, é falso

crer que a escala dos médicos corresponde à dos perigos que os inspiram. Pode-se ter

medo de não dormir e, de forma alguma, de um duelo sério, de um rato e não de um leão.

Durante algumas horas, os agentes de polícia só se ocuparam da vida dos habitantes, afinal

coisa de tão pouca importância, e não se arriscariam desmoralizá-los. Muitas pessoas, que

para reencontrar liberdade moral, foram tentadas pela escuridão que se fez subitamente nas

ruas. Alguns desses pompeianos, sobre os quais já chovia bombas do céu, chegaram a

descer aos corredores do metrô, negros como catacumbas; de fato, sabiam não estar

sozinhos ali. Ora, a escuridão que banha todas as coisas como um elemento novo tem por

efeito, irresistivelmente sedutor para certas pessoas, suprimir o primeiro estágio do prazer,

permitindo-nos entrar sem destaque, num domínio de carícias no qual, de costume, só

penetramos depois de certo tempo. Que o objeto cobiçado seja de fato uma mulher ou um

homem, mesmo supondo bem simples a abordagem, e inúteis os galanteios afetados que se

eternizaram num salão, existe - ao menos em pleno dia, mas também à noite, mesmo em

ruas mal iluminadas um prólogo, durante o qual só os olhos se regalam, e onde se tem

temor dos transeuntes e da própria criatura desejada impedem que se faça não mais que

olhar e falar. Na escuridão, todo esse velho jogo se acha abolido, as mãos, os lábios, os

corpos podem entrar em jogo em primeiro lugar. Resta a desculpa da escuridão e dos erros

que ela engendra, caso sejamos mal recebidos. Se a acolhida for favorável, a resposta

imediate do corpo que não se retrai, que se aproxima dá-nos daquela (ou daquele) a quem

nos dirigimos silenciosamente, a importância de que é a criatura destituída de preconceitos,

cheia de vícios, impressão que fazem aumentar a felicidade de morder o fruto sem precisar

cortejá-la com os olhos e pedir licença. Entretanto, persiste a escuridão; mergulhados nesse

elemento que os freqüentadores de Jupien pensavam ter viajado para assistir a um

fenômeno natural, como um macaréu ou um eclipse, e saboreando, em vez de um prazer

preparado e sedentário, o do encontro casual em lugar desconhecido, celebra sob o

estrondear vulcânico das bombas, junto a um bordel pompeiano, ritos mantidos nas trevas

das catacumbas.

Numa mesma sala, haviam-se reunido muitos homens que não tinham querido fugir.

Não se conheciam entre si, porém via-se que pertenciam mais ou menos à mesma

sociedade, rica e aristocrática. Todos aparentavam aspecto algo repugnante, devido às

concessões aos prazeres ignóbeis. Um deles, indivíduo enorme, apresentava o rosto

coberto de manchas vermelhas, como um bêbado. Soube que, a princípio, não o era, e

apenas sentia prazer em fazer os rapazes beberem. Mas, aterrorizado pela idéia de ser

convocado (embora parecesse ter mais de cinquenta), como era muito corpulento, pusera a

beber sem parar, para tentar ultrapassar o peso de cem quilos, acima do qual as pessoas

eram reformadas. E agora, tendo-se mudado em paixão esse plano, logo que o deixavam,

logo que relaxavam a vigilância sobre ele, imediatamente, de onde quer que estivesse,

corria a uma taberna. Porém, quando falou, percebi que, a despeito de uma inteligência

mediocre, era homem de grande saber, educado e culto.

Entrou igualmente outro homem da alta sociedade, bem jovem e de extrema

distinção física. Na realidade, não havia nele ainda nenhum estigma exterior do vício; porém

sentiam-se, o que era mais perturbador, os exteriores. Muito alto, de fisionomia atraente,

sua elocução revelava uma inteligência bem diversa da de seu vizinho alcoólatra, e, sem

exagero, verdadeiramente notável. Mas a tudo o que dizia acrescentava-se uma expressão

que seria apropriada a uma frase diferente. Como se, possuindo a escala completa das

expressões do rosto humano, vivesse em outro mundo, usando tais expressões

desordenadamente, parecendo distribuir sorrisos e olhares sem relação com as frases que

ouvia. Espero que, se vive ainda (como é certo), tenha sido vítima não de um mal crônico,

mas de uma intoxicação passageira. É provável que, se se pedisse o cartão de visitas a

todos esses homens se verificasse com surpresa pertencerem todos a uma alta classe

social. Mas algum vício, e o maior de todos, a falta de vontade que impede se resista a

qualquer um, os reunia ali, é verdade que em quartos isolados, mas todas as noites,

segundo me disseram; de modo que, se o nome deles era conhecido das mulheres da

sociedade, estas aos poucos os haviam perdido de vista, e jamais tinham ocasião de os

receberem em suas casas. Eles ainda recebiam convites, porém o hábito os conduzia ao

civil heterogêneo. Aliás, pouca reserva guardavam disso, ao contrário dos pequenos

mensageiros, operários etc., que serviam aos seus caprichos. E, além de muitos motivos

que podemos adivinhar, o seguinte explica essa diferença de procedimento: para um

empregado de fábrica, para um criado, ir a semelhante hotel equivalia, para uma mulher

honesta, a ir a um bordel. Alguns que confessavam ter ido lá, protestavam jamais ter

voltado, e o próprio Jupien, mentindo para proteger-lhes a reputação ou para evitar

concorrências, afirmava:

- Oh, não! Ele não aparece por aqui, nem gostaria de aqui estar.

Quanto aos homens da alta sociedade, o fato era menos grave, tanto mais que os

outros mundanos que ali comparecem não sabem da existência desse lupanar e não se

ocupam da vida alheia. Ao passo que, numa empresa de aviação se determinados

mecânicos ali comparecem, seus companheiros, espionando-os, por nada no mundo

desejariam aparecer ali, de medo de que aquilo se descobrisse.

Sempre me aproximando de casa, ia pensando sobre como a consciência cessa logo

de colaborar com nossos hábitos, cujo desenvolvimento deixa correr livremente, e sobre

como, por isso mesmo, poderíamos espantar-nos se verificá-los simplesmente do exterior, e

supondo que por elas responda o indivíduo como um todo, as ações de homens cujo valor

moral ou intelectual pode se desenvolver independente num sentido bem diverso. Tratava-

se evidentemente de um vício de educação, ou de ausência de qualquer educação, unido a

uma tendência a ganhar dinheiro da maneira, se não a menos penosa (pois muitos

trabalhos, afinal de contas, deveriam ser mais suaves; mas o doente, por exemplo, não tece

com manias, remédios e privações uma existência muito mais penosa do que o faria a

doença, em geral leve, contra a qual ele crê lutar desse modo?), em todo caso a menos

trabalhosa possível, que levava esses "rapazes" a praticar, por assim dizer inocentemente, e

por um salário vil, coisas que não lhes davam nenhum prazer e que, no começo, deveriam

lhes ter inspirado viva repugnância. A julgar por isso, poderiam ter sido considerados

essencialmente maus; mas não só foram na guerra soldados maravilhosos, "bravos"

incomparáveis, como também muitas vezes, na vida civil, revelaram bons corações, quando

não bom caráter. Já não percebiam, depois de muito tempo, o que podia haver de moral ou

imoral na vida que levavam, porque esta era a do seu meio. Assim, quando estudávamos

certos períodos da história antiga, espantava-nos saber que criaturas individualmente boas

participavam sem escrúpulos de assassinatos em massa, de sacrifícios humanos, que

provavelmente lhes pareciam coisas naturais.

As pinturas pompeianas da casa de Jupien, aliás, convinham perfeitamente, pelo que

recordavam da Revolução Francesa, à época bastante parecida com a do Diretório que ia

iniciar-se. Antecipando-se à paz, ocultando-se na obscuridade para não enfrentar muito

abertamente as ordens da polícia, já em toda parte novas danças se organizavam, durante

a noite inteira. Junto a isso, determinadas opiniões artísticas, menos antigermânicas do que

durante os primeiros anos da guerra, corriam livremente para devolver a respiração aos

espíritos sufocados, mas, para ousar apresentá-las, era necessário uma patente de civismo.

Um professor escrevia um livro notável sobre Schiller e tomava-se conhecimento disso pelos

jornais. Mas, antes de falar do autor do livro registrava-se, como uma licença para

impressão, que ele combatera no Mame, em Verdun, que fora citado cinco vezes na ordem

do dia, e tivera dois filhos mortos na guerra. Então, elogiavam a clareza, a profundidade de

sua obra sobre Schiller, que se podia qualificar de grande, contanto que se dissesse, em vez

de "este grande alemão", "este grande boche". Era a palavra de ordem para o artigo, e logo

o deixavam passar.

Sem dúvida a nossa época, para quem ler sua história daqui a dois mil anos, dará a

impressão de haver mergulhado certas consciências sensíveis e puras num meio vital que

surgirá então como sendo monstruosamente pernicioso, mas ao qual elas se acomodavam.

Por outro lado, eu conhecia poucos homens, posso dizer mesmo que não conhecia homem

algum que, no terreno da inteligência e da sensibilidade, fosse tão dotado como Jupien;

porquanto a "liga" deliciosa que compunha a trama espiritual da conversa não lhe provinha

de nenhum desses ensinamentos de colégio, de nenhuma dessas culturas universitárias,

que poderiam ter feito dele um homem tão notável, quando tantos rapazes da sociedade

não tiram disso nenhum proveito. Era o seu simples bom senso inato, seu gosto natural que,

das raras leituras que fizera ao acaso, sem orientação, em momentos vagos, tinham-lhe

feito compor esse modo de falar tão exato, onde todas as simetrias da linguagem se

deixavam descobrir e mostravam sua beleza. Ora, o ofício que ele exercia certamente podia

passar, e com justiça, por um dos mais lucrativos, mas também era o mais ignóbil. Quanto

ao Sr. de Charlus, ainda que seu orgulho aristocrático pudesse lhe conferir algum desdém

pela opinião pública, como não o forçara um certo sentimento de dignidade pessoal e de

respeito por si mesmo a recusar à sua sensualidade determinadas satisfações que só a

demência total escusaria? Porém nele como em Jupien, o hábito de separar a moralidade

de toda uma série de ações (o que, de resto, deve também ocorrer em muitas funções, por

vezes a de juiz, outras vezes a de estadista, e muitas outras ainda) devia ser tão antigo que

sem ouvir jamais o senso moral fora se agravando dia a dia, até que esse Prometeu

voluntário se deixara prender pela Força ao rochedo da pura matéria.

É claro que eu sentia que estava ali um novo estágio da doença do Sr. de Charlus, a

qual, desde que a identificara e, a julgar pelas diversas etapas que percorrera, prosseguira

sua evolução numa velocidade crescente. O pobre barão já não devia estar muito longe do

termo, da morte, mesmo se esta, conforme as previsões e os votos da Sra. Verdurin, não

fosse precedida pela prisão, o que, na sua idade, aliás só poderia apressar a morte.

Todavia, talvez eu tenha dito, sem exatidão: rochedo da pura matéria. Nessa pura matéria

possivelmente um pouco de espírito ainda sobrenadaria. Esse louco, apesar de tudo, sabia

perfeitamente que era presa de uma loucura e, nesses momentos de lucidez, ainda assim

se iludia, pois sabia muito bem que aquele que o flagelava não era mais malvado que o

rapazinho que, nas brincadeiras de guerra, é designado pela sorte para fazer o papel de

"prussiano" e sobre o qual todos investem num ardor de verdadeiro patriotismo e de cólera

fingida. Presa de uma loucura em que, apesar de tudo, havia um pouco da personalidade do

Sr. de Charlus. Mesmo em tais aberrações, a natureza humana (como nos amores, nas

viagens) deixa perceber ainda a necessidade de crença, pelas exigências de verdade.

Françoise, quando eu lhe falava de uma igreja de Milão - cidade que ela, provavelmente,

jamaís visitaria - ou da catedral de Reims - mesmo que fosse a de Arras! - que ela não

poderia ver porquanto se achavam mais ou menos destruídas, invejava os ricos que podem

se dar o espetáculo de semelhantes tesouros, e exclamava num acento nostálgico:

- Ah, como devia ser bonito! - ela que, morando em Paris há tantos anos, nunca

tivera a curiosidade de ir visitar a Notre-Dame. É que a Notre-Dame fazia parte justamente

de Paris, a cidade onde transcorria a vida cotidiana de Françoise e onde, por conseguinte,

era difícil à nossa velha criada - como veria para mim, se o estudo da arquitetura não me

houvesse corrigido em certas - aspectos do instinto de Combray situar os objetos de seus

sonhos.

Nas pessoas que amamos existe, à elas imanente, determinado sonho que nem sempre sabemos discernir mas que buscamos alcançar. Fora a minha crença em Bergotte,

em Swann, que me fizera amar Gilberte, a minha crença em Gilberto, o Mau, que me fizera

amar a Sra. de Guermantes. E que a vasta extensão de mar fora reservada no meu amor,

mesmo o mais doloroso, o mais ciumento, o mais aparentemente individualizado, por

Albertine! Aliás, justamente devido a esse aspecto individual em que nos encarnicamos, os

amores pelas pessoas já contêm algo de aberrante. (E as próprias moléstias do corpo, ao

menos aquelas que se relacionam mais diretamente ao sistema nervoso, acaso não são

uma espécie de gostos ou medos particulares, contraídos pelos nossos órgãos, nossas

articulações, que assim parecem ter tomado por certos climas um horror tão inexplicável e

obstinado como a predisposição de certos homens pelas mulheres, por exemplo, que usam

lorgnon, ou pelas amazonas? Esse desejo, despertado sempre à vista de uma amazona,

quem sabe a que sonho duradouro e inconsciente está ligado, inconsciente e tão misterioso

como o é, por exemplo, para alguém que sofreu a vida inteira de crises de asma a influência

de uma certa cidade, aparentemente igual às outras, e onde pela primeira vez pode respirar

livremente?)

Ora, as aberrações são como os amores em que a tara doentia recobriu tudo, a tudo

contaminou. Mesmo na mais louca, o amor ainda se reconhece. A insistência do Sr. de

Charlus em pedir que lhe atassem aos pés e às mãos anéis de solidez comprovada, em

exigir a *barra de justiça* e, pelo que me disse Jupien ferozes acessórios muito difíceis de

obter, mesmo com o auxílio de marinheiros; pois seriam para infligir suplicios cujo emprego

já está abolido até a bordo dos navios, onde a disciplina é mais rigorosa -, revelava, no fundo,

o seu sonho a virilidade atestada, se preciso, por atos brutais, e toda a iluminura interior,

invisível para nós, mas da qual projetava alguns reflexos, com insígnia de justiça e tortura

feudais, decorados por sua imaginação medieval.

*[*Barra de justiça*: no original *barre de justice*, termo da Marinha que designa uma barra de

ferro empregada para castigar aos marinheiros. (N. do T)]*

Todas as vezes que chegava com o mesmo sentimento dizia a Jupien:

- Não haverá alerta, ao menos esta noite, pois já me vejo calcinado por esse fogo do

céu como um habitante de Sodoma.

E fingia temer os *gothas*, não que sentisse a menor sombra de medo, mas pretexto

para, logo que soavam as sirenes, precipitar-se aos abrigos do metrô, onde

esperava tirar

algum prazer dos contatos no escuro, com vagos sonhos dos subterrâneos medievais. Em

suma, seu desejo de ser acorrentado, açoitado, traía, apesar de torpe, um sonho tão poético

quanto, nos outros, o desejo de ir a Veneza ou de sustentar dançarinas. E o Sr. de Charlus

ansiava tanto para que tal sonho lhe desse uma ilusão de realidade, que Jupien teve de

vender o leito de madeira do quarto 14-Bis e substituí-lo por uma cama de ferro, mais

adequada às correntes.

O toque soou afinal quando eu chegava em casa. O barulho dos bombeiros era

comentado por um garoto. Encontrei Françoise subindo da adega com o mordomo. Ela me

acreditava morto. Disse que Saint-Loup passara aqui rapidamente, desculpando-se, para

ver se, na visita que me fizera de manhã, deixara cair a sua cruz de guerra. Pois acabara de

verificar que a perdera e, devendo voltar a seu posto na manhã seguinte, quisera ver se por

acaso não teria ficado em minha casa. Procurara-a por toda parte com Françoise e não

havia encontrado coisa alguma. Françoise achava que ele a perdera antes de me visitar,

pois, dizia, tinha certeza, poderia até jurar que ele já não estava com a cruz quando o vira.

No que se enganava. E eis o valor dos testemunhos e das recordações! Ademais, aquilo

não tinha muita importância. Saint-Loup era tão estimado por seus oficiais quanto amado

pelos subalternos, e o caso facilmente se resolveria. Além disso, senti logo, pela forma

pouco entusiasta com que falaram dele, que Saint-Loup causara uma impressão medíocre

em Françoise e no mordomo. Evidentemente, todos os esforços do filho do mordomo e do

sobrinho de Françoise para fugir ao serviço militar, Saint-Loup os fizera em sentido oposto e

com êxito, buscando sempre expor-se ao perigo. Isto, no entanto, era o que, julgando por si

mesmos, nem Françoise nem o mordomo podiam admitir. Estavam convencidos de que os

ricos ficavam sempre a salvo de qualquer perigo. De resto, ainda que soubessem da

verdade relativamente à coragem de Robert, não se emocionariam. Não chamava os

alemães de boches, elogiava-lhes a valentia, não atribuía à traição o fato de não termos sido

vencedores desde o primeiro dia da guerra. Pois era isso que gostariam de ter ouvido, era

isso que lhes teria parecido sinal de bravura. Assim, embora continuassem a procurar a cruz

de guerra, achei-os frios a respeito de Robert. Quanto a mim, que suspeitava onde fora

esquecida entretanto, se Saint-Loup se distraíra aquela noite dessa maneira, fora só para

passar o tempo, visto que, movido pelo desejo de rever Morel, utilizara todas as suas

relações militares para saber em que regimento estaria, a fim de ir vê-lo, recebendo até

então respostas contraditórias-, aconselhei-os a que fossem deitar-se. Porém o mordomo

nunca tinha pressa de deixar Françoise desde que, graças à guerra, encontrara um modo,

ainda mais eficaz que a expulsão das freiras e o Caso Dreyfus, de torturar. Nessa noite, e

de cada vez que estive com eles durante os poucos dias que ainda passei em Paris antes

de me internar em outro sanatório, ouvia o mordomo dizer à Françoise, apavorada:

- Eles não se apressam, é claro; esperam que a ocasião seja propícia, mas nesse dia

tomarão Paris, e aí, nada de piedade!

- Jesus, Virgem Maria! - exclamava Françoise - Já não lhes basta a conquista da pobre Bélgica, que sofreu muito com a "invasão".-

- A Bélgica, Françoise; mas o que eles fizeram na Bélgica não será nada diante do

que hão de fazer! -

E até, a guerra tendo introduzido no mercado das conversas da gente do povo uma

quantidade de palavras de que tinham conhecimento apenas pelos jornais, e de vista, e de

que portanto ignorava a pronúncia, o mordomo acrescentava:

- Não posso compreender como o mundo está tão louco... Você verá, Françoise, eles

preparam um novo ataque de maior " *enverjadura*" que todos os outros. -

Insurgindo-me, se não em nome da piedade para com Françoise e do bom senso estratégico, ao menos por causa da gramática e tendo declarado que a pronúncia correta

era "*enverjadura*", só consegui fazer com que ele repetisse à Françoise a frase terrível, cada

vez que eu entrava na cozinha, pois o mordomo, quase tanto quanto aterrorizar a companheira, sentia-se feliz em mostrar ao patrão que, embora antigo jardineiro de

Combray e simples mordomo, ainda assim era bom francês conforme o patrão de Saint-

André-das-Champis. Não ganhara com a Declaração dos Direitos do Homem o direito de

pronunciar "*enverjadura*" com toda a independência, e de não se deixar governar sobre o

ponto estranho a seu serviço e sobre o qual, desde a Revolução, não precisava dar satisfações pois era meu igual. Tive, portanto, o desgosto de ouvi-lo falar a Françoise de

uma operação de grande "*enverjadura*", com uma insistência destinada a me provar que

semelhante pronúncia era o efeito não da ignorância, mas de uma vontade madura e

refletida. Confundia o governo e os jornais num mesmo "se" repleto de desconfiança

dizendo:

- Fala-se das perdas dos boches, e não das perdas dos nossos; parece que elas são dez vezes maiores. Diz-se que eles estão perdendo o fôlego, que não há mais nada para

comer, e eu acho que têm cem vezes mais comida que nós. Não adianta virem

com

mentiras. Se não tivessem nada para comer, não combateriam como outro dia, quando

assassinaram cem mil rapazes de menos de vinte anos. -

Assim, exagerava a todo instante os triunfos alemães, como antigamente fizera o mesmo a respeito dos radicais; ao mesmo tempo, contava as suas atrocidades que tais

triumfos fossem ainda mais penosos à Françoise, a qual já não cessava de exclamar:

- Ah, Santa Mãe dos anjos! Ah, Maria, Mãe de Deus! -

Às vezes, para ser desagradável de outra maneira, dizia:

- Aliás, não valemos mais do que eles, o que estamos fazendo na Grécia

corresponde ao que eles fizeram na Bélgica. Você vai ver como o mundo inteiro há de se

voltar contra nós e seremos obrigados a lutar com todas as nações. - Quando ocorria

exatamente o contrário. Nos dias em que eram boas as notícias, desforrava-se afirmando a

Françoise que a guerra haveria de durar trinta e cinco anos e, no caso de uma possível paz,

esta seria breve e só duraria alguns meses; depois haveria batalhas junto às quais as de

hoje não passariam de brinquedos de criança, e findas estas não restaria mais nada da

França.

A vitória dos Aliados parecia, se não próxima, ao menos relativamente certa. E,

infelizmente, é preciso confessar que o mordomo estava consternado. Pois, tendo reduzido

a guerra "mundial", como todas as outras coisas que fazia absurdamente contra Françoise

(de quem aliás gostava, como podemos gostar da pessoa que, diariamente, perdendo no

dominó nos dá o prazer de sua irritação), a vitória assumia a seus olhos o aspecto da

primeira conversa em que teria o desgosto de ouvir Françoise dizer:

- Enfim, está acabado, e eles vão ter de nos pagar mais caro do que lhes pagamos

em 1870. -

De resto, ele acreditava que esse desenlace fatal chegaria, pois um patriotismo

inconsciente o fazia crer, como a todos os franceses vítimas da mesma miragem que eu

desde que caí doente, que a vitória como a minha cura – era já para o dia seguinte.

Antecipando-se, anunciava à Françoise que essa vitória talvez ocorresse, mas que seu coração sangrava, pois a revolução viria logo, e depois a invasão.

- Ah, dessa maldita guerra os boches serão os únicos a se recuperarem depressa,

Françoise; já ganharam centenas de milhões. Mas que nos estendam um só tostão, que

esperança! Os jornais vão dizer que deram - acrescentava por prudência, e para precaver-

se contra qualquer eventualidade -, para acalmar o povo, como fizeram há três anos, ao

dizerem que a guerra acabaria no dia seguinte. -

Françoise impressionava-se tanto mais com essas palavras quanto, de fato, tendo

acreditado nos otimistas e não no mordomo, via que a guerra, que julgava dever

terminar

em quinze dias apesar da " *invasão da pobre Bélgica*", durava sempre e parecia estacionária, pelo fenômeno, que não compreendia, de fixação das frentes, e que, afinal, um

dos inúmeros "afilhados", a quem dava tudo quanto ganhava de nós, garantia-lhe que

escondiam uma coisa e outra.

- Tudo isso recairá sobre o operário - concluía o mordomo. -Tomarão as suas terras,

Françoise.

- Ah, Senhor Deus! -

Mas a essas desgraças longínquas, ele preferia as mais próximas e devorava os

jornais na esperança de anunciar uma derrota à Françoise. Esperava as más notícias como

se fossem ovos de Páscoa, na expectativa de serem bastante sérias para aterrorizar

Françoise, mas não tanto que causassem a ele danos materiais. Assim é que um ataque de

dez zepelins o deixaria encantado por ver Françoise esconder-se nas adegas, e porque

estava convencido de que, numa cidade tão grande como Paris, as bombas não iriam cair

justamente sobre a nossa casa. Além disso, Françoise começava a retomar, de vez em

quando, o seu pacifismo de Combray. Chegava quase duvidar das "atrocidades alemãs".

- No começo da guerra nos diziam que os alemães eram assassinos, malfeitores, verdadeiros bares dos *bbboches*... - (Se colocava diversos *bb em boches*, não era

porque a

acusação, que os alemães fossem assassinos lhe parecia, afinal de contas, bem plausível;

mas a de que fossem *boches* quase inverossímil devido à sua enormidade. Apenas era

muito difícil compreender que sentido misteriosamente pavoroso ela atribuía à palavra

boche, pois se tratava do princípio da guerra, e também por causa do ar de dúvida com que

pronunciava essa palavra. Pois a dúvida de que os alemães fossem criminosos podia, na

verdade, ser mal fundamentada, mas não guardava em si, do ponto de vista da lógica,

nenhuma contradição. Porém como duvidar que fossem boches, visto que precisamente

este vocábulo, na linguagem do povo, quer dizer alemão? Talvez não fizesse Françoise

mais que repetir, em estilo indireto, as frases violentas que ouvira então, e nas quais uma

energia especial acentuava o termo boche.

- Acreditei nisso tudo - dizia ela -, mas me pergunto ainda agora se não somos velhacos feito eles. -

Essa idéia blasfema fora preparada sorrateiramente à Françoise pelo mordomo, o

qual, vendo que sua companheira mostrava uma certa inclinação pelo rei Constantino da

Grécia, não deixara de o pintar privado por nós de alimentos até o dia em que cedesse.

Assim, a abdicação do soberano emocionara fortemente Françoise, que chegava ao ponto

de declarar:

- Não valem mais dó que eles. Se estivessemos na Alemanha, fariamos outro tanto.

Aliás, eu a vi poucas vezes, durante esses dias, pois ela estava quase sempre em casa daqueles seus primos de que certa ocasião mamãe me havia dito:

- Mas sabes que eles são mais ricos que tu. - Ora, vimos então esta coisa tão bonita

freqüente em todo o país naquela época, e que, se houvesse um historiador para lhe

perpetuar a recordação, testemunharia a grandeza da França, sua grandeza de alma, sua

grandeza segundo Saint-André-des-Champs, a fim de animar tanto os civis sobreviventes na

retaguarda quanto os soldados tombados no Mame. Um sobrinho de Françoise, morto em

Barry-au-Bac, era-o também desses primos milionários dela, antigos proprietários de

botequins, há muito retirados dos negócios depois de fazerem fortuna. Fora morto, e era um

pequeno negociante pobre quando fora mobilizado aos vinte e cinco anos, deixara sozinha a

jovem esposa para gerenciar um pequeno bar, para onde esperava voltar em poucos

meses. Fora morto. E então viu-se isto. Os primos milionários de Françoise, e que não

tinham parentesco algum com a moça, viúva de seu sobrinho, haviam deixado o

campo,

onde há anos descansavam, e recomeçaram a trabalhar sem querer ganhar um tostão.

Todos os dias, às seis da manhã, a mulher milionária, uma verdadeira dama, estava vestida,

bem como a filha "senhorita", ambas prontas para ajudar a sobrinha prima por afinidade. E

fazia três anos que lavavam copos e atendiam à freguesia de manhã até às nove e meia da

noite, sem um dia de descanso. Neste livro, onde não há um fato que não seja inventado,

nem uma só personagem; onde tudo fora criado por mim segundo as necessidades do que

pretendia demonstrar, devo confessar, em louvor de minha terra, que só os parentes

milionários de Françoise, renunciando ao descanso, para ajudar a sobrinha sem arrimo, só

eles são pessoas reais existentes. E persuadido de que sua modéstia não ficará ofendida,

visto que jamais lerão este livro, é com prazer infantil e uma profunda emoção que, não

podendo citar os nomes de tantos outros que devem ter agido da mesma forma, e graças

aos quais a França sobreviveu, declaro aqui seu nome verdadeiro: eles se chamam

Lariviere, sobrenome aliás bem francês. Se houve gente infame que se furtou ao alistamento, como o arrogante rapaz de *smoking* que eu vira no estabelecimento de Jupien,

e cuja única preocupação era saber se poderia contar com Léon às dez e meia

"porque ia

almoçar no centro da cidade", essa gente era compensada pela multidão inumerável de

todos os franceses de Saint-André-des-Champs, por todos os sublimes soldados aos quais

igualo os Lariviere.

O mordomo, para atizar as inquietações de Françoise, mostrava-lhe velhos

exemplares da revista *Leitura para Todos*, que havia encontrado, e em cujas capas (esses

números datavam de antes da guerra) figurava a "família imperial da Alemanha".

- Eis o nosso patrão de amanhã - dizia ele à Françoise, mostrando-lhe "Guilherme".

Ela arregalava os olhos, passava depois à personagem feminina ao lado, e dizia:

- Eis a "Guilhermina!" -

Quanto a Françoise, seu ódio pelos alemães era extremo; só era atenuado pelo que

lhe inspiravam nossos ministros. E não sei se ela desejava com maior ardor a morte de

Hindenburg ou de Clemenceau.

Minha partida de Paris foi retardada por uma notícia que pela mágoa que me causou,

me fez durante algum tempo incapaz de me pôr a caminho. Com efeito, soube da morte de

Robert de Saint-Loup, baleado dois dias após o seu regresso ao *front*, ao proteger a retirada

de seus homens. Jamais homem algum tivera menos que ele ódio a um povo (e quanto ao

imperador, por motivos particulares, e talvez falsos, pensava que Guilherme II antes buscara

evitar a guerra do que desencadeá-la). E também nenhum ódio ao germanismo; as últimas

palavras que lhe ouvira, seis dias atrás, eram as que principiam um *lied de Schumann* e que

ele me cantarolava na minha escada, em alemão, embora, devido aos vizinhos, eu o fizesse

calar-se. Habitado pela excelente educação a podar sua conduta de qualquer apologia, de

toda invectiva, de qualquer excesso verbal, tinha evitado, diante do inimigo, como no

momento da mobilização, o que pudesse assegurar a sua vida, levado por aquele

esquecimento de si mesmo diante dos outros, que todas as suas maneiras simbolizavam,

até mesmo o seu modo de fechar a portinhola do meu fiacre quando, sem chapéu, me

acompanhava sempre que eu saía de sua casa. Durante vários dias fiquei fechado no meu

quarto, pensando nele. Lembrava-me de sua chegada, pela primeira vez, em Balbec,

quando, com roupa de flanela clara, e olhos esverdeados e irrequietos como o mar,

atravessara o *hal* contíguo à sala de jantar, cujas janelas envidraçadas davam para o mar.

Recordava-me da criatura tão especial que ele me parecera então, e da qual eu tanto

desejava ser amigo. Tal desejo se realizara muito além do que eu poderia imaginar, sem

ainda me dar quase nenhum prazer àquela época, e logo percebi todos os excelentes

méritos, e também de outras coisas, ocultas sob aquela aparência elegante. Tudo isso, o

bom e o mau, ele esbanjara sem conta, todos os dias, e sobretudo no último, ao atacar uma

trincheira, por generosidade; pondo à serviço dos outros tudo o que possuía, como certa

noite em que pulara sobre os canapés do restaurante para não me incomodar. E, afinal, tê-

ho visto tão poucas vezes, em lugares tão variados, em circunstâncias tão diversas e

separadas por tantos intervalos, naquele *hal* de Balbec, no café de Rivebel e, no quartel de

cavalaria e nos jantares militares em Doncierres; no teatro onde ele esbofeteara um

jornalista, na casa da princesa de Guermites - só fazia dar-me de sua vida quadros mais

impressionantes, mais nítidos, e de sua morte um desgosto mais lúcido do que os deixados

em geral por pessoas mais amadas, mas vistas tão continuamente que a imagem que delas

guardamos não passa de uma vaga medida de uma infinidade de imagens insensivelmente

diversas, e que também a nossa afeição, saciada, não alimenta a seu respeito, ao contrário

dos que só avistamos em momentos fugidios, nos encontros interrompidos a seu e a nosso

pesar, a ilusão da possibilidade de um afeto maior frustrada apenas pelas circunstâncias.

Poucos dias depois daquele em que o vira correndo atrás de seu monóculo, e imaginando-o então muito altivo, naquele *hal* em Balbec, havia uma outra forma viva, que

eu tinha avistado pela primeira vez na praia de Balbec, e que agora também só existia em

estado de recordação: era Albertine, pisando a areia naquela tarde inicial, indiferente a

todos, e marítima como uma gaivota. A ela, eu havia amado logo, tanto que, para passear

todos os dias em sua companhia, nunca fui de Balbec, visitar Saint-Loup. E, no entanto, a

história de minhas relações com ele testemunha também que, em certa época, eu deixara

de amar Albertine, pois, se fora me instalar durante algum tempo perto de Robert, em

Doncieres, movera-me o desgosto de não ver correspondido o meu amor pela duquesa de

Guermantes. Sua vida e a de Albertine, tão tarde por mim conhecidas, ambas em Balbec, e

tão depressa terminadas, mal se haviam cruzado; fora ele, repetia comigo mesmo, ao ver

que as barreiras ágeis do tempo tecem fios entre as lembranças que a princípio nos

pareciam as mais independentes, fora ele que eu havia enviado à casa da Sra. Bontemps

quando Albertine me deixara. E depois, acontecia que suas duas vidas tinham segredos

paralelos de que eu não suspeitara. O segredo de Saint-Loup me causava agora talvez mais

tristeza que o de Albertine, cuja vida se me tornara tão estranha. Mas eu não podia me

consolar que ambas houvessem sido tão breves. Ambos muitas vezes, diziam-me, cercando-me de atenções:

- Você, que é doente.-

E eles que haviam morrido, eles de quem eu podia evocar, separadas afinal por um

intervalo tão curto, a imagem última, na trincheira, no rio, da primeira imagem, mesmo no

caso de Albertine, só valia agora para mim por associar-se à do poente no mar.

A morte de Saint-Loup foi recebida por Françoise com mais pesar do que a de

Albertine. Adotou imediatamente o seu papel de carpideira e celebrou a memória do morto

com lamentos e cantilenas desesperados. Exibia a sua mágoa e só assumia um ar seco,

virando o rosto, quando eu deixava perceber a minha dor, que fingia não notar. Pois como a

muitas pessoas nervosas, o nervosismo alheio, sem dúvida muito parecido ao seu, a

horrorizava. Gostava agora de evidenciar seus mais leves torcicolos, uma tontura, um

esbarrão. Mas, se eu falava de um de meus males, voltando a ser grave e estóica, fingia

não ouvir.

- Pobre marquês - dizia ela, embora não pudesse deixar de pensar que ele teria feito

o impossível para não partir e, uma vez mobilizado, para fugir diante do perigo. - Pobre

senhora! - dizia, pensando na Sra. de Marsantes. - Como não deve ter chorado ao saber da

morte do seu menino! Ainda se o tivesse podido ver; mas deve ter sido melhor assim,

porque ele tinha o nariz partido em dois, estava todo desfigurado. - E os olhos de Françoise

se enchiam de lágrimas, através das quais, entretanto, aguçava-se a curiosidade malear da

camponesa. É claro que Françoise lastimava a dor da Sra. de Marsantes de todo o coração,

mas lamentava não conhecer a forma que assumira essa dor, assistir ao espetáculo de sua

aflição. E como gostaria de chorar, e que eu a visse chorando, disse para se comover:

- Isso mexe comigo! -

Em mim, ela também espreitava os sinais de dor com uma avidez que me levou a

simular uma certa secura ao falar de Robert. E, sem dúvida, mais por espírito de imitação,

pois já ouvira falar nisso, visto existirem clichês tanto nas cozinhas quanto nos cenáculos,

ela repetia, não sem todavia pôr na frase a satisfação do pobre:

- Toda a sua riqueza não o impediu de morrer como qualquer outro, e ela já não lhe

serve para nada. -

O mordomo aproveitou a ocasião para dizer à Françoise que aquilo, sem dúvida, era

triste, mas não representava nada diante dos milhões de homens que tombavam todos os

dias, malgrado os esforços do governo para esconder esse fato. Mas, dessa vez, o mordomo não conseguiu aumentar a dor de Françoise, como pensara. Pois ela lhe

respondeu:

- É verdade que eles morrem assim pela França, mas são desconhecidos; é sempre

mais interessante quando se trata de pessoas que conhecemos.- E Françoise, que sentia

prazer em chorar, ainda acrescentou: - Não deixem de me avisar se falarem da morte do

marquês nos jornais.

Robert muitas vezes me dissera com tristeza, bem antes da guerra:

- Oh, não falemos da minha vida, sou um homem previamente condenado. -

Aludiria ele ao vício, que até então conseguira ocultar a todos, mas cuja gravidade

conhecia, talvez exagerando-a, como os adolescentes que fazem amor pela primeira vez, ou

que, antes disso, buscam o prazer solitário, imaginando-se semelhantes às plantas, que não

podem disseminar seu pólen sem logo depois morrer? Talvez esse exagero proviesse, em

Saint-Loup como nos adolescentes, tanto da idéia do pecado, com a qual ainda não se está

familiarizado, quanto do fato de sensações inteiramente novas possuírem uma força quase

terrível, que a seguir se irá atenuando. Ou, então teria, justificando-o se preciso como

exemplo da morte do pai, falecido tão jovem, o pressentimento de seu fim

premature? Sem

dúvida, um tal pressentimento parece impossível. Entretanto, a morte se afigura sujeita a

certas leis. Dir-se-ia muitas vezes, por exemplo, que as criaturas nascidas de pais falecidos

muito velhos, ou bem jovens estão quase forçadas a desaparecer na mesma idade, os

primeiros, arrastando até os cem anos desgostos e enfermidades incuráveis, e os outros

apesar de uma existência higiênica e feliz, arrebatados na data inevitável e prematura por

um mal tão oportuno e tão acidental (embora com profundas raízes no sem temperamento)

que parece exclusivamente a formalidade necessária à realização da morte. E não seria

possível que a própria morte acidental como a de Saint-Loup. Logo, ligada aliás ao seu

caráter talvez por maior número de aspectos do que julguei, o dever de dizer que fosse

também previamente inscrita, conhecida apenas dos deuses, invisível aos homens, porém

revelada por uma tristeza meio inconsciente, meio consciente (e, ainda neste caso,

expressa aos outros com a sinceridade completa com que anunciamos desgraças às quais,

em nosso foro íntimo, julgamos escapar e que todavia acontecerão), própria de quem traz

em si e sem cessar vislumbres, como um marco, uma data fatal?

Saint-Loup devia ter sido belo naquelas últimas horas. Ele, que sempre parecera,

na

vida, mesmo sentado, mesmo caminhando num salão, conter em si o impulso de uma carga;

dissimulando sob o sorriso a vontade indomável a lhe transparecer na cabeça triangular,

lançara-se enfim à carga. Desembaraçado do seus livros, o torreão feudal voltara a ser

militar. E esse Guermantes morrera ele mesmo, ou melhor, mais de sua raça, em que se

criara, na qual não era mais que um Guermantes, como ficou simbolicamente claro no seu

enterro, na igreja Saint-Hilaire, em Combray, toda forrada de preto, e onde se destacava em

vermelho sob a coroa fechada, sem iniciais de prenomes nem de títulos, o “G” do

Guermantes que pela morte ele voltara a ser.

Mesmo antes de ir a esse enterro, que não se realizou imediatamente, escrevi à

Gilberte. Talvez devesse ter escrito à duquesa de Guermantes, pensava comigo que ela

acolheria a morte de Robert com a mesma indiferença que eu a vira manifestar pela de

tantos outros que haviam parecido estar tão estreitamente ligados à sua vida, procurando,

com seu jeito mental de Guermantes, mostrar-se imune à superstição dos laços de sangue.

Eu sofria demais para escrever a todos. Pensava outrora que ela e Robert se amavam no

sentido em que se diz da amizade entre mundanos, isto é, que, quando juntos, trocavam

palavras ternas, sinceras naquele momento. Mas, longe dela, Saint-Loup não hesitava em

declará-la idiota, e ela sentia, às vezes, um prazer egoísta em vê-lo, já se mostrara incapaz

de dar-se menor incômodo, de empregar, mesmo ligeiramente que fosse, o seu prazer para

lhe prestar um serviço, até mesmo para lhe poupar alguma infelicidade. A malvadez de que

dera provas a seu respeito, recusando recomendá-lo ao general de Saint-Joseph quando

Robert ia voltar para Marrocos, provava que o devotamento que lhe demonstrara por

ocasião de seu matrimônio não passara de uma espécie de compensação que nada lhe

custava. Assim, fiquei muito assombrado ao saber, achando-se ela doente quando Robert

morreu, que todos se haviam julgado no dever de lhe ocultar durante vários dias, sob os

pretextos mais falaciosos, os jornais que a teriam informado sobre essa morte, a fim de lhe

poupar o choque que havia de sentir. Porém minha surpresa aumentou quando soube que,

ao ter conhecimento da verdade, a duquesa chorou um dia inteiro, ficou de cama, e levou

muito tempo - mais de uma semana, era muito tempo para ela - para se consolar. Ao saber

desse desgosto, fiquei comovido. Todo mundo, por isso, repetiu, e eu afirmei, que havia

entre eles uma grande amizade. Mas, lembrando-me das pequenas maledicências, da má

vontade em prestarem serviço um ao outro que esta incluía, convenci-me do pouco valor

que se dá a uma grande amizade entre mundanos.

Além disso, pouco depois, numa circunstância historicamente mais importante,

embora me tocasse menos ao coração, a Sra. de Guermantes mostrou-se, em minha

opinião, sob uma luz ainda mais favorável. Ela que, em solteira, se estão lembrados, dera

provas de tanta ousadia impertinente quanto à família imperial russa, e que, casada, falara-

lhes sempre com uma liberdade que por vezes a fazia ser acusada de falta de tato, foi talvez

a única, após a Revolução Russa, a dar provas, quanto aos grão-duques e às grã-

duquesas, de um devotamento sem limites. No próprio ano que havia precedido a guerra,

ela irritara muitíssimo a grã-duquesa Wladimir por tratar sempre a condessa de

Hohenfelsen, esposa morganática do grão-duque Paul, de "grã-duquesa Paul". O que não a

impediu de, logo que rebentou a Revolução Russa, importunar o nosso embaixador em

Petersburgo, Sr. Paléologue ("Paléo" para o mundo diplomático, que também tem suas

abreviações pretensamente espirituosas, como o outro), com telegramas, para ter notícias

da grã-duquesa Marie Pavlovna. E por muito tempo, as únicas amostras de respeito e

simpatia que sem cessar recebeu essa princesa lhe vieram exclusivamente da Sra. de

Guermanten.

Saint-Loup causou, se não por sua morte, ao menos pelo que havia feito nas semanas precedentes, desgostos maiores que os da duquesa. Com efeito, já no dia

seguinte à noite em que o viu, e dois dias depois que Charlus dissera a Morel: "Eu me

vingarei", os passos que Saint-Loup dera para reencontrar Morel tiveram êxito; ou seja,

levaram o general, sob cujas ordens deveria servir Morel, a verificar que ele era um

desertor, fizeram-no procurá-lo e mandar prendê-lo e, para se desculpar junto a Saint-Loup

do castigo que ia sofrer alguém que lhe interessava, escrevera-lhe uma carta para avisá-lo

do fato. Morel não teve dúvidas de que sua prisão fora provocada pelo rancor do Sr. de

Charlus. Lembrou-se das palavras: "Eu me vingarei", pensou que era esta a vingança, e

pediu para fazer revelações.

- Sem dúvida - declarou -, eu desertei. Mas, se me desencaminharam, de quem é a

culpa? -

Sobre o Sr. de Charlus e sobre o Sr. de Argencourt, com quem também estava

rompido, narrou histórias que na verdade não o implicavam diretamente, mas que estes, na

dupla indiscrição dos amantes e dos invertidos, haviam lhe contado, o que causou a um

tempo a prisão do Sr. de Charlus e do Sr. de Argencourt. Tal prisão afligiu talvez

menos a

ambos do que a certeza de serem rivais ignorados um do outro, e de muitos mais, numerosos, obscuros, diários, provenientes da sarjeta, conforme provou o processo. Aliás,

foram logo soltos. Morel também, porque a carta escrita a Saint-Loup pelo general lhe foi

reenviada com a seguinte menção: "Falecido, morto no campo de honra." Em atenção ao

defunto, o general quis fazer que Morel fosse simplesmente enviado para o front; aí Morel

portou-se com bravura, escapou a todos os perigos e, terminada a guerra, regressou com a

cruz que o Sr. de Charlus outrora solicitara em vão para ele, indiretamente devido à morte

de Saint-Loup.

Desde então pensei muitas vezes, ao lembrar-me dessa cruz de guerra perdida no estabelecimento de Jupien, que, se Saint-Loup tivesse sobrevivido, poderia facilmente

eleger-se deputado nas eleições que se seguiram à guerra, pois, se, graças à espuma de

futilidade e ao reflexo da glória deixados por esta em seu rastro, um dedo a menos, abolindo

séculos de preconceitos, dava acesso a uma família aristocrática, por meio de um brilhante

casamento, a cruz de guerra, mesmo ganha em escritórios, bastava para fazer alguém ter

assento, numa eleição triunfal, à Câmara dos Deputados, quase na Academia Francesa. A

eleição de Saint-Loup, devido à sua "santa família", teria feito o Sr. Arthur Meyer derramar

ondas de lágrimas e tinta. Mas talvez ele amasse demais o povo para conseguir obter-lhe os

sufrágios, embora certamente lhe fossem perdoadas, em atenção à seus títulos de nobreza,

suas idéias democráticas. Saint-Loup, sem dúvida, as teria exposto com sucesso diante de

uma câmara de aviadores. Com certeza, esses heróis o teriam compreendido, bem como

alguns raros espíritos elevados. Mas, devido ao apaziguamento do Bloco Nacional, voltaram

à vida política os velhos corruptos, que sempre são reeleitos. Os que não puderam entrar

para uma câmara de aviadores, mendigaram, ao menos para entrar para a Academia

Francesa, os votos dos marechais, de um presidente da República, de um presidente da

Câmara etc. Não teriam sido favoráveis a Saint-Loup, mas eram-no a outro *habitué* de

Jupien, o deputado da Ação Liberal, que foi reeleito sem concorrente. Não deixava o

uniforme de oficial do exército territorial, embora a guerra já tivesse acabado há muito. Sua

eleição foi saudada com alegria por todos os jornais que tinham feito a "união" em torno de

seu nome, pelas damas nobres e ricas que, pelo senso das conveniências e medo aos

impostos, só usavam roupa muito modesta, ao passo que os homens da Bolsa não

cessavam de adquirir diamantes, não para suas esposas, e sim porque, tendo perdido toda

a confiança no crédito de todo e qualquer povo, refugiavam-se nessa riqueza palpável e,

assim, faziam subir acima de mil francos a cotação do *De Beers*. Tanta estupidez irritava um

pouco, mas perdoou-se ao Bloco Nacional quando, subitamente, apareceram as vítimas do

bolchevismo, as grã-duquesas em farrapos, cujos maridos e filhos tinham sido

assassinados, aqueles em trabalhos forçados, e estes depois de terem sido deixados sem

comida, foram apedrejados e atirados aos poços, pois se acreditava que estivessem

pestosos e podiam transmitir a enfermidade. Os que lograram fugir reapareceram de

súbito...

A nova casa de saúde a que me recolhi também não conseguiu, como a primeira, obter minha cura. E muitos anos se passaram antes que a deixasse. Durante a viagem de

trem em que afinal regressei à Paris, a idéia de que não possuía dotes literários, o que havia

descoberto outrora nas redondezas de Guermantes, que reconhecera com mais tristeza

ainda em meus passeios diários com Gilberte antes de voltar para jantar, já noite fechada,

em Tansonvil e, e que na véspera de deixar aquela propriedade mais ou menos identificara,

ao ler algumas páginas do diário dos Goncourt, com a vaidade, com a mentira da literatura,

essa idéia, menos dolorosa talvez, porém mais melancólica, se a atribuía não a uma

deficiência peculiar a mim, mas à inexistência do ideal em que acreditara, essa idéia, que de

há muito não me vinha à cabeça, assaltou-me de novo e com uma força mais

acabrunhadora que nunca. Lembro-me, foi numa parada do trem em pleno campo. O sol

iluminava até a metade do tronco um renque de árvores que margeava a estrada de ferro.

"Árvores" - pensei -, vocês nada mais têm a dizer-me, meu coração secou e já não as ouve.

No entanto, aqui estou em plena natureza, pois sim, e é com frieza, com tédio, que meus

olhos observam a linha que vos separa a fronde luminosa do tronco ensombrecido. Se

alguma vez pude julgar-me poeta, o fato é que hoje sei que o não sou. Talvez na nova etapa

que se abre em minha vida, tão ressequida, os homens possam inspirar-me o que já não me

diz a natureza. Porém os anos em que eu talvez tivesse sido capaz de celebrá-la não

voltarão jamais." Mas, ao dar-me o consolo de que uma observação humana possível viesse

substituir uma inspiração impossível, sabia tratar-se apenas de um consolo, sobre cujo valor

não me iludia. Se de fato eu possuía uma alma de artista, que prazer não sentiria diante

dessa fileira de árvores iluminadas pelo sol poente, diante dessas florzinhas do declive que

se erguiam até quase o estribo do vagão, das quais poderia contar as pétalas, evitando

contudo descrever-lhe a cor como o fariam tantos bons literatos. Pois é possível esperar

transmitir ao leitor um prazer que não se sentiu?

Um pouco depois havia visto, com a mesma indiferença, as pastilhas de ouro e laranja com que o sol enchia as janelas de uma casa; e, por fim, como a hora já ia

adiantada, eu vira uma outra casa que parecia construída com uma substância de um róseo

muito estranho. Mas fizera estas várias observações com a mesma indiferença absoluta

com que, se estivesse passeando num jardim com uma senhora, veria uma folha de vidro e,

mais adiante, um objeto de matéria análoga ao alabastro, cuja cor desusada não me

venceria o mais langoroso tédio, mas, por polidez para com a companheira, para dizer

alguma coisa, e também para mostrar que havia reparado nessa cor, designasse de

passagem o vidro colorido e o pedaço de estuque. Da mesma forma, por desengargo de

consciência, assinalei para mim mesmo, como para alguém que me houvesse

acompanhado e que fosse capaz de extrair mais satisfação daquilo, os reflexos de fogo nas

vidraças e a transparência rósea da casa. Mas o companheiro a quem eu havia mostrado

esses efeitos curiosos, era sem dúvida de natureza bem menos entusiasta que muitas

peessoas cordiais, que um tal espetáculo deslumbra, pois tomara conhecimento dessas cores

sem qualquer mostra de satisfação.

Minha longa ausência de Paris não impedira que velhos amigos continuassem, vivo

que meu nome figurava em suas listas, a me enviar convites religiosamente; e quando, ao

entrar em casa, vi que um deles era para um chá dado pela Berma em honra da filha e do

genro, e outro, para uma vespéral que devia ocorrer no dia seguinte em casa do príncipe de

Guermantes, as tristes reflexões que havia feito no trem não foram um dos menores motivos

que me aconselharam a comparecer à ela. Não vale a pena, verdadeiramente, disse comigo

mesmo, privar-me de levar uma vida de homem de sociedade, já que o famoso "trabalho" ao

qual penso todos os dias, há tanto tempo, consagrar-me no dia seguinte, não estou, ou já

não estou em condições de fazê-lo, e talvez ele mesmo já não corresponda a nenhuma

realidade. No fundo, este motivo era inteiramente negativo e extraía seu valor apenas

daqueles que me poderiam afastar desse concerto mundano. Mas o que me fez resolver ir

foi esse nome de Guermantes, de há muito afastado de meu espírito, para que, lido num

convite, despertasse-me um vislumbre de atenção, suscitasse, nos recessos da memória,

um retalho de seu passado envolto em todas as imagens de floresta senhorial ou de floridos

arbustos que então o escoltavam, e retomasse para mim o encanto e o significado que eu

lhe atribuía em Combray, quando ao passar de volta a casa, na rua de l'Oiseau, eu via de

fora, como uma laca escura, o vitral de Gilberto, o Mau, senhor de Guermantes.

Por um momento, os Guermantes me haviam parecido de novo bem diversos das

pessoas da sociedade, incomparáveis a elas, nem a nenhum ser vivo, ainda que fosse um

soberano: reapareciam-me como surgidos da fecundação do ar ácido e ventoso da sombria

cidade de Combray onde transcorrera a minha infância, pelo passado que, à altura do vitral,

aí se avistava na ruazinha. Tinha vontade de ir à casa dos Guermantes como se isso

pudesse me aproximar da infância e das profundezas da memória onde a avistava.

E continuara a reler o convite até o momento em que, revoltadas, as letras que

compunham esse nome tão familiar e misterioso, como o próprio nome de Combray,

retomassem a sua independência e desenhassem ante meus olhos cansados um nome que

eu não conhecia. Tendo Mamãe ido precisamente a um chá em casa da Sra. Sazerat,

reunião que de antemão sabia ser muito aborrecida, não tive nenhum escrúpulo em ir à

recepção da princesa de Guermantes.

Tomei um carro para ir à casa do príncipe, que não morava mais no antigo palacete

e sim num outro, magnífico, que mandara construir na avenida do Bois. Um dos erros dos

mundanos é não compreender que, se desejam que acreditemos neles, é necessário

primeiro que acreditem em si mesmos, ou, pelo menos, que respeitem os elementos

essenciais de nossa crença. No tempo em que eu acreditava, mesmo sabendo que não era

assim, que os Guermentes moravam em determinado palácio em virtude de um direito

hereditário, penetrar no palácio do feiticeiro ou da fada, mandar que se abrissem para mim

as portas que só cedem quando se pronuncia a fórmula mágica, parecia-me tão difícil como

obter uma entrevista com o próprio feiticeiro ou a própria fada. Nada mais fácil do que me

fazerem crer que o velho criado, contratado na véspera, ou fornecido por *Potel e Chabot*

*[*Potel e Chabot* eram, no século passado, comerciantes que alugavam criados para

recepções. (N. do T)]*; era filho, neto, descendente dos que serviam a família bem antes da

Revolução, e com infinita boa vontade eu chamava o retrato de antepassado o que fora

adquirido no mês anterior na casa de Bernheim o jovem. Mas um feitiço não se transporta,

as lembranças não podem se dividir, e do príncipe de Guermentes, agora que ele próprio

destruíra as ilusões da minha fé indo morar na avenida do Bois, já não restava grande coisa.

Os tetos que eu receara ver desabarem ao anúncio do meu nome, e sob os quais ainda

flutuaria, para mim, muito do encanto e dos temores de outrora, cobriam os saraus de uma

americana que não me interessava. É claro que as coisas não têm poder em si mesmas, e,

visto sermos nós que lhe conferimos, um jovem colegial burguês devia naquele momento,

diante do palacete da avenida do Bois, ter os mesmos sentimentos que eu, outrora, diante

do antigo palacete do príncipe de Guermantes. É que ele ainda se encontrava na idade das

crenças, que eu já ultrapassara, perdendo esse privilégio, como, depois da primeira

juventude, a gente perde o poder, próprio das crianças, de dissociarem fragmentos

assimiláveis ao leite ingerido. O que obriga os adultos a beber leite em pequenas doses, por

prudência, ao passo que as criancinhas podem mamá-lo indefinidamente, sem precisar

tomar fôlego. Pelo menos a mudança de residência do príncipe de Guermantes teve isto de

bom para mim: o carro que viera buscar-me e no qual fazia estas reflexões teve de

atravessar as ruas que dão para o Champs-Élysées. Estavam bem mal pavimentadas nessa

ocasião; porém, desde que entrei por ali, nem por isso deixou de distrair-me de meus

pensamentos uma sensação de extrema doçura que se tem quando, de repente, o carro

desliza facilmente, com mais suavidade, sem ruído, como quando estando abertas as

grades de um parque, deslizamos sobre as aléias cobertas de areia fina ou folhas mortas.

Materialmente, nada mudara; mas senti subitamente a supressão dos obstáculos exteriores

porque, de fato, já não fazia o esforço de adaptação ou de atenção de que precisamos,

mesmo sem o perceber, diante das coisas novas: as ruas pelas quais passava nesse

momento eram as mesmas, esquecidas há muito, que eu percorria antigamente com

Françoise para ir aos Champs-Élysées. O próprio solo sabia aonde devia levar: sua

resistência estava vencida. E, como um aviador que até então penosamente preso à terra,

decola bruscamente, eu me erguia, vagaroso, para as alturas silenciosas da recordação. Em

Paris, estas ruas sempre hão de salientar-se para mim, materialmente diversas das outras.

Quando cheguei à esquina da rua Royale, onde antes ficava, ao ar livre, o vendedor das

fotografias de que Françoise gostava, pareceu-me que o carro, arrastado por centenas de

curvas antigas, não podia deixar de virar por si mesmo. Eu não atravessava as mesmas

ruas que os passeantes daquele dia, e sim um passado resvaladiço, triste e doce. Aliás, era

feito de tantos passados diferentes que se me tornava difícil reconhecer a causa de minha

melancolia, se era devida àquelas caminhadas ao encontro de Gilberte e no receio de que

ela não viesse, ou à proximidade de certa casa aonde me haviam dito que Albertine fora em

companhia de Andrée, ou se o significado de vaidade filosófica que parece adquirir um

caminho seguido mil vezes, com uma paixão que já não existe, que foi estéril, como aquele

em que, depois do almoço, eu percorria tão apressada e febrilmente para contemplar, ainda

frescos de cola, os cartazes da *Fedra e do Domino noir*.

Tendo chegado aos Champs-Élysées, como não desejasse ouvir todo o concerto que

se dava na casa dos Guermantes; mandei parar o carro e apressava-me para descer e dar

alguns passos quando me impressionou o espetáculo de um carro que também ia

estacionar. Um homem de olhos fixos, o talhe curvo, antes colocado que sentado no fundo,

fazia, para aprumar-se, esforços parecidos aos de uma criança a quem tivessem

recomendado juízo. Mas seu chapéu de palha deixava que se observasse uma floresta

indômita de cabelos inteiramente brancos; uma barba branca, feito a que a neve faz nas

estátuas dos rios nos jardins públicos, escorria-lhe do queixo. Era, ao lado de Jupien que se

desbravava por ele, o Sr. de Charlus, convalescendo de um ataque de apoplexia que ele

havia ignorado (tinham-me dito apenas que ele perdera a visão; tratava-se de uma

perturbação passageira, pois ele via perfeitamente bem de novo) e, a menos que então

fossem pintados e lhe houvessem proibido semelhante esforço, tendo seguido, como numa

espécie de precipitado químico, tornar visível e brilhante o metal de que se saturavam e

lançavam, à maneira de *géiseres*, as mechas agitadas de pura prata, da cabeleira e da

barba, ao passo que estas conferiam, ao velho príncipe decaído, a majestade

shakespeareana de um rei Lear. Os olhos não tinham ficado imunes a essa convulsão total,

a essa alteração metalúrgica da cabeça, por um fenómeno inverso, haviam perdido todo o

brilho. Mas o que ainda mais comovia era sentir-se que tal brilho perdido representava a

altivez moral, e que, desse modo, a vida física e até intelectual do Sr. de Charlus sobrevivia

ao orgulho aristocrático, do qual por um momento parecera inseparável. Assim, naquele

instante, sem dúvida encaminhando-se também para a casa do príncipe de Guermantes,

passou numa vitória a Sra. de Saint-Euverte, que o barão considerava socialmente inferior a

ele. Jupien, que cuidava dele como de uma criança, murmurou-lhe ao ouvido que se tratava

de uma pessoa conhecida, a Sra. de Saint-Euverte. E imediatamente, com um esforço

infinito, mas toda a aplicação de um enfermo que deseja mostrar-se capaz de todos os

movimentos que ainda lhe são difíceis, o Sr. de Charlus se descobriu, inclinou-se e cumprimentou a Sra. de Saint-Euverte com o mesmo respeito como se ela fosse a rainha da

França. Talvez houvesse, na própria dificuldade do Sr. de Charlus para fazer esse cumprimento, uma razão sua para fazê-lo, certo de que era mais um ato que, doloroso para

um enfermo, tornava-se duplamente meritório da parte de quem o fazia e lisonjeiro para

aquela a quem se dirigia, visto que os doentes exageram a polidez, como os monarcas.

Talvez ainda houvesse igualmente, nos movimentos do barão, essa descoordenação

consecutiva às perturbações da medula e do cérebro, e seus gestos lhe excedessem a

intenção. Por mim, vi aqui antes uma espécie de doçura quase física, de desapego às

realidades da vida, tão impressionantes naqueles que a morte já fez entrar em sua sombra.

A descoberta de camadas argêntas da cabeleira revelava uma mudança menos profunda

que aquela inconsciente humildade mundana que invertia todas as relações sociais,

rebaixando diante da Sra. de Saint-Euverte, como rebaixaria diante da última das americanas (por fim recebendo a polidez do barão, até ali inacessível para ela), o esnobismo que parecia ser o mais altivo. Pois o barão vivia e pensava ainda; sua inteligência não fora atingida. E nem o coro de Sófocles sobre o orgulho

humilhado de

Édipo, nem a própria morte e toda oração fúnebre, proclamaria melhor o que existe de frágil

e perecível ao amor às grandezas da terra e em todo orgulho humano do que o cumprimento humilde e apressado do barão à Sra. de Saint-Euverte. O Sr. de Charlus, que

até então não consentira em jantar com a Sra. de Saint-Euverte, saudava-a agora,

curvando-se até o chão. Saudava talvez por ignorância da estirpe da pessoa a quem

cumprimentava (visto que os artigos do código social podem ser destruídos por um acesso,

como toda e qualquer parte da memória), talvez por uma descoordenação dos movimentos,

que transpunha ao plano da humildade aparente a incerteza, do contrário sobranceira,

quanto à identidade da pessoa que passava. Cumprimentou-a com a polidez das crianças

que vêm timidamente cumprimentar as pessoas gradas, a chamado das mães. E era numa

criança, sem o orgulho delas, que ele se havia transformado.

Receber a homenagem do Sr. de Charlus era, para a Sra. de Saint-Euverte,

esnobismo puro, como fora outrora puro esnobismo do barão o recusar-lhe. Ora, tal

temperamento inacessível e precioso que o Sr. de Charlus conseguira fazer a Sra. de Saint-

Euverte julgar essencial à sua personalidade, arrasou-o de um só golpe, pela timidez

aplicada, pelo cuidado medroso com que tirou o chapéu, do qual, com a eloquência de um

Bossuet, jorraram, enquanto deixou a cabeça descoberta por deferência, as torrentes de sua

cabeleira de prata.

Quando Jupien o ajudou a descer, cumprimentei-o, ele me falou rapidamente, com

voz tão imperceptível que não pude perceber o que me dizia, o que lhe arrancou, quando

pela terceira vez o fiz repetir as palavras, um gesto de impaciência que me espantou pelo

contraste com a impassibilidade que antes havia mostrado a sua fisionomia e que certamente era devido a um resto de paralisia. Mas quando, por fim, habituei-me a esse

pianíssimo de palavras sussurradas, dei-me conta de que a enfermidade deixara absolutamente intacta a sua inteligência. Aliás, havia dois Srs. de Charlus, sem contar os

outros. Desses dois, o intelectual passava o tempo a queixar-se de que estava ficando

afásico, que constantemente, ao pronunciar uma palavra, trocava uma sílaba por outra. Mas

sempre que isso acontecia, o outro Sr. de Charlus, o subconsciente, o qual tanto desejava

ser invejado quanto lastimado o primeiro, em relação ao qual exibia faceirices desdenhadas

pelo outro, interrompia imediatamente a frase começada, como um maestro cujos músicos

erram, e, com infinito engenho, ligava o que vinha a seguir à palavra dita na realidade por

outrem, mas que ele parecia ter escolhido. Até a sua memória estava intacta, do que se

mostrava faceiro, não sem o cansaço de uma aplicação bastante árdua, por extrair certa

recordação antiga, pouco importante, relativa a mim, para me provar que ele conservava ou

recuperara toda a nitidez de espírito. Sem mover a cabeça nem os olhos, sem alterar a

inflexão do que narrava, disse-me por exemplo:

- Eis um poste onde há um cartaz semelhante àquele diante do qual eu me achava

da primeira vez que o vi em Avranches, não, estou enganado, em Balbec. - E, de fato, era

um anúncio do mesmo produto.

No começo, eu mal distinguia o que ele falava, da mesma forma como principiamos

a não ver coisa alguma ao entrar num quarto com todas as cortinas cerradas. Mas, assim

como os olhos na penumbra, meus ouvidos logo se habituaram a esse pianíssimo. Creio

também que este se elevava gradualmente, enquanto o barão falava, ou porque a fraqueza

de sua voz proviesse em parte de uma apreensão nervosa que se desfazia quando,

distraído por um terceiro, já não pensava nela; ou porque, ao contrário, essa fraqueza

correspondesse ao seu estado verdadeiro, e a força momentânea com que palestrava fosse

causada por uma excitação artificial, passageira e antes funesta, que fazia com que os

estranhos dissessem :

- Ele já está melhor, não convém que pense na doença -, mas de fato agravava o mal, que não demorava a recrudesce.

Fosse como fosse, o barão, nesse momento (e mesmo levando em conta a minha adaptação), lançava com mais força as palavras, como a maré, nos dias de mau tempo,

suas pequenas ondas retorcidas. E o que lhe restava de seu ataque recente fazia ouvir, no

fundo de suas palavras, como que um ruído de seixos rolados. Além disso, continuando a

falar do passado, sem dúvida para deixar bem claro que não perdera a memória, ele o

evocava de modo fúnebre, porém sem tristeza. Não cessava de enumerar todas as pessoas

da família, ou de seu meio, que já não viviam menos, ao que parecia, com a tristeza de que

já estivessem mortas do que com a satisfação de lhes ter sobrevivido. Ao lembrar-se da

morte delas, parecia conscientizar-se melhor de seu regresso à saúde. E era com dureza

quase triunfal que repetia em tom uniforme, levemente balbuciante e com surdas ressonâncias sepulcrais:

- Hannibal de Bréauté, morto! Antoine de Mouchy, morto! Charles Swann, morto!

Adalbert de Montmorency, morto! Boson de Tal eyrand, morto! Soslhene de Doudeauville,

morto! -

E, de cada vez, essa palavra "morto" parecia cair sobre os defuntos como uma pá

de

terra mais pesada, atirada por um coveiro que se empenhasse em prendê-los mais

profundamente no túmulo.

A duquesa de Létourvil e, que não ia à recepção da princesa de Guermantes, pois estivera doente por muito tempo, passou nesse momento a pé ao nosso lado, e, avistando o

barão, cujo acesso recente ignorava, parou para cumprimentá-lo. Mas a doença de que

sofrera não a fizera mais compreensiva para com os males alheios, antes suportando-os

mais impacientemente, com um mau humor nervoso em que havia talvez muito de piedade.

Ouvindo o barão pronunciar com dificuldade e errando certas palavras, mover o braço a

custo, ela olhava ora para mim, ora para Jupien, como a pedir explicações de um fenómeno

tão chocante. Como não lhe disséssemos coisa alguma, foi ao próprio Sr. de Charlus que

ela dirigiu um longo olhar cheio de tristeza, mas igualmente de censura. Parecia repreendê-

lo por estar na rua com ela numa atitude tão pouco usual, como se ele tivesse saído

descalço ou sem gravata. A um novo erro de pronúncia cometido pelo barão, a dor e a

indignação da duquesa aumentando juntas, ela exclamou:

- Palamede! - Num tom interrogativo e exasperado das pessoas demasiado nervosas

que não podem suportar esperar um minuto e que, se as mandamos entrar imediatamente,

desculpando-nos por estarmos acabando de nos vestir, dizem com amargura, não para se

desculpar, mas para acusar: - Mas então estou incomodando! - Como se fosse um crime

sentir-se incomodado. Finalmente, deixou-nos com um ar cada vez mais enervado, dizendo

ao barão: - Faria melhor se voltasse para casa.

O barão pediu uma cadeira para sentar-se, a fim de repousar; enquanto Jupien e eu

caminharíamos um pouco, e tirou penosamente do bolso um livro que me pareceu ser de

orações. Agradava-me poder saber, através de Jupien, detalhes sobre o estado de saúde do

barão.

- Estou muito contente de conversar com o senhor - disse Jupien -, mas não iremos

além do Rond-Point. Graças a Deus o barão está bem agora, mas não tenho coragem de

deixá-lo sozinho por muito tempo; ele é sempre o mesmo, tem um coração bom demais,

daria tudo o que possui aos outros; e depois, isto não é tudo, ele continua ardoroso como

um rapaz, e sou obrigado a ficar de olho.

- Tanto mais que recobrou a vista – respondi à Jupien - entristeceram-me bastante

ao me dizer que a perdera.

- De fato, sua paralisia chocou tanto, que ele não via absolutamente nada. Imagine

que durante o tratamento, que aliás lhe fez muito bem, ele ficou vários meses sem ver, tanto

quanto um cego de nascença.

- Ao menos, isso deveria tornar inútil uma parte de sua vigilância não?

- De modo algum! Mal chegava a um hotel, perguntava como era determinada

pessoa de serviço. Eu lhe afirmava que só havia gente horrenda. Mas ele percebia

perfeitamente que aquilo não podia ser geral, que eu às vezes devia estar mentindo. Veja

que devasso! E, além disso, ele tinha uma espécie de faro, talvez conforme a voz da

pessoa, não sei. Então, arrumava um jeito de me fazer sair para um recado urgente. Um dia

há de me desculpar que lhe diga isto, mas o senhor veio certa ocasião, por acaso, ao templo

do Impudor, nada tenho a lhe esconder (aliás, ele tinha sempre uma satisfação bem pouco

simpática em divulgar segredos alheios que conhecia) eu voltava de dar um desses recados

supostamente urgentes, tanto mais depressa quanto já o imaginava arranjado de propósito,

quando, no momento em que chegava ao quarto do barão, ouvi uma voz dizendo:

- Quê?

Como - respondeu o barão - então era a primeira vez? - Entrei sem bater, e qual não foi o

meu medo! O barão, enganado pela voz que, de fato, era mais forte que de costume a essa

idade (e por esse tempo o barão estava completamente cego) estava, logo ele que antes

gostava de pessoas maduras, com uma criança que ainda não tinha dez anos.

Contaram-me que, naquela época, o barão estava sujeito, quase todos os dias, à crises de depressão mental, caracterizadas não exatamente pela divagação, mas pela

confissão em altas vozes (diante de terceiros cuja presença ou severidade ele olvidava) de

opiniões que costumava ocultar, sua germanofilia por exemplo. Se por muito tempo, depois

da guerra, lamentava a derrota dos alemães, dentre os quais se considerava, e dizia com

orgulho:

- No entanto, é impossível que não tenhamos a nossa desforra, pois temos comprovado que somos capazes da maior resistência, e que possuímos a melhor organização. -

Ou então suas confidências assumiam um tom diverso, e ele exclamava com fúria:

- Que Lorde X ou o príncipe de *** não venham repetir o que disseram ontem, pois

contive-me a custo para não lhes retrucar: - Sabem muito bem que o são pelo menos tanto

quanto eu. -

Inútil acrescentar que, quando o Sr. de Charlus procedia desse modo, nos momentos

em que, como se diz, não estava muito "presente", fazendo confissões germanófilas ou

outras, às pessoas de sua roda que ali se achavam, fosse Jupien ou a duquesa de

Guermantes, tinham o hábito de interromper as palavras imprudentes e dar à ele, aos

demaís menos íntimos e mais indiscretos, uma interpretação forçada e honrosa.

- Ah, meu Deus! - exclamou Jupien -, bem que eu tinha razão em não querer que nos

afastássemos; ele já encontrou meio de entabular conversa com o moço jardineiro. Adeus

senhor, é melhor deixá-lo, para não abandonar um só instante o meu doente, que não passa

de uma criança grande.

Desci a rua novamente de carro um pouco antes de chegar à casa da princesa de

Guermantes, e recomecei a pensar no cansaço e no tédio com que, na véspera, tentara

notar a linha que separava nas árvores a sombra da região de luz, num dos campos

considerados dos mais belos da França. É certo que as conclusões intelectuais que tirara

não afetavam hoje tão fortemente a minha sensibilidade. Permaneciam as mesmas. Porém,

como sempre me acontecia ao ser arrancado à meus hábitos, sair em outra hora, num lugar

novo, experimentava um vivo prazer. Tal prazer, hoje, me parecia puramente frívolo, o de ir

a uma vespéral na casa da princesa de Guermites. Mas, visto que agora eu sabia não

poder alcançar nada além de prazeres frívolos, por que recusar-me a eles? Repetia para

min mesmo que não sentira, ao esboçar aquela descrição, nada desse

entusiasmo que não

é o único, mas é o primeiro critério para avaliar o talento. Procurava agora extrair da

memória outros "instantâneos", especialmente instantâneos que ela tomara em Veneza,

mas esta palavra era o bastante para torná-los enfadonhos como uma exposição de

fotografias, e eu já não sentia mais gosto nem talento para descrever hoje o que vira outrora

do que ontem para fixar, no próprio instante, com olhos minuciosos e enfadados. Dali a

pouco, muitos amigos há tanto tempo deixados de ver, certamente me pediriam que não me

isolasse desse modo, que lhes dedicasse os meus dias. Não possuía motivo algum para

recusar, pois agora eu tinha a prova de que não valia para nada, que a literatura não poderia

me causar nenhuma alegria, fosse por culpa minha (por ser pouco dotado), fosse por culpa

dela, se de fato era menos carregada de realidade do que pensara.

Quando lembrava o que Bergotte me dissera: "Você é doente, mas não se pode

lastimá-lo porque possui todos os dotes do espírito", refletia o quanto ele se enganara!

Como havia tão pouca satisfação nessa lucidez estéril! Digo até que, se às vezes talvez

sentisse satisfação - não da inteligência -, gastava-a sempre com uma mulher diversa; de

forma que o destino, mesmo que me concedesse mais cem anos de vida, e com saúde, não

teria feito mais que proporcionar acréscimos sucessivos a uma existência toda em

comprimento, que não me interessava prolongar ainda mais, e sobretudo por muito tempo.

Quanto às "alegrias da inteligência", poderia acaso chamar assim aquelas frias verificações

que meu olhar sagaz, ou meu exato raciocínio, assinalavam sem qualquer prazer e

permaneciam infecundas?

Porém é, às vezes, no justo momento em que tudo nos parece perdido, que ocorre o

aviso que nos pode salvar; batemos a todas as portas que não abrem para nada, e na única

pela qual podemos entrar, e que teríamos buscado em vão durante um século, esbarramos

por acaso e ela se abre.

Remoendo os tristes pensamentos a que me referi há pouco, havia entrado no pátio

do palacete de Guermantes e, distraído, não vira um carro que avançava; ao grito do

wattman!*[*Wattman* (palavra inglesa): designa o condutor de um bonde elétrico. Ocorre,

todavia, que muitas viaturas do começo do século eram movidas a eletricidade. (N. do T)]*.

Só tive tempo de me pôr vivamente de lado, e recuei bastante para, sem querer, tropeçar

nas pedras irregulares do calçamento, diante de uma cocheira. Mas, no instante em que, ao

me endireitar, firmei o pé numa laje um tanto mais baixa que a anterior, todo o

meu

desânimo sumiu em face à minha sensação de felicidade que em diversas épocas da minha

vida me haviam proporcionado a vista das árvores que eu julgara reconhecer num passeio

de carro pelos arredores de Balbec, a vista dos campanários de Martinvil e, o sabor da

madeleine mergulhada no chá, e tantas outras sensações de que já falei e que as últimas

peças de Vinteuil me pareciam sintetizar.

Como no momento em que eu saboreava a *madeleine*, toda a inquietação a cerca do

futuro e toda dúvida intelectual se haviam dissipado. As dúvidas que ainda há pouco me

assaltavam a respeito da realidade de meus dotes literários, e até da realidade da literatura,

tinham desaparecido como por encanto. Sem que tivesse feito qualquer novo raciocínio, ou

encontrado algum argumento decisivo, as dificuldades, insolúveis há pouco, tinham perdido

a importância. Mas, desta vez, eu estava bem decidido a não me resignar, a ignorar o por

quê, como o fizera no dia em que saboreava uma *madeleine* mergulhada no chá. Com

efeito, a felicidade que eu acabava de experimentar era exatamente à que sentira ao comer

a *madeleine*, e de cujas causas profundas tivera, naquele tempo, de adiar a pesquisa. A

diferença, puramente material, estava nas imagens evocadas; um azul profundo

embriagava

meus olhos; impressões de frescor deslumbrante, rodopiavam perto de mim e, em meu

desejo de captá-las, sem ao menos mexer-me, como quando saboreava a *madeleine*

tentando fazer vir até mim, ela me recordava, eu continuava, como há pouco, a titubear, um

pé no pavimento mais alto e outro no mais baixo, arriscando-me a causar a gargalhada da

turba inumerável dos *wattmen*. Cada vez que refazia, materialmente apenas, esse meio

passo, ele se mostrava inútil; mas, se eu conseguisse, deixando de lado a vespéral

Guermantes reencontrar o que havia sentido ao pousar assim os pés novamente, a visão

deslumbrante e indistinta me roçava de leve, como se me houvesse dito: "Agarra-me

quando eu passar, se tens forças para tanto, e procura resolver a esperança de felicidade

que te proponho." E quase imediatamente a reconheci: era Veneza; qual meus esforços por

descrevê-la e os pretensos instantâneos tomados na memória nunca me tinham dito coisa

alguma, e que me era devolvida pela sensação antigamente experimentada ao pisar em

dois ladrilhos desigual no batistério de São Marcos, junto com todas as outras sensações

somadas àquele mesmo dia, e que haviam permanecido à espera, em seu posto na fila dos

esquecidos, de onde um súbito acaso as fizera imperiosamente sair. Da mesma

forma o

sabor da pequena *madeleine* me lembrara Combray. Mas porque motivo as imagens de

Combray e de Veneza me haviam, tanto num como noutro momento, comunicado uma

alegria semelhante à certeza e suficiente, sem outras provas, para me deixar indiferente à

morte? Sempre me indagando, e estando agora resolvido a encontrar a resposta, entrei no

palacete de Guermantes, porque sempre damos preferência, sobre o trabalho interior que

nos compete, ao papel aparente que representamos e que, nesse dia, era o de um convidado. Mas, tendo chegado ao primeiro andar, um mordomo me fez entrar, por um

instante, num pequeno salão-biblioteca vizinho ao bufê, até que se terminasse de tocar a

peça musical em andamento, pois a princesa proibira que abrissem as portas durante a sua

execução. Ora, bem naquele momento, um segundo aviso veio reforçar o que me fora dado

pelas lajes desiguais e exortar-me a perseverar em minha tarefa.

De fato, um criado, em seus esforços infrutíferos para não fazer barulho, acabava de

bater num prato com uma colher. O mesmo gênero de felicidade produzido pelas lajes

desiguais me invadiu; as sensações eram bastante frescas ainda, mas bem diversas:

mistura de um cheiro de fumaça, atenuado pelo fresco aroma de uma paisagem florestal; e

reconheci que aquilo que me parecia tão agradável era a mesma fileira de árvores que eu

achara odiosa de observar e descrever, e diante da qual, abrindo a caneca de cerveja que

trazia no vagão, julguei por um momento, numa espécie de tonteira, que ainda me

encontrava, de tal modo o ruído idêntico da colher contra o prato me dera, antes que eu

tivesse tido tempo de me recobrar, a ilusão do ruído do martelo de um empregado que

consertara alguma coisa numa roda do trem enquanto estávamos parados em frente ao

bosquezinho. Poder-se-ia dizer até que os sinais que, nesse dia, deveriam arrancar-me do

desânimo e restituir minha fé nas letras, empenhavam-se em multiplicar-se, pois um

mordomo, há muito a serviço do príncipe de Guermantes, tendo me reconhecido e levando

para a biblioteca onde me achava, para que não tivesse de ir ao bufê, um prato de bolinhos

e um copo de laranjada, enxuguei a boca no guardanapo que me deu; mas imediatamente,

como o personagem das *Mil e Uma Noites* que, sem saber, cumpria exatamente o ritual que

fazia aparecer, visível somente para ele, um gênio dócil pronto para transportá-lo para bem

longe, nova visão azul me passou pelos olhos; mas era pura e salina, e arredondou-se em

azuladas manhãs. A impressão foi tão intensa que o instante que eu vivia pareceu-me ser o

momento atual; mais entontecido que no dia em que me perguntava se de fato ia ser

acolhido pela Princesa de Guermantes ou se tudo ia desmoronar, acreditei que o criado

acabara de abrir a janela que dava para a praia e que tudo me convidava para descer e

passar ao longo do molhe na maré alta; o guardanapo com que enxugara os lábios fora

engomado precisamente como aquela toalha com a qual tivera tanta dificuldade em me

secar na manhã seguinte à minha chegada a Balbec, e agora, diante desta ericava, em suas

faixas e vincos, a pluma de um pavão. E eu não gozava minha vida que as sustentava,

sensação de cansaço ou de que agora, mais livre do que ela, deixava-me repleto de ar a

qualquer momento. Portanto, esforcei-me para ter os prazeres idênticos que poucos

minutos; e, a seguir, a lição da eterna diferença que existente entre a impressa e a

impressão artificial que fornecemos ao representar voluntariamente.

Lembrando-me que Swann pudera falar outrora dos dias em que aquela frase

enxergava uma coisa diversa, e da dor súbita, a que na frase de Vinteuil ao lhe devolver

aqueles mesmos os havia sentido, eu compreendia perfeitamente que aquilo que as lajes

desiguais, a goma do guardanapo e o gosto da *madeleine* despertado em mim não se

relacionava de forma alguma com o que muita beleza tentava recordar de Veneza, de

Balbec, de Combray, com o auxílio de uma memória uniforme; e compreendia que a vida

podia ser considerada medíocre, embora em certos momentos parecesse tão bela, sendo,

no primeiro caso, julgada e depreciada por meio de coisas que lhe são alheias, de imagens

que nada constavam dela. Quando muito, registrei acessoriamente que a diferença que

existe entre cada uma das impressões reais; diferenças que explicam por que uma pintura

uniforme da vida não pode ser análoga a esta, derivava, provavelmente, do fato de que a

menor palavra dita numa época da nossa vida, o gesto mais insignificante que tenhamos

feito, estava banhado, deixava impregnar-se pelo reflexo de coisa logicamente estranhas a

eles, das quais os separava a inteligência, para cujos raciocínios não eram

necessários,

mas onde aqui, reflexo róseo do poente sobre o muro florido de um restaurante campestre,

sensação de fome, desejo pelas mulheres, prazer do luxo; ali, violetas azuis do mar matinal

envolvendo as frases musicadas que delas emergem parcialmente, como espáduas de

ondinas o gesto, o ato também simples permanece encerrado como que dentro de mil vasos

selados, dos que a cada um contivesse coisas de uma cor, de um cheiro e de uma temperatura absolutamente diferentes; sem contar que esses vasos, dispostos ao longo de

todos os nossos anos, durante os quais não cessáramos de mudar, ao menos de sonho fiel

de idéias, estão situados em altitudes bem diversas, dando-nos a sensação, atmosferas

singularmente variadas. É certo que tais mudanças, nós as sofremos insensivelmente; mas,

entre a recordação que nos chega de chofre e o nosso estado atual, assim como entre duas

recordações de épocas, lugares e de horas diferentes, é tamanha a distância que bastaria

isso, mesmo fora de uma originalidade específica, para torná-los incomparáveis uma à

outra. Sim, caso a recordação, graças ao esquecimento, não tenha podido contrair nenhum

laço, estabelecer nenhum vínculo entre si mesma e o momento presente, se ficou no seu

lugar, em seu tempo, se manteve suas distâncias, seu isolamento no côncavo de

um vale ou

no cimo de um monte, ela nos faz de súbito respirar um ar mais novo, precisamente porque

é um ar que respiramos outrora, esse ar mais puro que os poetas em vão tentaram fazer

reinar no paraíso e que só poderia dar essa profunda sensação de renovação se já tivesse

sido respirado, pois os verdadeiros paraísos são aqueles que já perdemos.

E, de passagem, notei que haveria na obra de arte que já me sentia prestes a

empreender, sem ainda estar conscientemente resolvido a fazê-lo, grandes dificuldades.

Pois deveria executar as partes sucessivas com material de certo modo diferente, e que

seria bem diverso daquele que conviria às lembranças de manhãs à beira-mar ou de tardes

em Veneza, se quisesse pintar aquelas noites de Rivebel e onde, na sala de jantar aberta

para o jardim, o calor principiava a desfazer-se, a diminuir, a depositar-se, onde um último

clarão ainda iluminava as rosas das paredes do restaurante enquanto as derradeiras

aqueelas do dia eram ainda visíveis no céu material sempre novo, distinto, de uma

transparência e sonoridade especiais, compacto, refrescante e róseo.

Eu deslizava rapidamente sobre tudo isso, mais imperiosamente solicitado, como

estava, a procurar a causa dessa felicidade, do carácter, de certeza com que ela se impunha,

pesquisa outrora adiada. Essa causa, contudo, eu a adivinhava ao comparar essas

várias

impressões que me proporcionavam bem-estar e que, entre elas, tinham em comum a

faculdade de serem sentidas, ao mesmo tempo, no momento atual e num momento passado

o ruído da colher no prato, a desigualdade das lajes, o gosto da madeleine-, até fazerem o

passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois

me encontrava; na verdade, a criatura que então saboreava em mim essa impressão,

saboreava-a naquilo que ela possuía em comum entre um dia antigo e o atual, no que

possuía de extra-temporal, era uma criatura que só aparecia quando, por uma dessas

identidades entre o presente e o passado, podia achar-se no único ambiente em que

conseguiria viver, desfrutar da essência das coisas, isto é, fora do tempo. Isto explicava por

que minhas inquietações acerca da minha morte teriam cessado no momento em que eu,

inconscientemente, reconhecera o gosto do bolinho, pois nesse instante a criatura que eu

fora era um ser extra-temporal, por conseguinte despreocupado das vicissitudes do futuro.

Só vivia da essência das coisas e não podia alcançá-la no presente, onde, não entrando em

jogo a imaginação, os sentidos eram incapazes de exigir a ação, no-la abandona. Tal ser tão

fora da ação, do gozo imediato; fizera escapar ao presente. Só ele nos traz o tempo perdido.

No passado ao falar das alegrias, do espírito à raciocínios - o que existia em mim eram

enfadonhas a vida e a sociedade - ao passo que experimentava renascer em mim, trazidos

do momento passado.

Muito mais que isso, talvez; algo que, ao passado e ao presente, é muito mais essencial que no decorrer da minha vida, a realidade me decepcionara porque a percebia,

em minha imaginação, único órgão de que dispunha para a beleza, não podia aplicar-se a

ela, em virtude da lei inevitável que se possa imaginar aquilo que está ausente.

E eis que, de súbito, nessa dura lei estava neutralizado, suspenso, por um

maravilhoso expediente: a natureza, que faz refletir-se uma sensação do ruído do garfo e do

martelo, mesmo no título de um livro etc.- Ao mesmo tempo no passado, o que permitia à

minha imaginação saboreá-la, e no presente, onde o abalo efetivo de meus sentidos pelo

ruído, pelo contato do pano etc. acrescentara aos devaneios da imaginação aquilo de que

são habitualmente destituídos, a idéia de existência - e graças a tal subterfúgio me permitira

obter, isolar e imobilizar (na duração de um relâmpago) o que jamais apreendera: uma

fração de tempo em estado puro. A criatura que renascera em mim quando, com tal frêmito

de felicidade, eu ouvira o ruído vulgar, simultâneo, da colher que bate no prato e do martelo

que atinge a roda, da desigualdade semelhante dos pavimentos do pátio dos Guermantes e

do batistério de São Marcos; então essa criatura só se nutre da essência das coisas, só nela

encontra subsistência e delícias.

Enlanguesce na observação do presente, onde os sentidos não lhe podem fornecer-

las, na consideração de um passado que a inteligência resseca, na espera de um futuro que

a vontade constrói com fragmentos do presente e do passado, dos quais ainda lhes extrai a

realidade, só conservando o bastante para fins utilitários, estritamente humanos, que lhes

fixa. Mas desde que um ruído, um cheiro, já ouvido ou aspirado antes, o sejam de novo, ao

mesmo tempo no presente e no passado, reais sem serem atuais, ideais sem serem

abstratos, logo a essência permanente e em geral oculta das coisas se libera, e nosso

verdadeiro eu, que às vezes parecia morto há muito tempo, mas não o estava de todo,

desperta e anima ao receber o alimento celeste que lhe trazem. Um minuto livre da ordem

que o tempo recriou em nós, para senti-lo, o homem livre da ordem do tempo. E, quanto a

este, compreendemos que esteja confiante em seu júbilo; mesmo que o simples sabor de

uma *madeleine* não pareça, logicamente, conter os motivos desse júbilo, compreendemos

que a palavra "morte" não tenha sentido para ele; situado fora do tempo, o que poderia

recear do futuro?

Mas essa ilusão que punha junto a mim um instante do passado, incompatível com o

presente, essa ilusão era efêmera. É certo que se poderia prolongar os espetáculos da

memória voluntária, o que não demandaria esforço maior que o de folhear um livro de

figuras. Assim, por exemplo, antigamente, no dia em que deveria ir pela primeira vez à casa

da princesa de Guermites, eu havia preguiçosamente contemplado, à minha escolha, do

pátio ensolarado de nossa casa em Paris, ora a praça da igreja em Combray, ora a praia de

Balbec, como teria decorado de imagens o dia claro que fazia ao folhear um caderno de

aquelelas feitas nos diversos lugares em que estivera e onde, com um prazer egoísta de

coleccionador, dissera comigo ao catalogar assim as ilustrações de minha memória: "Afinal,

vi muita coisa bonita na minha vida." Sem dúvida, minha memória afirmara então a diferença

das sensações; porém não fazia mais que combinar elementos homogêneos entre si. Não

se dava o mesmo com as três recordações que acabavam de me assaltar e nas quais, em

vez de me fazer uma idéia mais lisonjeira de mim mesmo, pelo contrário quase duvidara da

realidade atual do meu eu. Da mesma forma que no dia em que mergulhara a *madeleine* no

chá quente, onde quer que me achasse (fosse, como naquele dia, no meu quarto em Paris,

ou como hoje, neste momento, na biblioteca do príncipe de Guermantes, um pouco antes,

no pátio de seu palacete), houvera em mim, irradiando, deu uma estreita faixa a meu redor,

uma sensação (gosto de *madeleine* mergulhada, ruído metálico, lajes desiguais) comum ao

local em que me achava e também a outro local (quarto de tia Léonie, vagão da estrada de

ferro, batistério de São Marcos). E, no momento em que raciocinava deste modo, o ruído

estridente de um encanamento de água, exatamente igual aos longos apitos que às vezes,

no verão, os navios de recreio faziam ouvir à tardinha em Balbec, fez-me sentir (como já me

ocorrera certa ocasião em Paris, num grande restaurante, à vista de uma luxuosa sala de

jantar meio vazia, estival e quente), bem mais que uma sensação simplesmente análoga à

que tivera no fim da tarde em Balbec, quando todas as mesas já estavam cobertas com a

toalha e os talheres, e permaneciam abertas de par em par as amplas sacadas

envidraçadas que davam para o molhe, sem um único intervalo, um único espaço recoberto

de vidro ou de pedra, enquanto o sol descambava lentamente para o mar, onde começavam

a ranger os navios, e eu, para reunir-me a Albertine e suas amigas que passeavam no

molhe, não precisava mais que transpor o caixilho de madeira, pouco acima de meu

tornezo, para dentro do qual, a fim de melhorar a ventilação do hotel, corriam todas as

vidraças que continuavam ininterruptamente. Porém a dolorosa lembrança de ter amado

Albertine fizera outro dia como o local distante engendrado; estava, por um momento, como

um que fora vencedor; e sempre o vencido que eu ficava em êxtase sobre o pavimento

buscando manter nos momentos em que me escapava, aquela Combray, aquela Veneza

reprimidas, que se elevavam para me abandonar à lugares novos, mais permeáveis ao

passado.

E, se estivesse no lugar do vitorioso, creio que desmaiaria; pois essas ressurreições

nos segundos em que duram, são tão totais que não apenas obrigam-nos a deixar de ver o

quarto em que se encontram, como forçam-nos a contemplar o caminho orlado de árvores

ou a maré montante. Obrigam nossas narinas a aspirar a atmosfera de locais todavia

remotos, nossa vontade a escolher entre os diversos projetos que nos propõem, toda a

nossa pessoa a se julgar envolta por elas, ou, pelo menos a tropeçar entre elas e os locais

presentes, no aturdimento de uma incerteza parecida à que sentimos, de vez em quando,

ante uma visão inefável no momento de adormecer.

Desse modo, o que acabava de desfrutar a criatura três ou quatro vezes despertada

em mim talvez fossem mesmo fragmentos de existência subtraídos no tempo; mas essa

contemplação, embora de eternidade, era fugaz. E, contudo, sentia que o prazer que ela

proporcionava à minha vida, em raros intervalos, era único fecundo e verdadeiro. O sinal da

irrealidade dos outros mostra-se como sombras, seja em sua impossibilidade de nos

satisfazer, como, por exemplo, os prazeres mundanos, que no máximo provocam mal-estar

semelhante ao causado por ingestão de alimentos estragados, a amizade, que é uma

simulação, pois, mesmo quando o faz por motivos éticos, o artista que renuncia a uma hora

de trabalho por outro tanto de palestra com um amigo sabe que sacrifica uma realidade por

algo que não existe (visto que os amigos unicamente o são nessa doce loucura) só existe a

que vem dos seus próprios túmulos - não era somente um alimento que acabava de ingerir

como em todos os dias termos durante a vida, à qual nos prestamos; mas que, no âmag

de nossa inteligência, sabemos ser o erro de um louco que acreditaria que os móveis vivem

e conversam com ele; seja na tristeza que lhes sucede à satisfação, como a que sentira no

dia em que fora apresentado a Albertine, por ter feito esforços, contudo leves, para obter

algo conhecer essa moça que me pareceu insignificante tão logo o obtive.

Mesmo um prazer mais profundo, como o que poderia ter experimentado quando amava Albertine, na realidade só era percebido ao contrário pela angústia que sentira

quando ela não se achava presente, pois, ao ter certeza de que ela iria voltar, como no dia

em que regressara do Trocadero, não julgara sentir mais que um vago tédio, ao passo que

mais me exaltava à medida que analisava, com alegria crescente, o rumor da faca ou o

gosto do chá que fizera entrar em meu quarto, o quarto da tia Léonie e, a seguir, toda

Combray e seus dois lados. Assim, estava agora resolvido a me dedicar a essa

contemplação da essência das coisas, a fixá-la; porém como? Por qual meio? Sem dúvida,

no momento em que a goma do guardanapo me devolvera Balbec, acariciando-me a

imaginação por um instante, não apenas com a vista do mar tal como se mostrara naquela

manhã, mas com o cheiro do quarto, a rapidez do vento, a vontade de almoçar, a vacilação

entre os diversos passeios, tudo isto preso à sensação do linho, assim como as mil asas dos

anjos dão mil giros por minuto; sem dúvida, no momento em que a desigualdade das duas

lajes prolongara, em todos os sentidos e todas as dimensões, com todas as sensações que

já havia experimentado, as imagens ressequidas e nuas que eu guardava de Veneza e de

São Marcos, unindo a praça à igreja, o embarcadouro à praça, o canal ao embarcadouro, e,

a tudo o que os olhos alcançam, o mundo dos desejos, que só é visto pelo espírito, eu fora

tentado, se não, por causa da estação, a ir passear de novo nas águas para mim sobretudo

primaveris de Veneza, pelo menos a retomar a Balbec. Mas não me deteve sequer por um

instante essa idéia. Sabia que as terras eram diversas do que me pintavam seus nomes, e

que quase só existiam em meus sonhos, dormindo, e também que se estendia à minha

frente um lugar feito da pura matéria inteiramente distinta das coisas comuns que se vêem,

que se tocam, e que fora a sua quando eu as imaginava. Porém, mesmo no que se referia a

essas imagens de outro gênero, as da lembrança, sabia que não havia descoberto a beleza

de Balbec quando ali estivera, e mesmo a que ela me deixara, a da lembrança, já não fora a

que eu havia reencontrado em minha segunda temporada. Já verificara bastante a

impossibilidade de atingir, na realidade, aquilo que estava no fundo de mim mesmo; que não

mais seria na praça de São Marcos, como não fora em minha segunda viagem a Balbec, ou

no meu regresso a Tansonvil e para visitar Gilberte, que haveria de recuperar o Tempo

Perdido, e que a viagem, que só me proporcionava, uma vez mais, a ilusão de que essas

impressões antigas existiam fora de mim, na esquina de certa praça, não podia ser o meio

que eu buscava. E eu não queria me deixar lograr mais uma vez, pois tratava-se de saber

afinal se era capaz de alcançar o que, sempre havia me decepcionado como tinha sido os

lugares, julgara (conquanto uma vez a peça pura poderia dizer o contrário) irrealizável.

Portanto, não ia por um caminho que há muito verificara não levar a coisa alguma e o que

buscava fixar só poderiam desvanecer-se ao ser incapaz de criá-las. A única maneira de

apreciá-las completamente, no ponto em que se encontravam, torna-las nítidas até em suas

profundezas. Não havia em Balbec, como não conhecera o de viver com Albertine, fora

perceptível. E a recapitulação que eu fazia das imagens vívidas, e que me levava a acreditar

que a realidade não se fazia de um modo puramente fortuito, senão a existência, a

diferentes desapontamentos, ou numa viagem e a decepção do amor não era variação do

que assume, conforme o fato a que se não realizarmos no gozo material, na ação efetiva. E,

como o temporal causado, ou pelo ruído da colher, eu pensava comigo: Era isso, esta

ventura proposta pela minha pequenez se enganara assimilando-a ao prazer do amor e não

ao artístico; esta ventura que me fizera pressentir, como que o conseguira a frase da sonata,

o rubro apelo que não pudera conhecer, tendo morrido, como se feita para eles fosse

revelada. Aliás, não se podia muito bem simbolizar um apelo, mas não ao escritor que ele

não era.

Nesse instante, depois de ter pensado nessas ressurreições de outro modo,

impressões obscuras que tinham o caminho de Guermantes, solicitando minha atenção, e

que ocultavam não uma sensação de outrora, mas uma matéria preciosa que buscava

descobrir por meio do que fazemos para recordar alguma coisa, como partituras musicais

que retornassem a nós sem que nos esforçássemos por escutar e transcrever; mostrava

então que eu já não era o mesmo, e assim minha natureza, e também com tristeza, me vi

regredindo, que já em Combray fixava atento a flor, um pedregulho, sentindo haver tal vida

na viagem que me obrigara a encará-la, uma vida diversa que deveria tentar descobrir, uma

idéia nos caracteres hieroglíficos que se diria representarem exatamente objetos materiais.

Claro que a decifração era difícil, porém só ela permitiria ler a verdade. Pois as

verdades

que a inteligência clara e diretamente apreende no mundo da plena luz têm algo de menos

profundo, menos necessário, do que as que a vida nos comunicou à nossa revelia em uma

impressão, material porque entrou em nós pelos sentidos, mas da qual podemos desprender

o espírito. Em suma, num e noutro caso, quer se trate de impressões como a que me

proporcionara a vista dos campanários de Martinvil e, quer de reminiscências como a da

desigualdade dos dois passos ou do sabor da madeleine, era preciso tentar interpretar as

sensações como signos de outras tantas leis e idéias, procurando pensar, isto é, fazer sair

da penumbra aquilo que sentira, convertê-lo em um equivalente espiritual. Ora, este meio,

que me parecia o único, que outra coisa era senão compor uma obra de arte? E as

consequências já se revolviam em meu espírito; pois, tratava-se de reminiscências do

gênero do ruído do garfo, ou do sabor da madeleine, ou daquelas verdades escritas com o

auxílio de figuras cujo sentido eu procurava encontrar em minha cabeça, onde campanários,

ervas daninhas, compunham um quadro complicado e florido, o fato é que logo de início eu

não era livre para escolhê-las, sendo obrigado a aceitá-las tais como eram. E percebia nisso

a marca de sua autenticidade. Não fora procurar as duas lajes irregulares do pátio onde

tropeçara. Porém justamente a maneira casual, inevitável, por que surgira a sensação,

controlava a verdade do passado que ela ressuscitava, das imagens que desencadeava,

visto que sentimos o seu esforço para subir à luz, sentimos a alegria do real recuperado. Ela

igualmente controla a verdade do quadro feito de impressões contemporâneas, que arrasta

consigo com aquela infalível proporção de luz e sombra, de realce e de omissão, de

lembração e esquecimento, que a memória ou a observação conscientes sempre hão de

ignorar.

Quanto ao livro interior de signos desconhecidos (signos em relevo, dir-se-ia, que minha atenção, explorando o inconsciente, ia procurar, feria, contornava, como um

mergulhador que faz sondagens), para cuja leitura ninguém podia me ajudar com nenhuma

regra, essa leitura consistia num ato criador para o qual coisa alguma nos pode suprir ou até

colaborar conosco. Assim, quantos deixam de escrevê-lo desviando-se para outras tarefas!

Cada acontecimento, fosse o Caso Dreyfus, fosse a guerra, fornecera outras tantas

desculpas aos escritores para não decifrarem esse livro; queriam assegurar o triunfo do

direito, refazer a unidade moral da nação, não tinham tempo de pensar na

literatura. Mas

isto não passava de desculpas de quem não tinha, ou já não tinha talento, ou seja, instinto.

Pois o instinto dita o dever e a inteligência fornece os pretextos para esquivar-se a ele.

Apenas, as desculpas não são aceitas pela arte, onde as intenções nada valem; a todo

instante o artista deve ouvir seu instinto, o que faz com que a arte seja o que existe de mais

real, a mais austera escola da vida, e o verdadeiro Juízo Final. Esse livro, o de decifração

mais trabalhosa, é também o único a nos ser ditado pela realidade, o único do qual a

"impressão" foi realizada por ela própria. De alguma idéia deixada em nós pela vida, seja

qual for, sua representação material, a impressão que nos causou, e ainda o penhor de sua

verdade necessária. As idéias formadas pela inteligência pura só têm uma verdade lógica,

uma verdade que sua escolha é arbitrária. O livro de caracteres figurados, não traçados por

nós, é nosso único livro. Não que essas idéias que formamos não possam ser logicamente

corretas, mas não sabemos se são verdadeiras. Só a impressão, por mais débil que lhe

pareça a matéria, ou inapreensíveis os traços, é um critério de verdade, e devido a isto

merece exclusivamente ser apreendida pelo espírito, sendo, se ele lhe souber extrair essa

verdade, a única em condições de fazê-lo atingir a maior perfeição, dando-lhe uma genuína

alegria. A impressão é para o escritor o que a experimentação significa para o sábio, com a

diferença de que, no sábio, o trabalho da inteligência é anterior, e no escritor vem depois. O

que não temos de decifrar, esclarecer por nosso esforço pessoal, o que já estava claro

antes de nós, não nos pertence. Só vem de nós mesmos o que extraímos da obscuridade

existente no nosso íntimo e que os outros não conhecem.

Um raio oblíquo do sol poente me recordou de imediato uma época em que jamais

voltara a pensar e na qual, na minha primeira infância, como a tia Leone adoecera e o Dr.

Percepied temia que fosse febre tifóide, tinham me mandado passar uma semana no

quartinho de Eulalie, na praça da igreja, onde só havia uma esteira no chão e, na janela,

uma cortina de percal, sempre a vibrar de um sol a que eu não estava habituado. E vendo

como a lembrança desse quartinho da antiga empregada acrescentava de súbito à minha

vida passada um longo pedaço bem diferente do resto, e tão delicioso, pensei, por

contraste, na nulidade de impressões que haviam trazido à minha vida as mais suntuosas

festas dos palácios mais principescos. O único elemento tristonho daquele quarto de Eulalie

era que se ouvia à noite, devido à proximidade do viaduto, os uivos dos trens.

Mas, como

sabia que tais bramidos emanavam de máquinas dirigidas, eles não me aterrorizavam como

o poderiam ter feito, em dado período da pré-história, os berros soltados por um mamute

vizinho em seu passeio livre e desordenado.

Assim, já chegara à conclusão de que de maneira alguma somos livres diante da obra de arte, que não a fazemos à nossa vontade, mas que, sendo preexistente a nós,

devemos, porque é necessária e oculta e da mesma forma como o fariamos se se tratasse

de uma lei da natureza, descobri-la. Porém, essa descoberta que a arte poderia nos obrigar

a fazer, não seria, no fundo, a do que temos de mais precioso, e que habitualmente

permanece ignorado de nós para sempre, nossa verdadeira vida, a realidade tal como a

sentimos e que difere tanto daquilo em que acreditamos que nos enchamos de felicidade

imensa quando o acaso nos traz dela a verdadeira lembrança? Convencia-me disso

justamente devido à falsidade da arte pretensamente realista, e que não seria tão mentirosa

se não houvéssemos na vida criado o hábito de atribuir ao que sentimos uma expressão que

difere bastante dela e que, após algum tempo, tomamos pela própria realidade. Percebia

que não precisava me embaraçar com as diferentes teorias literárias que por um instante me

havam perturbado principalmente as que a crítica desenvolvera por ocasião do Caso

Dreyfus, retomando-as durante a guerra, e que mostravam tendência a fazer o artista deixar

sua "torre de marfim", e cuidar não de assuntos frívolos e sentimentais, mas descrever

grandes movimentos operários e, à falta de multidões, pelo menos não tratar de vadios

insignificantes ("confesso que a descrição desses inúteis me deixa muito indiferente", dizia

Bloch), e sim de nobres intelectuais ou de heróis. Além disso, mesmo antes de discutir seu

conteúdo lógico, tais teorias me pareciam denotar, em quem as sustentava, uma prova de

inferioridade, como uma criança de fato bem educada, ao ouvir as pessoas em cuja casa a

mandaram almoçar dizerem:

- Nós admitimos tudo, somos francos -, sente que isso demonstra uma qualidade moral inferior à da boa ação pura e simples, que não precisa de palavras.

A arte genuína se realiza em silêncio e não tende a fazer tantas proclamações.

Ademais, os que teorizavam desse modo valiam-se de frases feitas que singularmente se

assemelhavam às dos imbecis a quem condenavam. E talvez seja mais pela qualidade da

linguagem do que pelo gênero de estética que podemos avaliar o nível de perfeição do

trabalho intelectual e moral. Porém inversamente, essa qualidade da linguagem (e até para

estudar as leis do caráter servem tanto os assuntos sérios quanto os frívolos, assim como

um dissegador tanto estuda as da anatomia no corpo de um imbecil quanto no de um

homem de talento; as grandes leis morais, bem como as da circulação do sangue ou da

eliminação renal, diferem pouco, segundo o valor intelectual dos indivíduos), sem a qual

julgam os teóricos poder passar, os admiradores destes crêem facilmente que ela não prova

um grande valor intelectual, valor que necessitam, para discerni-lo, ver expresso

diretamente e que não deduzem da beleza de uma imagem. Daí a grosseira tentação, para

o escritor, de produzir obras intelectuais. Grande indelicadeza.

Uma obra repleta de teorias é como um objeto com etiqueta de preço. E esta

expressa um valor que em literatura, ao contrário, o raciocínio lógico diminui. Raciocina-se,

ou seja, vagabundeia-se, toda vez que não se consegue fazer passar uma impressão por

todos os estados sucessivos que levam à sua fixação, à expressão.

A realidade a ser expressa residia, conforme percebia agora, não na aparência do

assunto, mas no grau de penetração dessa impressão nas profundezas onde essa

aparência não tem qualquer significado, como o simbolizavam o ruído da colher num prato,

a rigidez engomada do guardanapo, que tinham sido mais preciosos para a minha

renovação espiritual do que tantas conversas humanitárias, patrióticas, internacionalistas e

metafísicas. "Nada de estilo", eu ouvira dizer então, nada de literatura, queremos vida". Já

se percebe o quanto até as ingênuas teorias do Sr. de Norpois contra os "flautistas" ganharam em vigor desde a guerra. Pois todos aqueles desprovidos de senso artístico, ou

seja, de submissão à realidade interior, podem ser dotados da faculdade de raciocinar

interminavelmente sobre a arte. Ainda que sejam, por acréscimo, diplomatas ou financistas

a lidarem com as "realidades" do tempo presente, crêem piamente que a literatura é um

simples jogo do espírito destinado gradualmente a desaparecer no futuro. Desejariam

alguns que o romance fosse uma espécie de desfile cinematográfico das coisas. Tal

concepção é absurda. Nada se distancia mais daquilo que na realidade percebemos do que

semelhante visão cinematográfica.

Como, ao entrar nesta biblioteca, lembrara-me justamente do que dizem os Goncourt

a cerca das belas edições originais que ela contém, prometera a mim mesmo olhá-las

enquanto estava encerrado aqui. E, sempre continuando o meu raciocínio, retirei um a um

os preciosos volumes, sem dar maior atenção ao resto, quando, no momento em que abria

distraído um deles, *François le Champi* de George Sand, senti-me desagradavelmente

surpreendido como por alguma impressão em extremo desacordo com meus

pensamentos

atuais, até o momento em que, emocionado até as lágrimas, reconheci o quanto essa

impressão se harmonizava com eles. Ao passo que na câmara-ardente os funcionários da

empresa funerária se preparam para descer o esquife, o filho do morto que prestou serviços

à pátria aperta a mão dos últimos amigos em desfile, revoltando-se caso ouça, de súbito,

fanfarras sob a janela, julgando tratar-se de algum escárnio à sua dor. Mas a seguir, ele,

que se mostrara senhor de si até então, não pode mais conter as lágrimas; pois acaba de

compreender que o que está escutando é a música de um regimento que se associa a seu

luto e presta homenagem aos despojos de seu pai. Assim, eu acabava de reconhecer o

quanto se harmonizava com meus pensamentos atuais a dolorosa impressão que havia

sentido ao ler o título de um livro na biblioteca do príncipe de Guermantes; título que me

fornecera a idéia de que a literatura verdadeiramente nos oferecia aquele mundo de mistério

que já não encontrava nela. E todavia não era um livro propriamente extraordinário, era

François le Champi. Esse nome, porém, como o de Guermantes, não representava para

mim o mesmo que os outros que conhecera desde essa época a lembrança do que me

parecera inexplicável no tema de *François le Champi*, enquanto mamãe lia para mim a obra

de George Sand, era despertada por esse título (assim como o nome de Guermantes,

quando passava muito tempo sem vê-los, encerrava para mim tanto feudalismo como

François le Champi a essência do romance), e se substituíam por um momento à idéia

bastante geral do que constituem os romances *berrichôns* de George Sand.

*[*Berrichão*: que se refere à região de Benry, na França; designa igualmente um dialeto

falado nessa região, extensão, tipo de camponês. (N. do T)]*

Num jantar, quando o pensamento fica sempre na superfície, sem dúvida eu teria

podido falar de *François le Champi* e dos Guermantes, sem que qualquer deles fosse o de

Combray. Mas, quando estava a sós, como agora, teria mergulhado a uma profundidade

maior. Neste momento, a idéia de que alguma senhora, que havia conhecido na sociedade,

fosse prima da Sra. de Guermantes, isto é, de uma personagem de lanterna mágica,

parecia-me tão incompreensível como a de que os mais belos livros que já li fossem não

digo até superiores, conquanto o fossem de fato, mas iguais a esse extraordinário *François*

le Champi. Era uma impressão bem antiga, em que minhas recordações da infância e da

família se misturavam com ternura, e que eu não reconhecia de pronto. No

primeiro

instante, indagara a mim mesmo, encolerizado, quem era o estranho que vinha me fazer

mal. Esse estranho era eu próprio, era a criança que eu fora àquela época, e que o livro

acabava de suscitar em mim, pois, não conhecendo de mim senão essa criança, fora essa

mesma que o livro havia convocado imediatamente, não desejando ser visto senão pelos

seus olhos, ser amado exclusivamente pelo seu coração, e querendo falar apenas a ela.

Assim esse livro que minha mãe havia lido para mim em voz alta, em Combray, até quase

de manhã, conservara todo o encanto daquela noite. É certo que a "pluma" de George Sand

(para empregar uma expressão que Brichot gostava tanto de dizer quando se referia a que

um livro era escrito com "uma pluma alerta") não me parecia de modo algum mágica, como

havia parecido a minha mãe, durante tanto tempo, antes que ela moldasse meus gostos

literários pelos seus. Mas, sem querer, eu a magnetizara, como se divertem muitas vezes a

fazer os colegiais; e eis que mil nada de Combray, há muito tempo olvidados, punham-se a

saltar rapidamente por si mesmos, um a um, e vinham ligar-se ao bico imantado numa

corrente interminável e trêmula de recordações.

Certos espíritos que apreciam o mistério preferem acreditar que os objetos

conservam algo dos olhos que os contemplaram, que os quadros e monumentos só nos

surgem debaixo do véu sensível que lhes teceram o amor e a contemplação de tantos

adoradores durante séculos. Tal quimera se transformaria em verdade se eles a

transpusessem para o domínio da única realidade de cada um, para o domínio da sua

própria sensibilidade. Sim, neste sentido, e unicamente neste (mas de forma bem mais

ampla), uma coisa para a qual olhamos antigamente, se voltamos a vê-la, traz-nos de novo,

juntamente com o olhar que pousamos nela, todas as imagens que a preenchiam outrora. É

que as coisas um livro de capa vermelha como as outras -, logo ao serem avistadas por nós,

tornam-se dentro de nós algo de imaterial, da mesma natureza de todas as nossas preocupações ou sensações daquele tempo, e se mesclam indissoluvelmente a elas.

Determinado nome, lido num livro outrora, contém entre suas sílabas o vento veloz e o sol

brilhante que fazia quando o líamos. De modo que a literatura que se contenta em

"descrever as coisas", em delas fornecer apenas um miserável sumário de linhas e

superfícies, é a que, intitulando-se realista, mostra-se a mais afastada da realidade, a que

mais nos empobrece e consterna, pois corta bruscamente toda e qualquer comum ligação

do nosso eu presente com o passado, do qual as coisas conservavam a essência com o

futuro, onde elas nos incitam a saboreá-lo de novo. É isso que deve expressar a arte digna

desse nome e, se fracassa, pode-se ainda extrair de sua impotência - lição (ao passo que

não se tira nenhuma dos êxitos do realismo), a saber, que a essência é, em parte, subjetiva

e incomunicável.

Mais ainda: uma coisa que vimos em certa época, um livro que lemos, que ficamos ligados para sempre somente ao que havia a nosso redor; este associa-se fielmente ao que

éramos então, que só pode ser sentido e repensado pela sensação de realidade, pelo

pensamento, pela pessoa que éramos naquele tempo; se pego pessoalmente o *François le*

Champi na biblioteca, imediatamente ergue-se em mim uma criança, que assume o meu

lugar, e é só ela quem tem o direito de ler esse título - *François le Champi*, e de fazê-lo

como outrora, com a mesma impressão do tempo que reinava no jardim, os mesmos sonhos

que então nutria a cerca das terras distantes e da vida, a mesma angústia do dia seguinte.

Reverendo eu alguma coisa à outro tempo, outro rapaz se erguerá dentro de mim. E minha

pessoa de hoje passa de uma pedreira abandonada, a julgar que tudo aquilo que contém é

igualmente monótono, mas de onde cada lembrança, como um escultor de gênio, extrai

sem-número de estátuas. Digo: cada coisa que revemos; pois os livros, sob esse

aspecto,

se comportam feito coisas, o modo como se abria a sua lombada, o do papel pode ter

conservado uma lembrança, tão viva quanto as próprias frases do texto, da forma como eu

imaginava então Veneza e do desejo de ir conhecê-la. Mais viva até, pois estas perturbam

às vezes, como certas fotografias, que nos dão de alguém uma imagem menos fiel do que a

que teríamos se nos limitássemos a pensar nele. E certo que, no caso de muitos livros da

minha infância e, infelizmente até no de certos livros de Bergotte, quando numa noite de

cansaço ia pegá-los, só o fazia como se tomasse um trem na esperança de repousar pelas

coisas diferentes e respirando a atmosfera do tempo antigo. Mas, ao contrário, sucede que

semelhante evocação procurada sai prejudicada pelo prolongar da leitura do livro. É o que

ocorre num livro de Bergotte (que na biblioteca o príncipe trazia uma dedicatória de

vulgaridade e bajulação extremas), lido num outro dia de inverno em que eu não pudera ver

Gilberte, e no qual não pude reencontrar as frases de que tanto gostava. Certas palavras me

faziam pensar que eram quase impossível. Onde estaria então a beleza que lhes atribuía?

Mas do volume não fora removida a neve que cobria os Champs-Élysées no dia em quê

vejo-a sempre. E é por isso que, se fosse tentado a ser um bibliófilo, como o príncipe

Guermantes, só o teria sido de modo particular, buscando aquela beleza indo dentro do

valor próprio de um livro, e que decorre, para um colecionador, de conhecer as bibliotecas

por onde passou, de sabê-lo dado, em tal acontecimento determinado soberano a um certo

homem célebre, de tê-lo seguido, de venda em venda, através de sua vida; essa beleza

histórica, por assim dizer, de um livro não ficaria perdida para mim. Mas eu a extrairia, de

preferência, da história de minha própria vida, isto é, não a encarando como simples

amador; e muitas vezes a iria buscar, não no exemplar material, mas na obra em si mesma,

como no caso do *François le Champi*, contemplado pela primeira vez no meu pequeno

quarto de Combray, na noite talvez a mais doce e triste da minha vida, em que eu, aí de

mim! (num tempo em que me pareciam bastante inacessíveis os misteriosos Guermentes),

obtivera de meus pais uma primeira abdicação, da qual posso datar o declínio de minha

saúde e de minha vontade, minha renúncia cada vez maior a uma tarefa difícil e

reencontrado hoje precisamente na biblioteca dos Guermentes, no dia mais belo, o que me

iluminava subitamente não só as antigas hesitações intelectuais, mas até o objetivo da

minha vida e talvez da arte. Quanto aos próprios exemplares dos livros, aliás poderiam

interessar-me, mas apenas em função da vida. A primeira edição de uma obra teria sido

mais preciosa que as outras, mas por essa expressão entenderia a edição em que o li pela

primeira vez. Procuraria as edições originais, ou seja, aquelas em que tive desse livro uma

impressão original. Pois as impressões seguintes já o não são. Colecionaria os romances

por causa das encadernações antigas, as do tempo em que li meus primeiros livros, e que

ouviam tantas vezes papai dizer: "Fica direito!". Como o vestido em que vimos uma mulher

pela primeira vez, elas me ajudariam a reencontrar o amor que eu sentia à época, a beleza

à qual eu superpusera tantas imagens cada vez menos amadas, a fim de poder reencontrar

a primeira, eu que já não sou o eu que a viu e que devo ceder o lugar ao eu que eu era

então, para que ele chame o objeto que conheceu e que o eu de hoje absolutamente ignora.

Porém mesmo neste sentido, o único que posso entender, eu não seria bibliófilo. Por causa

de tudo isso, sei perfeitamente como as coisas são porosas ao espírito e se embebem nele.

Assim, a biblioteca que eu comporia até poderia alcançar um valor ainda maior; pois os

livros que li antigamente em Combray e em Veneza, agora enriquecidos, pela memória, de

amplas iluminuras representando a igreja de Saint-Hilaire, a gôndola atracada aos pés de

São Jorge Maior, no Grande Canal incrustado de cintilantes safiras, se tornariam dignos

desses “livros de imagens”, dessas histórias sagradas, livros de horas que o conhecedor

jamais abre para ler o texto e sim para encantar-se mais uma vez com as cores que a eles

acrescentou algum êmulo de Foucquet, e que constituem o maior valor da obra. E no

entanto, até mesmo só abrir esses livros de outrora para olhar as imagens que então não os

ornavam, se me afiguraria ainda tão perigoso que nem neste sentido, o único que posso

admitir.

E seria tentado a transformar-me em bibliófilo. Sei perfeitamente o quanto imagens

deixadas pelo espírito são por ele próprio apagadas. As antigas substituídas por novas que

já não têm o mesmo poder de ressurreição. E, se ainda possuísse *François le Champi* que

mamãe tirou certa ocasião do pacote de livros que minha avó devia me dar pelo meu

aniversário, o fato é que nunca mais o olharia; recearia muito inserir nele, aos poucos, as

minhas impressões de hoje, até chegar a encobrir de todo as de outrora, recearia muito vê-

lo tornar-se a esse ponto uma coisa do presente que, quando lhe pedisse para suscitar de

novo a criança que decifrou seu título no pequeno quarto de Combray, essa criança, não

reconhecendo o seu tom, já não respondesse ao seu apelo e ficasse enterrada no esquecimento para sempre.

A idéia de uma arte popular, como de uma arte patriótica, ainda que fosse perigosa

por si mesma, parecia-me ridícula. Se se tratasse de torná-la acessível ao povo, sacrificando para isso os requintes formais, "bons para os ociosos"; havia freqüentado

bastante as pessoas da sociedade para saber que são elas os verdadeiros iletrados, e não

os operários eletricitas. Sob tal aspecto, uma artista popular pela forma seria antes

destinada aos membros do Jockey do que aos da Confederação Geral do Trabalho; quanto

aos assuntos, os romances populares, entediavam a gente do povo tanto quanto as crianças

se sentem entediadas por esses livros escritos especialmente para elas. Todos procuram se

distrair na leitura, os operários têm tanta curiosidade acerca dos príncipes quanto estes

acerca dos operários.

Desde o começo da guerra, o Sr. Barres havia dito que o artista (não Ticiano) deve

sobretudo servir à glória de sua pátria. Mas só pode servir a ela sendo artista, isto é, com a

condição de, ao estudar as leis da Arte, e instituir suas experiências e fazer suas descobertas, tão delicadas como as da ciência, não pensarem outra coisa nem na

pátria-

senão na verdade que está à sua frente. Não intermitentes os revolucionários que por

"civismo" desprezavam, quando não destruíam, as obras de Watteau e de La Tour, pintores

que honram mais a França do que todos os da Revolução.

Caso tivesse escolha, não seria a anatomia o que haveria de eleger uma criatura sensível. Não foi a bondade, aliás bem grande, de seu coração virtuoso, que levou

Choderlos de Laclos a escrever *As Ligações Perigosas*, nem seu interesse na pequena ou

grande burguesia que fez Flaubert preferi-las como assuntos de *Madame Bovary* ou de *A*

Educação Sentimental.

Alguns diziam que seria breve a arte de uma época apressada, assim como aqueles

que previam, antes da guerra, que estas seriam curtas. Assim, a estrada de ferro devia

matar a contemplação; era inútil lastimar as diligências, mas o automóvel veio preencher

suas funções e permitir aos turistas pararem novamente nas igrejas abandonadas.

Uma imagem ofertada pela vida nos traz de fato, neste momento, seções múltiplas e

diversas. A visão, por exemplo, da capa de um livro já lido, os caracteres de seu título, os

raios de lua de uma distante noite de verão. O do café com leite matinal nos traz essa vaga

esperança de um bom tempo de outrora, enquanto o bebíamos numa xícara de branca

porcelana cremosa e enrugada, parecendo leite coalhado, quando o dia ainda estava pleno

e intacto, nos sorria na clara incerteza do amanhecer. Uma hora não é somente uma hora, é

um jarro cheio de perfumes, de sons, de projetos e de climas. O que denominamos

realidade é uma certa relação existente entre tais sensações e lembranças que nos cercam

simultaneamente relação que uma simples visão cinematográfica suprime, pois se afasta

tanto mais da realidade quanto mais pretende limitar-se a ela, relação única que o escritor

deve reencontrar para ligar-lhe para sempre em sua frase os dois termos diferentes. Podem-

se alinhar indefinidamente numa descrição os objetos que figurariam no lugar descrito, mas

a verdade só começará no momento em que o escritor tomar dois objetos diversos,

estabelecer a relação entre eles, análoga no mundo da arte à relação única da lei de causa

e efeito no mundo da ciência, e encerrá-las nos anéis necessários de um estilo harmonioso.

Ou quando, assim como a vida, aproximar uma qualidade própria de duas sensações,

extraíndo a essência comum a elas ao reuni-las, a fim de libertá-las das contingências do

tempo, numa metáfora. Sob este aspecto, não me pusera a própria natureza no caminho da

arte, não era ela o próprio começo da arte, ela que, tantas vezes bem mais tarde, só me

permitira conhecer a beleza de uma coisa em outra, o meio-dia em Combray no repicar de

seus sinos, as manhãs de Doncieres nos soluços do nosso calorífero a água? A relação

pode ser pouco interessante, os objetos medíocres, o estilo ruim, mas sem isso nada se faz.

Porém havia mais. Se a realidade fosse esta espécie de resíduo da experiência, mais ou

menos idêntico para todos, pois quando dizemos: um mau tempo, uma guerra, um posto de

carros de aluguel, um restaurante iluminado, um jardim em flor, todo mundo sabe o que

desejamos expressar; se a realidade fosse isso, sem dúvida uma espécie de filme cinematográfico dessas coisas seria o suficiente, e o "estilo" e a "literatura" que se afastassem dessas limitações seriam uma excrescência artificial. Mas seria isso mesmo a

realidade? Se eu tentasse verificar de fato o que se passa no momento em que uma coisa

nos causa uma determinada impressão, seja como naquele dia em que, ao passar pela

ponte sobre o Vivonne, a sombra de uma nuvem sobre a água me fizera gritar "Oba!",

saltando de alegria, seja quando, ouvindo uma frase de Bergotte, só pudera captar de minha

impressão esta coisa vaga: "É admirável", seja ainda quando, irritado por uma inabilidade,

Bloch pronunciara estas palavras que de forma alguma convinham a um episódio tão vulgar:

"Que alguém proceda desse modo, acho até fantástico", ou seja quando,

lisonjeado por ter

sido bem acolhido em casa dos Guermantes, e além disso um tanto embriagado pelos seus

vinhos, não podia evitar dizer a meia voz, sozinho, ao deixá-los: "Ainda assim, são pessoas

requintadas com as quais será agradável conviver"; percebia que esse livro essencial, o

único livro genuíno, um grande escritor não precisa inventá-lo, no sentido comum, pois ele já

existe em cada um de nós, é só traduzi-lo. O dever e a tarefa de um escrito são os de um

tradutor.

Ora, se, quando se trata da linguagem incorreta do amor-próprio, por exemplo, o

aprumo do oblíquo discurso interior (que vai se afastando cada vez mais da impressão

primeira e central) até confundi-lo com a reta que deveria ter partido da impressão, se obter

esse aprumo é tarefa ingrata contra a qual se enfeza a nossa preguiça, há outros casos, o

do amor, por exemplo, em que esse mesmo aprumo se torna doloroso. Todas as nossas

fingidas indiferenças, toda nossa indignação contra mentiras tão naturais, tão semelhantes

às nossas próprias, numa palavra, tudo aquilo que não só não deixamos de dizer à pessoa

amada, toda vez que nos sentíamos infelizes ou traídos, mas até, enquanto esperamos vê-

la, repetimos a nós mesmos incessantemente, por vezes em altos brados no silêncio do

nosso quarto quebrado por frases do tipo: "Não, na verdade tais atitudes são intoleráveis", e:

"Quis receber-te uma última vez, e não nego que isso me desgosta", reconduzir tudo isso à

verdade já sentida, da qual se havia afastado, será abolir aquilo a que mais nos

apegávamos, aquilo que, a sós, nos projetos febris de cartas e entrevistas, discutíamos

apaixonadamente.

Mesmo nos prazeres artísticos, que todavia buscamos devido à impressão que

causam, procuramos logo deixar de lado, como sendo inexprimível, o que constitui

precisamente essa mesma impressão, e de nos unir àquilo que nos permite gozar o prazer

sem conhecê-lo até o fundo, e que nos dá a ilusão de comunicá-lo a outros amadores com

quem a conversação será possível, porque lhes falaremos de algo que é o mesmo para eles

como para nós, sendo suprimida a raiz pessoal de nossa própria impressão. Mesmo nos

exatos momentos em que somos os espectadores mais desinteressados da natureza, da

sociedade, do amor, da própria arte, como toda impressão é dupla, em parte envolta pelo

objeto, prolongada em nós mesmos por uma outra metade que só nós poderíamos

conhecer, fazemos questão de negligenciá-la, ou seja, justo aquela a que nos deveríamos

ligar, sem nos darmos conta de que a outra metade, não podendo ser aprofundada pois que

é externa, não nos causará nenhum cansaço: o pequeno sulco aberto em nós pela vista de

um espinheiro-alvar ou de uma igreja, acharemos bem difícil tentar percebê-lo. Porém

voltamos a tocar a sinfonia, tornamos a ver a igreja até nessa fuga para longe de nossa

própria vida que não temos a coragem de encarar, e que se chama erudição chegamos a

conhecê-la tão bem como os mais sábios apreciadores de música ou de arqueologia, e da

mesma forma que eles. Assim, muitos ficam nisso e nada extraem das próprias impressões,

envelhecendo inúteis e insatisfeitos como celibatários da arte! Sofrem de males iguais aos

das virgens e dos preguiçosos, a quem a fecundidade ou o trabalho poderiam curar. São

mais exaltados a respeito das obras de arte que os verdadeiros artistas, pois sua exaltação,

não sendo para eles objeto de um duro trabalho de aprofundamento, derrama-se para fora,

aquece as suas conversas, avermelha seus rostos. Julgam realizar-se gritando até perder a

voz: "Bravo! Bravo!" após a interpretação de uma peça preferida. Mas tais manifestações

não os obrigam a esclarecer a natureza de seu amor, que lhes permanece ignorada.

Todavia este, inutilizado, transborda de suas conversas mais tranquilas, leva-os a fazer

grandes gestos, caretas, a menear a cabeça, ao falarem de arte. "Estive num concerto.

Confesso que aquilo não me entusiasmou. Começaram o quarteto. Ah! Mas que diabo! Que

diferença!" (o rosto do amador exprime nesse instante uma inquietação ansiosa, como se

estivesse pensando:

"Mas vejo fagulhas, sinto cheiro de queimado, é um incêndio"). "Com mil demônios, o

que ouço é exasperador, está mal escrito mas mexe com a gente, não é para qualquer um

fazer."

Esse olhar é precedido de uma entonação igualmente ansiosa, de sacudidelas de cabeça, de novas gesticulações, todo o ridículo das asinhas curtas do patinho que não

resolveu o problema do vôo mas é instigado pelo desejo de planar. De concertos em

concertos passa a vida esse estéril amador, azedo e insatisfeito quando se torna grisalho,

sem velhice fecunda, de algum modo o celibatário da arte. Mas essa gente odiosa, que

empresta seu mérito, dele não recebendo nenhuma satisfação, chega a ser tocante porque

é o primeiro esboço informe da necessidade de passar do objeto variável do prazer

intelectual ao seu órgão permanente.

Mais ainda: por muito ridículos que sejam, não são de todo desprezíveis. Constituem

os primeiros ensaios da natureza no sentido da criação do artista, tão informes e tão pouco

viáveis como os primeiros animais que precederam as espécies de hoje, e que não eram

feitos para durar. Esses amadores veleidosos e estereis devem nos emocionar como

aqueles primeiros aparelhos que não puderam deixar o solo, mas nos quais se abrigava,

não ainda o meio secreto que deveria estar por descobrir, mas o desejo do vôo. "Meu

velho", acrescenta o amator, segurando-nos o braço, "é a oitava vez que o ouço, e juro que

não será a última". De fato, como eles não assimilam o que, na arte, é na verdade nutritivo,

necessitam o tempo todo de satisfações artísticas, presa de uma bulimia que não os farta

jamais. Portanto, vão aplaudir muitas vezes seguidas a mesma obra, julgando além disso

que sua presença cumpre um dever, um ato, como, para outros, o assistirem a uma sessão

do conselho administrativo ou a um enterro. Depois se inclinam por obras diferentes, e até

opostas, seja na literatura, na pintura ou na música. Pois a faculdade de lançar idéias,

sistemas e, sobretudo, de os assimilar, foi sempre bem mais freqüente, mesmo no meio

daqueles que produzem, que o verdadeiro gosto, porém assumiu uma extensão

considerável desde que as revistas e os jornais literários se multiplicaram (e com eles as

voações artificiais de escritores e de artistas). Assim, a melhor parte da juventude, a mais

inteligente, a mais isenta, passou a apreciar na literatura somente as obras que tivessem um

elevado alcance moral e sociológico, até religioso. Imaginava que era esse o critério para

avaliar uma obra, repetindo desse modo o erro dos David, dos Chenavard, dos Brunetiere

etc. Preferia-se a Bergotte, cujas mais harmoniosas frases tinham na verdade exigido uma

bem mais profunda pesquisa de si mesmo, escritores que pareciam mais profundos apenas

por escreverem pior. A complicação da escrita de Bergotte só era apropriada às pessoas da

alta sociedade, diziam democratas que assim atribuíam aos mundanos uma honra imerecida. Mas, quando a inteligência raciocinadora põe-se a julgar as obras de arte não

existe mais nada que seja fixo, exato; pode-se demonstrar tudo o que se deseja. Ainda que

a realidade do talento seja um bem, uma aquisição universal, cuja presença se pode

constatar, antes de tudo, sob as modas aparentes do pensamento e do estilo, é sobre estes

últimos que a critica se detém para classificar os autores. Ela consagra profeta, devido a seu

tom peremptório, seu desprezo ostensivo pela escola que o precedeu, a um escritor que não

traz nada de novo. Essa constante aberração da crítica é de tal monta que um escritor

quase deveria preferir ser avaliado pelo grande público (caso este não fosse incapaz de

perceber até aquilo que o artista experimentou numa ordem de pesquisas que lhe é

desconhecida). Pois existe analogia maior entre a vida instintiva do público e o talento de

um grande escritor, que não é mais que um instinto religiosamente ouvido em meio ao

silêncio imposto ao resto, um instinto aperfeiçoado e compreendido, do que entre este e a

verbosidade superficial e os critérios inconstantes dos juízes oficiais. Sua logomaquia se

renova de dez em dez anos (pois o caleidoscópio não se compõe apenas dos grupos

mundanos, mas das idéias sociais, políticas e religiosas, que assumem uma amplitude

momentânea graças à sua refração pelas massas extensas, mas apesar disso permanecem

limitadas ávida breve das idéias cuja novidade só pode seduzir os espíritos pouco exigentes

em matéria de provas). Assim sucediam-se partidos e escolas, arregimentando sempre os

mesmos homens, homens de inteligência relativa, sempre tomados de um entusiasmo de

que se abstinham os mais escrupulosos e exigentes. Por desgraça, justamente porque os

outros só são meio-espíritos, têm necessidade de se complementarem pela ação, são mais

ativos que os espíritos superiores, atraem a multidão e criam em torno deles não só as

reputações exaltadas e os desprezos injustos, mas igualmente as guerras civis e as

externas, das quais um pouco de auto crítica jansenista nos deveria preservar. E quanto ao

regozijo que dá a um espírito equilibrado, a um coração verdadeiramente vivo, o belo

pensamento de um mestre, é fora de dúvida salutar; mas, por mais preciosos sejam os

homens de fato capazes de desfrutá-lo (quantos haverá em vinte anos?), ele os reduz a

serem, mesmo assim, unicamente à plena consciência alheia.

Assim é determinado homem que, tendo feito de tudo para ser amado por uma

mulher que só lhe daria desgostos, sem conseguir, apesar dos esforços redobrados e

persistentes durante anos, obter nem mesmo um encontro com tal mulher, em vez de

procurar exprimir os perigos e sofrimentos de que escapou, se puser a reler sem cessar,

misturando-lhe "um milhão de palavras". *[' Um milhão de palavras": referência a uma falado

personagem Philaminte, na peça *As Sabichonas*, de Moliere (ato III, cena 11). (N. do T)]*.

As lembranças mais emocionantes de sua própria vida, esta reflexão de La Bruyere: "Os

homens com freqüência querem amar sem o conseguir e, por assim dizer, são compelidos a

permanecer livres." Que este pensamento tenha tido ou não tal significado para quem o

escreveu (e, para isso, seria melhor escrever "ser amados" em vez de "amar"), é certo que o

letrado sensível o vivifica, enchendo-o de significado até fazê-lo estourar, só pode

relê-lo

transbordando de alegria, de tanto que o considera belo e verdadeiro, mas apesar de tudo

nada lhe acrescentou, e o pensamento continua sendo apenas uma reflexão de La Bruyere.

De que maneira a literatura de anotações teria qualquer valor, pois que a realidade se

esconde sob as pequenas coisas que assinala (a grandeza no rumor distante de um aeroplano, na linha do campanário de Saint-Hilaire, o passado no sabor de uma *madeleine*

etc.) e por si mesmas nada significam se não se souber extrair o que encerram!

Aos poucos, guardada pela memória, é a corrente de todas as expressões inexatas,

onde não resta nada daquilo que de fato experimentamos, que constitui para nós o nosso

pensamento, nossa vida, a realidade; e é essa mentira, a meramente reproduzida por uma

arte dita "vivida", simples como a vida, sem beleza, duplo emprego, aborrecido e inútil, do

que vêem nossos olhos e atesta a nossa inteligência, de tal modo que perguntamos onde

encontra, quem a cultiva, a alegre e motora centelha, capaz de animá-lo e de o fazer

prosseguir em sua tarefa. A grandeza da arte verdadeira, a que o Sr. Norpois chamaria de

jogo de diletante, consiste, ao contrário, em recuperar, fixar e nos fazer conhecer a realidade

longe da qual vivemos, da qual nos afastamos cada vez mais à medida que adquire mais

espessura e impermeabilidade o conhecimento convencional pelo qual a substituímos, essa

realidade que corremos o risco de morrer sem ter conhecido, e que é simplesmente a nossa

vida. A vida verdadeira, a vida afinal descoberta e tornada clara, por conseguinte a única

vida plenamente vivida, é a literatura. Essa vida que, em certo sentido, habita cada instante

em todos os homens tanto quanto no artista. Mas eles não vêem, pois não procuram

desvendá-la. E assim o seu passado fica encoberto por inúmeros clichês que permanecem

inúteis, visto que a inteligência não os "desenvolveu". Nossa vida, e também a vida alheia;

pois o estilo, para o escritor, tanto quanto a cor para quem pinta, é uma questão não de

técnica, mas de visão. É a revelação, impossível pelos meios diretos e conscientes, da

diferença qualitativa que existe na maneira, como nos surge o mundo, diferença que, se não

houvesse a arte, ficaria sendo o segredo eterno de cada um. Somente pela arte podemos

sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao

nosso, e cujas paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as que por acaso

existentes na lua. Graças à arte, em vez de ver um mundo, o nosso, nós o vemos

multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos forem os artistas originais, tais

diferentes uns dos outros do que aqueles que rolam pelo Infinito e que, muitos séculos

depois de se haver extinto o núcleo de onde provêm, chame-se este Rembrandt ou

Vermeer, ainda nos enviam seus raios especiais.

Este trabalho do artista, de procurar vislumbrar sob a matéria, sob a experiência, sob

as palavras, algo diferente, é exatamente o trabalho em sentido inverso do que, a cada

minuto, quando vivemos desviados de nós mesmos, realizam em nós o amor-próprio, a

paixão, a inteligência e o hábito, quando amontoam sobre nossas verdadeiras impressões,

mas para ocultá-las de todo, as nomenclaturas, os objetivos práticos, a que falsamente

chamamos vida. Em suma, esta arte tão complicada é justamente a única arte viva. Só ela

expressa para os outros e nos faz ver a nós mesmos a nossa própria vida, esta vida que

não pode ser "observada", cujas aparências observáveis precisam ser traduzidas e, muitas

vezes, lidas pelo avesso e penosamente decifradas. Esse trabalho feito pelo nosso amor-

próprio, nossa paixão, nosso espírito de imitação, nossa inteligência abstrata, nossos

hábitos, é o trabalho que a arte irá desfazer, é a marcha em sentido contrário, o retorno que

nos obrigará a fazer às profundezas onde o que de fato existiu jaz ignorado de nós. E, sem

dúvida, era uma grande tentação recriar a verdadeira vida, rejuvenescer as impressões. Mas

seria preciso coragem de todo gênero, até do sentimental. Pois exigia, antes de mais nada,

derrogar as mais caras ilusões, deixar de crer na objetividade do que se elaborou, e, em

lugar de se embalar pela centésima vez com estas palavras: "Ela era muito amável", ler ao

revés: "Sentiria prazer em beijá-la." Certo, o que eu sentira nessas horas de amor, todos os

homens também sentem. Sentimos, mas o que sentimos é semelhante a determinados

negativos que só parecem negros enquanto não os colocamos junto de uma lâmpada, e que

também é preciso ver às avessas; não sabemos do que se trata enquanto não o

aproximamos da inteligência. Só depois que ela o iluminou, quando o intelectualizou,

distinguimos, e com que esforço, a figura do que sentimos. Mas eu também percebia que o

sofrimento, que primeiro me chegara através de Gilberte, de que nosso amor não pertence à

pessoa que o inspira, é salutar, acessoriamente, como meio de conhecimento. (Pois, por

menos que dure a nossa vida, é apenas enquanto sofremos que nossas idéias, de algum

modo agitadas por movimentos ondulantes e perpétuos, fazem elevar-se, como numa

tempestade, a um nível em que podemos vê-la, toda essa imensidade regida por leis, que,

postados a uma janela mal colocada, não conseguimos avistar, pois o sossego da felicidade

a deixa lisa e muito rasa; talvez só para alguns gênios excepcionais esse movimento exista

de modo constante, imune às agitações da dor; o que não é certo, pois, quando

contemplamos o amplo e regular desenvolvimento de suas obras alegres, deduzimos, da

alegria da produção, a da vida, que, ao contrário, foi talvez permanentemente dolorosa.)

Mas, principalmente porque, se nosso amor não se deu exclusivamente a uma Gilberte (o

que nos faz sofrer tanto), tal sofrimento não ocorreu porque o amor se deu também a uma

Albertine, e sim por ser um pedaço de nossa alma, mais durável que os "eus" diversos que

morrem sucessivamente em nós e, por egoísmo, desejariam retê-lo, o pedaço que deve

(mesmo ao preço do sofrimento, aliás útil, que isto nos cause), desprender-se das criaturas

para que lhe devolvamos a generalidade, e darmos esse amor, a compreensão desse amor,

a todos, ao espírito universal, e não a esta, depois àquela, nas quais se desejariam dissolver

sucessivamente este e depois aquele dos "eus" que fomos. Portanto, precisava restituir o

seu sentido, que o hábito me fizera perder, aos menores sinais que me rodeavam

(Guermites, Albertine, Gilberte, Saint-Loup, Balbec etc.). E, quando houvermos alcançado

a realidade, afastaremos, para exprimi-la, para conservá-la, o que for diferente

dela e que a

velocidade adquirida do hábito não cessa de nos trazer. Acima de tudo, afastaria essas

palavras escolhidas antes pelos lábios do que pelo espírito, essas palavras cheias de

humor, como as que usamos numa longa conversa e que, depois desta, continuamos a

dirigir artificialmente a nós mesmos, e que nos enchem o espírito de mentiras, essas

palavras apenas materiais, acompanhadas, no escritor que se rebaixa a transcrevê-las, do

breve sorriso, do pequeno esgar que altera a todo instante, por exemplo, a frase oral de um

Sainte-Beuve, ao passo que os livros legítimos devem ser filhos não do dia claro e das

conversações, mas da obscuridade e do silêncio. E como a arte recompõe exatamente a

vida, flutuará sempre em torno às verdades que atingimos em nós mesmos, uma atmosfera

de poesia, a doçura de um mistério que é apenas o vestígio da penumbra que

atravessamos, a indicação, assinalada com precisão como que por um altímetro, da

profundidade de uma obra. (Pois essa profundidade não é inerente a certos assuntos, como

o acreditam os romancistas materialisticamente espiritualistas, visto que não podem descer

além do mundo das aparências, e cujas nobres intenções, semelhantes a essas virtuosas

tiradas habituais em certas pessoas incapazes do menor ato de bondade, não

devem nos

impedir de notar que não possuem sequer a força mental de se livrar de todas as banalidades de forma adquiridas pela imitação.)

Quanto às verdades que a inteligência mesmo nos espíritos mais elevados colhe aos

borbotões em plena luz, seu valor pode ser bem grande; porém apresentam contornos mais

secos e são planas, não têm profundidade, pois não houve profundidade a devassar para

alcançá-las, porque não foram recriadas. Frequentemente escritores, em cujo âmago já não

surgem essas verdades misteriosas, somente escrevem, a partir de certa idade, com a

inteligência, cada vez mais vigorosa; os livros que a maturidade têm, por causa disso, mais

força que os da juventude, mas já não possuem o mesmo frescor aveludado.

No entanto, eu sentia que tais verdades que a inteligência desprende diretamente da

realidade não são de todo desprezíveis, pois poderiam envolver matéria menos pura, mas

ainda eivada de espírito, essas impressões que, fora do tempo, a essência comum às

sensações do passado e do presente, mas que também essências mais preciosas, são

também muito desconhecidas para poder compor só em poucos dias a obra de arte. Eu

sentia aglomerar-se em mim, capazes de serem utilizadas para tal, multidões de verdades

relativas aos caracteres, às paixões, e aos costumes. Essas percepções me causava

alegria; entretanto, parecia-me recordar que umas descobrira na dor e outras em prazeres

bem mediócras. Toda pessoa que nos fizeram sofrer, pode ser comparada por nós como

uma divindade, da qual não é mais que um reflexo fragmentário e no último grau, divindade

(Idéia) cuja contemplação nos dá em seguida um gozo em lugar da pena que tínhamos.

Toda a arte de viver consiste em não nos servir de pessoas que nos fazem sofrer mais que

como de um grau que permite chegar a sua forma divina e povoar assim prazerosamente

nossa vida de divindades.

Então surgiu em mim uma nova luz, menos resplandecente sem dúvida que a que me fizera perceber que a obra de arte era o único meio de *Recuperar o Tempo Perdido*. E

compreendi que todos esses materiais da obra literária eram minha vida passada;

compreendi que vieram para mim, nos prazeres frívolos, na preguiça, na ternura, na dor,

armazenadas por mim, sem que eu adivinhasse seu destino, nem sua própria sobrevivência;

semelhante ao grão que não adivinha, e reserva os mantimentos que nutrirão a planta.

Assim como o grão, durante seu desenvolvimento, poderia eu morrer sem entrar em contato

com assunto que outrora, vivera para ele sem sabê-lo; contato com os livros que eu queria

escrever e para os quais, quando em outro tempo me sentava à mesa, não encontrava

tema. De modo que toda a minha vida se resumiria em uma palavra: Uma Vocação.

Entretanto, não pode resumir-se deste modo porque a literatura não desempenhara o papel

algun em minha vida. Este dia poderia resumir-se porque as lembranças de suas tristezas,

seus prazeres, formavam uma reserva semelhante a esse albume ao se transmutarem do

embrião que se aloja no óvulo, que determinaria com os alimentos que contém para o seu

amadurecimento. Nesse tempo em que ainda se ignora que se desenvolve o embrião de

uma planta, o qual é, entretanto, lugar de fenômenos químicos e respiratórios secretos mas

muito ativos. Minha vida estava assim em relação com o que traria sua maturação. Nesse

assunto, as mesmas comparações, falsas se delas partimos, podem ser verdadeiras como

pontos de chegada. O literato inveja o pintor, gostaria de fazer esboços, fazer anotações,

mas estará perdido se assim proceder. Mas quando escreve, não há um gesto de seus

personagens, um tique, uma inflexão, que não lhe seja trazido à inspiração pela memória,

não há um só nome de personagem inventado sob o qual não se possa colocar sessenta

nomes de pessoas da vida real, das quais uma posou para as caretas, outra para o

monóculo, outra para a cólera, outra para o movimento sobranceiro do braço etc.
E então o

pintor percebe que, se seu sonho de ser pintor não fora realizado de uma forma, consciente

e voluntária, todavia achou-se realizado e que também o escritor, sem o saber, fez o seu

caderno de esboços. Pois, movido pelo instinto, o escritor, muito antes de imaginar sê-lo um

dia, esquecia-se de reparar em coisas que os outros notavam, o que o fazia ser tachado de

distraído, pelos outros e por si mesmo, acusando-se de não saber ouvir nem ver; durante

esse período, ordenava a seus olhos e ouvidos que retivessem para sempre o que aos

outros parecia ninharias pueris, o tom com que fora dita certa frase, a expressão e o dar de

ombros de uma pessoa em certo momento, pessoa de quem talvez não saiba coisa alguma,

isto há muitos anos, e porque ela ouvira esse tom ou sentia que poderia ouvi-lo novamente,

que aquilo era algo de renovável, durável; é o senso do geral que, no escritor futuro, escolhe

por si mesmo o que é geral e poderá fazer parte de uma obra de arte. Pois ele só escutou

os outros quando, por mais imbecis ou loucos que fossem, repetindo como papagaios o que

dizem as pessoas de natureza semelhante à deles, por isso mesmo tornavam-se aves

proféticas, porta-vozes de uma lei psicológica. Ele só se recorda do essencial. Por

determinadas inflexões de voz, por certos movimentos faciais, mesmo que vistos na sua

mais longínqua infância, a vida dos outros estava representada nele. E quando, mais tarde,

escrever, irá ajudá-lo, ou compondo um dar de ombros igual a muitos, real como se tivesse

sido anotado no caderno de um anatomista, mas aqui para exprimir uma verdade psicológica, ou enxertando nos ombros um movimento do pescoço feito por outrem, cada

modelo tendo dado seu instante de pose.

Não é certo que, para criar uma obra literária, a imaginação e a sensibilidade não

sejam qualidades intercambiáveis e que a segunda não possa, sem grande inconveniente,

substituir a primeira, como as pessoas, cujo estômago é incapaz de digerir, encarregam

dessa função o intestino. Um homem de sensibilidade inata, e sem imaginação, poderia

apesar disso escrever romances admiráveis. O sofrimento que os outros lhe causassem,

seus esforços para evitá-lo, os conflitos que teria com pessoas cruéis, tudo isto interpretado

pela inteligência, poderia dar o assunto de um livro, não apenas tão belo como imaginara e

inventara, mas ainda tão externo à fantasia do autor, quando feliz e livre, tão surpreendente

para ele próprio, tão acidental, como um capricho fortuito da imaginação.

As criaturas mais estúpidas manifestam, por seus gestos, frases e sentimentos

involuntariamente expressos, leis de que não se dão conta, mas que o artista nelas surpreende. Devido a esse tipo de observações, o vulgo acha que o escritor é cruel, e o faz

erradamente, pois, num ridículo, o artista percebe uma bela generalidade, e nem por isso

culpa a pessoa observada, assim como o cirurgião não menospreza o paciente por estar

sofrendo de um distúrbio muito freqüente de circulação; por isso, caçoa menos que ninguém

dos ridículos. Desgraça mais infeliz do que cruel: quando se trata das próprias paixões,

embora pareça muito bem à generalidade, liberta-se menos facilmente dos desgostos que

elas provocam. É claro que, quando um indivíduo insolente nos critica, preferiríamos que ele

nos elogiasse; e, sobretudo, se nos trai uma pessoa que adoramos, quanto não daríamos

para que o contrário ocorresse! O ressentimento pela afronta e as mágoas pelo abandono

seriam então as terras que nunca conheceríamos, e cuja descoberta, penosa para o

homem, torna-se artista. Assim os malvados e os ingratos, apesar de si mesmos estão na

sua obra. O panfletário associa à sua glória, involuntariamente desmascarou. Pode-se

reconhecer em toda obra de arte a que mais detestou e, infelizmente, até as que mais

amou. Elas não serviram senão posar para o escritor no próprio momento em que mais o

faziam mais sofrer. Quando amava Albertine, estava bem correspondido, eu me resignara a

que ela me fizesse saber e até, no começo, felicidade.

E, quando buscamos extrair a generalidade da dor a seu respeito, talvez nos

sintamos um tanto consolados diverso dos que até aqui, que é o fato de que escrever, é

para o escritor uma função sadia e necessária para ser feliz, assim como para os homens

esportivos o exercício; na verdade, eu me revoltava um tanto contra isso. A verdade

suprema da vida na arte, mesmo que, por enquanto o esforço de memória exigido para de

novo lembrar minha avó, eu me indagava todavia se uma obra que elas não tivessem

conhecimento seria para elas, para o destino dessas um fato. Minha avó que eu vira, com

tamanha indiferença, agonizar perto de mim! Oh! Possa eu, como expiação, tão logo

terminada minha obra; finalmente ferido, sofrer longas horas, abandonado por todos.

Além disso, sentia uma piedade infinita mesmo dos indiferentes, por tantas

existências, por tentar compreendê-los, haviam exposto verdades e que já haviam vivido

somente em meu proveito. E como era-me triste pensar que meu amor, ao qual tanto me

dediquei estaria em meu livro tão desligado de um ser particular, que leitores diversos

aplicariam exatamente ao que sentissem por outras mulheres. Mas devia eu escandalizar-

me com essa infidelidade póstuma e que este ou aquele pudesse atribuir o objeto de meus

sentimentos à mulheres desconhecidas, quando essa infidelidade, essa divisão do amor

entre vários seres principiara durante a minha vida e antes mesmo que pensasse em

escrever? Eu sofrera muito, sucessivamente, por Gilberte, pela Sra. Guermantes, por

Albertine. Também sucessivamente as esquecera, e só o amor dedicado à criaturas

diferentes fora duradouro. A profanação de uma de minhas esperanças por leitores

desconhecidos, eu a consumara antes deles. Não estava horrorizado e sentindo horror de

mim mesmo, como ocorreria a um partido nacionalista cujo nome se processassem

hostilidades, e ao qual unicamente aproveitaria a guerra em que tantas nobres vítimas

teriam sofrido e morrido, sem sequer perceber (o que para minha avó, pelo menos,

significaria uma recompensa) o resultado da luta. E meu consolo único do fato de que ela

não saberia que eu enfim pusera mãos à obra era que (tal é a lei dos mortos), se não lhe era

dado desfrutar do meu progresso, há muito, igualmente, não tinha consciência de minha

inatividade, de minha vida falha que tanto a desgostara. E evidentemente, não apenas de

minha avó, ou de Albertine, mas também de muitos outros ainda, eu havia assimilado uma

palavra, um olhar, e de quem, como criaturas individuais, já me esquecera; um livro é um

vasto cemitério no qual, sobre a maior parte dos túmulos, não mais podemos ler os nomes

apagados. Às vezes, ao contrário, lembramos perfeitamente o nome, mas sem saber se

algo da criatura que o usava sobrevive nestas páginas. Estará aqui a moça de olhos fundos

e voz arrastada? E, se se encontra mesmo aqui, em que lugar, já não sabemos; e como

descobri-la sob as flores?

Porém, visto vivermos longe dos seres individuais, visto que nossos mais fortes

sentimentos, como foram o amor pela minha avó, por Albertine, não os reconhecemos mais

ao fim de alguns anos, pois tornaram-se para nós apenas palavras incompreensíveis, visto

que podemos falar desses mortos com os mundanos, em cuja residência ainda sentimos

prazer em nos achar quando tudo o que amávamos todavia está morto - então, se há um

modo pelo qual possamos começar a entender tais palavras esquecidas, acaso não o

devemos aplicar, ainda que tenhamos de traduzi-las primeiro para uma língua universal, ao

menos permanente, que faria dos que já não existem, em sua mais verdadeira essência,

uma aquisição perpétua para todas as almas? Até essa lei da transformação, que nos

tornou inteligíveis tais palavras, se conseguirmos explicá-la, nossa enfermidade

não virá a

ser uma força nova?

Aliás, a obra para a qual colaboraram as nossas mágoas pode ser interpretada, no futuro, a um tempo como um sinal nefasto de sofrimento e como um sinal feliz de

consolação. Com efeito, se se diz que os amores e os desgostos do poeta lhe serviram,

ajudando-o a elaborar sua obra, e que, sem sequer o suspeitarem, muitas desconhecidas

contribuíram, uma pela crueldade, outra pela zombaria, com pedras para a edificação de um

monumento que não hão de ver, esquece-se que a vida do escritor não termina com esse

trabalho, que o mesmo temperamento que o fez passar por esses sofrimentos, os quais

entraram em sua obra, o levará a viver após o término desta, a amar outras mulheres em

condições que seriam semelhantes se não fossem ligeiramente desviadas por tudo o que o

tempo modifica nas circunstâncias, no próprio indivíduo, na sua fome de amor e na sua

resistência ao sofrimento.

Sob este primeiro ponto de vista, a obra deve ser considerada apenas um amor

infeliz que pressagia fatalmente outros, fazendo com que a vida se pareça à obra, que o

poeta quase não tenha necessidade de escrever, a tal ponto pode encontrar, no que

escreveu, a imagem antecipada do que acontecerá. Assim, o meu amor por

Albertine, tão

diverso, já estava inscrito em meu amor por Gilberte, no meio dos dias felizes em que lhe

ouvi pela primeira vez, de sua tia, o nome e o retrato, sem desconfiar que esse germe

insignificante se desenvolveria, acabando por se estender sobre toda a minha vida.

Mas sob outro ponto de vista, a obra é sinal de felicidade, pois nos ensina que em todo amor o geral jaz ao lado do particular e, ao passar do segundo para o primeiro devido a

uma ginástica fortalecedora contra o desgosto, torna desprezível o que o provocou a fim de

aprofundar a sua essência. De fato, e como eu deveria experimentar a seguir, mesmo no

momento em que amamos e sofremos, caso a vocação enfim se realize nas horas em que

trabalhamos na nossa obra, sentimos tão claramente a criatura amada dissolver-se numa

realidade mais ampla que chegamos a esquecê-la por instantes, e não mais sofremos dos

males de amor senão como de algum mal puramente físico, como uma doença do coração,

sem qualquer ingerência da pessoa amada.

É verdade que se trata de uma questão de poucos instantes, e o efeito parece ser o

oposto, caso o trabalho principie bem mais tarde. Pois, se iniciamos a tarefa quando as

criaturas que, devido à sua crueldade, sua nulidez, chegaram, à nossa revelia, a destruir

nossas ilusões, tendo-se reduzido elas mesmas a nada, separando-se da quimera amorosa

por nós forjada, nossa alma, pelas exigências de nossa auto-análise, ergue-as de novo,

identifica-as com criaturas que nos teriam amado; e, nesse caso, a literatura, recomeçando

o trabalho desfeito da ilusão amorosa, confere uma espécie de sobrevivência a sentimentos

que já não existem.

É certo que somos obrigados a reviver nossa mágoa particular com a coragem do

médico que recomeça em si mesmo a injeção perigosa. Mas, ao mesmo tempo, devemos

pensá-la sob uma forma geral, o que de certo modo nos impele a fugir à sua opressão, que

faz com que todos participem do nosso sofrimento, o que não deixa de nos causar uma

certa alegria. No ponto em que a vida nos enclausura, a inteligência encontra uma saída,

pois, se não há remédio para um amor não correspondido, conseguimos escapar à

contemplação de um sofrimento, nem que seja tirando as conseqüências cabíveis. A

inteligência desconhece as situações oclusas da vida que não oferecem escapatória.

Assim, precisava resignar-me, pois nada pode durar sem tornar-se geral e o espírito

morre por si mesmo à idéia de que até as criaturas mais queridas ao escritor afinal de

contas não fizeram mais que posar para ele como nos ateliês dos pintores.

Em amor, nosso rival feliz, ou melhor, nosso inimigo, é o nosso benfeitor. À uma criatura que não despertaria em nós senão um insignificante desejo físico, ele acrescenta

logo um valor imenso, estranho, mas que confundimos com ele. Se não tivéssemos rivais, o

prazer não se transformaria em amor. Se não os tivéssemos ou não julgássemos tê-los.

Pois não é necessário que existam de verdade. Para o nosso bem, é suficiente essa vida

ilusória dada a rivais inexistentes por nossa desconfiança, nosso ciúme.

Por vezes, quando um trecho doloroso permaneceu em estado de esboço, uma nova

ternura e um novo sofrimento nos chegam, permitindo que o concluamos e preenchamos.

Dessas grandes mágoas úteis não nos podemos queixar, pois não falham nem se fazem

esperar muito: logo nos consolamos, ou, se são muito intensas e o coração não muito

sólido, morremos. Pois só a felicidade é saudável para o corpo; mas é o desgosto que

desenvolve as forças da mente. Além disso, mesmo que a cada passo não nos revelasse

uma lei, não seria menos indispensável para nos reconduzir à verdade, nos obrigar a levar

as coisas a sério, sempre nos arrancando as ervas daninhas do hábito, do ceticismo, da

leviandade e da indiferença. É certo que essa verdade, incompatível com a ventura, com a

saúde, nem sempre o é com a vida. O desgosto acaba por matar. A cada nova dor mais

intensa, percebemos intumescer-se mais uma veia, cuja sinuosidade mortal se desenvolve

ao longo de nossa têmpora, sob nossos olhos. E é assim que aos poucos se fazem as

fisionomias terríveis e devastadas do velho Rembrandt, do velho Beethoven, de quem todos

escarneciam. E nenhuma importância haveria nas bolsas sob os olhos e nas rugas da testa,

não fosse a tristeza no coração. Mas, visto que as forças podem se transformar em outras,

visto que o ardor durável se faz luz e que a eletricidade do raio pode virar fotografia, e que

nossa dor surda no coração consegue elevar acima de si própria, como um lábaro, a

permanência visível de uma imagem a cada novo desgosto, aceitemos o mal físico que nos

inflige devido ao conhecimento espiritual que nos traz; deixemos que nosso corpo se

desagregue, pois cada parcela nova que dele se destaca vem, já agora luminosa e legível,

acrescentar-se à nossa obra para completá-la ao preço de sofrimentos de que os outros

mais dotados não necessitam, para torná-la mais sólida à medida que as emoções esfazem a nossa existência. As idéias são sucedâneos dos desgostos; no momento em

que estes se transmudam em idéias, perdem uma parte de sua ação nociva sobre nosso

coração, e até, no primeiro instante, a própria transformação desencadeia uma alegria

súbita. Aliás, apenas sucedâneos no tempo, pois o elemento primitivo parece ser a idéia,

sendo o desgosto somente a maneira pela qual certas idéias penetram inicialmente em nós.

Porém há várias famílias no grupo das idéias, das quais algumas logo se mudam em

alegrias.

Estas reflexões faziam-me descobrir um sentido mais intenso e exato na verdade que eu sempre havia pressentido, especialmente quando a Sra. de Cambremer se perguntava como podia eu abandonar, por Albertine, um homem notável como Elstir.

Mesmo do ponto de vista intelectual, eu percebia que ela estava errada, mas não sabia o

que ela desconhecia: eram as lições com as quais faz seu aprendizado o homem de letras.

O valor objetivo das artes é de pouca monta em tudo isso; o que interessa desvelar, trazer à

luz, são os nossos sentimentos, nossas paixões, ou seja, as paixões e os sentimentos de

todos. Uma mulher de quem necessitamos, que nos faz sofrer, extrai-nos, como não faria

nenhum homem superior que nos interessasse, séries de sentimentos aliás profundos,

vitais. Resta saber, conforme o plano em que vivemos, se achamos que a traição que nos

faz uma mulher vale pouco diante das verdades que essa traição nos permitiu descobrir, e

que a mulher, feliz por ter feito sofrer, nem compreenderia. Em todo caso, traições assim

não faltam. Um escritor pode sem temor entregar-se a um longo trabalho. Que a inteligência

principie a tarefa, no caminho aparecerão muitos desgostos que irão encarregar-se

determiná-la. Quanto à felicidade, ela tem quase uma única utilidade apenas: tornar possível

a desgraça. É preciso que na felicidade possamos formar laços bem suaves e fortes de

confiança e afeto para que sua ruptura nos cause o dilaceramento tão precioso que se

chama infelicidade. Se não tivéssemos sido felizes, ainda que pela esperança, as infelicidades não seriam cruéis e, portanto, não dariam frutos.

E mais do que o pintor, a quem é necessário ver muitas igrejas para pintar uma só, o

escritor, para obter volume e consistência, generalidade e realidade literárias, também

precisa de muitos seres para retratar um único sentimento. Pois, se a arte é longa e a vida

curta, em compensação pode-se dizer que, se a inspiração é curta, os sentimentos que ela

deve retratar não são muito mais longos. São nossas paixões que esboçam nossos livros,

os intervalos de repouso que os escrevem. Quando renasce a inspiração, quando podemos

retomar o trabalho, a mulher que nos servia de modelo para um sentimento, já não no-lo

causa mais. É preciso continuar a descrevê-lo segundo outra mulher, e, se nisso

há traição,

literalmente, graças à semelhança de nossos sentimentos que faz com que uma obra seja, a

um tempo, a lembrança dos amores passados e a profecia de amores novos, não existe

grande inconveniente nessas substituições. Esta é uma das razões da vaidade dos estudos

em que se procura adivinhar de quem um autor está falando. Pois uma obra, ainda que de

confissão direta, é pelo menos intercalada entre vários episódios da vida do autor, os

anteriores, que a inspiraram, os posteriores, que não se lhe assemelham menos, sendo as

particularidades dos amores seguintes decalcadas pelas dos precedentes. Pois à pessoa

mais amada não somos tão fiéis quanto a nós mesmos, e esquecemo-la cedo ou tarde para

poder recomençar a amar, visto que é esse um dos traços do nosso próprio caráter. Quando

muito, a esse amor terá aquela a quem tanto amamos acrescentado um aspecto peculiar,

que nos há de fazer fiéis a ela mesmo na infidelidade. Com a mulher seguinte, precisaremos

dos mesmos passeios matinais ou de levá-la em casa todas as noites da mesma forma, ou

de lhe dar também dinheiro em excesso. (Uma coisa curiosa, a circulação do dinheiro gasto

com mulheres que, por causa disso, nos tornam infelizes, isto é, nos permitem escrever

livros pode-se quase dizer que as obras, como os poços artesianos, sabem tanto mais

quanto mais o sofrimento escavou o coração.) Tais substituições emprestam à obra algo de

desinteressado, de mais geral, que também é uma lição austera de como não nos pretermos aos seres, que não existem na realidade e, logo, não suscetíveis de expressão,

mas às idéias. É necessário, ainda, que nos apressemos e não percamos tempo enquanto

estão disponíveis tais modelos; pois, em geral, os que posam para a felicidade não nos

podem conceder muito tempo; e nem, infelizmente, os que posam para a dor, visto que

também ela passa rápido.

Aliás, mesmo quando o sofrimento não nos fornece, com a sua revelação, a matéria

de nosso livro, pode nos servir de incentivo. A imaginação e o pensamento podem em si

mesmos ser máquinas admiráveis, mas também inertes. O sofrimento, então, as põe em

marcha. E as criaturas que nos servem de modelo para a dor concedem-nos sessões tão

freqüentes, nesse ateliê ao qual não vamos senão nesses períodos, e que está no íntimo de

nós mesmos! Esses períodos são como imagens de nossa vida com suas dores várias. Pois

também estas contêm outras diversas, e, quando julgávamos tudo tranqüilo, aparece uma

nova, nova em todos os sentidos da palavra: talvez porque tais situações

imprevistas nos

obrigam a entrar mais profundamente em contato conosco; esses dilemas dolorosos, que o

amor nos formula a todo instante, instruem-nos, revelam-nos sucessivamente a matéria de

que somos feitos. Assim, quando Françoise, vendo Albertine entrar por todas as portas

abertas em minha casa, como um cãozinho, e pôr tudo em desordem, arruinar-me, causar-

me tantos desgostos, dizia-me (pois nessa ocasião eu já escrevera alguns artigos e fizera

umas poucas traduções):

- Ah! Se o senhor, em vez dessa menina que o faz perder todo o seu tempo, tivesse

tomado um secretariãozinho bem-educado para classificar todos os seus papeluchos!

Eu talvez não tivesse razão em achar sensatas as suas palavras. Fazendo-me

perder tempo, dando-me desgostos, Albertine me fora talvez mais útil, até mesmo do ponto

de vista literário, do que um secretário que pusesse em ordem minha papelada. Mas, ainda

assim, quando uma criatura é tão mal conformada (e talvez, na natureza, essa criatura seja

o homem) que não possa amar sem sofrer, e que lhe seja preciso sofrer para conhecer

verdades, a vida de tal criatura acaba por ser bem fatigante.

Os anos felizes são anos perdidos, esperamos um sofrimento para iniciar um

trabalho. A idéia do sofrimento prévio associa-se à idéia do trabalho, temos medo

de cada

obra nova ao pensar nas dores que primeiro devemos suportar para imaginá-la. E, como

entendemos que o sofrimento é a melhor coisa que podemos achar na vida, pensamos sem

errar, quase como se fosse uma libertação, na morte. No entanto, se isso me revoltava um

pouco, precisava tomar cuidado, por que muitas vezes jogamos mal nossa partida com a

existência, não aproveitamos as criaturas para nossos livros, antes pelo contrário. O caso de

Werlher, tão nobre, infelizmente não era o meu. Sem crer um só instante no amor de

Albertine, quisera vinte vezes matar-me por ela, arruinara-me, destruíra a minha saúde por

causa dela, Quando se trata de escrever, somos escrupulosos, verificamos tudo de perto,

rejeitamos tudo que não for verdade. Mas, na vida, arruinamo-nos, ficamos doentes,

matamo-nos por mentiras. É certo que, da ganga dessas mentiras (se já passou a idade da

poesia), pode-se extrair apenas um pouco de verdade. Os desgostos são servidores

obscuros, detestados, contra os quais lutamos e sob cujo império cada vez mais tombamos,

servidores atrozes, impossíveis de substituir e que por vias subterrâneas nos conduzem à

verdade e à morte. Felizes os que encontraram a primeira antes da segunda, e para quem,

por mais próximas que estejam uma da outra, a hora da verdade soou antes da hora da

morte!

Compreendi também que os mínimos episódios de minha vida passada haviam

concorrido para a lição de idealismo que eu ia aproveitar hoje. Por exemplo, meus encontros

com o Sr. de Charlus não me haviam, antes mesmo que sua germanofilia me desse lição

igual, e ainda melhor que meu amor pela Sra. de Guermantes ou por Albertine, que o amor

de Saint-Loup por Rachel, convencido o quanto a matéria é indiferente e que nela o

pensamento pode enxertar tudo; é verdade que o fenômeno tão mal compreendido, tão

inutilmente censurado, da inversão sexual amplia ainda mais do que este outro, já tão

instrutivo, do amor. Este nos mostra a beleza fugindo da mulher que já não amamos e vindo

residir no rosto que outros achariam muito feio, e que a nós mesmos poderia, poderá um dia

desagradar; mas ainda é mais espantoso vê-la, obtendo todas as homenagens de um

senhor ilustre que logo deixa uma bela princesa, emigrar para debaixo do boné de um fiscal

de ônibus. Meu espanto, sempre que revia nos Champs-Élysées, na rua, na praia, o rosto

de Gilberte, da Sra. de Guermantes, de Albertine, não provaria acaso o quanto uma

lembrança só se prolonga numa direção divergente da impressão com a qual

coincidiu no

começo e da qual se afasta cada vez mais?

O escritor não deve ficar ofendido se o invertido confere a suas heroínas uma

fisionomia masculina. Só essa particularidade meio aberrante permite ao invertido atribuir ao

que lê toda a sua generalidade. Racine fora obrigado, para lhe dar a seguir todo o seu valor

universal, a fazer por um momento uma jansenista da *Fedra* antiga; da mesma forma, se o

Sr. de Charlus não desse as feições de Morel ao "infiel" por quem Musset chora na *Nuit*

d'Octobre ou em Le Souvenir, não teria nem chorado nem compreendido, pois era só por

esse caminho oblíquo e estreito que tinha acesso às verdades do amor. O escritor, só por

um hábito extraído da linguagem insincera dos prefácios e das dedicatórias, escreve: "meu

leitor." Na realidade, todo leitor, quando lê, é o leitor de si mesmo. A obra do escritor não

passa de uma espécie de instrumento óptico que ele oferece ao leitor a fim de permitir que

este distinga aquilo que, sem o livro, talvez não pudesse ver em si mesmo. O

reconhecimento em si mesmo, pelo leitor, do que diz o livro, é a prova da verdade deste, e

vice-versa, ao menos em certa medida, podendo a diferença entre ambos os textos ser

várias vezes imputada não ao autor, mas ao leitor. Além do mais, o livro pode ser muito

sábio, obscuro demais para o leitor ingênuo e, assim, não lhe apresentar senão lentes

turvas com as quais ele não poderá ler. Porém outras peculiaridades (como a inversão)

podem fazer com que o leitor sinta necessidade de ler de uma certa maneira para ler bem; o

autor não precisa ficar ofendido, mas, pelo contrário, deve dar a maior liberdade ao leitor,

dizendo: "Olhe você mesmo, veja se vê melhor com esta lente ou com essa outra."

Se eu tinha me interessado tanto pelos sonhos, não seria por que, compensando a

brevidade com a força, eles nos ajudam a compreender melhor o que existe de subjetivo no

amor, por exemplo, pelo simples fato de que realizam, mas com prodigiosa rapidez, o que

vulgarmente se diz ficar louco por uma mulher, chegando a ponto de, durante o sono, nos

fazer amar apaixonadamente, por alguns minutos, uma mulher feia, o que, na vida real, teria

demandado anos e anos de hábito, de vida em comum, e - caso as inventasse um médico

milagroso - injeções intravenosas de amor, da mesma forma que também poderiam ser de

sofrimento? Com a mesma rapidez, a sugestão amorosa que nos inculcaram se dissipa, e

às vezes não só a amante noturna deixou de sê-lo para nós como tal, voltando a ser a feia

bem conhecida, mas também se dissipa algo de mais precioso, todo um quadro

deslumbrante de sentimentos de ternura, de volúpia, de lamentos vagamente

esfumados,

todo um embarque para a Citera da paixão de que, ao despertar, gostaríamos de recordar

as nuances de uma deliciosa verdade, mas que se apaga como uma tela muito esmaecida

para ser restaurada. E muito mais ainda: era talvez também devido ao seu extraordinário

jogo com o Tempo que o Sonho me fascinara. Não vira tantas vezes numa noite, num

momento de uma noite, tempos longínquos, relegados a essas distâncias enormes em que

já não distinguimos coisa alguma dos sentimentos que experimentávamos, se precipitarem

sobre nós, cegando-nos com sua claridade, como se fossem aviões gigantes em vez das

pálidas estrelas que pensávamos, restituindo-nos tudo o que para nós contiveram, dando-

nos a emoção, o choque, o brilho de sua proximidade imediata e, mal acordamos, ganhando

de novo a distância que milagrosamente haviam franqueado, de modo a nos fazer acreditar,

aliás erradamente, serem os sonhos uma das maneiras de Recuperar o Tempo Perdido?

*[Citera: ilha grega entre o Peloponeso e Creta. A expressão "embarque para Citera" é

referência ao quadro *L'embarquement pour Cythere*, de Watteau (1717), atualmente no

Louvre, e que sintetiza o espírito erótico do Rococó. (N. do T)]*

Havia reparado que só a percepção grosseira e errônea põe tudo no objeto

quando

tudo está no espírito; na realidade, havia perdido minha avó muitos anos antes de perdê-la

de fato, vira as pessoas variarem de aspecto de acordo com a identificação que eu ou

outros fazíamos delas, serem diversas para observadores diversos; vários Swanns do

começo deste livro, por exemplo; a princesa de Luxemburgo vista pelo primeiro magistrado

e por mim), ou até para o mesmo no decurso desses anos (as variações, em mim, do nome

de Guermantes e os diversos Swanns). Vira o amor colocar na pessoa amada o que só ao

amador pertencia. Havia reparado melhor em tudo isso quanto fizera desdobrar-se ao

máximo a distância entre realidade objetiva e o amor (Rachel para Saint-Loup e para mim,

Albertine; para Saint-Loup, Morel ou o fiscal de ônibus para Charlus ou outras pessoas e,

apesar, disso, enternecimentos de Charlus; versos de Musset etc.). Enfim, numa certa

medida, a germanofilia do Sr. de Charlus, bem como o olhar de Saint-Loup à fotografia de

Albertine, ajudaram-me por um instante a me desligar, senão de minha germanofobia, ao

menos da crença na pura objetividade desta, e a me fazer pensar, que talvez nisso se

parecessem o amor e o ódio, e que, no terrível juízo que nesse próprio momento a França

fazia da Alemanha, julgando-a fora da humanidade; houvesse uma objetividade sobretudo

de sentimentos, como os que tornavam Rachel e Albertine tão preciosas, uma a Saint-Loup,

e a outra a mim. O que, de fato possibilitava que semelhante perversidade não fosse

inteiramente intrínseca à Alemanha era que assim como individualmente eu tivera amores

sucessivos, e, ao fim deles, achava sem valia o objeto desse amor; já assistira em meu país

sucessivas explosões de ódio que tinham feito, por exemplo, parecer traidores mil vezes

piores que os alemães aos quais entregavam a França dreyfusistas como Reinach, com

quem hoje colaboravam os patriotas, unidos contra a nação cujos filhos eram

necessariamente tidos como mentirosos, bestas ferozes e imbecis; exceção feita aos

alemães que haviam abraçado a causa francesa, como o rei da Romênia, o rei da Bélgica

ou a imperatriz da Rússia. É verdade que os antidreyfusistas teriam me respondido: "Não é

a mesma coisa." Mas, de fato, nunca é a mesma coisa, nem a mesma pessoa; a não ser

assim, diante de um mesmo fenômeno de quem se deixasse enganar só poderia acusar seu

estado subjetivo e não as qualidades e defeitos do objeto. Então, a inteligência não tem

difficultades em estabelecer, sobre essa diferença, uma teoria (ensino antinatural dos

congregados, segundo os radicais; impossibilidade da raça judia em se naturalizar; ódio

perpétuo da raça alemã contra a latina, acompanhada de reabilitação momentânea da raça

amarela. Esse lado subjetivo, aliás, verificava-se nas conversações dos neutros, onde os

germanófilos, por exemplo, tinham a faculdade de cessar por um instante de compreender,

e até mesmo de ouvir, quando lhes falavam das atrocidades alemãs na Bélgica. (E no

entanto elas eram reais: o que eu assinalava de subjetivo no ódio; como na visão, não

impedia que o objeto pudesse possuir reais qualidades e defeitos, e de modo algum fazia

desvanecer-se a realidade num puro relativismo).

E se, após tantos anos decorridos e tanto tempo desperdiçado, eu sentia essa

influência capital do ato interno até nas relações internacionais, já a pressentira no começo

da vida, ao ler no jardim de Combray um desses romances de Bergotte que, ainda hoje,

quando folheio algumas páginas esquecidas e me deparo com a velharia de um malvado,

não descanso enquanto não verifico, virando cem páginas, se o mau acaba devidamente

humilhado e vive o bastante para saber que seus tenebrosos planos fracassaram. Pois já

não me recordava bem o que acontecera com tais personagens, o que aliás não os

diferenciava das pessoas que se achavam àquela tarde na casa da Sra. de

Guermantes, e

cujas vidas passadas, ao menos para muitos, era tão vagas para mim como se a tivesse lido

num romance meio olvidado. O príncipe de Agrigento acabara por desposar a Srta. X...? Ou

antes, não seria o irmão da Srta. X... que deveria se casar com a irmã do príncipe? Ou

então, não estaria eu fazendo confusão com uma leitura antiga ou um sonho recente? O

sonho ainda era um dos fatos da minha vida que mais tinham me impressionado, que mais

me deveriam ter convencido do caráter puramente mental da realidade, e cujo auxílio eu não

desdenharia na composição de minha obra. Quando vivia para um amor, de modo um pouco

menos desinteressado, um sonho vinha singularmente aproximar de mim, fazendo-lhes

percorrer grandes distâncias de tempo perdido, minha avó, Albertine, que eu recomendara a

amar porque me dera, no meu sonho, uma versão, aliás atenuada, da história da lavadeira.

Pensei que por vezes viriam eles, desse modo, aproximar de mim verdades e impressões

que somente o meu esforço ou um encontro casual não seriam suficientes para me fornecer;

que despertariam em mim o desejo, a saudade de certas coisas inexistentes, condição

indispensável para trabalhar, para fugirmos ao hábito, para nos livrarmos do concreto. Eu

não desprezaria esta segunda musa, a musa noturna que por vezes supriria a outra. Já vira

os nobres tornarem-se vulgares quando o seu espírito, como o do duque de Guermantes,

por exemplo, era vulgar ("Você não se aperta", como teria dito Cottard). Na medicina, no

Caso Dreyfus, durante a guerra, vira acreditar que a verdade é um certo fato, que os

ministros e o médico dispõem de uma afirmação ou negação que não precisa ser interpretada, como se uma chapa radiográfica bastasse para revelar o estado do enfermo,

como se os políticos soubessem que Dreyfus era culpado, soubessem (sem precisar, para

isso, enviar Roques ao local para averiguações) que Sarraill possuía ou não meios para

marchar ao mesmo tempo que os russos." *["Em 1915 tendo a Bulgária entrado na guerra

ao lado da Alemanha, os aliados formaram um exército expedicionário sob o comando do

general Sarraill (1856-1929) para combatê-la em Salônica. Roques (1856-1920) era ministro

da guerra na França em 1916, e efetuou uma missão a Salônica para verificar os métodos

de Sarraill, devido às derrotas deste. (N. do T)]*

Não há sequer uma hora da minha vida que não tenha servido para me ensinar que

somente a percepção grosseira e errônea coloca tudo no objeto quando, ao contrário, tudo

está no espírito.

Em suma, pensando bem, a matéria da minha experiência, que seria a do meu livro,

me vinha de Swann, e não apenas por tudo que lhe dizia respeito e a Gilberte. Mas fora ele

que, desde Combray, estimulara-me o desejo de ir a Balbec, aonde, sem isso, meus pais

nunca teriam tido a idéia de me mandar, e sem o que eu não teria conhecido Albertine, e até

mesmo os Guermantes, visto que minha avó não se encontraria de novo com a Sra. de

Vil e parisis, nem eu travaria relações com Saint-Loup e o Sr. de Charlus, o que me faria

conhecer a duquesa de Guermantes e, através dela, a sua prima, de modo que até a minha

presença neste momento na casa do príncipe de Guermantes, onde me acabara de vir

bruscamente a idéia do meu livro (decorrendo daí que devia a Swann não apenas o assunto

mas a decisão), vinha-me também de Swann. Pedúnculo talvez um tanto delgado para

suportar assim a extensão de toda a minha vida (portanto, neste sentido, o "caminho de

Guermantes" provinha do "caminho de Swann").

Muitas vezes, porém, o autor dos aspectos da nossa vida é alguém bastante inferior

a Swann, é a criatura mais medíocre. Acaso não teria bastado que um

companheiro

qualquer me indicasse uma prostituta agradável (e que provavelmente eu não encontraria)

para que fosse a Balbec? Assim, muitas vezes encontramos mais tarde um companheiro

desagradável, mal lhe apertamos a mão; e todavia, se alguma vez refletirmos nisso, foi de

uma palavra distraída dele, como "Você deveria ir à Balbec", que saíram toda a nossa vida e

a nossa obra. Não lhe guardamos nenhum reconhecimento, sem que isso denote ingratidão

de nossa parte. Pois, dizendo aquelas palavras, ele de modo algum pensou nas enormes

conseqüências que teriam para nós. Nossa sensibilidade e nossa inteligência é que exploraram as circunstâncias, as quais, dado o primeiro impulso, engendraram-se umas às

outras, sem que ele pudesse prever a coabitação com Albertine e o baile de máscaras na

casa dos Guermantes. Sem dúvida, o impulso fora necessário, e portanto a forma exterior

da nossa vida, a matéria mesma do nosso livro, dependem dele. Sem Swann, meus pais

nunca se lembrariam de me enviar à Balbec. Aliás, ele não era responsável pelos sofrimentos que indiretamente me causara, os quais se deviam à minha fraqueza. Também

a sua o fez sofrer por causa de Odette. Mas, determinando dessa maneira a vida que temos

levado, excluiu as que em seu lugar poderíamos ter tido. Se Swann não me houvesse falado

de Balbec, eu não teria conhecido Albertine, a sala de jantar do hotel, os Guermentes. Teria

ido alhures, conhecido pessoas diferentes, minha memória, como meus livros, seria repleta

de quadros bem diversos, quadros que eu nem sequer posso imaginar e cuja novidade,

desconhecida de mim, seduz-me, fazendo-me lamentar antes não ter ido a seu encontro, e

que Albertine e a praia de Balbec, e Rivebel e e os Guermentes não me tivessem permanecido ignorados para sempre. Certo, ao rosto de Albertine, tal como o avistara pela

primeira vez defronte ao mar, é que eu ligava determinadas coisas sobre as quais sem

dúvida escrevera. Num certo sentido, tinha motivos para estabelecer essa ligação, pois, se

não fosse até o molhe naquele dia, se não a tivesse conhecido, todas estas idéias não

seriam desenvolvidas (a menos que fossem devido a outra). Por outro lado, essa ligação era

errônea, pois o prazer gerador que devemos encontrar retrospectivamente num belo rosto

de mulher provém dos nossos sentidos: com efeito, essas páginas que eu haveria de

escrever, Albertine, sobretudo a Albertine de então, não teria compreendido. Mas é

justamente por isso (e trata-se aqui de um alerta para não se viver numa atmosfera

excessivamente intelectualizada), porque ela era tão diversa de mim, que me fecundara pelo

desgosto e até, no começo, pelo simples esforço de compreender alguém tão diferente de

mim. Estas páginas, se ela fosse capaz de entendê-las, por essa mesma razão não as teria

inspirado.

O ciúme é um bom aliciador que, quando existe um vazio, no nosso quadro, vai

buscar-nos na rua a bela moça que faltava. Já não era mais bela, volta a sê-lo pois lhe

temos ciúme, e ela preencherá esse vazio. Uma vez que estivermos mortos, já não teremos

alegria que esse quadro se complete desse modo. Mas semelhante idéia não é de forma

alguma desanimadora. Pois sentimos que a vida é um pouco mais complicada do que se

costuma dizer, e também as circunstâncias. E há uma necessidade premente de mostrar

essa complexidade. O ciúme, tão útil, não nasce forçosamente de um olhar, de um relato ou

de uma reflexão retrospectiva. Pode-se encontrá-lo, prestes a nos aguilhoar, entre as folhas

de um anuário - o *Tout-Paris* no caso de Paris, e, para o campo, o *Annuaire des Châteaux*.

Ouvíramos, distraidamente, a bela moça, que se nos tornara indiferente, dizer que

precisava ir passar alguns dias na casa da irmã, em Pas-de-Calais, perto de Dunquerque;

também distraídos, tínhamos pensado que talvez a bela jovem fora cortejada outrora pelo

Sr. E***, a quem já não via pois deixara de ir ao bar em que o conhecera

antigamente. Que

podia ser sua irmã? Talvez camareira? Por discrição, nada havíamos indagado. E eis que,

abrindo ao acaso o *Annuaire des Châteaux*, soubemos que o Sr. E*** tem seu castelo no

Pas-de-Calais, perto de Dunquerque. Já não havia dúvida de que, para agradar à jovem

bonita, empregara a irmã dela como camareira, e, se a bela já não o vê no bar é porque ele

a faz vir à sua casa, morando em Paris quase o ano inteiro, mas não podendo privar-se dela

mesmo enquanto está no Pas-de-Calais. Os pincéis, ébrios de fúria e amor, pintam, pintam.

E no entanto, se aquilo fosse falso? Se, na verdade, o Sr. E*** nunca mais visse a bela

moça mas, para ser prestativo, recomendasse a irmã desta a um irmão que morasse o

tempo todo no Pas-de-Calais? De modo que ela, mesmo por acaso, vai visitar a irmã no

momento em que o Sr. E*** não se acha presente, pois eles já não se preocupam um com o

outro. A menos que a irmã não seja camareira no castelo nem em qualquer outro lugar, mas

possua parentes no Pas-de-Calais. Nossa mágoa do primeiro instante cede às últimas

suposições que tranqüilizam o ciúme. Mas que importa? Este, escondido nas folhas do

Annuaire des Châteaux, veio em boa hora, pois agora o vazio existente na tela está

preenchido. E tudo se compõe harmoniosamente, graças à presença suscitada pelo ciúme

relativo à bela moça, de quem já não somos ciumentos e que não mais amamos.

Neste momento, o mordomo veio me dizer que a primeira peça musical já havia terminado e que eu podia deixar a biblioteca e entrar nos salões. Isto me fez recordar de

onde me achava. Mas de forma alguma me perturbei no raciocínio que acabava de

principiar, pelo fato de que uma reunião mundana e a volta à sociedade, houvessem-me

fornecido este ponto de partida em direção a uma vida nova que eu não soubera encontrar

na solidão. O fato nada tinha de extraordinário, pois uma impressão que podia ressuscitar

em mim o homem eterno não estaria mais ligada forçosamente à solidão que à sociedade

(como eu o julgara antigamente, como talvez pudesse ter sido outrora para mim, e ainda o

fosse caso eu me tivesse desenvolvido harmoniosamente, sem essa longa parada que só

agora parecia ter fim). Pois, sendo sensível a essa impressão de beleza apenas quando, a

uma sensação atual, por mais insignificante que fosse, vinha superpor-se outra semelhante

que, renascendo espontaneamente em mim, espalhava a primeira, simultaneamente, sobre

diversas épocas, enchendo-me a alma de uma essência geral, onde, via de regra, as

sensações particulares deixavam tantas lacunas—não havia razão para que não

recebesse

sensações desse gênero tanto na sociedade quanto na natureza, visto serem elas fornecidas pelo acaso, sem dúvida auxiliado pela excitação própria dos dias fora do ritmo

normal da vida, quando até as coisas mais simples recomeçam a nos causar sensações de

ordinário poupadas ao nosso sistema nervoso. Por que motivo justa e unicamente esse

gênero de sensações é que deveria conduzir à obra de arte, era o que eu iria tentar verificar

de maneira objetiva, continuando o raciocínio que principiara na biblioteca; pois sentia que o

desencadear da vida espiritual era bem poderoso em mim agora, e tanto poderia continuar a

pensar no salão, entre os convidados, como sozinho, entre os livros. Parecia-me que, sob

tal ponto de vista, ainda que em meio a uma assistência tão numerosa como esta, saberia

preservar minha solidão. Pois, pelo mesmo motivo que os grandes acontecimentos não

influem, de fora, sobre nossas forças espirituais, e que um escritor medíocre, mesmo

vivendo numa época heróica, ainda assim continuará medíocre, o perigo da sociedade

seriam as disposições mundanas que ali aportam. Mas, por si mesma, ela já não seria

capaz de nos tornar medíocres, assim como uma guerra heróica não torna sublime um

poeta ruim.

Em todo caso, fosse ou não teoricamente valioso que a obra de arte se constituísse

dessa forma, e esperando elucidar melhor a questão, como o faria, não podia negar, pelo

que me concernia, que as impressões verdadeiramente estéticas me vinham, efetivamente,

apenas quando iam no encalço de sensações desse tipo. É verdade que haviam sido bem

raras na minha vida, mas a dominavam; podia encontrar no passado alguns desses cimos,

que fizera mal em perder de vista (o que esperava não mais fazer de agora em diante). E já

podia afirmar que, pela importância exclusiva que assumia, se houvesse em mim um traço

pessoal, tranquilizava-me contudo verificar que, em certos escritores, tal característica se

assemelhava a aspectos menos marcados, porém discerníveis e, no fundo, análogos. Não é

a uma sensação do gênero do da *madeleine* que se prende a mais bela parte das *Memórias*

de Além-túmulo?- "Ontem à noite eu passeava sozinho... fui despertado de minhas reflexões

pelo gorjeio de um tordo pousado no mais alto ramo de uma bétula. E logo este som mágico

fez reaparecer a meus olhos a herdade paterna; esqueci as catástrofes que acabara de

presenciar e, subitamente transferido ao passado, revi aqueles campos onde tantas vezes

ouvira o tordo assobiar." E não será esta agora uma das duas ou três mais belas frases

dessas memórias: "Um aroma fino e suave de heliotrópio se exalava de um canteirinho de

favas em flor; não fora trazido pela brisa da pátria, mas por um vento selvagem da Terra-

Nova, sem relação com a planta exilada, sem simpatia de reminiscências e volúpia. Nesse

perfume, não respirado pela beleza, não apurado no seu seio, não disseminado sobre seus

traços, nesse perfume matizado de aurora, de cultura e de humanidade, havia todas as

melancolias nostálgicas, da ausência e da juventude." Uma das obras-primas da literatura

francesa, *Sylvie*, de Gérard de Nerval, apresenta, bem como o volume das *Memórias de*

Além-túmulo relativo a Combourg, uma sensação do mesmo gênero da do sabor da

madeleine e do "gorjeio do tordo". Em Baudelaire, por fim, tais reminiscências, ainda mais

numerosas, são, é claro, menos fortuitas e, conseqüentemente, na minha opinião, decisivas.

É o próprio poeta quem, com mais requinte e preguiça, busca voluntariamente, no odor de

uma mulher por exemplo, nos seus cabelos e no seu seio, as analogias inspiradoras que lhe

evocarão "o azul do céu imenso e redondo" e "um porto apinhado de flâmulas e de mastros".

Procurava lembrar-me das peças de Baudelaire em cuja raiz se encontra desse modo uma

sensação transposta, para, definitivamente, filiar-me a uma linhagem tão nobre e, desta

maneira, me assegurar que a obra-que eu já não hesitava mais em empreender merecia o

esforço que ia lhe consagrar, quando, tendo chegado ao pé da escada que descia da

biblioteca, encontrei-me de súbito no grande salão e em meio a uma festa que ia me parecer

bem diferente de todas as que outrora assistira, e que assumiria para mim um aspecto

peculiar, adquirindo um novo sentido. Com efeito, logo que entrei no grande salão,

conquanto sempre mantivesse firme em mim, no ponto em que me achava, o projeto recém-

formado, deu-se um lance teatral que ergueria contra minha empreitada a mais grave das

objeções. Uma objeção que eu certamente haveria de superar, mas que, enquanto

continuava a refletir sobre as condições da obra de arte, iria, pelo exemplo como por vezes

repetido da ponderação mais adequada para me fazer hesitar, interrompe todo instante o

meu raciocínio.

No primeiro momento não compreendi por que vacilava em reconhecer o mordomo,

os convidados, e por que todos me pareciam trazer bem tratadas as cabeças, em geral

empoadas, e que os modificavam inteiramente. O príncipe recebido, tinha ainda esse ar

bonachão de rei feérico que lhe achara da primeira vez, mas agora, parecendo submeter-se

ele próprio à etiqueta que impusera aos convidados, deixara crescer uma barba branca e,

arrastando os pés, tornando-os pesados como se usassem solas de chumbo, parecia ter-se

encarregado de representar, uma das "fases da vida". Seus bigodes também estavam

brancos, como se lhes tivessem colado pedaços da geada da floresta do *Pequeno Polegar*.

Pareciam incomodar a boca enrugada, e, uma vez obtido o efeito desejado, deveria tê-los

tirado. Para falar a verdade, só o reconheci com auxílio do raciocínio, concluindo, da

simples, semelhança de certos traços, pela identidade da pessoa. Não sei o que o jovem

Fezensac colocara no rosto, mas, enquanto outros tinham embranquecido, este tinha

metade da barba, outro apenas os bigodes, ele, sem se incomodar com as tintura achara

um meio de cobrir a face de rugas, as sobrelhas de pêlos eriçados, e tudo isso, aliás,

não lhe ficava bem, pois o rosto dava a impressão de ser rígido, brônzeado, solene,

envelhecendo-o de tal maneira que nem parecia um rapaz. No mesmo instante, fiquei bem

mais espantado ao ouvir chamarem duque de Châtel erault ao velhote de bigodes prateados

de embaixador, em que apenas o modo de olhar, sempre o mesmo, permitiu-me reconhecer

o rapaz que eu encontrara certa vez visitando a Sra. de Vil eparisis. À primeira pessoa que,

dessa forma, logrei identificar, buscando fazer abstração do disfarce e completar as feições

naturais num esforço de memória, meu primeiro impulso deveria ter sido (e certamente o foi

talvez por menos de um segundo) felicitá-la por se ter tão maravilhosamente caracterizado

que, à primeira vista, antes de ser reconhecida, causava a mesma hesitação) que os

grandes atores, surgindo num papel em que são diferentes de si próprios; dão, ao entrarem

em cena, ao público, que, mesmo prevenido pelo programa permanece por um instante

assombrado antes de romper em aplausos.

Sob tal aspecto, o mais extraordinário de todos era o meu inimigo pessoal o Sr. de

Argencourt, a verdadeira atração da vespéral. Não somente, em lugar de seu queixo a barba

apenas grisalha, se cobrira com uma incrível barba de brancura extraordinária, mas também

(de tal modo as pequeninas mudanças materiais podem encolher ou tornar mais corpulenta

uma pessoa, e mais ainda, mudar seu caráter aparente na sua personalidade) transformava

num velho mendigo, que já não inspirava nenhum respeito, esse homem cujo ar solene,

cujas atitudes rígidas e engomadas ainda estavam bem presentes na minha memória,

conferindo tamanha verossimilhança à sua pessoa de velho caduco que os membros lhe

tremiam, e os traços frouxos de sua fisionomia normalmente ativa não

cessavam de sorrir

numa beatitude simplória. Levada a esse grau, a arte do disfarce torna-se algo mais,

confunde-se com uma transformação completa da personalidade. De fato, embora alguns

detalhes confirmassem que era mesmo o Sr. de Argencourt que dava esse espetáculo

inenarrável e pitoresco, quantos estágios sucessivos desse rosto não precisaria eu atravessar se quisesse recuperar o do Argencourt que havia conhecido, e que era tão

diverso de si mesmo, tendo à sua disposição apenas o seu próprio corpo! Era,

evidentemente, o último limite a que poderia levá-lo, sem matar-se; o rosto mais orgulhoso,

o mais galhardo porte não passavam de um andrajo pastoso agitado aqui e ali. Ao lembrar

certos sorrisos de Argencourt, que outrora temperavam às vezes, por um momento, a sua

altivez, mal podia encontrar, no Argencourt de agora, aquele que eu vira tantas vezes, mal

podia compreender a possibilidade da existência desse sorriso embotado de velho negociante de roupas usadas no *gentleman* correto de antigamente. Mas ainda que

emprestasse a mesma intenção antiga ao sorriso do Sr. de Argencourt, a própria substância

dos olhos, pelos quais a exprimia, era de tal modo diversa por causa da prodigiosa transformação do rosto, que a expressão se tornava outra, e até de outro. Tive um

acesso de riso diante desse gagá sublime, tão quebrantado em sua benévola

autocaricatura

como também, no sentido trágico, o Sr. de Charlus hemiplégico e cortês. O Sr. de Argencourt, em sua encarnação de moribundo bufão de um Regnard exagerado por

Labiche, era tão acessível e afável como o Sr. de Charlus no papel de rei Lear, descobrindo-

se aplicadamente diante de qualquer João-ninguém. Não tive a idéia, entretanto, de lhe

externar minha admiração pelo espetáculo extraordinário que oferecia. Não foi minha velha

antipatia que me impediu de fazê-lo, pois exatamente por mostrar-se tão diverso de si

mesmo é que eu tinha a ilusão de estar diante de outra pessoa, tão benévola, tão

desarmada, tão inofensiva quanto o Argencourt costumeiro era arrogante, hostil e perigoso.

De tal modo me parecia outra pessoa que, ao contemplar esse personagem inefavelmente

careteiro, cômico e branco, esse boneco de neve a simular um general Durakine regredido à

infância pela velhice, imaginei que o ser humano podia sofrer metamorfoses tão completas

como as de certos insetos. Tinha a impressão de olhar por detrás da vidraça instrutiva de

um museu de História Natural a evolução sofrida pelo mais rápido e nítido dos insetos, e não

podia, diante dessa mole crisálida, antes vibrátil que movediça, experimentar de novo os

sentimentos que sempre me haviam inspirado o Sr. de Argencourt. Porém calei-me, não

felicitei o Sr. de Argencourt por oferecer um espetáculo que parecia ampliar os limites em

que podem ocorrer as transformações do corpo humano.

É claro que, nos bastidores do teatro ou durante um baile à fantasia, antes somos levados, por polidez, a exagerar a dificuldade e quase a afirmar ser impossível reconhecer a

pessoa fantasiada. Aqui, pelo contrário, o instinto me advertira no sentido de dissimulá-las

ao máximo; sentia que nada tinham de lisonjeiro, pois a transformação não fora intencional,

e percebia enfim (no que não pensara eu entrar naquele salão) que toda festa, ainda a mais

singela, nos causa, quando ocorre muito tempo depois que deixamos de freqüentar a

sociedade e mesmo que reúna poucas pessoas das que conhecêramos outrora, o efeito de

uma festa à fantasia, extremamente bem organizada, aquela em que somos mais sinceramente surpreendidos pelos outros, mas onde essas cabeças, que se formam

lentamente sem querer, não se deixam desfazer em abluções, tão logo terminada a festa.

Surpreendido pelos outros? Ai de mim, surpreendo-os também. Pois a mesma dificuldade

que eu sentia em dar o nome correto a esses rostos, parecia compartilhada por todas as

pessoas que, avistando o meu, não lhe prestavam atenção como se jamais o houvessem

visto, ou tentavam resgatar do aspecto atual uma recordação diferente.

Se o Sr. de Argencourt acabava de realizar esse "número" extraordinário que, em seu estilo burlesco, certamente era a visão de maior sucesso que dele conservaria, fazia-o

como um ator que retorna uma última vez à cena antes que o pano caia em definitivo em

meio às gargalhadas. Se já não lhe queria mal, era porque nele, que reencontrara a

inocência da infância, não existia mais qualquer lembrança das opiniões desdenhosas que

pudera ter a meu respeito, nenhuma recordação de ter visto o Sr. de Charlus me largar

bruscamente o braço, ou porque nada mais lhe restasse de tais sentimentos, ou porque,

para chegar até nós, estes fossem obrigados a passar através de refratores físicos tão

deformantes que, passagem, mudavam completamente de sentido, e o Sr. de Argencourt

parecia, bom, à falta de meios físicos para exprimir que ainda era mau e para reprimir sua

perpétua hilaridade compulsiva. Terá sido excessiva a comparação com um ator, destituído

como estava de toda alma consciente, era como um boneco trepidante com barba postiça

de lã branca, que eu o via agitado, passeando pelo salão como num teatro de fantoches a

um tempo científico e filosófico, onde servia, como numa oração fúnebre ou num curso da

Sorbonne, ao mesmo tempo de advertência vaidade de todos e de exemplo de história

natural. Um teatro de fantoches, onde, para se identificarem as pessoas conhecidas, fazia-

se necessário decifrar, a um só tempo, vários planos situados por detrás delas, e que lhes

conferiam profundidade, obrigando a um trabalho mental, devia-se ver esses velhos

fantoches tanto com os olhos quanto com a memória; um teatro de fantoches banhados nas

cores imateriais dos anos, exteriorizando Tempo, o Tempo que de hábito é invisível, que,

para deixar de sê-lo, procura cor e, onde quer que os encontre, deles se apodera a fim de

mostrar, acima deles, a lanterna mágica. Tão imaterial como outrora Golo na maçaneta da

porta de um quarto em Combray, assim o novo e tão irreconhecível Argencourt ali estava

com a revelação do Tempo, que ele tornava parcialmente visível. Nos novos elementos que

lhe compunham o rosto e a personagem, lia-se um certo número em que reconhecia a figura

simbólica da vida não tal qual nos aparece, isto é, permanente, mas real, atmosfera tão

mutável que o altivo senhor nela se projeta, à noite, como uma caricatura, como um

negociante de roupas usadas.

Em outras criaturas, aliás, tais mudanças, verdadeiras alienações, pareciam deixar o

domínio da História Natural, e eu me espantava ao ouvir um nome que uma mesma pessoa

pudesse apresentar, não como o Sr. de Argencourt, os traços de uma nova espécie

diferente, mas os sinais exteriores de outro caráter. Eram, sem dúvida, como no caso do Sr.

de Argencourt, possibilidades insuspeitadas que o tempo extraíra de certa jovem; mas tais

possibilidades, conquanto fossem todas fisiognômicas ou corpóreas, pareciam ter algo de

moral. As feições do rosto, mudam-se, se se combinam de modo diverso, se se contraem

como de costume, porém com maior lentidão, assumem significado diferente em outro

aspecto. De modo que, em determinada mulher, que tínhamos conhecido acanhada e seca,

um alargamento das faces agora irreconhecíveis, uma imprevista curvatura do nariz,

causavam a mesma surpresa, muitas vezes a mesma boa surpresa que certa palavra

sensível e profunda, certo ato nobre e corajoso que jamais esperaríamos da parte dela. Em

torno desse novo nariz, víamos abrirem-se os horizontes que não tínhamos ousado admitir.

A bondade e a ternura, outrora impossíveis, tornavam-se bem prováveis com as novas

faces. Podíamos fazer ouvir, diante desse queixo, o que nunca teríamos tido a idéia de ler

diante do anterior.

Todos esses traços novos da fisionomia implicavam outros tantos de caráter, a moça

magra e ríspida se tornara uma corpulenta e indulgente matrona. Não mais num sentido

zoológico, como no caso do Sr. de Argencourt, e sim num sentido social e moral, é que se

podia dizer que se tratava de outra pessoa. Por todos esses motivos, uma vespéral como

esta em que me achava era algo bem mais precioso que uma imagem do passado, e me

oferecia todas as imagens sucessivas, e que jamais vira, que separavam o passado do

presente; melhor até, a relação existente entre o presente e o passado. Era como o que se

denominava outrora um "panorama", mas um panorama dos anos, a visão não de um

momento mas de uma pessoa situada na perspectiva deformante do Tempo.

Quanto à mulher de quem o Sr. de Argencourt fora amante, não havia mudado muito,

se se levasse em conta o tempo decorrido. Ou seja, seu rosto não fora totalmente demolido

para uma criatura que se vai deformando ao longo do trajeto no abismo em que foi lançada,

abismo cuja direção só conseguimos exprimir através de comparações igualmente vãs, já

que apenas podemos torná-las de empréstimo ao mundo do espaço, e que, orientadas seja

no sentido da elevação, seja no do comprimento ou da profundidade, têm como única

vantagem nos fazer sentir que essa dimensão inconcebível e sensível existe. A necessidade

para dar um nome às figuras de remontar efetivamente o curso dos anos, obrigava-me,

como reação, a restabelecer em seguida, dando-lhes o lugar verdadeiro, os anos em que

não havia pensado. Sob este aspecto, e para não me deixar iludir pela identidade aparente

do espaço, a imagem totalmente nova de uma pessoa como o Sr. de Argencourt era para

min uma revelação impressionante dessa realidade do milésimo, que de costume nos

permanece abstrata, assim como o surgimento de certas árvores anãs ou de baobás

gigantes nos adverte da mudança de meridiano.

Então a vida nos parece uma féerie onde vemos, de ato em ato, o neném tornar-se

adolescente, homem maduro, e curvar-se para o túmulo. E sendo através de mudanças

permanentes que percebemos que tais criaturas, observadas a intervalos demasiado

grandes, são tão diversas, verificamos ter seguido a mesma lei dessas criaturas, que se

transformaram de tal maneira que já não se assemelham ao que foram outrora, sem ter

deixado de sê-lo, justo por não terem deixado de sê-lo.

Uma jovem que eu conhecera antigamente, agora de cabelos brancos e reduzida a

uma velha feiticeira, parecia indicar ser necessário que, no divertimento final de uma peça,

as personagens se travestissem a ponto de não serem reconhecidas. Mas seu

irmão

permanecia tão aprumado, tão semelhante ao que fora, que espantava, no rosto jovem, ver

inteiramente brancos os retorcidos bigodes. As partes brancas das barbas, até então

completamente negras, tornavam melancólica a paisagem humana desta vespéral, assim

como as primeiras folhas amarelas das árvores, quando ainda julgávamos poder contar com

um prolongado verão, mostram-nos que antes de principiar a desfrutá-lo já estamos no

outono. Desse modo, eu, que desde a infância, vivendo só do momento presente e tendo

aliás recebido dos outros e de mim mesmo uma impressão definitiva, percebi pela primeira

vez, segundo as metamorfoses que se haviam produzido em todas essas pessoas, o tempo

que para elas transcorrera, o que me perturbou pela revelação de que ele também para mim

passara. E indiferente em si mesma, sua velhice me deixava desolado por me advertir da

aproximação da minha. Esta, aliás, me foi proclamada de maneira sucessiva, por palavras

que, com poucos minutos de intervalo, vieram ferir-me como as trombetas do Juízo Final. A

primeira foi pronunciada pela duquesa de Guermantes; acabava de avistá-la passando por

uma dupla fila de curiosos que, sem se darem conta dos maravilhosos artifícios de vestuário

e de estética que agiam sobre eles, deixavam-se emocionar pela cabeleira ruiva, pelo colo

cor de salmão que mal emergia das aladas rendas negras, apertado por colares, coberto de

jóias, contemplando-lhe as linhas hereditariamente sinuosas, como o teriam feito a um velho

peixe sagrado no qual se encarnasse o gênio protetor da família dos Guermantes.

- Ah - disse ela -, que alegria em vê-lo. Você é o meu mais velho amigo. -

E na minha presunção de rapazinho de Combray, que jamais imaginara poder ser

um de seus amigos, nem participar realmente da verdadeira vida misteriosa que se levava

na casa dos Guermantes, ser um de seus amigos como o Sr. de Bréauté, o Sr. de

Forestel e, ou como Swann, todos já falecidos, deveria me sentir lisonjeado, mas fiquei

triste. "Seu mais velho amigo, diz ela", murmurei comigo. "Está exagerando; talvez um dos

mais velhos; mas então..." Neste momento, aproximou-se um sobrinho do príncipe:

- Você que é um velho parisiense - disse ele.

Logo a seguir entregaram-me um bilhete. Ao chegar, encontrara o jovem Létourvil e,

cujo parentesco com a duquesa não sabia bem qual fosse, mas que me conhecia

ligeiramente. Acabava de sair de Saint-Cyr, e, pensando que seria para mim um bom

companheiro, como o fora Saint-Loup, e poderia iniciar-se nas coisas do exército, com as

mudanças que ele havia sofrido, dissera-lhe que logo voltaria a encontrá-lo e

marcaríamos

um encontro para jantar juntos, o que ele muito me agradeceu. Mas eu ficara tempo demais

a devanear na biblioteca e o bilhete que me mandara, avisando-me que não tinha podido

esperar, era para deixar o seu endereço. A carta do suposto companheiro terminava assim:

"Com todo o respeito do seu jovem amigo, Létourvil e." "Jovem amigo!" Era assim que

outrora eu escrevia às pessoas trinta anos mais velhas, a Legrandin por exemplo. Quê!

Esse subtenente que se me afigurara meu companheiro, como Saint-Loup, dizia-se meu

jovem amigo. Mas então não haviam mudado apenas os métodos militares, e assim, para

Létourvil e, eu era, não um companheiro, mas um velho senhor; e do Sr. de Létourvil e,

portanto, em cuja companhia me imaginava tal qual via a mim mesmo, um bom companheiro, estava separado pela abertura de um compasso invisível, no qual nunca

pensara, e que me colocava tão longe do jovem subtenente que, para este, que se dizia

"meu jovem amigo", eu era um velho!

Quase logo depois alguém falou de Bloch, e indaguei se se tratava do filho ou do pai

(pois ignorava a morte deste, durante a guerra, de emoção, segundo me disseram, por ver a

França invadida).

- Não sabia que tinha filhos, nem que fosse casado - disse-me o príncipe. - Mas evidentemente é do pai que estamos falando, pois já não é um homem novo - acrescentou

rindo. - Poderia ter filhos já adultos. - E compreendi que se tratava do meu companheiro. E,

de resto, ele entrou após um instante. De fato, no rosto de Bloch, vi superporem-se a

fisionomia frágil e opiniática, as débeis inclinações de cabeça que logo encontram seu ponto

de encaixe, e onde eu teria notado a doura fadiga dos velhos amáveis, se, por outro lado,

não reconhecesse diante de mim o meu amigo e se minhas lembranças não o animassem

desse ardor juvenil e ininterrupto do qual parecia agora desprovido. Para mim, que o

conhecera no limiar da vida e jamais deixara de o ver, ele era meu camarada, um

adolescente cuja mocidade eu media pela que, esquecido de ter vivido desde então,

inconscientemente a mim mesmo atribuía. Ouvi dizer que tinha a idade que aparentava, e

espantou-me notar em seu rosto alguns sinais que são próprios dos homens velhos.

Compreendi que de fato envelhecera, e que a vida produz seus velhos com os adolescentes

cujas existência se prolonga.

Como alguém, ouvindo dizer que eu estava adoentado, perguntasse se eu não receava pegar a gripe que grassava por essa época, um outro, bondosamente, me

tranqüilizou dizendo: "Não, ela atinge sobretudo as pessoas ainda jovens. As de sua idade

não correm muito risco." E me garantiram que os criados me haviam reconhecido

perfeitamente. Tinham sussurrado o meu nome, e até, "em sua linguagem", contou uma

senhora, ela os ouvira dizer: "Eis o pai" (esta expressão fora seguida pelo meu nome). E

como eu não tivesse filhos, tal expressão só podia referir-se à idade.

- Como, se conheci o marechal? - disse-me a duquesa. - Mas conheci pessoas muito

mais representativas: a duquesa de Gal iera, Pauline de Périgord, Monsenhor Dupanloup.

Ao ouvi-la, ingenuamente lamentei não ter conhecido o que ela denominava "um resto do antigo regime". Deveria ter pensado que o que chamamos "antigo regime" é aquele

de que só pudemos conhecer o fim; é desse modo que o que vislumbramos no horizonte

adquire misteriosa grandeza e se nos afigura cerrar-se sobre um mundo que não mais

veremos; contudo, o horizonte recria, e o mundo, que parecia findo, recomeça a existir.

- Cheguei mesmo a ver, quando mocinha, - a duquesa de Dino acrescentou à Sra. de

Guermantes. - Ora, você sabe que já não tenho vinte e cinco anos. - Tais palavras me

aborreceram: "Não deveria ter dito isto, parece coisa de mulher velha."

E logo pensei que, de fato, ela era uma mulher velha.

- Quanto a você - prosseguiu a duquesa -, está sempre o mesmo. Sim – afirmou -
você é assombroso, permanece jovem sempre-expressão bastante melancólica,
pois só não

carece de sentido se de fato, senão na aparência, estivermos velhos. E ela me
assestou o

golpe de misericórdia:

- Sempre lamentei que não se tivesse casado. Mas no fundo, quem sabe, talvez
tenha sido melhor assim? Você já teria filhos na guerra e, se fossem mortos,
como o pobre

Robert (ainda penso muito nele), sensível como é, não lhes teria sobrevivido. -

Pude contemplar-me, como ao primeiro espelho verídico que encontrasse, nos
olhos

dos velhos que se achavam jovens, como eu próprio me achava, e que, quando
me

proclamava velho para ouvir um desmentido, com um exemplo de velho, não
mostravam o

menor protesto em seus olhos que me viam tal como não se viam a si mesmos,
porém como

eu os via. Pois não vemos nosso próprio aspecto, nossa própria idade, mas cada
um, como

um espelho, exibia os dos outros. E, sem dúvida, ao se descobrirem envelhecidas,
poucas

pessoas ficariam tão tristes com eu. Mas, em primeiro lugar, acontece com a
velhice o

mesmo que com a morte; alguns a enfrentam com indiferença, não porque
sejam mais

corajosos que os outros, mas por terem menos imaginação. Além disso, o
homem que

desde a infância visa a um só objetivo, a que a preguiça e mesmo o estado de saúde,

fazendo-o adiar interminavelmente suas realizações, anula a cada noite o dia passado e

perdido, embora a doença que apressa o envelhecimento do corpo retarde o do espírito,

este homem, ao ver que não cessou de viver no Tempo, mostra-se mais surpreso e

perturbado do que quem, menos ensimesmado, regula-se pelo calendário e não descobre,

de repente, o total dos anos cuja adição diariamente fora fazendo. Mas um motivo mais

grave explicava a minha angústia; descobria a ação destruidora do Tempo justo no

momento em que desejava empenhar-me por tornar claras, intelectualizando-as numa obra

de arte, realidades extratemporais.

Em alguns indivíduos, a substituição contínua, mas cumprida em minha ausência, de

cada célula por outras, conduzia a uma alteração de tal modo completa, a uma tão inteira

metamorfose, que eu poderia jantar cem vezes com eles num restaurante sem suspeitar

havê-los conhecido um dia, assim como não adivinharia a realeza de um soberano incógnito

ou o vício de um estranho. A comparação até se torna inexata caso ouvisse os seus nomes,

pois pode-se admitir que um desconhecido sentado à nossa frente seja rei ou criminoso, ao

passo que aqueles, eu os conhecera, ou melhor, havia conhecido pessoas que usavam o

mesmo nome, porém tão diversas, que não podia crer fossem as mesmas. No entanto,

como o faria ao aceitar a idéia de soberania ou de vício, que não demora a dar novas

feições ao desconhecido com o qual, quando ignorasse ainda a verdadeira personalidade,

cometeria a gafe de ser insolente ou amável em cujos traços discernimos agora algo de

notável ou de suspeito, empenhava-me em introduzir no rosto da desconhecida, totalmente

estranha, a idéia de que ela era a Sra. Sazerat, e acabava por restabelecer o sentido,

outrora familiar, desse rosto, mas que permanecera verdadeiramente alheio para mim,

sendo a tal ponto o de outra pessoa, que se despisse de todos os atributos humanos, como

um homem transformado em macaco, se o nome e a afirmação da identidade não me

pussem, apesar das dificuldades do problema, no caminho da solução. Às vezes,

entretanto, a imagem antiga renascia com suficiente precisão para que eu pudesse tentar

um confronto; e, como uma testemunha levada à presença do acusado a quem vira, eu me

sentia forçado a dizer, de tão grande era a diferença:

- Não, não a reconheço.

Gilberte de Saint-Loup me disse:

- Quer ir jantar a sós comigo num restaurante?-

Como eu respondesse:

- Se não achar comprometedor jantar sozinha com um rapaz - percebi que todos a

meu redor estavam rindo, e apressei-me a corrigir: -, ou melhor, com um homem velho. -

Senti que a frase que provocara o riso era dessas que, falando de mim, poderia dizer

minha mãe, para quem eu continuava a ser uma criança. Pois percebia que, para julgar-me,

colocava-me no mesmo ponto de vista dela. Se acabara por registrar, como ela, algumas

alterações ocorridas desde a primeira infância, ainda assim tratava-se de alterações agora

bastante antigas. Detivera-me naquele de quem se dizia em certa ocasião,

antecipadamente: "Já está quase um rapaz." Assim o imaginava ainda, mas desta vez com

muito atraso. Nem me dava conta de quanto havia mudado. Mas na verdade, eles, que

acabavam de rir às gargalhadas, onde notavam essa mudança? Eu não tinha cabelo

grisalho, meu bigode era preto. Gostaria de poder perguntar-lhes em que se revelava a

evidência dessa coisa terrível.

E agora compreendia o que era a velhice a velhice que, de todas as realidades, é

talvez aquela de que guardamos por mais tempo na vida uma noção puramente abstrata,

observando os calendários datando nossas cartas, vendo se casarem nossos

amigos, e os

filhos de nossos amigos, sem compreender, por medo ou por preguiça, o que significa tudo

isso até o dia em que avistamos uma silhueta estranha, como a do Sr. de Argencourt, a qual

nos informa que vivemos num mundo novo; até o dia em que o neto de nossas amigas,

rapaz que instintivamente trataríamos como a um camarada, sorri como se zombássemos

dele, nós que poderíamos ser seu avô; compreendia o que significava a morte, o amor, as

alegrias do espírito, a utilidade da dor, a vocação etc. Pois, se os nomes haviam perdido

para mim a sua individualidade, as palavras não desvendavam todo o seu sentido. A beleza

das imagens está situada por detrás das coisas, a das idéias na frente. De modo que a

primeira deixa de nos maravilhar quando atingimos estas, mas só compreendemos a

segunda quando as ultrapassamos.

Sem dúvida, a descoberta cruel que acabava de fazer só poderia me servir no que se

referisse ao assunto mesmo de meu livro. Visto haver decidido que essa matéria não podia

ser constituída exclusivamente pelas impressões autenticamente plenas, as que estão fora

do tempo, teriam destaque, entre as verdades em que as engastaria, aquelas que se

relacionam com o tempo - o tempo em que mergulham e se modificam os

homens, as

sociedades e as nações. Não cuidaria somente das alterações sofridas pelo aspecto dos

seres, e das quais tinha novos exemplos a cada instante, pois, pensando sempre na minha

obra, definitivamente posta em andamento, o bastante para não se deixar deter por

distrações passageiras, continuava a cumprimentar as pessoas conhecidas e a conversar

com elas. Aliás, o envelhecimento não se assinalava para todos de maneira análoga. Vi

alguém que perguntava o meu nome disseram-me que se tratava do Sr. de Cambremer. E

então, para mostrar que me reconhecera, indagou:

- Ainda tem acessos de asma?-

E diante da minha resposta afirmativa:

- Verá que isso não vai lhe impedir a longevidade -, disse, como se eu fosse

verdadeiramente centenário. Eu lhe falava com os olhos presos em dois ou três traços que

procurava mentalmente enquadrar na síntese de recordações de que divergia todo o resto

de minhas lembranças, a que eu chamava de sua pessoa. Mas por um momento ele virou

ligeiramente a cabeça. E então verifiquei que se tornara irreconhecível devido ao acréscimo

de enormes bolsas vermelhas nas faces, que o impediam de abrir completamente a boca e

os olhos; mostrei-me perplexo, não ousando encarar esse tipo de antraz, pois me

parecia

mais conveniente que ele próprio me falasse primeiro a respeito. Mas como um enfermo

corajoso, ele ria, não fazendo qualquer alusão ao mal, e eu receava parecer impiedoso se

não lhe perguntasse, e de mostrar falta de tato caso indagasse de que sofria.

- Mas, com a idade, não lhe vêm mais raramente? - perguntou-me, continuando a

falar das sufocações.

Disse-lhe que não.

- Ah, pois minha irmã tem melhorado muito - redargüiu em tom de contradição, como

se em nossos casos não se pudesse passar diversamente, e como se a idade fosse um

desses remédios que ele não admitia serem insalubres para mim quando tinham causado

tanto bem à Sra. de Gaucourt.

Tendo se aproximado a Sra. de Cambremer-Legrandin, eu cada vez mais receava

parecer insensível por não deplorar o que verificava no rosto de seu marido; contudo não

ousava tocar primeiro no assunto.

- Está contente em vê-lo? - indagou ela.

- Ele está bem? - indaguei num tom de incerteza.

- Ora, meu Deus, nada mal, como vê. -

Não percebera o mal que me ofuscava e que não era mais que uma dessas

máscaras que o Tempo havia aplicado ao rosto do marquês, mas aos pouquinhos,

inchando-o tão vagarosamente que a marquesa nada vira. Quando o Sr. de Cambremer

terminou as perguntas acerca de minhas sufocações, foi minha vez de informar-me, bem

baixinho, junto a alguém, se ainda vivia a mãe do marquês.

De fato, na apreciação do tempo decorrido, só custa o primeiro passo. A princípio,

fazemos grande esforço para imaginar tanto tempo passado e, a seguir, que não se tenha

passado mais ainda. Jamais teríamos imaginado que o século XIII fosse tão longínquo, e

depois mal poderíamos acreditar que ainda existam igrejas dessa época, que no entanto

são bem numerosas na França. Em poucos instantes, fizera-se em mim o trabalho mais

lento que se opera naqueles que, mal podendo compreender que uma pessoa que conheceram jovem já tenha sessenta anos, não chegam a capacitar-se, passados mais

quinze anos, ao saberem que vive ainda, de que esteja com setenta e cinco. Perguntei ao

Sr. de Cambremer como ia a sua mãe.

- Ela é sempre admirável - respondeu-me, empregando um adjetivo que, por

oposição às tribos em que se trata impiedosamente os pais idosos, aplica-se, em certas

famílias, aos velhos nos quais o uso das faculdades físicas, como ouvir, ir a pé à missa e

suportar sem qualquer mágoa os lutos, adquire, aos olhos dos filhos, uma aura de extraordinária beleza moral.

Outros, cujo rosto permanecia intacto, pareciam constrangidos apenas quando precisavam caminhar; a princípio, davam a impressão de sofrer das pernas; e só depois se

percebia que a velhice lhes pregara solas de chumbo. A idade embelezava alguns, como o

príncipe de Agrigento. Ao homem comprido, magro, de olhar embaciado, de cabelos que

pareciam dever ficar eternamente arruivados, sucedera-se, por uma metamorfose análoga à

dos insetos, um velhote em quem os cabelos avermelhados, visto há tempos, tinham sido

substituídos, como um tapete por demais usado, por cabelos brancos. Seu peito assumira

uma corpulência desconhecida, robusta, quase guerreira, e que deveria ter necessitado de

um verdadeiro estouro da frágil crisálida que eu conhecera; uma gravidade consciente de si

mesma banhava os olhos, onde se lia uma nova benevolência, estendida a todos. E como,

apesar de tudo, persistisse uma certa semelhança entre o poderoso príncipe atual e o

retrato que minha lembrança conservava, maravilhei-me com a força de renovação original

do Tempo, que, sempre respeitando a unidade do ser e as leis da vida, sabe mudar o

cenário dessa maneira e introduzir violentos contrastes em dois aspectos sucessivos de

uma mesma personagem. Pois muitas dessas pessoas são imediatamente identificadas,

porém como retratos extremamente ruins delas mesmas, unidos numa exposição em que

um artista irregular e mal-intencionado, mal reconhece as feições de um, retira o frescor da

tez ou a leveza do talhe desta, entristece outro; endurece o seu olhar. Comparando essas

imagens às que estavam sob os olhos de memória, gostava menos das que me eram

mostradas por último. Assim, várias vezes achamos menos boa, e a recusamos, uma das

fotografias que comigo não dá para escolher. Da mesma forma, a cada pessoa, e diante da

fotografia diz:

- Não, esta não, você não esta bem - que mais me mostrava de si mesma, desejaria

dizer a imagem nela, nem parece sua." Não teria coragem de acrescentar: "Em vez do seu

está de nariz reto, pintaram-lhe o nariz adunco de seu pai, que você nunca teve." E, de belo

era um nariz novo e familiar. Numa palavra, o artista, o Tempo, "modificara" de fato, os

modelos de tal forma que eles eram reconhecíveis, mas não parecidos; se não tivesse

favorecido, mas porque os envelhecera. Aliás, esse artista vai trabalhar com enorme

lentidão.

Assim, a réplica do rosto de Odette, de que vislumbrara no esboço recém-começado

no rosto de Gilberte, no dia em que vira Bergotte trabalhar pela primeira vez, o

Tempo afinal

o levava à mais perfeita semelhança, como esses pelas que vão trabalhando numa obra

lentamente, completando-a ano após ano o que pintam. Se algumas mulheres confessavam

a sua velhice ao se maquilarem, ao contrário, surgia pela ausência de maquiagem em

certos homens era a velhice que eu nunca havia reparado, e que mesmo assim me

pareciam bem mudar; cujo aspecto de que, tendo desanimado de tentar agradar, haviam

deixado de enfeitar-se, dos quais contava-se Legrandin. A supressão do tom róseo, que eu

jamaiz julgara nos lábios e das faces conferia-lhe ao rosto a aparência acinzentada e

edificavam uma escultural da pedra, cinzelando-lhe as feições compridas e tristonhas como

das de certos deuses egípcios. Deuses? Antes fantasmas. Perdera não mais a coragem de

se pintar mas de sorrir, de fazer os olhos brilharem, de pronunciar apenas discursos

engenhosos. Assombrava vê-lo tão pálido, abatido, só pronunciar palavras insignificantes

como as dos mortos que se evocam. Procurei separar o se questiona diante do "duplo"

insignificante de um homem brilhante ao qual um médium todavia faz perguntas que se

prestariam a um desenvolvimento do brincalhão, que motivo o impedia de ser animado,

eloqüente, charmoso; imbuído de que esse motivo, que substituíra o Legrandin colorido e

rápido por um melancólico fantasma, era a velhice.

Em vários outros eu acabava por reconhecer, não só eles próprios como eram antigamente. Por exemplo, Ski, não mais alterado que uma flor, astuto e seco. Era um

esboço informe, confirmando minhas teorias sobre uns sendo mundanos, não eram de

modo algum amadores. Mas também a velhice não havia amadurecido, e mesmo envoltos

no primeiro círculo estivessem -e por um arco de cabelos brancos, seus rostos rosados

mantinham ar dos dezoito anos. Não eram velhos, e sim rapazes de dezoito anos extremamente murchos. Pouco bastaria para apagar esse desbotamento da vida e a morte

lhes devolveria ao semblante a juventude tão facilmente como se limpa um quadro do qual

só um pouco de sujeira impede que brilhe como antes. Assim, pensava na ilusão que nos

engana a todos quando, ouvindo falar de um velho célebre, fiamo-nos previamente de sua

bondade, sua justiça, sua doçura de alma; pois eu sentia que, quarenta anos antes, eles

havam sido rapazes terríveis, cuja vaidade, velhacaria, soberba e astúcia, nada permitia

supor que não houvessem conservado. E todavia, em completo contraste com esses, tive a

surpresa de conversar com homens e mulheres outrora insuportáveis, e que haviam perdido

quase todos os seus defeitos, talvez porque a vida, frustrando ou realizando seus desejos,

lhes extinguisse a pretensão ou a amargura. Um casamento rico, que torna desnecessária a

luta pela sobrevivência ou a ostentação, a própria influência da mulher, o conhecimento

lentamente adquirido de valores outros que aqueles em que acredita uma juventude frívola,

permitiram-lhes suavizar o caráter, demonstrar suas qualidades. Envelhecendo, pareciam

ganhar uma nova personalidade, como as árvores em que o outono, variando-lhes as cores,

parece mudar-lhes a essência. Neles a velhice manifestava-se de fato, mas como algo

moral. Em outros, ela era acima de tudo física, e tão nova que a pessoa (a Sra. d'Arpajon,

por exemplo) parecia-me a um tempo conhecida e desconhecida. Desconhecida, pois era-

me impossível suspeitar que se tratasse dela, e não obstante não pude, ao responder ao

seu cumprimento, deixar de manifestar o trabalho do espírito que me fazia hesitar entre três

ou quatro pessoas (entre as quais não contava a Sra. d'Arpajon) para saber a quem

cumprimentava, com um ardor que aliás deve tê-la espantado, pois sem dúvida, receando

mostrar-me excessivamente frio, caso se tratasse de uma amiga íntima, compensara a

incerteza do olhar com o calor do aperto de mão e do sorriso. Mas, por outro lado, seu novo

aspecto não me era desconhecido. Era o que eu vira muitas vezes no decorrer da minha

vida em mulheres idosas e corpulentas, mas sem suspeitar então que elas pudessem ter

sido, muitos anos antes, parecidas com a Sra. d'Arpajon. Tal aspecto era tão diverso do que

eu conhecera na marquesa, que se diria ser ela uma criatura condenada, como uma

personagem de contos de fadas, a aparecer primeiro como uma mocinha, e depois feito

uma espessa matrona, e que certamente se transformaria logo numa velha trêmula e

encurvada. Como uma nadadora pesadona que não vê mais a margem senão a grande

distância, ela parecia repelir com esforço as vagas do tempo que a submergiam. Aos

poucos, todavia, à força de contemplar seu rosto vacilante, incerto como uma memória infiel

que já não consegue reter as formas de outrora, cheguei a recuperar alguma coisa entregar

ao jogo de eliminar os quadrados e hexágonos que a idade acrescentara às suas faces.

Além disso, o que a idade mesclara a essas mulheres nem sempre eram suas puras

geométricas. Nas faces da duquesa de Guermantes, entretanto, de tal modo eram parecidas

com o que haviam sido, e no entanto agora heterogêneas como um papagaio, distingui

traços azinhavrados, um pedacinho róseo de concha triturada, na excrescência mal definida,

menor que uma bolinha de visco e menos transparente que uma conta de vidro.

Certos homens coxeavam, e logo se via que aquilo não resultara de um acidente de

carro, e sim de um primeiro ataque, pois eles já tinham, como se diz, um pé na sepultura. Da

sua, entreaberta, algumas mulheres, meio paráliticas, pareciam não poder retirar completamente o vestido, que ficara preso à lápide do túmulo e, não capazes de se

aprumarem, inclinadas como estavam, a cabeça baixa, descreviam uma curva que era na

verdade a sua posição atual entre a vida e a morte, antes da última queda. Nada poderia

impedir o movimento dessa parábola que as impelia; quando queriam erguer-se, tremiam

todas, e seus dedos não logravam segurar coisa alguma.

Em alguns homens, os cabelos ainda nem se mostravam brancos. Assim, andando

veio dar um recado ao patrão, reconheci o velho lacaios do príncipe de Guermantes. Os

pêlos ríspidos que lhe eriçavam o rosto e o crânio haviam mantido o tom ruivo tirante a

róseo, e não se podia suspeitá-lo de tingi-los como a duquesa de Guermantes. Mas nem por

isso parecia menos velho. Percebi, apenas, que existe entre os homens, como, no reino

vegetal, entre os musgos, os líquens e outras espécies, alguns que não se alteram com a

aproximação do inverno. Essas mudanças eram, com efeito, habitualmente atávicas, e a

família, às vezes até, sobretudo entre os judeus, a raça se encarregava de anular as que o

tempo fizera ao passar. Além disso, devia eu dizer que tais particularidades morreriam?

Sempre considerara nosso indivíduo, num dado momento do tempo, como um

polipeiro em que o olho, organismo independente embora associado, pisca sem que a

inteligência o comande, se é invadido pela poeira, ou mais ainda, onde no intestino um

parasita oculto infecta sem que a inteligência fique sabendo; e paralelamente, a alma se me

afigurara também, na duração da vida, como uma série de justapostos mas distintos, que

morriam uns após outros ou até se alternavam entre si, como os que, em Combray,

substituíam-se um ao outro, em mim, quando fui para casa a noite. Mas vira igualmente que

essas células morais que compõem um ser são tão mais duradouras que ele. Vira os vícios

e a coragem dos Guermantes retornarem em Saint-Loup, tanto quanto seus próprios

defeitos de caráter, estranhos e efêmeros, - o semitismo de Swann. Podia vê-lo ainda em

Bloch. Havia perdido o pai alguns anos antes e, quando lhe escrevi naquela ocasião, não

podera me responder logo; além dos grandes sentimentos de família que existem muitas

vezes entre os seus, a idéia de que seu pai era um homem de tal modo superior aos demais

pudera dedicar-se a seu amor filial na forma de um culto. Não pudera suportar perdê-lo e

teve de se encerrar durante um ano numa casa de saúde. Respondera às minhas condolências num tom ao mesmo tempo profundamente sentido e quase altaneiro, de tanto

que me julgava digno de inveja por ter privado com pessoa tão importante, cuja carruagem

tirada por dois cavalos teria de bom grado oferecido a um museu histórico. E agora, sentado

à mesa da família, a mesma cólera que animava o pai contra o Sr. Nissim Bernard ele a

externava contra o sogro. As invectivas eram as mesmas. Da mesma forma que, ouvindo

falar Cottard, Brichot, e tantos outros, eu sentira que, pela cultura e pela moda, uma só

ondulação propaga em toda a extensão do espaço as mesmas maneiras de dizer, de

pensar, assim também, em toda a duração do tempo, enormes vagalhões erguem, da

profundeza das idades, as mesmas cóleras, as mesmas tristezas, as mesmas bravatas, as

mesmas manias, através de gerações superpostas, cada corte, efetuado em níveis diversos

da mesma série, oferecendo a repetição, como sombras sobre telas sucessivas, de um

quadro idêntico, embora com frequência menos insignificante, àquele em que se opunham

Bloch e seu sogro, o Sr. Bloch pai e o Sr. Nissim Bernard, e outros que eu não havia

conhecido.

Certos rostos, ocultos sob os cabelos brancos, já mostravam a rigidez e as pálpebras

fechadas dos moribundos, e seus lábios, agitados por um tremor contínuo, pareciam

resmungar a oração dos agonizantes. A um rosto linearmente o mesmo era bastante, para

que parecesse outro, cabelos brancos em vez de negros ou louros. Os figurinistas de teatro

sabem que basta uma peruca empoada para disfarçar perfeitamente uma pessoa e torná-la

irreconhecível. O jovem conde de *** que eu tinha visto no camarote da Sra. de Cambremer,

tenente na ocasião, no dia em que a Sra. de Guermites estava na frisa de sua prima,

conservava sempre seus traços perfeitamente regulares, e mais até, pois a rigidez

fisiológica da arteriosclerose exagerava ainda a retidão impassível da fisionomia do dândi,

emprestando a essas feições a intensa nitidez quase caricata, à força de imobilidade, de um

estudo de Mantegna ou de Michelangelo. A pele, outrora de um vivo tom avermelhado,

mostrava uma solene palidez; os pêlos prateados, a gordura discreta, uma nobreza de doge,

um cansaço que chegava à vontade de dormir, tudo nele concorria para dar a impressão

nova e profética da majestade fatal. Substituindo-se ao retângulo de barba loura, outro igual,

de barba branca, transformava-o tão perfeitamente que, reparando que esse

subtenente que

eu conhecera possuía cinco galões, minha primeira idéia foi felicitá-lo não por ter sido

promovido a coronel, mas por estar tão à vontade na fantasia de coronel, disfarce para o

qual parecia ter tomado emprestado o uniforme e o ar grave e triste do oficial superior que

fora seu pai. Num outro, a barba branca também substituíra a loura; e como o rosto

permanecera vivo, sorridente e jovem, fazendo-o parecer apenas mais vermelho e dando-

lhe mais relevo, aumentava o brilho dos olhos e conferia ao mundano que ficara jovem o ar

inspirado de um profeta.

A transformação que os cabelos brancos e outros elementos ainda haviam operada,

sobretudo nas mulheres, teria me afetado menos se se tratasse unicamente de uma

mudança de colorido, o que pode agradar aos olhos, e não de pessoal, o que desorienta o

espírito. De fato, "reconhecer" alguém e, mais ainda, depois de não ter podido reconhecê-lo,

identificá-lo, é pensar em duas coisas contraditórias em uma só denominação, é admitir que

quem está aqui, a pessoa de quem nos lembramos, já não existe, e a pessoa que aqui está

é uma desconhecida; é ter de pensar em um mistério quase tão perturbador quanto o da

morte, de que, aliás, é o prefácio e o arauto. Pois essas mudanças, sabia eu o que

queriam

dizer, o que preludiavam. Assim essa alvura dos cabelos impressionava nas mulheres,

acrescentando-se a tantas outras modificações.

Diziam-me um nome, e eu ficava estupefato ao vê-lo aplicar-se tanto à loura valsista

que havia conhecido outrora, quanto à dama pesada e de cabelos brancos que se arrastava

junto a mim. Com certo matiz róseo de pele, esse nome era talvez a única coisa existente

em comum entre essas duas mulheres, mais diferentes a da minha memória e a da vespéral

Guermantas, que uma ingênua e uma matrona de teatro. Para que a vida chegasse a dar a

essa valsista semelhante corpo enorme, para poder, como um metrônomo, retardar seus

movimentos confusos, para, mantendo talvez como único elemento comum as faces mais

cheias, é certo, mas que desde a juventude eram já arroxeadas; substituir à loura tão leve

esse velho marechal ventripotente, fora-lhe preciso realizar mais devastações e

reconstruções que para colocar uma cúpula no lugar de uma flecha; e, quando se pensava

que semelhante esforço se operara não sobre a matéria inerte, mas sobre uma carne que só

muda insensivelmente, o contraste assombroso entre a atual aparição e a criatura de que

me lembrava, fazia recuar esta a um passado mais que remoto, quase inverossímil. Tinha

dificuldades em juntar os dois aspectos, em pensar nas duas pessoas sob a mesma

denominação; pois, assim como é difícil imaginar que um morto foi vivo ou que o que era

vivo hoje está morto é quase tão complicado, e do mesmo tipo de dificuldade (pois o

aniquilamento da juventude, a destruição de uma pessoa cheia de forças e de agilidade, já é

um primeiro passo rumo ao nada), quanto conceber que esta que foi jovem hoje é velha,

quando o aspecto dessa velha, justaposto ao da jovem, parece de tal forma excluí-la que,

alternadamente, é a velha, depois a jovem, depois ainda a velha, que parecem um sonho, e

não acreditaria que isto pudesse ter sido alguma vez aquilo, que a matéria daquilo seja ela

mesma que se tivesse, sem refugiar-se em outra parte, tornado isto graças às sábias

manipulações do tempo, que seja a mesma substância, sem ter deixado o mesmo corpo-se

não possuísse o indício como o igual é o testemunho afirmativo dos amigos, ao qual apenas

as rosas das faces, outrora limitadas entre o ouro das espigas, hoje espalhadas sob a neve,

davam uma aparência de verdade.

Aliás, como no caso da neve, o grau de alvura dos cabelos parecia em geral marcar

a extensão do tempo vivido, como esses píncaros montanhosos que, mesmo surgindo aos

olhos à mesma altitude dos demais, revelam todavia o nível dessa altitude pela intensidade

de sua brancura de neve. Entretanto, isto não era correto, sobretudo quanto às mulheres.

Assim, as mechas da princesa de Guermantes que, quando eram grisalhas e brilhantes

como seda pareciam de prata nas fronte arqueadas, tendo adquirido, à força de se

tornarem brancas, uma opacidade de lã e de estopa, por isso, ao contrário, davam a

impressão de ser cinzentas como a neve suja que perdeu o brilho.

E muitas vezes tais dançarinas louras não haviam apenas conquistado, com uma peruca branca, a amizade de duquesas a quem outrora não conheciam. Mas, não tendo

feito então mais que dançar, a arte as havia tocado como a graça. E, como ilustres damas

do século XVII que se encerravam em conventos, elas viviam em apartamentos repletos de

pinturas cubistas, um pintor cubista trabalhando só para elas, que viviam só para ele.

Todavia, os velhos de feições transformadas procuravam reter fixa e permanentemente uma

dessas expressões fugidias que assumem durante um minuto de pose, e com as quais

tentam tirar partido de uma vantagem física ou disfarçar um defeito; davam a impressão de

se tornarem, definitivamente, imutáveis instantâneos de si próprios. Todos tinham levado

tanto tempo para vestir a fantasia que esta em geral passava despercebida

daqueles com

quem conviviam. Muitas vezes se lhes concedia uma dilação, mediante a qual podiam

continuar a ser eles mesmos até bem mais tarde. Mas então o disfarce prorrogado se fazia

com mais pressa; de qualquer modo, era inevitável.

Eu nunca achara semelhança alguma entre a Sra. X... e sua mãe, a quem só

conhecera na velhice, semelhante um pequeno turco atarracado. E, na verdade, sempre

havia conhecido a Sra. X... encantadora e espigada; e por muito tempo, de fato, ela o fora

assim, pois, para uma pessoa que, antes de cair a noite, não deve esquecer-se de vestir a

fantasia de turca, ela se atrasara, tanto que foi de modo precipitado, quase de repente, que

se encolhera para reproduzir fielmente o aspecto de velha turca que a mãe outrora exibira.

Havia homens cujo parentesco com outros eu conhecia, mas sem ter nunca pensado

que possuísem traços comuns; ao admirar o velho ermitão de cabelos brancos em que se

transformara Legrandin, verifiquei de súbito, posso dizer que descobri com satisfação de

zoólogo, na espessura desigual de suas faces, a construção das de seu jovem sobrinho

Léonor de Cambremer, que no entanto não se parecia de modo algum com ele; a esse

primeiro traço em comum, acrescentei um outro que não havia notado nele, e depois outros,

e que não eram nenhum dos que habitualmente me oferecia a síntese de sua mocidade, de

modo que em breve tive dele como que uma caricatura mais verdadeira, mais profunda, do

que se fosse literalmente semelhante; seu tio me parecia agora apenas o jovem Cambremer

assumindo, para se divertir, as aparências do velho que de fato ele haveria de ser um dia, e,

desse modo, o que me dava com tanta força a sensação do tempo decorrido não era mais

somente aquilo em que se tornavam os jovens de outrora, mas também a transformação

dos moços de hoje.

As feições em que se agravava, se não a mocidade, ao menos a beleza, tendo

desaparecido em todas as mulheres, procuravam elas, com o que lhes sobrara, construir um

outro rosto. Deslocando o centro, senão de gravidade, ao menos de perspectiva, de sua

fisionomia, compondo as feições a seu redor conforme um outro gênero, começavam, aos

cinquenta anos, uma nova espécie de beleza, como se exerce tardiamente uma profissão

diversa ou se plantam beterrabas numa terra que já não serve para vinhedos. Em torno a

essas novas feições faziam florescer uma mocidade nova. Só as mulheres muito bonitas ou

muito feias é que não podiam acomodar-se a tais transformações. As primeiras, esculpidas

como um mármore de linhas definitivas do qual nada mais se pode mudar,

pulverizavam-se

como estátuas. As outras, que possuíam alguma deformidade no rosto, tinham mesmo

certas vantagens sobre as belas. Primeiro, eram as únicas a ser reconhecidas de pronto.

Sabíamos que não existiam duas bocas idênticas em Paris, e a delas fazia com que as

reconhecesse naquela vespéral, onde já não reconhecia ninguém. E, além disso, sequer

pareciam ter envelhecido. A velhice é algo de humano; elas eram monstros e não pareciam

"mudar" mais do que baleias.

Alguns homens e mulheres também não davam a impressão de ter envelhecido; o

talhe ainda era esbelto, o rosto continuava jovem. Mas se, para lhes falar, aproximava-me

bem do rosto de lisa pele e os contornos, então este se fazia inteiramente diverso, como

sucede com uma superfície vegetal, uma gota d'água ou de sangue vistas ao microscópio.

Distinguia então, na pele que julgara lisa, várias manchas gordurosas que me repugnavam.

As linhas não resistiam ao aumento causado pelas lentes. A do nariz logo se quebrava e

arredondava, invadida pelos mesmos círculos oleosos do resto da fisionomia; e, vistos de

bem perto, os olhos encovavam-se debaixo de bolsas que destruíam a semelhança do rosto

de agora com o de antigamente, que eu imaginara reencontrar. De modo que, no

caso

desse convidados, eles eram jovens vistos de longe, sua idade aumentava ao engordar do

rosto e a possibilidade de observá-lo em diversos planos; a velhice, para eles, dependia do

espectador colocar-se de modo a vê-los jovens, lançando-lhes apenas olhares de longe, que

diminuem o objeto, como os vidros que um oculista escolhe para quem sofre de presbiopia;

para eles, a velhice, como a presença de infusórios numa gota d'água, era trazida menos

pela passagem dos anos que pelo grau da escala na visão do observador.

Ali reencontrei um de meus antigos companheiros a quem, durante dez anos, havia

encontrado quase todos os dias. Alguém desejou apresentar-nos de novo. Fui então direito

a ele, que me falou com voz que reconheci perfeitamente:

- É uma alegria muito grande para mim, depois de tantos anos. - Mas que surpresa

tive! Essa voz parecia ser emitida por um fonógrafo aperfeiçoado, pois, sendo a de meu

amigo, saía de um sujeito gordo e grisalho que eu não conhecia, dando a impressão de ter

sido posta artificialmente, por um engenho mecânico, nesse velhote gordo igual a tantos.

Contudo, sabia que se tratava dele, pois a pessoa que nos apresentara depois de tanto

tempo não se prestava a mistificações. Ele próprio me declarou que eu não mudara em

nada, e compreendi que também ele não se julgava mudado. Então, observei-o melhor. E,

afinal, salvo haver engordado daquele jeito, conservara muitas coisas de outrora. No

entanto, não podia entender que se tratasse dele. Assim, tentei lembrar-me. Na juventude

ele tivera olhos azuis sempre risonhos, perpetuamente em movimento, em busca é claro de

algo que no momento me escapara, algo de desinteressado, sem dúvida a verdade,

perseguida em constante incerteza, com um jeito folgazão e uma espécie de respeito

erradio por todos os amigos da família. Ora, tornando-se um político influente, capaz,

despótico, os olhos azuis que aliás não haviam encontrado o que procuravam, tinham se

imobilizado, o que lhes conferia um olhar agudo, como se saísse debaixo de um sobrececho

franzido. Assim, a expressão de alegria, de abandono e de inocência se transformara num

acento de astúcia e dissimulação. Decididamente, parecia-me outra pessoa, quando

subitamente ouvi, a uma coisa que eu havia dito, a sua risada, sua doida risada de outrora,

acompanhada pela permanente mobilidade alegre do olhar. Certos melômanos acham que,

orquestrada por X..., a música de Z... se torna absolutamente diferente. São matizes que o

homem comum não percebe. Mas um riso louco e sufocado de criança, sob um olhar agudo

como um lápis azul de ponta bem feita, embora um tanto de lado, é mais que uma diferença

de orquestração. O riso cessou, e bem que eu gostaria de reconhecer o meu amigo, mas,

como na *Odisséia*, *Ulisses* lançando-se para a mãe morta, como um espírito que tentasse

em vão alcançar de uma aparição a resposta que a identifica, como um visitante da

exposição de eletricidade que não pode crer que o fonógrafo reproduza sem alteração a voz

de uma pessoa, julgando-a espontaneamente emitida por alguém, deixei de reconhecer o

meu amigo.

Todavia, é necessário ressaltar que as medidas do tempo, para certas pessoas,

podem ser aceleradas ou retardadas. Por acaso, havia encontrado na rua, haveria uns

quatro ou cinco anos, a viscondessa de Saint-Fiacre (nora da amiga dos Guermantes). Seus

traços esculturais pareciam assegurar-lhe uma juventude eterna. Aliás, era ainda jovem.

Pois não pude, apesar de seus sorrisos e cumprimentos, reconhecê-la numa dama de

feições tão desfeitas que não era possível recompor-lhe a linha do rosto. É que, fazia três

anos, andava tomando cocaína e outras drogas. Seus olhos, profundamente orlados de

negro, eram quase selvagens. A boca apresentava estranho esgar. Disseram-me que se

levantara só para aquela vespéral, tendo estado de cama, ou na espreguiçadeira,

durante

meses. Assim, o Tempo dispõe de trens expressos e especiais que levam rapidamente a

uma velhice prematura. Mas em trilhos paralelos circulam trens de regresso, quase tão

velozes.

Tomei o Sr. de Courgivaux pelo seu filho, pois tinha o ar bem jovem. (Devia já ter

passado dos cinqüenta, e parecia mais moço que aos trinta.) Descobri um médico

inteligente, suprimira o álcool e o sal; retornara ao trinta anos e parecia até, naquela noite,

não os ter atingido ainda. É que, nessa mesma manhã, cortara o cabelo. Entretanto, houve

um que, mesmo quando me disseram seu nome, não pude reconhecer e julguei tratar-se de

um homônimo, pois não tinha qualquer espécie de semelhança com a pessoa que não só eu

conhecera antes, mas que reencontrara fazia alguns anos. No entanto, era ele mesmo,

apenas embranquecido e gordo; porém raspava os bigodes e bastava isso para fazê-lo

perder sua personalidade.

Coisa curiosa, o fenômeno da velhice parecia, em suas modalidades, levar em conta

alguns hábitos sociais. Certos senhores ilustres, mas que sempre haviam usado simples

ternos de alpaca e velhos chapéus de palha que os pequenos burgueses se recusariam a

pôr, tinham envelhecido do mesmo modo que os jardineiros e camponeses em meio aos

quais haviam vivido. Manchas castanhas invadiam suas faces e o rosto amarelecera,

escurecendo como um livro.

E eu também pensava em todos os que ali não se achavam porque não podiam,

aqueles cujos secretários, tentando forjar a ilusão de sua sobrevida, desculpavam em

telegramas volta e meia entregues à princesa, nos enfermos que agonizavam havia muitos

anos, que já não se levantam nem se mexem, e, mesmo à frívola assiduidade dos visitantes

atraídos por uma curiosidade de turistas ou confiança de peregrinos, de olhos fechados,

rosário nas mãos, afastando em meio o lençol já mortuário, são semelhantes aos que jazem,

estendidos no túmulo, a carne rígida e branca feito mármore, e que a doença esculpiu até

deixar à mostra o esqueleto.

As mulheres se esforçavam por manter contato com o que fora o mais individual de

seus encantos. Mas muitas vezes a nova substância de seus rostos já não se prestava a tal.

Assustava-me pensar nos períodos que deviam ter escoado para que se cumprisse

tamanha revolução na geologia de um rosto, ao ver que erosões se haviam produzido ao

longo do nariz, que enormes aluviões, na orla das faces, cercavam o rosto inteiro de massas

opacas e refratárias.

Sem dúvida certas mulheres ainda eram bem reconhecíveis, o rosto se mantivera quase o mesmo; apenas, como para harmonizar-se com a estação de forma conveniente,

tinham se recoberto de cabelos grisalhos, seus enfeites de outono. Mas, no caso de outras,

e também no dos homens, a transformação era tão completa, a identidade tão impossível de

estabelecer por exemplo, entre um boêmio moreno, de que me lembrava, e o velho monge

que tinha diante dos olhos; que semelhantes transformações faziam pensar, mais que na

própria arte do ator, na de certos pantomimeiros prodigiosos de que Fregoli é o protótipo.

[Leopoldo Fregoli (1867-1916) ator transformista italiano. (N. do T.)]

A velha tinha vontade de chorar, ao compreender que o indefinível e melancólico sorriso que fora o seu charme já não podia irradiar-se até a superfície dessa máscara de

gesso que a velhice lhe aplicara. Depois, subitamente desencorajada de agradar, achando

mais espirituoso resignar-se, serviu-se dela como de uma máscara de teatro para fazer rir!

Mas quase todas as mulheres não tinham tréguas em seus esforços para lutar contra

a idade e estendiam, para a beleza que se afastava como um sol poente e do qual desejavam apaixonadamente conservar os últimos raios, o espelho do seu rosto. Para

consegui-lo, algumas procuravam aplainar, alargar a branca superfície,

renunciando à graça

picante das covinhas ameaçadas, às tentações de um sorriso já condenado e meio frouxo;

ao passo que, tendo outras visto a beleza desaparecer em definitivo e sendo obrigadas a se

refugiar na expressão, como se compensa pela arte da dicção a perda da voz, agarravam-

se a uma careta, a um pé de galinha, a um olhar vago, por vezes a um sorriso que, devido à

descoordenação dos músculos que já não obedeciam, fazia-as parecer estarem chorando.

Além disso, mesmo entre os homens que tinham sofrido apenas uma ligeira mudança, cujo

bigode se fizera branco etc., sentia-se que tal mudança positivamente não era material. Era

como se fossem vistos através de um vapor colorido, um vidro pintado que lhes modificasse

o aspecto do rosto, mas, sobretudo, pelo que acrescentava de embaciado, mostrava

estarem na realidade muito longe aqueles que nos permitia ver em "tamanho natural", num

distanciamento diverso, é verdade, do do espaço, mas de cujo fundo, como de outra

margem, sentíamos terem tanta dificuldade em nos reconhecer como nós a eles. Talvez

somente a Sra. de Forchevil e, intumescida como se se tivesse injetado algum líquido, uma

espécie de parafina que incha a pele mas a impede de se modificar, se assemelhasse a

uma cocote de outrora, para sempre "naturalizada".

- Você me toma por minha mãe - havia dito Gilberte. Era verdade. E, aliás, seria quase lisonjeiro para a filha: partimos da idéia de que as pessoas permaneceram as

mesmas e reencontramo-las envelhecidas. Mas, desde que a idéia inicial fosse a de que são

velhas, não as acharíamos tão envelhecidas quando as encontrássemos. No caso de

Odette, não se tratava apenas disso; seu aspecto, uma vez que soubéssemos a sua idade e

esperássemos uma velha, parecia um desafio mais milagroso às leis da cronologia que a

conservação do rádio às da natureza. Se não a reconheci de imediato, não foi porque

tivesse mudado, e sim porque não mudara. Tendo me dado conta, durante uma hora, de

tudo o que o tempo acrescentava às criaturas, e que era preciso subtrair para reencontrá-las

tais quais as havia conhecido, fazia agora rapidamente esse cálculo e, ajuntando à antiga

Odette o total dos anos passados, o resultado que achei foi uma pessoa que me pareceu

não poder ser a que tinha diante dos olhos, justamente porque esta era idêntica à de

outrora. Onde ficava nisso a parte do cosmético, da tintura? Com os cabelos dourados bem

corridos peruca arrepiada de grande boneca mecânica sobre uma face atônita e imóvel,

também de boneca; aos quais se superpunha um chapéu de palha achatado, ela

se

assemelhava à Exposição de 1878 (de que, teria sido então, sobretudo se já tivesse à época

a idade atual, a mais fantástica maravilha), recitando a sua fala numa revista de fim de ano,

mas a Exposição de 1878 representada por uma mulher ainda jovem.

*[Para a Exposição mundial de 1878, em Paris, construíram-se pavilhões. Um deles, o

Trocadero, bastante citado na obra de Proust, foi demolido para a Exposição de 1937, cujos

pavilhões ainda existem. Na peça *Tant Plus ça change* (*Quanto mais isto mudar*, de

Edmond Gondinet e Pierre Véron, a atriz que fazia o papel da Exposição usava um corpete

bordado de panos coloridos que representavam as nações e, nos cabelos, duas torrezinhas

representando as do Trocadero. (N. do T)]*

Ao nosso lado, um ministro anterior ao período boulangista, reconduzido ao

ministério, também passava, enviando às senhoras um trêmulo sorriso de longe, mas como

que aprisionado nos mil laços do pretérito, como um pequeno fantasma que uma invisível

mão fizesse passear, diminuído de tamanho, mudado em sua substância, e dando a

impressão de ser uma redução em pedra-pomes de si mesmo. Esse antigo presidente do

Conselho, tão bem recebido no *faubourg* Saint-Germain, fora antigamente objeto de

processos criminais, execrado pela alta sociedade e pelo povo. Porém, graças à renovação

dos indivíduos que compõem uma e outro, e, nos indivíduos subsistentes, da alteração das

paixões e até das lembranças, ninguém sabia mais disso e todos o honravam. Não há, pois,

humilhação, por maior que seja, a que não nos devamos facilmente resignar, sabendo que

ao cabo de alguns anos nossas culpas serão apenas uma invisível poeira sobre a qual

vicejará a paz risonha e florida da natureza. O indivíduo momentaneamente calado se

achará, devido ao jogo de equilíbrio do tempo, entre duas novas camadas sociais, que só

lhe tributarão deferência e admiração, e acima das quais ele se exhibirá a contento.

Unicamente, é ao tempo que se confia semelhante trabalho; na ocasião de seus tormentos,

nada o consola de ouvir ser chamado de "tubarão" pela turba de punhos cerrados, quando

entrava no "tintureiro" na presença da vizinha, a jovem leiteira que não vê as coisas no

plano do tempo, que ignora que os homens incensados pelo jornal da manhã foram

desconsiderados na véspera, e que o homem hoje à beira da condenação será um dia

festejado pela imprensa e recebido pelas duquesas, e agora talvez não tenha, pensando

nessa jovem leiteira, as palavras humildes que lhe conquistariam as simpatias.

E o tempo igualmente desfaz as rixas de família. Na casa da princesa de

Guermantes, via-se um casal cujos tios, já mortos agora, haviam se esbofetado; a seguir

um deles, mais para humilhar o outro, enviara-lhe como testemunhas do duelo o seu

porteiro e o seu mordomo, julgando que o adversário não merecia pessoas da sociedade.

Tais histórias, porém, dormiam nos jornais de há trinta anos e ninguém mais sabia delas. E

assim o salão da princesa de Guermantes era iluminado, esquecido e florejante, como um

cemitério tranqüilo. O tempo não só desfizera antigas criaturas, mas tornara possíveis, criara

associações novas.

Voltando a esse político; apesar da modificação de sua substância física, tão

profunda quanto a transformação das idéias morais que agora ele despertava no público;

numa palavra, apesar de passados tantos anos desde que havia sido presidente do

Conselho, fazia parte do novo gabinete, e seu chefe lhe confiara uma pasta, um tanto como

os diretores de teatro dão um papel a um dos antigos camaradas, aposentado há muito,

mas que ainda julgam mais capazes de desempenhar com sutileza um papel do que os

jovens, camarada de quem conhecem, aliás a delicada situação financeira e que, com

diferença de vinte e quatro anos, ainda exhibe ao público a integridade de seu talento, quase

intacto, nesse prolongamento da vida que, a seguir, espanta-nos ter sido verificado poucos

dias antes da sua morte.

Quanto à Sra. de Forchevil e, ao contrário, o aspecto era tão milagroso que sequer

se poderia falar em rejuvenescimento, e sim que, lançando mão de todos os carmins, todas

as tintas ruivas, havia reflorescido. Mais até que a encarnação da Exposição mundial de

1878, ela teria sido, numa exposição botânica de hoje, o ponto de enfoque, a atração

principal. De resto, para mim, ela não parecia dizer: "Sou a Exposição de 1878", mas

sobretudo: "Sou a alameda das Acácias de 1892." Dava a impressão de poder sê-lo ainda.

Ademais, justo por não ter mudado, quase não parecia viver. Tinha o ar de uma rosa

esterilizada. Cumprimentei-a, ela indagou por algum tempo o meu nome na minha

fisionomia, assim como um aluno, sob o olhar do professor que o examina, procura uma

resposta que teria mais facilmente encontrado em sua cabeça. Disse-lhe, e logo, como se

graças a este mágico nome eu tivesse perdido a aparência de medronheiro * [Medronheiro,

planta arborecente da família das ericáceas (*Arbutus.unedo*), que dá frutos semelhantes ao

morango. Não existe no Brasil. (N. do T)]* ou de canguru que sem dúvida a idade me

atribuíra, ela me reconheceu e se pôs a falar com aquela inflexão especial, que as pessoas

que a tinham aplaudido nos teatrinhos, quando eram convidadas a almoçar com ela "na

cidade", ficavam maravilhadas por encontrarem cada palavra sua, durante toda a conversa.

Essa inflexão continuava a mesma, inutilmente cálida, envolvente, com um leve sotaque

inglês. E, no entanto, assim como seus olhos davam a impressão de me fixarem de um

litoral distante, sua voz era triste, quase súplica, como a dos mortos na *Odisseia*.

Odette poderia representar ainda. Cumprimentei-a pela mocidade, e ela me disse:

- Você é gentil, obrigada - como dificilmente atribuía a um sentimento, até o mais

verdadeiro, uma expressão que não fosse afetada pela preocupação de elegância, repetiu

várias vezes:

- Muito obrigada, muito obrigada -

Porém eu, que antigamente caminhara tanto, vira o som de sua voz lhe sair dos

lábios como para avistá-la no Bois, que o tesouro, da primeira vez que estivera em sua

casa, agora julgava intermináveis os minutos passados em sua companhia, devido à

impossibilidade de saber o que queriam dizer as palavras de Gilberte "Você me toma por

falar demais"; e afastei-me, dizendo comigo mesmo como verdadeiras, mas também muito

lisonjeiras para a minha mãe que não era somente filha, haviam surgido traços de família,

até então igualmente nas duas. Aliás, não só nestes filhos interiores da semente, onde não

se adivinham os traços invisíveis no rosto como as plantas, os impulsos que um dia as

lançarão para fora. Assim, uma enorme curva materna vinha, nesta ou naquela, transformar,

pelas alturas dos cinquenta anos, um nariz até outra, filha de banqueiro, a pele, de frescor

de campo então retilíneo e puro. Numa camponesa, avermelhava-se, adquiria tons de cobre

e tomava como que o reflexo do ouro que o pai tanto manuseara. Alguns até acabavam por

se assemelhar a seus bairros, traziam neles como que o reflexo da rua da Arcade, da

avenida do Bois, da rua do luziam os traços dos pais.

Infelizmente a Sra. de Forchevil e não deveria manter-se em forma por muito tempo.

Alguns anos depois, numa reunião dançante promovida por ela, não gagá; mas um tanto

enfraquecida da cabeça, Gilberte, eu deveria voltar incapaz de ocultar sob uma escala

imóvel o que estava pensando; o pensar é força e, sacudindo a cabeça, fechando a boca,

dando uma expressão, que senti nos ombros a cada impressão que experimentava, como o

faria um bêbado, uma criança, como procedem certos poetas que não se dão conta de

quem está à sua volta e, inspirados, compõem versos na sociedade e, indo para a mesa

dando o braço a uma senhora que se espanta, franzem as sobrancelhas, fazem trejeitos. As

impressões da Sra. de Forchevil e salvo uma, a que precisamente a fizera comparecer à

reunião, a ternura pela filha bem-amada, o orgulho que sentia pela filha que dava aquela

recepção tão brilhante; orgulho que não escondia na mãe a tristeza por não ser mais nada-,

essas impressões não eram alegres, e apenas mantinham uma defesa permanente contra

as ofensas que lhe faziam, defesa tímida como a de uma criança. Só se ouviam estas

palavras:

- Não sei se a Sra. de Forchevil e me reconhece, talvez eu devesse apresentar-me

de novo.

- Isto, por exemplo, é desnecessário - respondiam em altos brados esquecidos de que a mãe de Gilberte ouvia tudo (sem pensar ou sem se preocupar com isso).

- É inútil. Pelo interesse que ela demonstra! É melhor deixá-la em seu cantinho.

Aliás, está meio gagá.- Furtivamente, a Sra. de Forchevil e lançava um olhar (com seus

olhos que ainda eram tão injuriosos, e logo o recolhia com receio de ter sido lindos) para os

interlocutor, descortês e, ainda assim, agitada pela ofensa, sufocando a débil indignação, a

frente, lançava novo olhar sobre outro conviva também de cabeça a tremular, o

peito atar-

se, pois, estando indisposta nos últimos dias, havia sido descortês; sem muito esperar havia

sugerido cautelosamente à filha que adiasse a festa, no que não fora atendida. Nem por isso

a Sra. de Forchevil e a amava menos; todas as duquesas que entravam e a admiração de

todos pela nova mansão inundavam seu coração de alegria. E, quando entrou a marquesa

de Sabran, que era então a dama mais alta e inatingivelmente situada na escala social, a

Sra. de Forchevil e sentiu que havia sido uma boa e providente mãe e que sua tarefa

materna estava acabada. Novos convidados zombeteiros fizeram-na encarar outra vez os

mal-educados e falar sozinha, se pode se chamar "falar" uma linguagem muda traduzida

apenas em gesticulações. Tão bela ainda, tornara-se infinitamente simpática (o que jamais

fora); pois ela, que havia traído Swann e todo o mundo, era agora traída pelo universo

inteiro; e tornara-se tão débil que, trocando-se os papéis, já não ousava defender-se contra

os homens. E em breve não se defenderia contra a morte.

Mas, após essa antecipação, voltemos três anos, ou seja, à vespéral em que

estamos na casa da princesa de Guermantes.

Tive dificuldade em reconhecer o meu companheiro Bloch, que agora, aliás, usava

não o pseudônimo, mas o nome de Jacques du Rozier, sob o qual teria sido preciso todo o

faro de meu avô para descobrir o "doce vale" do Hebron e "cadeias de Israel", que meu

amigo parecia ter rompido de vez. De fato, uma elegância britânica havia modificado

inteiramente a sua fisionomia, aplainando tudo o que podia ser apagado. Os cabelos,

outrora anelados, agora lisos e repartidos ao meio, brilhavam de cosmético. Seu nariz

continuava rubro e grosso, mas parecia antes tumefacto por uma espécie de resfriado

permanente, o que podia explicar a acentuação nasal com que rematava preguiçosamente

as frases, pois, assim como encontrara um penteado próprio para o seu tipo, conseguira

uma voz adaptada para a sua pronúncia, onde o anasalamento de outrora assumia um jeito

desdenhoso de articular que combinava com as asas inflamadas do nariz. E, graças ao

penteado, à supressão dos bigodes, à elegância, ao tipo, à vontade, esse nariz judeu

desaparecia, assim como parece quase reta uma corcunda bem tratada. Mas, sobretudo,

logo que Bloch surgia, o sentido de sua fisionomia era mudado por um temível monóculo. A

parte mecânica que esse monóculo introduzia no rosto de Bloch dispensava-o de todos os

deveres difíceis a que um rosto humano é submetido: dever de ser belo, de exprimir o

espírito, a benevolência, a força. A presença desse monóculo no rosto de Bloch bastava

para dispensá-lo de que alguém indagasse se era feio ou bonito, como, diante das mercadorias inglesas que o caixeiro da loja assegura serem a última moda, não ousamos

discutir se nos agradam ou não. Por outro lado, Bloch se instalava atrás do vidro do

monóculo numa posição tão altaneira, distante e confortável, como se se tratasse da vidraça

de uma carruagem de luxo e, para se harmonizarem suas feições aos cabelos lisos e ao

monóculo.

Bloch me pediu que o apresentasse ao príncipe de Guermantes; não levantei para isso nenhuma das objeções, objeções que me haviam parecido naturais, ao passo que

agora se me afigurava bastante natural e simples apresentar-lhe um de seus convidados

como no dia em que fora pela primeira vez a um sarau na casa do príncipe, bem como

conduzir até ele e apresentar-lhe de improviso, alguém que não tivesse convidado. Seria

porque, desde aquela época tornara "familiar"; embora meio esquecido fazia algum tempo

daquela sociedade, de onde então era "novo"? Ou, pelo contrário, seria porque, eu não

sendo logo um verdadeiro homem mundano tudo o que lhes era difícil já não existia para

mim, pouco a pouco deixara a timidez? Seria porque-tendo as pessoas, deixado cair diante

pouco a pouco o aspecto artificial - eu percebia o seu primeiro (amiúde o segundo e o

terceiro) por detrás da altivez desdenhosa do príncipe uma grande avidez humana de

conhecer e conhecer mesmo aqueles a quem fingia desdenhar? Seria porque as criaturas,

insolentes da mocidade e a do príncipe igualmente havia mudado, como todos esses

homens estreantes que na idade madura a quem a velhice abrandava (sobretudo por que os

homens recentemente chegados à idéias ignoradas, contra os quais se insurgiam, há muito

os conheciam de vista e sabiam recebidos por todos a seu redor), e sobretudo se a velhice

desenvolve as relações, ou o auxílio de alguma virtude, ou de alguns vícios; revolução que

provoca uma conversão política, como a do príncipe ao dreyfusismo?

Bloch me interrogava-como eu o fazia ao entrar na vida mundana, e que como me

sucede ainda fazê-lo sobre as pessoas que eu então conhecera de Combray que muitas

estavam tão longe, tão distantes de tudo, como às vezes me ocorrera querer "situar"

exatamente. Combray possuía para mim uma forma tão especial, tão impossível de

confundir com o resto, que era um quebra-cabeça, que eu jamais poderia colocar no mapa

da França.

- Então o príncipe não pode me dar nenhuma idéia de Swann nem do Sr. de

Charlus? perguntou-me Bloch, com um modo de falar, de quem eu por muito tempo havia

imitado. Mas em que consistia ele freqüentemente imitava o meu. - De jeito nenhum, era

preciso fazê-lo conversar com eles mas isto é impossível; Swann está morto e o Sr. de

Charlus não anda muito melhor. Mas as diferenças podiam ser enormes. E, enquanto o

olhar de Bloch se iluminava ao imaginar tais personagens maravilhosos, eu pensava que

exagerava no prazer que sentira ao me achar na companhia deles, nunca o tendo experimentado senão quando tendo se produzido em minha imaginação; ou me encontrava

a sós, a impressão das verdadeiras diferenças. Terá Bloch notado isso?

- Talvez estejas me pintando tudo isto de modo embelezado - disse ele - Assim, a dona desta casa, a princesa, Sra. de Guermantes, sei perfeitamente que já, não é nova;

mas, enfim, não faz muito tempo que me falavas do seu encanto incomum de incomparável,

de sua extraordinária beleza. Certo, reconheço que tem uma postura aristocrática e

exatamente aqueles olhos singulares de que me falavas, mas afinal não a considero tão

incrível como dizias. Evidentemente é muito distinta, mas enfim... - Fui obrigado a lhe dizer

que ele não me falava da mesma pessoa. Com efeito, a princesa de Guermantes morrera, e

fora a antiga senhora Verdurin que o príncipe, arruinado pela derrota alemã, desposara.-

Enganas-te, procurei no almanaque Gotha deste ano-confessou-me ingenuamente Bloch e

nele encontrei o príncipe de Guermantes, morando na mansão em que nos achamos, e

casado com o que existe de mais grandioso, espera um pouco, já me recordo do nome,

casado com Sidonie, duquesa de Duras, nascida des Baux. - De fato, a Sra. Verdurin, pouco

após a morte do marido, se casara com o velho duque de Duras, arruinado, o que a fizera

prima do príncipe de Guermantes; o duque havia morrido após dois anos de casamento.

Fora uma transição bastante útil para a Sra. Verdurin, e agora ela, pelo terceiro casamento,

era princesa de Guermantes e dispunha de excelente posição no faubourg Saint-Germain, o

que teria causado grande espanto em Combray, onde as senhoras da rua de l'Oiseau, a

filha da Sra. Goupil e a nora da Sra. Sazerat, nos últimos anos, antes que a Sra. Verdurin se

transformasse na princesa de Guermantes, zombavam dela chamando-a de "duquesa de

Duras", como se se tratasse de um papel que a Sra. Verdurin representasse no teatro. E

até, exigindo o princípio das castas que ela morresse como Sra. Verdurin, esse título, que

não acreditavam dever conferir-lhe nenhum poder mundano, antes causava mau efeito. "Dá

que falar", expressão que em todas as rodas mundanas é aplicada às mulheres que têm

amantes, podia sê-lo, no faubourg Saint-Germain, àquelas que publicam livros, na burguesia

de Combray, às que fazem casamentos "desiguais" num sentido ou noutro. Quando a Sra.

Verdurin se casou com o príncipe de Guermantes, disseram que se tratava de um falso

Guermantes, um escroque. Para mim, nessa identidade de título e de nome, que tornava

possível existir ainda uma princesa de Guermantes, sem nada de comum com aquela que

tanto me seduzira e que já não vivia, morta sem defesa, a quem haviam despojado da

identidade, havia algo de tão doloroso como em ver que os bens que a princesa Hedwige

possuía, como seu castelo, como tudo o que fora seu, outra agora os desfrutava. A

sucessão ao nome é triste como todas as sucessões, como todas as usurpações de propriedade; e sempre, sem cessar, surgiriam, à maneira de vagas, novas princesas de

Guermantes, ou melhor, viveria uma única princesa de Guermantes, milenar, substituída a

cada geração por uma mulher diferente que desempenharia suas funções, ignorando a

morte, alheia a tudo que muda e fere nossos corações, e o nome, feito o mar, recobriria as

que afundassem de vez em quando com sua sempre igual e imemorial placidez.

É certo que mesmo essa mudança externa nas fisionomias conhecidas era apenas o

símbolo de uma mudança interior que se produzira dia após dia; talvez essas

pessoas

tivessem continuado a realizar as mesmas coisas; porém, tendo-se desviado um pouco, dia

a dia, a idéia que se faziam dessas coisas e das pessoas que costumavam freqüentar,

tornavam-se, ao fim de alguns anos, sob os mesmos nomes, outras coisas e outras pessoas

de quem gostavam, e, tendo se tornado outras pessoas, seria de espantar que não tivessem

novos rostos.

Entre as pessoas presentes achava-se um homem notável que, num processo

famoso, acabara de dar um testemunho cujo único valor residia em sua alta moralidade,

diante da qual os juízes e advogados, unânimes, inclinavam-se, e que havia acarretado a

condenação de dois sujeitos. Assim, houve um movimento de curiosidade e de respeito

quando entrou: era Morel. Eu era talvez o único a saber que ele fora sustentado por Saint-

Loup e, ao mesmo tempo, por um amigo deste. Apesar dessas recordações, ele me

cumprimentou prazerosamente, embora com alguma reserva. Lembrava-se do tempo em

que nos tínhamos visto em Balbec, e essas lembranças faziam-no sentir a poesia e a

melancolia da juventude.

Mas também havia pessoas que eu não poderia reconhecer pela simples razão de que nunca as conhecera, pois tanto quanto sobre as próprias pessoas, o tempo,

naquele

salão, também exercera sua química sobre a sociedade. Esse meio, em cuja natureza

específica, determinada por certas afinidades que atraíam todos os grandes nomes

principescos da Europa, e repeliam todo elemento não aristocrático, eu o descobrira como

um refúgio material para esse nome de Guermantes, ao qual emprestava a última realidade;

ele próprio sofrera em sua constituição íntima, e que eu achara estável, uma alteração

profunda. A presença de pessoas que eu conhecera em meios completamente diversos, e

que se me afiguravam jamais dever penetrar neste, assombrou-me ainda menos que a

íntima familiaridade com que eram recebidas e chamadas pelo nome de batismo. Um certo

conjunto de preconceitos aristocráticos e de esnobismos, que outrora afastava

automaticamente do nome de Guermantes tudo o que não se harmonizava com ele, deixara

de vigorar.

Alguns (fossizza, Kleinmichel) que, quando eu estreara na sociedade, costumavam

dar grandes jantares onde só recebiam a princesa de Guermantes, a duquesa de

Guermantes e a princesa de Parma, e ocupavam um lugar de honra na casa destas, sendo

considerados o que havia de melhor na sociedade da época, e talvez o fossem, tinham

passado sem deixar qualquer traço. Seriam estrangeiros em missão diplomática e que

tivessem regressado a seus países? Talvez um escândalo, um suicídio, um rapto os houvesse impedido de reaparecer na sociedade, ou então eram alemães. Mas seu nome só

devia o brilho à posição social que antigamente desfrutavam, e já não era usado por

ninguém, nem sequer sabiam de quem falava quando me referia a eles. E, tentando

soletrar-lhes o nome, dava-lhes a impressão de que se tratava de rastaquéras. Para meu

grande espanto, pessoas que nem deveriam ter sido convidadas, segundo o velho código

social, estavam em relações bem familiares com pessoas admiravelmente nascidas, as

quais só tinham vindo se aborrecer na casa da princesa de Guermites por causa dessas

novas amizades. Pois a maior característica dessa sociedade era a sua prodigiosa inclinação para desclassificar-se. Frouxas ou quebradas, as molas da máquina repressora já

não funcionavam, mil corpos estranhos a invadiam, retirando-lhe toda homogeneidade,

distinção ou cor. O faubourg Saint-Germain, como uma velhota gaga, só respondia com

sorrisos tímidos aos criados insolentes que lhe invadiam os salões, bebiam sua laranja e

lhe apresentavam suas amantes. Ainda assim, a sensação do tempo transcorrido e de uma

pequena parte desaparecida do meu passado relacionava-se menos à destruição

desse

conjunto coerente (que tinha sido o salão Guermantes) do que à própria extinção do

conhecimento de mil razões, mil nuances, graças às quais tal personagem, que nele ainda

figurava, parecia naturalmente indicado e posto em seu lugar, ao passo que outro, que se

lhe emparelhava, representava uma novidade suspeita. Esse descobrimento não grassava

apenas na sociedade, mas na política, em tudo. Pois, nos indivíduos, a memória dura

menos que a vida, e, por outro lado, em pessoas muito jovens, sem as lembranças abolidas

nos outros, fazendo agora, e muito legitimamente, parte da sociedade, e até no sentido

nobiliárquico, o esquecimento ou a ignorância dos começos os levavam a aceitar as

pessoas no ponto de elevação ou de queda em que se encontravam, julgando que tudo fora

sempre assim, que a Sra. Swann, a princesa de Guermantes e Bloch haviam sempre

desfrutado da mais alta posição social, que Clemenceau e Viviani sempre tinham sido

conservadores. E, como certos fatos se prolongam demais, a lembrança execrável do Caso

Dreyfus persistia neles de modo vago, graças ao que lhes tinham dito os pais; se lhes

dissessem que Clemenceau fora dreyfusista, retrucavam:

- Não é possível, o senhor confunde, ele estava justamente do lado oposto. -

Ministros desacreditados e antigas mulheres da vida eram considerados modelos de virtude.

Tendo alguém perguntado a um rapaz da mais notável família se não tivera algo a dizer

acerca da mãe de Gilberte, o jovem respondeu que, de fato, no começo da vida, ela se

casara com um aventureiro chamado Swann, mas que, a seguir, desposara um dos homens

mais em evidência, o conde de Forchevil e. É claro que algumas pessoas, mesmo neste

salão, a duquesa de Guermantes, por exemplo, teriam sorrido dessa afirmativa (que,

negando a elegância de Swann se me afigurava monstruosa, ainda que eu próprio, outrora,

em Combray, concordara com minha tia-avó que Swann não podia "conhecer princesas"); o

mesmo quanto às mulheres que poderiam se achar presentes, mas que já não saíam quase

de casa, como duquesas de Montmorency, de Mouchy, de Sagan, que tinham sido amigas

íntimas de Swann e jamais haviam visto Forchevil e, não recebido na sociedade ao tempo

em que elas ainda a freqüentavam. Mas justamente a sociedade de então, assim como os

rostos hoje modificados e os louros cabelos substituídos por cabelos brancos, só permanecia na lembrança de pessoas cujo número diminuía a cada dia.

Durante a guerra, Bloch deixara de "sair", de freqüentar seus antigos ambientes de

outrora, onde fazia figura deplorável. Em compensação, não cessara de publicar

suas obras,

cujos absurdos sofisticos eu agora me esforçava por destruir para não me deixar estorvar

por eles; obras sem originalidade, mas que davam aos rapazes e a muitas mulheres da

sociedade a impressão de uma altura intelectual nada comum, de uma espécie de gênio.

Portanto, foi após uma cisão completa entre sua antiga mundanidade e a atual, que, numa

sociedade reconstituída, ele fizera, para uma nova fase de sua vida, honrada, gloriosa, um

aparecimento de grande homem. Naturalmente os jovens ignoravam que estivesse fazendo,

naquela idade, a sua estréia social, tanto mais que os poucos nomes que Bloch havia

guardado da convivência com Saint-Loup lhe permitiam dar a seu prestígio de agora uma

espécie de recuo indefinido. De qualquer forma, semelhava um desses homens de talento

que florescem na alta roda em todas as épocas, e nem se pensava que pudesse ter vivido

em outra parte. Os antigos asseguravam que tudo estava mudado na sociedade, que eram

recebidas pessoas que ninguém jamais no seu tempo teria recebido, e, como se diz, isto era

e não era verdadeiro. Não era verdadeiro porque eles não percebiam a curva do tempo, que

fazia com que os de hoje vissem as novas pessoas do seu ponto de chegada, ao passo que

eles as recordavam do seu ponto de partida. E, quando eles, os antigos, tinham estreado na

sociedade, ali havia pessoas de cujo ponto de partida outros se lembravam. Basta uma

geração para que ali ocorra a mudança que somente em séculos se faz para que o nome

burguês de um Colbert adquira foros de nobreza. E, por outro lado, isto poderia ser

verdadeiro, pois, se as pessoas mudam sua posição social, as mais arraigadas idéias e

costumes (assim como as fortunas e as alianças e os ódios entre países) também mudam, e

entre estes até os que mandam receber unicamente pessoas elegantes. Não só o esnobismo muda de forma, mas até poderia desaparecer como a própria guerra, e os

radicais e judeus serem recebidos no Jockey.

Se as pessoas das novas gerações davam pouco valor à duquesa, porque era amiga

de atrizes etc., as damas da família, hoje velhas, continuavam a considerá-la uma

personagem extraordinária; por um lado, porque sabiam exatamente do seu nascimento, de

sua primazia heráldica, de suas intimidades com o que a Sra. de Forchevil e teria

denominado *royalties* (realezas), mas ainda porque desdenhava reuniões familiares,

entendiava-se nelas, e sabiam jamais poder contar com ela nessas ocasiões. Suas amizades

políticas e teatrais, aliás mal conhecidas, só lhe faziam aumentar a singularidade, e portanto

o prestígio. De modo que, enquanto no mundo político e artístico era considerada pessoa

indefinida, uma espécie de *defroquée do faubourg* Saint-Germain freqüentada pelas estrelas

e pelos subsecretários de Estado, nesse mesmo *faubourg*, se dessem um belo sarau,

diziam:

- Valerá a pena convidar Oriane? Ela não virá. Enfim, só mesmo pró-forma, mas sem

alimentar ilusões. E se, por volta das dez e meia, num vestido cintilante, revelando, no olhar

duro que lhes lançava, desprezar todas as primas, entrava Oriane, detendo-se no limiar com

uma espécie de majestoso desdém, e, se ali ficava uma hora, era uma festa para a velha

dama que dava o sarau, maior que a de um diretor teatral antigamente, quando Sarah

Bernhardt, que lhe prometera vagamente um concurso com o qual não ousara contar,

comparecia e, com uma complacência e simplicidade infinitas, recitasse, em vez do trecho

prometido, vinte outros. A presença dessa Oriane, a quem os chefes de gabinete falavam

com sobrançeria e que nem por isso (o espírito governa o mundo) desistia de procurá-los

cada vez mais, vinha classificar a reunião da velha dama, onde todavia só se encontravam

senhoras de extrema elegância, à parte e muito acima das reuniões de todas as demais

damas da mesma *season* (como igualmente diria a Sra. de Forchevil e), às quais Oriane

nem se incomodava em comparecer.

Logo que terminei de conversar com o príncipe de Guermantes, Bloch tomou conta

de mim, apresentando-me a uma moça que ouvira falar muito a meu respeito

pela duquesa

de Guermantes, e que era uma das mulheres mais elegantes desse dia. Ora, seu nome era-

me inteiramente desconhecido, e o dos diversos Guermantes não devia lhe ser muito

familiar, já que ela indagou a uma norte-americana o motivo pelo qual a Sra. de Saint-Loup

parecia tão íntima da mais brilhante sociedade que ali se achava. Ora, essa americana era

casada com o conde de Farcy, parente obscuro dos Forchevil es, os quais representavam o

que há de mais ilustre no mundo. Assim, ela replicou com toda a naturalidade:

- Quanto mais não fosse, porque nasceu Forchevil e. É o que há de mais ilustre. -

A Sra. de Farcy, embora julgando ingenuamente o nome de Forchevil e superior ao

de Saint-Loup, sabia ao menos o que este significava. Mas a encantadora amiga de Bloch e

da duquesa de Guermantes o ignorava inteiramente e, bastante aturdida, respondeu de boa-

fê a uma jovem que lhe perguntava como a Sra. de Saint-Loup era parente do dono da casa,

o príncipe de Guermantes:

- Através dos Forchevil es - informação que a jovem comunicou, como se a tivesse

possuído o tempo todo, a uma de suas amigas, a qual, sendo nervosa e tendo mau gênio,

fez-se vermelha como um galo quando um senhor lhe afirmou que não era pelos

Forchevil es que Gilbete se ligava aos Guermantes, de tal modo que o senhor

julgou que se

enganara, adotou o erro e não tardou em propagá-lo. Os jantares e as festas mundanas

eram para a americana uma espécie de escola Berlitz. Ela ouvia os nomes e os repetia, sem

ter um conhecimento prévio do valor deles, sem lhes conhecer o alcance exato. A alguém

que desejava saber se Gilberte herdara Tansonvil e de seu pai, o Sr. de Forchevil e,

explicaram que não, que se tratava de uma propriedade da família do marido, que

Tansonvil e era vizinha de Guermantes, pertencia à Sra. de Marsantes, mas, estando

hipotecada, fora resgatada pelo dote de Gilberte. Afinal, tendo um velho membro do grupo

antigo evocado Swann, amigo dos Sagan e dos Mouchy, e perguntando-lhe a americana

amiga de Bloch de que modo eu o conhecera, declarou que o fora na casa da Sra. de

Guermantes, sem desconfiar do vizinho de campo, jovem amigo de meu avô, que ele tinha

sido para mim. Equívocos desse tipo foram cometidos pelos homens mais famosos e

passam por ser particularmente graves em toda sociedade conservadora.

Saint-Simon, querendo mostrar que Luís XIV era de uma ignorância tal que "o fez

cair, às vezes em público, nos mais grosseiros absurdos", dá somente dois exemplos dessa

ignorância, a saber: que o rei, desconhecendo que Renel era da família de

Clermont-

Gal erande, e que Saint-Herem pertencia à de Montmorin, tratara a ambos como indivíduos

de extração inferior. Pelo menos, no que se refere a Saint-Herem, temos o consolo de saber

que o rei não morreu em erro, tendo sido esclarecido "bem tarde" pelo Sr. de Ia

Rochefoucauld. "E ainda", acrescenta Saint-Simon com piedade, "foi necessário explicar-lhe

quais eram essas casas, cujos nomes nada lhe diziam." Esse vivo esquecimento, que tão

depressa recobre o passado mais recente, e essa ignorância tão invasora, criam, em

compensação, um conhecimento tanto mais precioso quanto é pouco disseminado, que se

aplica à genealogia das pessoas, às suas verdadeiras situações, às razões de amor, de

dinheiro ou qualquer outra, pelas quais se aliaram a determinada família ou fizeram

casamentos desiguais, conhecimento prezado em todas as sociedades em que reina um

espírito conservador, conhecimento que meu avô possuía no mais alto grau relativamente à

burguesia de Combray e de Paris, conhecimento que Saint-Simon prezava tanto que, no

momento em que celebra a maravilhosa inteligência do príncipe de Conti, antes mesmo de

falar das ciências, ou melhor, como se nisso consistisse a ciência principal, louva-o por ter

sido "um belo espírito, luminoso, justo, exato, extenso, de infinita leitura, que não

esquecia

nada, que conhecia as genealogias, suas quimeras e realidades, de uma polidez distinta de

acordo com a estirpe e o mérito, concedendo tudo o que os príncipes de sangue devem

conceder e já não concedem; comentava até as usurpações por estes praticadas. As

histórias dos livros e das conversações forneciam-lhe oportunidades para se referir ao que

lhe parecia mais honroso no nascimento, nas funções etc". Para uma sociedade menos

brilhante, meu avô não era menos informado ou exato no que se referisse à burguesia de

Combray ou de Paris, nem com menor prazer o saboreava.

Já eram raros os entendidos, os especialistas desse gênero, sabedores que Gilberte

não era uma Forchevil e, nem que a Sra. de Cambremer não era Méséglise, ou que a sua

nora não provinha dos Valentinois. Pouco numerosos, talvez nem mesmo recrutados na

mais alta aristocracia (nem os católicos, nem mesmo os devotos, são obrigatoriamente, os

mais entendidos na Legenda Áurea ou nos vitrais do século XIII), e muitas vezes numa

aristocracia secundária, mais ávida por um mundo distante a que tem tantos maiores lazeres

para estudar quanto menos freqüenta, tais conhecedores reúnem-se com prazer, travam

relações uns com os outros, dão suculentos jantares de agremiações, como a

Sociedade

dos Bibliófilos ou dos Amigos de Reims, jantares em que se degustam genealogias. As

mulheres não são admitidas nesses jantares, mas os maridos, ao voltarem, dizem às

esposas:

- Foi um jantar interessante. Estava presente um certo Sr. de La Raspeliere, que nos

deixou encantados explicando que essa Sra. de Saint-Loup, que tem aquela filha bonita,

absolutamente não nasceu Forchevil e. É um verdadeiro romance.

A amiga de Bloch e da duquesa de Guermantes não era apenas elegante e

charmosa; era também inteligente, sendo agradável conversar com ela, o que no entanto se

me tornara difícil, pois não era unicamente o nome de minha interlocutora que soava pela

primeira vez aos meus ouvidos, mas o de um grande número de pessoas de que me falou e

que atualmente formavam o âmago da sociedade. Por outro lado, é verdade que, como

desejava que lhe contasse histórias, muitos dos que lhe citei não lhe diziam absolutamente

nada, todos tinham caído no esquecimento, ao menos aqueles que só haviam se distinguido

pelo brilho individual de uma pessoa, não sendo o nome genérico e permanente de uma

célebre família aristocrática (da qual raramente ela sabia o título exato, deduzindo

nascimentos errôneos por causa de um nome que não entendera bem no jantar da

véspera), e que, na maioria das vezes, nunca ouvira pronunciar, pois só começara a

freqüentar a sociedade alguns anos depois que eu próprio me recolhera (não apenas por ser

ainda jovem, mas porque morava fazia pouco tempo na França, e não fora recebida

imediatamente). Não sei como o nome da Sra. Leroi saiu da minha boca e, por acaso, a

minha interlocutora, graças a um galante amigo velho da Sra. de Guermantes a seu lado, já

o conhecia. Porém de modo inexato, como o percebi devido ao tom desdenhoso com que

esta moça esnobe me respondeu:

- Sim, sei quem é a Sra. Leroi, uma velha amiga de Bergotte-, um tom que queria

dizer: "uma pessoa que eu jamais desejaria viesse à minha casa." Compreendi muito bem

que o velho amigo da Sra. de Guermantes, como perfeito mundano, imbuído do espírito dos

Guermantes, dos quais uma das características era não parecer ligar importância à

convivência com aristocratas, havia julgado excessivamente tolo e anti-Guermantes dizer: "A

Sra. Leroi, que freqüentava todas as altezas e duquesas", e preferira afirmar: - Era muito

engraçada. Um dia, respondeu isto a Bergotte. - Apenas, para as pessoas que não sabem

nada, tais informações mediante conversas equivalem às que a imprensa dá à gente do

povo, que julga, alternadamente, conforme o jornal que lê, que o Sr. Loubet e o Sr. Reinach

são ladrões ou cidadãos insignes. Para a minha interlocutora, a Sra. Leroi tinha sido uma

espécie de Sra. Verdurin da primeira fase, com menos brilho, e cujo grupo se limitara a

Bergotte. Aliás, esta jovem americana foi uma das últimas pessoas a ouvir, por puro acaso,

o nome da Sra. Leroi. Hoje, ninguém mais sabe quem foi ela, de resto bem justamente

esquecida. Seu nome nem sequer figura no índice das memórias póstumas da Sra. de

Vil eparisis, a quem tanto preocupou. A marquesa, aliás, não falou na Sra. Leroi, menos

porque esta, quando viva, fora muito pouco amável para com ela, do que pelo fato o de

ninguém mais interessar-se pela Sra. Leroi depois que morreu. E tal silêncio é menos pelo

rancor mundano da mulher que pelo tato literário do escritor. Minta conversa com a elegante

amiga de Bloch foi encantadora, pois a moça era inteligente, mas a diferença entre nossos

vocabulários tornava-a desajeitada e, ao mesmo tempo, instrutiva. Por mais que saibamos

que os anos passam, que a juventude cede lugar à velhice, que as fortunas e os tronos mais

sólidos se arruinam, que a glória é passageira, nosso modo de tomar conhecimento e, por

assim dizer, de gravar a chapa desse universo movediço, arrastado pelo Tempo, pelo

contrário o imobiliza. De modo que vemos sempre jovens as pessoas que assim conhecemos, ornamos retrospectivamente de virtudes da velhice aqueles que já conhecemos velhos, confiamos sem reserva no crédito de um bilionário e no apoio de um,

soberano, sabendo pelo raciocínio, mas sem acreditá-lo efetivamente, que amanhã eles

poderão ser fugitivos destituídos de poder. Num campo mais restrito e de pura mundanidade, como num problema mais simples, que dá início a dificuldades mais

complexas porém da mesma ordem, a ininteligibilidade resultante da conversa com a moça

provinha do fato de que tínhamos vivido numa certa sociedade vinte e cinco anos de

distância; o que me dava o sentido da História, e o deveria fortalecer em mim.

Ademais, é preciso assinalar que essa ignorância das posições verdadeiras em virtude da qual a cada dez anos surgem os eleitos na sua aparência atual, e como se o

passado não existisse, sendo impossível a uma americana recém-chegada perceber que o

Sr. de Charlus desfrutara da mais alta posição de Paris, numa época em que Bloch não

tinha nenhuma, e que Swann, que tantos agrados fazia ao Sr. Bontemps, fora tratado com a

maior amizade-, essa ignorância não existe apenas entre os recém-chegados, mas também

naqueles que sempre freqüentaram sociedades vizinhas, e tal ignorância, nesses

últimos

como nos demais, também é um efeito do Tempo (mas desta vez exercendo-se sobre o

indivíduo e não sobre a camada social).

Sem dúvida, é escusado que mudemos de ambiente, como gênero de vida, pois nossa memória, retendo o fio da nossa personalidade, sempre igual, prende a ela, em

épocas sucessivas, a lembrança dos meios em que vivemos, de que, ainda que passados

quarenta anos, nos recordamos. Na casa do príncipe de Guermantes, Bloch não se

esquecia do humilde ambiente judeu de seus dezoito anos, e Swann, quando já se tornara

indiferente a Odette, apaixonado pela mulher que servia chá na casa Colombin, tida pela

Sra. Swann, durante algum tempo, como tão elegante quanto a confeitaria Royale, Swann,

consciente de seu valor mundano, lembrava-se de Twickenham *[Twickenham: núcleo

residencial de Londres, sobre o rio Tâmesa, onde residiu o conde de Paris, amigo íntimo de

Swann. (N. do T)]*; não tinha qualquer dúvida sobre os motivos por que preferia ir ao

Colombin em vez de comparecer à casa da duquesa de Broglie, e sabia perfeitamente que,

se acaso fosse mil vezes menos elegante, nem por isso deixaria de ir ao Colombin ou ao

Hotel Ritz, visto que ali, desde que pague, qualquer um entra. É claro que tanto os amigos

de Bloch quanto os de Swann lembravam-se também da pequena sociedade judia ou dos

convites para Twickenham, e assim os amigos, como "eus" um pouco menos nítidos de

Swann e de Bloch, não separavam, em sua lembrança, o Bloch elegante de hoje do Bloch

sórdido de antigamente, nem o Swann da casa Colombin dos últimos tempos, do Swann do

palácio de Buckingham. Mas esses amigos, de alguma forma, tinham sido na vida os

vizinhos de Swann; seguindo um rumo bem próximo ao seu, puderam guardar-lhe

perfeitamente a memória; mas em outros, mais afastados de Swann não exatamente do

ponto de vista social, mas de intimidade, o que tornara mais vagas as suas relações e mais

raros os encontros, as lembranças menos numerosas haviam tornado mais imprecisas as

noções. Ora, os estranhos desse tipo, ao fim de trinta anos, já não recordam com nitidez

mais nada que possa prolongar no passado e mudar de valor a criatura que têm diante dos

olhos. Nos últimos anos da vida de Swann, eu ouvira, de gente da sociedade, à menção do

seu nome, e como se se tratasse de seu título de notoriedade, esta pergunta:

- Está falando do Swann da casa Colombin? -

Ouçó agora, de gente que deveria estar a par de tudo, dizer de Bloch:

- O Bloch-Guermantes? O íntimo dos Guermantes? -

Tais erros, que cindem uma vida e, isolando o presente, fazem da pessoa de que se

fala uma outra, uma criação da véspera, um homem que é somente a condensação de seus

hábitos de agora (mesmo que traga dentro si, unindo-o ao passado, a continuidade de sua

existência), esses erros dependem igualmente do Tempo, porém são, não um fenômeno

social, mas um fenômeno de memória.

No mesmo instante tive um exemplo, de natureza bem diferente, é certo, porém mais

impressionante, dos esquecimentos que modificam para nós o aspecto das criaturas. Um

jovem sobrinho da Sra. de Guermantes, o marquês de Vil emandois, portara-se comigo,

outrora, com uma insolência obstinada que me levava a adotar com ele, em represália, uma

atitude tão insultuosa que nos transformáramos tacitamente em dois inimigos. Enquanto eu

refletia sobre o Tempo naquela vespéral em casa da princesa de Guermantes, ele se fez

apresentar a mim dizendo que julgava que eu conhecera seus pais, que havia lido artigos

meus e desejava tratar ou reatar relações comigo. É certo que, com o tempo, tornara-se,

como tantos, de impertinente em pessoa grave; já não tinha a mesma arrogância e, por

outro lado, ouvira que me elogiavam, aliás por artigos bem superficiais, nos meios que

freqüentava. Mas esses motivos de sua cordialidade e de suas iniciativas eram apenas

acessórios. O principal, ou pelo menos o que permite aos outros entrarem em jogo, era que

olvidara completamente a nossa inimizade-ou por ter memória pior que a minha, ou por ter

prestado menos atenção aos meus revides do que eu às suas agressões, por ser eu então

menos importante a seus olhos do que ele aos meus. Quando muito, meu nome lhe

recordava que me vira, ou alguns dos meus, na casa de uma de suas tias. E sem saber ao

certo se se fazia apresentar ou reapresentar, apressou-se em falar-me de sua tia, em cuja

casa julgava que me conhecera, lembrando-se que se falara muito de mim, mas não de

nossas contendas. Um nome é tudo o que muitas vezes nos resta de uma pessoa, não só

depois de morta, mas ainda em vida. E nossas noções a seu respeito são tão vagas ou tão

estranhas, correspondendo tão pouco às que guardamos delas, que esquecemos por

completo que estivemos a ponto de batermos em duelo com ele, mas nos lembramos que

usava, quando menino, estranhas polainas amarelas nos Champs-Élysées, onde, em

compensação, apesar de nossas afirmativas, não se lembra em absoluto de ter brincado

conosco.

Bloch entrara aos saltos, como uma hiena. Pensei: "Entra nos salões em que não poderia penetrar há vinte anos." Mas também estava vinte anos mais velho. Estava mais

próximo da morte. De que lhe valia isso? De perto, na transparência de um rosto, em que,

de longe, eu só divisara a mocidade alegre (porque de fato perdurasse ou porque eu a

evocasse), ostentava-se a fisionomia impressionante, quase ansiosa, de um velho Shylock,

todo caracterizado, esperando, nos bastidores, o momento de entrar em cena, recitando já

os primeiros versos a meia voz dentro de dez anos, naqueles salões em que o impusera a

fraqueza dos La Trémoil e, dominador porém de muletas, entraria transformado em "mestre",

achando uma chatice ter de visitá-los. De que lhe serviria isso?

Das mudanças ocorridas na sociedade eu podia extrair verdades tanto mais valiosas

e dignas de cimentar uma parte de minha obra, quanto não eram, como eu me inclinara a

crer no primeiro instante, de modo algum peculiares em nossa época. No tempo em que,

novato, mais canhestro do que agora Bloch, eu penetrara no ambiente dos Guermantes,

tivera de tomar como parte integrante deste, elementos absolutamente diversos, havia

pouco aderidos, e que pareciam estranhamente novos aos mais antigos, dos quais eu não

os distinguia, e que por sua vez, aceitos embora pelos duques da época na

qualidade de

membros natos do Faubourg, haviam sido arrivistas por si mesmos, ou pelos pais ou avós.

Portanto, não era a qualidade dos homens da alta sociedade que tornava esse meio tão

brilhante, mas o fato de ter esse meio assimilado mais ou menos completamente os recém-

chegados, e de torná-los, passados cinqüenta anos, pessoas perfeitamente mundanas.

Mesmo no passado, para onde eu recuava, aliás com razão, o nome de Guermantes, para o

cobrir com toda a sua grandeza, pois sob Luís XIV, os Guermantes, quase régios, tinham

bem maior prestígio que hoje, o fenômeno que eu registrava agora já ocorria da mesma

forma. Não se tinha visto, então, aliar-se à família Colbert, por exemplo, a qual hoje, é

verdade, parece-nos muito nobre, que desposar uma Colbert é um grande partido para um

La Rochefoucauld. Mas não foi porque os Colbert, simples burgueses então, eram nobres,

que os Guermantes a eles se aliaram; ao contrário, aliando-se aos Guermantes é que os

Colbert se enobreceram. Se o nome de Haussonvil se extinguiu com o atual representante

dessa casa, talvez retire o seu lustro do fato de descender da Sra. de Staël, ainda que antes

da Revolução o Sr. d'Haussonvil e, um dos mais ilustres fidalgos do reino, jactava-se com o

Sr. de Broglie de não conhecer o pai da Sra. de Staël e, portanto, de não lhe poder apresentar, assim como a ele, d'Haussonvil e, não o poderia apresentar o Sr. de Broglie,

nenhum dos dois imaginando que seus filhos um dia haveriam de se casar, um com a filha e

o outro com a neta da autora de Corinne. Segundo o que me dizia a duquesa de

Guermantes, eu percebera que talvez pudesse ter feito naquele meio a figura do homem

elegante sem título, mas que todos aceitam de bom grado como tradicionalmente filiado à

aristocracia, como o fora antigamente Swann e, antes dele, os Srs. Lebrun, Ampere, todos

os amigos da duquesa de Broglie, ela própria recém-chegada ao mundo da alta roda. Nas

primeiras vezes em que jantara na casa da Sra. de Guermentes, como não deveria ter

chocado homens como o Sr. de Beausseuil, menos por minha própria presença que pelas

observações que revelavam ser eu inteiramente ignorante das lembranças que constituíam

o seu passado e lhe moldavam a imagem que se fazia da sociedade! Bloch, um dia, quando

ficasse bem velho, teria do salão Guermentes uma recordação bastante antiga, tal e qual se

lhe apresentava agora diante dos olhos, e experimentaria o mesmo espanto, o mesmo mau

humor em presença de certas intrusões e de certas ignorâncias. E, por outro lado, teria

adquirido sem dúvida, irradiando a seu redor, as qualidades de tato e de discrição

que eu

julgara privilégio de homens como o Sr. de Norpois, mas que renascem e se encarnam

naqueles que, dentre todos, se nos afiguraria dever excluí-las. Além do mais, a ocasião que

se me facultara de ser admitido na sociedade dos Guermantes parecera-me algo de

excepcional. Mas, apesar de sair pouco de mim e do ambiente que logo me rodeava,

percebia que esse fenômeno social não era tão isolado quanto me parecera a princípio, e

que, em suma, do lago de Combray, onde eu nascera, eram bem numerosos os repuxos

que, simetricamente a mim, se elevaram acima da mesma massa líquida que os alimentara.

Tendo sempre as circunstâncias algo de especial, e os temperamentos algo de individual,

era sem dúvida de modo inteiramente diverso que Legrandin (pelo estranho casamento do

sobrinho) penetrara por sua vez naquele meio, que a filha de Odette se lhe aparentara, que

o próprio Swann, e por fim eu mesmo, havíamos chegado ali. Quanto a mira, que encerrara

a vida entre quatro paredes e a contemplava de dentro, a de Legrandin não me parecia ter

qualquer relação com ela, e seguira caminho oposto, da mesma forma que um regato, no

seu vale profundo, não percebe outro regato divergente que vai, apesar dos desvios do

curso, desaguar no mesmo rio. Mas pela rama, como procede o estatístico que despreza as

razões sentimentais ou as imprudências evitáveis que levaram determinada pessoa à morte,

e conta somente o número das que morrem por ano, via-se que muitas criaturas, partidas do

meio cuja descrição ocupou o começo desta narrativa, haviam se instalado em outro

completamente diferente; e é provável que, levando em conta o número médio de

casamentos realizado por ano em Paris, um meio burguês cultivado e rico, bem diverso,

tenha fornecido uma proporção mais ou menos igual de pessoas atirando-se, como Swann,

como Legrandin, como Bloch e como eu, no oceano da "alta sociedade". E aí reconheciam-

se aliás uns aos outros, pois, se o jovem conde de Cambremer maravilhava a todos por sua

distinção, seu apuro, sua sóbria elegância, eu via neles - como também no seu belo olhar e

no seu desejo ardente de se impor - o que já caracterizava seu tio Legrandin, isto é, um

velho amigo bem burguês de meus pais, embora de feição aristocrática. A bondade, simples

maturação que acabara por adoçar as naturezas mais originalmente ácidas, como a de

Bloch, é tão difundida como o sentimento da justiça que faz com que, se nossa causa é boa,

não tenhamos um juiz hostil mais que um juiz amigo. E os netos de Bloch seriam bons e

discretos quase que de nascença, coisa que não sucedera ao avô. Mas reparei que ele, que

outrora fingia julgar-se obrigado a andar duas horas de trem para encontrar-se com alguém

que o não convidara, agora, que recebia tantos convites não só para almoçar e jantar, mas

para ir passar duas semanas aqui, duas semanas ali, recusava muitos deles, e em silêncio,

sem se vangloriar de os haver recebido ou recusado. A discrição, nos atos e nas palavras,

chegara-lhe com a posição social e a idade, como uma espécie de maioridade social, por

assim dizer. Certamente, outrora Bloch era indiscreto, tanto quanto incapaz de conselho e

benevolência. Porém, certos defeitos e qualidades são menos ligados a este ou àquele

indivíduo que a tal ou qual momento da existência, considerada do ponto de vista social.

São quase exteriores eles, que se põem sob sua luz como sob solstícios diversos,

preexistentes, generosos, inevitáveis. Os médicos que buscam perceber se tal medicamento

aumenta ou diminui a acidez do estômago, ativa ou abranda suas secreções, obtêm

resultados diferentes, não conforme o estômago sobre cujas secreções derramam um pouco

de suco gástrico, mas segundo aquele do qual o retiram num momento mais ou menos

próximo da ingestão do remédio. Assim, em todos os momentos de sua duração, o nome de

Guermantes, considerado como um conjunto de todos os nomes enfeixados em si mesmo,

ou a seu redor, sofria perdas; recrutava elementos novos, como os jardins onde a todo

instante as flores ainda em botão, e preparando-se para substituir as que já estão

murchando, confundem-se numa massa que parece igual, salvo para aqueles que ainda não

viram as recém-chegadas e conservam na lembrança a imagem precisa das que já não

existem.

Mais de uma dessas pessoas que a vespéral reunia, ou cuja lembrança eu evocava,

apresentavam, pelos aspectos que alternadamente me mostravam, pelas circunstâncias

diferentes, opostas, de onde haviam, umas após outras, surgido à minha frente, fazendo

ressaltar os variados aspectos da minha vida - as diferenças de perspectiva, como um

acidente de terreno, colina ou castelo, que aparece ora à direita ora à esquerda, dá a

impressão primeiro de dominar uma floresta, depois, de sair de um vale, e, assim, revela ao

viajante as mudanças de direção e as diferenças de altitude no caminho que está trilhando.

Subindo cada vez mais, eu acabava por encontrar imagens de uma mesma pessoa

separadas por um intervalo de tempo tão longo, conservadas por meios tão diversos, tendo

elas próprias significados tão diferentes, que de costume eu as omitia quando

julgava

abranger o fluxo passado de minhas relações com elas, de tal maneira que até deixara de

pensar que eram as mesmas que havia conhecido outrora, e precisava de um casual

relâmpago de atenção para filiá-las, como a uma etimologia, ao significado primitivo que

tinham tido para mim. A Srta. Swann me lançava, do outro lado da sebe de espinheiros cor-

de-rosa, um olhar cuja expressão, a do desejo, só retrospectivamente deveria eu alcançar.

O amante da Sra. Swann, segundo o falatório de Combray, olhava-me por detrás daquela mesma sebe com um ar duro, cujo significado não era o que lhe havia atribuído

então, e, aliás mudou de tal modo que não o pude reconhecer de forma alguma em Balbec,

no cavaleiro que olhava um cartaz próximo do cassino, e do qual me vinha, uma vez a

cada dez anos, a lembrança, com esta frase: "Mas então já era o Sr. de Charlus, como é

estranho!"

A Sra. de Guermantes, no casamento do Dr. Percepied, a Sra. Swann cor-de-rosa na

casa de meu tio-avô, a Sra. de Cambremer, irmã de Legrandin, tão elegante que ele

receava que lhe pedíssemos uma apresentação eram, bem como muitas outras

concernentes a Swann, Saint-Loup etc., outras tantas imagens que às vezes, quando as

reencontrava, divertia-me em colocar como frontispício no limiar de minhas relações com

todas essas pessoas, mas que de fato se me afiguravam apenas uma imagem, e não

gravada em mim pela criatura da qual provinha e à qual nada mais a ligava. Não somente

certas pessoas possuem memória e outras não (sem chegar a ponto do esquecimento

constante em que vivem as embaixatrizes da Turquia e outras, o que lhes permite sempre

encontrar espaço para a notícia oposta à que lhes comunicam tendo a notícia anterior se

desvanecido ao fim de uma semana, ou tendo a seguinte o dom de exorcizá-la), mas até, na

igualdade da memória, duas pessoas não se recordam das mesmas coisas. Uma terá

prestado pouca atenção a um fato do qual a outra guardará grande remorso, e, em

compensação, terá apanhado no ar, como sinal característico de simpatia, uma palavra que

a outra deixou escapar quase sem sentir. O interesse em não estar enganado ao emitir um

juízo falso abrevia a duração da lembrança desse juízo e rapidamente permite afirmar que

não o emitimos. Enfim, um interesse mais profundo, mais gratuito, diversifica as lembranças,

de modo que o poeta, que esqueceu quase tudo dos fatos que lhe recordam, retém no

entanto uma impressão fugidia. De tudo isso resulta que, após vinte anos de ausência,

encontramos, em lugar de presumíveis rancores, perdões involuntários, inconscientes, e, em

compensação, tantos ódios cuja razão não podemos explicar (porque por nosso turno

esquecemos a má impressão que causamos). Até da história das pessoas que mais

conhecemos, olvidamos as datas. E, porque fazia pelo menos vinte anos que vira Bloch pela

primeira vez, a Sra. de Guermantes teria jurado que ele havia nascido no seu ambiente e

fora ninado nos joelhos da duquesa de Chartres quando tinha dois anos.

E quantas vezes tais pessoas retornavam a mim no decurso de sua vida, cujas

diversas circunstâncias pareciam apresentar os mesmos seres, porém sob formas e para

fins variados; e a diversidade dos pontos de minha vida por onde passara o fio da de cada

uma dessas personagens acabara por misturar os que pareciam mais afastados, como se a

vida só possuísse um número limitado de fios para executar os mais diferentes desenhos.

Que existiria, por exemplo, de mais diverso nos meus diferentes passados que as visitas ao

meu tio Adolphe, o sobrinho da Sra. de Vil e parisis prima do marechal, ou Legrandin e a

irmã, ou o antigo coleteiro amigo de Françoise, no pátio de nosso prédio? E hoje, todos

esses fios diferentes se haviam reunido para compor a trama, aqui do casal Saint-Loup, ali

do jovem casal Cambremer, para não falar de Morel e de tantos outros cuja

inclusão

concorrera para formar um conjunto tão bem urdido que me parecia a unidade perfeita, da

qual as criaturas representavam apenas a parte componente. E minha vida já era bastante

longa para que encontrasse, nas regiões mais opostas de minhas lembranças, em mais de

uma das criaturas que ela me oferecia, uma outra criatura que a completasse. Até mesmo

aos Elstirs, que eu enxergava, nesta evocação, num lugar que era um símbolo de sua glória,

eu podia acrescentar as mais antigas recordações dos Verdurin, dos Cottard, a conversa no

restaurante de Rivebel e, a festa em que eu conhecera Albertine, e tantas outras.

Assim, um apreciador de arte a quem mostram o painel de um retábulo se recorda

em que igreja, em quais museus, em qual coleção particular os outros estão dispersos (da

mesma forma que, seguindo os catálogos de objetos à venda ou freqüentando os

antiquários, acaba por encontrar o objeto gêmeo daquele que possui e que forma um par

com ele), podendo reconstituir mentalmente a predela, o altar inteiro. Como uma caçamba

que sobe puxada por um guincho vem tocar por várias vezes e de lados opostos a corda

presa à roldana, quase não havia pessoa ou coisa alguma que, tendo ocupado um certo

lugar em minha vida, nela não representasse diversos papéis sucessivos. Uma simples

relação mundana, e até um objeto material, se os encontrasse na lembrança ao cabo de

alguns anos, verificava que a vida não cessara de tecer a seu redor muitos fios diferentes

que terminavam por revesti-los desse belo veludo inimitável dos anos, semelhante ao que,

nos velhos parques, envolve de um manto de esmeraldas os humildes canos de água.

Não era só o aspecto dessas pessoas que lhes dava uma aparência de personagens

de sonho. Para elas, a vida, já sonolenta na mocidade e no amor, se tornava cada vez mais

um sonho. Tais pessoas haviam até esquecido seus rancores e ódios, e, para estarem

certas de que ali encontravam aquela a quem já não dirigiam a palavra, teriam de consultar

um registro, porém este exibia a imprecisão de um sonho em que fomos insultados já não

sabemos por quem. Todos esses sonhos formavam as aparências contrastantes da vida

política, onde se viam num mesmo ministério pessoas que se tinham acusado mutuamente

de assassinato ou traição. E tal sonho tornava-se espesso como a morte em certos velhos,

nos dias seguintes àqueles em que faziam amor. Durante esses dias, nada se poderia pedir

ao presidente da República, ele esquecia tudo. Depois, se o deixavam repousar por algum

tempo, a lembrança dos negócios públicos lhe voltava, fortuita como a de um sonho.

Às vezes, não era sob uma só imagem que me surgia tal pessoa, tão diferente da que havia conhecido. Durante anos Bergotte me parecera um meigo velho divino, e eu me

sentira paralisado, como diante de um espectro, ao ver o chapéu cinzento de Swann, o

mantô violáceo de sua mulher, diante do mistério em que, mesmo num salão, o nome de

sua raça envolvia a duquesa de Guermantes: origens quase fabulosas, atraente mitologia de

relações tornadas tão banais depois, mas que, graças a seus começos, prolongavam-se no

passado, como em céu aberto, com um brilho parecido ao que projeta a cauda

deslumbrante de um cometa. E até as que não haviam principiado no mistério, como as

minhas relações com a Sra. de Souvré, tão secas e tão puramente mundanas atualmente,

conservavam nos seus inícios o seu primeiro sorriso, mais tranqüilo, mais suave e tão

suntuosamente traçado na plenitude de uma tarde à beira-mar, de um crepúsculo de

primavera em Paris, barulhento de equipagens, de poeira levantada e de sol agitado como

água. E talvez a Sra. de Souvré pouco valesse se a destacasse desse quadro, como os

monumentos a *Santa Maria del Salute*, por exemplo que, sem grande beleza própria,

causam um belo efeito onde são colocadas; mas ela fazia parte de um lote de recordações

que, sem estimar umas pelas outras, eu avaliava bem alto, não indagando qual o

valor da

Sra. de Souvré naquilo tudo.

Uma coisa, em todas essas pessoas, impressionou-me ainda mais do que as

mudanças de natureza física, ou social, que haviam sofrido: a idéia diferente que agora

faziam uns dos outros. Legrandin outrora desprezava Bloch e jamais lhe dirigia a palavra.

Foi agora muito amável com ele. E absolutamente não era por causa da grande posição

social de que Bloch desfrutava, o que, no caso, nem mereceria ser notado, pois as

mudanças sociais conduzem forçosamente a mudanças respectivas de posições daqueles

que atingem. Não; é que as criaturas ou seja, o que significam para nós – não têm na nossa

memória a uniformidade de um quadro. Ao sabor do nosso olvido, elas evoluem. Por vezes

chegamos a confundi-las com outras: - Bloch era alguém que ia a Combray - dizendo Bloch,

era a mim que desejavam nomear.

Inversamente, a Sra. Sazerat estava persuadida ser de minha autoria determinada

tese histórica sobre Filipe II (e que era de Bloch). Mesmo sem chegar a semelhantes trocas,

esquecemos as safadezas que um sujeito nos fez, seus defeitos, a última vez que nos

separamos sem lhe apertar a mão e, em compensação, lembramo-nos de um encontro mais

antigo, quando nos dávamos bem. E era a esse encontro anterior que correspondiam os

modos de Legrandin, em sua cordialidade para com Bloch, ou porque tivesse perdido a

memória de um certo passado, ou porque o julgasse prescrito, mistura de perdão, esquecimento e indiferença que é também um efeito do Tempo. Além disso, as lembranças

que temos uns dos outros, até no amor, não são as mesmas. Vira Albertine recordar-se

admiravelmente de certa frase que lhe dissera nos nossos primeiros encontros, e que eu

esquecera por completo. De outro episódio, fixo para sempre no meu cérebro como um

pedregulho, ela não guardava a menor lembrança. Nossa vida paralela se assemelhava a

essas atéias em que, de distância em distância, colocam-se vasos de flores de modo

simétrico, mas não uns defronte aos outros.

Com maior razão compreende-se que, no caso de pessoas que mal conhecemos,

temos dificuldade em recordar quem sejam, ou somos dominados por impressões mais

remotas, diversas das que depois sentimos, algo que é sugerido pelas pessoas em cujo

meio as reencontramos, constituído por gente que só de pouco tempo as conhece e que

lhes empresta qualidades e posição social que não tinham outrora, mas que o desmemoriado logo aceita.

A vida, sem dúvida, colocando várias vezes tais pessoas no meu caminho,

apresentara-me em circunstâncias especiais que, cercando-as por todos os lados,

diminuíam-me a perspectiva e impediam que lhes penetrasse a essência. Estes

mesmos

Guermantes, que foram para mim objeto de um tão grande devaneio, quando me

aproximara deles se me revelaram sob o aspecto, uma de uma velha amiga de minha avó,

outro de um senhor que me encarara com ar tão desagradável, ao meio-dia, nos jardins do

cassino. (Pois existe entre nós e as outras criaturas um obstáculo de contingências, como,

nas minhas leituras de Combray, eu compreendera existir um obstáculo semelhante, na

percepção, que impede o contato absoluto entre a realidade e o espírito.) De modo que só

bem mais tarde, ligando-os a um nome, é que o seu conhecimento se tornou para mim o

conhecimento dos Guermites. Mas talvez isso mesmo me fizesse a vida mais poética,

pensar que a raça misteriosa, de olhar agudo, de bico de pássaro, a raça cor-de-rosa,

dourada, inacessível, se abria tantas vezes à minha contemplação, com toda a

naturalidade, pelo efeito de circunstâncias cegas e diversas, ao meu comércio e até a minha

intimidade, a ponto de, quando eu desejara ser apresentado à Srta. de Stermaria ou mandar

fazer vestidos para Albertine, ter me dirigido aos mais serviços de meus amigos, os

Guermites. É claro que me enfadava freqüentá-los, tanto quanto aos outros mundanos

que conheci depois. Até no caso da duquesa de Guermites, como no de certas

páginas de

Bergotte, seu encanto só me era visível à distância e se desvanecia quando me encontrava

a seu lado, pois residia na minha memória e na minha imaginação. Mas enfim, apesar de

tudo, os Guermantes, como também Gilberte, diferenciavam-se das outras pessoas daquela

sociedade pelo fato de lançarem raízes mais profundas num passado de minha vida em que

eu sonhava mais e alimentava maior crença nos indivíduos. O que possuía com tédio agora,

conversando neste momento com uma e com outra, era apenas a realização dos sonhos de

minha infância, que eu julgara muito belos e inacessíveis, e consolava-me confundindo, feito

um comerciante que se atrapalha em seus assentamentos, o valor da posse com o preço

pelo qual os cotara o meu desejo.

Mas, quanto às outras pessoas, o passado de minhas relações com elas se inflava

dos mais ardentes devaneios, criados sem esperança, onde se desabrochava com tal

riqueza a minha vida de então, dedicada inteiramente a elas, que eu mal podia compreender

como fora tão minguado o seu acolhimento, exígua e descorada faixa de uma intimidade

menosprezada e indiferente, onde eu já não podia encontrar coisa alguma do que lhe

formara o mistério, a febre e a doçura. Nenhum fora "recebido", condecorado; para alguns, o

adjetivo era outro, embora sem importância, haviam morrido há pouco.

- Que aconteceu com a marquesa d'Arpajon? - perguntou a Sra. de Cambremer.

- Morreu - disse Bloch.

- Está confundindo com a condessa d'Arpajon, que morreu no ano passado.-

A princesa de Agrigento se meteu na conversa; viúva jovem de um velho marido muito rico e portador de um nome insigne, era muito pedida em casamento, o que lhe dava

grande autoconfiança.

- A marquesa d'Arpajon também morreu há mais ou menos um ano.

- Ah, um ano! Asseguro-lhes que não - respondeu a Sra. de Cambremer-; estive num

sarau em sua casa há menos de um ano. -

Bloch e os outros "gigolôs" da sociedade não podiam tomar parte nessa discussão, pois essas mortes de pessoas idosas situavam-se a grande distância deles, seja pela

enorme diferença de idade, seja por terem (no caso de Bloch, por exemplo) entrado

recentemente, de esguedelha, para uma sociedade diferente, justo no momento em que ela

declinava, num crepúsculo em que a lembrança de um passado que não lhe era familiar não

podia esclarecê-lo. E para as pessoas da mesma idade e do mesmo ambiente, a morte

havia perdido seu significado estranho. Além do mais, todos os dias mandavam pedir

notícias de tantas pessoas que estavam para morrer, das quais umas se restabeleciam e

outras tinham "sucumbido", que já não se lembravam ao certo se determinada pessoa que

nunca tinham tido oportunidade de ver se curara da congestão pulmonar ou havia falecido.

A morte se multiplicava, tornando-se mais incerta entre os idosos. Nesse cruzamento

de duas gerações e de duas sociedades que, por motivos diversos, eram mal colocadas

para enxergar a morte, confundiam-na quase com a vida, aquela se mundanizara, tornara-

se um incidente que mais ou menos qualificava uma pessoa, sem que o tom com que

falavam significasse que semelhante incidente rematava tudo para ela. Diziam:

- Mas esquece que Fulano está morto como teriam dito: "Foi condecorado",

"pertence à Academia", - e isso se dava ao mesmo, pois impedia de comparecer às reuniões

- "foi passar o inverno no Sul", "prescreveram-lhe o clima das montanhas".

Além disso, no caso dos homens conhecidos, o que eles deixavam ao morrer

auxiliava a lembrar que sua existência terminara. Porém, quanto aos simples mundanos

macróbios, ninguém sabia bem se estavam vivos ou mortos, não só por ser olvidado e mal

conhecido o seu pretérito, mas porque de modo algum se prendiam ao futuro. E a dificuldade que todos tinham em distinguir, nos mais idosos da sociedade, as doenças, a

ausência, o retiro para o campo, e a morte, confirmava, tanto quanto a indiferença dos

vacilantes, a insignificância dos defuntos.

- Mas se ela não está morta, como se explica que nunca vejamos, tampouco seu marido? - perguntou uma solteirona que apreciava gracejar.

- Já te direi - replicou sua mãe que, apesar de quinquagenária, não perdia uma festa:

-é porque estão velhos. Na idade deles a gente já não sai de casa. -

Era como se, antes do cemitério, houvesse toda uma cidade fechada, de velhos, com

lâmpadas sempre acesas na bruma. A Sra. de Saint-Euverte cortou a discussão dizendo

que a condessa d'Arpajon havia morrido há um ano, de uma longa enfermidade, mas que a

marquesa d'Arpajon também morreria logo depois, muito depressa, "de um modo totalmente

insignificante". Morte que, nisso, era semelhante à vida de todas aquelas criaturas, o que

também explicava tivesse passado despercebida e desculpava as confusões. Ao ouvir que a

Sra. d'Arpajon estava realmente morta, a solteirona lançou à mãe um olhar alarmado, pois

temia que a notícia da morte de uma de suas "contemporâneas" pudesse "impressionar" a

mãe; julgava ouvir de antemão a notícia da morte da própria mãe acompanhada da seguinte

explicação: "Ela ficou muito impressionada com a morte da Sra. d'Arpajon." Mas, ao

contrário, a mãe da solteirona sentia-se como se tivesse vencido, num concurso,

adversários brilhantes, cada vez que uma pessoa de sua idade "desaparecia". A morte deles

era a única forma pela qual ainda tomava agradavelmente consciência da própria vida. A

solteirona percebeu que a mãe, que não parecera incomodar-se em afirmar que a Sra.

d'Arpajon vivia enclausurada numa das casas de onde já não saem os velhos fatigados,

incomodara-se menos ao saber que a marquesa fora para a Cidade do Além, aquela de

onde ninguém mais sai. Tal verificação da indiferença da mãe agradou ao espírito cáustico

da filha. E, para divertir suas amigas, fazia um relato desopilante da maneira alegre,

segundo dizia, com que a mãe observara, esfregando as mãos:

- Meu Deus, é bem verdade que esta pobre Sra. d'Arpajon está morta. -

Mesmo aqueles que não necessitavam dessa morte para se alegrar por estarem

vivos, ela os deixou felizes. Pois toda morte é para os outros uma simplificação da

existência, anula os escrúpulos de gratidão, a obrigação de fazer visitas. Mas não foi deste

modo que Elstir acolheu a morte do Sr. Verdurin.

Uma dama saiu, pois precisava ir a outras vesperais e tomar chá com duas rainhas.

Era a grande cocote da sociedade que eu conhecera outrora, a princesa de Nassau. Mas a

não ser pela estatura diminuída - o que, devido à cabeça, situada a altura mais baixa do que

antes, dava-lhe um ar de quem já tivesse, como se diz, um pé na sepultura mal se poderia

dizer que envelhecera. Continuava sendo uma Maria Antonieta de nariz austriaco, de olhar

delicioso, conservado, embalsamado graças a mil arrebuques, que, maravilhosamente

combinados, formavam-lhe um rosto lilás. Aureolava-a aquela expressão terna e confusa,

feita de pena de partir, de meigas promessas de retorno, de discreta esquivança, emanando

das várias reuniões de elite onde era esperada. Nascida quase nos degraus de um trono,

três vezes casada, sustentada ricamente, durante muito tempo, por grandes banqueiros,

sem falar nas incontáveis fantasias que se permitira, ostentava galhardamente no vestido,

cor de malva como seus olhos redondos e admiráveis, e como seu rosto maquilado, as

lembranças um tanto complicadas desse passado inumerável. Como passasse junto a mim

ao sair à inglesa, cumprimentei-a. Ela me reconheceu, apertou-me a mão e me encarou com

as redondas íris cor de malva, como se dissesse: "Há quanto tempo não nos vemos!

Falaremos disto em outra ocasião." Apertou-me a mão com força, sem se lembrar ao certo

se no carro, numa noite em que havíamos voltado juntos da casa da duquesa de

Guermantes, houvera ou não algo entre nós. Na dúvida, parecia referir-se ao que não

houvera, o que não lhe era difícil, pois lançava olhares ternos a uma simples torta de

morangos, e assumia, se era obrigada a sair antes do fim de um concerto, o aspecto

desesperado de uma ruptura que não seria definitiva. Aliás, incerta quanto ao que houvera

ou não entre nós, seu aperto de mão furtivo não demorou, e ela não me disse palavra.

Olhou-me apenas, como já disse, de um modo que significava: "Há quanto tempo!" e no

qual repassavam seus maridos, os homens que a tinham sustentado, duas guerras, e seus

olhos estelares, semelhantes a um relógio astronômico talhado numa opala, marcaram

sucessivamente todas as solenes horas do passado tão distante, que ela recuperava a todo

momento em que desejava nos cumprimentar de um modo que era sempre uma desculpa.

Depois, deixando-me, pôs-se a andar ligeira para a porta, para que não se incomodassem

com ela, e também me mostrar que não conversara comigo por estar apressada, precisando

recuperar o minuto que perdera ao me apertar a mão, a fim de chegar pontualmente à casa

da rainha da Espanha, que deveria cear a sós com ela. E, quando chegou à porta, pensei

até que fosse sair correndo. E de fato corria para o seu túmulo.

Uma senhora corpulenta me deu boa-tarde e, durante o curto momento em que me

falava, as mais diferentes idéias me passaram pelo espírito. Hesitei um instante em lhe

responder, por reear que, reconhecendo os demais convivas tal como eu, tomasse-me por

outra pessoa; depois, face à sua tranquilidade, ocorreu-me, ao contrário, de medo que se

tratasse de alguém com quem tivesse tido uma relação íntima, exagerar a amabilidade do

sorriso, enquanto meus olhares continuavam a procurar nas suas feições o nome que não

achava. Tal como um candidato a bacharel, inseguro da resposta, prega os olhos no

examinador e espera em vão encontrar ali a resposta que faria melhor indo buscar em sua

memória, da mesma forma, sempre a sorrir, eu fixava os olhos nos traços da senhora

corpulenta. Pareceram-me ser os da Sra. Swann, e por isso meu sorriso se matizou de

respeito, enquanto minha indecisão principiava a terminar. Então, um segundo após, ouvi a

dama corpulenta me dizer:

- Você me toma por mamãe, e de fato estou começando a ficar muito parecida com

ela. - E reconheci Gilberte.

Conversamos muito sobre Robert; Gilberte falava dele em tom de deferência, como

se se tratasse de um ser superior, e se empenhava em me mostrar que o admirara e

compreendera. Recordamos mutuamente o quanto as idéias que ele expusera outrora sobre

a arte da guerra (pois lhe repetira muitas vezes em Tansonvil e as mesmas teses

que eu o

ouvira expor em Doncieres e depois) muitas vezes, e em suma em grande número de

pontos, haviam-se mostrado verdadeiras na última guerra.

Não posso lhe dizer até que ponto a menor das coisas que ele me falava em

Doncieres, e também durante a guerra, impressiona-me agora. As últimas palavras que lhe

ouvi, quando nos separamos para sempre, foram que esperava ver Hindemburgo, general

napoleônico, num dos tipos de batalha napoleônica, o que tem por objetivo cindir dois

adversários, talvez, acrescentara, os ingleses e nós. Pois bem, pouco mais de um ano após

a morte de Robert, um crítico pelo qual nutria profunda admiração e que visivelmente

exercia uma grande influência sobre suas idéias militares, o Sr. Henry Bidou, dizia que a

ofensiva de Hindemburgo, em março de 1918, era "a batalha para a separação, por parte de

um exército em forma ação cerrada, de dois adversários dispostos em linha, manobra que o

imperador realizou com êxito em 1796 nos Apeninos e fracassou na Bélgica em 1815".

Pouco antes, Robert havia comparado, junto a mim, as batalhas a peças teatrais em que

nem sempre é fácil saber o que o autor desejou, e em que ele mesmo alterou seus planos

durante os ensaios. No caso dessa ofensiva alemã de 1918, interpretando-a sem dúvida

dessa maneira, Robert não teria concordado com o Sr. Bidou. Outros críticos, porém, acham

que o sucesso da marcha de Hindemburgo na direção de Amiens, seguida de uma

interrupção forçada, e seu êxito nas Flandres, e depois uma nova parada, fizeram, afinal,

acidentalmente, de Amiens e depois de Boulogne, objetivos em que não havia pensado.

Podendo cada qual refazer sua peça a seu modo, há quem veja nesta ofensiva o prenúncio

de uma marcha fulminante sobre Paris, e outros, golpes cegos e desordenados para destruir

o exército inglês. E até, se as ordens dadas pelo comandante se opõem a esta ou àquela

concepção teórica, restará sempre aos críticos o recurso de dizer, como Mounet-Sully a

Coquelin, que lhe assegurava que *O Misanthropo* não era a peça triste e dramática que ele

desejava encenar (pois Moliere, a crer no testemunho de contemporâneos, dava-lhe uma

interpretação cômica que despertava o riso): "Pois bem, Moliere é que se enganava."

E sobre os aviões, lembra-se quando ele dizia (tinha frases tão bonitas):

' É preciso que todo exército seja um Argos de cem olhos. Infelizmente, não pôde

assistir à realização do que afirmava."

- Claro que pôde – respondi. - Na batalha do Somme, bem que ficou sabendo que começaram por cegar o inimigo, furando-lhe os olhos, destruindo-lhe os aviões e os balões

cativos.

- Ah, sim! É verdade. -

E como se tornara um tanto pedante desde que só vivia para a inteligência ele afirmava que os antigos métodos voltariam.

- Sabe que as expedições da Mesopotâmia nesta guerra - (devia ter lido isto, àquela

época, nos artigos de Brichot) - evocam a todo instante, sem modificações, a retirada de

Xenofonte? E para ir do Tigre ao Eufrates o comandante inglês se serviu de beliums, barcos

estreitos e compridos, as gôndolas locais, dos quais já se serviam os mais antigos caldeus. -

Estas palavras davam-me com exatidão o sentimento da estagnação do passado

que, em certos lugares, por uma espécie de peso específico, imobiliza-se indefinidamente,

de modo que é possível recuperá-lo intacto.

- Há um aspecto da guerra que ele começou a perceber, creio - disse-lhe.

- É que ela é humana, vivida como um amor ou um ódio, poderia ser narrada como

se fosse um romance e que, por conseguinte, se este ou aquele vai repetindo que a

estratégia é uma ciência, isto em nada o ajuda a compreender a guerra, pois esta não se

resume à estratégia. O inimigo não conhece os nossos planos tanto quanto não

conhecemos o objetivo perseguido pela mulher a quem amamos, e tais planos talvez nem

nós mesmos os saibamos. Na ofensiva de 1918, teriam os alemães como objetivo tomar

Amiens? Não sabemos. Talvez eles próprios não soubessem; e esse acontecimento, sua

progressão para oeste na direção de Amiens, é que determinou o projeto deles. Supondo

que a guerra seja científica, ainda assim seria preciso pintá-la como Elstir pintava o mar, ao

revés, partindo de ilusões, de crenças que retificamos aos poucos, da mesma forma como

Dostoievski narraria uma vida. Além disso, é certo que a guerra não é estratégica, antes,

porém, patológica, comportando acidentes imprevistos que o clínico talvez pudesse evitar,

como a revolução russa. Mas confesso que, devido às leituras que fizera em Balbec, não

longe de Robert, estava ainda mais impressionado - como na campanha da França a

referência à trincheira da Sra. de Sévigné por ver no Oriente, a propósito do cerco de Kout-

el-Amara (Kout, o Emir, "como nós dizemos Vaux-le-Vicomte e Bail eau l'Évêque", teria dito o

cura de Combray caso tivesse estendido sua paixão pela etimologia às línguas orientais),

aliar-se ao de Bagdá o nome de Baçorá, da qual tanto se fala nas *Mil e Uma Noites*, por

onde, muito antes dos generais Townshend e Gorringe, no tempo dos califas, passava

Simbad, o Marujo, sempre que deixava Bagdá ou para lá regressava.

Em toda esta conversação, Gilberte me falara de Robert com uma deferência que

parecia mais dirigir-se ao meu antigo amigo do que a seu falecido esposo. Era como se me

disse: "Sei o quanto você o admirava. Acredite que eu soube compreender o ser superior

que ele era." E todavia o amor que certamente já não dedicava à sua memória talvez ainda

fosse a causa remota de algumas particularidades de sua vida atual. Assim, Gilberte tinha

agora Andrée como sua amiga inseparável. Embora esta principiasse, sobretudo em função

do talento do marido e de sua própria inteligência, a penetrar não, é claro, no meio dos

Guermentes, mas numa sociedade infinitamente mais elegante que a que freqüentava

outro, todos se espantaram que a marquesa de Saint-Loup condescendesse em ser sua

melhor amiga. O fato pareceu um sinal, em Gilberte, de sua inclinação para o que julgava

ser uma existência artística e para uma verdadeira degradação social. Esta explicação

talvez seja correta. No entanto, ocorreu-me outra ao espírito, sempre imbuído da idéia de

que as imagens que vemos reunidas em alguma parte são em geral o reflexo, ou de

qualquer modo o efeito, de um primeiro agrupamento bem diverso, embora simétrico, de

outras imagens, extremamente afastado do segundo. Achava que, se se viam juntos todas

as noites Andrée, seu marido e Gilberte, talvez fosse porque, muitos anos antes, pudera-se

ver o futuro marido de Andrée vivendo com Rachel, e depois deixando-a por Andrée. É

provável que Gilberte então, no mundo muito distante e afastado em que vivia, de nada

tivesse sabido. Mas deve tê-lo sabido mais tarde, quando Andrée subira, e ela própria

descera bastante para que eles pudessem avistá-la. Exercera sobre ela, então, um grande

fascínio a mulher pela qual Rachel fora abandonada pelo homem (aliás sedutor, sem

dúvida) que ela preferira a Robert. (Ouvia-se a princesa de Guermantes repetir, em tom

exaltado e com voz de ferragem causada pela dentadura postiça:

- Sim, é isso, formaremos um clã! Formaremos um clã! Adoro essa juventude

inteligente, tão participante, ah! que *musicista* que você é! - E plantava seu monóculo

enorme no olho redondo, meio divertida, meio se desculpando por não poder manter a

alegria muito tempo, mas ao ponto em que se decidira a "participar", a "formar um clã.")

Assim, talvez, a presença de Andrée lembrava a Gilberte aquele romance da

juventude que fora o seu amor por Robert, inspirando-lhe igualmente um grande respeito por

Andrée, muito amada pelo homem tão querido por aquela Rachel que Gilberte sentia ter

sido mais cara a Robert do que ela própria. Talvez, ao contrário, tais lembranças não

desempenhassem nenhum papel na predileção de Gilberte por esse casal de artistas,

predileção em que bastava simplesmente enxergar, como tantos o faziam, o interesse em

geral inseparável das mulheres da sociedade, de se instruírem e de se desqualificarem.

Talvez Gilberte houvesse olvidado Robert tanto quanto eu a Albertine; e mesmo que

soubesse ter sido Rachel quem o artista abandonara por Andrée, nunca pensava, ao vê-los,

nesse fato que jamais tivera qualquer importância no seu gosto por eles. Impossível decidir

se minha primeira explicação era apenas provável, mas verdadeira, senão graças ao

testemunho dos interessados, única saída que resta em semelhantes casos, desde que em

suas confidências houvesse clarividência e sinceridade. Ora, encontra-se raramente a

primeira e jamais a segunda. Em todo caso, a presença de Rachel, atualmente uma célebre

atriz, não podia ser muito agradável a Gilberte. Assim, espantei-me ao saber que ela

recitaria versos naquela reunião; tinham anunciado *Le Souvenir* de Musset e *fábulas de La*

Fontaine.

- Mas como vem a reuniões tão numerosas? - indagou Gilberte. - Encontrá-lo de novo

numa "carnificina" feito esta não correspondia à idéia que faço de você. Certo, esperava

encontrá-lo em qualquer lugar longe de uma dessas barulheiras da minha tia, pois agora

tenho tia - acrescentou maliciosamente, pois, sendo Sra. de Saint-Loup antes que a Sra.

Verdurin entrasse para a família, considerava-se genuína Guermantes, sentindo-se atingida

pelo casamento desigual que o tio fizera ao desposara Sra. Verdurin, a quem, é verdade,

ouvira ridicularizar várias vezes na sua frente pela família, que, naturalmente, só na sua

ausência se referia à *mésaliance* de Saint-Loup ao se casar com ela. Aliás, ela

demonstrava tanto maior desdém por essa tia falsa, quanto a princesa de Guermantes, por

uma espécie de perversão que impele as pessoas inteligentes a deixar de lado a elegância

habitual, e também pela necessidade de lembranças próprias das pessoas idosas, enfim,

para tentar atribuir um passado à sua elegância nova, gostava de dizer, falando de Gilberte:

- Digo que não é para mim uma relação nova; conheci muito a mãe dessa pequena,

amiga de minha prima Marsantes. Foi em minha casa que ela conheceu o pai de Gilberte.

Quanto ao pobre Saint-Loup, conheci-lhe outrora toda a família; seu tio era até meu amigo

íntimo, antigamente, na Raspeliere.

- Vejam que os Verdurin não eram de todo boêmios - dizia-me os que assim ouviam

falar a princesa de Guermantes; eram velhos amigos da família da Sra. de Saint-Loup.-

Eu era talvez o único a saber, pelo meu avô, que de fato os Verdurin não eram

boêmios. Mas não exatamente por terem conhecido Odette. Porém arrumamos facilmente

as narrativas do passado que ninguém conhece, como a das viagens a países aonde

ninguém nunca foi.

- Afinal - concluiu Gilberte -, já que você deixa às vezes sua torre de marfim, não lhe

conviriam mais pequenas reuniões íntimas em minha casa, para as quais só convidaria

espíritos simpáticos? "Carnificinas" como esta não são feitas para você. Via-o conversando

com minha tia Oriane, que possui todas as qualidades que quiser, mas a quem não faremos

a injustiça, não é mesmo?, de dizer que pertence à elite pensante.

Não podia pôr Gilberte a par dos pensamentos que me assaltavam há uma hora,

mas julguei que, por pura distração, ela poderia servir a meus prazeres, que, de fato, não

me pareciam dever ser conversar sobre literatura com a duquesa de Guermantes mais do

que com a Sra. de Saint-Loup. É claro que tencionava recomençar a viver na solidão a partir

do dia seguinte, se bem que agora com um objetivo preciso. Mesmo em casa, não deixaria

que me visitassem durante as horas de trabalho, pois o dever de compor minha obra era

mais importante que o de ser polido, ou até mesmo indulgente. Insistiriam, sem dúvida;

todos os que há tanto tempo não me viam acabavam de me encontrar e me julgavam

curado. Viriam quando o seu trabalho diário, ou de sua vida, estava acabado ou se interrompia, tendo então a mesma necessidade de mim como outrora eu a tivera de Saint-

Loup; porque como já o pressentira em Combray, quando meus pais me censuravam justo

no momento em que eu acabava de tomar, à sua revelia, as mais louváveis resoluções não

marcam a mesma hora os relógios interiores distribuídos aos homens. Um soa a hora do

repouso ao mesmo tempo que outro a do trabalho, o do juiz assinalando a da pena,

enquanto o do culpado desde há muito soara a hora do arrependimento e da perfeição

interior. Mas eu teria coragem para responder, aos que me viessem visitar ou convidar-me,

que, para ser informado sem demora de coisas essenciais, tinha um encontro urgente,

fundamental, comigo mesmo. E todavia, embora fossem poucas as relações existentes

entre o meu ser de verdade e o outro, devido à homonímia e ao corpo comum a ambos, a

abnegação que nos leva a sacrificar os deveres mais fáceis, e até os divertimentos, parece

egoísmo aos outros. E, além do mais, não era para me ocupar deles que haveria de viver

longe dos que se queixavam de não me ver, para me ocupar deles mais a fundo do que o

poderia fazer na sua convivência, para tentar revelá-los a eles próprios, para realizá-los? De

que me serviria se, durante alguns anos, ainda perdesse tempo em reuniões, fazendo

deslizar ao eco mal expirado de suas palavras o som igualmente vão das minhas, pelo

estéril prazer de um contato mundano que exclui qualquer aprofundamento? Não seria

melhor que, dos gestos que faziam, das palavras que pronunciavam, de sua vida, de sua

natureza, eu tentasse traçar a curva e extrair as leis gerais? Infelizmente, teria de lutar

contra o hábito de me pôr no lugar dos outros, hábito que, se favorece a concepção de uma

obra, retarda-lhe a execução. Pois, devido a uma polidez superior, ela nos leva a sacrificar

aos outros não só o nosso gosto, mas também nosso dever, quando, do ponto de vista

alheio, esse dever, qualquer que seja, é o de permanecer na retaguarda, onde será útil,

aquele que não pode prestar serviço no front, sendo considerado comodismo o que na

realidade não é.

E bem longe de me julgar infeliz por semelhante vida sem amigos, sem

conversações, como ocorreu com os mais notáveis homens, eu percebia que as forças de

exaltação, despendidas na amizade, são uma espécie de porta falsa, tendo em mira uma

amizade particular que não leva a coisa alguma, e se desviam de uma verdade para a qual

seriam capazes de nos conduzir. Mas afinal, quando me fossem necessários

intervalos de

repouso e distração, sentia que, em vez das palestras intelectuais que os mundanos julgam

úteis aos escritores, os amores ligeiros com moças em flor seriam o alimento escolhido que

a rigor eu poderia permitir à imaginação, semelhante ao famoso cavalo que só nutriam de

rosas. O que de repente me punha a desejar de novo era aquilo com que já sonhava em

Balbec, quando, sem conhecê-las ainda, via passarem em frente ao mar Albertine, Andrée e

suas amigas. Mas, ai de mim!, já não podia encontrar aquelas que, justamente nesta

ocasião, tanto desejava. A ação dos anos que transformara todos os seres que tinha visto

hoje, e a própria Gilberte, com certeza fizera das que haviam sobrevivido, como o teria feito

de Albertine caso ainda vivesse, mulheres bem diversas daquelas de que me lembrava.

Sofria por ser obrigado a alcançá-las por mim mesmo, pois o tempo que muda as criaturas

não modifica a imagem que delas conservamos. Nada mais doloroso que essa oposição

entre a mudança das criaturas e a fixidez da lembrança, quando compreendemos que a que

guardou tanto frescor em nossa memória já não pode tê-lo na vida, que não nos é possível,

exteriormente, conciliá-la com a que interiormente tão linda nos parece e que excita em nós

um desejo, tão individual contudo, de revê-la, senão satisfazendo-o em uma criatura da

mesma idade, isto é, em outra criatura. É que, como suspeitara muitas vezes, aquilo que

parece único numa pessoa a quem desejamos não lhe pertence. Mas o tempo decorrido

dava-me disso uma prova mais completa, já que, depois de vinte anos, espontaneamente,

eu queria buscar, em vez das moças que conhecera, aquelas que hoje possuíam a juventude que elas haviam tido naquela época. (Aliás, não é só o despertar dos desejos

carnais que não corresponde a nenhuma realidade por não se dar conta do tempo perdido.

Acontecia-me às vezes desejar que, por um milagre, estivessem junto a mim, vivas, ao

contrário do que havia suposto, minha avó e Albertine. Acreditava vê-las, meu coração ia-

lhes ao encontro. Olvidava apenas uma coisa: é que, se de fato vivessem, Albertine teria

agora mais ou menos o aspecto da Sra. Cottard em Balbec, e minha avó, tendo mais de

noventa e cinco anos, nada me mostraria do belo rosto calmo e sorridente com o que a

imaginava ainda agora, de modo tão arbitrário como se atribui uma barba a Deus Pai, ou

como eram representados, no século XVII, os heróis de Homero, parecendo fidalgos

enfarpelados sem qualquer noção de sua antigüidade.)

Observava Gilberte e não pensava: "Gostaria de revê-la", mas lhe disse que ela

sempre me daria prazer ao convidar-me, se possível com três moças pobres, a fim de,

dando-lhes presentinhos, poder agradá-las, sem lhes pedir em troca mais que fizessem

despertar em mim os devaneios e as tristezas de outrora e talvez, num dia improvável, um

casto beijo. Gilberte sorriu e a seguir fingiu meditar naquilo. Como Elstir apreciava ver

encarnar diante dele, em sua mulher, a beleza veneziana que tantas vezes pintara em seus

quadros, eu me desculpava por ser atraído, por um certo egoísmo estético, para as belas

mulheres que me poderiam causar mágoas, e alimentava uma certa idolatria pelas futuras

Gilbertes e duquesas de Guermantes, pelas futuras Albertines que poderia encontrar, as

quais, parecia-me, haveriam de me dar inspiração, como um escultor que passeia entre

belos mármore antigos. No entanto, deveria pensar que, anterior a cada uma, existia o meu

sentimento de mistério em que elas se banham e que, assim, em vez de pedir a Gilberte que

me apresentasse a algumas moças, seria melhor que fosse aos lugares em que nada nos

une a elas, onde entre elas e nós sentimos que há qualquer coisa de indevassável, onde, a

dois passos, na praia e no mar, sentimo-nos separados delas pelo impossível. Assim é que

meu sentimento de mistério pudera sucessivamente aplicar-se à Gilberte, à duquesa de

Guermantes, à Albertine, a tantas outras. Sem dúvida, o incógnito e quase o incognoscível

se tornara o conhecido, o familiar, indiferente ou doloroso, retendo, porém, um certo encanto

daquilo que já fora.

E, na verdade, como a folhinha que o carteiro nos traz na esperança de receber suas

festas, nenhum de meus anos deixara de ostentar no frontispício, ou intercalado em seus

dias, a imagem de uma mulher que eu desejara; imagem tanto mais arbitrária quanto às

vezes jamais vira essa mulher, como, por exemplo, a camareira da Sra. Putbus, a Srta.

d'Orgevil e ou certa moça cujo nome eu lera na seção mundana de um jornal, entre "um

enxame de valsistas encantadoras". Adivinhava-a linda, apaixonava-me por ela, e

compunha-lhe um corpo ideal que dominasse de sua altura a paisagem de uma província

onde eu havia lido, no *Annuaire des Châteaux*, que se encontravam as propriedades da

família. Quanto às mulheres que havia conhecido, tal paisagem era pelo menos dupla. Cada

uma se erguia, num ponto diverso da minha vida, trajada como uma deidade local e

protetora, primeiro no meio de uma dessas paisagens sonhadas, cuja justa posição me

enquadrava a existência, e onde eu me deliciava imaginando-a; depois, vista através das

lembranças, rodeada dos locais onde a conhecera e que ela me recordava por prender-se-

lhes, pois, se nossa vida é errante, a memória é sedentária, e por mais que andemos à toa

nossas lembranças, presas aos lugares que abandonamos, ali continuam a levar sua vida

caseira, como esses amigos temporários que o viajante faz numa cidade e que é obrigado a

deixar quando parte, pois é ali que eles, que não vão partir, terminam os dias e a vida como

se ele ainda estivesse ali, ao pé da igreja, diante do porto e sob as árvores da avenida.

Desse modo a sombra de Gilberto se alongava não apenas diante de uma igreja da Le-de-

France onde a imaginara, mas também na alameda de um parque do lado de Méséglise, e a

da Sra. de Guermantes num caminho úmido onde se erguiam pirâmides de cachos roxos e

avermelhados, ou no ouro matinal de uma calçada parisiense. E esta segunda pessoa,

nascida não do desejo, mas da lembrança, não era somente uma para nenhuma dessas

mulheres. Pois cada uma eu a vira em diversas ocasiões, em épocas diferentes, onde era

uma outra para mim, ou eu mesmo era outro, banhado em sonhos de outra cor. Ora, a lei

que governara os sonhos de cada ano, mantendo reunidas a seu redor as lembranças de

uma mulher que eu havia conhecido, tudo o que se relacionasse, por exemplo, à duquesa

de Guermantes de minha infância estava concentrado por uma força atrativa em torno de

Combray, e tudo o que se referisse à duquesa de Guermantes que daqui a pouco me

convidaria para um almoço, dispunha-se ao redor de uma criatura sensível e bem diferente;

havia diversas duquesas de Guermantes como houvera, depois da dama cor-de-rosa, várias

senhoras Swann, separadas pelo éter incolor dos anos, sendo-me impossível saltar de uma

para outra, como não poderia saltar de um para outro planeta que o éter separa. Não só

separada, mas diferente, ornada dos sonhos que eu tivera em épocas tão diversas, assim

como por uma flora especial, não encontrado em outro planeta. A tal ponto que, depois de

haver pensado que não iria almoçar com a Sra. de Forchevil e, nem com a Sra. de

Guermantes, não podia afirmar, porque isso me transportaria de um planeta para outro, que

uma era uma pessoa diferente da duquesa de Guermantes que descendia de Genevieve de

Brabant, e a outra da dama cor-de-rosa, senão porque, em mim, um homem instruído me

afirmava com a mesma autoridade do sábio que asseverasse que uma Via Láctea de

nebulosas era devida ao fracionamento de uma única estrela.

Assim Gilberte, a quem todavia eu solicitava, sem o perceber, me permitisse ter amigas semelhantes ao que ela me fora outrora, era para mim apenas a Sra. de

Saint-Loup.

Ao vê-la, já não me recordava do papel que desempenhara antigamente em meu amor,

também esquecido por ela, minha admiração por Bergotte, em quem só via agora o autor de

seus livros, sem que me acudisse (senão por vagas reminiscências inteiramente esparsas) a

emoção de ter sido apresentado ao homem, a decepção, o espanto de sua palestra, no

salão forrado de brancas peles, cheio de violetas, onde tão cedo se acendiam tantas

lâmpadas em vários consolos diferentes. Todas as lembranças que compunham a primeira

Srta. Swann eram com efeito modificadas diante da Gilberte atual, retidas bem longe pelas

forças de atração de um outro universo, em torno de uma frase de Bergotte, com a qual

formavam um só corpo, e banhadas por um perfume de espinheiro-alvar.

A fragmentária Gilberte de hoje escutou o meu pedido a sorrir. Depois, refletindo,

assumiu um ar de seriedade. E eu me sentia contente, pois aquilo evitava que prestasse

atenção num grupo que, para ela, não seria nada agradável de ver. Notava-se a duquesa de

Guermantes em animada conversação com uma velha horrível que eu contemplava sem

adivinhar quem fosse: não estava entendendo nada. De fato, era com Rachel, isto é, com a

atriz, agora célebre, que ia durante esta vespéral recitar versos de Victor Hugo e

de La

Fontaine, que a tia de Gilberte, Sra. de Guermantes, estava conversando naquele instante.

Pois a duquesa, desde há muito consciente de ocupar o primeiro lugar em Paris (não

percebendo que tal posição só existe nos espíritos que nela crêem, e que muitos dos recém-

chegados, não a vendo em parte alguma, não lendo o seu nome em nenhum sumário de

qualquer festa elegante, julgariam que ela, de fato, não tinha nenhuma importância), só em

visitas raras e o mais espaçadas quanto podia, e com bocejos, é que avistava o *faubourg*

Saint-Germain, o qual, dizia, matava-a de tédio; e, em compensação, permitia-se a fantasia

de almoçar com esta ou aquela atriz cuja companhia achava deliciosa. Nos novos

ambientes que freqüentava, sendo ainda, mais do que pensava, a mesma de sempre,

continuava a crer que entediar-se facilmente era dar provas de superioridade intelectual;

expressava-a, porém, com uma espécie de violência que lhe conferia um tom rouquenho à

voz.

Como eu lhe falasse acerca de Brichot:

- Aborreceu-me durante vinte anos; e como a Sra. de Cambremer dissesse:

- Releia o que Schopenhauer diz da música chamou a atenção para esta frase,

retrucando com veemência: - Releia é uma obra-prima! Ah, não, isto também é

demais! -

O velho d'Albon sorriu ao reconhecer uma das formas do espírito de Guermantes.

Gilberte, mais moderna, permaneceu impassível. Apesar de filha de Swann, como um pato

chocado por uma galinha, era mais *lakista*, dizia:

*[*Lakista* (do inglês *lake*, 'lago'): diz-se dos poetas das regiões dos lagos escoceses, e cujos

escritos se inspiravam na natureza, em estilo singelo. Opunham-se às formas clássicas e

pomposas. (N. do T)]*

- Achei tocante, de uma sensibilidade comovedora. -

Disse à Sra. de Guermantes que havia encontrado o Sr. de Charlus. Ela o achava ainda mais "acabado" do que estava, pois os mundanos faziam diferenças, quanto à

inteligência, não só entre os diversos membros da sociedade, nos quais é mais ou menos

igual, mas até entre uma mesma pessoa em diferentes momentos de sua vida. Depois

acrescentou:

- Ele sempre foi o retrato da minha sogra; mas agora ainda é mais impressionante a

semelhança.-

Tal semelhança nada tinha de extraordinária. Com efeito, sabe-se que certas

mulheres se projetam detalhadamente em outro ser, errando apenas de sexo. Erro do qual

não se pode dizer: feliz culpa, pois o sexo reage sobre a personalidade e, num homem, a

mesma feminilidade se torna afetação, a reserva se faz suscetibilidade etc. Não importa; no

rosto, ainda que de faces barbadas ou congestionado sob as suíças, há certas linhas

superpostas às de um retrato materno. Todos os velhos Charlus são ruínas onde se reconhecem, com espanto, sob as camadas de gordura e de pó de arroz, alguns fragmentos

de uma linda mulher em sua juventude eterna. Neste momento, entrou Morel; a duquesa

portou-se com ele de uma forma tão amável que me desconcertou um pouco.

- Ah, não tomo parte nas brigas de família - disse ela. - Não as acha aborrecidas?

Pois, se nesses períodos de vinte anos os conglomerados de grupinhos se

desfaziam e se reformavam conforme a atração dos novos astros, aliás também destinados

a se afastar e depois a reaparecer, cristalizações e depois esmigalhamentos e a seguir

novas cristalizações haviam ocorrido na alma das criaturas. Se para mim a Sra. de

Guermantes fora muitas pessoas, para esta, para a Sra. Swann, etc., determinada pessoa

tinha sido a predileta de uma época precedente ao Caso Dreyfus, e depois um fanático, ou

um imbecil a partir desse mesmo Caso, que, para elas, mudara o valor das criaturas e

classificara de modo diverso os partidos, os quais desde então se haviam desfeito e refeito.

O que contribui poderosamente para isso, e acrescenta sua influência às puras afinidades

intelectuais, é o tempo decorrido, que nos faz esquecer nossas antipatias e nossos desdêns.

Se houvessem analisado a elegância da jovem Sra. de Cambremer, teriam descoberto que

ela era sobrinha do comerciante da nossa casa, Jupien, e o que se acrescentara a isso para

fazê-la radiosa fora que seu pai obtinha homens para o Sr. de Charlus. Porém tudo isto

combinado havia produzido efeitos cintilantes, ao passo que as causas, já remotas, não só

eram desconhecidas de muitos dos novatos, mas até daqueles que as tinham conhecido e

as esqueceram, fixando-se muito mais no brilho atual que nas vergonhas passadas, pois

tomamos sempre um nome pela sua acepção atual. E o interessante dessas transformações

dos salões é que eram também um efeito do tempo perdido e um fenômeno de memória.

A duquesa ainda hesitava, receando uma cena do Sr. de Guermites diante de

Balthy e de Mistinguett, que ela achava adoráveis, mas decididamente adotara Rachel como

amiga. As novas gerações concluíam daí que a duquesa de Guermites, apesar do nome,

não devia ter sangue puro e jamais pertencera inteiramente à alta sociedade.

É certo que, no caso de alguns soberanos cuja intimidade lhe era disputada por duas

outras grandes damas, a Sra. de Guermites ainda se dava o trabalho de tê-los ao almoço.

Mas, por um lado, eles vinham raramente, conheciam gente de baixa extração,

e, por outro,

a duquesa, pelo respeito supersticioso dos Guermantes quanto ao velho protocolo (pois, ao

mesmo tempo que as pessoas bem-educadas a chateavam, ela prezava a boa educação),

punha nos convites: "Sua Majestade ordenou à Duquesa de Guermantes", "dignou-se", etc.

E as novas camadas, ignorando tais fórmulas, chegavam à conclusão de que a duquesa era

de origem bastante humilde.

Do ponto de vista da Sra. de Guermantes, essa intimidade com Rachel podia

significar que nos enganáramos ao crer que eram hipócritas e mentirosas suas

condenações da elegância, ao julgar que, quando se recusava a ir à casa da Sra. de Saint-

Euverte, não o faria em nome da inteligência, mas do esnobismo, que só achava tola a

marquesa porque esta deixava perceber que era esnobe, pois ainda não alcançara uma

posição de destaque. Mas essa intimidade com Rachel podia significar também que a

inteligência, na duquesa, era na realidade medíocre, insatisfeita e que, cansada do

mundanismo, buscava realizar-se tardiamente, na ignorância das verdadeiras realidades

intelectuais, e com uma ponta daquele espírito de fantasia graças ao qual as senhoras

distintas, que dizem consigo: "como vai ser divertido", acabam a noite de maneira

entediante, indo por troça acordar alguém sem saber o que dizer-lhe, e junto a

cujo leito

permanecem por um instante envoltas na sua capa de baile, e depois, tendo verificado ser

muito tarde, terminam por ir deitar-se.

É preciso acrescentar que a antipatia que desde há pouco vinha nutrindo por Gilberte

a versátil duquesa podia lhe dar um certo prazer em receber Rachel, o que lhe permitia,

além disso, proclamar uma das máximas dos Guermantes, a saber, que eles eram

numerosos demais para encampar as brigas (e quase para tomar luto) uns dos outros,

independência resumida na frase "não tenho nada com isso", que havia reforçado a política

a ser adotada em relação ao Sr. de Charlus, o qual, se a seguissem, os teria indisposto com

todo o mundo.

Quanto a Rachel, se na realidade envidara grandes esforços para ligar-se à duquesa

de Guermantes (esforços que a duquesa não soubera distinguir sob os desdêns fingidos, as

descortesias intencionais, que a espicaram e a fizeram sentir grande admiração por uma

atriz tão pouco esnobe) -, de um modo geral isto se devia, indubitavelmente, ao fascínio que

as pessoas da alta sociedade exercem, a partir de certo momento, sobre os mais enrustidos

boêmios, paralelo ao que os próprios boêmios exercem sobre a alta sociedade, duplo

refluxo correspondente, no plano político, ao que ocorre na curiosidade recíproca e no

desejo de formar aliança entre povos que se combateram. Mas o desejo de Rachel podia ter

um motivo mais particular. Fora na casa da Sra. de Guermites, fora da própria duquesa,

que ela recebera outrora sua mais cruel afronta. Aos poucos, Rachel não a esquecerá, mas

perdoará; porém o prestígio singular que a duquesa obtivera a seus olhos não devia apagar-

se jamais.

A conversa, da qual eu queria desviar a atenção de Gilberte, foi aliás interrompida,

pois a dona da casa procurava a atriz, já que era hora de recitar. Esta, deixando a duquesa,

subiu ao estrado.

Ora, ao mesmo tempo, ocorria na outra extremidade de Paris um espetáculo bem

diferente. A Berma, como já disse, convidara algumas pessoas para tomar chá em

homenagem ao filho e à nora. Mas os convidados não se apressavam a chegar. Tendo

sabido que Rachel ia recitar versos na casa da princesa de Guermites (o que muito a

escandalizava, pois a Berma, grande artista, encarava Rachel como a uma prostituta que

havia deixado ser figurante em peças -onde ela própria desempenhara o papel principal -e

isto porque Saint-Loup lhe pagava a roupa com que se apresentava. Escândalo

tanto maior

porquanto correria em Paris a notícia de que os convites estavam no nome da princesa de

Guermantes, mas, na realidade, era Rachel quem recebia em casa da princesa), a Berma

escrevera insistentemente a alguns convivas fiéis no sentido de que não faltassem ao chá,

pois sabia-os muito amigos também da princesa de Guermentes desde o tempo em que ela

era Verdurin. Porém as horas passavam e ninguém aparecia.

Bloch, a quem tinham perguntado se queria ir, respondera ingenuamente:

- Não, prefiro ir à casa da princesa de Guermentes. -

Infelizmente, no fundo, todos haviam decidido a mesma coisa. A Berma, vítima de

uma enfermidade mortal que a obrigava a quase não freqüentar a sociedade, vira seu

estado agravar-se quando, para satisfazer os desejos de luxo da filha, necessidades que

seu genro, enfermo e preguiçoso, não podia contentar, voltara ao palco. Sabia que estava

abreviando seus dias, mas queria dar prazer à filha com seus gordos honorários, e ao

genro, a quem detestava mas adulava, pois, sabendo-o adorado pela mulher, receava, se o

descontentasse, que ele, por malvadez, a privasse de ver a filha. Esta, amada em segredo

pelo médico que tratava do marido, convencera-se que não seria perigoso para mãe

representar a *Fedra*. De algum modo, forçara o médico a anuir, só lhe retendo da resposta a

licença, em meio a objeções de que não tomou conhecimento; de fato, o médico tinha dito

não ver grande inconveniente nas representações da Berma. Dissera-o por sentir que dava

prazer à moça a quem amava, e igualmente talvez por ignorância, por saber que a doença,

de qualquer modo, era incurável pois nos resignamos de boa vontade a abreviar o martírio

dos enfermos, quando isso nos beneficia -, talvez também pela estúpida ilusão de que isso

agradava à Berma e, portanto, deveria lhe fazer bem, idéia estúpida que lhe parecera

justificada quando, tendo recebido dos filhos dela um camarote, e, por causa disso, largado

todos os seus clientes, achou a Berma tão estuante de vida no palco quanto parecera

moribunda fora dele. E, de fato, nossos hábitos, em larga medida, nos permitem, inclusive

ao nosso organismo, o acomodar-se a uma existência que, a princípio, pareceria impossível.

Quem já não viu um velho mestre de equitação praticar todas as acrobacias, às quais não

se julgaria que seu coração resistisse um só minuto? A Berma não era menos experiente no

palco, a cujas instâncias seus órgãos se haviam adaptado tão perfeitamente que ela podia,

devido à prudência indiscernível ao público, dar a ilusão de uma boa saúde que fosse

perturbada apenas por um mal puramente nervoso e imaginário. Depois da cena da

declaração a Hipólito, ainda que a Berma soubesse da noite horrorosa que iria passar, os

admiradores a aplaudiam com entusiasmo, afirmando que ela estava mais bela que nunca.

Voltou para casa sofrendo horrivelmente, mas feliz por trazer à filha as notas azuis que, com

malícia de antiga mocinha da ribalta, costumava esconder nas meias, de onde as tirava com

orgulho, esperando um sorriso, um beijo. Infelizmente essas notas só serviam para que a

filha e o genro adornassem ainda mais a sua casa, que ficava contígua à da mãe; daí as

incessantes marteladas que interrompiam o sono de que a grande trágica tanto precisava.

De acordo com as variações da moda, e para estar conforme o gosto do Sr. de X... ou de

Y..., a quem esperavam receber, modificavam todos os cômodos. E a Berma, sentindo que

havia perdido o sono, único alívio para seu sofrimento, resignava-se a não tornar a

adormecer, não sem um secreto desprezo por tais elegâncias que apressavam a sua morte,

tornando-lhe atrozes os últimos dias. Sem dúvida, era também um pouco por esse motivo

que ela os desprezava, vingança natural contra aquilo que nos faz mal e que somos

impotentes para evitar. Mas também porque, tendo consciência de seu gênio, tendo

aprendido desde a mais remota juventude a perceber a insignificância de todos esses

decretos da moda, permanecera fiel à tradição que sempre respeitara, da qual era a

encarnação, e que a fazia julgar as coisas e as pessoas como trinta anos antes; por

exemplo, julgar Rachel, não como a atriz da moda que era atualmente, mas como a putinha

que havia conhecido. Aliás, a Berma não era melhor que a filha, nela é que a filha colhera,

pela hereditariedade e pela convivência, o exemplo que uma admiração bem natural tornava

mais eficaz: o egoísmo, a zombaria impiedosa, a crueldade inconsciente. Apenas, tudo isso

a Berma havia imolado à filha, desse modo livrando-se de tudo. Além do mais, mesmo que

não tivesse em casa operários a todo instante, a filha ainda assim fatigaria a mãe, como as

forças atrativas, ferozes e levianas da mocidade fatigam a velhice, a doença, que se

esgotam querendo acompanhá-las. Todos os dias davam-se almoços, dos quais teriam

julgado a Berma egoísta se privasse a filha, nem mesmo podendo ela esquivar-se, já que,

para forçar a vinda de relações recentes e difíceis, a filha acenava com a presença

prestigiosa da mãe ilustre. "Prometia-a" a essas mesmas relações para uma festa ao ar

livre, a fim de lhes fazer uma fineza. E a pobre mãe, gravemente ocupada no seu colóquio

com a morte que nela se instalara, era obrigada a se levantar bem cedo, a sair. Bem mais;

como à mesma época Réjane, em pleno fastígio do talento, dava no estrangeiro representações de imenso êxito, o genro achou que a Berma não devia se deixar eclipsar,

quis que a família colhesse a mesma profusão de glória e forçou a Berma a fazer turnês

onde a obrigavam a tomar picadas de morfina, o que podia matá-la devido ao estado de

seus rins. Essa mesma atração pela elegância, pelo prestígio social, pela vida mundana,

havia feito, no dia da festa na casa da princesa de Guermantes, o papel de bomba aspiradora e conduzira até lá, com a força de uma máquina pneumática, até os mais fiéis

convivas da Berma, em cuja casa, ao contrário, e por conseqüência, instalou-se o vazio e a

morte. Viera um rapaz, incerto se a festa na casa da Berma seria igualmente brilhante.

Quando a Berma viu a hora passar e compreendeu que todos a abandonavam, mandou

servir o chá e todos se sentaram em torno da mesa, mas como para um repasto fúnebre.

Nada no rosto da Berma lembrava ainda aquela cuja fotografia tanto me perturbara numa

noite de *mi-carême*. Como diz o povo, a Berma trazia a morte estampada no rosto. Desta

vez parecia mesmo uma estátua de mármore do antigo Erectêion. Suas artérias endurecidas, já meio petrificadas, formavam longos cordões esculturais que lhe percorriam

as faces com rigidez mineral. Os olhos morrentes ainda apresentavam uma vivacidade

relativa, contrastando com a terrível máscara ossificada, e tinham um brilho débil como uma

serpente adormecida entre as pedras. Entretanto o rapaz, que se assentara à mesa por

polidez, consultava a hora a todo instante, atraído como estava pela brilhante recepção na

casa dos Guermantes. Berma não tivera uma só palavra de censura aos amigos que a

tinham abandonado, e que ingenuamente esperavam que ela não soubesse tinham ido à

casa dos Guermantes. Murmurou apenas:

- Uma Rachel dando uma festa na casa da princesa de Guermantes. É preciso estar

em Paris para ver semelhantes coisas. -

E comia, silenciosamente e com lentidão solene, parecendo obedecer a ritos

fúnebres, os bolos que lhe eram proibidos. O "chá" era tanto mais triste quanto o genro se

mostrava furioso porque Rachel, que ele e a mulher tão bem conheciam, não os convidara.

Seu despeito foi bem maior quando o rapaz lhe confessou conhecer muito bem Rachel, o

bastante para, se não chegasse atrasado nos Guermantes, pedir-lhe que convidasse à

última hora o frívolo casal. Mas a filha da Berma sabia perfeitamente em que ínfimo nível a

mãe colocava Rachel, e que a mataria de desespero solicitando um convite da antiga

prostituta. Assim, dissera ao rapaz e ao marido que tal coisa era impossível. Mas vingava-

se, assumindo durante o chá atitudes adequadas para exprimir sua sede de prazeres, o

tédio de se privar deles por causa da chata da mãe. Esta fingia não ver as caretas da filha e,

de quando em quando, dirigia ao rapaz, com voz agonizante, uma palavra amável por ser o

único dos convidados que havia comparecido. Mas em breve a corrente de ar que tudo

aspirava para a casa dos Guermantes, e que até a mim arrastara, foi mais intensa, e o rapaz

se foi, deixando *Fedra* ou a morte (não se sabia mais qual das duas ela era) acabar de

comer, com a filha e o genro, os bolos funerários.

Fomos interrompidos pela voz da atriz que acabara de se erguer. Seu modo de

recitar era inteligente, pois pressupunha que a poesia a ser recitada pela atriz preexistia

como um todo a esse recital, e da qual só ouvíamos um fragmento, como se a artista,

tomando por um atalho, estivesse por um momento ao alcance de nossos ouvidos.

O anúncio de poesias que quase todos conheciam causara prazer. Mas, quando

viram a atriz, antes de começar, olhar em torno com ar desvairado, erguer as mãos em

gesto súplice e emitir cada palavra com um gemido, todos se mostraram constrangidos,

quase chocados, com semelhante exibição de sentimentos. Ninguém havia pensado que se

podiam recitar versos daquele modo. Aos poucos foram se acostumando, isto é, esquecendo a primeira sensação de mal-estar, percebendo o que é bom, comparando

mentalmente as várias maneiras de recitar, pensando: esta é melhor, aquela é pior. Mas da

primeira vez, assim quando, no julgamento de uma causa simples, vemos um advogado

avançar, erguer um braço de onde recai a manga da toga, e começar com um tom

ameaçador, não ousamos encarar os vizinhos. Pois nos parece grotesco, mas talvez seja

magnífico, e melhor será não demonstrar coisa alguma.

Não obstante, o auditório ficou estupefato ao ver essa mulher, antes de haver emitido

um único som, dobrar os joelhos, estender os braços, como se acalentasse um ser invisível,

tornar-se cambaia, e de súbito, para recitar versos muito conhecidos, assumir um tom

suplicante. Todos se entreolhavam, sem saber que cara fazer, alguns jovens mal-educados

abafavam o riso doido, e cada qual lançava, disfarçadamente, ao vizinho olhares furtivos,

como nos banquetes elegantes quando, tendo que lidar com instrumentos novos, garfos de

lagosta, raspador de açúcar etc., de que não conhece o objetivo nem o manejo, presta-se

atenção em algum conviva experiente, o qual se espera que se sirva primeiro, dando assim

a possibilidade de imitá-lo. Assim também fazemos quando alguém cita versos

que

ignoramos mas que desejamos dar a entender que os conhecemos, deixando, como quem

cede o passo diante de uma porta, a outro mais instruído, como se fizéssemos um favor, o

prazer de dizer quem é.

Assim, ouvindo a atriz, cada um esperava, cabeça baixa e olho investigador, que outrem assumisse a iniciativa de rir ou de criticar, de chorar ou de aplaudir.

A Sra. de Forchevil e, chegada expressamente de Guermantes, de onde a duquesa

fora mais ou menos expulsa, mostrava uma fisionomia atenta, tensa, quase desagradável,

ou para indicar ser conhecedora e não ter vindo apenas como mundana, ou por hostilidade

para com as pessoas que, menos versadas em literatura, viessem lhe falar de outra coisa,

ou ainda para concentrar-se, a fim de saber se "gostava" ou não, ou talvez porque, achando

aquilo "interessante", não "gostasse" pelo menos da maneira de recitar certos versos. Tal

atitude deveria ser adotada de preferência pela princesa de Guermantes. Mas, como era a

anfitriã e, tão avara quanto rica, resolvera não dar mais que cinco rosas a Rachel, a princesa

de Guermantes fazia a claque. Provocava o entusiasmo e fazia pressão, soltando a todo

instante exclamações deslumbradas. Apenas aí é que se reencontrava como Verdurin, pois

parecia ouvir os versos para seu próprio prazer, como se fossem recitados só para ela e por

acaso ali houvesse reunido quinhentas pessoas amigas, a quem, às escondidas, havia

permitido que viessem para assistir a seu próprio deleite.

Entretanto reparei, sem nenhuma satisfação de amor-próprio, pois ela estava feia e

velha, que a atriz me deitava olhos compridos, aliás com alguma reserva. Durante todo o

recital, deixou palpar nos olhos um sorriso reprimido e penetrante, parecendo a isca de um

assentimento que desejava partisse de mim. Todavia, algumas velhas senhoras, pouco

habitadas aos recitais poéticos, diziam a um vizinho:

- Não viu? - aludindo à mímica trágica e solene da atriz, e que não sabiam como qualificar.

A duquesa de Guermantes sentiu a leve indecisão e forçou a vitória exclamando:

- É admirável! - bem no meio de um poema, que julgara findo. Então, mais de um

convidado fez questão de ressaltar esta exclamação com um olhar de aprovação e uma

inclinação de cabeça, menos talvez para mostrar sua compreensão quanto à recitante do

que suas relações com a duquesa. Quando o poema terminou, como estivéssemos junto da

atriz, ouvi-a agradecer à Sra. de Guermantes e, ao mesmo tempo, aproveitando que eu

estava ao lado da duquesa, voltou-se para mim e me cumprimentou

graciosamente.

Compreendi então que se tratava de uma pessoa que eu deveria conhecer, e que, ao

contrário dos olhares apaixonados do filho do Sr. de Vaugoubert, que eu tomara pelo

cumprimento de alguém que se enganasse, o que havia julgado na atriz um olhar de desejo

nada mais era que provocação para ser reconhecida e saudada por mim. Respondi com um

cumprimento risonho.

- Tenho certeza de que ele não me reconheceu - disse a recitante à duquesa.

- Claro que sim - retruquei em tom de segurança -, reconheço-a perfeitamente.

- Muito bem, quem sou eu?-

Eu não sabia absolutamente nada e tornou-se precária a minha posição. Se, ao

recitar os mais belos versos de La Fontaine, essa mulher, felizmente, só pensara, seja por

bondade ou estupidez, na dificuldade de travar relações comigo, durante esse mesmo

recital, Bloch só cuidara em fazer seus preparativos para, logo que terminasse o poema,

saltar como um sitiado em fuga e, passando senão sobre os corpos, ao menos sobre os pés

dos vizinhos, vir felicitar a atriz, seja por uma concepção errônea do dever, seja pelo desejo

de ostentação.

- Como é engraçado ver Rachel aqui! - disse-me ao ouvido. Este mágico nome

quebrou de pronto o encanto que dera à amante de Saint-Loup a forma desconhecida dessa

velha imunda. Logo que soube quem ela era, reconheci-a perfeitamente. - Saiu-se muito

bem - disse Bloch à Rachel; e, tendo dito estas simples palavras, estando satisfeito o seu

desejo, voltou, e fez tanto barulho e teve tanta dificuldade para reocupar seu lugar, que

Rachel teve de esperar mais de cinco minutos antes de recitar a segunda poesia. Quando

acabou esta, *Os Dois Pombos*, a Sra. de Morierval aproximou-se da Sra. de Saint-Loup,

que sabia ser muito letrada mas esquecendo que Gilberte herdara o temperamento sutil e

sarcástico do pai:

- É mesmo a fábula de La Fontaine, não? - perguntou, julgando até havê-la

reconhecido, mas sem certeza nenhuma, pois conhecia bem mal as fábulas de La Fontaine

e, além disso, achava que eram coisas para crianças que não se recitavam em reuniões da

alta sociedade.

Para obter tal sucesso, pensava a boa senhora, a atriz deveria, sem dúvida, ter

pastichado as tais fábulas. Ora, Gilberte, sem querer, reforçou-lhe essa idéia, pois não

gostando de Rachel e querendo indicar que nada restava das fábulas com semelhante

interpretação, disse-o de modo extremamente sutil, que era o de seu pai, e que deixava as

pessoas simplórias em dúvida sobre o que queria dizer:

- Uma quarta parte é de invenção da intérprete, outro quarto é loucura, um

quarto

não faz nenhum sentido, e o resto é de La Fontaine. - o que permitiu à Sra. de Morienvál

sustentar que aquilo que todos tinham acabado de ouvir não eram *Os Dois Pombos* de La

Fontaine, mas um arranjo em que no máximo uma quarta parte era do autor das fábulas. O

que não espantou ninguém, tendo em vista a incrível ignorância do público.

Mas, tendo chegado atrasado um dos amigos de Bloch, este sentiu a alegria de lhe perguntar se nunca ouvira Rachel, de lhe fazer uma extraordinária descrição de seu modo

de enunciar, exagerando e encontrando de súbito, ao contar, ao revelar a outrem essa

dicção modernista, um prazer estranho que jamais havia experimentado ao ouvi-la. Depois,

com emoção exagerada, Bloch felicitou Rachel em tom de falsete e apresentou-lhe o amigo,

o qual declarou não admirar ninguém quanto a ela; e Rachel, que agora conhecia as damas

da alta sociedade e, sem o perceber, as imitava, respondeu:

- Oh, estou muito lisonjeada, muito honrada com a sua opinião. -

O amigo de Bloch lhe perguntou o que achava da Berma.

- Pobre mulher, parece estar na maior miséria. Não deixou de ter, não direi talento,

pois no fundo não se tratava do verdadeiro talento, ela só gostava de horrores, mas enfim

certamente teve a sua utilidade; representava de modo bastante vivaz, e, além disso, era

boa, generosa, arruinou-se por causa dos outros; e, como há muito já não tinha um tostão,

pois o público há bastante tempo já não se interessa pelo que ela faz... De resto -

acrescentou rindo - direi que minha idade naturalmente não me permitiu ouvi-la senão bem

nos últimos tempos, e quando eu mesma era jovem demais para avaliar. - Não recitava

bem? - arriscou o amigo de Bloch para adular Rachel, que respondeu:

- Ah, nunca soube dizer sequer um único verso! Tratava-se de prosa, de chinês, de

volapuque, de tudo menos de um verso.

Mas eu percebia que o tempo que passa não traz forçosamente o progresso nas

artes. E assim como determinado autor do século XVII, que não conhece nem a Revolução

Francesa nem as descobertas científicas, nem a guerra, pode ser superior a determinado

escritor de hoje, e que talvez até mesmo Fagon fosse um médico tão insigne quanto Du

Boulbon (a superioridade do gênio compensando aqui a inferioridade do conhecimento), da

mesma forma a Berma estava, como se diz, a cem furos acima de Rachel, e o tempo, pondo

esta em evidência à mesma época que Elstir, havia enaltecido uma mediocridade e

consagrado um gênio.

*[Guy-crescent Fagon (1638-1718) foi médico de Luís XIV, desde 1693 até a morte do rei

em 1714. (N. .do T)]*

Não era de espantar que a antiga amante de Saint-Loup difamasse a Berma. Tê-lo-ia

feito quando jovem. E, se então não o fizesse, fá-lo-ia agora. Que uma mulher da sociedade,

muito inteligente e de grande bondade, se faça atriz, manifeste grande talento nesse ofício

novo para ela, e aí só encontre êxitos, poderá assombrar, a quem a vir muito depois de tudo

isso, por ouvir-lhe, não a linguagem que antigamente empregava, mas a das comediantes, a

grosseria própria destas em relação às companheiras, tudo o que, passando sobre um ser

humano, acrescentam-lhe "trinta anos de teatro". Assim procedia Rachel, e não deixava o

seu meio.

- Digam o que quiserem, é admirável, tem estilo, personalidade, é inteligente, nunca

ninguém recitou versos dessa maneira - disse a duquesa, receando que Gilberte a atacasse.

Esta se afastou para outro grupo a fim de evitar um conflito com a tia, a qual, aliás, só me

disse coisas bem triviais sobre Rachel.

A Sra. de Guermantes, no declínio da vida, sentira despertar em si novas

curiosidades. A alta sociedade nada mais tinha a lhe dizer. A noção de que nela ocupava o

primeiro posto era-lhe tão evidente quanto a distância do céu azul sobre a terra. Não julgava

necessário fortalecer uma posição tida como inabalável. Em compensação, ao ler ou ir ao

teatro, sentia a necessidade de um prolongamento dessas leituras, desses espetáculos;

como outrora no acanhado jardimzinho onde se servia laranjada, tudo o que havia de mais

requintado na alta sociedade vinha familiarmente, por entre as brisas perfumadas da noite e

as nuvens de pólen, manter nela o gosto pela sociedade, assim como agora um outro

apetite lhe fazia desejar saber os motivos de certas polêmicas literárias, conhecer os

autores, e até mesmo as atrizes. Seu espírito fatigado reclamava uma nova espécie de

alimento. Para conhecer uns e outras, aproximou-se das mulheres com quem outrora

recusara manter correspondência e que, na esperança de conquistá-la, faziam valer sua

intimidade com o diretor de determinada revista.

A primeira atriz a ser convidada julgou ser a única num ambiente extraordinário, o

qual já pareceu mais medíocre à segunda ao ver por quem fora precedida. Porque em

certas noites recebia monarcas, julgava a duquesa que coisa alguma havia mudado em sua

posição. Na realidade, ela, a única de sangue verdadeiramente sem mescla, ela que,

nascida Guermantes, podia assinar "Guermantes-Guermantes" quando não assinava "a

duquesa de Guermantes", ela que até às próprias cunhadas parecia algo de especialmente

precioso, como um Moisés salvo das águas, um Cristo oculto no Egito, um Luís XVII fugido

à prisão do Templo, o puro dos puros, agora sem dúvida sacrificando a essa necessidade

hereditária de alimento espiritual que fizera a decadência social da Sra. de Vil eparisis

tornara-se ela própria uma outra Sra. de Vil eparisis, em cuja casa as mulheres esnobes

temiam encontrar fulana ou sicrano, a quem os jovens, constatando o fato consumado sem

lhe conhecer as causas, achavam que era uma Guermantes de extração inferior, de má

colheita, uma Guermantes desclassificada.

Mas, visto que os melhores escritores muitas vezes, com a aproximação da velhice

ou após um excesso de produção, deixam de ter talento, podemos perfeitamente desculpar

as mulheres da alta sociedade por deixarem de ter espírito a partir de certo momento.

Swann já não encontrava, na dura vivacidade de espírito da duquesa de Guermantes, a

finura da jovem princesa des Laumes. No final da vida, cansada ao menor esforço, a Sra. de

Guermantes dizia muitas asneiras. Claro que a todo instante, e muitas vezes durante esta

mesma vespéral, ela voltava a ser a mulher que eu conhecera, e falava com espírito das

coisas mundanas. Mas, por outro lado, sucedia muitas vezes que essa palavra entusiasta,

aliada a um lindo olhar, e que durante tantos anos mantivera sob seu cetro espiritual os mais

eminentes homens de Paris, cintilava ainda, mas, por assim dizer, no vazio. No momento de

lançar uma frase maliciosa, ela se interrompia durante o mesmo número de segundos que

outrora, parecia hesitar, criar, mas a frase que então lançava já não valia a pena. Como era

reduzido, aliás, o número de pessoas que percebiam isto! A continuidade desse

procedimento as fazia acreditar na sobrevivência da graça, como ocorre com os que,

supersticiosamente ligados a uma certa marca de produtos comestíveis, continuam a

comprar do mesmo fabricante sem notar que se tornaram detestáveis. Já durante a guerra a

duquesa dera mostras dessa decadência. Se alguém pronunciava a palavra "cultura", ela se

detinha, sorria, iluminava seus belos olhos, e exclamava: "a KKKKultura", o que provocava o

riso dos amigos, que julgavam encontrar nisso o espírito dos Guermantes. E certamente era

o mesmo modelo, a mesma entonação, o mesmo sorriso que haviam encantado Bergotte, o

qual, de resto, também conservara os mesmos cortes de frases, suas mesmas interjeições,

seus pontos de suspensão, seus epítetos, mas para não dizer coisa alguma. Porém os

recém-chegados espantavam-se, dizendo às vezes, se a encontravam nos dias em que ela

não estava "de veia" e "em plena posse de seus recursos":

- Como é idiota!

Aliás, a duquesa se ajeitava para canalizar seu aviltamento, não o deixando se espalhar pelas pessoas da família das quais hauria uma glória aristocrática. Se, no teatro,

para preencher seu papel de protetora das artes, convidava um ministro ou um pintor, e

estes ingenuamente lhe perguntassem se a cunhada ou o marido não compareceriam, a

duquesa, tímida, dando-se ares soberbos de audácia, respondia com insolência:

- Não sei de nada. Logo que saio de casa, desconheço o que faz a minha família.

Para todos os políticos e todos os artistas, sou viúva. -

Assim, evitava que o arrivista muito atencioso atraísse as grosserias e ela própria as

censuras da Sra. de Marsantes e de Basin.

- Nem sei dizer a minha satisfação em vê-lo. Meu Deus, quando foi que o vi pela última vez?... - Em visita à casa da Sra. d'Agrigento, onde a encontrava com freqüência. - É

claro que ia lá muitas vezes, meu pobre amigo, pois Basin a amava. Encontravam-me

sempre na casa de sua amante eventual, pois Basin dizia: "Não deixe de lhe fazer uma

visita." No fundo, isso me parecia um tanto inconveniente, era uma espécie de "visita de

digestão" a que ele me obrigava cada vez que a possuía. Acabei por me habituar bem

depressa a tudo isso; porém o mais aborrecido é que eu era obrigada a manter as relações

depois que ele acabava com as suas. O que sempre me fazia pensar no verso de Victor

Hugo: *Leve a felicidade mas deixe-me o tédio.* *[Trata-se do poema "15 de fevereiro de

1843", dedicado pelo poeta à filha Léopoldine. No original está *laisse-nous* ("deixe-nos"). (N.

do T)]* - Como na mesma poesia, eu chegava, apesar de tudo, *risonha*, *["O poema citado

termina: "saí com uma lágrima/ entra com um sorriso!" (N. do T)]*; mas na verdade não era

justo; ele devia ter me deixado ser infiel com suas amantes, pois, acumulando assim todos

os seus "restos a pagar", acabava por não ter mais uma única tarde livre. Por outro lado,

aquele tempo me parece mais doce que o de hoje. Meu Deus, que ele se ponha de novo a

me trair só pode me lisonjear, pois me faz rejuvenescer. Mas prefiro o seu jeito antigo.

Droga, fazia muito tempo que não me traía, já nem se lembrava mais de como fazê-lo! Ah,

mesmo assim nos damos bem, conversamos e gostamos bastante um do outro- confessou

a duquesa, temendo que eu os imaginasse completamente separados e, como se falasse de

alguém que está gravemente enfermo: - Mas ele ainda fala muito bem, ouviu-me ler em voz

alta esta manhã durante uma hora. - E acrescentou: -Vou lhe dizer que você está aqui, vai

querer vê-lo. -

E aproximou-se do duque, o qual, sentado num canapé junto a uma dama, conversava com ela. Admirei-me que se conservasse quase o mesmo, apenas de cabelos

mais brancos, continuando a ser majestoso e belo como antes. Mas, vendo a duquesa que

vinha lhe falar, mostrou-se tão furioso que esta não teve outro remédio senão retirar-se.

- Ele está ocupado não sei em quê, veremos daqui a pouco - disse-me a Sra. de Guermantes, preferindo deixar que eu agisse como entendesse.

Tendo Bloch se aproximado de nós e indagado, em nome de sua americana, quem

era uma jovem duquesa presente, respondi que se tratava da sobrinha do Sr. de Bréauté;

sobre o qual Bloch me pediu explicações, pois o nome nada lhe dizia.

- Ah, Bréauté - exclamou a duquesa de Guermantes dirigindo-se a mim - lembra-se?

como é velho, como vai longe tudo isso! Pois bem, era um esnobe. Sua família morava perto

da minha sogra. Isto não lhe interessaria, senhor Bloch; é divertido para este rapaz, que

conheceu todos antigamente, ao mesmo tempo que eu - acrescentou a Sra. de Guermantes

apontando-me e, com essas palavras, dando-me a entender de vários modos o longo tempo

que havia transcorrido. As amizades e as opiniões da Sra. de Guermantes se haviam

renovado tanto desde o momento em que considerava retrospectivamente como esnobe o

seu encantador Babal. Por outro lado, este não só se fizera bastante recuado no tempo,

mas, coisa de que não percebera quando, nos meus começos na sociedade, o havia julgado

uma das notabilidades essenciais à Paris, a cuja história mundana permaneceria sempre

ligado como Colbert à do reinado de Luís XIV, possuía igualmente seu estigma provinciano,

era vizinho de campo da velha duquesa, e como tal fora recebido pela princesa des Laumes.

Entretanto, esse Bréauté, despojado de seu vivo espírito, relegado para a época longínqua

com a qual se confundia (o que provava ter sido inteiramente olvidado pela duquesa),

confinado aos arredores de Guermantes, constituía, o que eu jamais teria acreditado

naquela primeira noite na ópera (quando me parecera um deus aquático habitando seu

antro marinho), um elo entre mim e a duquesa, pois ela se lembrava que eu o conhecera e,

portanto, era seu amigo, senão saído do seu ambiente ao menos nele vivendo há muito

mais tempo do que várias das pessoas presentes; lembrava-se, todavia muito

imperfeitamente, a ponto de ter esquecido certos pormenores que à época tinham me

parecido essenciais, como o fato de eu não ir a Guermantes, não passar de um pequeno

burguês de Combray no tempo em que ela ia à missa do casamento da Srta. Percepied, por

não ter querido me convidar, a despeito das insistências de Saint-Loup, no ano seguinte ao

seu aparecimento na ópera Cômica. A mim, isto me parecia capital, pois fora justamente

naquela ocasião que a vida da duquesa de Guermantes se me afigurava um paraíso onde

eu não chegaria a entrar. Mas, para ela, parecia-lhe a mesma vida medíocre de sempre e,

desde que eu, a partir de um certo momento, jantara com freqüência em sua casa, e fora,

aliás antes mesmo disso, um amigo de sua tia e de seu sobrinho, ela já não sabia

exatamente em que época havia começado a nossa amizade e não percebia o incrível

anacronismo que praticava fazendo principiar essa amizade alguns anos mais cedo. Pois,

se assim fosse, eu teria conhecido a Sra. de Guermantes com esse nome impossível de

conhecer, teria sido recebido nesse meio de sílabas douradas, no *faubourg* Saint-Germain,

enquanto simplesmente fora jantar na casa de uma dama que para mim já era igual às

outras, e que me convidara às vezes, não para descer ao reino submarino das nereidas,

mas para passar a noite no camarote de sua prima.

- Se deseja pormenores acerca de Bréauté, que não valia toda essa curiosidade-acrescentou ela, dirigindo-se à Bloch - peça-os a este rapaz (que vale cem vezes mais): ele

jantou cinquenta vezes com Bréauté na minha casa. Não foi em minha casa que
o

conheceu? Em todo caso, foi em minha casa que conheceu Swann.-

Surpreendeu-me também que pudesse imaginar que eu talvez houvesse conhecido o

Sr. de Bréauté em outro lugar que não na sua casa, portanto, que eu freqüentasse a

sociedade antes de conhecê-la, como igualmente de ver que julgava ter sido em sua casa

que eu conhecera Swann. Menos mentirosamente que Gilberte, quando dizia de Bréauté: "É

um antigo vizinho do campo, gosto de conversar com ele sobre Tansonvil e", ao passo que

outro, em Tansonvil e, eles não se freqüentavam, eu poderia dizer: "Era um vizinho de

campo, vinha ver-nos muitas vezes à noitinha" a respeito de Swann, que de fato me

recordava algo bem diverso dos Guermantes.

- Nem saberia lhe explicar. Era um homem que esgotava o assunto ao falar de

altezas. Conhecia um monte de histórias bastante engraçadas sobre os Guermantes, sobre

minha sogra, sobre a Sra. de Varambon antes de sua ida para junto da princesa de Parma.

Mas quem saberá hoje que pessoa foi a Sra. de Varambon? Este rapaz, sim, conheceu tudo

isso, mas está tudo acabado, são pessoas de quem sequer o nome sobrevive e que, aliás,

não mereceriam que sobrevivesse. -

E eu percebia que, apesar da coesão aparente da alta sociedade, e onde com efeito

as relações sociais alcançam o seu máximo de concentração e tudo se comunica, subsistem, ou pelo menos são suscitadas pelo Tempo, que lhes muda os nomes, províncias

que já não são compreensíveis para aqueles que a elas chegam somente quando a

configuração se alterou.

- Era uma boa senhora que dizia coisas de incrível estupidez - continuou a duquesa

que, impermeável à poesia do incompreensível que é um efeito do tempo, extraía de tudo o

elemento cômico, assimilável à literatura do gênero Meilhac, espírito dos Guermantes.

- Certa ocasião, andou com a mania de engolir o tempo todo pastilhas que naquela

época se receitavam para a tosse, e que se chamavam (acrescentou, rindo ela mesma

desse nome tão especial, tão conhecido outrora, tão ignorado hoje das pessoas com quem

falava) pastilhas Géraudel. "Senhora de Varambon", dizia-lhe a minha sogra, "comendo o

tempo todo as pastilhas Géraudel como faz, vai ter problemas de estômago." "Mas, senhora

duquesa", respondeu a Sra. de Varambon, "como quer que elas me façam mal ao estômago

se vão para os brônquios?" E, além disso, era ela quem dizia: "A duquesa tem uma vaca tão

bonita que mais parece um garanhão." -

E a Sra. de Guermantes continuaria de bom grado a contar histórias da Sra. de

Varambon, das quais conhecíamos centenas, mas bem percebíamos que esse nome não

despertava na memória ignorante de Bloch nenhuma das imagens que logo se formavam

para nós à simples menção da Sra. de Varambon, do Sr. de Bréauté, do príncipe de

Arigento e, por isso mesmo, excitava nele um prestígio que eu sabia exagerado mas cujos

excessos compreendia, não por tê-los sofrido eu próprio, pois nossos mesmos erros e

ridículos raramente têm por efeito tornar-nos, ainda quando os reconhecemos, mais

indulgentes com os alheios.

A realidade, aliás insignificante, desse tempo remoto estava de tal maneira perdida

que, tendo alguém indagado, não, longe de mim, se a terra de Tansonvil e coubera a

Gilberte como herança de seu pai Forchevil e, uma pessoa respondeu:

- De modo nenhum! Provém da família do marido; tudo isso pertence ao lado de

Guermantes. Tansonvil e está bem pertinho de Guermantes. Pertencia à Sra. de Marsantes,

mãe do marquês de Saint-Loup. Apenas estava muito hipotecada... Assim, deram-na em

dote ao noivo, e a fortuna da Srta. de Forchevil e a recuperou. -

E, de outra feita, alguém a quem eu havia falado de Swann para que entendesse o

que era um homem de espírito naquele tempo, me disse:

- Ah, sim; a duquesa de Guermantes me contou algumas de suas frases. Foi um

velho senhor a quem conheceu na casa dela, não mesmo?

O passado se transformara de tal modo no espírito da duquesa - ou então as

delimitações, existentes no meu, tinham sempre estado tão ausentes do seu que aquilo que

fora acontecimento para mim passara despercebido dela que esta poderia supor que eu

conhecera Swann em sua casa e o Sr. de Bréauté alhures, formando-me desse modo um

passado de homem da sociedade que ela recuava para bem longe. Pois essa noção de

tempo escoado que eu acabava de adquirir, a duquesa também o adquirira, e até, por uma

ilusão contrária à minha, que o julgara mais curto, ela o exagerava, supondo-o mais remoto,

especialmente sem levar em conta a infinita linha de demarcação entre o momento em que

ela era um nome para mim e, depois, o objeto do meu amor e o momento em que passara a

ser, na minha opinião, uma mulher da sociedade como qualquer outra. Ora, eu só fora à sua

casa neste segundo período, em que ela era para mim uma outra pessoa. Mas a seus olhos

tais diferenças se esvaneciam, e não teria achado singular a minha ida à sua casa dois anos

antes, sem saber que era então outra a meus olhos, visto que sua pessoa não tinha para

ela, como para mim, qualquer descontinuidade.

Falei à Sra. de Guermantes:

- Isto me lembra a primeira vez em que fui à casa da princesa de Guermantes, aonde

acreditava não ser convidado e que me poriam no olho da rua; seu vestido era

vermelho e os sapatos também.

- Meu Deus, como isto é velho - disse a duquesa de Guermantes, acentuando desse

modo, para mim, a impressão do tempo transcorrido. Olhava para longe, com melancolia, e

no entanto insistiu especialmente em comentar o vestido vermelho. Pedi que o descrevesse,

e ela o fez, complacente. - Agora, ninguém mais se vestiria assim; eram vestidos que se

usavam naquele tempo.

- Mas não era bonito? - perguntei.

Ela sempre temia colocar-se em desvantagem, por suas palavras, dizer algo que a

diminuísse.

- Claro que achava bonito. A gente não se veste mais assim porque a moda mudou.

Mas voltará; todas as modas voltam, no vestuário, na música, na pintura - acrescentou com

calor, pois achava uma certa originalidade nessa filosofia. Contudo, a tristeza de envelhecer

lhe restituiu o cansaço, corrigido por um sorriso: - Tem certeza de que os sapatos eram

vermelhos? Pensava que fossem dourados.- Assegurei-lhe que me lembrava perfeitamente

deles, sem confessar a circunstância que me permitia afirmá-lo. - Você é amável por

lembrar-se disso - observou ela com ternura, pois as mulheres chamam amabilidade ao fato

de alguém lembrar-lhes a beleza, assim como os pintores ao de lhe admirarem as obras.

Aliás, por mais distante que esteja o passado, não pode ser esquecido por uma mulher de

cabeça sólida como a duquesa. - Lembra-se - disse ela, para me agradecer a referência ao

vestido e aos sapatos - de que o levamos em casa, Basin e eu? Você esperava a visita de

uma jovem para depois da meia-noite. Basin ria-se perdidamente só de pensar que alguém

o visitava a essa hora. - E, com efeito, naquela noite Albertine viera visitar-me depois da

reunião em casa da princesa de Guermantes. Lembrava-me disso tão bem quanto a

duquesa, conquanto agora Albertine me fosse tão indiferente quanto o seria então para a

Sra. de Guermantes se esta houvesse sabido quem era a moça por cuja causa eu não

pudera entrar na casa deles. É que, muito tempo depois que os pobres mortos saíram do

nosso coração, sua cinza fria continua a misturar-se, a servir de liga às circunstâncias do

passado. E, sem mais amá-los, sucede que, ao evocar um quarto, uma aléia, um caminho

em que estiveram em certa hora, somos obrigados, para que o lugar que ocupavam se

preencha, a aludir a eles, mesmo sem lamentá-los, e nomeá-los, mesmo sem permitir sejam

identificados. (A Sra. de Guermantes ignorava quem era a moça esperada naquela noite,

jamaís o soubera e só falava naquilo devido à estranheza da hora e das circunstâncias.)

Tais são as formas derradeiras e pouco invejáveis da sobrevivência.

Se os juízos da duquesa a respeito de Rachel eram em si mesmos insignificantes, interessavam-me pelo fato de também assinalarem uma nova hora no seu relógio. Pois a

duquesa, como Rachel, não se esquecera de todo da reunião que esta passara em sua

casa, mas tal lembrança sofrera algumas alterações.

- Confesso – disse-me - que tanto mais me interessa ouvi-la e vê-la ser aplaudida quanto fui eu que a descobri, apreciei, enalteci, impondo-a numa época em que ninguém a

conhecia, e todos a cobriam de escárnio. Sim, meu caro, isto vai espantá-lo, mas a primeira

casa em que ela se fez ouvir em público foi a minha! Sim, enquanto todos os pretensos

vanguardistas, como a minha nova prima - disse ela, mostrando ironicamente a princesa de

Guermantes que, para Oriane, continuava a ser a Sra. Verdurin -, a teriam deixado morrer

de fome sem se dignar a ouvi-la, eu a julguei interessante e lhe mandei oferecer um cachê

para vir representar em minha casa diante da nata da sociedade. Posso vangloriar-me,

empregando uma expressão meio tola e pretensiosa, pois no fundo o talento não precisa de

ninguém, de a ter lançado. Claro que não precisava de mim.- Esbocei um protesto e vi que a

Sra. de Guermentes estava pronta para acolher a tese oposta: - Sim? Acha que o talento

necessita de apoio? De alguém que o faça brilhar? No fundo, talvez tenha razão. É curioso,

você diz justamente o que Dumas me dizia outrora. Neste caso, lisonjeia-me o ter

contribuído, por pouco que seja, não evidentemente para o talento, mas para a fama de

semelhante artista.-

A Sra. de Guermentes preferia abandonar sua idéia de que o talento irrompe

sozinho, como um abscesso, porque esta outra era mais lisonjeira para ela, mas também

porque, ultimamente, receando gente nova e aliás sentindo-se cansada, tornara-se bastante

humilde, interrogando os outros para lhes pedir a opinião e formar a sua.

- Nem preciso lhe dizer - continuou - que este público inteligente que se chama "a sociedade" não entende absolutamente nada do assunto. Protestavam, riam. Por mais que

eu dissesse: "É curioso, é interessante, é algo que jamais foi feito", não acreditavam, como

nunca me acreditaram em coisa alguma. Assim, o trecho que ela recitou, de Maeterlinck, é

hoje muito conhecido, mas, naquele tempo, só causava zombaria; pois bem, eu o achava

admirável. Quando penso nisso, fico até assombrada que uma camponesa feito eu, que só

desfrutou da educação das moças de sua província, tenha gostado imediatamente dessas

coisas. É claro, não teria sabido dizer por quê, mas elas me agradavam, mexiam comigo:

veja, Basin, que não tem nada de sensível, ficou impressionado com o efeito que elas me

causavam, e me disse: "Não quero mais que assista a esses absurdos, fazem você ficar

doente." E era verdade, pois me tomam por uma mulher seca quando na verdade sou um

feixe de nervos.

Nesse momento ocorreu um incidente inesperado. Um laçao veio dizer a Rachel que

a filha e o genro da Berma pediam para lhe falar. Vimos que a filha da Berma resistira ao

desejo do marido de pedir um convite a Rachel. Mas, depois da partida do rapaz convidado,

aumentou o tédio do jovem casal em relação à mãe; atormentava-os a idéia de, que outros

se divertiam; assim, aproveitando um momento em que a Berma se retirara para o quarto,

cuspindo um pouco de sangue, vestiram às pressas os trajes mais elegantes, mandaram

chamar um carro, e tinham vindo à casa da princesa de Guermantes sem ser convidados.

Rachel, desconfiando da verdade e intimamente lisonjeada, assumiu um tom arrogante e

disse ao lacaio que não os podia receber, que eles escrevessem um bilhete esclarecendo o

motivo daquele pedido insólito. O lacaio voltou trazendo um cartão rabiscado pela filha da

Berma, onde ela dizia que não tinham podido resistir ao desejo de ouvir Rachel, e lhe pedia

que os deixasse entrar. Rachel sorriu da tolice do pretexto, e de seu próprio triunfo. Mandou

dizer que sentia muito, mas já terminara os recitais. Na ante-sala, onde a espera do casal se

prolongava, os lacaios já começavam a trocar dos dois solicitantes despedidos. A vergonha

de uma afronta e a lembrança do nenhum valor de Rachel aos olhos da mãe levaram a filha

da Berma a empenhar-se a fundo numa empreitada em que a princípio se metera por

simples necessidade de prazer. Mandou pedir a Rachel, como um favor, licença para lhe

apertar a mão. Rachel conversava com um príncipe italiano, seduzido, conforme se dizia,

pela atração de sua grande fortuna, da qual as relações mundanas da atriz dissimulavam a

origem; avaliou a mudança da situação, que punha agora a seus pés os filhos da ilustre

Berma. Depois de ter contado o incidente a todos, de modo caricato, mandou o lacaio dizer

ao jovem casal que entrasse, e este não se fez de rogado, arruinando de um só golpe a

posição social da Berma, como já destruíra a sua saúde. Rachel o compreendeu,

percebendo também que, sendo amável e condescendente, em vez de insistir na recusa,

criaria na sociedade para si mesma uma reputação de benevolência, e para o casal a fama

de baixa-za. Assim, recebeu-os de braços abertos, com afetação, dizendo com ares de

protetora invejada e que sabe esquecer sua grandeza:

- Mas, acreditem, é uma alegria. A princesa ficará encantada. - Não sabendo que,

nos meios teatrais, corria o boato de que ela é quem convidava, talvez receasse, ao recusar

a entrada aos filhos da Berma, que estes duvidassem, não de sua boa vontade, o que pouco

lhe importaria, mas de sua influência. A duquesa de Guermantes se afastou por instinto

pois, à medida que alguém mostrava desejos de freqüentar a sociedade, baixava na sua

estima. Só lhe interessava no momento a bondade de Rachel e voltaria as costas aos filhos

da Berma se lhes houvessem apresentado. Todavia, Rachel já compunha mentalmente a

frase com que no dia seguinte liquidaria com a Berma nos bastidores:

- Fiquei aflita e desolada por fazer sua filha esperar na ante-sala. Se tivesse entendido logo o que ela queria! Ela me mandava cartões e mais cartões. -

Sentia-se deslumbrada por poder assestar esse golpe na Berma. Talvez recuasse se

soubesse que seria mortal. As pessoas gostam de fazer vítimas, mas sem se colocarem em

falta, deixando-as vivas. Aliás, qual o seu crime? Sorridente, deveria confessar dias depois:

- É demais! Quis ser mais amável com seus filhos do que ela nunca fora comigo, e

por pouco não me acusam de a ter assassinado. Tomo a duquesa por testemunha.
-Parece

que todos os maus sentimentos dos atores, e toda a falsidade da vida teatral passam para

os filhos, sem que neles o trabalho obstinado seja um derivativo, como no caso da mãe; as

grandes trágicas muitas vezes morrem vítimas de complôs domésticos tramados a seu

redor, como tantas vezes lhes sucedia ao final das peças que representavam.

A vida da duquesa, aliás, não deixava de ser muito infeliz, e por um motivo que, de

outra parte, tinha o efeito de restringir o Sr. de Guermantes a freqüentar uma sociedade

inferior. Serenado pela idade avançada, embora ainda fosse robusto, deixara há muito de

trair a esposa; mas apaixonou-se pela Sra. de Forchevil e sem que ninguém soubesse como

princiara essa ligação. (Quando se pensa na idade que deveria ter agora a Sra. de

Forchevil e, isto parece extraordinário. Mas talvez ela tivesse começado muito jovem sua

vida de mulher galante. E, além disso, há mulheres que, a cada decênio, encontramos em

nova encarnação, tendo amores novos, às vezes quando as julgamos mortas, fazendo o

desespero de uma jovem esposa que o marido por elas abandona.) Porém essa ligação

assumira tais proporções que o velho, imitando nesse amor derradeiro a forma dos que

tivera antigamente, seqüestrara a amante a ponto que, se meu amor por Albertine repetira,

com muitas variações, o amor de Swann por Odette, o amor do Sr. de Guermantes

lembrava o que eu tivera por Albertine. Ela almoçava e jantava com ele, que todos os dias a

visitava; disso ela tirava partido junto de amigos que, de outra forma, jamais teriam acesso

ao duque de Guermantes, e que só iam à casa dela para vê-lo, mais ou menos como se vai

à casa de uma cocote para conhecer o soberano que é seu amante. Certo, há muito que a

Sra. de Forchevil e se tornara dama da sociedade. Mas, tardiamente voltando à condição de

mulher sustentada, e por um velho tão orgulhoso que mesmo de visita era de uma importância dominadora, ela se diminuía, só desejando usar *peignoirs* que a ele

agrasassem, fazer seus pratos favoritos, dizer aos próprios amigos, para lisonjeá-los, que

lhe falara deles, como dizia a meu tio-avô que falara dele ao grão-duque, em cujo nome lhe

dava cigarros; numa palavra, apesar de tudo quanto adquirira com a situação mundana e

pela força das circunstâncias, inclinava-se a reencarnar a dama cor-de-rosa, tal como havia

aparecido na minha infância. Certamente fazia muitos anos que meu tio Adolphe

morrera.

Mas a substituição, a nosso redor, das pessoas antigas pelas atuais acaso nos impede de

recomeçar a mesma vida? Sem dúvida, ela cedera a essas novas circunstâncias por

cupidez, mas também porque, muito procurada na sociedade enquanto tivera uma filha para

casar, posta de lado quando Gilberte desposara Saint-Loup, sentiu que o duque de Guermantes, capaz de fazer tudo para satisfazê-la, haveria de pô-la em contato com muitas

duquesas, encantadas com a perspectiva de pregarem uma peça à amiga Oriane; talvez,

enfim, espicaçada pelo descontentamento da duquesa, sobre a qual; por um sentimento

feminino de rivalidade se sentisse feliz em prevalecer.

Essa ligação com a Sra. de Forchevil e, ligação que não passava de uma imitação das mais antigas, acabava de fazer o duque de Guermantes perder, pela segunda vez, a

presidência do Jockey e uma cadeira de livre-docente na Academia de Belas Artes, do

mesmo modo que a vida do Sr. de Charlus, associada publicamente à de Jupien, fizera

aquele perdera presidência da União e da Sociedade dos Amigos da velha Paris. Assim os

dois irmãos, de gostos tão diversos, haviam chegado à mesma desconsideração devido à

mesma falta de vontade, a qual era sensível, porém de forma agradável, no duque de

Guermantes, avô de ambos, membro da Academia Francesa, mas que, nos seus netos,

arrastados, um por amores naturais e o outro pelos que assim não são considerados,

resultara em desclassificação.

Até sua morte, Saint-Loup levava a esposa religiosamente à casa de Odette. Não

eram os dois herdeiros a um tempo do Sr. de Guermites e de Odette, a qual aliás, seria

sem dúvida a principal herdeira do duque? Além disso, a Sra. de Marsantes e a princesa de

Trania freqüentavam até os sobrinhos Courvoisier, tão difíceis, na expectativa de uma

herança, sem se preocuparem com o desgosto que isso poderia causar à Sra. de

Guermites, de quem Odette, irritada pelos seus desdêns, vivia falando mal.

O velho duque de Guermites já não saía, pois passava as tardes e as noites com

Odette. Mas hoje, havia aparecido por um instante para vê-la, apesar do aborrecimento de

encontrar sua mulher. Eu não o avistara e, sem dúvida, não o teria reconhecido se não me

tivessem claramente designado. Não era mais que uma ruína, mas soberba, e menos ainda

que uma ruína, essa beleza romântica que pode ser um rochedo na tempestade. Fustigado

por todos os lados por vagas de dor, de revolta, da preamar ameaçadora da morte que o

assaltava, seu rosto, corroído como um bloco de pedra, conservava o estilo, o garbo que eu

sempre lhe admirara; estava carcomido como uma dessas belas cabeças antigas

por

demais arruinadas, com que todavia nos orgulhamos de ornamentar um gabinete de

trabalho. Apenas, parecia pertencer a uma época mais remota não só pelo endurecimento e

desgaste do material outrora mais brilhante, como pela expressão que sucedera à finura e à

jovialidade, expressão inconsciente, involuntária, provocada pela doença, pela luta contra a

morte, a resistência, a dificuldade de viver. Tendo as artérias perdido toda a sua

elasticidade, conferiam à fisionomia outrora aberta uma rigidez escultural. E, sem

desconfiar, o duque punha a descoberto aspectos da nuca, das faces, da testa, onde a

criatura, já obrigada a se recobrar encarniçadamente a cada momento, parecia estar

sacudida numa trágica rajada, enquanto as mechas brancas de sua cabeleira magnífica,

porém menos espessa, vinham açoiar com sua espuma o promontório invadido do rosto. E

como esses reflexos estranhos, únicos, que somente a aproximação da tempestade em que

tudo vai soçobrar confere aos rochedos, que até então foram de outra cor, compreendi que

o cinza-chumbo das faces consumidas e enrugadas, o cinza quase branco e encarreirado

das mechas revoltas, a débil claridade ainda concedida aos olhos que mal enxergavam, não

eram tons irreais, e sim, pelo contrário, bastante reais, mas fantásticos,

provenientes da

palheta, do colorido da velhice, da morte próxima, inimitável em seus negrumes proféticos e

impressionantes.

O duque permaneceu apenas por uns momentos, o bastante para que eu

compreendesse que Odette, toda voltada para admiradores mais jovens, escarnecia dele.

Mas, coisa curiosa, ele que antigamente era quase ridículo quando assumia atitudes de rei

de comédia, adquirira um aspecto verdadeiramente grandioso, um tanto como seu irmão, a

quem a velhice, despojando-o de todo material acessório, fazia-o assemelhar-se. E, como o

irmão, ele, outrora bem soberbo, conquanto de outra maneira, parecia quase respeitoso,

embora igualmente de outro modo. Pois não havia sofrido a degradação do Sr. de Charlus,

reduzido a saudar, com polidez de enfermo desmemoriado, aqueles que antes desprezaria.

Estava, porém, muito velho, e, quando quis passar pela porta e descer a escada para sair, a

velhice, que afinal é o estado mais miserável dos homens e que os precipita do cimo de sua

grandeza como aos reis da tragédia grega, a velhice, forçando-o a parar no caminho em

cruz em que se transforma a vida dos impotentes ameaçados, a enxugara testa ensopada

de suor, a buscar com os olhos o degrau fugidio, de que precisava como apoio para seus

passos incertos, para os olhos enevoados, dando-lhe à revelia o aspecto de o implorar

suave e timidamente aos outros, a velhice o tornara, mais do que augusto, suplicante.

Não podendo ficar sem Odette, sempre instalado na casa dela na mesma poltrona,

de onde a velhice e a gota dificilmente o faziam erguer-se, o Sr. de Guermantes deixava-a

receber amigos que se mostravam muito satisfeitos por serem apresentados ao duque,

deixar que tomasse a palavra, ouvi-lo falar da antiga sociedade, da marquesa de Vil eparisis,

do duque de Chartres.

Assim, no *faubourg* Saint-Germain, as posições aparentemente inexpugnáveis do

duque e da duquesa de Guermantes, do barão de Charlus, tinham perdido sua

inviolabilidade, como todas as coisas se modificam neste mundo, pela ação de um princípio

interno em que ninguém pensara: no Sr. de Charlus, o amor de Charlie que o tornara

escravo dos Verdurin e, depois, a caduquice; na Sra. de Guermantes, a mania da novidade

e da arte; no Sr. de Guermantes, um amor exclusivo, como já o tivera muitos na vida, mas

que a fraqueza da idade tornava mais tirânico e a cujos desmandos a severidade do salão

da duquesa, onde o duque não mais aparecia e que aliás já não funcionava, não mais

opunha seu desmentido, seu resgate mundano. Assim muda o aspecto das coisas neste

mundo; assim o centro dos impérios, o cadastro das fortunas e a carta dos privilégios, tudo o

que parecia definitivo é perpetuamente remanejado, e os olhos de um homem vivido podem

contemplar a mais completa mudança justo onde esta lhe parecia mais impossível.

Por instantes, sob o olhar dos quadros antigos reunidos por Swann num arranjo de "coleccionador" que rematava o caráter fora de moda, antiquado, de tal cena, com esse

duque tão "Restauração" e essa cocote tão "Segundo Império", num dos *peignoirs* de que

ele gostava, a dama cor-de-rosa o interrompia com sua tagarelice; ele se detinha de

imediato, cravando nela um olhar feroz. Talvez percebesse que também ela, como a

duquesa, às vezes dizia tolices; talvez, numa alucinação de velho, achasse que se tratava

de uma intervenção intempestiva da Sra. de Guermentes, que lhe cortava a frase, e julgava-

se no palacete dos Guermentes, como essas feras enjauladas que imaginam por um

momento ainda estar livres nos desertos da África. E, erguendo bruscamente a cabeça,

fixava em Odette, com seus pequeninos olhos redondos, amarelos, que tinham o brilho das

feras, um de seus olhares que às vezes, na casa da Sra. de Guermentes, quando esta

falava demais, haviam-me feito tremer. Assim, o duque encarava por um instante a

audaciosa dama rósea. Porém esta, desafiando-o, encarava com firmeza, e, ao cabo de

alguns momentos, que pareciam longos aos espectadores, a velha fera domada, lembrando-

se que estava, não em liberdade na casa da duquesa, naquele Saara, cujo capacho da

soleira indicava a entrada, mas na casa da Sra. de Forchevil e, na jaula do Jardin des

Plantes, encolhia entre os ombros a cabeça, com sua juba espessa da qual não se poderia

afirmar se era branca ou fulva, e retomava a narrativa. Parecia não haver compreendido o

que a Sra. de Forchevil e quisera dizer e que, aliás, em geral não fazia muito sentido.

Permitia-lhe ter amigos para o jantar com ele; por uma mania tomada de empréstimo a seus

antigos amores, que não espantaria Odette, acostumada a vê-la em Swann, e que me

comovia, fazendo-me lembrar minha vida com Albertine, exigia que essas pessoas fossem

embora cedo, para ser o último a despedir-se de Odette. Inútil acrescentar que, tão logo ele

saía, Odette se reunia aos outros. Mas o duque não desconfiava, ou preferia ignorá-lo; a

vista dos velhos se enfraquece, como os ouvidos se tornam mais duros, a lucidez se

obscurece, a própria fadiga fá-los relaxar na vigília. E numa certa idade é num

personagem de Moliere não no olímpico amante de Alcmena, mas num risível Geronte que

inevitavelmente se transforma Júpiter. Aliás Odette enganava o Sr. de Guermantes, e

também dele cuidava, sem charme e sem grandeza. Era medíocre nesse papel, como em

todos os demais. Não que a vida lhe houvesse negado alguns excelentes, mas ela não

sabia representá-los.

E, de fato, todas as vezes que desejei vê-la a seguir, não pude lográ-lo, pois o Sr. de

Guermantes, querendo a um tempo conciliar as exigências de sua higiene e de seu ciúme,

só lhe permitia recepções diurnas, e ainda assim sob a condição de que não fossem bailes.

Essa reclusão em que era mantida, ela me confessava com franqueza, por vários motivos.

O principal é que pensava, embora eu só tivesse escrito artigos ou publicado ensaios, que

eu era escritor conhecido, o que a fazia dizer ingenuamente, ao recordar-se do tempo em

que eu ia à alameda das Acácias para vê-la passar, e mais tarde em sua casa:

- Ah, se tivesse adivinhado que um dia seria um grande escritor!

Ora, tendo ouvido dizer que os escritores se comprazem em estar com as mulheres

para documentar-se, ouvir histórias de amor, tornava-se agora, na minha companhia, uma

simples cocote para interessar-me. Ela me contava:

- Olhe, certa vez houve um homem que se enamorou de mim e a quem eu amava

apaixonadamente. Tínhamos uma vida divina. Ele precisava viajar para a América, eu devia

ir junto. Na véspera da partida, achei melhor não deixar diminuir um amor que não podia

permanecer sempre naquele grau. Tivemos uma última noite, em que se convenceu de que

eu ia com ele, foi uma noite louca, senti junto dele alegrias infinitas e o desespero de saber

que não voltaria a vê-lo nunca mais. De manhã mesmo, saí e fui dar minha passagem a um

viajante desconhecido. Quis pelo menos comprá-la. Mas eu respondi:

- Não, o senhor me presta enorme serviço ao recebê-la, não quero dinheiro. -

Depois, outra história:

- Um dia eu estava nos Champs-Élysées, e o Sr. de Bréauté, a quem vira somente uma vez, começou a fitar-me com tal insistência que parei, perguntando por que se permitia

olhar-me daquele jeito. Respondeu - Olho-a porque usa um chapéu ridículo. - Era verdade.

Tratava-se de um chapeuzinho com amores-perfeitos; a moda daquela época era terrível.

Mas eu fiquei furiosa, e retruquei: - Não lhe permito falar-me dessa maneira. - Começou a

chover. Disse-lhe: - Só lhe perdôo se tiver um carro. - Pois bem, tenho justamente um, e vou

levá-la. - Não, aceito o seu carro mas não a sua companhia. - Subi para o carro e ele partiu

debaixo da chuva. Mas à noite foi à minha casa. Vivemos um amor doido durante dois anos.

Venha tomar chá uma vez comigo, vou lhe contar como conheci o Sr. de Forchevil e. No

fundo - comentou com ar melancólico - passei a vida inteira enclausurada, pois só tive

grandes amores por homens terrivelmente ciumentos. Não falo do Sr. de Forchevil e, pois na

realidade era um sujeito medíocre, e eu nunca pude amar de fato senão homens inteligentes. Mas veja só: o Sr. Swann era tão ciumento quanto o pobre duque; por este eu

me privo de tudo porque sei que não é feliz no casamento. No caso do Sr. Swann, era

porque o amava loucamente, e acho que se pode muito bem sacrificar a dança e a

sociedade, e tudo o mais, àquele que nos dá prazer, ou apenas evitar preocupações a um

homem que nos ama. Pobre Charles, ele era tão inteligente, tão sedutor, exatamente o tipo

de homem de quem eu gostava. -

E talvez fosse sincera. Houve uma época em que Swann lhe agradara, justamente

aquele tempo em que ela não era "do seu tipo". Para falar a verdade, ela nunca fora "do seu

tipo", nem mesmo depois. E, no entanto, ele a havia amado então, muito e dolorosamente.

Surpreendeu-se mais tarde com semelhante contradição. Contradição talvez só aparente, se

pensarmos como é grande na vida dos homens a proporção dos sofrimentos por mulheres

que não seriam "do seu tipo". Talvez isto se deva a muitas causas; justo porque

não são "do

nosso tipo", deixamo-nos primeiro amar sem corresponder a esse amor, e assim cultivamos

um hábito que não existiria no caso de uma mulher do "nosso tipo", e que, sentindo-se

desejada, se mostraria difícil, só nos concederia raros encontros, não teria assumido em

nossa vida esse instalar-se em todas as horas que, mais tarde, se amamos e ela nos falta,

devido a um arrufo, uma viagem, deixando-nos sem notícias, causa a ruptura não de um só

laço, mas de mil. Depois, esse hábito é sentimental porque não existe um grande desejo

físico em sua base, e, se o amor nasce, o cérebro trabalha muito mais: há um romance em

vez de uma necessidade. Não desconfiamos das mulheres que não são "do nosso tipo",

deixamo-nos ser amados e, se depois as amamos, amamo-las cem vezes mais que às

outras, sem sequer possuir, junto delas, o contentamento do desejo saciado. Por essas e

muitas outras razões, o fato de os maiores desgostos não virem de mulheres que não são

"do nosso tipo" não se prende exclusivamente à irrisão do destino, que só realiza a nossa

felicidade sob a forma que menos nos agrada. Uma mulher "do nosso tipo" raramente é

perigosa, pois, ou nos repele, ou nos satisfaz e nos deixa logo, sem se instalar na nossa

vida; e o perigo de males e desgostos está não na mulher em si mesma, mas na sua

presença diária, na curiosidade pelo que ela faz em todos os momentos; não está na

mulher, mas no hábito.

Tive a covardia de dizer que aquilo era muito gentil e nobre de sua parte, mas sabia

o quanto era falso e que a sua franqueza se mesclava a mentiras. Pensei com horror, à

medida que ela contava suas aventuras, as quais Swann havia ignorado, e que lhe teria

dado tanto desgosto, pois a possibilidade naquela criatura de lhe descobrir com segurança,

com o que lhe despertava um homem ou uma mulher desconhecidos. Nos assustava

contando aquilo só para me fornecer o que julgava fosse assunto em si. Enganava-se, não

que não houvesse o tempo todo abastecido com minha imaginação, porém de forma bem

mais involuntária, e por criatividade minha, pois, à sua revelia, eu extraía dela as leis de sua

vida.

O Sr. de Guermites só guardava seus raios há muito para a duquesa, sobre cuja

liberdade de relações a Sra. de Forchevil e não deixava de lhe atrair a atenção irritada.

Portanto, a duquesa era muito infeliz. É certo que o Sr. de Charles, a quem falara disso uma

vez, afirmava que as primeiras culpas não cabiam ao irmão, que, na verdade, a lenda da

pureza da Sra. de Guermantes era composta de um número incalculável de aventuras

habilmente dissimuladas. Eu jamais ouvira falar nisso. Para quase todo mundo, a duquesa

era uma mulher bem diferente. A idéia de que ela sempre fora irrepreensível dominava os

espíritos. Entre essas duas idéias eu não podia decidir qual a que se conformava à verdade,

essa verdade que, quase sempre, três quartas partes das pessoas ignoram. Lembrava-me

bem de certos olhares azuis e errados da duquesa de Guermantes na nave de Combray.

Mas verdadeiramente, nenhuma das duas idéias seria refutada por eles, e ambas lhes

podiam conferir um sentido diverso e igualmente aceitável. Criança, num momento de

loucura, eu os tomara por olhares de amor a mim dirigidos. Desde então compreendera que

se tratava apenas de olhares de benevolência de uma suserana para seus vassalos, olhares

semelhantes aos dos vitrais da igreja. Seria preciso agora acreditar que a minha primeira

idéia é que corresponderia à realidade e que se mais tarde a duquesa jamais me falara de

amor era porque receava comprometer-se com um amigo da tia e do sobrinho desta mais do

que com um menino desconhecido encontrado por acaso na igreja de Saint-Hilaire, em

Combray?

A duquesa pudera, por um instante, sentir-se feliz por ver seu passado mostrar-se mais consistente, ao saber que era partilhado por mim, mas, diante de algumas perguntas

que lhe fiz sobre o provincianismo do Sr. de Bréauté, que à época eu mal distinguira do Sr.

de Sagan, ou do Sr. de Guermantes, ela retomou o seu ponto de vista de mulher mundana,

isto é, de desprezar a mundanidade. Enquanto falava, fazia-me percorrer o palacete. Nas

salas menores encontrávamos pessoas íntimas que, para ouvir música, tinham preferido

isolar-se. Num salãozinho Império, onde algumas raras pessoas de casaca preta escutavam

sentadas num canapé, via-se ao lado de um toucador de espelho, apoiado por uma

estatueta representando Minerva, uma espreguiçadeira, colocada em posição reta, mas com

o interior recurvo como um berço e no qual se estendia uma mulher jovem. Sua atitude

lânguida não mudou com a entrada da duquesa, e contrastava com o maravilhoso brilho de

seu vestido Império, de seda nacarada, diante do qual as mais vermelhas fúcias teriam

empalidecido - em cujo tecido de nácar insígnias de flores pareciam ter sido mergulhadas

por muito tempo, pois seu desenho ali permanecia gravado.

Para saudar a duquesa, ela inclinou levemente a bela cabeça castanha. Embora

ainda fosse dia claro, como houvesse pedido que cerrassem as grandes cortinas, a fim de

obter maior recolhimento para ouvir música, tinham, para evitar esbarrões, acendido sobre

um tripé uma uma de fraca luz irisada. Em resposta à minha pergunta, a duquesa me disse

tratar-se da Sra. de Saint-Euverte. Quis então saber qual o seu parentesco com a senhora

de Saint-Euverte que eu conhecera. A Sra. de Guermantes esclareceu que era a mulher de

um dos sobrinhos-netos dela, pareceu apoiar a idéia de que nascera La Rochefoucauld,

mas negou ter ela própria conhecido os Saint-Euverte. Lembrei-lhe a recepção (de que,

aliás, só soubera por ouvir dizer), quando, ainda princesa des Laumes, ela havia

reencontrado Swann. A Sra. de Guermantes afirmou jamais ter ido àquela recepção. A

duquesa sempre fora um tanto mentirosa, e tornara-se ainda mais. O salão da Sra. de Saint-

Euverte - aliás muito decadente com o passar dos anos -, a Sra. de Guermantes gostava de

renegá-lo. Não insisti.

- Não, quem você pode ter encontrado em minha casa, porque era dotado de muito

espírito, era o marido dessa de quem está falando, pois com ela eu não me dava.

- Mas ela não tinha marido.

- É o que pensa, pois estavam separados, mas ele era bem mais agradável do que ela. -

Acabei compreendendo que um homem enorme, bastante alto e robusto, cabelos inteiramente brancos, que eu encontrava um pouco em toda parte e do qual

já mais soubera

o nome, era o marido da Sra. de Saint-Euverte. Havia morrido no ano anterior.

Quanto à sobrinha, ignoro se era devido a uma doença do estômago, dos nervos,
a

uma flebite, a um parto próximo recente ou malsucedido, que ela ouvia música
estendida,

sem se mover para pessoa alguma. O mais provável é que, orgulhosa de suas
belas sedas

vermelhas, pensava fazer na espreguiçadeira um efeito do tipo ' *Récamiere*'. *
[Conforme o

famoso Retrato da Senhora Réoamief, por François Gérard (1770-1837). (N. do
T)]*

Não percebia que, para mim, causava um novo desabrochar daquele nome de
Saint-

Euverte, o qual, após um tão longo intervalo, assinalava a distância e a
continuidade do

Tempo. Era o Tempo que ela embalava naquele berço onde floriam o nome de
Saint-

Euverte e o estilo Império em sedas de fúcsias vermelhas.

A Sra. de Guermantes afirmava ter sempre detestado semelhante estilo; quer
dizer

que o detestava agora, o que era verdadeiro, pois ela seguia a moda embora com
algum

atraso. Para não se complicar falando de David, que ela conhecia pouco, a Sra.
de

Guermantes, quando jovem, achava o Sr. Ingres o mais tedioso dos pintores
vulgares e

depois, bruscamente, o mais saboroso dos mestres do *art nouveau*, o que a levaria
ao ponto

de detestar Delacroix. Importa pouco saber quais os critérios por que voltara do culto à

reprovação, visto se tratarem de matizes do gosto que o próprio crítico de arte revela dez

anos antes das palavras de mulheres superiores. Após ter criticado o estilo Império,

desculpou-se por haver falado de pessoas tão insignificantes como os Saint-Euvertes, e de

ninharias, como o lado provinciano de Bréauté, pois estava longe de imaginar o motivo pelo

qual isso me interessava, assim como a Sra. de Saint-Euverte - La Rochefoucauld nem

sonhava que seu nome me havia deslumbrado de seu marido, não o dos ascendentes dela,

mais gloriosos -, nome que eu via, naquela peça tão cheia de atributos, como tendo a

função de acalantar o Tempo.

- Mas como posso distraí-lo com semelhantes asneiras, como pode isso interessá-lo? - exclamou a duquesa.

Dissera esta frase a meia voz, e ninguém pudera perceber o que ela falava. Mas um

rapaz (que logo a seguir me interessou pelo seu nome, bem mais familiar a mim outrora que

o de Saint-Euverte) ergueu-se com ar exasperado e foi postar ainda mais longe para ouvir a

música em maior recolhimento. Pois tratava-se da *Sonata a Kreutzer*, mas, tendo-se

enganado quanto ao programa, o jovem pensava que era um trecho de Ravel, que lhe

tinham declarado ser tão belo quanto os de Palestrina, mas difícil de compreender. Em sua

violência para mudar de lugar, ocorreu-lhe, na penumbra reinante, esbarrar numa

escrevaninha, o que fez várias pessoas virarem a cabeça, contentes por diminuir, naquele

gesto simples de olhar para trás, o suplício de ouvir "religiosamente" a *Sonata a Kreutzer*. E

a Sra. de Guermantes e eu, causas desse pequeno escândalo, apressamo-nos a deixar o

aposento.

- Sim, como é que tais bagatelas podem interessar a um homem do seu valor? É

exatamente como, há pouco, quando eu o via conversando com Gilberte de Saint-Loup; ela

não é digna de você. Para mim, essa mulher não significa nada, e sequer é uma mulher, é o

que conheço de mais artificial e burguês em toda a sociedade - (pois mesmo em sua defesa

da intelectualidade, a duquesa mesclava seus preconceitos de aristocrata). - Além do mais,

deveria você comparecer à casa como esta? Hoje ainda compreendo, pois havia o recital de

Rachel, que podia lhe interessar. Mas, apesar de ter sido brilhante, não dá tudo de si diante

desse público. Hei de fazê-lo almoçar a sós com ela. Então verá o quanto vale. É cem vezes

superior a esta gente aqui. E, depois do almoço lhe recitará Verlaine. Venha me contar

como foi. Mas a festança como esta, não, não consigo entender que compareça.

A não ser

que seja para estudos...- acrescentou com ar de dúvida, de desconfiança, e sem se

aventurar muito, pois não sabia exatamente em que consistia o gênero de operações

improváveis a que aludia.

Gabou-me principalmente suas reuniões vespertinas, onde todos os dias estavam

X... e Y.. Pois adquirira a mentalidade das mulheres de "salões", que outrora desprezara

(embora o negasse agora) e cuja grande superioridade, sinal de eleição segundo ela, era

terem suas casas "todos os homens". Se lhe contava que uma dessas grandes damas de

"salões" falara mal da Sra. Howland enquanto viva, a duquesa desatava a rir da minha

ingenuidade:

- É claro, a outra tinha em sua casa todos os homens e esta procurava atraí-los.

- Não acha – perguntei-lhe - que deve ser penoso para a Sra. de Saint-Loup ouvir desse modo, como acaba de fazer, a antiga amante do marido?-

Vi formar-se na fisionomia da Sra. de Guermantes essa prega oblíqua, reveladora de

um raciocínio a ligar a pensamentos desagradáveis as palavras do interlocutor. Raciocínios

inexpressos, é verdade, mas todas as coisas graves que dizemos não recebem nunca

resposta verbal ou escrita. Somente os tolos solicitam em vão, dez vezes seguidas, resposta

a uma carta que tiveram a estupidez de escrever e que era uma gafe; pois a

resposta a esse

tipo de cartas só se traduz por atos, mas a destinatária, tida como incorreta, só trata o

correspondente de senhor, com toda a cerimônia, em vez de chamá-lo pelo seu prenome.

Minha alusão à ligação de Saint-Loup com Rachel não tinha nada de muito grave e só pôde

contrariar uma outra Sra. de Guermantes, recordando-lhe que eu fora amigo de Robert e

talvez seu confidente a respeito dos aborrecimentos que havia causado a Rachel o sarau

em casa da duquesa. Porém esta não insistiu em tais pensamentos, a prega tempestuosa

se dissipou, e a Sra. de Guermantes respondeu à minha pergunta sobre a Sra. de Saint-

Loup:

- Digo que acho que tudo isso lhe é perfeitamente indiferente, que Gilberte nunca amou seu marido. É um monstrinho. Gostou da posição social, do nome, de ser minha

sobrinha, de sair da lama, para onde, depois, não teve outra idéia senão voltar. Digo que

isto me faz muito mal, por causa do pobre Robert, pois, embora ele não fosse muito atilado,

bem percebia a situação, e um monte de outras coisinhas. Não convém falar nisso, pois

apesar de tudo é minha sobrinha e não tenho provas decisivas de que enganava o marido,

mas houve diversos casos suspeitos. Mas, na verdade, digo o que sei, Robert quis bater-se

em duelo com um oficial de Méséglise. E foi por tudo isto que ele se alistou, a guerra se lhe

afigurou como uma libertação de seus desgostos familiares; se quer a minha opinião, ele

não foi morto, deixou-se matar. Ela não sentiu mágoa nenhuma, chegou até a me assombrar com um raro cinismo na afetação de indiferença, o que me magoou bastante,

pois eu gostava muito do pobre Robert. Isto o deixará talvez espantado, pois me conhecem

mal, mas o fato é que ainda me acontece pensar nele: não esqueço ninguém. Ele nunca me

disse nada, mas bem compreendia que eu adivinhava tudo. Veja bem, se tivesse amado ao

menos um pouco o marido, poderia suportar com toda essa fleuma o fato de se achar no

mesmo salão com a mulher de quem ele fora amante apaixonado por tantos anos? Pode-se

dizer até o fim, pois tenho a certeza de que o caso entre ambos nunca terminou, mesmo

durante a guerra. Mas ela a estrangularia! - exclamou a duquesa, esquecendo que ela

própria, mandando convidar Rachel e tornando possível a cena que julgava inevitável caso

Gilberte houvesse amado Robert, agira talvez com crueldade. - Não, veja - concluiu -, é

uma cadela. -

Semelhante expressão tornara-se possível à Sra. de Guermites devido ao plano inclinado que ela descia, desde os Guermites agradáveis, até a sociedade das

comediantes, e também porque a enxertava num gênero do século XVIII que considerava

cheio de verdor, em suma, por que se julgava autorizada a tudo. Mas também lhe era ditada

pelo ódio que sentia por Gilberte, por uma necessidade de feri-la, se não fisicamente, ao

menos em efígie. E, ao mesmo tempo, a duquesa pensava justificar assim todo o seu

procedimento em relação a Gilberte, ou melhor, contra ela, na sociedade, na família, até do

ponto de vista dos interesses materiais e da herança de Robert. Porém, como às vezes os

juízos proferidos recebem de fatos que se ignoram, e que não é possível adivinhar, uma

aparente justificativa, Gilberte, que sem dúvida herdara alguns aspectos da mãe (e fora

mesmo com essas inclinações que eu havia contado, ao lhe pedir que me fizesse conhecer

três mocinhas), após muita reflexão, tirou, do pedido que lhe fizera, e sem dúvida para que a

vantagem não saísse da família, uma conclusão mais audaciosa do que todas aquelas que

eu pudera supor, e me disse:

- Se me permite, vou buscar minha filha para lhe apresentar. Ela está no andar de baixo, conversando com o jovem Mortemart e outros garotos desinteressantes. Estou certa

de que será uma boa amiguinha para você.

Perguntei se Robert ficara contente por ter uma filha:

- Oh, ele era muito orgulhoso dela. Mas, naturalmente, ainda assim creio que,

levando em conta suas preferências, teria gostado mais de um menino - comentou Gilberte

com ingenuidade. -

*[Assinalemos que o modelo da Srta. de Saint-Loup na vida real foi Simone Arman de

Cail avet, filha de Jeanne Pouquet (um dos modelos de Gilberte Swann) e de Gaston Arman

de Cail avet (principal modelo de Robert de Saint-Loup). Depois de um casamento

fracassado com o diplomata e escritor romeno Georges Stoicescu, casou-se com outro

escritor jovem, André Maurois, que foi o principal biógrafo e grande estudioso da obra de

Proust. (N. do T)]*

Essa filha, cujo nome e fortuna podiam fazer a mãe esperar que desposasse um

príncipe real e coroasse toda a obra ascendente de Swann e de sua mulher, casou-se mais

tarde com um obscuro literato, pois não tinha nenhum esnobismo, e fez cair o nível da

família a um ponto ainda mais inferior que o de onde havia partido. Foi então extremamente

difícil fazer as novas gerações acreditarem que os pais desse casal obscuro tinham

desfrutado de grande posição social. Os nomes de Swann e de Odette de Crécy

ressuscitaram milagrosamente para permitir que as pessoas compreendessem que estavam

enganadas e que absolutamente aquilo não era nada espantoso como família; e,

em suma

julgava-se que a Srta. de Saint-Loup havia feito o melhor casamento possível, melhor que o

de seu pai com Odette de Crécy (o qual nada valia), tentando esta em vão subir socialmente

enquanto que, ao contrário, quando nada do ponto de vista de seu amor, seu casamento

fora inspirado em teorias como as que tinham podido levar, no século XVIII, grandes

fidalgos, discípulos de Rousseau, ou pré-revolucionários, a viver a vida da natureza e a

abandonar seus privilégios. O espanto causado por suas palavras, bem como o prazer que

me deram, foram logo substituídos enquanto a Sra. de Saint-Loup se afastava para outro

salão por essa idéia do Tempo passado, que a Srta. de Saint-Loup à sua maneira também

me devolvia, e sem que a tivesse visto. Como a maioria dos seres, aliás, não representaria

ela na vida o mesmo papel que, nas encruzilhadas, fazem as "clareiras" onde convergem as

estradas vindas, igualmente na nossa vida, dos mais diversos pontos? No meu caso, eram

numerosas aquelas que levavam à Srta. de Saint-Loup e se irradiavam a seu redor. E,

acima de tudo, vinham terminar nela os dois grandes "lados", ou caminhos, onde eu tanto

havia passeado e feito tantas fantasias: por seu pai, Robert de Saint-Loup, "O caminho de

Guermantes”; por Gilberte, sua mãe, o caminho de Méséglise que era "o caminho da casa

de Swann". Um deles, através da mãe da mocinha e dos Champs-Élysées, levava-me até

Swann, às minhas noites de Combray, para o lado de Méséglise; o outro, pelo pai, às

minhas tardes de Balbec, onde eu o revia junto ao mar ensolarado. Já se estabeleciam

transversais entre essas duas estradas. Pois essa Balbec real, onde eu conhecera Saint-

Loup, quisera tanto visitá-la em grande parte devido ao que Swann me falara acerca das

igrejas, sobretudo da igreja persa; por outro lado, por Robert de Saint-Loup, sobrinho da

duquesa de Guermites, eu encontrava, ainda em Combray, o caminho de Guermites.

Mas a Srta. de Saint-Loup ainda levava-me a vários outros pontos de minha vida, à dama

cor-de-rosa, que era sua avó e que eu vira uma vez na casa de meu tio-avô. Nova

transversal aqui, pois o criado de quarto desse tio-avô, que me introduzira naquele dia, e

que mais tarde, por meio de uma fotografia, permitira-me identificar a dama rósea, era pai

do jovem que não só o Sr. de Charlus, mas o próprio pai da Srta. de Saint-Loup havia

amado, causando tantos desgostos a sua mãe. E não fora justamente o avô da Srta. de

Saint-Loup, Swann, o primeiro a me falar da música de Vinteuil, assim como Gilberte fora a

primeira a me falar de Albertine? Pois bem, falando da música de Vinteuil a Albertine é que

eu descobrira quem era a sua grande amiga, e começara com ela aquela vida que a

conduzira à morte e me causara tanta mágoa. De resto, fora igualmente o pai da Srta. de

Saint-Loup quem se dispusera a tentar fazer com que Albertine regressasse. E mesmo toda

a minha vida mundana, seja em Paris no salão dos Swann ou dos Guermantes, seja no

extremo oposto no salão dos Verdurin, e desse modo fazendo alinhar, ao lado dos dois

caminhos de Combray, os Champs-Élysées e o belo terraço da Raspeliere. Além disso,

quais as criaturas conhecidas que, para relatar nossa amizade com elas, não nos obrigam a

colocá-las sucessivamente nos locais mais diversos da nossa vida? Uma vida de Saint-

Loup, descrita por mim, se desenrolaria em todos os cenários e interessaria a toda a minha

vida, mesmo às partes dessa vida a que ele foi muito estranho, como as de minha avó ou de

Albertine. Por outro lado, por mais contrários que fossem, os Verdurin ligavam-se a Odette

pelo passado desta, a Robert de Saint-Loup através de Charlie; e neles, que imenso papel

não representara a música de Vinteuil. Enfim, Swann amara a irmã de Legrandin, o qual

havia conhecido o Sr. de Charlus, cuja pupila se casara com o jovem Cambremer. Certo, se

se trata exclusivamente de nossos corações, teve razão o poeta em falar dos "fios misteriosos" que a vida rompe.

*[Alusão ao poema ' *Tristeza de Olympio* ', de Victor Hugo, quando diz "Os fios misteriosos

em que se unem nossos corações!" (N. do T)]*

Mas ainda é mais verdadeiro que ela os tece sem cessar entre as criaturas, entre os

acontecimentos, que entrecruza tais fios, que os redobra a fim de reforçar a trama, de modo

que entre o menor ponto do nosso passado e todos os demais uma opulenta rede de

lembranças nos dá uma variada escolha de comunicações. Pode-se dizer que, se usada,

não inconscientemente, mas de propósito para recordar-lhe o que fora, nenhuma dessas

coisas agora a meu serviço deixaria de lembrar-me já ter sido viva, e vivendo de modo

peçoal para mim, transformada a seguir, para meu uso, em simples matéria industrial.

Minha apresentação à Srta. de Saint-Loup ia ocorrer na casa da Sra. Verdurin: com que

encanto eu pensava de novo em todas as minhas viagens com Albertine, de quem pediria à

Srta. de Saint-Loup que fosse um sucedâneo no trenzinho, indo para Duvil e, para a casa da

Sra. Verdurin, essa mesma Sra. Verdurin que iniciara e terminara, antes de meu amor por

Albertine, o do avô e da avó da Srta. de Saint-Loup. - Tudo ao nosso redor eram quadros

daquele Elstir que me apresentara a Albertine. E, para melhor fundir todos os meus

passados, a Sra. Verdurin, exatamente como Gilberte, havia desposado um Guermantes.

Não poderíamos descrever nossas ligações, ainda raras, com alguém, sem evocar os mais

diversos locais da nossa vida. Assim, cada indivíduo - e eu mesmo era um deles - proporcionava-me a medida da duração pelo giro que havia cumprido não só em torno de si

mesmo, mas em torno aos outros, e notadamente pelas posições que ocupara sucessivamente em relação a mim. E, sem dúvida, todos esses planos diferentes segundo

os quais o Tempo, desde que eu acabava de recuperá-lo nessa festa, dispunha a minha

vida, fazendo-me pensar que, num livro em que desejaria contar uma vida, seria preciso

empregar, por oposição à psicologia plana que se usa de ordinário, uma espécie de

psicologia no espaço, acrescentavam uma nova beleza a essas ressurreições que minha

memória operava enquanto eu me entregava ao devaneio, a sós, na biblioteca, visto que a

memória, introduzindo o passado no presente sem modificá-lo, tal qual fora quando

presente, suprime exatamente essa enorme dimensão do Tempo conforme a qual a vida se

realiza.

Vi Gilberte aproximar-se. Eu, para quem o casamento de Saint-Loup - com as idéias

que me assoberbavam então e que eram as mesmas dessa manhã - era de ontem, fiquei

surpreso ao ver a seu lado uma jovem de cerca de dezesseis anos, cuja estatura elevada

media essa distância que eu não quisera ver. O tempo incolor e inatingível se havia, para

que eu pudesse, por assim dizer, vê-lo e tocá-lo, materializado nela, moldara-a como a uma

obra-prima, ao passo que, paralelamente, em mim, infelizmente se limitara a cumprir a sua

obra. Todavia a Srta. de Saint-Loup estava à minha frente. Seus olhos eram profundos,

penetrantes, o nariz encantador se curvava ligeiramente em forma de bico de pássaro, não

como o de Swann e sim como o de Robert. Esvaecera-se a alma daquele Guermantes, mas

a atraente cabeça de olhos agudos de pássaro a alçar vôo fora se colocar sobre os ombros

da Srta. de Saint-Loup, fazendo longamente devanear os que lhe haviam conhecido o pai.

Fiquei assombrado que seu nariz, como que feito pelo padrão do de sua mãe e sua avó,

terminasse, embaixo, com a mesma pura linha horizontal, sublime conquanto bem curta.

Sinal tão característico bastaria para reconhecer uma estátua entre milhares, e admirei-me

ao ver que a natureza dera, como um grande e original escultor, no momento adequado, na

neta como na mãe e na avó, esse poderoso e decisivo golpe de cinzel. Achei-a muito bonita:

ainda cheia de esperanças, risonha, formada pelos próprios anos que eu havia perdido, ela

se assemelhava à minha juventude. Afinal, a noção do Tempo adquiria um último valor para

minim: a de um agulhão, ela me dizia que era tempo de começar, caso quisesse atingir o que

por vezes sentira durante a vida, em breves intuições, no caminho de Guermantes, em

meus passeios de carro com a Sra. de Vil e parisiense, e que me haviam feito considerar a vida

como digna de ser vivida. Quanto mais digna a considerava agora, visto que me parecia

poder iluminá-la, ela que juntos passamos nas trevas, trazê-la de volta à verdade original,

ela que falsificamos sem cessar, em suma, realizá-la num livro!

Como seria feliz quem pudesse escrever tal livro, pensava eu; e quanto trabalho teria

à frente! Para dar dele uma idéia, seria mister buscar comparações nas artes mais elevadas

e mais diversas; pois tal escritor, que aliás de cada personagem deveria apresentar as faces

opostas para mostrar a sua solidez, teria de preparar seu livro, minuciosamente, com

permanentes reagrupamentos de forças, como uma ofensiva, suportá-lo como a um

cansaço, aceitá-lo como uma regra, construí-lo como uma igreja, segui-lo como a um

regime, vencê-lo como um obstáculo, conquistá-lo como a uma amizade, superalimentá-lo

como a uma criança, criá-lo como um universo, sem deixar de lado esses mistérios que

provavelmente só têm explicação em outros universos, e cujo pressentimento é o que mais

nos comove na vida e na arte. E nesses grandes livros existem partes que não tiveram

tempo de ser esboçadas, e que, sem dúvida, nunca ficarão prontas devido à própria

extensão do plano do arquiteto. Quantas catedrais permanecem inacabadas. Nutrimos,

fortificamos partes frágeis de um tal livro, preservamo-las, mas depois ele que nos

engrandece, que marca o nosso túmulo, protege-o contra os rumores e, durante algum

tempo, o defende do esquecimento. Mas, para voltar a mim mesmo, pensava mais

modestamente no meu livro, e seria até inexato dizer que me preocupavam os que o leriam,

os meus leitores. Pois eles não seriam, conforme achava, meus leitores, mas os próprios

leitores de si mesmos, já que meu livro não passaria de um tipo dessas lentes de aumento,

como as que oferecia a um freguês o vendedor de instrumentos ópticos de Combray; meu

livro seria um instrumento graças ao qual lhes forneceria meios de lerem a si próprios. De

modo que não lhes pediria que me elogiassem ou denegrissem, mas apenas que me

dissem se estava correto, se as palavras lidas em si eram mesmo as que eu havia

escrito (não devendo, aliás, as possíveis divergências a tal respeito resultar sempre do meu

engano, mas, às vezes, do fato de que os olhos do leitor não seriam adequados para uma

boa leitura interior do meu livro). E, mudando a todo instante de comparação, conforme o

que se me afigurava representar melhor, e mais concretamente, a tarefa a que me dedicaria,

pensava que na minha grande mesa de pinho, observado por Françoise, como todas as

criaturas despretensiosas que vivem conosco têm uma certa intuição do nosso labor (e eu já

esquecera suficientemente Albertine para perdoar a Françoise o que havia feito contra ela),

trabalharia junto dela, e quase à sua maneira (ao menos da forma como ela fazia outrora:

tão velha agora, já não via quase nada); pois, pregando aqui uma folha suplementar, eu

construía meu livro, não ousando dizer, ambiciosamente, como uma catedral, mas

simplesmente como um vestido. Quando não achasse junto a mim os meus "papeluchos",

como dizia Françoise, e me faltasse justo aquele de que necessitasse, Françoise

compreenderia bem o meu nervosismo, ela que sempre dizia ser-lhe impossível coser sem o

número da linha e os botões apropriados. E depois, porque à força de viver a minha vida ela

adquirira do trabalho literário uma espécie de compreensão instintiva, mais nítida que a de

muitas pessoas inteligentes, e com maior razão que a dos tolos. Assim, quando

outrora eu

publicara o meu artigo em *Le Figaro*, enquanto o velho mordomo, com esse tipo de

comiseração que as pessoas sempre exageram um pouco pelo o que há de penoso num

trabalho que não praticam, nem concebem, ou até num hábito que não têm, como as

pessoas que nos dizem:

"Como deve cansar, espirrar dessa maneira", lamentava sinceramente os escritores,

observando:

- Que quebra-cabeças não deve ser isto -, Françoise, pelo contrário, adivinhava a minha ventura e respeitava o meu labor. Zangava-se apenas pelo fato de eu expor

previamente a Bloch o meu artigo, temendo que ele se me antecipasse, e comentava:

- Toda essa gente é reles copiadora, o senhor nem desconfia. -

E Bloch, de fato, apresentava um álibi retrospectivo ao me dizer, sempre que eu lhe

resumia algo de que ele gostava:

- Olha, é curioso, escrevi uma coisa bastante parecida, preciso ler para ti. - (Não poderia me ler seu artigo então, mas iria escrevê-lo naquela mesma noite.)

De tanto colar uns aos outros os meus papéis, que Françoise chamava de -

papeluchos", eles se rasgavam aqui e ali. Se necessário, não poderia Françoise acalmar-me

a ajeitá-los, do mesmo modo que punha remendos nas partes gastas de seus vestidos, ou

como, na janela da cozinha, à espera do vidraceiro, como eu do impressor, ela colava um

pedaço de jornal no lugar de um vidro partido? Françoise indica mostrando-me os cadernos

roídos pelo cupim como a madeira:

- Olhe, está tudo bichado, é uma pena, eis aqui um canto de página que é só uma renda - e, examinando-o como um alfaiate: - Acho que não poderei consertar isso, está

perdido. É uma desgraça, talvez fossem as suas melhores idéias. Como se diz em

Combray, ninguém conhece as peles tão bem como as traças. Elas se metem sempre nos

melhores tecidos.

Além disso, como as individualidades (humanas ou não) são feitas num livro de impressões numerosas que, provocadas por muitas moças, muitas igrejas, muitas sonatas,

servem para compor uma única sonata, uma só igreja, uma única moça, não faria eu o meu

livro da mesma forma como Françoise fazia aquela carne de vaca estufada, que o Sr. de

Norpois tanto apreciara, onde tantos pedaços de carne, escolhidos e acrescentados,

enriqueciam a geléia? E realizaria enfim o que tanto havia desejado em meus passeios no

caminho de Guermantes? Eu julgara impossível, como impossível me parecera, de volta,

alguma vez habituar-se a dormir sem beijar mamãe ou, mais tarde, à idéia de que Albertine

gostava de mulheres, idéia com a qual terminara convivendo sem sequer

perceber a sua

presença; pois nossos maiores temores, como as maiores esperanças, não se acham acima

de nossas forças, e podemos acabar dominando os primeiros e realizar as segundas.

Sim, a essa obra, a idéia do Tempo que eu acabava de adquirir me dizia ter chegado

a hora de me dedicar. Era urgente que o fizesse; mas - e isso justificava a ansiedade que se

apossara de mim desde a minha entrada no salão, quando os rostos maquilados me deram

a noção do tempo perdido - haveria tempo ainda, já não seria tarde? O espírito possui

paisagens cuja contemplação só é permitida em curto período. Eu vivera como um pintor

que sobe uma encosta a cavaleiro de um lado escondido a seus olhos por uma cortina de

árvores e rochedos. Por uma brecha, ele o avista, tem-no inteiro à sua frente, pega os

pincéis. Mas já cai a noite, quando não se pode mais pintar, e sobre ela o dia não mais se

erguerá. Apenas, seria necessária uma condição à minha obra, tal qual a concebera há

pouco na biblioteca: o aprofundar as impressões que antes tornava-se imperioso recriar pela

memória. Ora, esta já se gastara.

Em primeiro lugar, visto que nada começara ainda, eu poderia mostrar-me inquieto,

mesmo se julgasse ainda ter diante de mim, por causa da minha idade, alguns

anos para

viver, pois a minha hora podia soar em alguns minutos. Com efeito, era preciso partir do fato

de que possuía um corpo, ou seja, que estava permanentemente ameaçado por um perigo

duplo, interior e exterior. E só falava desse modo para facilidade da linguagem. Pois o perigo

interior, como o da hemorragia cerebral, é igualmente externo, por ser do corpo. E possuir

um corpo é a grande ameaça para o espírito. A vida humana e pensante, da qual, sem

dúvida, importa menos dizer que é um milagroso aperfeiçoamento da vida animal e física, e

sim que é uma imperfeição, ainda mais rudimentar que a existência gregária dos protozoários em polípeiros, que o corpo da baleia etc., na organização da vida espiritual.

O corpo fecha o espírito numa fortaleza; em breve a fortaleza é assediada por todos os lados e, por fim, é necessário que o espírito se renda.

Mas, para limitar-me a distinguir as duas espécies de perigo que ameaçavam o espírito, e para começar com o externo, lembrava-me já que me ocorrera, muitas vezes na

vida, em momentos de exaltação intelectual onde uma circunstância qualquer havia

interrompido em mim toda atividade física, por exemplo, quando deixava de carro, um tanto

ébrio, o restaurante de Rivebel e para ir a um cassino próximo-, sentir muito nitidamente

dentro de mim o objeto atual de meus pensamentos, e compreender que

dependera

somente de um acaso, não apenas que tal objeto fosse apreendido, mas também que se

destruísse juntamente com meu próprio corpo. Então, pouco me importara isso. Minha

exaltação não era prudente, nem inquieta. Que essa alegria terminasse num segundo e

voltasse ao nada, não me preocupava. Nem mesmo agora. É que a felicidade que eu sentia

não provinha de uma tensão puramente subjetiva dos nervos que nos isola do passado,

mas, ao contrário, de uma ampliação do meu espírito no qual se reformava, atualizava-se

esse passado, e me conferia infelizmente, porém, de modo efêmero o valor da eternidade.

Gostaria de legar esta aos que poderia enriquecer com meu tesouro. Evidentemente,

o que havia sentido na biblioteca e que buscava proteger, era ainda prazeroso, porém não

mais egoísta, ou, pelo menos, de um egoísmo (pois todos os altruísmos fecundos da

natureza se desenvolvem de acordo com um modo egoísta, visto que o altruísmo humano

não egoísta é estéril, é o de um escritor que interrompe seu trabalho para receber um amigo

infeliz, para aceitar um cargo público, para escrever artigos de propaganda), um egoísmo

que podia ser utilizado por outrem.

Já não era tão indiferente como naqueles regressos de Rivebel e, sentia-me

acrescido dessa obra que trazia em mim (como se fosse algo precioso e frágil que me

tivessem confiado e que desejaria enviar intacto às mãos a que estava destinado e que não

eram as minhas). Agora, sentir-me portador de uma obra tornava mais temível para mim um

acidente em que encontrasse a morte, e até absurdo (na medida em que essa obra me

parecia necessária e duradoura), em contradição com meu desejo, com o impulso de meu

pensamento, mas não menos possível por causa disso, pois (como acontece todos os dias

nos mais simples incidentes da vida, onde, enquanto desejamos sinceramente não fazer

barulho a um amigo que está dormindo, uma garrafa colocada na beira da mesa cai

despertando-o) os acidentes, sendo produzidos por causas materiais, podem perfeitamente

ocorrer no momento em que vontades bem diversas, que eles destroem sem conhecê-las,

os tornam detestáveis.

Sabia muito bem que meu cérebro era uma rica área de mineração, onde havia

diversas extensas jazidas preciosas. Mas teria tempo de explorá-las? Eu era a única pessoa

capaz de fazê-lo, por dois motivos: com minha morte desapareceria não só o único

minerador capaz de extrair esses minérios, mas a própria jazida; ora, dali a pouco, quando

voltasse para casa, bastaria o choque do carro em que eu ia com outro, para que

meu corpo

fosse destruído e que meu espírito, de onde a vida se retiraria, fosse obrigado a abandonar

para sempre as novas idéias que, neste exato momento, sem ter tido tempo de as pôr com

mais segurança em um livro, ele guardava ansiosamente em sua polpa trêmula, protetora

mas frágil.

Por uma estranha coincidência, esse temor racional do perigo nascia-me num

momento em que, fazia pouco, a idéia da morte se me tornara indiferente. O medo de deixar

de existir me horrorizara outrora, e a cada novo amor que sentia (por Gilberte, por Albertine),

pois eu não podia suportar a idéia de que um dia a criatura que a amava já não viveria, o

que seria como que uma espécie de morte. Porém de tanto se renovar, esse medo se

transformara naturalmente numa tranquilidade corajosa.

Nem mesmo era necessário o acidente cerebral. Seus sintomas, que me eram

sensíveis por um certo vazio na cabeça e pelo esquecimento de todas as coisas que só

casualmente eu recuperava, como quando, arrumando nossas coisas, encontramos uma

delas que nem mesmo pensáramos em procurar, faziam de mim uma espécie de

entesourador de bens cujo cofre-forte, furado, deixasse aos poucos escapar a riqueza. Por

algum tempo existiu em mim um "eu" que lamentou perder essas riquezas e se opunha a

ela, à memória, e em breve sente que a memória, desfazendo-se, levava esse "eu" consigo.

Se a noção da morte, naquele tempo, entristecera-me o amor, como vimos, fazia já

tempos que a recordação do amor me auxiliava a não temer a morte. Pois compreendia que

morrer não era nenhuma novidade, mas, pelo contrário, desde a infância já estivera morto

várias vezes. Para me restringir ao período mais recente, não me prendera mais a Albertine

que à minha própria vida? Poderia então conceber a minha pessoa caso meu amor por ela

acabasse? Ora, eu não mais a amava, deixara de ser a criatura que a amava, era um ente

diverso que já não a amava, deixara de amar Albertine quando me tornara outro. Assim, não

sofria por me haver tornado esse outro, por não amar Albertine; evidentemente, deixar um

dia de ter o meu corpo não podia de modo algum me parecer algo tão triste quanto me

parecera outrora deixar de amar um dia a Albertine. E, todavia, como me era indiferente

agora não mais amá-la!

Essas mortes sucessivas, tão temidas pelo "eu" que deveriam aniquilar, tão

indiferentes, tão suaves uma vez cumpridas, e quando aquele que as temia já não estava ali

para senti-las, tinham-me feito desde algum tempo compreender quão pouco sensato seria

aterrorizar-me com a morte. Ora, há pouco é que ela se me tornara indiferente,

mas agora

recomeçava a temê-la, é verdade que sob outra forma, não por mim, mas pelo meu livro,

para cuja eclosão era, pelo menos durante algum tempo, indispensável essa vida que tantos

perigos ameaçavam. Diz Victor Hugo: - *Faut que Pherbe pousse et que les enfants meurent.*

*["*É preciso que a relva cresça e que as crianças morram.*" Poema "*A Vil equier*", do livro

Les Contemplations (As Contemplações). (N. do T)]*

Digo que a lei cruel da arte é que os seres morram e que nós próprios morramos ao

esgotar todos os sofrimentos, para que viceje a relva, não do esquecimento, mas da vida

eterna, a relva espessa das obras fecundas sobre a qual as gerações virão alegremente,

sem se preocupar com os que dormem sob a terra, compor o seu "*almoço sobre a relva*".

*[No original, "*déjeuner sur l'herbe*". Poderia ter traduzido por "*piquenique*", por exemplo, mas preferi a tradução literal devido à alusão ao célebre quadro de Édouard Manet, do

mesmo título. (N. do T)]*

Falei dos perigos externos; perigos internos também. Se estava preservado de um

acidente vindo de fora, quem sabe se não seria impedido de desfrutar semelhante graça por

causa de um acidente que sobreviesse dentro de mim, por alguma catástrofe interna, antes

que se escoassem os meses necessários para escrever esse livro?

Quando há pouco regressava à casa pelos Champs-Élysées quem me garantia que

eu não haveria de ser atingido pelo mesmo mal da minha avó, numa tarde em que ela

acabava de realizar comigo um passeio que deveria ser o seu último sem que disso

desconfiasse, nessa nossa ignorância de haver o ponteiro atingido a posição, dela ignorada,

em que, soltando a mola, faz o relógio soar a hora? Talvez o medo de já ter-se escoado

quase inteiramente o minuto que precede o primeiro toque da hora, quando este já se

prepara, talvez esse medo do golpe que se preparava para abalar o meu cérebro, esse

medo talvez fosse uma espécie de conhecimento obscuro do que iria acontecer, um reflexo

na consciência do estado precário do cérebro cujas artérias não vão resistir, o que não é

mais impossível do que esta súbita aceitação da morte que têm os feridos que, embora

conservem sua lucidez e a quem o médico e o desejo de viver procuram enganar, dizem

vendo o que deve ocorrer:

- Vou morrer, estou pronto - e escrevem suas despedidas à esposa.

E de fato, ocorreu, antes que tivesse começado o meu livro, um estranho episódio,

sob forma insólita, e de que eu jamais desconfiaria. Certa noite em que saí, os amigos me

acharam mais bem disposto que antes, espantaram-se de que ainda conservasse

o cabelo

totalmente preto. Porém quase caí três vezes ao descer a escada. Saíra somente por duas

horas; mas quando voltei para casa, senti que já não possuía nem memória, nem idéias,

nem forças, nem qualquer existência. Se viessem me procurar a fim de me fazerem rei, para

me segurar, prender-me, deixaria que o fizessem sem pronunciar palavra, sem abrir os

olhos, como as pessoas que enjoam demais a bordo e que, atravessando de barco o mar

Cáspio, não esboçam sequer a mínima resistência quando lhes dizem que vão jogá-las ao

mar. Não sofria propriamente de doença alguma, mas sentia já não ser capaz de fazer nada,

como sucede com os velhos, ainda espertos na véspera, e que, tendo fraturado uma coxa

ou sofrido de indigestão, podem levar na cama, por algum tempo, uma existência que nada

mais é que uma preparação mais ou menos longa para uma morte de ora em diante fatal.

Uma parte de mim, a que outrora freqüentava esses festins de bárbaros a que

chamamos banquetes, e onde, para homens de gravata branca, para mulheres meio

despidas e emplumadas, os valores estão de tal modo invertidos que, se alguém não vem

para o jantar depois de haver aceito o convite, ou só chega quando estão servindo o

assado, comete um ato mais culposos que as ações imorais que comenta

ligeiramente nesse

mesmo jantar, de mistura com os falecimentos recentes, e onde a morte ou uma doença

grave são as únicas desculpas para não comparecer, desde que mandasse prevenir a

tempo que se achava agonizante, a fim de ser possível descobrir outra pessoa para

completar os quatorze - essa parte de mim conservara seus escrúpulos e perdera a

memória.

Em compensação, outra parte, que já concebera a sua obra, recordava-se. Eu

recebera um convite da Sra. Molé e havia sabido que o filho da Sra. Sazerat morreria.

Resolvi empregar uma dessas horas, após as quais já não podia pronunciar uma palavra,

nem engolir o leite, a língua paralisada como a da minha avó durante a agonia, para enviar

escusas à Sra. Molé e condolências à Sra. Sazerat. Mas depois de alguns instantes

esquecera que precisava fazê-lo. Feliz esquecimento, pois a memória de minha obra estava

vigilante e ia aproveitar o tempo de que dispunha para colocar os primeiros alicerces.

Infelizmente, ao pegar um caderno para escrever, o convite da Sra. Molé deslizou para junto

de mim. E logo o "eu" esquecido, mas preponderante sobre o outro, como acontece com

todos esses bárbaros escrupulosos que freqüentam banquetes, empurrou o caderno e

escreveu à Sra. Molé (a qual, sem dúvida, teria estimado bastante, caso soubesse, que eu

tivesse passado a resposta a seu convite à frente de meus trabalhos de arquiteto).

Bruscamente, uma palavra da minha resposta me lembrou que a Sra. Sazerat perdera o

filho; escrevi-lhe também. Depois, tendo desse modo sacrificado um dever real à obrigação

meramente social, a fim de me mostrar polido e sensível, caí sem forças e fechei os olhos,

devendo apenas vegetar por oito dias. Entretanto, se todos os meus deveres inúteis, a que

estava pronto a sacrificar o verdadeiro, fugiam-me da lembrança ao cabo de poucos

minutos, a idéia de minha edificação não me deixava um só instante. Não sabia ainda se

seria uma igreja em que os fiéis saberiam aos poucos aprender algumas verdades e

descobrir certas harmonias, o grande plano de conjunto, ou se aquilo permaneceria para

sempre não freqüentado - como um monumento druídico no cimo de uma ilha. Mas estava

decidido a lhe consagrar todas as minhas forças que se acabavam com relutância e como

que para me dar tempo de, findos os contornos, fechar "a porta funerária".

[Alusão a um verso de Victor Hugo, que traduzo: "Não fechem a porta funerária." (N. do T)]

Em breve pude mostrar alguns esboços. Ninguém os compreendeu. Mesmo os que

se mostraram favoráveis à minha percepção das verdades que desejava a seguir

gravar no

templo, felicitaram-me por tê-las descoberto ao "microscópio", quando, pelo contrário, eu me

servira de um telescópio para distinguir as coisas, de fato minúsculas, mas porque estavam

situadas a grandes distâncias, formando um universo cada uma. Onde procurava as

grandes leis, tachavam-me de rebuscador de detalhes. Além do mais, para que fazia?

Jovem, denotara algumas qualidades, e minhas páginas de ginasiano Bergotte as considerara "perfeitas". *[Alusão ao primeiro livro de Proust, *Les Plaisirs et les Jours* (os

prazeres e os dias). (N. do T)]*

Mas, ao invés de trabalhar, eu vivera na preguiça, na dissolução causada pelos

prazeres, na enfermidade, cheio de cuidados, manias, e começava a empreender a minha

obra às vésperas de morrer, sem saber coisa alguma do ofício. Já não me sentia com forças

para cumprir com minhas obrigações relativamente aos outros, nem meus deveres para com

os pensamentos e minha obra, e ainda menos para satisfazer a ambos. Quanto às

primeiras, facilitava-me a tarefa o esquecimento de escrever cartas etc. Mas, de súbito, a

associação de idéias me devolvia, passado um mês, a lembrança de meus remorsos, e eu

ficava acabrunhado com a sensação da minha impotência. Assombrou-me constatar que lhe

era indiferente, mas é que, desde o dia em que minhas pernas haviam tremido

daquele

modo ao descer a escada, eu me tornara indiferente a tudo, só aspirava ao repouso, à

espera do grande Repouso que acabaria por chegar. Não é porque transferisse para após a

morte a admiração que me parecia dever em sentir pela minha obra, que me mantinha

indiferente à aprovação da elite atual. A que viesse após a minha morte poderia pensar o

que quisesse, pouco me importava. Na realidade, se pensava em minha obra e não nas

cartas a que devia responder, nem mesmo o fazia por atribuir, como no tempo de minha

preguiça e, depois, de meu trabalho, até o dia em que precisara apoiar-me no corrimão da

escada, maior diferença de importância entre as duas tarefas. A organização de minha

memória e de minhas preocupações estava ligada à minha obra, talvez porque, ao passo

que as cartas recebidas eram logo olvidadas, a idéia da obra estava em minha cabeça,

sempre a mesma, em perpétuo devir. Mas ela também se tornara importuna. Para mim, era

como um filho, com quem a mãe agonizante deve ainda impor a si mesma o cansaço de

estar ocupada sem cessar, entre as injeções e as ventosas. Talvez ainda o ame, mas só

sente o amor pelo dever fatigante de se ocupar dele. Em mim, as forças do escritor já não

estavam à altura das exigências egoístas da obra. Desde o episódio da escada, coisa

alguma da sociedade, nenhuma ventura, ainda que viesse da amizade das pessoas, dos

progressos de minha obra, da esperança da glória, chegava-me senão como um grande sol,

tão pálido que já não conseguia reaquecer-me, fazer-me viver, excitar em mim um desejo

qualquer e, por mais lívido que fosse, ainda era brilhante demais para meus olhos que

preferiam fechar-se, e eu me desviava para o lado da parede. Creio, pois sentia o movimento dos lábios, que devia ter um sorrisinho no canto mínimo da boca, quando uma

senhora me escrevia: "Fiquei muito surpresa por não receber resposta à minha carta."

Não obstante, isto me lembrava a carta que me escrevera, e lhe respondia. Desejava pôr a

minha atual gentileza, para que não pudessem me tachar de ingrato, no mesmo nível

daquela que as pessoas tinham tido para comigo. E me humilhava, impondo à minha

existência agonizante as fadigas sobre-humanas da vida. A perda da memória me ajudava

um pouco, abrindo lacunas nas minhas obrigações; minha obra as substituíam.

Essa idéia da morte se instalou definitivamente em mim, como um amor. Não que

amasse a morte, detestava-a. Mas, sem dúvida, depois de ter pensado nela de vez em

quando, como a uma mulher a quem ainda não se ama, agora a sua noção aderiu

à mais

profunda camada do meu cérebro, de forma tão completa que não podia me ocupar de uma

coisa sem que esta atravessasse primeiro a idéia da morte, e até, se não me ocupava de

coisa alguma, permanecendo em total repouso, a idéia da morte me acompanhava, tão

incessante quanto a idéia do meu próprio eu. Não acho que, no dia em que me senti semi

morto, tivessem sido os acidentes que caracterizassem a impossibilidade de descer uma

escada, ou recordar um nome, de me levantar os causadores, por um raciocínio até

inconsciente, da idéia da morte, de que eu estava um tanto morto, mas sim que tudo viera

em conjunto, que, inevitavelmente, esse grande espelho do espírito refletia uma nova

realidade. Entretanto, não via como pudesse passar, sem aviso, dos males que sentia à

morte completa. E então pensava nos outros, em todos os que morrem diariamente sem que

o hiato entre a doença e a morte nos pareça extraordinário. Pensava até que era apenas

porque os via do interior (mais ainda que pelas falsidades da esperança) que certos

incômodos não me pareciam mortais tomados isoladamente, embora julgasse infalível a

minha morte, assim como os que sabem estar desenganados facilmente se deixam

convencer que, se não conseguem pronunciar certas palavras, isto nada tem a ver com um

acesso, a afasia etc., mas provém de uma fadiga da língua, de um estado nervoso análogo

à gagueira, do esgotamento que se segue a uma indigestão.

Quanto a mim, era outra coisa o que tinha de escrever, muito mais longa, e para mais de uma pessoa. Demorava para escrever. De dia, quando muito poderia tentar dormir.

Se trabalhasse, seria de noite apenas. Mas precisaria de muitas noites, talvez cem, talvez

mil. E vivia na ansiedade de não saber se o Senhor do meu destino, menos indulgente que o

sultão Xariar, quando eu interrompesse a narrativa de manhã, consentiria em protelar a

minha condenação à morte permitindo-me retomar a continuação na noite seguinte. Não

que pretendesse refazer de algum modo as *Mil e Uma Noites*, e muito menos as *Memórias*

de Saint-Simon, ambos igualmente escritos noturnos, nem qualquer dos livros a que amara

na minha ingenuidade de criança, supersticiosamente unido a eles como a meus amores,

não podendo imaginar sem horror uma obra diferente. Mas, como Elstir, como Chardin, só

pela renúncia àquilo que se ama pode-se refazê-lo. Evidentemente, também meus livros,

como o meu ser de carne, acabariam por morrer um dia. Mas é preciso resignar-se a morrer.

Aceitamos a idéia de que já não existiremos daqui a dez anos, e nossos livros

daqui a cem.

A duração eterna não é prometida às obras mais do que aos homens.

Seria um livro talvez tão longo quanto as *Mil e Uma Noites*, porém completamente

diverso. Sem dúvida, quando estamos apaixonados por uma obra, desejaríamos fazer algo

bem parecido, mas é necessário sacrificar o amor da ocasião, não pensar na própria

preferência, e sim numa verdade que não indaga de nossas predileções e nos proíbe de

pensar nelas. E somente se seguimos essa verdade é que nos sucede às vezes encontrar o

que havíamos abandonado, e escrever, por tê-los esquecido, os "Contos Árabes" ou as

"Memórias de Saint-Simon" de uma outra época.

Mas ainda teria tempo de fazê-lo? Não seria tarde demais?

Dizia-me não apenas: "Ainda é tempo?" mas também "Ainda estou em condições?".

A doença que, como um rude diretor de consciência, fazia-me morrer para a

sociedade, prestava-me um grande serviço, "pois, se o grão de trigo não morre depois de

semeado, ficará sozinho, mas, se morre, dará muitos frutos" *[Evangelho de São João XII:24

(N. Do T.)]* - a doença que, depois que a preguiça me protegera contra a facilidade, ia

talvez proteger-me contra a preguiça, a doença usara as minhas forças e, como eu já notara

há muito, especialmente - no instante em que deixara de amar Albertine - as

forças da

memória. Ora, a recriação, pela memória, de impressões que a seguir era necessário

aprofundar e esclarecer, transformarem equivalentes da inteligência, não seria esta uma das

condições - quase a essência mesma-da obra de arte tal como a concebera há pouco na

biblioteca?

Ah, se ainda dispusesse das forças, intactas na noite que então evocara ao avistar

François le Champi! Dessa noite, em que minha mãe havia abdicado, é que datava, com a

morte lenta de minha avó, o declínio de minha vontade e da minha saúde. Tudo se decidira

no momento em que, não mais podendo suportar a espera até o dia seguinte para depor

meus lábios no rosto de mamãe, tomara uma resolução, saltara da cama e fora, de

camisola, instalar-me à janela por onde entrava o luar, até ouvir o rumor da saída do Sr.

Swann. Meus pais o tinham acompanhado, eu ouvira a porta do jardim se abrir, fazer soar

sineta, fechar-se de novo...

Então, pensei de repente que, se ainda tivesse forças para realizar minha obra, essa

vesperal como outrora, em Combray, certos dias que me haviam influenciado que hoje

mesmo me marcaria nela antes de mais nada, o temor de não poder realizá-la, com certeza

fia, a um tempo, a noção de minha obra e o de sentido na igreja de Combray, e que em

geral nos é invisível: a forma do Tempo. Certo, muitos outros erros nos falseiam o aspecto

real deste mundo. Mas, enfim, eu poderia a rigor, desta narrativa, vimos que diversos

episódios que me haviam provado a inscrição que antigamente eu havia sentido, a forma

exata que me esforçaria por obter, não mudar o lugar dos sons, que o raciocínio a seguir a

inteligência os colocam retrospectivamente, conquanto recordar docemente ter-me de

destacá-los de sua causa, a cuja chuva em ebulição caindo como um dilúvio no pátio, não

deva ser, afinal, mais desconhecido de nós, segundo no-os mostram as leis da natureza;

certamente aquilo que tantas vezes fazem os pintores ao situar, perto ou longe e a primeira

ilusão do olhar, uma vela meio do quarto e nossa perspectiva, a intensidade das cores a

transportar a distâncias por vezes enormes.

Como em geral se faz, a desenhar as feições de uma transeunte um mesmo rosto -

segundo descreve o homem como se tivesse o erro fosse mais primário, e continuar,

quando em lugar do nariz, apenas um espaço vazio, onde no máximo se faz um queixo,

deveria existir a não ser que tivesse tempo de preparar na coisa já bem refletiriam nossos

desejos. E até sem empregar a importante, as cem máscaras vêm e lêem as feições, ou,

para o sentido dado aos olhos que por medo, ou, pelo contrário, o amor e o mesmos olhos,

conforme espera as mudanças operadas por hábito, graças aos quais se escondem aquilo

cuja falta (como todavia a idade e anos, mesmo se, por fim, não empreende me demonstrar)

torna tudo artificial: minha ligação com Albertine que à certas pessoas fora, mas dentro de

nós, onde fora bastante para ser enganador, ou seja, não representado de acordo com as

diferenças, ou as cerceia, que nos faz achar tão pequenino quando, ao turvar a serenidade

de agora um objeto do qual a mais leve mudança ameaça várias outras (cuja necessidade,

se multiplica num instante o volume, se não pudesse introduzir tais perturbações mortais, e

fazer variar assim a luz seus menores atos podem acarretar depressão da nossa

sensibilidade desejamos pintar o real, pôde aparecer ao longo desta narrativa) na

transcrição de tudo, pelo menos não deixaria de descrever o universo que estava exigindo

desenvolvimento. Comprimento que se mediriam, não de seu corpo, mas dos anos, tarefa

cada vez mais pesada e à qual acaba por serem vividos, como se a estes devesse

sucumbir, arrastá-los logo após. Não apenas todos tarefa de elucidar a verdade. Além disso,

todos percebem que ocupamos um lugar sempre crescendo; só podia alegrar-me, já que me

cabia a no Tempo, e semelhante universalidade entrevista por todos; que percebem que

ocupamos um lugar; que ocupamos no espaço, já que o medem aproximadamente, como

este lugar até os mais simples, pessoas sem nenhuma perspicácia particular, vendo dois

homens desconhecidos, ambos de bigodes pretos ou inteiramente barbeados, afirmam que

se trata de dois homens, um de vinte anos e o outro de quarenta. É claro que muitas vezes

nos enganamos nessa avaliação, mas o fato de termos acreditado poder fazê-la significa

que concebíamos a idade como algo de mensurável. Ao segundo homem de bigodes pretos,

vinte anos a mais são efetivamente acrescentados.

Se era essa noção do tempo incorporado, dos anos transcorridos porém de nós

inseparáveis, que agora tencionava pôr em meu livro com tamanho relevo, é que, naquele

momento mesmo, no palacete do príncipe de Guermantes, o ruído dos passos de meus pais

reconduzindo o Sr. Swann, e o tilintar saltitante, ferruginoso, inesgotável, agudo e claro da

sineta, a me anunciar que o Sr. Swann afinal partira e que mamãe ia subir, eu os ouvia

ainda, apesar de pertencerem a um passado tão remoto. Então, pensando em todos os

acontecimentos que obrigatoriamente se colocavam entre o instante em que os ouvira e a

vesperal Guermantes, fiquei assombrado ao verificar que era mesmo aquela

sineta que

ainda tilintava dentro de mim, sem que lhe pudesse mudar em nada o som ruidoso do

badalo, pois, não me lembrando bem como se extinguia, para o recuperar, para escutá-la

melhor, era forçado a não mais ouvir o rumor das conversas dos mascarados à minha volta.

Para tratar de ouvi-la mais de perto, era para dentro de mim que me obrigava a descer de

novo. Portanto, era ali que esse tilintar permanecia sempre também, entre ele e o momento

presente, todo esse passado a desenrolar-se indefinidamente, e que eu não sabia que

carregava. Eu já existia quando soara, e desde então, para que ouvisse ainda esse tilintar,

fora preciso que não houvesse descontinuidade, que nem por um instante eu tivesse um

momento de sossego, nunca deixasse de existir, de pensar, de ter consciência de mim, pois

esse minuto antigo ainda me agarrava, eu podia ainda recuperá-lo, voltar a ele, para isso

bastando apenas penetrar mais profundamente no meu íntimo. E é por assim conterem as

horas do passado que os corpos humanos podem causar tanto mal a quem os ama, pois

abarcam muitas lembranças de alegrias e de desejos para eles já extintos, mas cruéis para

quem contempla e prolonga na ordem do tempo o corpo amado, do qual, no auge do ciúme,

chega a desejar a destruição. Pois após a morte o Tempo se retira do corpo, e as lembranças - tão pálidas indiferentes - apagam-se daquela que já não existe e em breve

igualmente se apagarão daquele a quem torturam ainda, mas no qual acabarão por findar

quando o desejo de um corpo vivo não mais as mantiver. Profunda Albertine que eu via

dormindo e que estava morta.

Experimentava uma sensação de cansaço e de terror ao sentir que todo esse tempo

tão prolongado não somente fora, sem interrupção, vivido, pensado, segregado por mim,

que era a minha vida, que era eu mesmo, mas também que precisava a todo instante

mantê-lo aderido a mim, que ele me suportava, e eu me via empoleirado no seu cimo

vertiginoso e não podia mover-me sem deslocá-lo comigo. A data em que ouvira o ruído da

sineta do jardim de Combray, tão distante e contudo interior, era um ponto de referência

naquela dimensão enorme que eu ignorava possuir. Sentia a vertigem de ver, abaixo de

mim, em mim todavia, como se tivesse léguas de altura, tantos e tantos anos.

Acabava de compreender por que o duque de Guermantes, a quem admirara ao contemplá-lo sentado numa cadeira, que envelhecera tão pouco embora tivesse tantos anos

mais do que eu por baixo dele, desde que se erguera quisera manter-se de pé, tinha

vacilado sobre as pernas flageladas como as desses velhos arcebispos, sobre os quais

nada existe de sólido a não ser a cruz metálica, e em cuja direção se apressam jovens e

galhardos seminaristas, e só avançara trêmulo como uma folha, do alto pouco praticável de

oitenta e três anos, como se os homens estivessem se equilibrando em pernas de pau

vivas, que crescessem incessantemente, às vezes mais altas que campanários, acabando

por lhes tornar difícil e perigoso o andar, e de onde subitamente caíssem. (Seria por isso

que a fisionomia dos homens de certa idade se tornava, aos olhos do mais ignorante, tão

impossível de confundir com a de um rapaz e só transparecia através da gravidade de uma

espécie de tristeza?) Assombrava-me que as minhas já fossem tão elevadas sob os meus

passos, e julgava não ter ainda forças para sustentar por muito tempo ligado a mim esse

passado que já se prolongava tanto para baixo. Pelo menos, se me fosse concedido tempo

suficiente para terminar a minha obra, não deixaria eu, primeiro, de nela descrever os

homens, o que os faria se assemelharem a criaturas monstruosas, como se ocupassem um



lugar tão considerável, ao lado daquele tão restrito que lhes é reservado no espaço, um

lugar, ao contrário, prolongado sem medida visto que atingem simultaneamente, como

gigantes mergulhados nos anos, épocas tão distantes vividas por eles, entre as quais tantos

dias vieram se colocar no Tempo.

FIM

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros